

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL



“No peito e na raça” – a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil

Volume I

Andréa Fachel Leal

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“No peito e na raça” – a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil

Volume I

Andréa Fachel Leal

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia.

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

Folha de Aprovação

Andréa Fachel Leal

“No peito e na raça”

A construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Antropologia.

Aprovado em 05 de maio de 2008, com conceito A, por unanimidade.

Banca examinadora

Daniela Riva Knauth

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Ivan França Júnior

Componente da Banca Examinadora

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP)

Luis Henrique Santos

Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS)

Cornélia Eckert

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Aos meus guris, Bog, Gu e Guigo, que são o meu mundo, e aos meus pais,

César e Ondina, que me fizeram quem eu sou.

Resumo

Inserido no campo denominado da *Anthropology of Policy*, da Antropologia de Políticas Públicas, o presente estudo tem como objetivo analisar como se dá a construção social da vulnerabilidade para AIDS dos caminhoneiros no Sul do Brasil, abordando a política brasileira de prevenção ao HIV/AIDS. A partir do quadro teórico da Antropologia Médica, foram examinados os discursos de três atores sociais principais: (i) a agência governamental nacional de AIDS, (ii) as Organizações Não Governamentais que recebem o apoio técnico e financeiro por parte do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS para executarem projetos de prevenção com a população-alvo de caminhoneiros e (iii) os próprios caminhoneiros que transitam pelo Rio Grande do Sul. Três eixos temáticos importantes para as análises são (i) a *globalização* (e as relações entre o global e o local), (ii) a constituição da identidade de um grupo social ou de uma *comunidade* e (iii) a construção de uma *cultura sexual*. A compreensão da construção da vulnerabilidade implicou seguir os caminhos do conceito através de diferentes instâncias. Nesse sentido, foi-se trilhando uma rota, que partiu de agências internacionais intergovernamentais como a Organização Mundial de Saúde, a agência das Nações Unidas para AIDS e o Banco Mundial, seguindo pela análise de pesquisas científicas sobre o tema e o discurso da agência governamental nacional para AIDS sobre a vulnerabilidade. Essa rota passou ainda pela apropriação e uso da idéia por parte de Organizações Não Governamentais, até a compreensão do que seja a vulnerabilidade para os próprios caminhoneiros. O objeto foi delimitado ao mesmo tempo pela atuação das ONGs que tiveram projetos financiados pelo Programa Nacional de DST, HIV e AIDS para atuarem junto a caminhoneiros. A estratégia metodológica elaborada para esta pesquisa envolveu a coleta e a análise de dados de diferentes origens, tipos e qualidades. Foram analisados documentos oficiais, publicações científicas sobre caminhoneiros e HIV/AIDS, propostas de projetos elaboradas por Organizações Não Governamentais, além de se ter realizado um estudo de cunho etnográfico junto aos motoristas, bem como um *survey* (N=854). O estudo qualitativo e quantitativo com caminhoneiros foi realizado no Rio Grande do Sul, nas cidades de Porto Alegre, Gravataí, Canoas, Rio Grande e Chuí. Foi observado que os caminhoneiros estão inseridos num conjunto complexo de relações sociais, tanto nos locais de concentração aqui estudados (postos de combustível e pátio da Receita Federal), quanto nos seus locais de origem, onde predominam suas relações familiares. O universo social dos postos não é um simples lugar de passagem: há regras de conduta, lideranças, espaços sociais demarcados simbolicamente e geograficamente, e um contingente de pessoas que mantêm entre si relações de diversas naturezas há bastante tempo. O uso inconsistente do preservativo relatado pelos caminhoneiros entrevistados, especialmente em relações regulares ou estáveis, certamente os coloca em situação de vulnerabilidade para HIV e infecções sexualmente transmissíveis. Contudo, o uso inconsistente do preservativo, aliado à oferta de serviços de profissionais de sexo, não são exclusividades dos caminhoneiros. Salienta-se aqui um aspecto pouco mencionado na revisão da literatura: a vulnerabilidade programática ou institucional dos motoristas.

Abstract

The main goal of this study, in the field of the Anthropology of Policy, was to analyze the social construction of the AIDS vulnerability of truck drivers in the South of Brazil, examining the national HIV/AIDS prevention policies. The discourse of three social actors were analyzed using the Medical Anthropology framework: (i) the national governmental AIDS agency, (ii) the Non Governmental Organizations supported by the National AIDS Program to execute prevention projects targeting truck drivers, and (iii) the truck drivers themselves, passing through Rio Grande do Sul state. Three important themes traverse this study: (i) globalization (and the global/local relations), (ii) the identity of a social group or a community, and (iii) the construction of a sexual culture. To understand the social construction of the truck drivers' vulnerability, I followed the route that this idea went through different institutions and levels. Beginning at international intergovernmental agencies such as the World Health Organization, the United Nations AIDS Program (UNAIDS) and the World Bank, the course followed through the analysis of scientific research on the theme, and finally the national AIDS agency's discourse. The route finally came to how NGOs seize and use the idea that truck drivers are a vulnerable group, ending with how the truckers themselves perceive their vulnerability to HIV, AIDS and sexually transmitted infections. The study was limited in scope by the action of NGOs who had developed publicly funded projects targeting truck drivers. Methodologically, the study collected and analyzed data of different origins, types and qualities. Official documents, grey literature, scientific papers on truckers and HIV/AIDS, as well as NGO project proposals were studied. Data collection also involved an ethnography and a survey (N=854) of truck drivers. Both qualitative and quantitative studies of truckers were developed in Rio Grande do Sul, southernmost state of Brazil, in the cities of Porto Alegre, Gravataí, Canoas, Rio Grande and Chuí. Truckers are immersed in a social network, both in the truck stops (fuel stations and customs) and in their places of origin (where family relations prevail). The social universe of the truckstops is not a simply a transitory place: there are rules of conduct, leaderships, social spaces which are symbolic and geographically marked, and a number of persons who maintain diverse relations amongst themselves for a long time. Truck drivers did mention inconsistent use of condoms, specially with regular or fixed partners, that certainly increases their vulnerability to HIV and sexually transmitted infections. However, inconsistent condom use, and the availability of commercial sex workers, is not exclusive to truckers or truck stops. Emphasis is given to the programmatic or institucional vulnerability of truck drivers.

Agradecimentos

A pesquisa que aqui se apresenta só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas. Daniela Knauth tem muitos méritos e qualidades: é extremamente competente, de uma delicadeza sem igual e de uma sensibilidade extraordinária. Construimos ao longo de quinze anos uma amizade que muito me orgulha; compartilhamos trabalhos de pesquisa, aulas, ansiedades, amizades e famílias. Guiada por Daniela, que me pegou pela mão quando ainda era uma aluna de graduação para me conduzir pelos caminhos do trabalho de campo, tornei-me uma antropóloga.

Recebi também nessa trajetória de formação profissional o apoio dos professores do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) e de todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) – em especial Ceres Víctora, Claudia Fonseca, Cornélia Eckert, Ruben Oliven e Veriano Terto Júnior –, além do auxílio incansável de “Rose” Feijó, na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Agradeço ainda a professora Dagmar Meyer, do Programa de Pós-Graduação em Educação, desta mesma Universidade, que auxiliou imensamente na construção deste trabalho. Os colegas e amigos também sempre presentes não podem faltar a este agradecimento, em especial Ana Maria Borges Teixeira, Débora Krischke Leitão, Elizabeth Fetter Zambrano, Fernando Seffner, Marcos Renato Benedetti, Paula Sandrine Machado, Pedro Nascimento e Rosana Pinheiro Machado.

O apoio material e financeiro das agências brasileiras de apoio à pesquisa foram absolutamente essenciais não só para a minha formação acadêmica e

profissional, mas para a minha trajetória pessoal como um todo. Iniciei meus estudos em Ciências Sociais sob a orientação de Ruben Oliven, com quem tive a primeira experiência de pesquisa em Antropologia. Passei depois à Filosofia, onde obtive minha formação de graduação, tendo sido orientada por Balthazar Barbosa, Andréa Loparic e Lia Levy. Retornei às origens, ingressei no Mestrado em Antropologia, nesta mesma universidade, tendo recebido então apoio na forma de bolsa de estudos, primeiro da CAPES e depois do CNPq, durante os dois anos de minha formação. Agora, encerro finalmente este ciclo de estudos, sendo preciso pontuar mais uma vez o apoio do CNPq, pois sem a bolsa de doutorado os meus estudos teriam sido impossíveis.

Também se faz necessário mencionar a importância da CAPES neste processo de formação. A pesquisa e as análises foram elaboradas a partir do acesso às bases bibliográficas nacionais e internacionais, possibilitado, na maior parte, pelo Portal de Periódicos CAPES.

Devo ainda mencionar o apoio recebido de outras instituições governamentais durante o doutorado. O Programa Nacional de AIDS e o Programa Estadual de AIDS do Rio Grande do Sul deram também apoio inestimável para a realização deste projeto. Em particular, o PN/AIDS, sob a coordenação de Pedro Chequer, deu o apoio financeiro e técnico que me permitiu assistir a um curso de três semanas em San Francisco, nos Estados Unidos, junto ao National Sexuality Resource Center, coordenado por Gilbert Herdt. O apoio da professora Maria Luiza Heilborn (IMS-UERJ) neste processo foi também de suma importância. A coordenação do Programa Estadual de AIDS sempre estimulou a pesquisa que aqui se apresenta, nas pessoas de Eliana Frederes de Mattos, Geralda Bauer Pereira Rigotti e Sandra

Sperotto, dando acesso irrestrito a documentos e bases de dados, e intermediando minhas entrevistas com as equipes de Organizações Não Governamentais.

Esta tese de doutorado também tornou-se possível pelo apoio de outras duas organizações: o Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva (MUSA-ISC-UFBA/NEPO-UNICAMP/IMS-UERJ/ENSP-FIOCRUZ/IS-SES-SP) e o Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva (PROSARE/CCR). O primeiro me permitiu participar de um curso intensivo sobre avaliação em saúde e apoiou pesquisa junto a Organizações Não Governamentais gaúchas; o segundo, deu o apoio necessário para a pesquisa junto a caminhoneiros no Rio Grande do Sul.

Devo agradecer também aos sujeitos desta pesquisa. Primeiro, aos motoristas de caminhão, que compartilharam comigo, além de uma parte de suas vidas, o chimarrão, a sombra do caminhão e algumas melancias enquanto conversávamos. Segundo, a todos que participam do palco em que se desenrolou a pesquisa: os gerentes dos postos de gasolina, o delegado da receita federal, os funcionários dos postos e da aduana, os loneiros, os chapas e os tantos outros autônomos que oferecem serviços para os caminhoneiros, além dos profissionais do sexo, prostitutas e travestis. Terceiro, agradecer às equipes e dirigentes das Organizações Não Governamentais, que compartilharam comigo suas experiências e abriram as portas de suas instituições.

E, *last but not least*, agradecer à minha família, que me deu o amor, o carinho e a compreensão necessários para este trabalho de imersão que representam a pesquisa e a escrita do doutorado. Meus pais sempre foram meus exemplos e me guiaram, junto com meus avós. E o meu mundo não existiria sem Roberto, Augusto e Rodrigo.

Índice

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
Índice.....	vi
Índice de Ilustrações	vii
Índice de Tabelas	vii
Índice de Quadros	vii
Lista de abreviaturas	ix
Introdução	1
A pandemia de AIDS	2
Promovendo a prevenção.....	4
Brasil: prevenção e tratamento	5
1 – Moro no mundo e passeio em casa	10
Um ponto de partida para a vulnerabilidade	10
A Antropologia de uma política pública de saúde	13
Conformando a discussão da vulnerabilidade para HIV/AIDS dos caminhoneiros	17
Globalização e as relações entre o global e o local	18
A “raça” dos caminhoneiros	31
A cultura sexual do Outro	45
O estudo antropológico de uma política pública ou de um programa	56
2 – Dos caminhos percorridos: a metodologia	63
Da agência governamental	68
Do discurso científico	69
Das Organizações Não Governamentais.....	71
Dos caminhoneiros	72
Considerações éticas	77
3 – A Matriz de Risco e Vulnerabilidade para HIV/AIDS	82
Risco.....	82
Vulnerabilidade	85
Matriz de Risco e Vulnerabilidade	88
Populações-chave com risco acrescido para infecção por HIV	90
Os paradigmas que embasam intervenções e pesquisas	94
4 – Situando os caminhoneiros com relação à epidemia de HIV/AIDS	106
Mobilidade.....	106
Caminhoneiros	124
5 – Uma política brasileira de HIV/AIDS.....	151
Um programa brasileiro para um grupo vulnerável.....	162
Uma política específica para uma população de caminhoneiros?	162
Campanhas para caminhoneiros.....	164
O discurso científico na formulação da política.....	169
6 – A parceria do PN/AIDS com as ONGs	175
ONG à brasileira	181
Financiamento para caminhoneiros	184
7 – Sou casado com a Ana, mas vivo com a Mercedes.....	197
A paisagem: contexto e entrada em campo.....	198
Estacionamento: o pátio	207

Agências de Transporte de Cargas e a Carta Frete	209
A lealdade e a constância nos negócios.....	218
Sala de Motoristas	220
Banho	222
Serviços oferecidos	224
Repercussões das campanhas, ou onde fomos parar?.....	229
8 – Conclusão	237
Dos caminhos trilhados.....	237
Do objeto de investigação.....	238
Da produção de conhecimento científico	241
Do caminhoneiro “tipo médio”	245
Da etnografia	247
Referências Bibliográficas	256

Índice de Ilustrações

ILUSTRAÇÃO 1 - MATRIZ DE RISCO E VULNERABILIDADE PARA HIV/AIDS. FONTE: PROGRAMA NACIONAL DE DST, HIV E AIDS, MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL.....	88
ILUSTRAÇÃO 2 - ORGANOGRAMA DO PROGRAMA NACIONAL DE DST, HIV E AIDS, MINISTÉRIO DA SAÚDE. FONTE: PN/AIDS, WWW.AIDS.GOV.BR, CONSULTADO EM AGOSTO DE 2006.	157
ILUSTRAÇÃO 3 - REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS DOS CAMINHONEIROS A PARTIR DOS POSTOS DE GASOLINA. 200	
ILUSTRAÇÃO 4 - VISTA AÉREA (POR SATÉLITE) DO POSTO ONGARATTO EM RIO GRANDE. FORAM SINALIZADAS AS PRINCIPAIS DIVISÕES DO ESPAÇO. FONTE: GOOGLE EARTH, CONSULTADO EM OUTUBRO DE 2006. 204	
ILUSTRAÇÃO 5 - FOTO DO PÁTIO ONDE SE ENCONTRAM CERCA DE 1.800 CAMINHÕES ESTACIONADOS, POSTO BUFFON, RIO GRANDE, RS, 2006.....	209
ILUSTRAÇÃO 6 - DESTACA-SE A CONSTRUÇÃO À PARTE DE ESCRITÓRIOS DE AGÊNCIAS TRANSPORTADORAS, LOCALIZADAS NO POSTO BUFFON III DE CANOAS. FONTE: HTTP://WWW.BUFFON.COM.BR/CANOAS.HTML (DESTAQUE E LEGENDAS MEUS).	210
ILUSTRAÇÃO 7 - POSTO ONGARATTO, FILIAL 3, RIO GRANDE, ANUNCIA ALGUNS SERVIÇOS; A ILUSTRAÇÃO REVELA A CONCENTRAÇÃO DE APROXIMADAMENTE 200 CAMINHÕES. FONTE: HTTP://WWW.POSTOSONGARATTO.COM.BR/PAGINAS/FILIAL3.HTML.....	217

Índice de Tabelas

TABELA 1 - DADOS DO CENSO DEMOGRÁFICO DO IBGE DE 2000 RELATIVOS ÀS PESSOAS COM 10 ANOS OU MAIS DE IDADE, OCUPADAS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, POR SEXO E SEÇÃO, DIVISÃO E CLASSE DE ATIVIDADE DO TRABALHO PRINCIPAL. INFORMAÇÕES SOBRE O SETOR DE TRANSPORTE TERRESTRE, ESPECIFICANDO O TRANSPORTE TERRESTRE DE CARGAS.	39
---	----

Índice de Quadros

QUADRO 1 - BASES DE DADOS PESQUISADAS PARA PUBLICAÇÕES ACERCA DE CAMINHONEIROS NO PRESENTE ESTUDO.....	70
QUADRO 2 - RESUMO DA AMOSTRA CALCULADA E DO NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS EM CADA LOCALIDADE (RIO GRANDE, PORTO ALEGRE, CANOAS, GRAVATAÍ E CHUI).....	76

QUADRO 3 - MATRIZ DE RISCO E VULNERABILIDADE PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA DE ACORDO COM O PN/AIDS.....	89
QUADRO 4 - SÍNTESE DA TERMINOLOGIA PREFERIDA PELA UNAIDS, DESTACANDO-SE RISCO E VULNERABILIDADE. APRESENTADO COM TRADUÇÃO LIVRE E NO ORIGINAL, EM INGLÊS. FONTE: (UNAIDS, 2007A: ; 2008).	92
QUADRO 5 - LITERATURA ACERCA DA POPULAÇÃO COM GRANDE MOBILIDADE E A SUA RELAÇÃO COM A EPIDEMIA DE HIV/AIDS. TRABALHOS QUE PARTEM DA PRERROGATIVA DE QUE A MOBILIDADE PER SE TORNA ESTA POPULAÇÃO VULNERÁVEL.....	110
QUADRO 6 - ESTUDOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS REVISADOS SOBRE PREVALÊNCIA DE HIV E/OU INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST) EM CAMINHONEIROS.....	126
QUADRO 7 TIPOS DE DADOS COLETADOS EM ESTUDOS REVISADOS ACERCA DE CAMINHONEIROS E A EPIDEMIA DE HIV/AIDS, DESTACANDO DENTRE OS ESTUDOS DE PREVALÊNCIA PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E PARA HIV, INFORMAÇÕES DE ESTUDOS DE COMPORTAMENTOS, PRÁTICAS E CRENÇAS DA POPULAÇÃO PESQUISADA.	132
QUADRO 8 ENFOQUE DOS ESTUDOS REVISADOS ACERCA DE CAMINHONEIROS, SEU ESTILO DE VIDA, SEXUALIDADE E A EPIDEMIA DE HIV/AIDS, QUE NÃO ENVOLVEM A PREVALÊNCIA DE QUALQUER INFECÇÃO SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL OU DE HIV, DESTACANDO OS PRINCIPAIS RESULTADOS	135
QUADRO 9 - PROJETOS COM A POPULAÇÃO-ALVO DE CAMINHONEIROS EXECUTADOS NO RIO GRANDE DO SUL POR ONG COM APOIO DO PN/AIDS OU DA CE/AIDS-RS.	189
QUADRO 10 - ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS COM PROJETOS VOLTADOS PARA PROFISSIONAIS DO SEXO COM APOIO DO PN/AIDS.	193
QUADRO 11 - RESUMO DOS LOCAIS DE PESQUISA ELEITOS PARA A PESQUISA, SALIENTANDO A REGIÃO DO ESTADO, A CIDADE, OS LOCAIS DE CONCENTRAÇÃO DE CAMINHÕES E AS ONGS QUE ALI ATUARAM	198

Lista de abreviaturas

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immune Deficiency Syndrome)
ANTT	Agência Nacional de Transportes Terrestres / Ministério de Transportes (agente público que controla e acompanha as atividades das concessionárias de rodovia)
CE/AIDS-RS	Seção de Controle de DST, HIV e AIDS da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul (vulgo Coordenação Estadual de AIDS)
CNT	Confederação Nacional de Transportes
DNIT	Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes / Ministério de Transportes (agente público que tem as funções de construção, manutenção e operação da infra-estrutura rodoviária)
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
Estudos CAP	Estudos de Conhecimentos, Atitudes e Práticas (do original, em inglês, KAP, Knowledge, Attitudes and Practices).
GAPA-RG	Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS de Rio Grande (ONG)
GAPA-RS	Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (ONG)
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana (Human Immunodeficiency Virus)
HSH	Homens que fazem Sexo com Homens
Igualdade-RS	Igualdade – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul (ONG)
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
Maria Mulher	Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras (ONG)
NEP	Núcleo de Estudos da Prostituição (ONG)
Nuances	Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual (ONG)
OG	Organização Governamental
OMS/WHO	Organização Mundial de Saúde / World Health Organization
ONG	Organização Não Governamental
ONG/AIDS	Organização Não Governamental com atuação de prevenção e/ou assistência no campo HIV/AIDS
OSC	Organização da Sociedade Civil
Pesquisa “Avaliação de Resultados”	Pesquisa “Avaliação de resultados das intervenções no campo da AIDS de Organizações Não Governamentais em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com projetos executados em 2004-2005, através de financiamento público estatal ou federal”
Pesquisa PROSARE	Pesquisa “Como Vai? Avaliação da Repercussão de Projetos de Educação Sexual e de Intervenção com Profissionais do Sexo, Travestis e Caminhoneiros no Rio Grande do Sul”
PN/AIDS	Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SEST	Serviço Social do Transporte
SOMOS	SOMOS – Comunicação Saúde e Sexualidade (ONG)

Usuários de Drogas

SUS	Sistema Único de Saúde
UAPA	União de Apoio e Prevenção à AIDS (ONG)
UD	Usuários de Drogas
UDI	Usuários de Drogas Injetáveis
UNAIDS	Joint United Nations Programme on HIV/AIDS
USAID	United States Agency for International Development
Vale a Vida	Grupo Vale a Vida (ONG)
Vhiva Mais	Grupo Vhiva Mais (ONG)
HBV	Vírus da Hepatite B
HCV	Vírus da Hepatite C
HSV-2	Virus Herper Simplex

Introdução

Inserido no campo denominado de Antropologia de Políticas, *anthropology of policy*, o presente estudo tem como objetivo analisar como se constrói – social e politicamente – a vulnerabilidade para a epidemia de AIDS de um grupo específico, identificado a partir de sua ocupação profissional, o dos caminhoneiros. O universo etnográfico da pesquisa foi constituído a partir dos locais de concentração de motoristas de caminhão no Rio Grande do Sul onde haviam antes ocorrido campanhas de prevenção para o HIV/AIDS, executadas por Organizações Não Governamentais (ONGs), com o apoio financeiro e técnico do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, vinculado ao Ministério da Saúde.

A construção de tal vulnerabilidade envolve três atores sociais – no sentido mais amplo desta expressão – que apresentam perspectivas diferenciadas: a dos caminhoneiros que transitam pelo extremo Sul do Brasil, a das ONGs e a da política pública, aqui representada por uma agência governamental federal, o PN/AIDS. As diferentes perspectivas sobre a vulnerabilidade dos caminhoneiros são de fato diferenças epistemológicas, pois são reflexos dos diferentes lugares de onde se vê, se apreende e se descreve a vulnerabilidade. A política formulada e executada pelo PN/AIDS, por sua vez, está embasada em conceitos técnicos e científicos – em especial, os de risco e vulnerabilidade, da Epidemiologia – bem como diálogos e trocas com instituições internacionais – como a UNAIDS, a Organização Mundial da Saúde e o Banco Mundial. No próximo capítulo, será feita uma discussão inicial do conceito de vulnerabilidade, sendo dada uma definição de onde partiremos.

Será demonstrado que uma parte integral de uma política pública de saúde, formulada pelo Programa Nacional de DST e AIDS, do Ministério da Saúde do Brasil

é a do repasse de recursos diretamente a Organizações Não Governamentais (ONGs) para que estas executem ações de prevenção, assistência, intervenção, ou assessoria no campo da AIDS. A pesquisa centra-se em dados referentes ao Rio Grande do Sul, enquanto a análise antropológica de (parte de) esta política pública de saúde está traduzida no estudo etnográfico da repercussão das ações dessas ONGs junto à comunidade local em que atuam (incluindo-se a população beneficiada diretamente pelas suas ações e diferentes esferas governamentais) – em especial, os caminhoneiros.

Duas observações se fazem necessárias ainda no princípio desta Introdução, com relação às citações. Quando o texto original estava em outra língua, é apresentada a tradução, feita por mim. Para evitar estender muito esta tese, foi feita a opção de não apresentar também o original – exceto nos poucos casos em que é pertinente apresentar a expressão em língua estrangeira, pois se trata de discussão terminológica. Quando nas citações há referência a alguma bibliografia, esta foi explicitada, quase sempre em nota de rodapé, diferenciando-se dessa forma as referências bibliográficas desta tese daquelas referências feitas em outras obras.

A pandemia de AIDS

A epidemia de HIV/AIDS é um problema de saúde pública mundial. O boletim epidemiológico mais recente da agência internacional das Nações Unidas para AIDS (UNAIDS/WHO, 2007) indica que havia 33,2 milhões [30,6-36,1 milhões] de pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA) em 2007, e que o número de novas infecções é crescente. Em todas as regiões do planeta, aumentou o número de PVHA e aumentou o número de mulheres infectadas pelo HIV. Em escala global, a região

mais afetada é a África Sub-Saariana, onde mais de dois terços (22,5 milhões¹) de todas as PVHA do mundo estão concentradas; as regiões onde houve maior crescimento da epidemia foram a Europa Oriental, a Ásia Oriental e a Ásia Central.

Mais de 90% de todas as mortes no mundo por doença infecciosa ocorrem em países pobres, sendo que o HIV/AIDS é, no início do século XXI, a principal causa das infecções em adultos (PAUL FARMER, et al., 2001). Uma representação gráfica da maneira desigual com que a epidemia afeta o planeta pode ser observada no mapa (em anexo) analisado por Dorling (2007); os principais co-fatores associados à transmissão do HIV são a pobreza e a desigualdade social (PAUL FARMER, et al., 2001).

Temos, na América Latina, 1,6 milhões (1,4-1,9 milhões) de pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA), das quais um terço estão no Brasil (UNAIDS/WHO, 2007); estima-se que no país haja 620 mil (370 mil–1 milhão) pessoas infectadas pelo HIV. Em 2004, a taxa de prevalência estimada para a população em geral era de 0,61% (CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD and PAULO ROBERTO BORGES DE SOUZA, JR., 2006 ; PEDRO CHEQUER and KENNETH CAMARGO, 2006). Ainda que se possa falar em tendências da epidemia – a heterossexualização, a feminização, a pauperização e a interiorização da epidemia –, não há um perfil epidemiológico único no Brasil, onde as desigualdades sócio-econômicas motivam subepidemias regionais (ANTÔNIO LUIZ RODRIGUES, JR. and EUCLIDES AYRES DE CASTILHO, 2004). Ademais, aqui, como em outros países, a epidemia está muito concentrada em alguns subgrupos populacionais, como prostitutas, usuários de

¹ A estimativa é de 22,5 milhões [20,9 a 24,3 milhões] de pessoas com HIV na região. Mais de dois terços (68%) de todas as pessoas infectadas pelo vírus HIV vivem na África Sub-Saariana, onde também ocorreram em 2007 mais de três quartos (76%) de todas as mortes relacionadas à AIDS no mundo (UNAIDS/WHO, 2007).

drogas, homens que fazem sexo com homens, grupos com grande mobilidade, e seus parceiros sexuais (S. MILLS, et al., 2004).

Apesar de inúmeros avanços na Biomedicina, ainda não há uma cura para o HIV/AIDS, nem vacina. Em longo prazo, a redução no número de novos casos de infecções por HIV/AIDS e uma queda significativa na taxa de mortalidade por AIDS dependem da combinação e integração de atividades de tratamento e de prevenção – sendo de vital importância para o controle da epidemia tanto o acesso a medicamentos para a terapia antiretroviral quanto a prevenção de novas infecções (JOSHUA A. SALOMON, et al., 2005). Uma vez que a transmissão do HIV acontece na maioria dos casos por relação sexual e por compartilhamento de seringas no uso de drogas intravenosas, a prevenção do HIV depende em grande parte do comportamento das pessoas: que adotem o uso consistente do preservativo e que não compartilhem seringas.

Promovendo a prevenção

A estratégia da prevenção do HIV/AIDS vem sendo promovida por diversas intervenções desenvolvidas tanto por agências governamentais, quanto as não-governamentais, dentre as quais se destacam organismos internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO) e UNAIDS. De fato, a principal forma de assistência existente nos países mais afetados pela pandemia de AIDS consiste na promoção da educação e na distribuição de preservativos masculinos para prevenir a transmissão via sexual do vírus HIV (PAUL FARMER, et al., 2001).

O grande problema é que, apesar de as pessoas já conhecerem as formas de transmissão e de prevenção para o HIV, elas dificilmente conseguem adotar estratégias de auto-cuidado em alguns contextos, a saber, nas situações de maior

pobreza ou naquelas em que impera uma maior desigualdade nas relações entre homens e mulheres (dificultando a negociação do uso do preservativo). Por isso, a necessidade imperativa de se combinar os investimentos em estratégias de prevenção – incluindo a vacinação e outros métodos para além do preservativo – com investimentos em tratamento e cuidado de pessoas com HIV.

Brasil: prevenção e tratamento

No Brasil, o Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, vinculado ao Ministério da Saúde, é a agência governamental responsável por ações relativas à AIDS – que incluem, além da educação e prevenção, ações de assistência à saúde, a distribuição de medicamentos e o tratamento de pacientes com AIDS, a pesquisa e a vigilância epidemiológica, entre outros. O Brasil foi, globalmente, pioneiro na construção de respostas governamentais à epidemia de HIV/AIDS.

O primeiro programa governamental criado no Brasil foi na esfera estadual, em São Paulo, em 1983. De 1983 a 1985, seguiu-se a criação de outros programas governamentais estaduais de HIV/AIDS, sendo o Rio Grande do Sul um desses pioneiros (além de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina e Rio de Janeiro). O PN/AIDS foi criado cinco anos depois da instituição do programa paulista, em 1988 (JANE GALVÃO, 2000).

O Programa Nacional de DST e AIDS, doravante referido como PN/AIDS, foi o primeiro dentre os países em desenvolvimento a disponibilizar, de maneira universal e gratuita, o tratamento a pacientes com AIDS, através do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS), a partir de 1996. O PN/AIDS também é parceiro de instituições e grupos da sociedade civil, como Organizações Não Governamentais (ONG), organizações e associações de profissionais do campo da saúde, redes de

peças vivendo com HIV/AIDS e instituições de ensino e pesquisa (JANE GALVÃO, 2002b; ; JANE GALVÃO, 2002a; ; JANE GALVÃO, 1997).

Nesse sentido, o PN/AIDS formula e executa uma política de saúde voltada para as infecções e doenças sexualmente transmissíveis (ISTs e DSTs) e para o HIV/AIDS, que guia a atuação de suas diferentes frentes de trabalho². Nas diretrizes do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS de promoção de saúde, destacam-se dois elementos: primeiro, a distribuição universal e gratuita de medicamentos anti-retrovirais, através da rede do Sistema Único de Saúde (SUS); segundo, a valorização das ações de organizações da sociedade civil, em particular das ONGs. Nesta pesquisa, é a valorização das ONGs que importa salientar.

Além disso, são priorizados, dentro das políticas públicas de saúde formuladas pelo PN/AIDS, alguns grupos populacionais específicos³ que estariam mais expostos às ISTs e ao HIV/AIDS (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004), conformando a Matriz de Risco e Vulnerabilidade, onde estão incluídos os motoristas de caminhões: profissionais do sexo; usuários de drogas (UD) e usuários de drogas injetáveis (UDI); população confinada adulta (presídios); homens que fazem sexo com homens (HSH); populações com grande mobilidade (garimpo, caminhoneiros e populações de região de fronteira); população de reservas extrativistas e populações rurais; povos indígenas; população em situação de pobreza; criança, adolescente e jovem; membros das Forças Armadas.

A Matriz de Risco e Vulnerabilidade será analisada no capítulo acerca da construção científica, especialmente da Epidemiologia, da vulnerabilidade para

² Uso ao longo deste texto a expressão infecções sexualmente transmissíveis (IST), mantendo a sigla DST apenas quando citando textualmente obra que o faça e no caso de nomes próprios, como o de uma agência ou serviço de saúde.

³ É freqüente no campo da saúde pública a adoção da terminologia “subpopulações” ou “grupos populacionais específicos” para distinguir conjuntos menores de pessoas da população como um todo a partir da sua caracterização em termos geográficos, etários, étnicos, etc.

HIV/AIDS dos caminhoneiros. O discurso científico está na base das diretrizes formuladas por agências com a UNAIDS e também da agência governamental nacional. Salienta-se que a construção de tal matriz tem como objetivo contextualizar os grupos populacionais considerados mais expostos a certos riscos – no caso, os riscos de infecção por HIV e de infecções sexualmente transmissíveis (IST) – a partir de aspectos sociais, econômicos, técnico-científicos e institucionais⁴.

Por ora, além de apenas referir a sua existência, salienta-se que as populações listadas na Matriz de Risco e Vulnerabilidade apresentada na *homepage* do PN/AIDS têm algumas variações, dependendo do *link*, sendo apresentadas de maneira mais sucinta como (i) pessoas presas, (ii) usuários de drogas injetáveis, (iii) profissionais do sexo, (iv) caminhoneiros e (v) garimpeiros.

Segundo o PN/AIDS,

garimpeiros, assentados e comunidades extrativistas têm em comum: alta mobilidade, elevada morbidade e carência quase absoluta em termos de acesso a ações e serviços de saúde. Enquanto os garimpos e comunidades extrativistas concentram-se na Amazônia, acampamentos e assentamentos de trabalhadores rurais sem-terra multiplicam-se por todo o País (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2001).

Examinaremos de que modo os caminhoneiros foram incluídos na Matriz de Risco e Vulnerabilidade, como haviam sido fomentadas ações para esta população pelo PN/AIDS, bem como de que forma um conjunto de ações fora desenvolvido para os motoristas no Rio Grande do Sul⁵. Tal análise será feita no capítulo seguinte,

⁴ Veremos adiante que o risco e a vulnerabilidade são conceitos tratados por diferentes disciplinas; há, por exemplo, estudos sobre risco e vulnerabilidade envolvendo ocupação e trabalho, bem como envolvendo meio-ambiente. A proposta de construção de uma matriz de risco ou uma matriz de vulnerabilidade não é exclusiva do campo da AIDS – ver, por exemplo, Porto (2001).

⁵ A partir do conhecimento de que dispunha sobre os projetos executados no Rio Grande do Sul por ONGs com o apoio do PN/AIDS, um grupo de pesquisadores formulou um projeto de pesquisa avaliativa centrado numa população listada na Matriz de Risco e Vulnerabilidade: os caminhoneiros. O projeto, intitulado *Avaliação da repercussão de projetos de educação sexual e de intervenção com profissionais do sexo, travestis e caminhoneiros no Rio Grande do Sul*, sob a coordenação geral de Daniela Knauth, esteve sob minha coordenação executiva, tendo a participação dos pesquisadores Fernando Seffner e Ana Maria Ferreira Borges Teixeira. A pesquisa foi desenvolvida pelo Centro de

sobre a elaboração de políticas públicas no campo da saúde formuladas para um grupo específico, descrito como vulnerável.

A discussão de uma política específica para caminhoneiros nos conduz então a discutir as ações formuladas ou executadas por Organizações Não Governamentais junto a caminhoneiros, com o apoio técnico, financeiro ou político do PN/AIDS. Atenção particular é dada neste capítulo às ONGs que têm sede e atuação no Rio Grande do Sul.

Por fim, é apresentado o capítulo em que se discute como os próprios caminhoneiros se percebem. Aqui são apresentados dados de cunho etnográfico, complementados por dados de pesquisa quantitativa, sobre os motoristas que participaram desta pesquisa, espalhados por cinco municípios do estado.

Temos, assim, alguns elementos importantes para compreender o contexto desta pesquisa: primeiro, a construção social de uma vulnerabilidade específica de um grupo populacional – os caminhoneiros; segundo, a existência de uma política pública no campo da saúde voltada para a prevenção do HIV no combate à epidemia de AIDS. Veremos que esta é uma política que tem a especificidade de valorizar ações de Organizações Não Governamentais (ONGs). Veremos, ainda, um terceiro elemento importante para o presente objeto de estudo: que as políticas nacionais neste campo estão relacionadas a políticas globais de saúde, seguindo diretrizes de agências internacionais, como as Nações Unidas (em especial, o programa das Nações Unidas para a AIDS, a UNAIDS), e recebendo o apoio de instituições como o Banco Mundial.

A tese busca dar conta da construção da vulnerabilidade dos caminhoneiros através de três perspectivas: das políticas públicas, em especial de um Programa Nacional de AIDS; das Organizações Não Governamentais, que são parceiras do PN/AIDS nas campanhas e executam um conjunto de intervenções voltadas para caminhoneiros; por fim, da perspectiva dos próprios caminhoneiros. A discussão metodológica trata das formas elaboradas aqui para dar conta dessas três perspectivas, que incluiu a pesquisa de cunho etnográfico em cinco cidades, a pesquisa em documentos governamentais, além da pesquisa em bases de dados nacionais e internacionais.

1 – Moro no mundo e passeio em casa

Esta é uma investigação sobre como se constrói – social e politicamente – a vulnerabilidade para a epidemia de AIDS de um grupo específico, identificado a partir de sua ocupação profissional, o dos caminhoneiros. O universo da pesquisa envolveu, de sua perspectiva etnográfica, os locais de concentração de motoristas de caminhão no Rio Grande do Sul, onde haviam antes ocorrido campanhas de prevenção para o HIV/AIDS, executadas por Organizações Não Governamentais (ONGs), com o apoio financeiro e técnico do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS (PN/AIDS), vinculado ao Ministério da Saúde. O universo da pesquisa também envolveu a produção científica sobre os caminhoneiros, com uma extensa revisão de bases de publicações nacionais e internacionais; envolveu ainda a pesquisa documental, focada especialmente numa agência governamental – o PN/AIDS. A metodologia será detalhada adiante neste capítulo.

Um ponto de partida para a vulnerabilidade

É necessário aqui uma definição mínima de *vulnerabilidade*, de onde partiremos, para depois então analisar a construção de uma vulnerabilidade específica dos caminhoneiros e os seus diferentes significados para diversos atores sociais. Deve-se inicialmente esclarecer que os conceitos de *risco* e de *vulnerabilidade* têm variado historicamente, ao longo do tempo, e disciplinarmente, de acordo com o campo científico que discute e emprega os conceitos.

Segundo Omar Cardona, do Centro de Estudos sobre Desastres e Riscos (CEDERI, Universidad de los Andes, Colômbia),

A terminologia associada à definição de risco não apenas variou com o tempo, mas também variou desde a perspectiva disciplinar da qual se abordou este conceito. Isto significa que, apesar do refinamento com que se trata o risco a partir de diferentes campos de conhecimento, não existe, em realidade, uma concepção que se possa dizer que unifique as diferentes aproximações, ou que reúna, de maneira consistente e coerente, os diferentes enfoques. Psicólogos, sociólogos e historiadores propõem uma noção de risco, socialmente construída, “construtivista”, que se obtém da percepção individual, das representações sociais e da interação entre diferentes atores sociais. Em contraste, engenheiros, geólogos, epidemiologistas, geógrafos e economistas adotam, em geral, um ponto de vista que alguns consideram como “realista” ou “objetivo”, baseando-se na hipótese de que o risco pode ser quantificado ou avaliado objetivamente (OMAR D. CARDONA, 2001: 7-8).

Focando na epidemia de HIV/AIDS, observa-se que o emprego e a discussão do conceito de *vulnerabilidade* surgem dentro de um processo histórico da própria epidemia. O conceito de *vulnerabilidade* surge no momento mais recente da epidemia, quando se conclui a insuficiência dos conceitos epidemiológicos de grupo de risco e de comportamento de risco para compreender a disseminação e evolução da epidemia de HIV/AIDS (ANA MARIA GUEDES DO NASCIMENTO, et al., 2005). Em especial, essa perspectiva ganha força a partir da proposta de Jonathan Mann, que explica que a vulnerabilidade pode ser determinada em termos de três dimensões – a individual, a social e a programática (JONATHAN MANN and DANIEL TARANTOLA, 1996). José Ricardo Ayres discute o desenvolvimento do conceito de vulnerabilidade:

O desenvolvimento do conceito de vulnerabilidade ao HIV/AIDS pode ser descrito, em linhas gerais, como um **esforço de produção e difusão de conhecimento, debate e ação sobre os diferentes graus e naturezas de suscetibilidade de indivíduos e coletividades à infecção, adoecimento e morte pelo HIV, segundo particularidades formadas pelo conjunto dos aspectos sociais, programáticos e individuais que os põem em relação com o problema e com os recursos para seu enfrentamento.** (JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, 1997: 3)

Feita esta breve história da introdução do conceito de vulnerabilidade no campo da saúde coletiva, podemos tomar como uma definição mínima de

vulnerabilidade aquela dada por Loewenson, ao falar de susceptibilidade e vulnerabilidade:

A pandemia de HIV/AIDS consiste em múltiplas epidemias que se sobrepõem umas às outras, cada uma com sua própria dinâmica e características. Estas diferentes epidemias de HIV e AIDS refletem os ambientes de riscos biológicos, sociais e econômicos que levam a, e influenciam, a disseminação do HIV e a susceptibilidade de diferentes grupos sociais à infecção⁶. Aqui, a “susceptibilidade” é usada para descrever as chances que uma epidemia tem de se desenvolver ou que um grupo ou indivíduo irá se infectar, enquanto “vulnerabilidade” se refere aos traços de um indivíduo, de uma unidade doméstica ou de uma sociedade, que aumentam as chances de que o impacto de uma epidemia seja sério. (R. LOEWENSON, 2007: S3)

Em um manual sobre a prevenção ao HIV, a agência internacional UNAIDS define inicialmente risco e vulnerabilidade; destaca-se aqui esta última definição:

O **risco** é definido como a probabilidade de que uma pessoa venha a adquirir uma infecção por HIV. [...] A **vulnerabilidade** resulta de uma gama de fatores que reduzem a habilidade dos indivíduos e das comunidades de evitarem a infecção pelo HIV. Estes fatores podem incluir: (i) fatores pessoais, tais como a falta de conhecimento e das habilidades necessários para se proteger e para proteger outras pessoas; (ii) fatores relativos à qualidade e à cobertura de serviços, como a falta de acesso a serviços devido à distância, ao custo ou a outro fator; (iii) fatores sociais como normas, práticas e sociais e culturais, leis que estigmatizam e desempoderam certas populações, e que agem como barreiras para mensagens essenciais a respeito da prevenção do HIV. Tais fatores, cada um por si mesmo ou uma combinação destes, podem criar ou exacerbar a vulnerabilidade dos indivíduos e, conseqüentemente, a vulnerabilidade coletiva ao HIV. (UNAIDS, 2007b: 4)

É importante salientar que a diferença entre o conceito de risco e o de vulnerabilidade não é uma mera “sofisticação semântica”:

O risco indica uma probabilidade e evoca uma referência a uma conduta individual, enquanto a vulnerabilidade é um indicador de desigualdade social e demanda respostas tanto no nível social quanto político. (MARIO BRONFMAN, RENE LEYVA, MIRKA J. NEGRONI, et al., 2002: S43)

Partindo do marco da vulnerabilidade, compreende-se que o risco para a infecção por HIV e a prevenção da AIDS passam por relações de raça, de gênero, de classe

⁶ Loewenson, R., & Whiteside, A. (1997). Social and economic issues of HIV/AIDS in Southern Africa: A review of current research. SAfAIDS Occasional Paper 2. Harare: SAfAIDS.

e de geração – relações sociais que são históricas e situadas, não fixas nem universais.

Veremos ao longo desta tese que a construção social da vulnerabilidade dos caminhoneiros envolve três atores sociais – no sentido mais amplo dessa expressão – que apresentam perspectivas diferenciadas: a dos caminhoneiros que transitam pelo extremo Sul do Brasil, a das ONGs e a da política pública, aqui representada por uma agência governamental federal, o PN/AIDS. As diferentes perspectivas sobre a vulnerabilidade dos caminhoneiros são de fato diferenças epistemológicas, visto que são reflexos dos diferentes lugares de onde se vê, se apreende e se descreve a vulnerabilidade.

A política formulada e executada pelo PN/AIDS está embasada em conceitos técnicos e científicos – em especial, os de risco e de vulnerabilidade, da Epidemiologia –, bem como diálogos e trocas com instituições internacionais – como a UNAIDS, a Organização Mundial da Saúde e o Banco Mundial. A perspectiva sobre a vulnerabilidade que as Organizações Não Governamentais têm origina-se na visão do PN/AIDS, mas é filtrada e interpretada pelo conhecimento que os seus membros detêm da realidade local e pelos seus próprios instrumentos conceituais. O modo com que os caminhoneiros pensam a vulnerabilidade está diretamente relacionado ao modo com que se pensam e dão significado à sua realidade social.

A Antropologia de uma política pública de saúde

Seguindo distinção proposta por Van Willigen (2002), quando este fala da Antropologia Aplicada, entre uma “*anthropology in policy*” (que pode ser “antropologia na política”) e uma “*anthropology of policy*” (leia-se uma “antropologia da política”), podemos pensar sobre a relação entre a Antropologia e políticas de

saúde. Quanto à “antropologia na política”, entre os usos da disciplina, está o de elaborar e apresentar estudos que informam decisões a serem tomadas no âmbito das políticas. A disciplina também pode formular recomendações no sentido da elaboração de políticas, programas, códigos, leis. E pode indicar novos caminhos no sentido de tornar políticas existentes mais eficazes. Com frequência, a Antropologia Médica priorizou estudos sobre “crenças de saúde e doença” (H. K. HEGGENHOUGEN, 1995: ; M. K. ANGLIN, 1997: ; SARAH HORTON and LOUISE LAMPHERE, 2006).

Uma aplicação importante nesse sentido da Antropologia é a análise da distância cultural existente entre pacientes e médicos, conforme exemplificado nos estudos de Arthur Kleinman sobre diferentes modelos explanatórios de doenças (A. KLEINMAN, 1981: ; 1989). Observa-se a atuação de antropólogos médicos na colaboração junto a epidemiologistas para explicar determinados padrões de doenças, bem como na elaboração de intervenções de saúde consideradas “culturalmente adequadas”.

Para além dessa importante atuação de antropólogos, contudo, a disciplina pode contribuir com outras frentes de investigação, desafiando sistemas, e não meramente no sentido corretivo ou de aprimoramento (MERRILL SINGER and HANS A. BAER, 1995). A não-observância e violação de direitos humanos, nessa perspectiva, é o que em última instância engendra questões epidemiológicas como uma brutal desproporcionalidade na prevalência de determinadas doenças, ou diferenças quanto ao risco de mortalidade para distintos grupos populacionais (PAUL FARMER, 2003: ; H. K. HEGGENHOUGEN, 1995). A segregação e discriminação por etnia, por raça, por classe social, a violência, seja política, sexual, ou de gênero, todas violações de direitos humanos e sociais explicam alguns

padrões de doença física e mental observados em países da América Latina e outros, como Ruanda, Moçambique, Libéria, a antiga Iugoslávia, Camboja (H. K. HEGGENHOUGEN, 1995: ; JAMES PFEIFFER, 2004b), para mencionar apenas alguns exemplos.

Nesse sentido, é sempre necessário examinar os contextos socioeconômicos e políticos em que se conformam a saúde e a doença (M. K. ANGLIN, 1997). Ainda que a relação entre a miséria e a saúde seja importante, é preciso ter alguma cautela, uma vez que há regiões do mundo que são pobres, mas que têm melhores indicadores de saúde (H. K. HEGGENHOUGEN, 1995); justamente por isso, é preciso pensar no contexto da saúde e da doença, levando-se em conta, em cada local, a existência e a extensão de políticas sociais voltadas à garantia dos direitos humanos. Para além de um estudo dos comportamentos dos sujeitos – que podem ser comportamentos tidos como pouco “saúdáveis” –, é preciso que a etnografia dê conta da vida dos sujeitos em sua condição total, isto é, o contexto em que as pessoas vivem (obrigatoriamente) as suas vidas (H. K. HEGGENHOUGEN, 1995).

Conforme Arachu Castro e Merrill Singer:

Com raras exceções, os antropólogos têm centrado seus esforços na análise, na melhoria ou na avaliação de problemas específicos dentro de políticas ou programas de saúde, tais como as discrepâncias entre as crenças e valores de grupos que implementam iniciativas no campo da saúde e aquelas dos grupos que são os potenciais beneficiários destas iniciativas. Raramente os antropólogos deram um passo para trás para examinar os constrangimentos socioeconômicos maiores que se colocam sobre aqueles que controlam os fluxos de recursos financeiros de políticas de saúde nacionais e internacionais. Entretanto, se vamos chegar ao fundo da questão de por que algumas iniciativas são bem sucedidas em termos de melhorar os resultados de saúde, enquanto outras falham ou até pioram os problemas de saúde, é preciso examinar tais constrangimentos e os princípios e políticas centrais que guiam os esforços nacionais e internacionais de se erradicar ou controlar doenças. (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004: xv)

Deve-se dizer, assim, com relação à “antropologia da política”, que são mais recentes os estudos que buscam documentar os efeitos tangíveis de políticas ou

programas de saúde. Aqui, a contribuição da disciplina reside na crítica embasada, ou informada, de políticas e programas de saúde (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004). A proposta de antropólogos como Arachu Castro, Merrill Singer, Sarah Horton e Louise Lamphere, com relação à Antropologia Médica, é a de se fazer uma antropologia das políticas de saúde (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004: ; SARAH HORTON and LOUISE LAMPHERE, 2006): que se faça uso da pesquisa antropológica para passar em revista, de maneira crítica, os impactos negativos que as políticas podem ter sobre as vidas das pessoas que são justamente as suas populações-alvo – sejam estes impactos intencionais ou não.

Uma “antropologia da política” busca estudar o processo de tomada de decisões, as ações daqueles que tomam decisões, bem como as influências que estes tomadores de decisões sofrem; mais do que isso, aqui também a disciplina objetiva examinar o impacto das políticas sobre as vidas das pessoas (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004). Assim, a Antropologia Médica pode contribuir nos debates acerca de políticas públicas de saúde com análises em diferentes níveis: do comportamento individual, das políticas institucionais e dos discursos públicos (SARAH HORTON and LOUISE LAMPHERE, 2006). A Antropologia deve pensar sobre as políticas públicas como reflexos de uma estrutura dominante de desigualdade social.

Um estudo antropológico de uma política de saúde deve questionar, a partir da etnografia, os efeitos materiais de políticas de saúde, e evidenciar aquelas premissas ideológicas que fazem com que tais políticas pareçam ser óbvias – porque de bom-senso ou do senso comum. A posição privilegiada do antropólogo como alguém que é, ao mesmo tempo, um observador externo e também um participante, um *insider*, permite que ele explore e questione justamente aquilo que

parece óbvio a todos os demais. Cabe perguntar se os princípios que guiam a formulação e a efetivação de uma determinada política de saúde estão fundados na idéia de que a saúde é um direito humano e um bem público, se esses princípios estão relacionados à noção de equidade, se assumem o imperativo ético de proteger os mais pobres e os mais vulneráveis (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004). Além disso, um estudo etnográfico pode demonstrar a distância entre uma política de saúde preconizada por uma instituição – nacional ou internacional – e a realidade prática dessa política na “ponta”, onde ela é efetivada.

O estudo de políticas públicas de saúde na dimensão individual deve elucidar o impacto de determinados programas sobre o comportamento de pacientes. Os efeitos de reformas e programas de saúde podem ser documentados etnograficamente, expondo a distância entre o preconizado e a prática, revelando se o sistema de saúde tornou-se mais (ou menos) eficiente a partir da sua efetivação. A teoria crítica antropológica deve desafiar as concepções acerca do comportamento humano e a natureza dos cuidados de saúde que estão implícitas nos argumentos economicistas que dominam as políticas de saúde (SARAH HORTON and LOUISE LAMPHERE, 2006).

Conformando a discussão da vulnerabilidade para HIV/AIDS dos caminhoneiros

O objeto desta pesquisa, a construção da vulnerabilidade para a AIDS dos caminhoneiros, situa-se no campo de uma antropologia de uma política de pública de saúde. A partir de uma análise antropológica, veremos como a vulnerabilidade de caminhoneiros para HIV/AIDS é construída pela agência governamental encarregada de executar políticas de saúde no campo da AIDS no Brasil (o

PN/AIDS), como tal vulnerabilidade é significada e apropriada pelas Organizações Não Governamentais que desenvolvem projetos voltados para caminhoneiros e como os próprios caminhoneiros se percebem.

O objeto desta pesquisa é estruturado por três discussões. Em primeiro lugar, discussão do que atualmente se cunhou como globalização, e da dinâmica entre o global e o local, para compreender os micro processos observáveis no trabalho de campo com caminhoneiros e ONGs, as e as relações mais amplas que as contextualizam, de definições de prioridades, financiamentos e estratégias, por parte de diferentes agências e organismos governamentais e internacionais. A discussão do que conforma um grupo e, em particular, do que pode ser chamado de uma comunidade, também aqui se torna importante. Um terceiro eixo temático importante é a maneira com que a sexualidade dos homens que dirigem caminhões é amplamente retratada de forma homogênea, sendo encontrados na literatura científica expressões como “a cultura sexual” dos caminhoneiros.

Globalização e as relações entre o global e o local

Argumentei aqui que o estudo de “comunidades” permanece sendo de suma importância. Numa época em que os estudiosos de vários campos estão se agarrando à “cultura” como uma espécie de conjunto clandestinizado de imagens, é essencial que mantenhamos estas imagens ligadas a vidas, práticas e sistemas de relações que existam realmente; eu fiz uso da idéia de “comunidade” aqui para referir a este ponto de forma resumida. Eu também argumentei aqui, ao mesmo tempo, que nós não podemos mais tomar as comunidades como sendo entidades localizadas, no chão – pelo menos não podemos mais imaginar que a sua forma de existência local e no chão seja o único momento ou sítio para a sua existência.
(SHERRY B. ORTNER, 1997: 76)

Em anos recentes, institui-se, no interior da disciplina antropológica, um debate sobre o que se cunhou de “globalização”. O conceito de globalização vem se somar ao arcabouço teórico das Ciências Sociais para dar conta de um momento histórico específico e contemporâneo, considerado único pelo intenso fluxo de

capital, de bens, de pessoas e de idéias que ocorrem em alta velocidade por diversos espaços – geograficamente localizados ou até mesmo virtuais, no caso da Internet. A fase de internacionalização do capital, a expansão do capital financeiro, é descrita, numa perspectiva marxista, como a fase de aniquilação do espaço pelo tempo ou, numa terminologia mais contemporânea, como o fenômeno da compressão do espaço e do tempo.

O movimento constante e intenso representado pela idéia de globalização, a permeabilidade (ou mesmo queda) de certas fronteiras poderia implicar em relegarmos como obsoletos instrumentos conceituais tradicionais como “comunidade”, “cultura” e “região” – vistos criticamente como artifícios ocidentais que obscurecem tanto quanto esclarecem (JAMES CLIFFORD, 1994).

O termo “comunidade”, por exemplo, teria nesse contexto perdido seu poder explanatório, uma vez que as pessoas podem ter grande mobilidade e podem se identificar com mais de um local. Alternativamente, o termo “comunidade” teria mudado seu significado, para dar conta de situações de migrantes quando lugares geograficamente separados são pensados como uma única comunidade por pessoas que circulam continuamente nesse espaço – junto com bens, informações e dinheiro (ROGER CHRISTOPHER ROUSE, 1989).

Nas ilhas do Pacífico, explica Marshall Sahlins, “os ilhéus de Tonga [...] vivem em comunidades multilocais de dimensões globais” (MARSHALL SAHLINS, 1997b: 108). Os emigrantes das ilhas do Sul do Oceano Pacífico participam de uma “sociedade transcultural dispersa, mas centrada na terra natal e unida por uma contínua circulação de pessoas, idéias, objetos e dinheiro” (MARSHALL SAHLINS, 1997b: 110). Sahlins enfatiza o foco na terra natal para se opor à visão expressa por antropólogos como Arjun Appadurai, Akhil Gupta e James Ferguson, que seria de

um “realismo empírico” por visarem à realidade do movimento das populações e pela desvalorização da identificação que as pessoas mantêm com a terra natal.

Pode-se ver que o reconhecimento da sociedade transcultural custou algum esforço à imaginação antropológica. Sem entrar na metafísica das entidades e das espacialidades, deve-se notar que a comunidade ampliada também possui a qualidade necessária da temporalidade, que é de onde extrai sua consistência cultural. É precisamente enquanto lugar de origem que a terra natal permanece como foco de um amplo espectro de relações culturais. Fonte de valores e identidades herdadas, a comunidade natal transcende outras fronteiras culturais, conformando as ações e atitudes da parcela de seu povo que vive em contextos urbanos e/ou estrangeiros (MARSHALL SAHLINS, 1997b: 117).

Para Sahlins, o modo com que os autores mais recentes vêem a globalização e como analisam o movimento de pessoas na contemporaneidade, tecendo críticas ao conceito de cultura, especialmente à possibilidade de uma continuidade e uma sistematicidade das culturas estudadas pela Antropologia, constitui um “pânico pós-moderno”:

Não obstante, para a antropologia, a novidade da atual organização da cultura fez-se acompanhar de uma ironia desoladora. Defrontando-se com uma Cultura Mundial da(s) cultura(s), com um desenvolvimento que levou de roldão as velhas culturas da antropologia — os sistemas supostamente limitados, coerentes e *sui generis* de antanho —, a disciplina foi tomada de um pânico pós-moderno acerca da própria possibilidade do conceito de cultura. Exatamente quando os povos por eles estudados estavam a descobrir suas “culturas” e a proclamar o direito destas à existência, os antropólogos punham-se a debater a realidade e a inteligibilidade do fenômeno. Todos tinham uma cultura; só os antropólogos duvidavam disso.(MARSHALL SAHLINS, 1997b: 137).

Dito de outro modo, a Antropologia norte-americana pós-moderna tem uma tendência a “dissolver o objeto de pesquisa na narrativa do trabalho de campo e na retórica da escrita etnográfica”, segundo Florence Weber (2001: 477), cientista social francesa. Junto com a percepção de que a “comunidade” está se transformando, vem a crítica à “cultura”. O conceito de cultura da teoria antropológica clássica é tomado como um instrumento para construir diferenças sociais:

Eu busquei construir, a partir de meu diário de campo e minhas entrevistas gravadas, uma representação de uma outra comunidade que não transformasse as pessoas em algo como um objeto, um todo coerente e separado de nós mesmos: uma cultura. Argumentei que nós precisamos descobrir formas de escrever que sejam contrárias às tipificações de comunidades, que as tornaram culturas distintas e alienadas, por causa da maneira com que tais distinções inevitavelmente são hierárquicas e estão ligadas a estruturas geopolíticas, mais amplas, de poder. Argumentei que em nossos próprios mundos sócio-culturais, qualquer tipo de objetificação que venha a ocorrer nas formas de representações sócio-científicas é contra-balanceada por aquilo que chamei de discursos de familiaridade – o modo com que falamos cotidianamente sobre nós mesmos, nossa família e nossos amigos. (LILA ABU-LUGHOD, 2000: 262-263)

A crítica à “cultura” não é necessariamente um abandono ao seu conceito, mas implica na sua reformulação:

Ao resistir à idéia de cultura que nos leva a pensar os grupos sociais existentes como culturas, resisti também à forma substantiva de cultura e sugeri uma abordagem adjetiva da cultura que reforça as suas dimensões contextual, heurística e comparativa e nos orienta para a idéia de cultura como diferença, diferença especialmente no domínio da identidade do grupo. Sugiro, portanto, que a cultura é uma dimensão penetrante do discurso humano que explora a diferença para gerar diversas concepções da identidade do grupo. (ARJAN APPADURAI, 1996: 27)

A discussão teórica e metodológica que, na Antropologia, está abrigada sob o guarda-chuva da globalização, incluindo a reformulação possível de conceitos clássicos como de “cultura” e “comunidade” (ou, ainda, a introdução de novos conceitos), importa nesta pesquisa, pois nos ajudarão a pensar sobre algumas questões. Os motoristas profissionais que circulam pelo Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile) integram os processos de fluxo de pessoas, bens e idéias, descritos como o fenômeno da globalização? Como é que a discussão de cultura e de comunidade, por exemplo, pode servir para se pensar sobre os caminhoneiros, se estes conformam uma comunidade e têm uma cultura? De que modo se pode pensar nas características comuns que se encontram entre caminhoneiros de todo o mundo, e como pensar suas especificidades locais e históricas? Como é que programas de saúde, voltados para a epidemia de

HIV/AIDS, idealizados em instâncias internacionais – como a Organização Mundial de Saúde ou a agência das Nações Unidas para a AIDS, UNAIDS – repercutem no Brasil e como podem vir a afetar os caminhoneiros? Como desenhar uma pesquisa que tenha por objeto analisar uma política (internacional ou nacional) num contexto local?

A discussão sobre este processo, chamado de *globalização*, também é de suma importância para a compreensão da epidemia de HIV/AIDS. Segundo Richard Parker e Kenneth Camargo, não se compreende a evolução da epidemia sem levar em conta esse processo:

O fato de que a pandemia global de HIV/AIDS emergiu precisamente durante o mesmo período histórico em que tais mudanças econômicas e sociais maciças tiveram (e têm tido) lugar, pode ter sido originalmente um acidente histórico, mas a relação entre a evolução da epidemia e as conseqüências disseminadas destas mudanças históricas não é, de modo algum, coincidência. [...] Por um lado, alguns dos suportes técnicos que permitiram a transformação radical do capitalismo, “encolhendo” o mundo, provavelmente foram também facilitadores da propagação da epidemia. Por outro lado, os impactos negativos da globalização aqui apontados – em especial, aquilo que Castells denomina “integração perversa” (Castells, 1998)⁷ – isto é, a produção da marginalização e mesmo da criminalidade como parte integrante da nova ordem capitalista mundial, e não como mero desvio ou acidente de percurso – são os ingredientes estruturais da produção de suscetibilidades crescentes à infecção – a vulnerabilidade – e da incapacidade crescente de indivíduos e sociedades cuidarem de seus doentes, de modo geral, e dos acometidos pelo HIV/AIDS, em particular. (RICHARD PARKER and KENNETH ROCHEL DE CAMARGO, JR., 2000: 93)

Parker argumenta que a experiência da sexualidade em geral nas últimas décadas no Brasil está ligada a processos mais amplos de mudança histórica, em que se situam os contextos nos quais as experiências tomam forma; tratando da homossexualidade, diz: “a forma em mudança da homossexualidade e da vida gay no Brasil contemporâneo deve ser compreendida como uma interação complexa

⁷ Castells, citado por Parker: CASTELLS, M., 1998. *The Information Age, III: End of Millenium*. Oxford: Blackwell.

entre biografias individuais, estruturas sociais locais e processos globais mais amplos” (RICHARD PARKER, 2002a: 294).

Entre gerações diferentes de antropólogos (especialmente anglo-saxões), observa-se uma mudança no quadro teórico nas Ciências Sociais, quando se começa a discutir a idéia de *pós-modernidade* e, em seguida, de *globalização*. Notadamente a partir da década de 1970, segundo George Marcus, novos conceitos, que procuram dar conta de processos de dissolução e fragmentação, foram introduzidos no discurso científico:

conceitos como pós-Fordismo (I), compressão de tempo e espaço (I), especialização flexível (I), o fim do capitalismo organizado (II) e, mais recentemente, globalização (III, IV, V) e transnacionalismo (VI, VII) – nenhum dos quais poderia ser completamente compreendido à luz de macro modelos anteriores do sistema capitalista mundial. (GEORGE E. MARCUS, 1995: 98)⁸

O contraponto à introdução dessa novidade é feito por antropólogos de uma geração anterior. Sidney W. Mintz alerta que é preciso ter alguma cautela antes de abraçar a nova terminologia como um quadro teórico e epistemológico inteiramente inovador:

Acredito que existe certo risco em nos tornarmos demasiadamente entusiastas sobre os conceitos de transnacionalismo, e sobre o seu novo léxico. Nós já estamos precisando de palavras que descrevam tendências opostas, na medida em que eventos econômicos e políticos compensam e contrabalançam a mobilidade. As palavras que agora estão sendo inventadas, ou tomadas de empréstimo, para descreverem um mundo de um novo tipo, podem revelar-se rapidamente como menos úteis, ou menos aplicáveis, do que nos parecem no momento. (SIDNEY W. MINTZ, 1998: 119)

⁸ As referências citadas por Marcus neste texto são as seguintes: **(I)** Harvey, D. *The Condition of Post-Modernity: An Inquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell, 1989. **(II)** Lash, S.; Urry, J. *The End of Organized Capitalism*. Madison: University of Wisconsin Press, 1987. **(III)** Featherstone, M. (Ed.) *Global Culture, Nationalism, Globalism, and Modernity*. London: Sage, 1990. **(IV)** Hannerz, U. *Cultural Complexity: Studies in the Social Organization of Meaning*. New York: Columbia University Press, 1992. **(V)** Sklair, L. *The Sociology of the Global System*. Baltimore, MD: John Hopkins University Press, 1991. **(VI)** Glick Schiller N.; Basch, L.; Blanc Szanton, C. *The Transnationalization of Migration: Perspectives on Ethnicity and Race*. New York: Gordon & Breach, 1992. **(VII)** Glick Schiller, N.; Fouron, N. “Everywhere w ego we are in danger”: Ti Manno and the emergence of a Haitian transnational identity. *American Ethnologist* 17 (2): 329-347.

Há mudanças, segundo Mintz, que vêm sendo descritas há quase um século por antropólogos e outros cientistas sociais que se assemelham em muito àquelas que são atualmente nomeadas como fenômenos inteiramente novos; ele sugere que os chamados estudos sobre o transnacionalismo beneficiar-se-iam de uma pitada de História. Mintz relembra que, ao longo do século XIX, cerca de cem milhões de pessoas cruzaram os oceanos: a metade era composta de europeus (em um movimento “intersoberanias”) e a outra metade por pessoas consideradas, pelos europeus, como não-brancos (movimento “intercolônias”). Ou ainda: cinquenta milhões de pessoas aprenderam a cortar a cana enquanto os outros cinquenta milhões aprenderam a apreciar e consumir o açúcar (SIDNEY W. MINTZ, 1998)⁹.

O meu ponto é simplesmente que muitas das mudanças culturais que são consideradas hoje em dia como aspectos novos do transnacionalismo têm precedentes relevantes numa história anterior. A história que eu escolhi oferecer neste artigo é uma história regional; mais especificamente, a história regional do Caribe, vinculada a um “momento” particular da história mundial. É evidente que aquelas pessoas não tinham telefones nem máquinas de fax; elas não conseguiam se mover de um lado para o outro do mesmo jeito que os camelôs senegaleses que vendem perfumes falsificados na 5ª Avenida [em New York, EUA], ou os *revendedores* de Santa Lucia indo e vindo com seus produtos no mercado central de Fort-de-France em Guadalupe. Mas os processos envolvidos [no Caribe nos séculos XVII-XIX] não são diferentes daqueles na situação contemporânea, e muitos exemplos históricos são extremamente oportunos. Parece no mínimo provável que as questões que agora estão sendo levantadas, de comunidade, de região e de cultura, poderiam ter sido colocadas naqueles casos também, se as sociedades em questão fossem de algum interesse para os cientistas sociais daqueles tempos. (SIDNEY W. MINTZ, 1998: 126)

Doreen Massey, cientista social britânica que trabalha no campo da Geografia Política e Social, discute os conceitos de “espaço” e “lugar” (DOREEN MASSEY, 1994). Ela reforça que os temores pós-modernos sobre o fim do “local” e do “particular” estão fundados numa noção idealizada de uma era áurea em que os

⁹ Para George Marcus, ao discutir técnicas de pesquisa e estudos multi-situados, o trabalho de Mintz sobre a história cultural do açúcar é um exemplo de uma técnica do tipo “siga a coisa”, mas Marcus ressalta que este é um trabalho desenvolvido dentro de um quadro teórico convencional da economia política, que depende de uma narrativa histórica mestre sobre o colonialismo e o capitalismo (GEORGE E. MARCUS, 1995).

lugares supostamente eram habitados por comunidades homogêneas, que é contraposta a um momento atual, caracterizado pelo movimento, pela fluidez, pela fragmentação.

Massey pergunta-se, primeiramente, em que medida a idéia de compressão do espaço e do tempo não representa uma visão etnocêntrica; afinal, há muito tempo, os povos colonizados observaram, a partir de suas perspectivas, o fluxo de pessoas, de bens e de capital que chegavam às colônias. Muitos passaram a ser consumidores de produtos industrializados oriundos dos impérios além-mar – cf. (JOHN L. COMAROFF and JEAN COMAROFF, 1997), e exportadores de matéria-prima e, mais dramaticamente, de mão-de-obra – especialmente quando foram vítimas de movimentos globais, quando foram capturados, presos e escravizados.

A autora também indica a necessidade de se diferenciar socialmente a compressão de espaço e tempo: grupos sociais diferentes, e indivíduos diferentes, estão situados de modos distintos com relação aos fluxos e às interconexões descritos como parte desse fenômeno. O capital – simbólico e material – é um dos fatores nessa diferenciação, assim como as relações de gênero (a mobilidade das mulheres com frequência é controlada e determinada por homens)¹⁰. Este é um ponto particularmente importante no caso do presente estudo, uma vez que é absolutamente necessário diferenciar a mobilidade dos caminhoneiros da mobilidade de outros grupos sociais; se nos ativermos apenas à questão profissional, por exemplo, há uma desigualdade econômica, e um conjunto de diferenças, que devem

¹⁰ A questão colocada por Massey é instigante; falando sobre a mobilidade das mulheres, a autora pontua que, com frequência, esta é controlada e determinada por homens. Podemos imaginar ainda outras determinantes sociais sobre a mobilidade de grupos e de pessoas, como a fase de vida (a mobilidade que pode ser diferenciada para crianças ou pessoas mais velhas ou ainda para pessoas casadas ou solteiras), sem considerar situações extremas como conflitos armados ou desastres naturais.

ser considerados ao compararmos a mobilidade e o trânsito de motoristas de caminhão com as de pilotos de avião.

Massey sugere um gradiente, onde numa ponta da mobilidade e da comunicação, estão aqueles que têm uma posição de controle sobre estes processos e, na outra, aqueles que estão se deslocando pelo espaço, mas que não têm controle sobre tais processos da mesma forma que os primeiros. Aqueles primeiros pertencem ao *jet-set* internacional: são as pessoas que se comunicam por e-mail e têm aparelhos de fax, que organizam investimentos e que fazem transações financeiras em mais de uma moeda. No lado daqueles que controlam, num certo sentido, a compressão do espaço e do tempo, estão igualmente incluídas as pessoas que promovem (e participam de) congressos internacionais e, provavelmente, um número razoável de acadêmicos e jornalistas ocidentais – que, não por acaso, são também aqueles que mais discutem e escrevem sobre a globalização e a compressão espaço-tempo.

Na outra ponta do espectro apresentado por Massey estão os refugiados, os exilados, os imigrantes ilegais, as vítimas de tráfico de pessoas, cuja mobilidade forçosa pelo espaço geográfico pode representar, no extremo, um risco de vida¹¹. A circulação de pessoas, de serviços, de bens, de tecnologia, de capital e de dinheiro é determinada por poderes desiguais entre os dois pólos: o de produtor e o de receptor. A Antropologia pode contribuir revelando como a globalização é apreendida, compreendida, recebida, interpretada e vivenciada por diferentes atores

¹¹ Para revelar o quão complexa é esta questão, Massey ainda cita um exemplo interessante: “há ainda aqueles que vivem em favelas do Rio de Janeiro, que conhecem o futebol mundial como a palma de suas mãos, e que produziram alguns de seus melhores jogadores; que contribuíram imensamente para a música global, que depois do samba apresentaram a lambada a que tantos dançavam, no ano passado, nas boates de Paris e de Londres; e que nunca, ou raramente, visitaram o Centro do Rio de Janeiro. Numa dimensão, os moradores das favelas do Rio contribuíram imensamente para aquilo que chamamos de o fenômeno de compressão do tempo e do espaço; em outra, eles estão presos por este mesmo fenômeno” (DOREEN MASSEY, 1994). Se substituirmos a “lambada” pelo “*funk carioca*”, creio que o exemplo permanece atual.

sociais: comunidades, Organizações Não Governamentais, agências governamentais e agências internacionais.

A discussão instituída no seio da Antropologia acadêmica, especialmente a norte-americana, sobre a etnografia do global, ou da globalização, também pode ser interpretada como o resultado direto de um processo de globalização das comunidades científicas¹². Segundo o antropólogo Michael Burawoy,

O status de cosmopolitas acadêmicos no *jet-set* é medido em termos de suas viagens internacionais [...]. Eles pintam um quadro de uma nova comunidade de conexões transnacionais, e da globalização como uma verdadeira força da natureza, uma jamanta que esmaga tudo o que está no seu caminho. Para esses cosmopolitas, a etnografia – a atenção focada ao detalhe e a processos através da assimilação do ponto de vista dos participantes – é substituída por turismo, excursionando de *site* em *site*. A etnografia global, por outro lado, diz respeito, em primeiro lugar, àqueles que ficaram para trás, no chão. A etnografia global revela que a compressão ou o alargamento do tempo e do espaço não são fenômenos tão universais quanto os cosmopolitas declaram. Ela revela que a globalização é um processo extremamente desigual e, mais importante, é um artefato manufaturado e recebido no local. (MICHAEL BURAWOY, 2001: 148).

O global – e a globalização – pode então ser etnografado nas organizações, instituições e nas comunidades, tanto da perspectiva de sua produção (com etnografias do Banco Mundial, por exemplo, cf. (GUSTAVO LINS RIBEIRO, 1990: ; 2001: ; MICHAEL GOLDMAN, 2001)), quanto de sua recepção ou consumo. Os programas, as políticas, os estatutos, as convenções e as experiências, no âmbito da saúde, transcendem com freqüência as fronteiras dos Estados nacionais (LENORE MANDERSON and LINDA WHITEFORD, 2000). Uma política de saúde é executada em meio à relação – muitas vezes, tensa – entre forças globais (macroeconômicas, políticas, sociais) e identidades locais (socialmente construídas).

¹² Outra discussão, mais recente, na Antropologia, diz respeito ao estudo do “cosmopolitanismo”, que tem referências culturais e políticas, e dimensões estéticas e intelectuais – cf. (ULF HANNERZ, 2007). Para uma crítica ao cosmopolitanismo e uma visão da globalização como uma posição ideológica, cf. (JONATHAN FRIEDMAN, 2007).

Jonathan Friedman analisa a relação entre a globalização e a cosmopolitização sugerindo que, em alguns períodos históricos em que observamos processos de globalização, as elites tendem a se tornar e se ver como cosmopolitas, como um resultado de uma convergência da mobilidade social e espacial; as elites se percebem como estando *acima* do mundo, observando a diversidade abaixo sem tomar parte dela (JONATHAN FRIEDMAN, 2007). Friedman explica que, dessa forma, o *local*, é desvalorizado e a *imobilidade* é aproximada da pobreza cultural.

A Antropologia acadêmica foi profundamente influenciada por esta tendência de cosmopolitização, tomando parte da “aura pós-colonial” que celebra o movimento por ele mesmo – e identidades de movimento (o transnacional, o trans-local, o transexual, o cruzamento de fronteiras, etc.) – como “o bem”. Também característica de uma Antropologia que foi influenciada por estudos pós-coloniais é a sua tendência de denegrir as perigosas populações locais de caipiras, que são associados com o nacionalismo, o racismo, as raízes e, o maior de todos os males, o *essencialismo*. (JONATHAN FRIEDMAN, 2007: 193, itálico no original)

Veremos, a seguir, na discussão detalhada da metodologia de pesquisa aqui empregada que, dependendo do objeto do estudo, pode ser necessário delinear uma pesquisa etnográfica que envolva múltiplos sítios para dar conta de diferentes visões – e das conexões e rupturas – de um mesmo processo. Cada lugar pode materializar as relações envolvidas na chamada globalização: uma etnografia global deve buscar

compreender não apenas a experiência da globalização, mas também como esta experiência é produzida em localidades específicas e como aquele processo é algo contestado e, portanto, é político (MICHAEL BURAWOY, 2001: 158).

A ênfase sobre as especificidades locais, cara à Antropologia, não se traduz num relativismo absoluto. Reconhecidamente, pode ser necessário, ao se formular e planejar políticas públicas, pressupor contextos relativamente semelhantes, ou homogêneos. Categorias globais de saúde e doença, de bem-estar e de qualidade

de vida, de risco e de vulnerabilidade são interpretadas e ganham diferentes significados na medida em que são apropriadas por diferentes atores, como as agências intergovernamentais, as Organizações Não Governamentais e agências governamentais de diversos países (LENORE MANDERSON and LINDA WHITEFORD, 2000).

Dentre os antropólogos de uma geração mais recente, Appadurai (nascido e criado na Índia, com pós-graduação e atuação profissional nos centros de excelência acadêmica dos Estados Unidos) propõe um modelo teórico dar conta do global em que apresenta o conceito de “*scapes*” – traduzido em português como “paisagens” – para se tratar de novos objetos para a Antropologia, constituídos em espaços não contínuos (ARJUN APPADURAI, 1996: ; 1997).

A mobilidade das pessoas (os fluxos migratórios) e os novos desenvolvimentos tecnológicos (especialmente na área das comunicações) representam, segundo Appadurai, um rompimento e uma mudança histórica, com formas inovadoras de se representar a realidade e interpretar o mundo, em que a relação entre o global e o local engendra novas formas de se pensar os espaços públicos – em diásporas – e as identidades desterritorializadas (que também podem ser pós-nacionais). É a justaposição entre as migrações em massa com a velocidade e a amplitude dos meios de comunicação que resultam numa nova ordem de instabilidade na produção de subjetividades modernas, num novo campo de forças para as relações sociais em escala global (ARJUN APPADURAI, 1996: ; 2001: ; 1999).

Para Appadurai, atrelado à discussão do global, a Antropologia deve também discutir a idéia de “localidade” (*locality*):

a localidade (material, social e ideológica) sempre teve de ser produzida, mantida e alimentada deliberadamente. Por tanto, inclusive as sociedades tradicionais em pequena escala estão participando na “produção da localidade” contra as contingências de todo tipo. O local é, portanto, não um fato, mas sim um projeto. (ARJUN APPADURAI, 1999: 5)

A localidade – e a produção de traços locais – é algo frágil nessa perspectiva, em que o mundo é caracterizado fundamentalmente como sendo de fluxos, de objetos em movimento, envolvendo a circulação de pessoas, bens, idéias, ideologias, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas (ARJUN APPADURAI, 1999). Nesse quadro teórico, esse autor propõe seis conceitos importantes: *ethnoscape* (etnopaisagem), *technoscape* (tecnopaisagem), *finanscapes* (financiopaisagens), *mediascapes* (midiapaisagens) e *ideoscapes* (ideopaisagens); em particular,

O que quero dizer com “ethnoscape” é uma paisagem de pessoas que constituem o mundo em movimento no qual vivemos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores em viagem, e outros grupos e pessoas em movimento que são um traço essencial do mundo, e que parecem afetar as políticas das e entre as nações num grau jamais antes observado. (ARJUN APPADURAI, 1990: 299)

A discussão de Appadurai sobre a localidade o leva formular como um dos principais desafios atuais para a etnografia, diante da globalização, o problema da *intimidade* num mundo de pós-localidades (ARJUN APPADURAI, 1997).

[...] a vida humana ainda procede através de práticas de intimidade – os labores da sexualidade e da reprodução, as teias de apoio e de amizade, o calor da raiva e da violência, as nuances dos gestos e dos tons. O mundo da globalização pode ter gerado algumas formas de sociabilidade ciborgues, mas o trabalho cotidiano da reprodução social usualmente ainda envolve os mistérios infinitos da intimidade enquanto uma prática social diária. [...] O problema é que estas práticas de intimidade não estão mais contidas naqueles envelopes de espaço e tempo – quer os chamemos de localidades, ou comunidades, ou culturas, ou até mesmo sociedades – sobre os quais a prática etnográfica tradicionalmente se apoiou. Assim o nosso problema é o seguinte: podemos nós ser os intérpretes privilegiados da intimidade uma vez que esta circula para além dos envelopes sociais sobre os quais nós nos apoiamos tanto até agora? [...] A etnografia pode fazer a mediação entre a globalização da experiência e a experiência da globalização, retendo assim a sua autoridade especial de relatar sobre as práticas da intimidade na vida social? (ARJUN APPADURAI, 1997: 116)

O antropólogo então se pergunta: num mundo globalizado, quais podem ser os significados de localidade e de comunidade? No contexto da globalização, como é que se produz – e se reproduz – a intimidade?

A “raça” dos caminhoneiros

As identidades locais corporificam as relações percebidas entre alguns setores da população e os agentes oficiais que estão encarregados de proteger a saúde da comunidade. Estas identidades locais, então, moldam a maneira com que os programas de saúde são recebidos e sustentados. Em outras palavras, experiências históricas e políticas nacionais resultam na construção cultural de identidades locais, incluindo a de direitos e responsabilidades dos cidadãos com respeito à saúde. (LINDA WHITEFORD, 2000)

A expressão *raça* tem mais de um sentido: indica, por um lado, pertencimento a um grupo ou a uma categoria, compartilhando características que são transmitidas hereditariamente; tem também a conotação de qualidades como a coragem e o vigor, e uma vontade firme ou poderosa. No senso-comum, a expressão é usada como sinônimo de determinação, de garra e de perseverança, como quando se fala que um time de futebol venceu “na raça”. A gíria “no peito e na raça”, ouvida entre os caminhoneiros e que nomeia esta tese, significa com vigor, com energia, à força. Refere-se à maneira com que os motoristas enfrentam as suas condições de trabalho, consideradas árduas por eles próprios.

Será possível tomar os caminhoneiros como pertencendo a um grupo ou a uma comunidade? Existem traços comuns aos motoristas que nos permitam pensar na construção social de uma identidade (no mínimo profissional) dos caminhoneiros? Que implicações isso traz para a formulação de um programa de saúde, de uma política ou de uma campanha? Como foi dito antes, a formulação de alguns programas voltados para a promoção da saúde fazem uso de uma ficção necessária: a de que serão aplicados a contextos relativamente homogêneos e semelhantes entre si. A Antropologia pode contribuir discutindo os empecilhos e

dificuldades na execução das políticas que foram formuladas baseadas nessa suposição.

São justamente as diferenças quanto às características sociais, econômicas e políticas que resultam em diferenças quanto aos objetivos, às prioridades, às instituições e aos cronogramas existentes para a promoção da saúde em vários contextos. Neste trabalho, discutiremos de que forma a categoria de *vulnerabilidade* para um grupo em particular, os caminhoneiros, foi formulada e significada por atores como a UNAIDS, o Programa Nacional de DST, HIV e AIDS e as ONGs no Sul do Brasil. Entre uma agenda global de combate à epidemia de HIV/AIDS e as realidades locais, onde são executados programas de saúde, encontram-se pessoas para as quais são oferecidos as informações e os serviços de saúde – pessoas como os caminhoneiros, cuja participação é fundamental para o sucesso das ações planejadas.

Segundo Richard Parker, com freqüência as intervenções mais bem sucedidas no campo da AIDS foram fundamentadas numa política de identidade, a partir de organizações de base comunitária – como o enfrentamento da epidemia por parte da comunidade gay de San Francisco, na Califórnia (Estados Unidos). Essa resposta, contudo,

não dá conta daquelas tantas populações que caem pelas fendas da identidade social e cultural (como as parceiras de usuários de drogas injetáveis ou aqueles homens que fazem sexo com outros homens sem adotarem uma identidade gay) (RICHARD PARKER, 2000a: 49-50).

O paradoxo, ainda segundo Parker, está no fato de que muitas das respostas consideradas mais eficazes no combate à AIDS surgiram no contexto local, sendo justamente esta sua proximidade da base que torna difícil a generalização de tais respostas, como também dificulta a organização de um movimento social global da

AIDS, baseado numa política da solidariedade (por oposição a uma política de identidade) (RICHARD PARKER, 2000a). Pela natureza dessas respostas locais, que estão necessariamente enfocando aspectos de identidades locais, também fica comprometida uma compreensão da epidemia de AIDS como sendo uma questão de dimensões globais.

Manderson, Markovic e Kelaher, ao tratarem de mulheres da antiga Iugoslávia que buscaram refúgio na Austrália, apontam para outras questões pertinentes a respeito da formulação de programas governamentais. Analisando a política de imigração e de refugiados da Austrália, as autoras revelam que a ênfase sobre comunidades étnicas por parte do governo pode ter implicações negativas sobre a utilização de serviços. Assim, aquelas pessoas que não querem ser rotuladas como pertencendo a uma comunidade específica – porque já sofreram discriminação antes por isso ou porque já testemunharam outras pessoas sendo discriminadas – podem ficar excluídas de determinados serviços e sem apoio social ou governamental. Ainda nesse sentido, outra autora, que trata de refugiados da Somália na Etiópia, discute o modo com que se constroem categorias genéricas para agrupar pessoas que serão tratadas de forma homogênea por agências governamentais:

A globalização ocorre através das interações de instituições e de discursos em contextos particulares. Um conjunto importante de instituições e de discursos está relacionado com refugiados e, de modo mais amplo, com a ajuda humanitária. As interações relativas aos refugiados e à ajuda humanitária afetam milhões de pessoas em todo o mundo todos os anos. Histórias e circunstâncias locais são tratadas, e afetadas, por modelos e algoritmos que são desenvolvidos por agências transnacionais baseadas primordialmente no Ocidente, ao ponto que “refugiados” são vistos como uma categoria genérica, global, e como tendo uma “identidade de refugiado”, que é comum a todos, e como sendo sujeitos a um mesmo conjunto de “soluções duráveis” genéricas – que inclui a repatriação voluntária (CHRISTINA ZAROWSKY, 2000: 177)

No campo da AIDS, é preciso discutir o uso de categorias para classificar as pessoas por parte de agências governamentais e de Organizações Não

Governamentais, e pensar em que medida a formulação de serviços específicos são produtivos ou não. Um posto de saúde municipal, por exemplo, deve oferecer serviços diferenciados para travestis e prostitutas? A ênfase sobre um grupo específico, como os caminhoneiros, em campanhas da grande mídia do Ministério da Saúde que buscam a promoção do uso de preservativos é mais produtiva do que campanhas para a população em geral?

A idéia sociológica que se faz de uma comunidade é a de um lugar em que todas as relações sociais (de gênero, de classe, de trabalho, de lazer) são vivenciadas (SHERRY B. ORTNER, 1997); assim, poderão ser observadas a partir de um estudo etnográfico. A etnografia tem como pressuposto, do ponto de vista de sua execução, na prática, que as pessoas que fazem parte do estudo estejam umas em relação com as outras, que se conheçam, que já ouviram falar umas das outras (FLORENCE WEBER, 2001); imaginamos que as pessoas assim relacionadas socialmente podem falar sobre como elas são, como vivem, podem discutir as mesmas coisas, ou as mesmas idéias, ou os mesmos eventos. As pessoas se conhecem entre si, algumas mais, outras menos; algumas estão em contato diariamente, outras raramente se vêem. Nessa perspectiva, as redes de relações entre as pessoas podem ser estruturadas de várias maneiras.

O que não implica idealizar a comunidade como uma micro sociedade homogênea, contida em si mesma, coesa, onde as pessoas estão isoladas de quaisquer outras relações. As etnografias desenvolvem-se em contextos em que vários grupos convivem, sendo tarefa do cientista dar conta de um ou mais universos de relações e experiências sociais, dependendo do seu objeto de estudo. Certamente, a maior parte dos caminhoneiros que circula pelo Rio Grande do Sul pertence (ou já pertenceu) a uma comunidade que é um universo social que lhe é

relativamente conhecido, onde estão situadas as suas residências, as suas famílias, muitas sendo cidades de pequeno e médio porte¹³ (onde o contato pessoal é relativamente denso e duradouro). Essas diferentes comunidades circunscritas espacial e temporalmente são interligadas por *estradas* – rodovias federais e estaduais, estradas de chão ou de asfalto, ruas e ruelas – que são, segundo as frases que podem ser lidas em pára-choques de caminhões, o lar dos caminhoneiros: *moro no mundo e passeio em casa* ou, ainda, *a estrada é o meu lar*.

A natureza de trabalho dos caminhoneiros, por outro lado, implica o seu deslocamento espacial, colocando esses sujeitos com grande frequência em outras localidades, onde estão também situadas outras comunidades, isto é, outros universos de relações sociais. Dito, então, que os caminhoneiros participam – com maior ou menos intensidade – de mais de uma comunidade, devemos continuar a analisar o tema da pertença a uma comunidade ao longo desta pesquisa, discutindo em que medida se pode, ou não, falar numa comunidade profissional, conformada a partir das condições e locais de trabalho dos motoristas. Uma comunidade, como outras, entrecortada por estruturas e relações sociais que engendram solidariedade e conflitos, diferenças e semelhanças, quanto à religião, escolaridade, renda e trajetórias de vida. Florence Weber sugere que a análise etnográfica dos universos sociais deve também considerar “o grau de cristalização do grupo em questão e a sua natureza” (FLORENCE WEBER, 2001: 482); resta discutir, no decorrer do trabalho, em que medida comunidades efêmeras – universos de relações sociais pouco cristalizadas ou institucionalizadas – conformam-se nos sítios pesquisados.

A esse respeito, chama atenção o uso do termo *raça* pelos caminhoneiros quando almejam fazer alguma afirmação genérica sobre eles mesmos. A outra

¹³ Os dados sociodemográficos relativos aos caminhoneiros, incluindo a localização de suas casas e famílias, serão discutidos no capítulo 6.

expressão encontrada em campo é a de *classe*. As duas expressões denotam a idéia de pertencimento a um grupo determinado – os caminhoneiros se concebem como membros de um agregado socialmente definido nos dois casos, porém tais expressões têm acepções diferentes. A *raça* remete à idéia de um grupo constituído a partir de elementos considerados “naturais” ou biológicos, como traços fenotípicos, enquanto a *classe* tem, mesmo fora da academia, um sentido econômico-social – aqui, especialmente, vinculada ao trabalho e à sua organização.

Quando o grupo é definido pela expressão *classe*¹⁴, nas entrevistas feitas com os motoristas, o contexto é o das condições precárias de trabalho, da falta de serviços de saúde, da dificuldade de acesso à educação¹⁵:

Ah, é o tal de rebite que a gente chama de rebite. [O que é isso?] Isso é, na verdade, se eu não me engano, ele é um emagrecedor. Só que ele tem vários nomes. Tem o NOBESE, NOBESIN, são vários tipos de remédios que são usados na verdade para emagrecer, ele inibe a fome e tal, e na verdade te tira o sono, né. Então, a gente, eu falo na **classe**, né, todo mundo toma pra não dormir. Porque a carga, essa mesmo que eu vim de São Paulo pra cá, foi uma carga horária, então tu tem um determinado horário quando tu sai de lá até chegar aqui e entregar a carga. Só que o prazo que eles te dão, tu tem andar, praticamente direto, sem parar. [Entrevista, Porto Alegre, dezembro 2005]

A cabeça deles [dos caminhoneiros], a cabeça deles é um pessoal ainda, se for classificar em economia, é um pessoal que ganha melhor um pouco, mas eles procuram regredir na cabeça. É o pessoal estudar um pouco, ler, essas coisas, não tem isso... eles querem é rodar, rodar, rodar, dinheiro, dinheiro, dinheiro, tudo na cabeça deles é dinheiro, dinheiro, dinheiro, não lê nem nada, se lê mais um pouquinho eles vão se conscientizar e a nossa **classe** vai melhorar um bocado. [Entrevista, Porto Alegre, dezembro 2005]

¹⁴ Não ignoro o uso, no português brasileiro, da expressão “classe” para referir distinção, boas maneiras, boa educação ou algo de alta categoria ou de origem ilustre; contudo, no contexto das entrevistas com caminhoneiros e com dirigentes de ONG, a expressão foi usada na acepção de trabalho e de ocupação.

¹⁵ A este respeito, chama ainda a atenção o fato de que nas entrevistas com dirigentes de uma ONG o termo “classe” foi empregado para se referir a travestis em seu conjunto, aqui também no contexto de atuação profissional – travestis “na batalha”: *sempre tem alguma coisa assim, já não é a primeira vez, é abaixo-assinado de moradores e sempre de toda a classe homossexual ou profissional do sexo sempre o baseamento nesses abaixo-assinados sempre são as travestis, eles dizem, “ah que as travestis fazem isso”, sempre quando entra alguma coisa assim é a nossa classe que é discriminada, “ah, por que estão incomodando”... se tem putaria é as travestis, se tem sujeira, é as travestis, se tem assalto é as travestis, se tem uma só travesti que faz ponto ali, eles dizem que é a travesti não interessa, pode ter mais mil [profissionais do sexo] mas não interessa a eles acusam que a travesti que faz.* [Entrevista com dirigente de ONG, outubro de 2004]

Eu busquei semana busquei informação onde é que ia fazer, como ia fazer, pra fazer uma bateria de exame geral [...] Só consegui particular e a consulta é 200 reais. É, como é que você vai fazer e pra fazer exame já não dá. Existe o exame pelo SUS, mas aí você tem que levantar de madrugada ir num posto de saúde tentar pegar uma ficha se tiver conseguir um médico pra ele te encaminhar pra um laboratório, então daí de repente leva 15 ou 20 dias pra isso acontecer... Por isso, pra nossa **classe** falta muito, se tu quiser fazer [exames médicos], pra eu conseguir, eu tenho que pagar particular. [Entrevista, Rio Grande, dezembro 2005]

Nas entrevistas, a expressão *raça* foi empregada pelos motoristas quando conversávamos sobre possíveis intervenções no combate à epidemia de AIDS:

EGO: Pros caminhoneiro, pra falar a verdade, é meio complicado viu. Porque esses caras... eles usam muito preservativo, mas só que a turma não pensa muito não. Essa *raça* de caminhoneiro, é raro tirar uns que... [É mesmo?] É raro tirar um que... a maioria tá perdido já. (Risos) [Entrevista, Canoas, fevereiro 2006]

O uso do termo *raça* para se referir aqui a um grupo é relevante no contexto da descrição de práticas sexuais e não do universo das relações de trabalho. O domínio da sexualidade é associado ao domínio da natureza, o que torna impossível ou muito mais difícil qualquer mudança. Matthew Gutmann, estudando a saúde reprodutiva e sexual de homens no México, diz que

A noção de “desejos sexuais naturais” dos homens era dada como a razão e a explicação para muitos problemas de saúde em Oaxaca [México], como a AIDS. E caso estas generalizações não fossem muito precisas para todos os homens – “Ora, é assim que os homens são!” – então pelo menos estas eram verdadeiras para os homens que nasceram e cresceram no México. A cultura mexicana e a cultura masculina mexicana eram consideradas as culpadas em muitos esquemas e explicações biomédicos. (MATTHEW GUTMANN, 2007: 3)

Poderemos perceber que uma das formas que os caminhoneiros mesmos pensam sobre suas condições de vida e, em particular, sobre a sua saúde sexual, está relacionada a essa concepção de que há uma essência na sexualidade. Se os desejos e os impulsos sexuais são naturais e inevitáveis, os motoristas são levados a se confrontarem com situações que aumentam a sua vulnerabilidade para o HIV/AIDS. A importância de situar os motoristas individuais em contextos – e

comunidades – específicos é em virtude de que isso nos permite compreender idéias, valores e práticas em sistemas de relações sociais.

As decisões que as pessoas tomam nos domínios da sexualidade e da reprodução nunca são tomadas desvinculadas de outras questões contextuais (MATTHEW GUTMANN, 2007), relativas às redes sociais e à economia política de trocas simbólicas e materiais. Certamente, as decisões dos caminhoneiros sobre práticas que podem ser consideradas mais seguras para as suas vidas – como usar o preservativo em todas as suas relações, ou até mesmo praticar a abstinência sexual durante os períodos em que estão em trânsito, por exemplo – devem ser pensadas contextualmente.

Catherine Campbell trabalhou junto a minas na África do Sul, onde teve a oportunidade de pesquisar o que ela chama de o “contexto psicossocial da transmissão do HIV”, tanto quando fala de profissionais do sexo (CATHERINE CAMPBELL, 2000), quanto no momento em que fala dos homens que trabalham nas minas de ouro (CATHERINE CAMPBELL, 1997). Seu argumento principal é o de que as condições de vida dessas pessoas as tornam especialmente vulneráveis à AIDS; as condições de vida estão associadas ao seu trabalho e às suas identidades sociais. O trabalho nas minas é realizado por homens, na maior parte migrantes em busca de emprego ou de trabalho remunerado.

Os universos de relações sociais observados etnograficamente nos sítios desta pesquisa podem ser também examinados à luz de outro instrumento conceitual, de *setting* social, o contexto em que as interações ocorrem e que lhes dá significado, permitindo que as pessoas interpretem gestos, palavras e eventos que ali ocorrem. O *setting* social “não se reduz ao espaço em que há co-presença física de diversos indivíduos” (FLORENCE WEBER, 2001: 485). Devemos examinar as

condições sociais e materiais de trabalho dos motoristas de caminhão como um contexto em que eles estão inseridos.

O universo de profissionais empregados no setor de transporte de cargas no Brasil constitui um contingente expressivo de pessoas: de 2,4 a 2,5 milhões de trabalhadores, o que representa 3,7% de todas as pessoas trabalhando no país (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2006a: ; 2006b: ; 2001: ; SENSUS PESQUISA E CONSULTORIA, 1999).

O número exato de caminhoneiros atuando hoje no Brasil é desconhecido. A frota nacional de veículos tem em sua composição mais de 1,7 milhões de caminhões – mais precisamente, segundo o boletim estatístico da CNT de 2007, 1.768.221 caminhões (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES, 2007). Do contingente de aproximadamente 2,5 milhões de pessoas, mais de um milhão estão trabalhando no transporte rodoviário de cargas (Tabela 1); a agência governamental de transportes estima que 500 mil sejam caminhoneiros autônomos e que haja 50 mil empresas transportadoras no país (ANTT, 2008).

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000 relativos às pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal. Informações sobre o Setor de Transporte Terrestre, especificando o transporte terrestre de cargas.

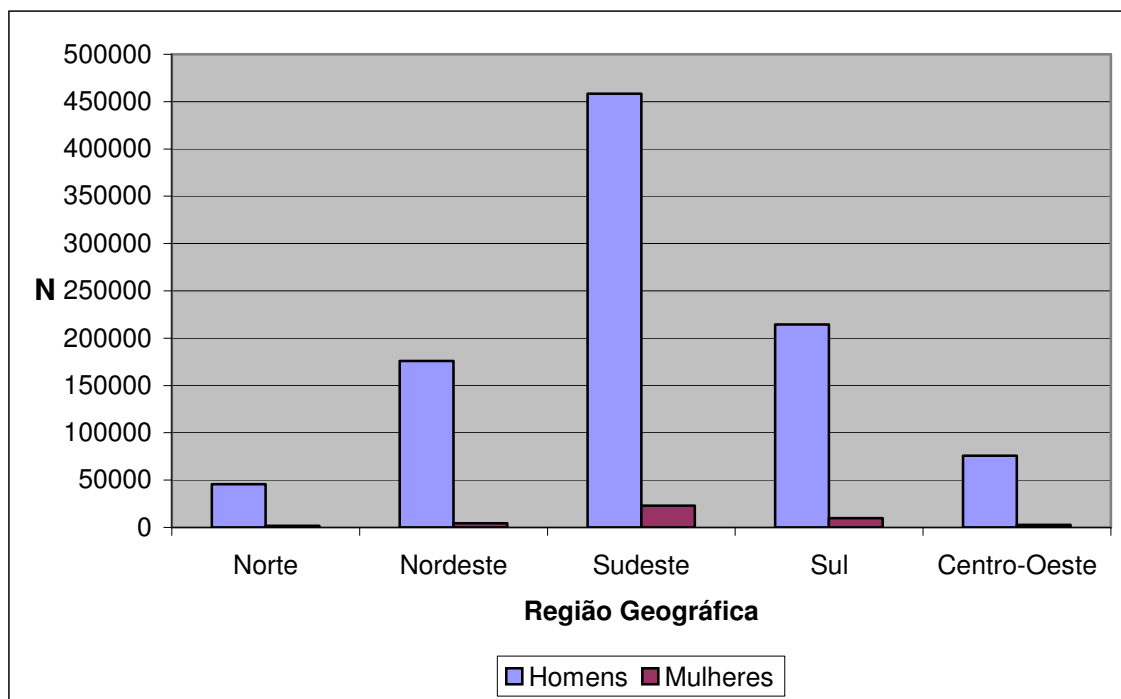
Seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (N)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (%)
9.1 Transporte terrestre	2.414.577	3,68
9.1.1 Transporte ferroviário	32.524	0,05
9.1.2 Transporte metroviário	7.729	0,01
9.1.3 Transporte rodoviário de carga - exceto de mudanças	1.012.216	1,54
9.1.4 Transporte rodoviário de mudanças	14.878	0,02
9.1.5 Transporte rodoviário de passageiros	1.253.001	1,91
9.1.6 Transporte em bondes, funiculares, teleféricos ou trens próprios para exploração de pontos turísticos	511	-

Seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (N)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (%)
9.1.7 Transporte dutoviário	1.413	0,002
9.1.8 Transporte terrestre – modalidade não especificada	92.304	0,14
<i>Total de pessoas trabalhando em todas seções</i>	<i>65.629.892</i>	<i>100,00</i>

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Tabela 2968.
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2968#nota>

As pesquisas com caminhoneiros indicam que se trata, globalmente, de uma profissão de homens e, portanto, de um universo eminentemente masculino. Os dados do IBGE confirmam que o Setor de Transportes Terrestres brasileiro é um universo masculino, sendo mais de 93% composto por homens, especialmente no transporte rodoviário de cargas (cf. Volume II, de anexos). A maior parte das pessoas envolvidas no transporte rodoviário de cargas ademais está nas regiões Sudeste e Sul do país (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Número de pessoas com mais de 10 anos de idade ocupadas na semana de referência no Setor de Transporte Rodoviário de Cargas (exceto mudanças) no Brasil, por Região Geográfica e por Sexo. Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Tabela 2968.



O contingente populacional expressivo que se encontra no setor de transporte rodoviário de cargas, por sua vez, engendra uma verdadeira indústria de serviços voltados para o caminhoneiro. Na presente pesquisa, os grandes postos de gasolina, locais de concentração de caminhoneiros, foram tomados como *settings*, espaços em que as pessoas se (re)conhecem mutuamente, mantendo códigos próprios de conduta daqueles contextos. Perceberemos que, no Rio Grande do Sul, há postos de gasolina com a oferta de serviços específicos, microempresas que agenciam o transporte de cargas, o comércio formal e informal de alimentos (indo desde o restaurante do motorista até o vendedor de sucos nas imediações das estradas), de bens de consumo (CDs de música, produtos de higiene pessoal, peças mecânicas), o comércio ilegal de medicamentos e de drogas lícitas e ilícitas, a venda de serviços voltados para a manutenção do caminhão (consertos mecânicos e

elétricos, de pneus, da lona do caminhão), além da oferta de serviços por profissionais do sexo.

Há características da atividade profissional do caminhoneiro que são comuns em diferentes países¹⁶: este é um trabalho executado com basicamente os mesmos instrumentos e técnicas, que requer bastante habilidade na direção. Esta é, globalmente, uma população com grande mobilidade (e com padrões bastante definidos de mobilidade, em função da sua organização em torno de rotas específicas), com permanência de períodos variáveis de tempo em trânsito, longe de casa, e longas jornadas diárias de trabalho¹⁷.

As condições de trabalho dos caminhoneiros também os colocam em situações de perigo – sendo os acidentes nas rodovias e os assaltos os principais deles – e em constante vigilância¹⁸; com frequência, são testemunhas de acidentes nas estradas envolvendo outras pessoas. São também condições de trabalho que podem implicar que as pessoas tenham sentimentos de isolamento e de solidão, numa perspectiva psicossocial. As condições de trabalho dos caminhoneiros podem ser consideradas, portanto, perigosas e estressantes. No campo da saúde coletiva, estudos revelam que os piores indicadores de saúde relativos à morbi-mortalidade dos homens estão associados a alguns comportamentos, como correr mais riscos e a relutância em buscar cuidados médicos, mesmo quando suspeitam que estão doentes ou feridos (JOHN OLIFFE and JOAN L. BOTTORFF, 2006: ; DANIELA RIVA KNAUTH, 1998: ; CERES VÍCTORA and DANIELA RIVA KNAUTH, 1999).

¹⁶ A bibliografia acerca dos caminhoneiros será mais bem discutida adiante.

¹⁷ Há também trabalhos indicando que esta população apresenta distúrbios relativos ao sono (J. C. SOUZA, et al., 2005: ; JOSÉ CARLOS SOUZA, 2004: ; F. M. FISCHER, 2004).

¹⁸ Há estudos especificamente sobre acidentes de trabalho com caminhoneiros no Brasil (por exemplo, (MARCELO FONSECA MONTEIRO DE SENA, 2005).

Uma pesquisa com caminhoneiros na região central do Brasil aponta ainda para a inserção dos caminhoneiros em “uma cultura de *dominação masculina*”, na qual o exercício da sexualidade está fortemente associado à virilidade e deve ser exposto no domínio do público (ELISABETH ANHEL FERRAZ, et al., 2005). Estudos com mineiros na África do Sul – também uma população de homens com grande mobilidade – salienta como atributos pessoais, valorizados num universo masculino, a bravura, a persistência e ser destemido (CATHERINE CAMPBELL, 2000: ; CATHERINE CAMPBELL, 1997); a literatura brasileira antropológica também menciona que usualmente faz parte da construção de uma identidade masculina o *desafio* (DANIELA RIVA KNAUTH, 1998: ; ONDINA FACHEL LEAL, 1992). Outro indicativo de virilidade, segundo Kimmel, é a violência, ou melhor, a disposição e o desejo de lutar (MICHAEL KIMMEL, 1997).

As masculinidades são construídas ao mesmo tempo em dois campos de relações de poder: nas relações de homens com mulheres e nas relações de homens com outros homens (MICHAEL KIMMEL, 1998). Já tive a oportunidade de discutir, em outro trabalho (ANDRÉA FACHEL LEAL, 2003), a construção da masculinidade, em um sistema de relações de gênero, por contraste à feminilidade. Nesse modelo, a masculinidade está ligada à *sexualidade* (MICHAEL KIMMEL, 1997). Em muitas sociedades latino-americanas, a ideologia masculina destaca a sexualidade, i.e. ser homem é ser essencialmente sexual ou parecer ser essencialmente sexual, desfrutando de sua sexualidade, manifestando-a, alardeando-a, sentindo-se orgulhoso dela e fazendo com que ela fique em evidência (RAFAEL LUIS RAMÍREZ, 1997). Também entre os homens que trabalham nas minas sul-africanas, há valorização de uma sexualidade “de macho”, i.e. um apetite

sexual insaciável que deseja múltiplas parcerias sexuais (CATHERINE CAMPBELL, 1997).

Em termos de saúde da população de caminhoneiros, em diferentes países é constatado também o consumo elevado de cigarros, de bebidas alcoólicas e de bebidas com cafeína, além do uso de anfetaminas, como o *rebite* (D. STRATFORD, et al., 2000: ; EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO, et al., 2007: ; R. LACERDA, et al., 1997: ; NORMAN HEARST, et al., 1999: ; REGINA LARCERDA, et al., 1996: ; OVANDIR ALVES SILVA, et al., 2003: ; M. UBAIDULLAH, 2004: ; ELISABETH ANHEL FERRAZ, et al., 2005). A análise do contexto em que estes sujeitos estão inseridos, quando transitam pelo Rio Grande do Sul, indica que o consumo de álcool e as relações sexuais podem ser considerados como as principais formas de lazer disponíveis, e de fácil acesso, para os caminhoneiros.

A semelhança do trabalho em diferentes localidades está relacionada a condições materiais que são bastante parecidas entre si e que, como veremos, podem implicar na coexistência de fatores que (1) tanto podem propiciar quanto diminuir as chances de sucesso de uma intervenção visando à promoção da saúde junto a esta categoria profissional, quanto (2) podem aumentar a vulnerabilidade dos caminhoneiros ao HIV/AIDS.

O tema do contexto em que estão inseridos os caminhoneiros estudados e, especialmente das semelhanças entre esses universos sociais e profissionais em diversos lugares do mundo, conduz-nos então ao terceiro tema que permeia esta pesquisa e que vem sendo discutido pela Antropologia: o processo cunhado pela expressão “globalização” e a relação entre o local e o global.

A cultura sexual do Outro

“a cultura é empregada para explicar, culpar, manter e ampliar banalidades relativas à saúde reprodutiva e sexual de homens” (MATTHEW GUTMANN, 2007: 9).

A dinâmica da construção colonial do Outro, e a percepção da Antropologia como a ciência que nasceu junto com o próprio colonialismo, tem sido extensivamente estudada por autores como Edward W. Said (1993: ; 1989), Talal Asad (1973: ; 1991), Arjun Appadurai (1990: ; 1996), Jean e John Comaroff (1991: ; ROSI BRAIDOTTI, 1994), James Clifford (1989) e George E. Marcus (JAMES CLIFFORD and GEORGE E. MARCUS, 1986); mais recentemente, ver também Clifford Geertz (2002) e John Gledhill (2000). Richard Parker resumiu bem essa dinâmica quando registrou:

“Não existe pecado abaixo do equador”, escreveu o historiador holandês Gaspar von Barlaeus em 1660, por ocasião do seu retorno da viagem ao Brasil (ver BARLAEUS, 1980; PARKER, 1991)¹⁹. Por quase quatro séculos – desde que o primeiro europeu descobriu o que se acreditava ser o Novo Mundo – imagens semelhantes de um mundo dividido, separado em universos morais distintos, norte e sul do equador, passaram a ser os tropos mais familiares da imaginação ocidental. E dentro desta visão moral mais ampla, a sexualidade se transformou em uma espécie de precedente máximo – um marcador fundamental da diferença em um sistema global de trocas simbólicas. Do mesmo modo que a raça, a sexualidade (abaixo e acima do equador) foi apresentada com elegância como um item especialmente importante no leque de imagens utilizadas para distinguir o Norte do Sul, o Primeiro Mundo do Terceiro Mundo, nações desenvolvidas de países em desenvolvimento. (RICHARD PARKER, 2002a: 15)

A presente pesquisa manteve como pano de fundo a especificidade e a contemporaneidade da epidemia global de HIV/AIDS, analisando ações de intervenção desenhadas por agências internacionais e nacionais; sobretudo, focará nessa *construção do outro* no contexto da *pandemia*.

¹⁹ Barlaeus e Parker, citados aqui por Parker:

BARLAEUS, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. Recife: Fundação de Cultura da Cidade de Recife, 1980

PARKER, Richard. Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil. Boston: Beacon, 1991.

Quando falamos em epidemia, no caso uma epidemia viral, o que interessa à Antropologia, e às Ciências Sociais em geral, é a sua dinâmica social, ou seja, os modos sociais de produção da doença, os contatos e interações sociais que potencialmente levam à doença, as formas com que é representada socialmente, além das estruturas sociais que podem tornar as pessoas mais ou menos vulneráveis à doença²⁰. Em se tratando, na epidemia de HIV/AIDS, de um vírus que se transmite através do sexo, e de uma doença que ainda não tem cura nem vacina, a sexualidade passa a ser o centro das atenções, especialmente o comportamento sexual. Esse processo em que os esforços de pesquisa e de intervenção recaem sobre a prevenção junto a atores sociais masculinos acaba por construir realidades sócio-sexuais que são nomeadas de *culturas sexuais*²¹.

A dinâmica da construção de “outros” epidemiológicos nas quase três décadas de epidemia da AIDS trouxe consigo a construção de uma alteridade cujo principal traço a qualificar um grupo foram práticas sexuais supostas, ou modos sociais de produzi-las e reproduzi-las. Inicialmente, forjando epidemiologicamente o conceito de *grupos de risco*, e representando a doença como a “praga gay” ou “câncer gay” (JANE GALVÃO, 2000). Depois, a idéia de *promiscuidade*, para além das identidades sexuais, centrou-se nas práticas sexuais, dando destaque para

²⁰ Didier Fassin e Anne-Jeanne Naudé, discutindo o envenenamento por chumbo entre crianças na França, revelam de que forma uma “epidemia” foi sendo construída, epidemiológica e socialmente (DIDIER FASSIN and ANNE-JEANNE NAUDÉ, 2004). Depois de “descobertos” os primeiros casos franceses, uma investigação revelou que 85% dos casos mais graves em Paris na década de 1980 foram com crianças que eram, em sua maioria, imigrantes da África Sub-Saariana. Os assistentes sociais e os médicos então passaram a ver o problema como sendo de “atitudes culturais”, num modelo explanatório que deixava de lado todos os aspectos socioeconômicos do problema da miséria e das condições de moradia dessas pessoas. Se por um lado este modelo sugeria que as famílias africanas não deveriam ser culpadas (e que era necessário uma compreensão de seus hábitos culturais), por outro as intervenções de saúde pública e de passaram a se centrar na educação para promover mudanças de comportamento – e não em mudanças sobre os alojamentos insalubres em que as pessoas encontravam-se, ou sua miséria, ou na sua condição de imigrantes ilegais.

²¹ A respeito da discussão de cultura sexual no contexto brasileiro, ver em particular (RICHARD G. PARKER, 1989; ; RICHARD PARKER, (ORG.) and REGINA MARIA BARBOSA, (ORG.), 1996; ; RICHARD PARKER, 2002a; ; RICHARD PARKER, 1991)

prostitutas, travestis e michês, e no número de parceiros sexuais; outros grupos foram incluídos nos grupos de risco, também por suas práticas, como os usuários de drogas em geral e em especial os usuários de drogas injetáveis (DANIELA RIVA KNAUTH, 1998: ; CERES VÍCTORA and DANIELA RIVA KNAUTH, 1999). À medida que a epidemia vai tomando novos contornos, como sua feminização e pauperização, novos constructos e configurações sociais entram na agenda.

Concomitantemente com a disseminação da epidemia em escala global, os Estados Nacionais e as áreas geográficas, inicialmente tratados como contextos, passam a ser pensados como territórios políticos geradores de práticas, ora como conformações culturais ora como conformações políticas geradoras de práticas, fundamentalmente práticas sexuais. Na esteira da ampla difusão do termo “cultura”, de um modo geral, a expressão *cultura sexual* passa a fazer parte da agenda sanitária global. Segundo Marshall Sahlins²²,

[O] termo “cultura” está em liquidação. Ele é usado para categorias e grupos sociais de todo tipo e qualidade. Fala-se de cultura em relação a praticamente qualquer categoria definível (a “cultura dos viciados em drogas”, “cultura dos adolescentes”, etc.), a qualquer tipo de atividade (“cultura do surfe”, “cultura da autobiografia”), e, é claro, a qualquer tipo de grupo (“a cultura empresarial”, a “cultura universitária”, a “cultura da fábrica de charutos”). A palavra substituiu “ethos” (costumávamos falar em “ethos universitário” ou no “ethos dos adeptos da musculação”) ou “psicologia” (como em “a psicologia em Washington D.C.” ou “a psicologia da Guerra Fria”). (MARSHALL SAHLINS, 1997a: 65)

O fazer antropológico, em particular a Antropologia Médica, assume um papel destacado nesse processo dentro do campo da saúde pública internacional.

²² A este respeito, ver também Sidney W. Mintz: os “não-antropólogos descobriram a utilidade do termo “cultura” para descreverem praticamente tudo [...] Agora nós temos a cultura de fábricas e de empresas, a cultura política, a cultura do Congresso Nacional, a cultura de times de futebol e de ginásios, guerras culturais, e assim por diante. O esvaziamento deste conceito central – fazer com que o termo “cultura” seja sinônimo de “algum lugar onde alguém faz alguma coisa” – coloca questões fundamentais para o estudante que pretende se tornar um etnógrafo.” (SIDNEY W. MINTZ, 2000: 177).

O caso da África, onde tantos estudos clássicos da Antropologia foram elaborados e onde atualmente a epidemia de HIV/AIDS atinge proporções catastróficas, passa a ser então, em termos de políticas globais de saúde, um paradigma de ação para o mundo. O fascínio que o continente africano, a um só tempo distante e acessível para um contingente variado de europeus (que incluiu missionários, agentes administrativos coloniais e antropólogos) sem dúvida foi um fator importante na compilação de relatos etnocêntricos, no século XIX e no princípio do século XX, sobre práticas “exóticas” como a poligamia, a herança de viúvas, as mutilações e as modificações corporais, inclusive da genitália²³. Quentin Gausset (2001) explica que assim se construiu a figura de um homem africano genérico que era sexualmente insaciável, selvagem ou imoral.

Segundo Didier Fassin, a expressão *anestesia política* descreve uma sensação de que simplesmente não nos toca uma necessidade de saber mais do que já sabemos:

Todos já lemos ou ouvimos falar em algum lugar que a AIDS na África do Sul é um problema de comportamentos sexuais ou de crenças peculiares, como a crença freqüentemente citada de que estuprar uma moça virgem irá purificar o estuprador. [...] A informação fragmentada que recebemos de um alhures absoluto é suficiente para nós porque confirma a nossa idéia de que as culturas são incomunicáveis e, mais radicalmente, que os mundos sociais são incomensuráveis. Claramente não compartilhamos com estes outros representações nem valores. Podemos, portanto, desistir de tentar entendê-los. Eles são ininteligíveis – exceto, talvez, para antropólogos, para

²³ Há sociedades no continente africano em que a poligamia é uma prática histórica e ainda corrente; ela envolve usualmente o casamento de um homem com várias mulheres. A prática da “herança” de viúvas é descrita neste contexto, pois seria o costume tradicional de um homem “herdar” a esposa de seu irmão quando este último morre; a nova configuração familiar garantiria o sustento da família depois da morte do homem (em sociedades em que as mulheres muitas vezes não têm renda própria). Da perspectiva da saúde coletiva, esta prática é considerada problemática uma vez que o primeiro marido pode ter falecido de complicações decorrentes da AIDS, tornando provável que a mulher, agora viúva, tenha soroconvertido (HIV+) e que venha a transmitir o vírus HIV para o novo marido (antigo cunhado). As modificações corporais tradicionais descritas para diversos povos na África envolvem também escarificações, que podem ser feitas de forma ritualística com um mesmo instrumento cortante; em particular, as práticas de modificações corporais que envolvem a incisão parcial ou total do clitóris e/ou dos grandes lábios, ou a infibulação, ou ainda a circuncisão masculina, são bastante contestadas e debatidas globalmente por grupos diversos (como feministas, ativistas do campo da AIDS, ativistas de direitos humanos, entre outros).

quem nos voltamos quando buscamos uma interpretação da esquisitice exótica e da selvageria remota. Na tensão, descrita por Zygmunt Bauman [1], entre “a elite global” e “o resto cada vez mais localizado”, não há desigualdade mais perturbadora do que aquela através da qual decidimos o que é interessante e o que não é interessante, quem ainda consegue nos interessar e quem não nos interessa mais. (DIDIER FASSIN, 2007: XIII)

A chamada “sexualidade africana” era observada, examinada e analisada apenas na medida em que fosse diferente das crenças e práticas sexuais dos pesquisadores não-africanos (IAN E. A. YEBOAH, 2007); de onde se concluiria que esses africanos, opostos em tudo aos europeus, só poderiam estar numa posição diferente – a subalterna, de colonizados. No final do século XX, quando a Antropologia já debateu, refletiu e criticou seu papel no processo de colonização, esperaríamos encontrar estudos sobre a sexualidade menos motivados pelo exotismo ou uma etnoerótica.

Contudo, resta bastante difundida, ainda, a idéia de que a epidemia da AIDS na África tornou-se um imenso problema, e que se perpetua, em função de “práticas culturais africanas” (QUENTIN GAUSSET, 2001). Constatada uma diferença inicial no perfil da epidemia de AIDS no continente africano com relação à América do Norte ou à Europa, restava investigar e explicar os diferentes elementos da cultura e da sexualidade da África. O próximo passo era combater a própria cultura e sexualidade africanas, descontextualizadas das condições históricas, sociais, políticas e econômicas dos diferentes países que perfazem a África. A esse respeito, Parker e Camargo, revisando pesquisas sobre a epidemia de HIV/AIDS, pobreza e subdesenvolvimento na literatura internacional²⁴, afirmam que

A análise feita por Schoepf de histórias de vida de mulheres no Zaire também evidencia que o HIV não é disseminado por práticas sexuais exóticas, mas por respostas normais a problemas do cotidiano, tais como

²⁴ A esse respeito, ver também (R. G. PARKER, et al., 2000) e (CHARLES KLEIN, et al., 2002).

dificuldades econômicas substanciais e incerteza (Schoepf, 1992b)²⁵.
(RICHARD PARKER and KENNETH ROCHEL DE CAMARGO, JR., 2000:
95)

Para Julie Taylor, a “cultura” parece ser entendida pelos epidemiologistas como um problema, algo que pode *comprometer* uma intervenção, enquanto é tomada por antropólogos médicos como algo que pode potencialmente *auxiliar* uma intervenção; a cultura já foi descrita como sendo tanto a causa, quanto a solução, para a epidemia de AIDS (JULIE J. TAYLOR, 2007).

A “cultura sexual” do Outro é algo a ser investigado, explicado e modificado. Mesmo quando se trata de um Outro menos exótico, também encontramos na literatura acerca dos *caminhoneiros* a idéia de que esse Outro tem uma sexualidade peculiar que o torna especialmente vulnerável para o HIV. Mais adiante neste trabalho, será apresentada a literatura internacional e nacional sobre caminhoneiros e HIV/AIDS, especialmente do campo da Saúde Pública, quando teremos oportunidade de detalhar os trabalhos que partem, mais ou menos explicitamente, da idéia de que este grupo constitui uma comunidade, é bastante homogêneo e tem uma cultura – em particular, uma “cultura sexual” – própria.

Os caminhoneiros que circulam pelo Sul do Brasil com certeza não podem ser considerados tão diferentes ou exóticos quanto aqueles povos que vivem em terras distantes além-mar, que até mesmo acreditam em feitiçaria. Aqui, importa salientar que as explicações para um fenômeno como a disseminação de um vírus numa epidemia constituem, em suas narrativas técnico-científicas ou jornalísticas, um “Outro”, identificado como uma ameaça. Assim observa-se que os textos científicos sobre os caminhoneiros não se detêm sobre rituais ou tradições exóticas, mas com

²⁵ A referência citada por Parker é SCHOEPF, B. G., 1992. Women at risk: Case studies from Zaire. In: *The Time of AIDS: Social Analysis, Theory and Method* (G. Herdt & S. Lindenbaum, eds.), pp. 259-286, Beverly Hills: Sage Publications.

freqüência descrevem esse grupo profissional como “uma população ponte” para a epidemia.

A idéia de uma população ponte parte de algumas suposições: a primeira é a de que uma doença está primeiramente concentrada em grupos específicos – uma população de uma região geográfica ou um grupo de pessoas com uma determinada prática ou estilo de vida. Assim, exemplificativamente, uma doença como a cólera estaria inicialmente concentrada em regiões geográficas específicas, como regiões urbanas sem saneamento básico, uma doença como a hepatite C poderia estar concentrada em grupos como usuários de drogas injetáveis, uma doença como a AIDS poderia estar concentrada em grupos como o de prostitutas. A segunda suposição é a de que a doença poderia romper as fronteiras de grupos minoritários em que está concentrada e passar para a população em geral, tornando-se uma epidemia (ou, no caso da AIDS, uma pandemia), a partir de algumas circunstâncias. As infecções sexualmente transmissíveis, em particular, deixariam de estar concentradas em grupos minoritários com comportamentos considerados desviantes – como ter múltiplas parcerias sexuais ou fazer sexo anal – e passariam para a população como um todo, através de algumas populações que fariam a “ponte” entre as minorias e a maioria²⁶. Segundo a UNAIDS,

Algumas populações podem aumentar a transmissão de HIV num contexto determinado e espalhar o HIV para a população em geral – são as populações como os/as parceiros/as sexuais de usuários de drogas injetáveis, os clientes de profissionais do sexo (incluindo motoristas de caminhão, pessoal servindo nas Forças Armadas, populações com grande mobilidade e trabalhadores alocados longe de casa), os parceiros sexuais

²⁶ Estas duas suposições são a base de soluções históricas bem conhecidas no campo da saúde pública, como o confinamento e o isolamento de pacientes. A prática foi amplamente difundida no caso da tuberculose e da hanseníase há mais tempo, quando da construção, por exemplo, de casas para tuberculosos e de leprosários; no início da epidemia de AIDS, a política de isolamento físico de pacientes foi adotada em Cuba (R. G. PARKER, et al., 2000). Ainda hoje, existem doenças e infecções que podem implicar na “quarentena” de pacientes, em diversos países, i.e. no seu isolamento por um período de no mínimo quarenta dias, dentro de uma instituição de saúde, como um hospital.

regulares de profissionais do sexo, as parceiras sexuais de homens que têm sexo com outros homens e outras mulheres. (UNAIDS, 2007b: 56)

A antropóloga Brooke Grundfest Schoepf, ao fazer um apanhado histórico e social sobre a epidemia de AIDS, explica que

Já era 1991, e alguns médicos de agências de desenvolvimento continuavam ainda afirmando que a epidemia heterossexual poderia ser contida com informações modernas de saúde pública e campanhas de preservativos direcionadas para “grupos de alto risco”. Estes grupos eram profissionais do sexo e seus clientes, e homens de classes trabalhadoras, como caminhoneiros de rota longa, pescadores e trabalhadores migrantes, que passam longos períodos longe de suas famílias. Chamados de “transmissores nucleares” [*core transmitters*] porque têm múltiplas parcerias sexuais, estes eram os alvos de ações educativas que enfatizavam relações sexuais protegidas com o uso do condom com parcerias casuais. Não se endereçavam as condições econômicas que impulsionam o trabalho sexual, a migração e a separação da família. Tampouco se reconhecia que as pessoas tendem a redefinir as suas relações na medida em que passam a se conhecerem, de modo que as categorias de “prostituta” e de “parceiro eventual” podem não se aplicar, mesmo quando há trocas de presentes como bens ou dinheiro. Ignorava-se a responsabilidade de homens que regozijavam-se inteiramente com o “tríplice da masculinidade”, a sua riqueza, o seu poder e seu renome, que lhes dava acesso a muitas mulheres, enquanto homens e mulheres de camadas trabalhadoras, e os pobres, eram estigmatizados como sendo “promíscuos”. (BROOKE GRUNDFEST SCHOEPF, 2007: 42-43)

Os caminhoneiros e as prostitutas são descritos como “populações ponte” em função de suas múltiplas parcerias sexuais. A idéia de que os caminhoneiros são uma população “ponte” é tão disseminada, que merece menção aqui um trecho de diário de campo:

Na minha circulação diária pelos postos, já sou figura conhecida. Alguns agentes das agências transportadoras são bastante simpáticos. Chama a atenção que em lugares tão distantes eu ouvi praticamente a mesma pergunta: se a pesquisa era sobre os caminhoneiros serem os responsáveis pela interiorização da epidemia de AIDS. Primeiro, em Rio Grande, um rapaz da agência me abordou; depois, em Porto Alegre, um dos representantes das empresas [transportadoras] perguntou a um dos assistentes se a pesquisa era para “provar que os caminhoneiros são os que espalham o vírus da AIDS”. Ao mesmo tempo, ouço dos caminhoneiros dois tipos de falas sobre isto: há aqueles que dizem que esta é uma “raça que não toma jeito”, que não adianta, eles “não mudam” e, depois, aqueles que se queixam, lamentando que os caminhoneiros são (injustamente) “culpados de tudo”. [Diário de Campo, janeiro de 2006]

A política de combate ao HIV/AIDS amplamente promovida pelo governo dos Estados Unidos nos últimos anos, especialmente na África, tem como objetivo erradicar certas práticas vistas como culturais e costumes tidos como tradicionais, visto que estes atuam como barreiras na prevenção e combate à epidemia. É evidente que algumas práticas tradicionais podem agravar a epidemia, porém parece imprescindível discutir, antes de tudo, como torná-las mais seguras.

Conforme será discutido ao longo deste trabalho, no Brasil, o PN/AIDS vem buscando formular políticas que promovam intervenções comunitárias. Tal esforço pode ser observado, primeiramente, na adoção por parte do PN/AIDS da concepção de vulnerabilidade individual, coletiva e social para a infecção pelo HIV, em oposição ao risco – tipicamente percebido em termos de comportamento individual. Iara Guerriero explica que

Entre os aspectos individuais, podemos mencionar o fato de que cada indivíduo pode ter, ou não, informações precisas e corretas sobre a transmissão do HIV e sobre as maneiras de prevenir a sua infecção. A habilidade individual de colocar o preservativo corretamente e de negociar o seu uso com seu/sua parceiro/a. Diretamente relacionados a este fato estão os aspectos programáticos: a existência, ou não, de serviços de saúde adequados que educam as pessoas, que distribuem preservativos; também o acesso a estes serviços pelo público. Note-se a interação entre os aspectos individuais e os programáticos: para ter informações sobre HIV – a sua transmissão e a sua prevenção – as pessoas precisam de instituições que trabalhem no sentido de tornar todas estas informações públicas. Os indivíduos que têm acesso a esses serviços são menos vulneráveis ao HIV. A estas questões, somam-se ainda os aspectos sociais: quais são as chances de uma mulher negociar com o seu parceiro que ele use o preservativo? Quais são as chances de que um homem irá usar um preservativo se ele associar o uso do preservativo com a perda de ereção? [...] Ilustra-se assim a importância das relações de gênero na vulnerabilidade a HIV/AIDS. Outros fatores sociais também são influentes aqui: o status socioeconômico, a religião e o grau de escolaridade, entre outros. (IARA COELHO Z. GUERRIERO, 2004: 1-2)

O PN/AIDS vem concebendo a vulnerabilidade e a AIDS como diretamente relacionadas ao contexto social e também a questões de violação de direitos humanos (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2001). De maneira mais

recente, observa-se também o uso, por parte do PN/AIDS, de expressões como direitos sexuais e direitos reprodutivos, a partir de um marco teórico dos direitos humanos – certamente com base em modelos mais holistas sobre a promoção da saúde.

A antropóloga Lila Abu-Lughod compara estudos etnográficos do “Ocidente” e do “Oriente”, argumentando contra a reificação de culturas; ela explica que qualquer forma de essencialização ou reificação da cultura nas representações sócio-científicas que se fazem dos “nossos mundos sócio-culturais” é contrastada por “discursos de familiaridade” (LILA ABU-LUGHOD, 2000):

Nós sabemos que todos são diferentes, que as pessoas são confusas, que a vida é complicada, emotiva e incerta. Este contra-discurso usualmente não existe para nós com respeito a comunidades distantes, onde talvez tudo o que tenhamos seja a análise sociocientífica, a descrição etnográfica, a eterna fotografia etnográfica, sem mencionar o racismo popular e a dominação política. Eu argumentei que esta ausência de contra-discursos produz e reforça um sentido de diferença e de distância. (LILA ABU-LUGHOD, 2000: 263)

Para Didier Fassin e Anne-Jeanne Naudé, o “culturalismo pragmático” define-se como uma teoria de senso comum que essencializa a cultura e que enfatiza a compreensão da realidade social de sobremaneira por seus aspectos culturais.

O culturalismo pragmático é socialmente eficaz, especialmente no campo da saúde e da medicina, em primeiro lugar porque reveste de uma forma aceitável preconceitos contra outros (retirando a culpa de indivíduos e colocando-a sobre conceitos abstratos de origens e tradições) e, em segundo lugar, porque evita que se dê uma perspectiva política aos problemas sociais (transformando questões de igualdade em questões de educação). (DIDIER FASSIN and ANNE-JEANNE NAUDÉ, 2004: 1859)

No caso dos caminhoneiros, há uma proximidade relativa deles com relação ao universo sociocultural ocidental, que permitiu que não fossem tomados inicialmente como uma comunidade inteiramente exótica e distante, mas que se

imaginasse, desde o princípio, que era preciso compreender esse universo social e pensar em formas de tornar suas práticas mais seguras (o que é positivo)²⁷.

Uma pesquisa antropológica sobre a construção social da vulnerabilidade de um grupo de pessoas – os caminhoneiros – deve então examinar o universo social e simbólico no qual estão inseridos, além dos discursos que embasam a formulação e a execução de ações voltadas para esse grupo, por parte de agências governamentais e Organizações Não Governamentais. Esta pesquisa não pode tampouco ignorar resultados importantes acerca de fatores associados à maior chance de infecção por HIV, oriundos de estudos com outra abordagem, mais centrada na perspectiva individual.

Corre-se o risco de reificar uma “cultura caminhoneira” – em particular, uma cultura sexual dos caminhoneiros –, isto é, de se representar as pessoas que participam de um grupo social como partícipes de algo coerente, um todo, diferente de “nós”, com existência como de um objeto (LILA ABU-LUGHOD, 2000). Sem atentar para as diferentes dimensões de análise possível, observaremos apenas um indivíduo mergulhado numa cultura que o sobrepuja.

É preciso primeiro discutir de que maneira se poderiam pensar os caminhoneiros como um grupo ou uma comunidade, o que compartilham, para também compreender suas práticas e examinar a sexualidade, sempre de forma contextualizada. Há problemas relativos à epidemia de AIDS que transcendem indivíduos e também grupos sociais: são problemas de desigualdades sociais e econômicas, de falta de acesso a serviços e informações, de ausência de insumos e de medicamentos. Cabe a este estudo – antropológico – situar o seu objeto, a

²⁷ A proximidade aqui é relativa se levarmos em conta o exemplo inicial das práticas e tradições de povos considerados “exóticos” e “distantes”, como grupos étnicos situados em outros continentes.

questão da vulnerabilidade dos caminhoneiros ao HIV/AIDS, com relação também a essas outras dimensões.

O estudo antropológico de uma política pública ou de um programa

Nesta seção final, reviso a relação entre o estudo de políticas públicas e as Ciências Sociais de modo geral no intuito de, em seguida, discutir as especificidades de um estudo propriamente antropológico de uma política ou de um programa.

Apesar da participação grande e contínua de antropólogos na elaboração e na efetivação de diversas políticas públicas – o que valeu, especialmente aos antropólogos britânicos e franceses na primeira metade do século XX, críticas de cunho moral e político –, poucos são os trabalhos antropológicos que tomaram para si, enquanto objeto de estudo, as políticas públicas. Ainda há poucos estudos antropológicos dessa temática (SARAH HORTON and LOUISE LAMPHERE, 2006: ; ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004), quiçá por uma certa tendência de se pensar o domínio de políticas e programas públicos como estando fora do escopo da disciplina.

Os primeiros antropólogos que realizaram trabalho de campo, na Melanésia e depois na África e na América Latina, foram mais tarde duramente criticados por sua participação em um regime colonialista e imperialista. A participação de antropólogos nas políticas desenvolvidas por Estados foi também observada no regime de Apartheid, na África do Sul, na reformulação da administração colonial francesa, nos estudos desenvolvidos pela escola norte-americana de Cultura e Personalidade no período da Segunda Guerra Mundial, nas políticas voltadas para populações indígenas em diversos países da América Latina, incluindo disputas por

acesso à terra no Brasil, e nos programas de desenvolvimento e de erradicação de pobreza também na América Latina (BENOIT DE L'ESTOILLE, et al., 2002).

Em defesa moral dos antropólogos, há relatos de que tais cientistas estariam distantes hoje em dia da formulação propriamente dita de políticas e manteriam, com freqüência, uma relação bastante conflituosa com os seus formuladores. Segundo Sahlins, entre as ameaças contemporâneas ao conceito de cultura, estaria a suspeita moral levantada contra o conceito, “apoiada numa historiografia do tipo ‘pecado original’” (MARSHALL SAHLINS, 1997a: 42); o conceito de cultura seria

um tropo ideológico do colonialismo: ela seria um modo intelectual de controle que teria como efeito ‘encarcerar’ os povos periféricos em seus espaços de sujeição, separando-os permanentemente da metrópole ocidental progressista. [...] O indiciamento da cultura por sua alegada cumplicidade em alguns dos principais crimes da história moderna se apóia em certos arrazoados teóricos duvidosos. A cultura é submetida a um duplo empobrecimento conceitual: reduz-se a um propósito funcional particular – marcar a diferença – e constrói-se, a partir daí, uma rápida história de suas origens impuras nas entranhas do colonialismo ou do capitalismo. (MARSHALL SAHLINS, 1997a: 43)

Além disso, não nos esqueçamos de que as conclusões e as recomendações formuladas por antropólogos – empregados ou não por agências governamentais – podem ser ignoradas por órgãos estatais ou agências internacionais, por não corresponderem a uma compreensão do que seja politicamente útil. De maneira mais recente, a Antropologia Aplicada tem contribuído para políticas sociais, fornecendo informações que auxiliam na tomada de decisões, na formulação de programas, códigos e leis, bem como na promoção de mudanças visando políticas mais eficazes – o que pode ser observado na participação importante dos antropólogos no reconhecimento dos direitos dos índios quando da elaboração da Constituição Federal de 1988.

São também ainda raras as análises sociológicas acerca das relações entre a produção de conhecimento (científico) a respeito de grupos sociais e a

administração (governamental) de grupos populacionais identificados²⁸. Os antropólogos muitas vezes são considerados, além de “intérpretes”, também “mediadores” das relações entre o grupo estudado e os demais – e em alguns casos, os antropólogos se auto-atribuem o papel de porta-vozes dos “nativos”, nas relações desses com órgãos públicos, com agências internacionais, com partidos políticos ou com Organizações Não Governamentais. Todavia, atualmente, os antropólogos não podem ser pensados como os únicos “mediadores”: entraram em cena sociólogos, psicólogos, economistas, cientistas políticos, juristas, médicos e advogados, disputando, por exemplo, o monopólio do conhecimento científico acerca daquele grupo social, assim como participam dessa disputa também religiosos, militantes políticos, sindicalistas, organizações indígenas, organizações de base comunitária, entre outros. O que está em jogo, também, em todos esses casos, é a formulação de um problema social que requer uma resposta do Estado.

As políticas públicas constituem programas elaborados por um governo, com o objetivo de realizar uma intervenção na vida social. Sendo assim, as políticas públicas usualmente seguem por um processo que envolve a sua fundamentação e justificativa, o seu planejamento, a sua efetivação ou execução e, finalmente, o seu monitoramento e avaliação. Um aspecto importante das políticas públicas, salientado por Pecheny (2004), é que essas são expressões oficiais da opinião (explícita ou implícita) do Estado sobre uma questão discutível ou controversa²⁹.

²⁸ Além disso, conforme L’Estoile et al (2002: 18), “No caso da antropologia, a identidade profissional hoje dominante em muitos espaços tende a valorizar (...) o ideal da autonomia com relação ao estado e seus órgãos, o que leva à minimização da existência de relações com o mundo da política, ou tratá-las apenas como desvios a serem eliminados no processo de produção da teoria.” (BENOIT DE L’ESTOILLE, et al., 2002: 18).

²⁹ O autor toma como exemplo de questão controversa a homossexualidade, e exemplifica de que forma o Estado pode expressar opiniões implícitas positivas ou negativas a este respeito. O Estado expressa uma opinião *positiva* de maneira implícita quando inclui na formulação ou execução de suas políticas de prevenção a HIV/AIDS atores sociais que são homossexuais, mas expressa também

Uma política pública é, portanto, uma forma de intervenção baseada numa concepção estatal específica acerca de uma questão, uma resposta a um problema social; uma condição necessária, portanto, para sua existência é que seja incluída na agenda pública ou política³⁰.

Uma das características essenciais do Estado moderno é justamente a efetivação de políticas e de programas norteados por estas políticas³¹, para proteger e promover a saúde do corpo político (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004). A biopolítica é definida como “aquelas tecnologias governamentais do soberano para proteger o bem-estar, a saúde e, em última instância, a vida de seus sujeitos” por Didier Fassin (DIDIER FASSIN: xx). A formulação e a efetivação de políticas de saúde dependem de vários fatores, sendo a preocupação com a saúde coletiva apenas um destes. Políticas de saúde são formuladas e executadas em um universo onde convivem interesses sociais diferentes, gêneros desiguais, classes sociais com objetivos políticos diversos, em que estão presentes relações de poder entre atores sociais. Políticas de saúde podem reproduzir desigualdades sociais que têm suas raízes em processos históricos e econômicos.

O termo política de forma geral refere-se a “princípios e linhas mestras efetivadas por instituições sociais com a intenção de dar um rumo para as ações” (ARACHU CASTRO and MERRILL SINGER, 2004). Uma política de saúde diz respeito, portanto, a princípios formalizados e codificados que norteiam ações no campo da saúde, ou ainda, a ações programáticas relativas à saúde que refletem

implicitamente uma opinião *negativa* quando efetiva políticas sociais que protegem apenas casais ou famílias heterossexuais (MARIO PECHENY, 2004: 15).

³⁰ Os debates em torno do acesso à saúde, no Brasil, foram capitais na fomentação das políticas públicas de HIV/AIDS, incluindo a distribuição universal e gratuita da Terapia Anti-Retroviral (TARV).

³¹ A formulação de uma política de saúde, contudo, não é exclusividade de um Estado: estas são também formuladas por organizações internacionais (como a Organização Mundial de Saúde), organizações para o desenvolvimento (como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional) e trabalhadores do campo da saúde (como médicos, enfermeiros e técnicos).

tais princípios codificados (tal definição abarca também uma política que pode ser implícita). Com essa definição ampla de política, pode-se também nomear como política de saúde aquela política ou programa que, embora tendo explicitamente um outro objetivo que não a saúde, tenha um impacto direto sobre a saúde – como pode ser o caso de políticas voltadas para a distribuição de riqueza ou para o desenvolvimento, ou para a educação, por exemplo.

Deve-se salientar que estudos antropológicos nacionais que tivessem como objeto políticas públicas de saúde são raríssimos. O estudo que foi conduzido no Brasil, sobre a política brasileira de distribuição de tratamento anti-retroviral e de casas de apoio a pessoas vivendo com HIV ou AIDS, elaborado pelo colombiano César Ernesto Abadía-Barrero, merece destaque. No âmbito da Antropologia Médica, Abadia-Barrero realizou seu doutorado na Universidade de Harvard (EUA), tendo publicado no Brasil e nos Estados Unidos (CÉSAR ERNESTO ABADÍA-BARRERO, 2002: ; CÉSAR ERNESTO ABADÍA-BARRERO, 2004: ; CÉSAR ERNESTO ABADÍA-BARRERO and ARACHU CASTRO, 2006).

Dentre as publicações antropológicas brasileiras, observa-se que os estudos que tratam de políticas públicas centram-se em questões indígenas ou de afro-descendentes, tratando assim de políticas lingüísticas, de políticas de distribuição de territórios (a demarcação de territórios para reservas indígenas ou para quilombos), ou ainda de políticas que incidem sobre ou promovem uma identidade étnica; muitas vezes ligados a questões indígenas, é possível encontrar ainda estudos acerca do meio-ambiente que mencionam políticas ecológicas (MICHAEL R. REDCLIFT, 2006: ; PAUL ELLIOT LITTLE, 2006: ; BRUNO CÉSAR CAVALCANTI and RACHEL ROCHA DE ALMEIDA BARROS, 2006). Também foi possível encontrar textos de

antropólogos discutindo políticas públicas para crianças (CLAUDIA LEE WILLIAMS FONSECA, 2006) e jovens (REGINA NOVAES, 2007).

Ao examinar a construção social da vulnerabilidade dos caminhoneiros para HIV/AIDS, a presente pesquisa está inserida no campo da Antropologia das Políticas Públicas de Saúde. Parte-se da visão da agência governamental, o PN/AIDS, e de uma política específica executada por esta agência, a saber, o repasse de recursos diretamente a Organizações Não Governamentais, na forma de financiamento de projetos, para que elas executem ações de prevenção, assistência, intervenção, ou assessoria no campo da AIDS voltadas para a população de caminhoneiros.

A análise dos dados relativos às ONGs e aos seus projetos demonstra a necessidade de compreendê-las em seus devidos contextos, isto é, dentro de um modelo específico de parceria público-privado que, por sua vez, engendra relações tensas entre as entidades – que podem ser de cooperação, de concorrência, de competição ou de crítica – entre as próprias ONGs e entre as ONGs e o Estado. Dessa forma, há uma tensão presente na própria elaboração das medidas que podem ser empregadas para mensurar o sucesso de um projeto de uma ONG.

Em um extremo, situar-se-ia um modelo de avaliação que toma a ONG como uma “empresa social” e parte de uma análise de custo-benefício, que visa coletar informações para decidir sobre a re-alocação de recursos. Na outra ponta, está a ausência de qualquer processo de monitoramento (conseqüentemente, não há indicador). A busca por padrões e indicadores que sejam significativos e importantes, tanto para os financiadores quanto para os integrantes de ONGs, poderia partir de uma compreensão realista de como acontecem os processos internos das organizações, do que é possível (ou não) registrar e do que é mensurável em termos de resultados, e do impacto, de um projeto. Nesta pesquisa,

depreende-se uma forma de avaliação qualitativa das ações de ONGs no Rio Grande do Sul, a partir de uma pesquisa etnográfica que revela a compreensão de caminhoneiros – eleitos como “população-alvo” de projetos de ONGs – sobre as intervenções levadas a cabo.

2 – Dos caminhos percorridos: a metodologia

Assim, dentro do ecúmeno global, existem muitas formas novas de vida [...]: formas sincréticas, translocais, multiculturais e neotradicionais, em grande parte desconhecidas de uma antropologia demasiadamente tradicional. Do mesmo modo, as técnicas para se compreender as culturas classicamente estudadas pela antropologia não possuem uma relevância eterna. À luz das transformações históricas globais, a crítica pós-modernista da etnografia tem uma certa pertinência. Mas seu corolário não é o fim da “cultura”, e sim que a “cultura” assumiu uma variedade de novas configurações, e que nela agora cabe uma porção de coisas que escapam ao nosso sempre demasiado lento entendimento. Em lugar de celebrar (ou lamentar) a morte da “cultura”, portanto, a antropologia deveria aproveitar a oportunidade para se renovar, descobrindo padrões inéditos de cultura humana. (MARSHALL SAHLINS, 1997a)

Ao descrever e explicitar as escolhas metodológicas da pesquisa, esboça-se um mapa dos caminhos percorridos durante o processo de investigação antropológica: a construção do problema, a entrada em campo e a coleta e elaboração do dado. Para além do tema da tese, envolvendo motoristas de caminhão, a analogia para as escolhas metodológicas com as rotas percorridas é importante porque, como se verá neste capítulo, as localidades, os espaços físicos e os espaços sociais onde a pesquisa foi desenvolvida foram determinantes para o percurso investigativo escolhido.

Entre os antropólogos contemporâneos, tanto aqueles de uma geração mais antiga (como Sahlins e Geertz), quanto aqueles de uma geração mais jovem (como Marcus), há uma discussão acerca das implicações para a Antropologia e, em particular, para a etnografia (e o trabalho de campo), das mudanças sociais, políticas e econômicas que vêm ocorrendo – antes sintetizadas pela expressão pós-modernidade e, mais atualmente, pela expressão processo de globalização. Conforme foi discutido, a globalização vem sendo amplamente pensada no plano teórico da Antropologia. Veremos também que tais discussões conceituais têm

implicações sobre o fazer antropológico: a etnografia, o trabalho de campo, a coleta de dados.

Sidney Mintz afirma explicitamente que, na contemporaneidade, o movimento das pessoas (mais pessoas se movem, a distâncias maiores, e com mais frequência) criou a necessidade para os etnógrafos de que estes desenvolvam novas técnicas para estudar essas pessoas, especialmente se elas passam a maior parte do tempo se movendo ou se elas vivem alternadamente em duas ou mais localidades culturais (SIDNEY W. MINTZ, 2000). Uma etnografia, então, de caminhoneiros – pessoas que passam a maior parte do tempo em movimento – enquadra-se num estudo que requer novas técnicas de investigação³². O objeto desta tese envolve também a etnografia de caminhoneiros e daí a necessidade de se discutirem as técnicas empregadas para a coleta de dados sobre essa população em trânsito.

Os caminhoneiros não constituem um povo ou uma tribo nômade. Não constituem um mesmo grupo de pessoas que se desloca periódica ou sazonalmente, em busca de comida ou paragens para cultivar ou levar rebanhos. Não constituem um grupo de pessoas sem residência fixa (NANDO SIGONA, 2003). Afora o fato dos entrevistados serem em sua maioria brasileira, os caminhoneiros não têm uma mesma origem geopolítica em comum; não são todos de um mesmo município ou região ou federação. Não têm origem numa mesma etnia. As técnicas

³² Até que ponto a Antropologia já foi capaz de pensar novas técnicas permanece sendo uma questão em discussão dentro da disciplina. O próprio Mintz acredita que ainda não se criaram metodologias melhores que substituam as tradicionais da Antropologia: “Nós precisamos fazer perguntas melhores para especificar o que há de novo. Eric Wolf sugeriu alguns anos atrás que as disciplinas ganham sua energia das perguntas que elas fazem. Ele poderia ter dito ainda que existem perguntas ruins e perguntas boas, e não se pode diferenciar de antemão quais são as ruins. Fazer perguntas melhores é em parte uma questão de ser esperto. Mas também é uma questão de se ter algum método para coletar informações. Ainda que a Antropologia tenha certamente mudado as localidades em que os seus praticantes trabalham, parece-me que ainda não foi bem-sucedida em encontrar métodos melhores do que os seus métodos tradicionais” (SIDNEY W. MINTZ, 2000: 128).

de pesquisa etnográfica desenvolvidas no passado para acompanhar os deslocamentos de alguns grupos, portanto, não se aplicam para um estudo etnográfico dos caminhoneiros no Brasil contemporâneo.

Nos últimos oitenta anos, segundo George Marcus, a Antropologia operou fundamentalmente com um único paradigma para o trabalho de campo, inaugurado pelo estudo de Malinowski dos trobriandeses, em seu clássico *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (BRONISLAW MALINOWSKI, 1984):

O modelo [das tradições de Malinowski e Boas] permanece sendo adequado para certos projetos de pesquisa e, de fato, foi renovado por uma certa acomodação da Antropologia e da História nas últimas duas décadas; contudo, aqui quero discutir a insuficiência deste modelo para um número crescente de projetos de pesquisa na Antropologia, especialmente nas áreas que lidam, por exemplo, com ciência e tecnologia, políticas contemporâneas e discursos políticos, movimentos sociais, ONGs, organizações internacionais, questões ligadas a desenvolvimento, mídia e, em alguma medida, que lidam com arte, mercados de arte e museus (GEORGE E. MARCUS, 2002: 192)

Um projeto de pesquisa sobre a construção social da vulnerabilidade de caminhoneiros, focando na perspectiva de três atores sociais (o PN/AIDS, as ONGs e os próprios caminhoneiros), exigiu, para a sua elaboração, uma reflexão metodológica³³. Que tipo de etnografia seria possível? Como desenvolver o trabalho de campo? Onde situar a pesquisa? Como apresentar dados e como contextualizar estes dados?

Uma alternativa para um estudo etnográfico com caminhoneiros seria fazer um estudo de alguns casos, talvez com a história de vida e entrevistas, acompanhando quiçá um ou alguns motoristas, seguindo viagem no caminhão e vivenciando seu cotidiano de trabalho. O estudo etnográfico de Paul Stoller acerca

³³ Em trabalho anterior, George Marcus salienta que pesquisas antropológicas que a tendência a pesquisas multi-situadas é mais prevalente nas seguintes áreas de conhecimento: estudos de questões relativas à reprodução e a tecnologias reprodutivas; estudos epidemiológicos na Antropologia Médica; nos estudos de novos meios de comunicação eletrônica, como a Internet; nos estudos relativos a ambientalismo e desastres ecológicos (GEORGE E. MARCUS, 1995).

de vendedores ambulantes do Oeste Africano que estão no coração da cidade de New York é exemplar de estudo desdobrado numa temporalidade entrecortada e episódica (PAUL STOLLER, 2002). Segundo Appadurai,

para dar conta destas temporalidades, o etnógrafo deve se tornar mais flexível, mais ocasional nas suas intervenções, construindo a intimidade espasmodicamente. Porém mesmo estas relações construídas cuidadosamente revelam constantemente os contornos de mais do que o etnógrafo pode capturar. [...] os etnógrafos devem deixar de lado uma idéia crucial da etnografia clássica – a imagem de auto-suficiência do etnógrafo. Na metrópole de New York de hoje em dia, o etnógrafo precisa não apenas de um time de outros cientistas sociais, mas também precisa conhecer o que pode de tantas disciplinas e literaturas quanto possível. [...] provavelmente, sempre foi assim, mas o mundo da globalização não nos deixa outra escolha senão reconhecer tal coisa. (ARJUN APPADURAI, 1997: 118)

Stoller propõe uma narrativa etnográfica e literária permeada por teoria sociológica para dar conta da complexidade contemporânea de “mundos sociais híbridos e fluidos” (PAUL STOLLER, 2002). Assim, ele conta a história de um vendedor, um imigrante do Níger que vende tecidos africanos nas ruas e feiras de New York, revelando ao longo dessa narrativa temas diretamente relacionados com a História, sobre imigração, economia informal e mudanças recentes na sociedade dos Estados Unidos. A proposta metodológica e de escrita etnográfica de Stoller são interessantes, porém, para a presente investigação não são tampouco uma solução metodológica, uma vez que o objeto aqui é a construção social da vulnerabilidade dos caminhoneiros para HIV/AIDS, e não um estudo etnográfico de seus estilos de vida ou de suas relações de trabalho.

Seguindo o raciocínio de George Marcus, comecei a perceber que a construção de um projeto de pesquisa que lidasse simultaneamente com questões globais como a pandemia de AIDS, agências multilaterais de cooperação internacional como o Banco Mundial, agências governamentais como o PN/AIDS (e, em nível regional, secretarias estaduais de saúde), Organizações Não

Governamentais e uma população de caminhoneiros, que circula pelo Mercosul, exigiria um trabalho de campo multi-situado. O espaço da etnografia vai ganhando novas dimensões, e o trabalho de campo desenvolve-se em sítios múltiplos (GEORGE E. MARCUS, 2002), a partir do próprio trabalho de pesquisa envolvendo temas que são difíceis de contextualizar ou situar.

Na etnografia clássica, a densidade [*thickness*] era uma virtude, a descrição rasa [rala ou *thin*], não. No trabalho de campo multi-situado, espera-se que haja tanto densidade quanto superficialidade [*thinness*], e explicar as diferenças de qualidade, e de intensidade, do material de trabalho de campo torna-se uma das funções principais, e que mais produz *insights*, dentro da análise etnográfica. Dar conta desta variabilidade da densidade ou não da etnografia é uma das formas mais substantivas e importantes de reflexividade nos projetos multi-situados. (GEORGE E. MARCUS, 2002: 196)

Fazer pesquisa em diferentes localidades e em vários espaços, coletando informações de tipos diferentes, implica, nesta pesquisa, na construção de um conjunto heterogêneo de dados. Além de ser necessário, ao longo deste trabalho, discutir este conjunto de dados, e suas diferentes qualidades, é preciso pensar a relação entre esses múltiplos sítios.

Para a etnografia [...] não existe o *global* no contraste, hoje tão evocado, entre local e o global. O global é uma dimensão emergente na argumentação sobre a conexão entre os *sites* na etnografia *multi-sited*. (GEORGE E. MARCUS, 1995: 99)

A diferença no tratamento dos múltiplos sítios da pesquisa multi-situada é evidente. Não há um conjunto fixo de práticas de pesquisa que deve ser empregado cada vez da mesma forma em cada sítio e com a mesma intensidade; ainda segundo George Marcus:

Fazer uma pesquisa etnográfica, por exemplo, sobre a base social que produz um discurso particular de política [*policy*], requer práticas e oportunidades diferentes do que um trabalho de campo entre as comunidades localizadas afetadas por tal política. Reunir estes sítios num mesmo quadro de uma pesquisa e postular as relações entre estes com base na pesquisa etnográfica de primeira-mão é justamente a contribuição

importante deste tipo de etnografia, independente da qualidade e acessibilidade variáveis daquela pesquisa em múltiplos sítios. [...] O que não se perde, mas permanece sendo essencial à pesquisa multi-situada, é a função de tradução de um idioma ou linguagem cultural a outro. (GEORGE E. MARCUS, 1995: 100)

O objetivo do presente estudo conduziu a pesquisa etnográfica a diversos sítios, na medida em que ia seguindo a circulação de uma concepção, a vulnerabilidade dos caminhoneiros, na agência governamental, nas ONGs e entre os caminhoneiros. Foi preciso usar diferentes métodos e modos de participação e observação em cada localidade, em graus variados de profundidade e qualidade. A pesquisa em documentos oficiais de governo, em publicações científicas e o trabalho de campo entre caminhoneiros em postos de combustível e na aduana produziram assim descrições de densidades diferenciadas. O próprio trabalho de campo, i.e. a pesquisa de viés etnográfico, realizado junto a caminhoneiros, teve múltiplas localizações, como será descrito ainda neste capítulo.

Da agência governamental

No intuito de explicitar a perspectiva do PN/AIDS, foi feita uma pesquisa documental, inicialmente a partir de documentos produzidos pela própria agência governamental, a maior parte dos quais se encontra disponível na Internet. Foram examinados documentos relativos à epidemia de HIV/AIDS, como Boletins Epidemiológicos, e documentos relativos ao apoio técnico e financeiro de projetos executados por Organizações Não Governamentais. A pesquisa documental foi feita especialmente através de bases de dados públicas governamentais, do Ministério da Saúde. A contextualização desses dados exigiu, por um lado, análise do discurso biomédico e epidemiológico sobre o risco de infecção por HIV e a vulnerabilidade específica de alguns grupos populacionais. Por outro, foi necessário compreender

minimamente os mecanismos de financiamento empregados pelo PN/AIDS e os acordos celebrados entre o Brasil e o Banco Mundial, para contextualizar a pesquisa relativa ao apoio por parte do PN/AIDS de projetos executados por diversas organizações comunitárias, associações, redes e organizações sem fins lucrativos.

Do discurso científico

Ao contextualizar as diretrizes dadas pelo PN/AIDS para o financiamento prioritário de projetos voltados para a população-alvo de caminhoneiros, os caminhos da pesquisa me conduziram ainda a outro sítio: o das publicações científicas, nacionais e internacionais, a respeito de caminhoneiros, especialmente sobre as infecções sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS e práticas sexuais desses profissionais. Foi feita assim uma revisão extensa de publicações científicas – artigos, projetos de pesquisa, resumos de conferências, livros – sobre caminhoneiros e, sobretudo, a vulnerabilidade dos caminhoneiros à epidemia de HIV/AIDS.

A revisão permitiu a construção de uma base de dados constituída por mais de 1.800 entradas, organizadas com o programa para referências bibliográficas EndNote (EndNote X, versão X.0.2, de Thomson); na busca, foram empregados principalmente os periódicos disponíveis no Portal de Periódicos CAPES, os livros disponíveis no sistema E-Brary da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o sistema Anthrosource, da American Anthropological Association, dos Estados Unidos. As bases consultadas, assim como as expressões de busca empregadas, estão sintetizadas no Quadro 1. A lista completa das referências que constam na base encontra-se em anexo, no segundo volume da tese.

Quadro 1 - Bases de dados pesquisadas para publicações acerca de caminhoneiros no presente estudo

Base	Acesso	Expressões de busca*
ProQuest, SCOPUS, EBSCO Host, Wilson Web	Periódicos CAPES	Antropologia, políticas públicas, programas, avaliação, qualitativa(o), etnografia, caminhoneiros, motoristas, caminhão, HIV, AIDS, IST, DST, mobilidade, ONG, organização não-governamental, sociedade civil
E-Brary	Biblioteca eletrônica da UFRGS	
SAGE publications	SAGE online publications	
Google Scholar, SCIRUS	Acesso livre pela Internet	Anthropology, public policy, programmes, evaluation, ethnography, qualitative, truck, lorry, truck drivers, truckers, drivers, HIV, AIDS, STI, STD, mobility, NGO, non-governmental organization, civil society
Anthrosource	American Anthropological Association	
AIDS Conferences, IAS Conferences	International AIDS Society	

* As expressões de busca foram feitas em português e inglês em todas as bases e publicações, tendo sido empregados basicamente estes termos, com diferentes combinações.

Destes trabalhos, 373 versam sobre motoristas de caminhão, a partir de diversas perspectivas: estudos de prevalência de doenças, sobretudo IST/HIV/AIDS; estudos sobre práticas ou crenças de caminhoneiros, em particular relativas à sexualidade; estudos sobre o trabalho dos caminhoneiros. Os estudos são basicamente da Saúde Pública, principalmente da disciplina da Epidemiologia, tendo também um conjunto das Ciências Humanas – Antropologia, Sociologia, Ciência Política e Psicologia. Foram buscados também estudos com populações outras cuja análise poderia jogar luz sobre o presente estudo, como mineiros ou garimpeiros (quatro estudos) e populações com grande mobilidade ou migrantes (cento e trinta trabalhos).

Foram encontrados 94 estudos sobre Organizações Não Governamentais, entre artigos, capítulos ou livros que tratam do tema. A busca pelo tema ONGs nas bases científicas foi filtrada por área de conhecimento ou metodologia (como Antropologia e etnografia) ou por região (Brasil e América Latina) ou por campo de

ação (HIV/AIDS). A busca por artigos ou escritos sobre globalização, e relações global/local, especialmente dentro da Antropologia, resultou em 53 publicações.

Os documentos governamentais e oficiais a que se teve acesso em geral, sobre o PN/AIDS, e também sobre o financiamento de Organizações Não Governamentais com recursos públicos no campo da AIDS foram organizados na base de EndNoteX.

Das Organizações Não Governamentais

As informações acerca dos mecanismos de financiamento de projetos de Organizações Não Governamentais por parte do PN/AIDS, e o levantamento de dados acerca das ações voltadas para a população-alvo de caminhoneiros no Brasil prescindiam igualmente de uma maior contextualização. Dessa forma, os documentos foram analisados de modo a permitir a sistematização de informações relativas aos projetos executados em particular no Rio Grande do Sul. Essas Organizações que tiveram projetos foram visitadas e suas equipes dirigentes, entrevistadas³⁴.

Nos anos de 2004 e 2005, foram executados no Rio Grande do Sul mais de 80 projetos com aporte do PN/AIDS; destes, apenas quatro projetos tinham como população-alvo os motoristas de caminhão, e um voltava-se para profissionais do sexo que tinham como clientes importantes os motoristas de caminhão (ANDRÉA FACHEL LEAL, 2005). Além dos resultados descritos no Relatório, foram retomadas

³⁴ Foram analisados todos os projetos de ONGs no Rio Grande do Sul com financiamento público vigentes em 2004, cf. (ANDRÉA FACHEL LEAL, 2005). A dimensão avaliativa desta pesquisa em 2004 integra os trabalhos de um Grupo de Trabalho em Monitoramento e Avaliação (GTMA-RS). Composto por 16 pessoas, incluindo técnicos da própria CE/AIDS-RS e por diversos pesquisadores de outras instituições (como a Coordenação Municipal de DST e HIV/AIDS de Porto Alegre, o Hospital Sanatório Partenon, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Pelotas), o GTMA-RS se propôs a fazer uma reflexão sobre a maneira com que os projetos vinham sendo executados no estado, sobre os seus resultados e sobre as possíveis tendências da epidemia (SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS, 2004).

as entrevistas completas antes realizadas com as equipes das ONGs acerca das intervenções por estas desenvolvidas junto a caminhoneiros e profissionais do sexo. Todas as entrevistas haviam sido gravadas, com consentimento da direção e das equipes das ONGs, e parcialmente transcritas.

Os dados sobre os projetos e as ONGs permitiu o levantamento de uma série de informações relevantes sobre o desenho das intervenções planejadas e executadas, além das localidades em que os caminhoneiros no Rio Grande do Sul foram abordados por equipes vinculadas a esses projetos. O trabalho de campo então foi pensado de modo a coletar dados em oito lugares de concentração de caminhoneiros, situados em cinco municípios do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Gravataí, Canoas, Rio Grande e Chuí. Nesses lugares, foram entrevistados principalmente os caminhoneiros, mas também os funcionários e os gerentes de postos de gasolina, as profissionais do sexo, entre outros que faziam parte dessas paisagens; o detalhamento das etapas da pesquisa é feito a seguir.

Dos caminhoneiros

Os caminhoneiros que se situam nos lugares em que as ONGs fizeram intervenções estão em constante movimento. Assim, uma questão inicial dada pela construção mesma do problema de pesquisa estava em como acessar e abordar aqueles que estão circulando. O trabalho multi-situado poderia optar por seguir um motorista, ou uma carga³⁵, porém visto que o problema de pesquisa estava na

³⁵ Mais uma vez retomando a discussão sobre inovação ou não de trabalho de campo multi-situado, nunca é demais lembrar que em sua etnografia clássica, Malinowski seguiu os trobriandeses e suas trocas pelo anel do Kula (BRONISLAW MALINOWSKI, 1984); seria possível delinear uma pesquisa envolvendo caminhoneiros em que se seguisse uma carga específica e todas as relações de trocas envolvidas em seu trajeto. Quando George Marcus discute esta questão, ele lista algumas estratégias que podem ser empregadas: seguir as pessoas; seguir a coisa; seguir a metáfora; seguir o roteiro, história ou alegoria; seguir a vida ou a biografia; ou seguir o conflito (GEORGE E. MARCUS, 1995). Lisa Markowitz realizou trabalho de pesquisa etnográfica sobre Organizações Não Governamentais

construção da vulnerabilidade dos caminhoneiros – inserido no marco teórico de uma análise antropológica de uma política específica de apoio às Organizações Não Governamentais por parte da agência PN/AIDS – optei por situar a pesquisa nas diferentes localidades onde as ONGs haviam atuado³⁶. Apesar dos “tempos entrecortados” (ARJUN APPADURAI, 1997), na multi-localidade, acredito que foi possível construir uma forma de *intimidade* na relação pesquisador-pesquisado própria do estudo antropológico.

A coleta de dados teve dois grandes estágios: o primeiro de cunho qualitativo; o segundo, quantitativo. A coleta estendeu-se de novembro de 2004 a maio de 2005. No primeiro estágio, foram feitas entrevistas em profundidade, a partir de roteiro semi-estruturado³⁷, com motoristas de caminhão e outras pessoas-chaves diretamente implicadas no contexto dos postos de gasolina, tais como frentistas, gerentes, prestadores de serviços (borracheiros, mecânicos, loneiros, eletricitas, vendedores ambulantes, funcionários de restaurantes, lanchonetes e mercados), profissionais do sexo, um taxista e um gerente de hotel (estes dois últimos, no Chuí). No segundo, foram realizadas entrevistas a partir de roteiro estruturado, tendo sido aplicados 854 questionários depois de um estudo piloto.

no Peru, enfocando aquelas cujo trabalho estava no desenvolvimento, especialmente no campo rural e agrícola; discutindo estratégias metodológicas para o seu trabalho de pesquisa, explica que optou por “seguir o projeto”. Acompanhar os projetos permitiu seguir uma expressão de idéias sobre “desenvolvimento” e sobre “mudanças sociais salutaras” de *donors* para *stakeholders* (LISA MARKOWITZ, 2001).

³⁶ A coleta de dados em cinco municípios diferentes só foi possível pelo projeto de pesquisa “Como vai? Avaliação da Repercussão de Projetos de Educação Sexual e de Intervenção com Profissionais do Sexo, Travestis e Caminhoneiros no Rio Grande do Sul”, desenvolvido no âmbito do PROSARE – Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva, com o apoio CEBRAP / CCR / Fundação MacArthur; o projeto será referido aqui simplesmente como pesquisa PROSARE. A pesquisa PROSARE, por mim coordenada, analisou uma modalidade de atuação de ONG/AIDS que, atendendo estritamente a diretrizes de políticas públicas através do uso continuado da metodologia de financiamentos de projetos, tem como público alvo de suas ações profissionais do sexo e caminhoneiros, no Rio Grande do Sul (RS); seu objetivo foi realizar uma avaliação de acesso das ONG/AIDS que desenvolveram projetos com financiamento do Programa Nacional de DST e HIV/AIDS do Ministério da Saúde à população de caminhoneiros no estado.

³⁷ Os roteiros de entrevista empregados encontram-se em anexo.

O estudo qualitativo buscou conhecer o universo de trabalho dos caminhoneiros, observando seu cotidiano e conversando sobre seus estilos de vida, trajetórias profissionais, as informações de que dispunham sobre HIV/AIDS e sobre campanhas de prevenção à AIDS. A etapa quantitativa procurou, por outro lado, descobrir padrões, através da frequência de comportamentos e conhecimentos específicos, em um espaço social e cultural, integrado a um contexto de cultura sexual particular (RICHARD PARKER, 2000b).

As interpretações dos caminhoneiros acerca dos projetos das ONGs ou das campanhas governamentais, bem como da epidemia de HIV/AIDS, dos seus estilos de vida, de suas práticas sexuais, estão inseridas num sistema maior de disposições sociais — de crenças, representações, valores, organização familiar, organização política, organização da subsistência — e devem ser referidas a essa totalidade.

Ademais, a maioria dos pesquisadores e pesquisadores assistentes, foi composta de mulheres que circulavam em um universo social e em um espaço físico absolutamente masculinos; discutiu-se bastante durante o treinamento como seria a inserção em campo, uma vez que se tratava de aplicação de questionário que incluía perguntas relativas a parcerias e práticas sexuais. A presença de um conjunto de mulheres circulando por esse espaço masculino igualmente auxiliou no interesse dos sujeitos em participar da pesquisa. Várias brincadeiras e provocações eram feitas entre os homens sobre quem participaria da entrevista, quem deveria ceder uma entrevista, quem é que “sabia tudo” e quem deveria ser abordado para participar da pesquisa.

A identificação da equipe de trabalho de campo através de uniformes também foi importante para demarcar simbólica e visualmente a razão pela qual aquelas pessoas estavam circulando pelo pátio. Um dos primeiros dados de campo já

mencionado foi justamente que a oferta de serviços sexuais era feita aos motoristas nos pátios, quando eles se encontravam dentro das cabines dos caminhões (a profissional bate na porta da cabine, onde também ocorre a prática sexual). Dessa forma, era importante abordar os sujeitos da pesquisa nos espaços de sociabilidade dentro dos postos. O fato de entrar em campo vestindo uniforme consolidou a distinção, não só entre pesquisador e sujeito de pesquisa, mas também entre pesquisadora e profissional do sexo.

Ao término de dois meses de trabalho de campo, eu havia reunido material relativo a 38 motoristas de caminhão, 9 gerentes e funcionários de postos de combustível, 5 travestis, 2 loneiros, 2 chapas e 2 prostitutas, na forma de entrevistas semi-estruturadas gravadas e entrevistas informais registradas em diário de campo. A organização e a análise inicial – temática e de conteúdo – destes dados permitiu a elaboração de um roteiro de entrevista estruturado, um instrumento de coleta de dados a ser aplicado em grande escala em todos os locais.

A coleta de dados através de entrevistas estruturadas (questionários) teve em si mesma dois momentos; o primeiro consistiu em um estudo piloto, com aplicação de 58 questionários distribuídos entre a Região Metropolitana e Rio Grande. O objetivo do estudo piloto era duplo: testar o questionário e também a seleção e a abordagem dos motoristas. O segundo momento consistiu na aplicação do instrumento revisado junto a 854 caminhoneiros situados em cinco municípios, ou seja, o *survey* propriamente dito.

Com relação ao *survey*, segue abaixo o quadro resumo da amostra e dos questionários aplicados (Quadro 2).

Quadro 2 - Resumo da amostra calculada e do número de questionários aplicados em cada localidade (Rio Grande, Porto Alegre, Canoas, Gravataí e Chuí).

Cidade	Locais de concentração de caminhões	Quantidade média diária de caminhões	Tamanho da amostra (N)	Erro relativo máximo (ER)	Nº questionários necessários ☺	Nº questionários aplicados ☹
Rio Grande	Posto Buffon Posto Ongaratto Posto Marinha	3.100	384	5,00%	423	429
Porto Alegre	Posto Garoupa	100	78	5,00%	86	86
Canoas	Posto Buffon	120	94		104	105
Gravataí	Posto Radar Posto Perdigão	120	94		104	107
Chuí	Aduana	150	118		130	127☼
TOTAL		3.590	768	3,54%	847	854

☺ Número de questionários a serem aplicados em cada localidade, incluindo a previsão de possíveis perdas, isto é, N+10%.

☹ Número de questionários aplicados efetivamente em cada localidade.

☼ Efetivamente, 100% dos questionários necessários e 98% do que se planejou foi aplicado no Chuí, tendo sido encerrado o campo nesta localidade com 127 entrevistas.

Considerações éticas

O projeto de pesquisa “Como Vai? Avaliação da Repercussão de Projetos de Educação Sexual e de Intervenção com Profissionais do Sexo, Travestis e Caminhoneiros no Rio Grande do Sul” foi submetido a (e aprovado por) o Comitê de Ética na Pesquisa em Saúde da Escola de Saúde Pública da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul³⁸ (CEPS/ESP). Ainda na etapa preparatória desta pesquisa, quando as equipes das ONGs foram contatadas, todas as ONGs com projetos financiados pelo PN-MS no Rio Grande do Sul foram informadas em 2004 da existência de um processo de monitoramento e avaliação, tendo consentido em participar – respondendo a formulários de auto-avaliação, recebendo as visitas e tendo sido informadas sobre a pesquisa com a população alvo dos projetos.

O processo de monitoramento e avaliação assim concebido foi analisado e aprovado pela Seção de Controle de DST, HIV e AIDS da Secretaria Estadual de Saúde; uma proposta de investigação anteriormente formulada fora também analisada e aprovada pelo CEPS/ESP. As propostas de investigação que discuti tanto com a coordenação da CE/AIDS-RS quanto com a coordenação do Departamento de Ações em Saúde (DAS), órgão hierarquicamente superior à CE/AIDS-RS, na Secretaria Estadual de Saúde, foram muito bem-vindas e receberam total apoio.

Na entrada em campo, em todos os momentos da pesquisa, primeiro conversei com o gerente de cada posto de combustível, apresentando-me e falando sobre a pesquisa. Em todos os postos, recebi autorização para estar naquele espaço, tendo sido várias as ofertas valiosas de auxílio – se eu precisasse de um

³⁸ Registro no CEP 219/05, aprovação em Ofício CEPS/ESP 024/2006.

lugar para sentar, para telefonar, se eu precisasse fazer uma cópia de algum documento com um aparelho de fax da gerência, se eu quisesse usar o banheiro que ficava trancado a chave (e também era mais limpo, porque menos utilizado).

No primeiro momento, agendei entrevista com cada gerente, o que me permitiu conhecer melhor aquele universo de relações de trabalho antes de dar início às entrevistas com caminhoneiros. Na etapa de *survey* da pesquisa, novamente conversei com cada um dos gerentes, apresentando a equipe de pesquisadores assistentes e recebendo a autorização para que todos ali permanecessem. No único posto onde havia um pátio de estacionamento para caminhões com entrada paga e controlada, em Porto Alegre, a gerência autorizou a minha circulação em todo o posto exceto dentro do pátio. No caso da Receita Federal, no Chuí, primeiro foi contatado o delegado, com quem realizei entrevista e para quem solicitei autorização para realizar a pesquisa, circulando pelo pátio onde ficavam os caminhões. Quando retornei ao Chuí, para a etapa do *survey*, já encontramos crachás, elaborados especificamente para mim e para a equipe de assistentes, para que pudessemos circular pelo pátio da Aduana livremente.

Todas as entrevistas, tanto da etapa qualitativa quanto da etapa quantitativa, foram realizadas com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em volume em anexo), ficando uma cópia com o entrevistado e uma cópia assinada com o pesquisador.

Uma questão de suma importância para a coleta de dados no estudo quantitativo era evitar um viés na amostra; dito de outro modo, era preciso assegurar que todo caminhoneiro entrevistado tivesse a mesma chance que os demais de participar da pesquisa. A primeira solução imaginada pela epidemiologista da equipe da pesquisa PROSARE, e reforçada pelo estatístico, para garantir a aleatoriedade

era um sorteio dos caminhões estacionados. Tal solução foi por mim rejeitada visto que o estudo etnográfico havia revelado que a abordagem na cabine do caminhão tinha um significado específico, era um código para a oferta de serviços sexuais, e eu não estava disposta a correr o risco de qualquer mal-entendido comigo ou com a equipe de pesquisadores assistentes. Nesse sentido, também houve orientação para que nenhuma entrevista fosse realizada dentro dos caminhões.

A generosidade com que fui recebida pelos entrevistados também me colocava por vezes em situações que me deixavam pouco à vontade. Vários motoristas ofereceram-me o seu almoço, isto é, a comida que eles próprios estavam preparando; eles cozinham na “caixa” do caminhão, uma espécie de micro cozinha que se abre na parte lateral do veículo. Não aceitei os convites para almoço, em virtude de acreditar que tal ato implicaria uma intimidade, uma transposição do limite da relação pesquisadora-pesquisado. Por outro lado, recusar toda e qualquer oferta é não compreender que pequenas gentilezas fazem parte da relação de troca envolvida em qualquer relação social e, especialmente, numa relação de pesquisa. Assim, não recusei a fatia de melancia, nem o mate, nem o copo de suco, que me foram generosamente oferecidos em mais de uma ocasião.

Além disso, a etnografia do espaço revelara que a maioria dos motoristas não permanecia dentro de seus caminhões estacionados – mas sim na frente das agências transportadoras, na sala de motoristas ou no restaurante. A solução do sorteio dos caminhões também era difícil por outros dois motivos: o fato de que há um fluxo intenso nos postos, de entrada e saída de veículos; depois de sorteado o caminhão, e se supondo que este permanecerá ali, seria preciso encontrar o motorista daquele veículo, transitando pelo amplo espaço do posto.

A análise dos espaços e formas de sociabilidade dentro dos postos permitiu uma solução para a abordagem dos motoristas: os assistentes permaneceriam circunscritos a diferentes “territórios” e sorteariam os motoristas que por ali circulassem. Assim, um pesquisador assistente ficaria, por exemplo, próximo aos escritórios das transportadoras, ou dos serviços mecânicos, e a cada três motoristas que por ali passassem, abordaria um para a entrevista. Assim foi feito no estudo piloto, e a análise dos questionários aplicados³⁹ permitiu algumas modificações no instrumento, como a inclusão de categorias de respostas em algumas questões e a reformulação de algumas perguntas.

A divisão geográfica do posto para abordagem dos entrevistados foi considerada positiva⁴⁰, porém mudamos a seleção dos entrevistados, não havendo mais a contagem – todos que estavam ali eram abordados – já que o número de pessoas circulando pelo posto era menor do que o esperado. A observação etnográfica havia permitido criar uma certa expectativa em relação ao número de caminhoneiros a serem encontrados. No entanto, quando o estudo piloto teve início, em janeiro, o movimento havia diminuído, sobretudo na Região Metropolitana e em Rio Grande⁴¹. Isso fez com que o ritmo de coleta de dados nesta etapa fosse bem mais lento do que o previsto. Constatada esta sazonalidade, foi necessário aguardar

³⁹ Os questionários do estudo piloto foram digitados, na forma de um banco de dados, utilizando-se o programa de banco de dados Sphinx Léxica; um estudo descritivo dos dados sistematizados, bem como das impressões da aplicação do piloto, permitiram a reformulação e aprimoramento do questionário aplicado no *survey*.

⁴⁰ Para a aplicação dos questionários, o posto foi dividido geograficamente de modo a assegurar a presença de pelo menos um pesquisador ou pesquisador assistente nos seguintes locais: agências transportadoras, pátio, sala de motoristas, restaurante, banheiros, serviços mecânicos.

⁴¹ Em lugares que durante o mês de dezembro encontramos 580 caminhões, como o Posto Ongaratto de Rio Grande, agora encontrávamos apenas 44.

a segunda quinzena de abril para começar o *survey* em Rio Grande, quando teve início o transporte da safra de soja e de arroz⁴².

Em função da variação sazonal no transporte de cargas houve, ao longo de todo o *survey*, uma diferença no ritmo de aplicação dos questionários. O tipo de carga transportada está mais ou menos sujeita a essa diferença. Os chamados “graneleiros” – caminhões com compartimento aberto coberto por lona – carregam adubos, pesticidas e, principalmente, grãos da colheita. A época de colheita de soja e de arroz tem início em março no Rio Grande do Sul, e dura até julho, sendo essa uma produção bastante exportada e escoada através do porto marítimo de Rio Grande. Os caminhões que transportam containeres dependem mais diretamente da indústria e do comércio.

⁴² Na Região Metropolitana (Porto Alegre, Gravataí e Canoas), a média de aplicação de questionários variou de 6 a 12 por turno, enquanto no Chuí, a média de aplicação foi de 40 questionários por dia e, em Rio Grande, de 100 questionários por dia.

3 – A Matriz de Risco e Vulnerabilidade para HIV/AIDS

Neste capítulo, serão discutidos inicialmente os conceitos de risco e de vulnerabilidade, bem como a formulação de uma Matriz de Risco e Vulnerabilidade por parte do PN/AIDS. A revisão conceitual não pretende ser exaustiva, mas centrada nos aspectos que embasaram a formulação de projetos, programas e políticas visando a redução de infecções por HIV ou a mortalidade por AIDS.

Risco

O *risco* (e termos associados ou relacionados) é um conceito empregado por diversos campos científicos – as ciências naturais, as ciências aplicadas e as ciências sociais (OMAR D. CARDONA, 2001). O risco é tratado na literatura sobre desastres naturais, como enchentes, terremotos, ciclones e estiagens, bem como sobre outros eventos catastróficos, como a fome ou a guerra (FRANCOIS DELOR and MICHEL HUBERT, 2000), ou ainda acidentes industriais. O conceito de risco é amplamente empregado em diversos discursos, científicos e jornalísticos, sobre temas tão diversos quanto adolescência e sexualidade ou drogas, além dos já mencionados desastres naturais e catastróficos. Algumas obras sociológicas caracterizam o risco como um traço dominante da vida contemporânea, que vivemos numa “sociedade do risco” (ULRICH BECK, 1992).

E como afirmou Mary Douglas, atualmente, *risco* passou a significar *perigo* (MARY DOUGLAS, 1990). Com freqüência, o correr riscos associa-se a

conotações negativas, estando atrelada às idéias de perigo, de problemas, de prejuízos e de falta ou perda de controle. Segundo Paula Mayock, que escreve sobre o consumo de drogas, raramente observa-se uma discussão pública sobre risco que envolva termos de prazer ou de recompensas positivas (P. MAYOCK, 2005); a autora apresenta uma pesquisa com jovens usuários de drogas, para os quais correr riscos é tido como uma parte da vida⁴³.

Na Epidemiologia, o risco é um conceito fundamental⁴⁴ (JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, 2002).

O risco é a probabilidade de que um evento venha a ocorrer. Na Epidemiologia, o risco é usado mais freqüentemente para expressar a probabilidade de que um resultado em particular irá ocorrer depois de uma exposição particular. [...] Um fator de risco é geralmente entendido como uma exposição que é estatisticamente relacionada de alguma forma a um resultado, por exemplo, fumar é um fator de risco para a periodontite. (BRIAN A. BURT, 2001: 1007)

O gerenciamento do risco envolve três formas de políticas públicas: a identificação de riscos, a redução de riscos e o gerenciamento de desastres (OMAR D. CARDONA, 2003). Tomando aqui ainda o risco em sua acepção ampla, que inclui desastres naturais, situações catastróficas e também doenças, a política de identificação de riscos abarca percepções individuais de risco, representações sociais de risco e a identificação objetiva de situações que representam risco; a política de redução de riscos envolve a prevenção ou eliminação do risco; o gerenciamento de desastres está relacionado à resposta

⁴³ Neste estudo, o consumo de drogas, e até mesmo o uso arriscado que pode ser feito das drogas, não está associado a qualquer lógica de pesar riscos contra benefícios, mas sim a questões como expressão social, estilo, experimentação, fazer parte de um grupo, obter *status* ou fugir da realidade (P. MAYOCK, 2005).

⁴⁴ Outro campo que emprega o conceito de vulnerabilidade é o da criminologia, especialmente quando trata de ameaças; encontra-se também análise com risco ou vulnerabilidade no campo da saúde mental (FRANCOIS DELOR and MICHEL HUBERT, 2000). Outro campo que emprega o termo é o da nutrição (ALBA IDALY MUÑOZ SÁNCHEZ and MARIA RITA BERTOLOZZI, 2007).

dada a uma situação de desastre e às ações tomadas após o desastre. As políticas públicas envolvidas, portanto, no gerenciamento do risco são diversas, prescindem de conhecimentos técnicos e científicos variados, e envolvem atores sociais distintos. O gerenciamento do risco

requer, inevitavelmente, uma compreensão de como o risco é percebido pela sociedade, de como o risco é representado (através de modelos, mapas e indicadores) e como o risco é mensurado ou dimensionado (OMAR D. CARDONA, 2003: 4).

No caso de HIV/AIDS, observa-se que o modo com que os conceitos de risco e, depois, de vulnerabilidade, foram discutidos e empregados está relacionado a um processo que acompanha a própria evolução histórica da epidemia. Inicialmente, o *risco* para infecção por HIV foi formulado com base no conceito epidemiológico de risco, na primeira metade dos anos 1980. O risco na Epidemiologia é definido com a probabilidade que uma pessoa tem de se infectar com o vírus HIV; o risco pode ser criado, aumentado ou perpetuado a partir de determinados comportamentos, como o sexo sem camisinha ou o compartilhamento de seringas no uso de drogas injetáveis (DANIEL TARANTOLA, 1998: ; UNAIDS, 2007b).

O risco para infecção por HIV foi assim relacionado a grupos específicos, os chamados *grupos de risco*. Neste primeiro momento, foram enfatizados quatro grupos de risco, então conhecidos como os quatro “Hs”: Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos e usuários de Heroína. A nacionalidade das pessoas, no caso do Haiti, foi inicialmente critério para nomeação de grupo de risco quando a etiologia da AIDS ainda era praticamente desconhecida, tendo sido constatado por cientistas norte-americanos um número maior de haitianos com AIDS no princípio da década de 1980.

A identificação e a nomeação desses grupos implicaram, primeiramente, na estigmatização e na discriminação de pessoas que fossem identificadas como pertencendo a um desses grupos; em segundo lugar, a descrição do *risco* como estando associado exclusivamente a alguns subgrupos populacionais fazia com que a AIDS não fosse interpretada como um problema social para todos. O *risco* assim era construído como algo que os “outros” tinham, aqueles outros que pertenciam a categorias particulares de indivíduos.

A partir da descoberta de que a AIDS tem como agente causador um vírus (o HIV), foi observada a formulação de um novo discurso no campo da saúde coletiva: o risco não estava mais necessariamente atrelado a um grupo, mas sim a comportamentos e a práticas de pessoas, como o sexo anal, o sexo sem camisinha e o compartilhamento de objetos perfuro-cortantes. O foco da prevenção assim passaria a ser a mudança de comportamentos individuais.

Vulnerabilidade

O conceito de *vulnerabilidade* surge num terceiro momento da epidemia, quando se conclui a insuficiência dos conceitos epidemiológicos de grupo de risco e de comportamento de risco para compreender a disseminação e evolução da epidemia de HIV/AIDS (ANA MARIA GUEDES DO NASCIMENTO, et al., 2005).

Propostas que tiveram grande repercussão internacional nesse sentido foram as de Jonathan Mann, Daniel Tarantola e Van Campenhoudt. Mann e Tarantola explicam que a vulnerabilidade pode ser determinada em termos de três dimensões – a individual, a social e a programática (JONATHAN MANN

and DANIEL TARANTOLA, 1996). Van Campenhoudt busca dar conta do conjunto de relações sociais que permeiam e estruturam as relações sexuais – como relações de gênero, de geração e de classe social, entre outras – e que devem ser consideradas na análise de comportamentos de risco (L. VAN CAMPENHOUDT, 1997).

Os textos acadêmicos que discutem o uso do conceito de vulnerabilidade parecem integrar um movimento político e social mais amplo, composto por ativistas, que reivindica um novo quadro teórico e conceitual para as intervenções e para as pesquisas no campo da AIDS – onde o conceito tradicional de risco epidemiológico seja substituído pelo de vulnerabilidade. A abordagem que parte do conceito de vulnerabilidade, não centrando a responsabilidade pela mudança exclusivamente no comportamento individual, entende que existem condições econômicas, sociais e políticas que podem limitar ou tolher completamente a capacidade de um indivíduo para mudar seu comportamento (IMELDA BATES, et al., 2004). O conceito de vulnerabilidade é debatido no âmbito dos direitos humanos e na sua relação com a saúde pública:

A referência dos direitos humanos permite analisar situações de vulnerabilidade ao HIV/AIDS⁴⁵ no plano individual, social e programático, levando em conta as relações de gênero e poder, sexismo e homofobia, racismo e pobreza; pode também orientar o planejamento, a organização e avaliação de serviços. (VERA PAIVA, et al., 2006: 110)

O modelo introduzido com o conceito de vulnerabilidade está, portanto, atrelado nas discussões acadêmicas e políticas a um marco teórico dos direitos

⁴⁵ Ayres JR, Paiva V, Franca Jr. I, Gravato N, Lacerda R, Della Negra M et al. Vulnerability, Human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/AIDS. *Am J Public Health*. 2006; 31 ; Paiva V. Analysing sexual experiences through 'scenes': a framework for the evaluation of sexuality education. *Sex Educ*. 2005; 5(4):345-59.

humanos, sendo nesse sentido inovador e progressista. A proposta de usar o conceito de vulnerabilidade parece assim fortemente vinculada a um discurso politicamente correto. Torna-se necessário investigar que mudanças foram acarretadas com a adoção do novo conceito, nas discussões teóricas, no plano das intervenções – das políticas formuladas ou dos projetos executados.

O conceito de vulnerabilidade envolve três dimensões: os comportamentos individuais, o contexto social e os fatores políticos e institucionais. Todas as três dimensões têm relação com as diferentes suscetibilidades que os indivíduos têm – bem como as comunidades, tomadas como todos – a um agravo à saúde e às suas conseqüências indesejáveis (JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, 2006).

Numa revisão interessante sobre a vulnerabilidade para as infecções e o desenvolvimento da doença da malária, da tuberculose e do HIV/AIDS, apresenta-se de forma sintética um Painel produzido pela Escola de Medicina Tropical de Liverpool (Inglaterra), em que foram mapeados os determinantes em potencial para a vulnerabilidade em três dimensões:

Painel 1. Fatores produzindo a vulnerabilidade para a progressão de uma doença, para a progressão de uma doença grave, para a exposição ou infecção, para a doença grave e para os efeitos de uma doença.

Dimensão Individual: fatores biológicos e relacionados à doença. Imunidade, idade, sexo, gravidez, genética, interação com outras doenças.

Dimensão da unidade doméstica e da comunidade: fatores sociais e econômicos. Condições socioeconômicas e pobreza, estado nutricional, meios de subsistência, gênero, educação, religião, conhecimento, comportamento.

Dimensão ou nível meso-macro: fatores ambientais e institucionais. Fatores físicos ou geográficos, resistência a drogas ou medicamentos, migração e emergências complexas, serviços de

saúde e políticas ou programas de saúde (incluindo acesso a serviços de saúde, qualidade dos cuidados dispensados e reforma do setor de saúde), políticas de desenvolvimento. (IMELDA BATES, et al., 2004: 268)

O ponto de partida, então, numa análise de vulnerabilidade no campo da saúde, é um fenômeno de doença ou desordem. O objetivo é abordar, de todos os ângulos possíveis, esse fenômeno, de modo a exaurir os fatores que fazem com que as pessoas ou as comunidades estejam mais expostas a essa doença ou desordem – cf.(JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, et al., 2006).

Matriz de Risco e Vulnerabilidade

O PN/AIDS elabora uma Matriz de Risco e Vulnerabilidade a partir do cruzamento de informações acerca do risco com aquelas relativas à vulnerabilidade, conforme a Ilustração 1, de diferentes grupos populacionais. A Matriz de Risco e Vulnerabilidade de grupos selecionados pode ser construída a partir de informações relacionadas a estudos sentinela e de relatórios e diagnósticos de situação específicos. Um objetivo da agência governamental, ao organizar dessa maneira o risco e a vulnerabilidade de populações específicas, é facilitar o processo de elaboração de estratégias de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis e a HIV/AIDS, revelando situações que podem ser consideradas estratégicas ou prioritárias para a sua atuação.

Ilustração 1 - Matriz de Risco e Vulnerabilidade para HIV/AIDS. Fonte: Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, Ministério da Saúde, Brasil

	Baixa Vulnerabilidade	Média Vulnerabilidade	Alta Vulnerabilidade
Baixo Risco			
Médio Risco			

	Baixa Vulnerabilidade	Média Vulnerabilidade	Alta Vulnerabilidade
Alto Risco			

Assim, por exemplo, poder-se-ia construir uma Matriz de Risco e Vulnerabilidade de grupos indígenas selecionados segundo a sua etnia (ou segundo o distrito sanitário indígena ao qual pertencem, no âmbito do SUS), a partir de estudos locais que informem, segundo o próprio PN/AIDS, indicadores demográficos básicos sobre a população; se já houve casos de indígenas com AIDS em alguma aldeia; a prevalência de ISTs e/ou tuberculose naquela população; informações sobre a vulnerabilidade que permitam dar a dimensão da exposição daquele grupo indígena à infecção por HIV ou a ISTs (como a construção de rodovias próximas, a existência de garimpo, a extração de borracha ou de madeira em territórios indígenas ou áreas adjacentes). A partir das informações disponibilizadas pela agência governamental sobre as políticas públicas de saúde, na *homepage* (acessada em 2006, 2007 e 2008), podemos esquematizar a seguinte Matriz (Quadro 3):

Quadro 3 - Matriz de Risco e Vulnerabilidade para a população brasileira de acordo com o PN/AIDS

	Baixa Vulnerabilidade	Média Vulnerabilidade	Alta Vulnerabilidade
Baixo Risco			Crianças e Adolescentes Mulheres Indígenas Segmentos Populacionais de Baixa Renda Efetivos Militares e Conscritos das Forças Armadas

	Baixa Vulnerabilidade	Média Vulnerabilidade	Alta Vulnerabilidade
Médio Risco			Crianças e Adolescentes Mulheres Indígenas Segmentos Populacionais de Baixa Renda Efetivos Militares e Conscritos das Forças Armadas
Alto Risco	Homo/Bissexuais Masculinos (Homens que fazem Sexo com Homens)	Homo/Bissexuais Masculinos (Homens que fazem Sexo com Homens)	Pessoas presas Usuários de Drogas Injetáveis Profissionais do Sexo Caminhoneiros Garimpeiros

Ficam assim assinalados os grupos que têm, conforme o PN/AIDS, freqüentemente comportamento de risco e alta vulnerabilidade; aqueles que têm ocorrência freqüente de comportamento de risco, mas vulnerabilidade variável; e finalmente aqueles onde ocorre comportamento de risco variável, mas que apresentam alta vulnerabilidade (cf. www.aids.gov.br).

Populações-chave com risco acrescido para infecção por HIV

De forma bastante recente, observa-se a introdução de uma nuance terminológica por parte de organismos internacionais. Dessa forma, em 2007 e em 2008, a UNAIDS publica um glossário, intitulado *UNAIDS' Terminology Guidelines*, em que consta a “terminologia preferida pela UNAIDS”, bem como os “erros a serem evitados”. A elaboração de tal glossário é explicada pela UNAIDS como necessária, visto que

a linguagem, no contexto do HIV, não é neutra. As palavras que escolhemos e o modo com que as juntamos em frases para compartilhar idéias e informações têm um impacto profundo sobre a maneira com que as mensagens são compreendidas e respondidas. A escolha cuidadosa das palavras joga um papel então importante na fundamentação e no fortalecimento da resposta ao HIV. No Secretariado da UNAIDS, em Genebra, há uma equipe que reflete sobre questões e dinâmicas que surgem continuamente no campo do HIV. O objetivo desta equipe é o de elaborar recomendações sobre os usos da linguagem que sejam precisos do ponto de vista científico, que promovam os direitos humanos e a dignidade dos indivíduos, que sejam de fácil compreensão e que respeitem as maneiras com que os indivíduos e os grupos optam por se referirem a si mesmos. (UNAIDS, 2007c)

O guia terminológico é, então, um glossário politicamente correto elaborado por uma equipe trabalhando junto a uma agência internacional que integra o sistema das Nações Unidas, a UNAIDS, a qual conta com representantes de 22 governos e de ONGs. O documento foi elaborado tendo em vista as pessoas que escrevem sobre a epidemia, especialmente os jornalistas. Com correções de ordem técnica, como a observação de que não existe o “vírus da AIDS”, mas sim o HIV, o glossário também contém correções de ordem político-moral, como a explicação de que não se deve falar em “vítima da AIDS”, uma vez que o termo implicaria ausência de poder e de autonomia, ou de controle sobre a própria vida. Ou, ainda, que não se deve referir a pessoas vivendo com HIV como sendo “vítimas inocentes” – termo freqüente para se referir a crianças infectadas por transmissão vertical – visto que a expressão implica que pessoas infectadas por outras vias, como a sexual ou pelo compartilhamento de seringas, não são inocentes (e em última instância teriam feito por merecer, de alguma forma, a infecção).

De acordo com o documento, não se deve empregar a expressão *grupo* ou *população vulnerável*, em virtude de que este deve ser pensado como uma *população-chave com risco acrescido de infecção por HIV* (Quadro 4).

Quadro 4 - Síntese da terminologia preferida pela UNAIDS, destacando-se risco e vulnerabilidade. Apresentado com tradução livre e no original, em inglês. Fonte: (UNAIDS, 2007a ; 2008).

<i>Não utilize</i>	<i>Utilize</i>
Grupos de risco; grupos de risco acrescido; grupos vulneráveis.	Populações-chave com risco acrescido (tanto chave para a dinâmica da epidemia quanto chave para a resposta à epidemia). Populações-chave são diferentes de populações vulneráveis, que podem estar sujeitas às pressões da sociedade ou a circunstâncias sociais que as tornam mais vulneráveis à exposição para infecções, incluindo o HIV.
<i>High(er) risk groups; vulnerable groups.</i>	<i>Key populations at higher risk (both key to the epidemic's dynamics and key to the response). Key populations are distinct from vulnerable populations, which may be subject to societal pressures or social circumstances which may make them more vulnerable to exposure to infections, including HIV.</i>
Risco de AIDS	Use o risco de infecção por HIV; risco de exposição ao HIV.
<i>Risk of AIDS</i>	<i>Use risk of HIV infection; risk of exposure to HIV.</i>

Na terminologia preferencial da UNAIDS, é apresentada ainda a discussão que está na base das diferentes expressões correntes no campo HIV/AIDS, onde se lê:

Grupos de alto-risco / Populações com risco acrescido de exposição ao HIV – Estas expressões devem ser empregadas com cautela, pois podem aumentar o estigma e a discriminação. Também são expressões que podem erroneamente tranquilizar as pessoas que não se identificam com estes grupos, dando-lhes uma falsa sensação de segurança. “Grupo de alto-risco” também implica que o risco está contido dentro daquele grupo quando, na realidade, todos os grupos sociais se inter-relacionam. Com freqüência, é mais preciso se referir diretamente ao “maior risco de exposição ao HIV”, ao “sexo sem o uso de preservativo”, ao “sexo desprotegido” ou ao “uso de seringas não-esterilizadas”, do que generalizar fazendo uso da expressão “grupo de alto-risco”. Fazer parte de um grupo não coloca um indivíduo em risco, mas o seu comportamento pode colocá-lo em risco. No caso de pessoas casadas e que vivem juntas, em particular, no caso das mulheres, o que pode colocá-las numa “situação de risco” é o comportamento de risco de seus parceiros sexuais. Existe uma forte relação entre vários tipos de mobilidade e o risco maior de

exposição ao HIV, dependendo da motivação para a mobilidade e a intensidade com que as pessoas são retiradas de seus contextos e normas sociais. (UNAIDS, 2007a: 9-10)

Observa-se que, no corpo do texto, em que se discute a terminologia preferencial para a UNAIDS, há poucas menções à vulnerabilidade. A primeira está no quadro supracitado, no início do documento, na primeira entrada do glossário – HIV/AIDS ou HIV ou AIDS, que são descritas como terminologias antigas. A terminologia atualmente preferida seria, nesse caso, um termo mais específico e apropriado ao contexto estudado – como “crianças tornadas vulneráveis pela AIDS” (UNAIDS, 2008). Em seguida, a expressão aparece na entrada, transcrita acima, onde se lê que “grupos vulneráveis” é uma fórmula que integra a terminologia desatualizada, a ser substituída por “populações chave com risco acrescido”.

Na seção intitulada “Contexto histórico de termos e abreviações empregados usualmente” do glossário, a menção explícita à *vulnerabilidade* aparece na explanação de uma outra expressão, *driver* (UNAIDS, 2008). *Driver*, aqui, tem o sentido de *força motriz*, sendo utilizado para falar dos fatores estruturais e sociais que aumentam a vulnerabilidade das pessoas à infecção por HIV.

FORÇA MOTRIZ [*DRIVER*]: A expressão está relacionada aos fatores estruturais e sociais, tais como a pobreza, as relações de gênero e as violações de direitos humanos, que podem tornar as pessoas mais vulneráveis à exposição ao HIV. Frequentemente, a expressão é reservada para descrever determinantes subjacentes⁴⁶. (UNAIDS, 2008: 8)

⁴⁶ No original, em inglês: *DRIVER: The term relates to the structural and social factors, such as poverty, gender, and human rights abuses that can increase people's vulnerability to exposure to HIV. It is often reserved to describe underlying determinants.*

Dessa forma, percebe-se que há uma busca de conceitos e análises que sejam capazes de gradativamente abarcarem uma complexidade maior. No princípio da epidemia de HIV/AIDS, há vinte e cinco anos, o conceito epidemiológico de risco era a principal ferramenta analítica, que foi sendo complementado pelo conceito de vulnerabilidade. Contemporaneamente, a discussão presente na literatura – cada vez mais composta de estudos de vários campos de saber e de estudos transdisciplinares – é no sentido de enfatizar que tanto o risco quanto a vulnerabilidade estão inseridos em contextos mais amplos: em redes de determinações econômicas, políticas, legais, culturais e psicossociais (UNAIDS, 2007b).

As modificações na linguagem empregada e sugerida pela UNAIDS são bastante rápidas; assim observamos que, em documentos técnicos publicados pela agência sobre a mobilidade populacional e a AIDS, em 2001, a análise centra-se na *vulnerabilidade* das populações com mobilidade e não aparece nenhuma menção à expressão *driver* (UNAIDS, 2001).

As análises bem como quaisquer mudanças de tais determinantes – dos *drivers* – devem ser efetuadas no nível programático e da política governamental. Certamente, observaremos nos próximos anos o aprofundamento teórico acerca da relação entre os conceitos de vulnerabilidade, de *drivers* e de redes de determinações.

Os paradigmas que embasam intervenções e pesquisas

Houve grande investimento por parte de agências multilaterais em estudos sobre o Conhecimento, as Atitudes e as Práticas (os chamados

estudos CAP, ou KAP, em inglês) de caminhoneiros na Ásia, na África e na América Latina. Abordaremos, aqui, primeiramente os estudos e intervenções no campo HIV/AIDS; em seguida, será apresentada a revisão bibliográfica de caminhoneiros e HIV/AIDS, onde será demonstrado que a maior parte dos estudos são do tipo CAP.

No campo de estudos dos riscos da transmissão sexual do vírus HIV, essas são as abordagens predominantes – os modelos embasados na Psicologia, com abordagens centradas sobre os indivíduos, que com frequência partem de premissas de cunho economicista – que se traduzem em desenhos de pesquisas do tipo CAP. Nas abordagens centradas sobre os indivíduos, conforme Nathalie Bajos e Jacques Marquet,

a decisão de se proteger depende da percepção individual que cada um tem do risco. As percepções do risco [de infecção pelo HIV] que cada ator tem dependem do modo com que este assimila informações sobre o risco da transmissão e sobre como este se comporta diante do risco. Proteger-se, portanto, é visto como um ato individual e voluntário, que sofre uma leve influência do ambiente social. [...] O que fica implícito neste tipo de abordagem é a hipótese de que proteger a própria saúde é a principal e primeira prioridade para qualquer indivíduo. (NATHALIE BAJOS and JACQUES MARQUET, 2000: 1534)

Estudos do tipo CAP ou outros, baseados nas abordagens centradas em indivíduos, empregam metodologias do tipo *survey*, tradicionais do campo da Epidemiologia, buscando relacionar fatores associados a comportamentos em geral e a mudanças de comportamento. Fatores como grau de escolaridade, *status* socioeconômico ou idade mostram-se variáveis capazes de prever determinados comportamentos. Entretanto, estudos assim fundamentados não são capazes de explicar a correlação ou associação entre as variáveis estudadas.

As abordagens mais recentes, que contam com a contribuição das Ciências Sociais, consideram como unidade de análise não o indivíduo, mas uma relação social, buscando explicar uma rede complexa de relações existentes entre indivíduos ou entre grupos sociais (NATHALIE BAJOS and JACQUES MARQUET, 2000). Considerando-se que as formas de transmissão do HIV envolvem relações sociais – como a relação sexual e o compartilhamento de objetos perfuro-cortantes –, a abordagem relacional é defendida. A relação entre parceiros sexuais, tomada como unidade de análise, é entendida como fundamentalmente tridimensional: estrutura, processo e significado constituem qualquer relação.

Além do mais, as relações (e práticas) sexuais ocorrem inseridas em macro contextos socioculturais, como as normas e valores legais e morais dominantes em uma sociedade, as relações de gênero, as instituições políticas, os processos econômicos, entre outros. As relações também estão imersas em micro contextos sociais – aquele conjunto maior de relações em que a relação social analisada está integrada, como as familiares, as de laços de amizade e as de vizinhança. Quando tomadas como unidades de análise, as relações também podem ser examinadas em um nível micro, considerando-se as interações entre os sujeitos que participam daquela relação – se são duradouras, de exclusividade sexual ou mais ou menos igualitárias, por exemplo.

De um modo geral, no campo da AIDS, as intervenções desenvolvidas para promover a saúde são formuladas em dois níveis: em grande escala, como as campanhas de massa, que se utilizam de meios difusores como a

mass media – a televisão, o rádio, os jornais e cartazes; outro nível de intervenções seria individual. Estas últimas podem ser face-a-face ou para pequenos grupos, tendo sido, historicamente, desenvolvidas para que houvesse a maior interação direta possível entre quem efetiva uma política de prevenção e aqueles a quem se destina o programa (R. J. DICLEMENTE, et al., 2005).

É possível observar uma relação entre os modelos teóricos empregados nas pesquisas científicas e os modelos de intervenção adotados para planejar executar ações junto às pessoas; em particular, nos modelos de intervenções face a face, poder-se-á observar a reprodução, na prática, da dicotomia teórica entre uma abordagem mais individualista e uma mais holista. A maior parte das políticas e dos programas internacionais de prevenção à AIDS concentra seus esforços na mudança individual de comportamento e não em mudanças sociais que podem dar conta das razões pelas quais as pessoas estão em risco de se infectarem pelo vírus HIV (BROOKE GRUNDFEST SCHOEPF, 2007: ; MIRJAM VAN DONK, 2006).

Sendo assim, busca-se atuar, idealmente, numa intervenção em nível individual, de maneira intensiva, personalizada, pessoalizada e específica. Nessa abordagem, é necessário que hajam pessoas capacitadas e treinadas com grande disponibilidade de tempo para fazer as abordagens, os aconselhamentos e oficinas; tal exigência implica que a efetivação desse modelo em grande escala teria custos elevados. Com efeito, na década de 1990, informações sobre saúde e HIV/AIDS e campanhas com distribuição de

preservativos nesses moldes eram dirigidas a “grupos com risco elevado” para a infecção – como profissionais do sexo, considerada outra “população ponte”.

A origem para tal ideal de abordagem pessoalizada está numa concepção individualista de que a saúde e a doença de uma pessoa dependem em grande parte do seu próprio comportamento. As intervenções em nível individual, assim concebidas, buscam mudanças de *comportamento*, portanto, por parte das pessoas. A epidemia da AIDS é sintetizada como fundamentalmente “uma doença de comportamentos humanos” (JEAN-PAUL MOATTI and YVES SOUTEYRAND, 2000)

A maior parte das intervenções visando promover a prevenção está embasada em um modelo de aconselhamento em que se ensina ao público-alvo formas de reduzir riscos de transmissão de HIV; tipicamente, as pessoas também são capacitadas para colocar em prática as mudanças comportamentais esperadas – com oficinas sobre como colocar e usar o preservativo, ou discutindo estratégias para negociar sexo seguro com parceiros sexuais, ou ainda buscando resgatar e valorizar a auto-estima das pessoas que são alvo das ações dos projetos, por exemplo (RICHARD PARKER, 2000b: ; JEFFREY A. KELLY, 2005).

Em outras palavras, o comportamento das pessoas em relação à saúde está diretamente relacionado e é determinado por seus conhecimentos e por suas atitudes individuais. Ao tomarem conhecimento da gravidade da AIDS, e de que o uso do preservativo é uma forma de se proteger dessa doença, é mais provável que essas pessoas passem a ter relações sexuais protegidas, o chamado sexo seguro. Visando a mudança de *comportamento*, são fornecidas

informações ou *conhecimentos* sobre os perigos de algumas práticas específicas, como ter relações sexuais sem preservativo ou compartilhar seringas no uso de drogas injetáveis.

A idéia é fornecer às pessoas que fazem parte de uma determinada comunidade o conhecimento e as informações sobre o risco de infecção pelo HIV, estimulando que cada uma racionalmente decida adotar comportamentos que reduzem tal risco; presume-se que o efeito acumulado de tais mudanças individuais resulta em uma redução dos comportamentos de risco naquela comunidade e, conseqüentemente, de novas infecções por HIV.

Segundo Parker, a abordagem básica, centrada na mudança comportamental individual, foi desenvolvida inicialmente nos Estados Unidos e, posteriormente, “sob os auspícios de agências bilaterais ou intergovernamentais como a USAID e a Organização Mundial de Saúde, em um número crescente de países em desenvolvimento na África, Ásia e América Latina” (RICHARD PARKER, 2000b: 69). O material elaborado por Daniel Tarantola para a coleção de melhores práticas da UNAIDS reforça a descrição de Parker:

Inicialmente, a resposta ao HIV focou-se principalmente na redução de comportamentos de risco, tendo como alvos os indivíduos e os grupos. Exemplos de intervenções assim planejadas incluem o fornecimento de informação e de educação, a promoção de preservativos, a prevenção e o tratamento precoce de doenças sexualmente transmissíveis, a troca de agulhas e seringas nas populações de usuários de drogas injetáveis, e programas para aumentar a capacidade de mulheres e de jovens de exigirem a sua própria proteção quando a balança de poder entre estas e seus parceiros sexuais não está a seu favor. Tais estratégias também buscaram aumentar a segurança de procedimentos médicos, incluindo as transfusões de sangue, no contexto de serviços de saúde. (DANIEL TARANTOLA, 1998: 4)

Tarantola em seguida explica que essa é a maneira com que a saúde pública historicamente lida com doenças infecto-contagiosas: procurando influenciar comportamentos individuais, fazendo intervenções no plano biomédico e, em alguns casos, através de ações legais ou coercitivas. As políticas no campo da saúde são marcadas historicamente por um enfoque centrado na doença e nas determinações biológicas do adoecimento (ARACHU CASTRO and PAUL FARMER, 2005). As estratégias iniciais adotadas para conter a epidemia de HIV/AIDS estão evidentemente inseridas nesse contexto – que incluiu também concepções de que as decisões e os comportamentos relativos ao *risco* são *racionais*. Presume-se, assim, que o usuário de drogas injetáveis irá racionalmente optar por não compartilhar seringas em todas as situações, por exemplo. Análises sobre o comportamento das pessoas em relação ao risco da transmissão sexual de HIV/AIDS têm sido, também, dominadas por abordagens centradas nos indivíduos e em modelos teóricos de comportamento no campo da saúde de base psicológica (NATHALIE BAJOS and JACQUES MARQUET, 2000).

Apesar de contribuições feitas por estudos do tipo CAP, que permitiram identificar fatores associados a mudanças de comportamentos e a comportamentos considerados de risco, os modelos de intervenção que visam à mudança comportamental individual têm demonstrado fragilidades: há pessoas com bastante informações sobre os riscos do HIV e que ainda assim adotam comportamentos considerados de alto risco para a infecção pelo vírus (CATHERINE CAMPBELL, 1997: ; CATHERINE CAMPBELL and CATHERINE MACPHAIL, 2002: ; JEAN-PAUL MOATTI and YVES SOUTEYRAND, 2000).

As pesquisas de abordagem CAP apontaram fatores, porém não deram conta de explicar as razões que levam as pessoas a tomarem as suas decisões quanto às práticas e aos comportamentos sexuais.

Sem dúvida, a informação e o conhecimento são fatores importantes para a promoção da saúde, entretanto se a informação por si não basta para promover mudanças comportamentais consistentes de médio e longo prazo, é preciso buscar inspiração em outros modelos teórico-conceituais a fim de elaborar intervenções diferentes. Inclusive formas de intervenção que possam levar em conta o contexto em que as pessoas irão receber as informações e as formas com que estas poderão ser interpretadas.

No final da década de 1990, a abordagem à epidemia de HIV/AIDS ampliou-se de modo a incluir fatores que influenciam diretamente o comportamento dos indivíduos (DANIEL TARANTOLA, 1998). Uma concepção menos centrada no indivíduo reconhece que o fenômeno de adoecer é também social, e que o comportamento e a decisão de uma pessoa relativamente a seu corpo e à sua saúde têm múltiplas determinações – fatores sociais, familiares, relacionais, contextuais – ou seja, que o indivíduo existe dentro de uma comunidade. Se a informação, centrada na experiência subjetiva, por si só não é suficiente, é então necessário considerar também os significados culturais relativos à sexualidade e ao uso de drogas, que são sempre intersubjetivos; além de informar, é também fundamental compreender as regras culturais que organizam os comportamentos em cada contexto. As abordagens mais recentes introduziram a idéia de que o risco é influenciado inclusive por relações de poder e por iniquidades sociais.

Além disso, é necessário, naquelas abordagens menos holistas, que a pessoa reconheça a necessidade de uma mudança em seu comportamento, i.e. que ela se reconheça como tendo um “comportamento de risco” ou “problemático”. Sem esse reconhecimento, não há aceitação por parte da pessoa alvo das ações de qualquer forma de aconselhamento ou educação; se não há percepção de vulnerabilidade, tampouco a pessoa buscará participar de programas ou intervenções com o objetivo de modificar seus comportamentos.

Nessa perspectiva, torna-se importante mencionar um modelo específico de intervenção comportamental com grande repercussão em função de ter sido apoiado pela USAID – a agência de desenvolvimento norte-americana – que ficou conhecido como “ABC”. O modelo ABC centra a prevenção em três estratégias: a abstinência, a fidelidade e o preservativo. Em inglês: *Abstain, Be faithful e Condomize*. Prega-se, em primeiro lugar, a abstinência de sexo com penetração e a postergação da iniciação sexual para jovens; em segundo, a fidelidade e a redução de número de parcerias sexuais – idealmente, a monogamia nas relações que envolvem sexo; em terceiro, o uso consistente e correto de preservativos (masculino ou feminino) nas relações sexuais. Atrelado a esse modelo, segue-se a promoção de mudanças no contexto social, cultural e legal onde é implementado. Em particular, no que diz respeito a populações com vulnerabilidade acrescida para HIV/AIDS, encontramos o objetivo de erradicar completamente determinadas práticas como a prostituição e o uso de drogas, visando em última instância a promoção daquelas estratégias de prevenção. O apoio técnico e financeiro da USAID, assim, fica atrelado a condições como o não repasse de recursos para grupos que

trabalhem com profissionais do sexo. No caso dos caminhoneiros, é certo que os atores políticos e sociais que promovem a política norte-americana do ABC não pregam, em qualquer parte do planeta, a erradicação da profissão de motoristas, nem o fim do transporte viário de cargas.

Também se deve dizer que a política do ABC não está sendo – e nunca foi – endossada pelo Ministério da Saúde do Brasil. Em entrevista recente, publicada no jornal O GLOBO Online, o ex-diretor do PN/AIDS, Pedro Chequer, explica as razões pelas quais o Brasil rejeita a política do ABC:

O Brasil rejeita a ênfase do governo Bush [presidente dos EUA] na abstinência, na fidelidade e no uso controlado de preservativos. É uma perversão da ciência com objetivos morais. No fundo, essa é uma proposta teológica: não faça sexo, sexo só com casamento, com fidelidade, para procriação. Obviamente, a abstinência é a forma mais segura de evitar a AIDS. Mas não é viável no sentido operacional, a menos que a proposta seja de castrar ou alterar geneticamente a humanidade. Por discordar desta política, em abril de 2005 o Brasil recusou U\$ 40 milhões da Agência do Governo dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) para financiamento de projetos de ONG. Como condição para a liberação da verba, a agência americana proíbe o Programa Nacional de DST e AIDS de repassar recursos a qualquer instituição que trabalhasse com prostitutas. Só que dentro do programa de AIDS brasileiro, as profissionais do sexo são vistas como parte do processo e não como pessoas que devem estar afastadas de qualquer decisão. Então, optamos pelo respeito à diversidade, à cidadania e ao direito de escolha das pessoas. E, sinceramente, valeu a pena. Ficamos sem o dinheiro, mas não perdemos a dignidade. Mas tem países que infelizmente se curvam diante disso e as conseqüências são desastrosas. [Qual foi o destaque desta política na África?] O carro-chefe do governo Bush, pelo menos do ponto de vista internacional, foi o Plano de Emergência do Presidente para Combate à AIDS. Uma iniciativa interessante, em primeiro lugar, pelo volume de recursos envolvidos. A previsão inicial era de U\$ 15 bilhões por cinco anos, mas recentemente houve uma revisão orçamentária, votada pelo Congresso, e parece que o valor pode chegar a U\$ 30 bilhões. O investimento deste recurso na área de assistência foi muito positivo, muito bem-vindo, e se somou a outras iniciativas que fizeram com que a cobertura do acesso à terapia antiretroviral aumentasse em todos os países que fazem parte do programa, como Moçambique, Angola e Uganda. Agora, do ponto de vista da prevenção, o programa foi um fracasso absoluto. Os países que receberam financiamento dos EUA foram obrigados a destinar um percentual importante dos recursos, algo em torno de 30%, para áreas voltadas exclusivamente para abstinência e fidelidade. Desta forma, apesar do saldo positivo no que diz respeito à introdução de terapia antiretroviral, que acarretou um aumento considerável na sobrevivência dos pacientes,

ampliando o acesso ao diagnóstico da infecção pelo HIV, o que reduz o tempo de espera para o resultado e agiliza o início do tratamento, acredito que a política de Bush para o controle da AIDS na África tenha causado muito mais prejuízos que benefícios. (ÂNGELA GÓES, 2008)

A ênfase sobre os significados culturais das práticas sexuais e do uso de drogas implicou mudanças sobre a própria concepção de intervenção no campo da AIDS. Ficou evidenciado que as informações sobre HIV e AIDS são, elas mesmas, construídas e interpretadas dentro de uma cultura – portanto, de sistemas simbólicos e de significados que são anteriores à própria pandemia. Os modelos de intervenção que partem da compreensão de que as ações e comportamentos são informados por normas e valores socioculturais são chamados, por vezes, de intervenções comunitárias; são as intervenções que se baseiam em modelos mais holistas. O objetivo nas intervenções comunitárias é primordialmente a mudança de ordem cultural, ao almejar transformações em diferentes instâncias que influenciam processos individuais, como normas sociais, organizacionais ou políticas, condições econômicas, relações familiares e comunitárias (R. J. DICLEMENTE, et al., 2005).

O paradigma da *vulnerabilidade* é mais amplo e abarca os conceitos de risco e de comportamento de risco, percebidos agora como sendo influenciados por fatores sociais e contextuais (DANIEL TARANTOLA, 1998). Dever-se-á considerar, no planejamento de intervenções, uma dimensão individual, uma dimensão temporal-histórica, social-cultural, dos serviços e dos programas existentes. Nesse paradigma, a análise da vulnerabilidade para HIV/AIDS deve buscar identificar estes fatores e dimensões, compreendendo as relações entre eles. Intervenções que objetivam reduzir a vulnerabilidade

para HIV/AIDS de determinados indivíduos ou comunidades devem, portanto, ir além de estratégias de redução de risco.

A amplitude do paradigma da vulnerabilidade e a complexidade de conceitos como *drivers* da epidemia permitem antever a dificuldade de se criar intervenções e campanhas que englobem tantos fatores e dimensões. Um programa que busque dar conta dessa complexidade – uma política pública de saúde como a formulada e executada pelo PN/AIDS – deve ter como horizonte sempre presente a articulação do conjunto de aspectos, enfatizando quiçá em diferentes momentos e instâncias, determinados fatores ou dimensões da vulnerabilidade⁴⁷. Há quase dez anos, Karen Giffin e Catherine Lowndes escreviam que, no Brasil, prevalecia ainda a visão biomédica de *risco* na abordagem à AIDS no Brasil, assim como permanece a tendência de se fundamentar as ações e pesquisas em indicadores estritamente quantitativos (KAREN GIFFIN and CATHERINE M. LOWNDES, 1999).

⁴⁷ Alguns exemplos de operacionalização do conceito de vulnerabilidade são dados por (DAGMAR E. ESTERMANN MEYER, et al., 2006), (FERNANDA LOPES, et al., 2007), (REGINA FIGUEIREDO and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, 2002), (IARA COELHO Z. GUERRIERO, et al., 2002), (FRANCISO INÁCIO BASTOS, 2001).

4 – Situando os caminhoneiros com relação à epidemia de HIV/AIDS

Em primeiro lugar, é preciso indicar que a literatura do campo do HIV/AIDS – tanto a produzida por agências internacionais de cooperação quanto por cientistas investigando a epidemia –, quando trata dos caminhoneiros, com freqüência o faz inserindo-os numa categoria mais ampla, a de populações com grande mobilidade. Vimos que o PN/AIDS inclui os caminhoneiros na Matriz de Risco e Vulnerabilidade enquanto população população com comportamento de alto risco e com alta vulnerabilidade para infecção por HIV, juntamente com garimpeiros, profissionais do sexo e presidiários.

Mobilidade

A inclusão de grupos de pessoas que têm grande mobilidade na Matriz de Risco e Vulnerabilidade do PN/AIDS segue uma tendência global, iniciada no final da década de 1990 (UNAIDS/WHO, 2002b). Estudos que buscavam delinear o papel da mobilidade e do transporte na difusão de infecções sexualmente transmissíveis e de infecções por HIV foram encomendados e/ou estimulados por agências internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT ou ILO, International Labour Organization, em inglês), a Organização Internacional para Migrações (OIM ou IOM, International Organization for Migration, em inglês), o Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV/AIDS (UNAIDS), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD ou UNDP, United Nations Development Programme,

em inglês), o Banco Mundial e a Organização Mundial de Saúde (OMS), além de grandes Organizações Não Governamentais internacionais, como Family Health International (FHI), CARE International, Population Services International (PSI) e World Vision International (WVI) (M. B. AMAYUN, 2004: ; YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2007a: ; ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000)

A coleção da UNAIDS intitulada de melhores práticas – *Best Practice Collection* – apresenta relatório específico sobre a relação entre a mobilidade de pessoas e a epidemia de AIDS (UNAIDS, 2001). O escritório do PNUD na Ásia promoveu mais de um evento e publicação centrado no tema da mobilidade e da epidemia de AIDS – com análises centradas em custos e benefícios e desenvolvimento econômico; cf. (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2005: ; ANIS CHOWDHURY and TERRY MCKINLEY, 2006: ; TERRY MCKINLEY and DEGOL HAILU, 2006: ; LEE-NAH HSU and COLIN STEENSMA, 2000). Uma obra exemplar atual da análise das relações entre a mobilidade em geral e doenças infecciosas é o livro organizado por Yorghos Apostolopoulos e Sevil Sönmez, intitulado *Population Mobility and Infectious Disease*, que trata das questões de mobilidade populacional em geral, de migrações, de refugiados, de grupos profissionais que têm grande mobilidade, como militares, alguns profissionais do sexo, profissionais do setor de transportes e até mesmo de questões como o turismo sexual (YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2007a).

A Organização Internacional para Migrações (OIM) publicou, por exemplo, obras específicas sobre mobilidade populacional e a epidemia de HIV/AIDS – cf. (ELEONORE CARAËL, 2005: ; INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2004: ; UNAIDS AND IOM, 1998). Uma revisão apresentada pela OIM começa afirmando:

A rápida difusão do HIV através de várias comunidades, países e continentes é um testemunho das ligações entre movimento populacional e a epidemia crescente. Estudos com algumas populações com alta mobilidade (e.g. caminhoneiros, mercadores, militares, marinheiros) identificam as viagens e a mobilidade como um dos fatores relacionados à infecção por HIV. (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2004)

Um projeto estimulado pela Comissão Europeia resultou no contrato celebrado a DG SANCO/G, AIDS FONDS (Holanda) e o Netherlands Institute for Health Promotion and Disease Prevention (NIGZ, Holanda) para coordenar o Projeto Europeu AIDS & Mobilidade (projeto número 6040, encerrado em 2003), acerca da migração e da mobilidade nos diferentes estados membros da União Europeia (EU). O projeto antecipa a inclusão de novos países – especialmente da Europa Central – nas ações de saúde pública da EU (cf. A&M News – Biannual Newsletter of the European Project AIDS & Mobility, NIGZ, Holanda). Além disso, o projeto estabeleceu pontos focais nacionais na Áustria, na Bélgica, na Dinamarca, na Finlândia, na França, na Alemanha, na Grécia, na Irlanda, na Itália, na Holanda, na Noruega, em Portugal, na Espanha, na Suécia e no Reino Unido⁴⁸.

⁴⁸ Cada “ponto focal” é responsável pela coordenação de uma rede nacional em que as principais minorias étnicas/migrantes e os grupos com alta mobilidade estejam representados. Os pontos focais devem reunir e disseminar informações relevantes para esta rede nacional e para pessoas encarregadas de formular e executar políticas que estejam interessadas nestas informações; também são responsáveis pela capacitação, através de seminários e do apoio a

Utiliza-se a característica que diversos grupos sociais, étnicos ou profissionais podem ter em comum – a sua mobilidade – para reuni-los em uma só rubrica. São assim reunidos pela UNAIDS e OMS os seguintes agrupamentos sociais (UNAIDS/WHO, 2002b): (i) as pessoas em profissões com grande mobilidade (os profissionais mais citados são os caminhoneiros e os trabalhadores de minas); (ii) os trabalhadores migrantes (como os trabalhadores mexicanos que trabalham nas safras agrícolas norte-americanas); (iii) os profissionais do sexo (sejam vítimas ou não de tráfico de pessoas); (iv) as pessoas refugiadas; (v) e os migrantes voluntários. A OIM igualmente revela a diversidade de grupos sociais com mobilidade:

As pessoas se mudam de um lugar para o outro, seja temporária, sazonal ou permanentemente, por muitas razões: em busca de oportunidades profissionais ou econômicas, para se reunir com outros membros da família, para fugir de guerras ou abusos de direitos humanos, para se afastar de conflitos étnicos, da violência, da fome ou de perseguições. (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2004)

A literatura aqui revisada aponta para a construção de uma categoria genérica e globalizada de “populações com mobilidade”. Uma parte significativa dos trabalhos revisados assume como verdadeira a maior vulnerabilidade de qualquer população com grande mobilidade e parte dessa premissa, usualmente afirmando na primeira frase do texto este dado (alguns dos trabalhos revisados estão apresentados no Quadro 5).

visitas entre membros de diferentes Organizações Não Governamentais e comunitárias para que possam se conhecer e compartilhar experiências (cf. www.aidsmobility.org).

Quadro 5 - Literatura acerca da população com grande mobilidade e a sua relação com a epidemia de HIV/AIDS. Trabalhos que partem da prerrogativa de que a mobilidade per se torna esta população vulnerável.

O texto parte da premissa de que populações com alta mobilidade são mais vulneráveis	Referência
A vulnerabilidade de populações móveis é reconhecida cada vez mais como uma dimensão importante com respeito ao HIV/AIDS. Programas voltados para a prevenção e os cuidados com relação ao HIV/AIDS estão sendo estabelecidos em todo o globo.	(M. HAOUR-KNIPE, et al., 2002)
Existe uma relação muito estreita entre a mobilidade e a difusão da infecção de HIV. Ficar longe de casa e de redes sociais tradicionais, bem como de constrangimentos sociais, faz com que as pessoas tenham maior probabilidade de terem parceiros sexuais que não sejam seus esposos ou parceiros sexuais regulares. O setor de transporte tem um papel importante na facilitação do movimento das pessoas.	(A. WHITESIDE, 1998)
O transporte e a migração conectam as pessoas umas com as outras, abrem mercados e fornecem oportunidades econômicas – com frequência, oportunidades de uma vida melhor para muitos. O transporte e a migração também facilitam a transmissão do HIV para dentro de territórios virgens e dentre populações em risco.	(M. B. AMAYUN, 2004)
Motoristas de longa-distância, profissionais do sexo situadas em cabarés e trabalhadores migrantes são populações identificadas como de alto-risco por programas de prevenção ao HIV.	(E. BOURCIER, et al., 2002)
A migração interna por curtos períodos de tempo, em busca de emprego, é um dos fatores para a expansão da epidemia de HIV/AIDS e de outras infecções sexualmente transmissíveis. Em Dinazpur, no Norte de Bangladesh, região famosa pela produção de arroz, muitas populações com grande mobilidade chegam para permanecer pouco tempo – como trabalhadores agrícolas, do transporte, dos moinhos de grãos e motoristas de caminhão.	(A. FARUK and A. ASHRAFUDDIN, 2002)
O Camboja tem a taxa de prevalência de HIV/AIDS mais alta do Sudeste Asiático. Entre as populações vulneráveis, as populações com alta mobilidade e migrantes têm o maior risco tanto de contrair a infecção por HIV quanto, mais importante, de atuar como uma ponte na transmissão do HIV para a população em geral.	(N. V. TEP, et al., 2004)

O texto parte da premissa de que populações com alta mobilidade são mais vulneráveis	Referência
<p>Grupos com grande mobilidade são vulneráveis à infecção por HIV e são difíceis de se alcançar com mensagens de prevenção, em particular aqueles que trabalham de forma casual. Caminhoneiros de longa-distância são um grupo notório em Camarões pelo seu estilo de vida aparentemente de alto risco. Longas jornadas de trabalho, trânsito arriscado, pressões para ganhar dinheiro e relações com a polícia são as preocupações mais imediatas deste grupo, mais do que a saúde sexual. A CARE International implementou no Camarões, desde 1997, dois projetos que têm como população alvo caminhoneiros e as pessoas que constituem suas parcerias sexuais.</p>	<p>(J.-A. ONANA-EKEMBENE, et al., 2006)</p>
<p>O Plano Estratégico Nacional de HIV/AIDS/IST para 2006-2010 da República Democrática do Lao descreve as populações com grande mobilidade como um dos grupos mais vulneráveis do país. Motoristas de caminhão, trabalhadores da construção civil e profissionais do sexo têm vulnerabilidade acrescida em função de fatores que incluem os seus altos níveis de mobilidade, baixos níveis de escolaridade e comportamentos pobres no que diz respeito à busca de saúde.</p>	<p>(S. THAMMALANGSY, et al., 2006)</p>
<p>Ainda que o setor de transportes tenha trazido uma abundância de efeitos positivos sobre as esferas socioeconômicas de diversas comunidades, a correlação entre o transporte de pessoas e de bens com a propagação de doenças já foi estabelecida há muito (Hays, 2000) [1]. [...] O transporte parece ser o setor econômico mais afetado nas regiões em desenvolvimento e, como resultado, os surtos e as epidemias de IST/HIV se tornaram grandes barreiras para o desenvolvimento (World Bank, 2006) [2]. Corredores de transporte, locais de parada e pontos terminais constituem, comprovadamente, vetores primordiais para ISTs, HIV e riscos associados (CSIR, 2004) [3].</p> <p>[1] referência completa falta no original</p> <p>[2] World Bank (2006) Development Report. Washington, D.C.: World Bank.</p> <p>[3] CSIR (2004) A scoping study on community responses to HIV/AIDS along the transport corridors and areas of intense transport operations – Kenya, Tanzania, and Zimbabwe. Pretoria, South Africa: Council for Scientific and Industrial Research.</p>	<p>(YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2007b: 133)</p>
<p>A infecção por HIV está fortemente associada à mobilidade populacional, incluindo a migração por trabalho, mudanças de residência e viagens.</p>	<p>(MARIA R. KHAN, et al., 2007)</p>

Um artigo sobre as relações entre a saúde em geral e a mobilidade, elaborado a partir de um estudo de coorte na Austrália, discute a complexidade da relação entre a saúde e a migração, revelando que há diferenças segundo a idade, o sexo, as condições de moradia e o nível socioeconômico dos migrantes (ANN LARSON, et al., 2004). Os autores inicialmente revisam os estudos da relação entre saúde e mobilidade.

Há uma relação positiva entre a mobilidade, a juventude, a escolaridade e a ocupação, especialmente quando se trata de deslocamentos de grande distância – nesse caso, os migrantes tendem a apresentar condições de saúde *melhores* do que os não-migrantes. Além disso, as comunidades que recebem tais migrantes beneficiam-se com a sua chegada, observando um decréscimo em taxas como a de mortalidade da população. Contudo, outras pesquisas apontam para uma relação negativa entre saúde e mobilidade. Estudos de migrantes com mais de 40 anos de idade em diversas regiões do mundo revelaram maior probabilidade de tal grupo ter condições piores de saúde. (ANN LARSON, et al., 2004).

As relações entre a mobilidade de cada um dos grupos catalogados pela UNAIDS e a OMS (ocupações com grande mobilidade, trabalhadores migrantes, profissionais do sexo, refugiados e migrantes voluntários) e as suas vulnerabilidades específicas às ISTs ou HIV/AIDS são bastante complexas e diferenciadas, embora todos tenham em comum a mobilidade. Uma relação geral entre a mobilidade e a epidemia de HIV/AIDS é tomada como sendo universal, mesmo que os processos migratórios possam ser bastante diversificados e variáveis – as condições adversas como a miséria, a fome ou a

guerra que impulsionam determinados processos migratórios não estão sempre presentes para todas as populações com grande mobilidade.

Os caminhoneiros têm uma mobilidade constante, estando circulando pelo espaço geográfico por exigência profissional, cotidianamente. Já os refugiados e os migrantes têm uma situação de mobilidade circunstancial, uma vez que almejam, teoricamente, fixarem-se em algum local. Os migrantes voluntários (permanentes) e os migrantes a trabalho (sazonais) são vistos em alguns estudos como pertencendo a uma comunidade translocal, tendo sido feitas análises antropológicas empregando em especial o conceito de diáspora para tais situações – por exemplo, ver Rouse (1989). Sobre as pessoas que migram na busca de atividades remuneradas temporárias, há estudos sociológicos que retratam as duras condições materiais de existência e de trabalho sobretudo dos latino-americanos que chegam aos Estados Unidos, e.g. (YORGHOS APOSTOLOPOULOS, et al., 2006: ; SETH M. HOLMES, 2006), e dos homens africanos que buscam trabalho nas minas da África do Sul, e.g. (CATHERINE CAMPBELL, 1997).

Profissionais do sexo podem atuar no mercado voluntária ou involuntariamente – neste último caso, quando as mulheres, em especial, são vítimas de tráfico de pessoas e obrigadas a atuarem como prostitutas em contextos que lhes são estrangeiros; nos dois casos, a mobilidade geográfica não parece ser tão intensa, ou freqüente, quanto no caso de caminhoneiros. Parece relevante salientar todas essas diferenças no intuito de enfatizar que as pessoas situadas em diversos contextos têm diferentes identidades, recursos e vulnerabilidades.

Os fatores que são arrolados por agências internacionais como a UNAIDS, a OMS e a OIM, que tornam populações com grande mobilidade mais vulneráveis ao HIV/AIDS, estão relacionadas à noção de que essas pessoas estão mais *isoladas* porque: enfrentam diferenças de ordem cultural e/ou lingüística, podem ser discriminadas ou estigmatizadas, estão longe de amigos e de familiares, estão afastados de seus (suas) parceiros (as) sexuais usuais; outros fatores mencionados são o sentido de anonimato que essas pessoas podem vir a ter, além da falta de acesso a serviços de saúde e a serviços sociais (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2004). Ressalta-se que, enquanto a pobreza e o desenvolvimento econômico podem ser considerados fatores relacionados à vulnerabilidade para HIV/AIDS, há uma relação direta entre esses mesmos fatores – pobreza e desenvolvimento econômico – com a mobilidade populacional.

Conforme descrito inicialmente nesta tese, processos como o de *globalização* também são listados por agências internacionais a fim de justificar a relevância de se tratar dos temas da migração e da mobilidade populacional. A maior facilidade de transporte aéreo e terrestre nos últimos anos, aliado à rápida e extensa difusão de imagens de espaços geográficos através da mídia, representam possibilidades concretas de deslocamento e de destinos para as pessoas. O desenvolvimento do capital financeiro, juntamente com a menor produção industrial e agrícola em algumas partes do planeta, engendra desigualdes econômicas entre regiões que podem servir de estopim para a migração voluntária, em busca de novas oportunidades e melhores empregos. A maior abertura política e geográfica de comunidades e sociedades, a partir

de grandes mudanças em alguns países (desde a antiga União Soviética, passando pelo Leste Europeu e o Sudeste Asiático, até a África do Sul) acarretou fronteiras mais permeáveis ao trânsito de pessoas.

Populações migrantes – migrantes sazonais a trabalho, migrantes voluntários em busca de uma nova vida, refugiados – são estranhos, forasteiros, “outros” que chegam de fora em determinado espaço geográfico e social, buscando ali se integrarem. O migrante não é nem mais aquele estrangeiro localizado em outro lugar, nem é um nativo, e talvez seja nessa ambigüidade que reside o maior problema – afinal, aquilo que está fora de lugar representa *desordem*, o *sujo*, e, nesse caso, a ambigüidade e a anomalia são tratadas como *perigos* (MARY DOUGLAS, 1966). O perigo, explica Mary Douglas, é definido numa comunidade para que se possa assim simultaneamente conceituar o que é o bem-comum. A busca por culpados pela desordem é simplesmente um corolário de um sistema que objetiva convencer todos os membros de uma comunidade a contribuírem para esse bem-comum (MARY DOUGLAS, 1992).

No sistema de mobilidade populacional descrito, por exemplo, por Guinness (2002), o deslocamento de pessoas de uma comunidade de origem para uma comunidade de destino pode incluir espaços ou comunidades de trânsito, por onde as pessoas podem passar ou permanecer temporariamente. Entre a comunidade de origem e a de trânsito, ou entre a de trânsito e a de destino, haveria pontos nodais importantes, chamados de *hotspots* ou zonas quentes:

Hotspots de infecção por HIV podem se desenvolver em qualquer ponto ao longo do sistema de mobilidade. *Hotspots* são definidos

como pontos chave em redes de populações com mobilidade, onde tais populações interagem com outras populações também em movimento, bem como as comunidades locais, sendo os espaços em que ocorrem comportamentos de alto-risco. (LORNA GUINNESS, et al., 2002: 3)

A população residente de comunidades de trânsito tem em geral uma atitude negativa para com migrantes e outros grupos sociais com mobilidade – a maioria, conforme Bronfman et. al (2002), acredita que os migrantes são a causa de todos os problemas sociais da comunidade, como a prostituição e a AIDS, entre outros. As pessoas que vivem nas regiões chamadas de trânsito, como zonas de fronteira, têm freqüentemente baixa escolaridade, sendo que tampouco se encontram serviços públicos em geral (ou de saúde em particular). Não raro, são zonas com altos índices de violência e de pobreza (MARIO BRONFMAN, MIRKA J. NEGRONI, et al., 2002).

Indo de encontro essa descrição, o município do Chuí, no extremo Sul do Brasil, foi um dos sítios da presente pesquisa. É uma cidade de fronteira extremamente pequena (com 5.278 habitantes distribuídos em 203 km²) e pobre, com um único estabelecimento de saúde (público e sem internação) e uma escola, onde o fluxo de pessoas e bens em trânsito são de grande importância econômica⁴⁹. Além do setor de transportes, o comércio é vital, sendo constituído por supermercados bastante grandes e uma diversidade de lojas cuja propriedade concentra-se em famílias de descendentes de imigrantes árabes. No município irmão, Chuy, do lado uruguaio, a economia depende também do comércio, especialmente de *free-shops*.

⁴⁹ Informações sobre Chuí, RS, retiradas do site IBGE Cidades, com dados referentes a 2005-2006, em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

Para outros pesquisadores, a migração e a mobilidade populacional não são descritas tanto como *sistemas*, mas devem ser entendidos como *processos* compostos pelos seguintes estágios (UNAIDS, 2001): origem (comunidade original de onde as pessoas vêm, as razões pelas quais elas partem, as relações que mantêm com a comunidade de origem durante a ausência), trânsito (locais por onde as pessoas passam, os modos com que se deslocam, as maneiras com que as pessoas se sustentam durante o deslocamento), destino (os lugares para onde as pessoas vão, as atitudes com as quais se deparam ao chegarem lá, as condições de moradia e de trabalho na nova localidade), retorno (as comunidades para as quais as pessoas retornam, suas famílias, os recursos de que dispõem ou carecem).

A mobilidade, principalmente quando forçosa em função da miséria, da fome ou de conflitos, também pode colocar aqueles que se deslocam em situações nas quais são explorados – no mercado sexual ou no tráfico de drogas, por exemplo – por falta de opções. Migrantes têm maiores riscos de apresentar condições de saúde piores e têm, em particular, maiores riscos de infecção por HIV, devido aos impactos de padrões socioculturais da migração sobre a saúde, as transições econômicas enfrentadas, a menor disponibilidade e o acesso reduzido a serviços de saúde, além da dificuldade dos sistemas de saúde dos países em que os imigrantes chegam de lidarem com as tradições e práticas dos imigrantes. As pessoas que chegam de outras regiões ou países deparam-se também com barreiras lingüísticas e culturais.

Normas sociais e culturais tradicionais da comunidade de origem podem perder seu sentido para as pessoas quando estão em outros contextos,

modificando seus comportamentos sociais ou as tornando mais suscetíveis a pressões sociais de grupos próximos. A presunção usual é de que populações com grande mobilidade tendem a ser constituídas por pessoas que têm maior número de parceiros sexuais do que aquelas que pertencem a populações sem mobilidade – e.g. (KEMPE RONALD HOPE, 2001).

Os imigrantes enfrentam, com freqüência, a xenofobia, o isolamento e a hostilidade nos países em que chegam; aqueles que vivem com HIV/AIDS estão sujeitos à discriminação e ao estigma e muitas vezes escondem seu status sorológico, não ingressando em qualquer serviço de apoio ou programa destinado a PVHA (VARDA SOSKOLNE and RONNY A. SHTARKSHALL, 2002: ; R. SHTARKSHALL and V. SOSKOLNE, 2000: ; LORNA GUINNESS, et al., 2002). Dentre as populações com grande mobilidade, os grupos considerados mais vulneráveis são os refugiados, os imigrantes ilegais e as mulheres (UNAIDS, 2001).

Estudos apontam para um número alto de pessoas com HIV/AIDS que são trabalhadores migrantes; há igualmente pesquisas realizadas com mulheres migrantes, tanto aquelas que são vítimas de tráfico de pessoas quanto daquelas imigrantes que buscam trabalho em outros países, que revelam grande prevalência de ISTs e HIV/AIDS (MARIO BRONFMAN, MIRKA J. NEGRONI, et al., 2002: ; ELEONORE CARAËL, 2005: ; C. MAGIS, et al., 2004: ; UNAIDS/WHO, 2002b).

Observa-se nessa produção científica justamente a construção de um *outro* epidemiológico – uma alteridade é forjada e deve ser examinada, quantificada, analisada e descrita. Esses sujeitos migrantes que são, por

definição, estrangeiros ou “outros”, são eleitos objetos de estudos: é preciso compreender seus comportamentos para assegurar a saúde do corpo social, evitando que carreguem consigo, para dentro das “nossas” fronteiras problemas sociais, como doenças infecto-contagiosas. Criam-se pânicos morais nas sociedades industrializadas e “desenvolvidas”, para onde se dirige uma parcela dos migrantes, a respeito de estrangeiros; o foco das atenções nessas sociedades então se distancia enormemente dos processos sociais e econômicos mais amplos que engendram violações de direitos humanos, desigualdades econômicas e injustiças sociais. Os próprios imigrantes são assim “culpados” pelas transformações observadas e, em particular, pelo crescimento da epidemia de HIV/AIDS. Para Kris Clarke,

A AIDS, como muitas epidemias na história da humanidade, tem sido atribuída muitas vezes ao influxo de estrangeiros, ao invés de ser atribuída às relações entre grupos de pessoas. A elaboração de programas para HIV/AIDS que sejam adequados requer a compreensão de que os migrantes fazem parte intrinsecamente da sociedade pós-industrial e que o bem-estar social é um fator primário na prevenção à AIDS. (KRIS CLARKE, 2003: 6)

Para além da mobilidade e da migração em geral, são listadas como populações com grande mobilidade em geral pessoas com determinadas atividades remuneradas ou profissões. Assim, são mencionados, em primeiro lugar, aqueles que estão no setor de transportes. Este é um grande setor, que envolve uma rede complexa na terra (de estradas e ferrovias), na água (pelo mar, por rios e por lagos), e pelo ar (pela aviação civil), através da qual são transportados bens, pessoas, animais e serviços entre diferentes localidades. É possível perceber, na Tabela 1, que apenas o setor de transporte terrestre –

rodoviário, ferroviário e metroviário – envolve diretamente quase 2,5 milhões de pessoas no Brasil⁵⁰, de acordo com os dados do IBGE.

Os grupos populacionais considerados com maior vulnerabilidade, de acordo com Apostolopoulos e Sönmez, enquadram-se nas seguintes categorias:

(a) operadores de serviços de transportes [motoristas de ônibus, táxis, caminhões, trens, barcos, aviões]; (b) equipes de construção e manutenção; (c) profissionais com cargos de gerência; (d) clientes de serviços de transportes; (e) segmentos populacionais que fornecem serviços sexuais em troca de sobrevivência, segurança ou recursos; (f) populações marginalizadas com os quais os grupos acima mencionados entram em contato. (YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2007b: 134)

As categorias analíticas aqui propostas por Apostolopoulos e Sönmez acabam por abarcar tantos grupos diferentes que, ao mesmo tempo em que sucedem em revelar a diversidade do setor de transportes, pecam por sua amplitude. A diversidade e amplitude do setor devem ser ressaltadas, visto que apesar de tantos profissionais diferentes terem grande mobilidade, os textos que falam da relação entre a mobilidade e a epidemia de HIV/AIDS tendem a enfatizar apenas alguns grupos – a saber, os profissionais envolvidos no setor de transportes terrestre, em particular, os operadores destes serviços: motoristas de caminhão, motoristas de ônibus, motoristas de táxi.

Poucos são os estudos sobre trabalhadores no setor de transporte terrestre ferroviário ou metroviário; assim também são escassos os estudos sobre operadores ou trabalhadores do setor aquaviário de transportes (estes

⁵⁰ A extensão da malha rodoviária brasileira é grande: são quase 200 mil quilômetros de rodovias pavimentadas no país (dados da Confederação Nacional do Transporte, no Atlas do Transporte, disponível eletronicamente na homepage da CNT). O setor de transporte, armazenagem e comunicação emprega no Brasil, segundo o IBGE, mais de 3,3 milhões de pessoas, das quais a grande maioria são homens (quase 3 milhões); aproximadamente dois terços de todas as pessoas no setor são assalariados enquanto um terço, autônomo.

tendem a focar nos estivadores e outros trabalhadores de portos, e menos nos capitães e marinheiros). Mais raros ainda são aqueles que se centram em trabalhadores no setor de transporte aeroviário (como pilotos ou comissários de bordo).

Outras profissões com grande mobilidade freqüentemente citadas em revisões sobre HIV/AIDS são os trabalhadores de minas (especialmente na África do Sul), os garimpeiros (na América do Sul), os trabalhadores de construção civil⁵¹ (na China), os trabalhadores agrícolas que trabalham temporariamente em algumas colheitas (na América do Norte e na Europa), os pescadores (como aqueles que ficam por longos períodos em alto-mar) e os militares (de todas as Forças Armadas)⁵². Todas profissões citadas são, globalmente, masculinas. Em sua maioria, são ocupações que demandam força física, como o manuseio de equipamentos ou cargas pesados, além do próprio deslocamento físico pelo espaço (público), associado ao universo masculino e não ao universo doméstico, considerado espaço feminino (e para crianças).

Os fatores mencionados para a maior vulnerabilidade de pescadores, por exemplo, são semelhantes àqueles indicados para populações migrantes ou com mobilidade em geral:

A vulnerabilidade ao HIV/AIDS dos pescadores está relacionada ao tempo que os pescadores e os comerciantes de peixes ficam longe de casa, ao acesso que eles têm a uma renda que lhes é dada em

⁵¹ Outras atividades correlatas que envolvem mobilidade de forma geral são as construções de estradas e de pontes.

⁵² Estudo sobre ocupações de grande mobilidade e HIV/AIDS em Botsuana menciona ainda as profissões de motorista de caminhão, de construção de estradas, de barragens ou de prédios, de caixeiros viajantes, de construção de cercas, soldados, funcionários de reservas florestais e de animais, funcionários públicos e alguns profissionais do sexo que buscam oferecer serviço a estes profissionais mencionados (KEMPE RONALD HOPE, 2001).

dinheiro, o seu perfil demográfico, a grande disponibilidade de sexo comercial em portos de pesca, além da subcultura de correr riscos de hiper-masculinidade dos pescadores. (J. A. SEELEY and E. H. ALLISON, 2005: 688)

Raras são as pesquisas envolvendo as pessoas que ficam para trás, isto é, as parceiras dos homens com grande mobilidade. Um grupo de estudiosos trabalhou sobre este tema na Tanzânia (DEBBY C. J. VISSERS, et al., 2005: ; COLEMAN KISHAMAWE, et al., 2006), com uma pesquisa envolvendo 2.800 casais ou unidades conjugais. Os resultados indicam que, no casal, quando pelo menos um dos dois tem mobilidade, ambos podem ser descritos como tendo maior vulnerabilidade para a infecção por HIV. Tanto os homens quanto as mulheres com residência fixa em relações estáveis com companheiros de grande mobilidade relataram com maior frequência comportamentos sexuais de risco e tinham maior prevalência de HIV do que as pessoas em relações com pessoas de menor mobilidade. Nessa pesquisa, os homens apresentaram ainda maior comportamento de risco nos relacionamentos em que o homem era residente e a esposa, migrante. Tanto aquele que fica quanto aquele que se desloca, portanto, no casal, teria maior risco de infecção por HIV; os autores enfatizam que a maior parte das intervenções no campo da AIDS voltadas para a questão da mobilidade, contudo, concentram-se nas pessoas que se deslocam e nos lugares em que elas se concentram (como as minas ou os *truck stops*), sem envolver aqueles que ficaram para trás no casal.

Em suma, se a mobilidade *per se* é fator para a maior vulnerabilidade em relação à epidemia de HIV/AIDS, é preciso compreender por que os estudos existentes se centram tanto em alguns grupos populacionais; em especial, em se tratando de mobilidade em razão da profissão, por quais

motivos abundam trabalhos sobre caminhoneiros enquanto são escassas as análises sobre pilotos e comissários de bordo. Poder-se-á aqui aventar a hipótese de que a vulnerabilidade dos caminhoneiros é dada por um conjunto de fatores, que envolve, além da mobilidade, o pertencimento a determinada classe social, grau de escolaridade, renda e acesso a informações e serviços de saúde; considerando-se, porém que a mobilidade é tida como fator determinante, é preciso lembrar que a escolaridade requerida para se tornar comissário de bordo é o ensino médio.

Retomando a discussão teórica apresentada no princípio desta tese, outra hipótese é a de que o tratamento diferenciado dado por autores aos diferentes grupos profissionais condiz com o espectro da mobilidade apresentado por Massey, que situa as pessoas em relação aos fluxos da globalização (DOREEN MASSEY, 1994). O capital simbólico e material dos pilotos aéreos internacionais e dos altos executivos que estão no *jet-set* é muito diferente daquele dos caminhoneiros ou dos marinheiros⁵³. Dessa forma, os próprios caminhoneiros diferenciam-se de outros sujeitos, uma vez que para ser proprietário de, ou para conduzir, um caminhão é necessário possuir habilidades técnicas específicas – ser alfabetizado, ter a capacidade de lidar com burocracias e documentação de carga e do veículo e de planejar gastos no percurso de uma viagem, além de algum conhecimento mecânico.

Conforme os autores de uma extensa revisão sobre rotas de caminhões e HIV/AIDS,

⁵³ Nesse sentido, destaca-se o estudo de (E. URETSKY, 2006), desenvolvido na China, sobre homens com alto poder aquisitivo e que têm grande mobilidade, como executivos ricos, que conformam uma “cultura de masculinidade e de sexualidade masculina de elite”, e que mantêm múltiplos relacionamentos estáveis ou não com várias mulheres enquanto viajam pelo país. O estudo discute justamente a vulnerabilidade ao HIV destes homens.

Questões de gênero têm um papel importante nas rotas de caminhões, assim como têm em todos os aspectos da sociedade. [...] Nas rotas de caminhões, as relações de gênero são atuadas da seguinte forma: os homens têm dinheiro, as mulheres têm pouco ou nenhum dinheiro; os homens têm poder (real ou são percebidos como tendo poder), as mulheres têm pouco poder; os homens estão de passagem, em trânsito, enquanto as mulheres estão num local fixo, ou têm pouca mobilidade; os homens dirigem grandes caminhões para ganharem a vida, as mulheres competem umas com as outras para venderem alguma coisa para os homens. (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000: 15)

Nesse sentido, deve-se salientar também que as atividades remuneradas com grande mobilidade que são listadas como de maior vulnerabilidade para HIV/AIDS são compostas em sua grande maioria por um contingente masculino – trabalhadores de minas, garimpeiros, trabalhadores de construção civil, marinheiros, trabalhadores em colheitas agrícolas, caminhoneiros – onde é possível imaginar situações semelhantes à descrita acima sobre as desigualdades nas relações de gênero.

Caminhoneiros

O risco de infecção por HIV/AIDS, ou a vulnerabilidade, dos caminhoneiros é uma concepção construída a partir basicamente de estudos epidemiológicos, complementados por estudos do tipo CAP, que tomam esta população por objeto de investigação. Veremos aqui que esse conjunto de estudos internacionais sobre caminhoneiros e HIV/AIDS é desenvolvido nas chamadas “regiões em desenvolvimento”, sobretudo em países da África e na Índia⁵⁴. Conforme mencionado antes, há menos estudos sobre outras

⁵⁴ Organismos como a USAID afirmam que países africanos, especialmente da região da África Ocidental, enfrentam um problema sério com relação à epidemia de HIV/AIDS; ali, é provável que a epidemia seja agravada por um conjunto de outros problemas sociais: “miséria, desemprego, economias frágeis, infra-estrutura precária, conflitos, migrações, a posição social subalterna de mulheres, e o crescente êxodo de profissionais de saúde pública e de outros

profissões que envolvem grande mobilidade ou mesmo do setor de transportes – como o setor de transportes aéreos. Muitos dos estudos epidemiológicos salientam que a prevalência de infecções por HIV na população de caminhoneiros é superior à da população em geral (os estudos estão mencionados a seguir, de forma resumida, no Quadro 6).

Um estudo do tipo CAP brasileiro, desenvolvido numa dissertação de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais por um médico que atuou na coordenação de projeto de intervenção junto a caminhoneiros naquele estado, resume de forma exemplar a preocupação central na grande maioria das pesquisas aqui revisadas, acerca da combinação de uma maior vulnerabilidade com uma população ponte:

Os caminhoneiros parecem ter um papel nesta interiorização e feminização. São, portanto, um estrato da população a se conhecer para, em se entendendo o seu processo de trabalho, valores culturais, morais e comportamentais, identificar o papel neste processo. E a partir daí propor políticas gerais e específicas de prevenção das DST/AIDS (LUCIANO ELOI SANTOS, 2002: 17)

Uma exceção dentre os estudos epidemiológicos é aquele realizado a partir do projeto *Saúde na Estrada*, em Foz do Iguaçu, na fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai, onde a prevalência de HIV (e infecções sexualmente transmissíveis em geral) dos caminhoneiros não diferia significativamente da prevalência na população brasileira em geral (M. CHINAGLIA, et al., 2006).

profissionais especializados” (SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT, 2005: 2). O chamado *brain-drain* é poucas vezes mencionado em outros estudos, e é um elemento importante no campo da saúde de vários países do mundo.

Quadro 6 - Estudos internacionais e nacionais revisados sobre prevalência de HIV e/ou infecções sexualmente transmissíveis (IST) em caminhoneiros

Região	País	Ano	Amostra	Prevalência de HIV encontrada para caminhoneiros e outras informações relevantes sobre IST	Referência
África	África do Sul	2002	N = 310	56% para HIV	(G. RAMJEE and E. GOUWS, 2002)
África	Benin	2003	N = 404	8,4% para HIV entre clientes de prostitutas (maioria composta de caminhoneiros)	(M. ALARY, et al., 2003)
África	Burkina Faso	1998	N = 236	18,6% para HIV e 9,3% para sífilis	(S. LANKOANDE, et al., 1998)
África	Camarões	1994	N = 128	15,2% para HIV e 16% para sífilis	(AIDS ANALYSIS AFRICA, [AUTORES NÃO LISTADOS], 1994)
África	Camarões	2007	N = 300	16,3%	(JEMBIA J. MOSOKO, et al., 2007)
África	Eritréa	1998	N = 50	Nenhum teste positivo para HIV entre caminhoneiros	(HAILE GHEBREKIDAN, et al., 1998)
África	Guiné	2001	Não informado	7,3% para HIV	(SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT, 2002)

Região	País	Ano	Amostra	Prevalência de HIV encontrada para caminhoneiros e outras informações relevantes sobre IST	Referência
África	Guiné	2005	Não informado	7,7% para HIV	(SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT, 2005)
África	Mali	2005	Não informado	4% para HIV	(SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT, 2005)
África	Nigéria	1993	Não informado	3,4% para HIV	(UNAIDS/WHO, 2002a)
África	Quênia	1991	N = 331	18% para HIV e 4,6% para sífilis	(JOB JOAB BWAYO, A. M. OMARI, et al., 1991: ; JOB JOAB BWAYO, A. N. MUTERE, et al., 1991)
África	Quênia	1994	N = 970	27% para HIV	(JOB JOAB BWAYO, et al., 1994: ; D. M. THAPPA, et al., 2002)
Américas	Brasil	1998	N = 300	1,3% para HIV e 8,3% - 13% para sífilis	(R. LACERDA, et al., 1998)

Região	País	Ano	Amostra	Prevalência de HIV encontrada para caminhoneiros e outras informações relevantes sobre IST	Referência
Américas	Brasil	2003	N = 1589	0,9% para HIV e 1,1% para sífilis	(JOSÉ ANTONIO PISTARIN BERRA, LILIANA BRANCACIO BACETTI, KAISER J. F. ALVES, et al., 2003)
Américas	Brasil	2006	N = 1795	0,28% para HIV e 0,62% para sífilis	(M. CHINAGLIA, et al., 2006)
Américas	Estados Unidos	2006	N = 560	Nenhum teste positivo para HIV nem para sífilis	(S. VALWAY, et al., 2006)
Américas	Estados Unidos	2006	N = 109	3,4% para HIV, 3,4% para sífilis, 1,7% para clamídia e 12% para HCV (hepatite C); foram também entrevistadas e testadas no estudo as parcerias sexuais dos caminhoneiros nos locais (profissionais do sexo)	(S. SONMEZ, et al., 2006)
Américas	México	2005	N = 313	0,7% para HIV	(C. GAYET, C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUEIROZ, et al., 2006)

Região	País	Ano	Amostra	Prevalência de HIV encontrada para caminhoneiros e outras informações relevantes sobre IST	Referência
Ásia	Bangladesh	1997	N = 205	0% para HIV e 15,2% para sífilis	(P. C. BARUA, 2002)
Ásia	Bangladesh	2002	N = 388	0% para HIV e 5,7% para sífilis	(L. GIBNEY, et al., 2002; ; LAURA GIBNEY, et al., 2001)
Ásia	Bangladesh	2007	N = 696	4,1% para sífilis	(NAZMUL ALAM, et al., 2007a)
Ásia	China	2006	N = 550	0% para HIV e 0,7% para sífilis	(XIANG-SHENG CHEN, et al., 2006)
Ásia	Índia	2002-2005	N = 2836	1,8% para HIV (dos 2836 caminhoneiros envolvidos, 823 foram encaminhados para testagem e aconselhamento, e 15 estavam infectados com HIV)	(B. K. SWARNKAR, et al., 2006)
Ásia	Índia	1994	N = 302	0,99% para HIV	(Y. N. SINGH and A. N. MALAVIYA, 1994)
Ásia	Índia	1999	N = 1000	4,3% para HIV	(G.B. SINGH, et al., 1999)
Ásia	Índia	2000	N = 670	15,2% para HIV e 21,9% para sífilis	(A. V. GAWANDE, et al., 2000)

Região	País	Ano	Amostra	Prevalência de HIV encontrada para caminhoneiros e outras informações relevantes sobre IST	Referência
Ásia	Índia	2002	N = 335 N = 375 N = 410	2,99% para HIV e 6,3% para sífilis (Leste) 1,9% para HIV e 7,2% para sífilis (Norte) 6,9% para HIV e 8,4% para sífilis (Norte / pontos de parada) 10,9% para HIV e 9,6% para sífilis (Sul)	(K. K. BHUYAN, et al., 2002)
Ásia	Índia	2002	N = 335	2,98% para HIV e 6,3% para sífilis	(B. PANDA, 2002)
Ásia	Índia	2002	N = 263	15,9% para HIV	(J. V. MANJUNATH, et al., 2002)
Ásia	Índia	2002	N = 546	29 de 51 (56,9%) caminhoneiros dentre os pacientes de uma clínica para IST testaram positivo para infecção por HIV	(D. M. THAPPA, et al., 2002)
Ásia	Índia	2007	N = 301	2,3% para HIV e 6,3% para sífilis	(BAISHALI BAL, et al., 2007)
Ásia	Tailândia	1996	N = 327	2,3% para HIV	(C. PODHISITA, et al., 1996)
Eurásia	Azerbaijão	2007	N = 3763	1,54% para HIV	(B.A. BOTROS, et al., 2007)

Percebe-se, analisando o Quadro 6, que no primeiro estudo realizado no Brasil investigando a prevalência de HIV e ISTs entre caminhoneiros, mais de um por cento (1,3%) dos motoristas testou positivo para HIV e 13%, para Sífilis, ao final da década de 1990, na cidade portuária de Santos (SP) (R. LACERDA, et al., 1997). Apresenta-se, nessa pesquisa pioneira, uma associação estatística entre o uso de *rebite* (anfetaminas) e a infecção de sífilis⁵⁵.

Estudo mais recente com motoristas usuários da Rodovia Anhanguera-SP indicou prevalência de 0,9% para HIV e 1,1% para sífilis entre os caminhoneiros (JOSÉ ANTONIO PISTARIN BERRA, LILIANA BRANCACIO BACETTI, KAISER J. F. ALVES, et al., 2003: ; 2003). Chama atenção, nos estudos com caminhoneiros, uma prevalência que é superior à estimada para a população brasileira em geral, de 0,61% (CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD and PAULO ROBERTO BORGES DE SOUZA, JR., 2006)⁵⁶.

Aqueles estudos de prevalência em que não foram detectados caminhoneiros com infecção pelo vírus HIV ainda assim ressaltam que há alta prevalência de infecções sexualmente transmissíveis naquela população e/ou constatação de “comportamento de alto risco” por parte dos caminhoneiros estudados (grande número de parcerias sexuais, relações sexuais com profissionais do sexo, relações sexuais sem uso de preservativo). Há também grande número de relatos de infecções sexualmente transmissíveis pré-existentes, que aumentam as chances da

⁵⁵ O uso de *rebite* entre caminhoneiros no Brasil é comum, e a presença da infecção por sífilis aumenta as chances de infecção por HIV durante a relação sexual. O *rebite* consiste em remédios que contêm anfetaminas, tendo por isso como efeito colateral a insônia. Uma edição (208) da revista *O Caminhoneiro* é dedicada ao tema do *rebite* (cf. http://www.revistacaminhoneiro.com.br/revista208_rebite.htm) e o estudo de Malta (2006a), por exemplo, confirmam o uso disseminado da droga por caminhoneiros.

⁵⁶ A diferença entre a prevalência de HIV na população de caminhoneiros com relação à estimativa de prevalência para a população em geral em 1997 pode ser ainda maior, quando consideramos que a taxa para a população em geral provavelmente era inferior a 0,67%, estimativa esta elaborada a partir de estudo de 2004 (CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD and PAULO ROBERTO BORGES DE SOUZA, JR., 2006).

transmissão do HIV – em particular, alta prevalência de sífilis. Nessa perspectiva, mesmo quando não há casos de caminhoneiros com HIV, esta população continua sendo classificada como vulnerável à AIDS.

Os estudos de prevalência com freqüência também envolvem a aplicação de algum questionário, com dados sociodemográficos e muitas vezes comportamentais. Os resultados da maior parte desses estudos levam seus autores a enfatizar que caminhoneiros devem ser considerados como uma população com alta vulnerabilidade para IST e HIV/AIDS em função de seus comportamentos, práticas ou crenças; um quadro resumindo cada estudo e sua metodologia está em anexo (Anexo 5, volume II). Os principais dados coletados nesses estudos encontram-se resumidos no Quadro 7.

Quadro 7 Tipos de dados coletados em estudos revisados acerca de caminhoneiros e a epidemia de HIV/AIDS, destacando dentre os estudos de prevalência para infecções sexualmente transmissíveis e para HIV, informações de estudos de comportamentos, práticas e crenças da população pesquisada.

Tipo de informação	Dados	
Dados sócio-demográficos	Idade	
	Estado Civil	
	Local de moradia	
	Tempo de atuação na profissão	
	Escolaridade	
Dados sobre cotidiano	Dias em que fica fora de casa	
	Dias em que fica dentro de casa	
	Duração das viagens	
	Uso de drogas lícitas ou ilícitas	
	Uso de álcool	
	Possuir plano ou seguro de saúde	
Dados sobre HIV/AIDS e infecções sexualmente transmissíveis	Informações sobre HIV/AIDS	Conhecimento sobre a doença
		Conhecimento sobre formas de transmissão
		Conhecimento sobre formas de prevenção
	Se já realizou exame de HIV	
	História prévia de IST	
Atitude com relação a PVHA		
Dados de comportamento sexual	Número de parceiras/os sexuais	Na vida
		Nos últimos X meses
	Relações sexuais durante viagens	
	Uso de preservativo nas relações sexuais	Com profissionais do sexo
		Com esposa

Tipo de informação	Dados	
		Em relações eventuais ou casuais
		Em relações com parceiras regulares ou principais ou estáveis ou namoradas ou amantes
		Em relações com amigas
		Em relações com homens (sem especificação)
Práticas sexuais	Quando foi a última relação sexual	
	Se pratica coito anal	
	Se faz uso de lubrificante	

A revisão dos estudos envolvendo caminhoneiros permitiu encontrar, além das pesquisas epidemiológicas de prevalência, outros trabalhos sobre essa população. A maior parte dos estudos empregam metodologia quantitativa, aplicando entrevistas a partir de questionários fechados, seguindo o modelo de pesquisa CAP – fazendo uma caracterização meramente descritiva do comportamento sexual em relação à AIDS – que usualmente parte de uma visão *essencialista* da sexualidade, numa “espécie de extremo empirismo” (RICHARD PARKER, 2000b: 18) dedicado ao registro da frequência com que determinados comportamentos sexuais ocorrem em grupos específicos da população.

Revisando os quadros apresentados, e sem aqui fazer uma análise exaustiva de seus conteúdos, salienta-se que há uma predominância de estudos no continente asiático, seguido pelo africano. Nas Américas, há mais estudos na América do Sul e Central do que na América do Norte (considerando aqui o México como parte da América do Norte). As regiões menos estudadas são, segundo esta revisão, a Europa e a Oceania⁵⁷, sendo que na Europa as pesquisas encontradas são de

⁵⁷ Foram encontrados estudos na Austrália sobre migrações e saúde (E. KATSAROS, et al., 2006: ; JOHN CHARLES CALDWELL, 1999: ; LORRAINE MAJKA, 2001). Quanto a caminhoneiros, há estudo sobre o uso de psicoestimulantes por caminhoneiros nas suas jornadas de trabalho (ANN WILLIAMSON, 2007), mas o único artigo sobre motoristas de caminhão tratava da importância material e simbólica de caminhões para um grupo aborígine nativo (JON ALTMAN and MELINDA HINKSON, 2007).

países do Leste Europeu ou limítrofes com o continente asiático. Em outras palavras, os caminhoneiros são examinados fisicamente, são questionados e entrevistados, são observados e têm sangue, saliva e urina coletados em regiões mais pobres e consideradas menos desenvolvidas do planeta – onde também são acusados de atuarem como um dos principais vetores da epidemia de HIV/AIDS. Os estudos aqui apresentados de fato apontam para a necessidade de se trabalhar mais e melhor a prevenção junto a esta população, mas de forma alguma se poderia concluir que os caminhoneiros em outras partes, como as regiões mais industrializadas ou ricas do mundo, não deveriam ser pesquisados, nem que a necessidade de mais intervenções ou o aprimoramento dos serviços de saúde seja exclusividade deste grupo profissional.

Outros são análises a partir da revisão sistemática de pesquisas com caminhoneiros, quase sempre enfocando uma região específica (e.g. todos estudos com caminhoneiros na África). Mais raros são os estudos que empreguem uma combinação de metodologia quantitativa e qualitativa, ou mesmo que sejam fundamentalmente qualitativos. No Quadro 8, apresenta-se um resumo dos tipos de estudos e alguns dos seus principais resultados, quando não se trata de pesquisa epidemiológica de prevalência. No Anexo 6 (Volume II), são apresentados os trabalhos revisados sobre caminhoneiros e HIV/AIDS que não de prevalência, salientando a metodologia empregada⁵⁸.

⁵⁸ Foi encontrado também na revisão alguns trabalhos envolvendo caminhoneiros e caminhões que não diziam respeito ao HIV ou à sexualidade ou ao estilo de vida. A maior parte destes se refere à economia (sobre o setor de transportes, por exemplo) ou à saúde em outra perspectiva (estudos no campo da medicina do trabalho, por exemplo). Destaca-se nesse sentido um estudo antropológico sobre caminhões, que analisa os caminhões enquanto símbolos dentro de uma cultura em particular, da etnia Kuninjkyu, nativos aborígenes residentes na Austrália (JON ALTMAN and MELINDA HINKSON, 2007).

Quadro 8 Enfoque dos estudos revisados acerca de caminhoneiros, seu estilo de vida, sexualidade e a epidemia de HIV/AIDS, que não envolvem a prevalência de qualquer infecção sexualmente transmissível ou de HIV, destacando os principais resultados

Tipos de estudos e/ou Foco das Pesquisas	Resultados
Revisões bibliográficas de pesquisas com caminhoneiros	
Estudo das condições de trabalho dos motoristas	
Estudo sobre comportamento sexual, enfocando o uso do preservativo	Idade mais baixa tende a estar associada ao uso do preservativo
	Maior escolaridade tende a estar associada ao uso do preservativo
	Dificuldade de acesso aos insumos (preservativo)
	Uso de álcool e associação ao uso ou ao não uso de preservativo
	Uso de anfetaminas e associação ao uso ou ao não uso de preservativo
	Sexo com prostitutas tende a estar associado ao uso de preservativo
Conhecimento de AIDS e relato de práticas sexuais	Múltiplas parcerias sexuais
	Conhecimento sobre HIV ou AIDS considerados insuficientes ou incorretos
	Não se percebem como sendo particularmente vulneráveis à AIDS
Acesso a serviços de saúde e a medicamentos	Fazem auto-medicação
Acesso a campanhas, intervenções comportamentais e informações sobre HIV/AIDS	Pouco acesso a campanhas, intervenções e informações fora da grande mídia
	Críticas ao governo ou a órgãos governamentais e representantes do Estado, o que reforça suspeitas sobre campanhas públicas
Pessoas longe de casa fazem mais sexo com mais pessoas	Desejo latente à espera de situação sem controle
	Solidão e isolamento
	Poucas opções de lazer e de relaxamento
	Pernoite com prostituta é mais barato do que em hotel
	Impulso sexual natural – quanto mais longe de casa, mais difícil
	Promiscuidade
	Atravessadores – agentes de cargas que servem também para intermediar relações entre caminhoneiros e mulheres de comunidades locais por onde o motorista passa
	Afastamento de “redes sociais protetoras”
Análise de frases de pára-choques de caminhões	Concurso de frases promovido pelo PN/AIDS
Uso de álcool e de anfetaminas por caminhoneiros	Contratação de profissionais do sexo associado ao uso de álcool
Uso de drogas por caminhoneiros	
Estigma e discriminação entre caminhoneiros	
Sociologia ou Antropologia do Trabalho	
Transformações sócio-econômicas e trajetórias de caminhoneiros	
Estudo da figura ou do personagem “caminhoneiro” (representações, acepções)	

Justamente a dificuldade de acesso das populações com mobilidade levanta uma questão concernente à prevalência e à descrição de “comportamento de risco” estimadas apresentadas em pesquisas. Em alguns casos, pode-se questionar a sua representatividade, validade e confiança dos estudos, principalmente no que tange ao cálculo da amostra e a forma com que foram mensurados comportamentos de risco (S. MILLS, et al., 2004). Em outras palavras, os mesmos fatores que são arrolados como determinantes da maior vulnerabilidade das populações com grande mobilidade são os que fazem com que tais populações sejam de difícil acesso – para serviços que incluem as intervenções visando promover a prevenção de infecções por HIV, bem como a provisão de TARV, e para pesquisas a respeito das condições sociais, culturais ou econômicas em que vivem.

As pesquisas envolvendo caminhoneiros revelam que eles não se percebem participantes de um grupo com maior vulnerabilidade, relatam pouco uso (ou uso inconsistente) de preservativo nas relações sexuais e, em alguns casos, indicam níveis de conhecimento muito baixos com relação a HIV/AIDS e suas formas de transmissão e/ou prevenção (C. PODHISITA, et al., 1996: ; S. AGHA, 2000: ; L. GIBNEY, et al., 2002: ; L. GIBNEY, et al., 2003: ; IARA COELHO Z. GUERRIERO, et al., 2002: ; M. MALTA, et al., 2006b: ; D. O. NYAMWAYA, 1993: ; A. M. SUNMOLA, 2005: ; L. VILLARINHO, et al., 2002: ; A. WHITESIDE, 1998: ; ELEONORE CARAËL, 2005).

Os estudos de cunho epidemiológico caracterizam a “subpopulação” de caminhoneiros como de risco acrescido para ISTs e HIV por terem múltiplas parcerias sexuais, terem relações sexuais com parceiras(os) que são UDI ou que são profissionais do sexo, que com freqüência não fazem uso do preservativo em

suas relações sexuais (W. SORENSEN, et al., 2007: ; D. STRATFORD, et al., 2000: ; PAUL GERTLER, et al., 2003: ; A. M. SUNMOLA, 2005).

A ênfase sobre a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis nessa população é importante uma vez que tal prevalência é entendida como um indicador da maior vulnerabilidade à infecção por HIV: se a pessoa tem uma história de IST é porque já teve comportamento sexual de alto-risco e, portanto, pode voltar a ter este tipo de comportamento arriscado no futuro. Além disso, sabe-se que algumas IST quando não tratadas fazem com que a pessoa infectada tenha um risco acrescido para contrair o HIV, especialmente quando se trata de doenças que provocam ferimentos na genitália, como a sífilis, o cancro mole e a herpes genital.

Estudos sobre caminhoneiros indicam que há grande oferta de profissionais do sexo em locais de concentração e de passagem de caminhoneiros (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000). A oferta de serviços sexuais é tomada em muitos estudos como um elemento estrutural, inerente a todos os espaços onde se concentram caminhoneiros.

Nessa perspectiva, caminhoneiro e a prostituta integram uma economia local; assim como o setor de transportes gera uma contribuição importante ao PIB do país, observa-se, no microcontexto, a geração de renda por parte dos motoristas que usam serviços locais – mecânico, borracheiro, diesel, lanche, café, prostituta – gerando renda. Dessa forma, comunidades circunvizinhas a locais de grande concentração de caminhoneiros, onde os motoristas ficam parados aguardando a carga ou descarga dos caminhões, prosperam com esse contingente de profissionais que transita por ali.

Segundo Douglas et. al. (2000), se considerarmos o padrão das comunidades por onde passam os caminhoneiros, usualmente nas periferias de cidades ou em zonas rurais, os caminhoneiros são “ricos” e têm *status*, tendo os meios econômicos, materiais e simbólicos de obter parceiras sexuais (profissionais ou não) nestes contextos – em virtude de ter uma renda boa, oferecer transporte para passeios e viagens e podendo oferecer, em algumas situações, bens que podem carregar consigo de um lugar para o outro (inclusive contrabando). Especificamente na relação de troca com prostitutas, os caminhoneiros ganhariam a companhia feminina além do sexo, enquanto as prostitutas ganhariam em troca o transporte e o pagamento pelo serviço.

Os locais em que os caminhoneiros ficam parados são pontos de encontro para os motoristas. Aqueles estudos que examinam minimamente tal contexto são unânimes em afirmar que, ainda que sejam pontos de encontro para os caminhoneiros, onde há uma oferta de serviços específicos, predomina uma carência de qualquer atividade ou serviço recreativo. Normalmente, os locais de grande concentração de caminhoneiros estão no perímetro das cidades – são grandes postos de combustível, pátios de grandes indústrias, portos (secos ou de água) – em regiões pouco urbanizadas. Nesse sentido, as únicas “distrações” oferecidas aos caminhoneiros seriam o álcool, as prostitutas e as drogas; para alguns autores, uma das poucas opções de sociabilidade que os caminhoneiros têm nessas circunstâncias são visitar prostitutas e outras mulheres (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000).

O cotidiano de trabalho dos motoristas de caminhão, ademais, é descrito nos trabalhos aqui revisados como sendo cansativo, monótono, solitário, estressante e

perigoso: suas jornadas diárias de trabalho são longas, sendo que há estudos que apontam para um incentivo ou pressão por parte das empresas para que se permaneça muito tempo sem dormir (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000). Os caminhoneiros permanecem vários dias ou semanas longe de casa, dormindo na estrada (em seus caminhões ou em alojamentos), o que muitas vezes gera tensão e conflitos com suas famílias de origem. Além disso, são responsáveis pela documentação da carga que carregam, enfrentam o risco cotidiano de acidentes nas estradas ou de serem assaltados, seguidamente estão expostos a doenças como malária, dengue e cólera, e, não raro, sofrem com policiais corruptos.

As análises assim apontam para a contratação de prostitutas por parte dos caminhoneiros como uma válvula de escape para tantas situações de estresse e cansaço, num contexto em que há poucas alternativas para aliviar a tensão e relaxar (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000).

Poucas são as pesquisas que mencionam redes sociais mais complexas envolvendo caminhoneiros e suas parcerias sexuais; quando há referência, menciona-se que as pessoas que vivem na volta desses locais também fazem parte da rede de relações sexuais dos caminhoneiros (como funcionárias de postos de combustível ou mulheres que vivem nas proximidades de uma aduana), além das namoradas ou esposas dos caminhoneiros que permanecem em casa enquanto eles viajam. A ênfase nas intervenções sobre as prostitutas deixa de fora, portanto, um conjunto grande de pessoas que mantêm relações sexuais com os caminhoneiros. As pessoas que têm relações regulares com os caminhoneiros – suas namoradas, suas amigas, suas noivas ou suas esposas – são aquelas que são usualmente

classificadas como parceiras *seguras*, com quem eles fazem um uso menos freqüente do preservativo nas relações sexuais.

É justamente a mobilidade dos caminhoneiros e o seu uso freqüente de serviços de prostitutas que faz com que esta população seja descrita como uma “ponte” para a transmissão do HIV de grupos populacionais específicos para a população em geral em países africanos e asiáticos (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000: ; G. RAMJEE and E. GOUWS, 2002). A revisão de Douglas et. al. (2000) apresenta uma abordagem que se diferencia da maior parte dos estudos aqui discutidos, visto que enfatiza as rotas de caminhões como contextos, afirmando que

Não se trata, quando observamos a disseminação do vírus HIV ao longo das rotas de caminhões, apenas do movimento de muitas pessoas de um lugar para outro – esta disseminação é muito mais um reflexo de um *estilo de vida* ao longo das rodovias. As pessoas que vivem e que trabalham ao longo das rotas de caminhões estão expostas ao HIV e a outras IST. [...] a disseminação geográfica do HIV ao longo das rotas de caminhões acontece através dos comportamentos de alguns indivíduos ligados a estas rotas. A palavra *indivíduos* é aqui empregada porque mesmo os comportamentos sexuais de alto risco de alguns caminhoneiros específicos não podem ser tomados como os únicos fatores na transmissão do HIV ao longo dessas rotas. É preciso levar em conta todas as pessoas que vivem e que trabalham ao longo das rotas, e as realidades socioeconômicas destas pessoas, bem como as suas atitudes e comportamentos. É preciso compreender que nesta situação em particular as normas sociais dominantes podem ser diferentes da cultura nas quais estão inseridas. Através deste processo, deve-se ver o que é semelhante à sociedade mais abrangente e ao que é diferente. (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000: 9 grifos no original)

A conclusão da revisão de Douglas et. al. (2000) nesse sentido também é diferenciada, uma vez que, ao tratar de intervenções junto a caminhoneiros, os autores concluem que o sucesso dos projetos depende muito menos dos motoristas em si do que da capacidade que o projeto tem de abordar as condições em que eles

vivem e trabalham. A revisão elaborada por Caraël (2005) sobre caminhoneiros e HIV/AIDS afirma:

As intervenções que almejam atingir apenas os caminhoneiros, sem endereçar as comunidades que os cercam e as suas parceiras que estão em casa, e que não buscam reduzir os fatores estruturais que aumentam a sua vulnerabilidade ao HIV, estão ficando a ver navios. Atividades de prevenção e cuidados relativos a HIV devem ter como alvo os ambientes e as condições particulares nas “zonas de risco” que crescem em torno de nós do sistema de transporte, além das famílias e de outras parcerias sexuais dos caminhoneiros, que muitas vezes vivem longe dali. Os trabalhos que buscam reforçar as habilidades de comunicação e de negociação entre caminhoneiros e suas parceiras parecem especialmente promissores, mas ainda são demasiadamente raros, exceção feita a alguns projetos na África do Sul, na Tailândia e na Índia, onde companhias de transporte e outras organizações adotaram medidas inovadoras para estimular as mulheres dos caminhoneiros bem como as prostitutas a falarem sobre sexualidade com os motoristas. Tais projetos devem também incluir mulheres jovens e adolescentes das cercanias, além de vendedoras mulheres, que em geral têm risco acrescido nas suas interações com caminhoneiros. Tais mulheres devem ser sistematicamente incluídas na elaboração e execução de projetos voltados para trabalhadores no setor de transportes. (ELEONORE CARAËL, 2005: 25)

O que não fica tão claro no texto de Douglas et. al. (2000) é a forma com que os autores tratam esse contexto. Há momentos em que se afirma que nos pontos de parada e concentração de caminhões, como nas aduanas, existem culturas próprias, que se diferenciam das regiões que cercam estes espaços – culturas que muitas vezes envolvem muita atividade sexual (e.g. página 10). Entende-se assim que os autores estão falando de uma cultura própria daquele espaço limitado onde estão os caminhões, uma cultura dos caminhoneiros compartilhada por aqueles que fazem parte deste espaço.

Mais adiante, os autores enfatizam que estes espaços são comunidades, com sistemas, lideranças e personalidades. Depreende-se, pela leitura do trabalho, que os autores referem-se aqui às comunidades estabelecidas ao longo das rotas por onde passam os caminhões – vilarejos povoados pelas pessoas que gerenciam ou trabalham nos restaurantes, nos bares, nos postos de gasolina, nos serviços

mecânicos, que atendem aos caminhoneiros, e por aqueles que vão a estes espaços em busca de oportunidades de trabalho e de renda (e.g. páginas 21-22). Os autores também mencionam uma *cultura caminhoneira* (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000), em dois momentos: um sentido exagerado de masculinidade, chamado na revisão como *machismo* (página 32), e o uso e abuso de *álcool*, além de outras drogas, como o *rebite* (página 36). A associação entre caminhoneiros e *machismo* foi feita também por outros autores internacionais, como Ralph Bolton (1979) e J. Singh (2004).

Nos trabalhos aqui revisados, é muito presente a idéia de que os espaços onde os caminhoneiros estão concentrados constituem locais transitórios, de passagem; essa interpretação é reforçada quando se trata de estudos que investigaram caminhoneiros em locais de fronteira. Autores como Lippman, Chinaglia e Pulerwitz analisam tais espaços como contextos liminares, onde as regras prevalentes fora dali ficam em suspenso, e as pessoas podem se comportar de maneira diferente do que o fariam se estivessem em casa, especialmente porque sua grande mobilidade as tornaria anônimas (SHERI A. LIPPMAN, JULIE PULERWITZ, et al., 2007: ; 2007). Veremos adiante, na descrição etnográfica do universo aqui estudado que, mesmo que haja grande mobilidade por parte dos caminhoneiros, o anonimato não é a regra nos postos de combustível e na aduana no Sul do Brasil.

O contexto mencionado pelos autores dos estudos revisados tende a não oferecer qualquer tipo de serviço de saúde formal – nem mesmo farmácias. O acesso aos serviços de saúde, quando existe, também é dificultado pelos horários

de atendimento, uma vez que não costumam estar funcionando quando os motoristas estão parados, à noite e nos finais de semana.

Um artigo sobre caminhoneiros de longa distância nos Estados Unidos emprega a expressão “indigência médica” para descrever a situação dos caminhoneiros, que muitas vezes não têm seguro ou plano de saúde, o que aumenta a vulnerabilidade dos caminhoneiros (DEBBY A. RENNER, 1998). Destaca-se, nesse sentido, o estudo a respeito do acesso a serviços de saúde por caminhoneiros nos Estados Unidos, de Solomon et. al. (2004), com 521 questionários auto-aplicados por caminhoneiros, que revelou que quase a metade (47%) não têm um serviço ou profissional de saúde regular ou de referência, mais da metade (56%) têm dificuldade de utilizar qualquer serviço de saúde nas proximidades de sua residência, e um quinto (20%) utiliza usualmente serviços de emergência.

A mobilidade dos caminhoneiros aliada à não comunicação entre diversos serviços de saúde também torna os tratamentos mais difíceis, visto que pode ocorrer que quando o caminhoneiro deveria retornar para uma segunda ou terceira consulta, ele está muito distante geograficamente do local em que teve o diagnóstico e a prescrição. Veremos que no universo estudado, no Rio Grande do Sul, repete-se a ausência de serviços de saúde em geral. Nesse contexto, os caminhoneiros podem vir a recorrer à automedicação, a partir de conhecimentos próprios ou de conselhos de colegas.

A estrutura da indústria de caminhões e do sistema de transportes terrestres de cargas varia de país para país. Há em comum na maior parte dos lugares algumas instituições e atores sociais: o governo, representado por ministérios ou secretarias de transportes; empresas de cargas, sejam microempresas locais ou

grandes empresas internacionais; associações de transporte, sindicatos e programas de formação, treinamento ou aperfeiçoamento voltados para caminhoneiros; agentes de saúde, sejam médicos vinculados a empresas ou a serviços públicos de saúde, sejam agentes tradicionais de cura, que não estão vinculados ao sistema formal de saúde.

O governo está presente no cotidiano dos caminhoneiros, representado por agentes de fiscalização, policiais, pedágios e agentes de aduanas. As ações destes atores podem atrasar a viagem do caminhoneiro, tornando sua permanência numa aduana, por exemplo, muito longa. Quanto às empresas de transporte de cargas, repete-se em diversos países o maior número de pequenas e médias empresas, geralmente empresas familiares (ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000). Isso faz com que a ausência de um caminhoneiro do trabalho, por licença-saúde, por exemplo, tenha grande peso econômico; também torna mais difícil para a microempresa organizar atividades como o treinamento de funcionários ou palestras sobre saúde.

Os estudos sobre caminhoneiros e HIV/AIDS aqui revisados apontam para um desafio importante a ser superado por projetos que visem promover a saúde desta população, reduzindo as IST e HIV: o estigma que pode ser produzido pelas próprias campanhas. De um lado, o menor uso de preservativo nas relações sexuais com parceiras regulares ou estáveis pode ser uma consequência das próprias campanhas de AIDS que se voltaram para profissionais do sexo, que podem ter gerado uma associação, ainda que equivocada, entre a promiscuidade sexual e a necessidade de se usar o *condom*. De outro, as campanhas que têm como população-alvo os caminhoneiros também geram estigma ao comunicarem, para o

grande público, uma idéia de que os motoristas de caminhão são aqueles que estão disseminando o HIV e que precisam ser educados para que seus comportamentos se modifiquem.

Uma questão que se deve levantar quanto aos estudos envolvendo os caminhoneiros diz respeito à relação entre os caminhoneiros e a população em geral, mas que é pouco discutida nos trabalhos analisados aqui. Não é exclusividade dos caminhoneiros o uso inconsistente ou o não-uso do preservativo nas relações sexuais com parceiras regulares e estáveis, por exemplo. Tampouco é uma característica própria dos caminhoneiros a falta de informações relativas a algumas formas de transmissão e prevenção ao HIV. Estudo em Moçambique (L. H. POLAINE-BROWN, 2004) com caminhoneiros, profissionais do sexo e comunidade em geral, por exemplo, revela que o uso do preservativo por membros da comunidade era sempre bastante baixo, enquanto o uso por parte dos caminhoneiros era baixo quando se tratava de parceiras fixas, e mediano quando com outras parceiras (eventuais ou prostitutas) e o de prostitutas era o mais alto dos três grupos (quase 60% fez uso com o último cliente).

Outro estudo também desenvolvido em Moçambique, do tipo CAP, revela que o número de parceiros sexuais declarado por caminhoneiros na fronteira entre Moçambique e África do Sul, é semelhante aos índices encontrados para a população em geral (A. MOHAMED and J. C. B. PACCA, 2002). Na Nigéria, Ankomah e Anyanti (2004) compararam motoristas de longa distância com aqueles que atuam apenas no perímetro urbano; com uma amostra aleatória de 529 motoristas de caminhão e de ônibus em 12 cidades diferentes do país, foram construídos dois grupos para comparação. O estudo demonstrou que não há diferenças significativas (usando o teste t de Student) entre os dois grupos de

motoristas quanto a qualquer indicador de comportamento sexual arriscado, considerando-se os últimos 12 meses: número de namoradas, número de profissionais do sexo, número de parceiras eventuais. O teste de qui-quadrado revelou que tampouco há diferenças significativas entre os dois grupos, de longa distância e urbanos, quanto ao uso de preservativo.

Dentre os estudos revisados, destacam-se a seguir os nacionais. Um estudo brasileiro, de natureza qualitativa, realizado na cidade portuária de Itajaí (SC), com caminhoneiros, aponta para fatores de vulnerabilidade específica dos motoristas – sexo desprotegido com múltiplas parcerias sexuais, incluindo profissionais do sexo e funcionárias(os) de postos de combustível, uso freqüente de álcool e drogas como anfetaminas, além de acesso reduzido a serviços de saúde e a intervenções ou campanhas relativas a HIV/AIDS (M. MALTA, et al., 2006b; ; EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO, et al., 2007). Um estudo sobre o uso do preservativo por caminhoneiros, na Bolívia, demonstra que este é um grupo populacional com risco acrescido para contrair a infecção por HIV e também para transmitir o HIV e outras ISTs (W. SORENSEN, et al., 2007).

No triângulo mineiro brasileiro, pesquisa e intervenção realizadas pela BEMFAM junto a caminhoneiros enfatiza que o “ritmo intenso de mobilidade de pessoas e mercadorias, tráfico de drogas e prostituição”, especialmente nas regiões de fronteira, são aspectos do contexto em que estão inseridos caminhoneiros que os tornam mais vulneráveis a agentes infecciosos em geral e ao HIV em particular (ELISABETH ANHEL FERRAZ, et al., 2005: 6). O estudo de Uberlândia também menciona outro elemento em particular que faz com que a vulnerabilidade dos caminhoneiros ao HIV seja maior: a sua dificuldade de acesso a serviços de saúde em geral. Cabe ressaltar que a pesquisa com caminhoneiros em Minas Gerais foi

uma realização de uma organização não governamental de grande porte, a BEMFAM (Bem-Estar Familiar no Brasil), e que se enquadra nos estudos do tipo CAP: é uma pesquisa sobre *conhecimentos, atitudes e práticas* sobre o HIV/AIDS em Uberlândia.

Pesquisas que privilegiam metodologias quantitativas em detrimento de estudos de cunho qualitativo, como estudos CAP, produzem determinados modelos teóricos acerca da sexualidade das pessoas estudadas. Para que se possa elaborar concepções menos estereotipadas do comportamento sexual e menos essencialistas da sexualidade, faz-se necessário empregar metodologias qualitativas que permitam perceber significados, variedade e nuances. Não é suficiente, portanto, em meio a um *survey*, realizar alguns grupos focais ou empregar simplesmente um procedimento metodológico de *rapid assessment* (RAP). Apesar de importantes e de cunho qualitativo, não substituem uma pesquisa etnográfica capaz de fazer uma descrição densa de um contexto no qual estão inseridos os sujeitos e que compreende o *setting* onde as práticas sexuais ocorrem. A discussão metodológica deve estar sempre atrelada a uma discussão epistemológica; a pesquisa epidemiológica tem, por óbvio, muitos méritos e é de extrema relevância. Entretanto, ao criar categorias analíticas para classificar os indivíduos engendra também generalizações acerca de grupos (criados pela própria classificação), o que acarreta a homogeneização de seu tratamento. Formulam-se dessa forma programas, fundamentados em modelos teóricos e conceituais originados na biomedicina e na epidemiologia, destinados aos “homens que fazem sexo com homens”, às “prostitutas” ou aos “caminhoneiros”, *em geral*.

A socióloga Tessa Marcus (2001), ao estudar caminhoneiros e HIV/AIDS na África do Sul, sugere que esta é uma profissão arriscada, sendo as principais fontes

de perigo para os motoristas os acidentes, a predação (assaltos e seqüestros) e a epidemia de HIV/AIDS.

Até agora, a tendência dominante tem sido a de se analisar cada um desses riscos separadamente, e de se compreender, ou explicar, cada um em termos comportamentais, enfocando, em particular, a psicologia individual. Entretanto [...] o comportamento individual é sempre moldado por condições sociais, econômicas e culturais, por contextos e por interações [...] em grande medida, a susceptibilidade a esses três riscos é derivada de, ou é criada por, as condições estruturais do trabalho [de caminhoneiro]. Rotinas de trabalho estressantes numa economia sofisticada e competitiva exigem velocidade, flexibilidade, longas jornadas de trabalho, longos períodos de ausência de casa, isolamento social, poucas oportunidades de lazer e solidão. Ademais, e por definição, caçambas recheadas de bens implicam cargas de grande volume que são expostas, móveis e de alto valor. (TESSA MARCUS, 2001)

A autora demonstra ainda em seu artigo que os caminhoneiros estão expostos e informados sobre o risco de acidentes, de predação e de HIV/AIDS. Conhecem de perto a realidade das estradas e, com freqüência, já estiveram envolvidos em acidentes rodoviários; muitos também conhecem pessoas que vivem com AIDS. Apesar de munidos com estas informações e expostos a essa realidade, poucos mudam definitivamente seus comportamentos – seja dirigindo com mais cuidado, seja adotando o uso consistente do preservativo nas relações sexuais. A autora assim sugere que quatro suposições comuns sobre as respostas das pessoas ao HIV/AIDS sejam revisadas:

Em primeiro lugar, o conhecimento dos riscos e das regras sobre as ações apropriadas – seja com relação a acidentes rodoviários, seja com relação ao HIV/AIDS – não parecem influenciar muito a agência individual. [...] Em segundo lugar, estar exposto às conseqüências desses perigos percebidos e reais – ferimentos graves, conhecimento de pessoas soropositivas ou que vivem com AIDS, ou a morte – não implicam um efeito de demonstração significativo, não obstante o choque e o medo que provocam. Até mesmo fazer o teste de HIV não influencia o comportamento relatado. [...] Terceiramente, o que fica claro a partir da comparação entre a exposição a acidentes na estrada e HIV/AIDS é o equívoco da visão de que a epidemia seria representada como um risco muito diferente dos outros, por seu impacto negativo ser muito remoto. [...] Finalmente, é pouco provável que se obtenha resultados significativos quando se recorre ao voluntarismo individual para administrar grandes epidemias sociais e crises. Para que os indivíduos possam tomar decisões que de fato possam reduzir sua exposição aos riscos a que estão expostos, existe uma necessidade de se

intervir institucional e estruturalmente, nos espaços significativos de suas vidas cotidianas. Em termos das especificidades da indústria de transportes, as políticas há muito falham por não compreenderem que a estrada é tanto o lugar de trabalho quanto o lugar em que os caminhoneiros vivem. Tampouco entendem que os principais riscos enfrentados pelos motoristas são riscos inter-relacionados, que interagem uns com os outros, estando ligados por jornadas de trabalho perigosa e um problema endêmico de fadiga. (TESSA MARCUS, 2001)

A pesquisa feita junto a jovens usuários de drogas por Mayock (2005) propõe uma discussão sobre comportamentos considerados arriscados que pode ajudar a pensar a descrição do comportamento sexual dos caminhoneiros aqui revisada. Os jovens irlandeses usuários de drogas associavam o uso de drogas a riscos; as concepções de risco bem como das conseqüências de comportamentos arriscados eram construídas socialmente; o uso de drogas é descrito num contexto em que há poucas opções de lazer para jovens pobres (o que remete à situação descrita para caminhoneiros que usam álcool e fazem sexo por não terem alternativas de lazer, segundo muitos dos estudos aqui revisados).

As histórias destes jovens sugerem que o risco relativo ao consumo de drogas era antecipado, ignorado, evitado ou rejeitado a partir de posições experimentais específicas, mas raramente com base em precauções formuladas por “especialistas”, de que substâncias ilícitas são perigosas. Os jovens baseavam-se no discurso e no argumento leigo, num processo de *reflexividade privada* [...] que está enraizado no domínio de suas experiências pessoais e sociais. Dito de outro modo, jovens, incluindo usuários de drogas e não-usuários, constroem um “roteiro” do risco na medida em que ganham experiência no mundo; eles aprendem fazendo e elaboram *scripts*, precisamente o que constitui aprendizado [...] Estes *scripts* são atuados na interação social, estão sujeitos a modificações e podem ser abandonados diante de novas circunstâncias. O risco, ao que parece, é um modo dinâmico de percepção, intimamente vinculado à subjetividade individual, num mundo de incertezas. [...] Além disso, uma “atitude hedonista” pode sobrepujar a cautela [...] e alguns cenários podem não permitir nem acomodar escolhas ou decisões “arrazoadas”. (P. MAYOCK, 2005: 363-364)

O texto de Mayock sugere que se o objetivo de muitas intervenções é a mudança do comportamento sexual arriscado de caminhoneiros, não se pode focar na mudança individual de comportamentos, com disseminação de informações e de conselhos. Tal abordagem deixa de lado os fatores contextuais – sociais,

econômicos e culturais – que estruturam o comportamento dos indivíduos. Nessa abordagem, não se dá conta dos aspectos prazerosos e positivos vivenciados pelos sujeitos através de seus comportamentos.

O que significa, afinal, constatar que em diferentes “países em desenvolvimento”, que apresentam contextos sociais, culturais e históricos bastante diversos entre si, há conjunto de dados que aponta para uma alta prevalência de IST e HIV/AIDS entre motoristas de caminhão? Não se pretende aqui elucidar a complexa relação entre as condições de saúde de diferentes populações que compõem grupos de caminhoneiros em tantos países e a epidemia de HIV/AIDS.

Um objetivo deste trabalho é discutir o universo social e simbólico dos caminhoneiros, no intuito de que se possa compreender o contexto em que vivem os motoristas de caminhão que transitam pelo estado, e dessa forma analisar a vulnerabilidade específica deste grupo no Rio Grande do Sul.

5 – Uma política brasileira de HIV/AIDS

Neste capítulo, é feita uma breve descrição das políticas públicas de saúde de combate à epidemia de AIDS no Brasil, de um modo geral, no intuito de situar a política governamental específica de apoio a organizações da sociedade civil.

Conforme mencionado antes, o Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, vinculado ao Ministério da Saúde, é a agência governamental brasileira responsável por ações relativas à AIDS (educação e prevenção, ações de assistência à saúde, distribuição de medicamentos, tratamento de pacientes com AIDS, pesquisa e vigilância epidemiológica, entre outros⁵⁹). O PN/AIDS disponibiliza o tratamento para pacientes com AIDS através do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) desde 1996.

É uma agência que também consolida historicamente parcerias com instituições e grupos da sociedade civil, incluindo Organizações Não Governamentais (ONGs), organizações comunitárias, associações de classe, organizações e associações de profissionais do campo da saúde, redes de pessoas vivendo com HIV/AIDS, instituições de ensino e pesquisa, além de algumas organizações religiosas (JANE GALVÃO, 2002b: ; 2002a). A parceria inclui o apoio técnico e/ou financeiro por parte do PN/AIDS a essas instituições, grupos e redes (ALAN BERKMAN, et al., 2005).

O processo de democratização e abertura política, a partir da década de 1980, envolveu a participação crescente da sociedade civil na elaboração e no

⁵⁹ O Brasil foi, globalmente, pioneiro na construção de respostas governamentais à epidemia de HIV/AIDS. O primeiro programa governamental criado no Brasil foi na esfera estadual, em São Paulo, em 1983. De 1983 a 1985, seguiu-se criação de outros programas governamentais estaduais de HIV/AIDS, sendo o Rio Grande do Sul um destes pioneiros (além de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina e Rio de Janeiro). O PN/AIDS foi criado cinco anos depois da instituição do programa paulista, em 1988 (JANE GALVÃO, 2000).

controle de políticas públicas. Entre os grupos da sociedade civil que ganham espaço nesse contexto encontra-se o de profissionais de saúde que buscam reformulações no modelo de saúde pública, o chamado movimento de reforma sanitária (PEDRO CHEQUER and KENNETH CAMARGO, 2006). As mudanças no cenário político podem ser observadas na conquista do governo de diversos estados do país por candidatos que representavam a oposição ao governo militar. Em São Paulo, integrantes do movimento de reforma sanitária passam então a ocupar cargos na Secretaria Estadual de Saúde, dando início a mudanças.

É ainda nesse momento histórico que os primeiros casos de AIDS são notificados (primeiro no exterior e em seguida no país). Uma resposta governamental à epidemia de AIDS é uma demanda de diversos setores da sociedade – especialmente ativistas vinculados ao movimento *gay* – que encontra respaldo institucional na nova composição administrativa da Secretaria paulista de saúde. O resultado é a criação do primeiro programa governamental de AIDS brasileiro, em 1983, em São Paulo (PAULO ROBERTO TEIXEIRA, 1997: ; JANE GALVÃO, 1997: ; 2000: ; CRISTIANA BASTOS, 2002).

Tal participação dos ativistas, muitos dos quais vinculados a ONGs, foi fundamental para a formulação, desde o início, de políticas públicas pautadas por um referencial democrático, não discriminatório e de defesa dos direitos de pessoas vivendo com HIV/AIDS (PAULO ROBERTO TEIXEIRA, 1997). As primeiras ONGs/AIDS surgem, ainda em meados da década de 1980: o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA-SP) em São Paulo e a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) no Rio de Janeiro. No mesmo ano em que o PN/AIDS é criado, 1986, ocorre a histórica VIII Conferência Nacional de Saúde, em que são consagrados os princípios de um modelo de assistência à saúde pública no

país, que seriam depois integrados na Constituição Federal, em 1988, com a criação do SUS. O PN/AIDS, segundo Parker,

é um resultado e um reflexo de uma mobilização muito mais ampla da sociedade brasileira na resposta à epidemia. Dessa forma, talvez nenhum conjunto de atores tenha sido mais importante do que o setor de Organizações Não Governamentais. (RICHARD PARKER, 2005: 19)

Ao mesmo tempo em que há uma demanda e uma mobilização ampla por parte da sociedade civil junto ao Estado por uma resposta à epidemia de AIDS, onde as ONGs tiveram papel importante, observa-se que o maior desenvolvimento institucional do PN/AIDS em suas atividades de prevenção em parceria com ONGs ocorre principalmente a partir dos empréstimos feitos ao Brasil através do Banco Mundial – AIDS I, em 1993, AIDS II, em 1997, e AIDS III, em 2003 (este último, vigente inicialmente até 2006, mas com data de encerramento prorrogada até 31 de dezembro de 2007)⁶⁰. Tais empréstimos, desde o princípio, previam ações de prevenção com um componente importante de apoio às ações das ONGs, através do financiamento de projetos, em geral com duração de um ano, selecionados através de concorrências públicas.

A partir do projeto e dos recursos do AIDS I, o cenário brasileiro da epidemia modifica-se: a resposta brasileira à AIDS, no campo da prevenção, envolve o apoio financeiro e técnico para as ONGs por parte do PN/AIDS (WILZA VIEIRA VILLELA, 1999: ; JANE GALVÃO, 2000: ; ALAN BERKMAN, et al., 2005). O financiamento de projetos de ONGs, a partir de concorrências públicas, apresenta uma demanda incentivada, onde são mencionadas populações consideradas prioritárias pela agência governamental a cada processo seletivo.

⁶⁰ O AIDS III, projeto de número P080400 pode ser acessado no endereço <http://go.worldbank.org/5S434Y4V90> e nos *links* ali relacionados. A página do Banco Mundial sobre HIV/AIDS na América Latina e no caribe está no endereço <http://go.worldbank.org/CDJM5VNVH0>.

O discurso do PN/AIDS leva a crer que a prioridade dada a determinados grupos populacionais nos editais de seleção de projetos usualmente segue estudos de base epidemiológica. Neste modelo, em que as ONGs são consideradas pioneiras, apresentando tecnologias criativas e metodologias inovadoras nas suas ações, supõe-se que as ONGs, em comparação com o Estado, têm maior flexibilidade para execução de projetos e custos operacionais reduzidos (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2005).

Na visão de alguns autores, diversas organizações foram fortalecidas na última década através do financiamento de projetos (JANE GALVÃO, 2000: ; WILZA VIEIRA VILLELA, 1999): segundo relatórios do próprio Banco Mundial, foram apoiados 564 projetos de 181 ONGs através do AIDS I e 2.163 projetos de 795 ONGs através do AIDS II (THE WORLD BANK, HUMAN DEVELOPMENT SECTOR MANAGEMENT UNIT, 2004: ; THE WORLD BANK, SECTOR AND THEMATIC EVALUATION GROUP, 2004). Segundo o modelo do Banco Mundial, as ações das ONGs geram “capital social”, através de um processo de maior autonomia da sociedade civil frente ao Estado, com maior democratização, adensamento de redes sociais (através de redes formais e informais de cooperação) e gestão de metas compartilhadas.

A maior inserção das ONGs nas comunidades locais implicaria que suas ações em micro-escala podem ter grandes repercussões, de modo que seu financiamento é, segundo o próprio Banco Mundial, uma “alocação estratégica de recursos” que pode trazer contribuições significativas na criação e no fortalecimento de capacidades e na expansão do programa de combate à epidemia (THE WORLD BANK, HUMAN DEVELOPMENT SECTOR MANAGEMENT UNIT, 2004: ; THE WORLD BANK, SECTOR AND THEMATIC EVALUATION GROUP, 2004).

Há, entretanto, interpretações menos otimistas dos financiamentos de ONGs através de projetos. Análise realizada junto a organizações que recebiam financiamento no Rio Grande do Sul no período de 2004 a 2005 revelou instituições que desenvolviam ações junto a populações com as quais não tinham de fato qualquer vínculo, minando a idéia de uma educação *por pares* (ANDRÉA FACHEL LEAL, 2005). É possível que ONGs com capacidade institucional e uma equipe engajada sejam capazes de desenvolver bons projetos para populações-alvo com as quais não mantêm vínculo estreito, porém nem todas as ONGs apoiadas financeiramente têm os recursos humanos e técnicos para tanto. Mais preocupante, observou-se que algumas instituições tinham poucas ou nenhuma atividade para além do projeto financiado pelo PN/AIDS, além de uma frágil história institucional, o que pode denotar a criação de organizações com finalidade quase exclusiva de captar recursos através de projetos com financiamento público no campo da AIDS (ANDRÉA FACHEL LEAL, 2005). Algumas organizações estudadas no Rio Grande do Sul tinham pouca capacidade de captar recursos por outras vias, de modo que dependiam inteiramente da elaboração sucessiva de projetos nos moldes requeridos pelo PN/AIDS ou pela CE/AIDS para assegurar a própria sustentabilidade institucional.

A entrada do AIDS I também implica algumas tensões: contrariando as recomendações do Banco Mundial, e agindo mesmo contra as suas advertências, o Brasil adota uma política de distribuição da medicação para AIDS através do SUS:

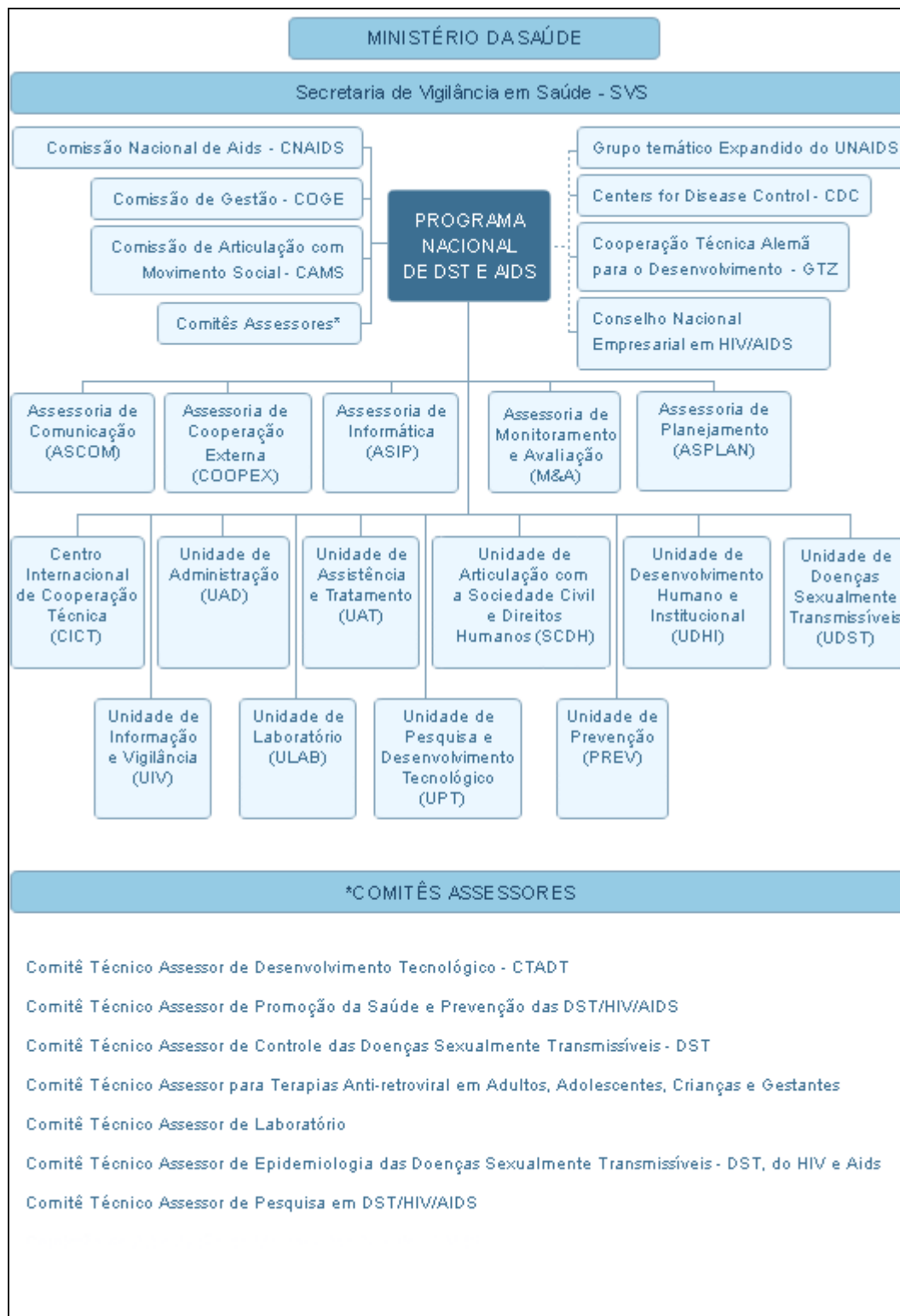
A estratégia do PN/AIDS, hoje mundialmente conhecida, de distribuição universal e gratuita de medicamentos, “com o passar do tempo [...] mostrou-se não apenas eficaz, do ponto de vista da redução da mortalidade, mas também poupadora de recursos, na medida em que os gastos com o tratamento da AIDS em seus estágios iniciais consomem menos recursos que as repetidas internações dos pacientes em estado grave”. (PEDRO CHEQUER and KENNETH CAMARGO, 2006: 3)

É evidente o interesse que o próprio financiador tem em compreender se as metas previamente estabelecidas estão sendo cumpridas, o que implica a instituição de um procedimento de monitoramento e avaliação por parte do Banco Mundial com relação ao AIDS I, II e III. Há uma exigência contratual nos três acordos de empréstimo, de que se consolide um sistema de monitoramento e avaliação do PN/AIDS, envolvendo vigilância epidemiológica, monitoramento de projetos executados por ONGs, a constituição de uma Unidade de Monitoramento e Avaliação dentro do PN/AIDS, assim como o fortalecimento da capacidade de monitoramento e avaliação nas esferas estadual e municipal (THE WORLD BANK, HUMAN DEVELOPMENT SECTOR MANAGEMENT UNIT, 2004: ; THE WORLD BANK, SECTOR AND THEMATIC EVALUATION GROUP, 2004: ; THE WORLD BANK, 2003a: ; THE WORLD BANK, 2003b).

Dentro desse modelo de parceria entre governo e sociedade civil para a execução de uma política pública no campo da saúde, em que atribuições antes exclusivas do Estado são providas por ONGs apoiadas em recursos públicos governamentais, ganha importância a avaliação e o monitoramento desse processo – incluindo as ações governamentais e os projetos das Organizações Não Governamentais. Tornar essa transferência de recursos públicos e de funções um processo transparente assegura a manutenção ou interrupção dessa política.

O PN/AIDS é uma agência governamental composta por um conjunto de Assessorias e de Unidades, que conta com o apoio de Comitês Técnicos Assessores, como se vê no organograma (Ilustração 2), disponível no *site* da agência.

Ilustração 2 - Organograma do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, Ministério da Saúde.
 Fonte: PN/AIDS, www.aids.gov.br, consultado em agosto de 2006.



O PN/AIDS é descrito positivamente por agências internacionais, tanto por possuir uma estrutura administrativa organizada, quanto por sua composição, sendo um corpo de técnicos altamente qualificados (UNAIDS, 2006). A já mencionada distribuição universal de anti-retrovirais é certamente um dos elementos mais notórios do PN/AIDS, bem como a ampliação da resposta à epidemia através da parceria com instituições e grupos da sociedade civil, como Organizações Não Governamentais (ONG), organizações e associações de profissionais do campo da saúde, redes de pessoas vivendo com HIV/AIDS e instituições de ensino e pesquisa (JANE GALVÃO, 2002b: ; 2002a). Constata-se que o PN/AIDS incorpora setores sociais tradicionalmente externos ao papel do Estado, contando em seus quadros técnicos com integrantes de ONG e de movimentos sociais, militantes de causas da AIDS, pessoas vivendo com HIV/AIDS, além de técnicos de nível estadual e municipal (MARY GARCIA CASTRO and LORENA BERNADETE DA SILVA, 2005).

Deve-se também mencionar que muitos pesquisadores e ativistas que descreveram ou analisaram o PN/AIDS transitaram (ou transitam) pelos quadros dessa agência governamental. Por um lado, a atuação direta dentro do PN/AIDS, ou a estreita parceria consolidada, pode ser vista como um viés importante nessa avaliação positiva. Por outro, comprova que a composição dessa agência é diversificada e qualificada, não sendo uma instituição hermeticamente selada. Ainda sobre as avaliações positivas do PN/AIDS, vale salientar que no caso de instituições internacionais como o Banco Mundial, não se fez uma leitura ingênua dos documentos avaliativos, tendo sido sempre considerado que havia um interesse genuíno por parte do financiador no sucesso do projeto, que é também um grande investimento econômico.

No âmbito dos empréstimos AIDS I, II e III, a valorização das ONGs, por parte do PN/AIDS e do Banco Mundial, parte de uma idéia de que estas organizações são mais eficientes na abordagem de populações com maior vulnerabilidade social e de comunidades que, de outra forma, estariam excluídas dos serviços do Estado ou do mercado – como prostitutas, travestis, usuários de drogas injetáveis, moradores de rua. A importância que as ONGs assumem no cenário político atual, especialmente em comparação a diversos movimentos sociais, explica-se pelo fato de que

podem funcionar como correia de transmissão [...] isto é, podem ir até os excluídos para aproximá-los do Estado, ou podem ir até os excluídos com fins de executar políticas de saúde, prevenção, *empoderamento* e *advocacy* (CELI REGINA JARDIM PINTO, 2006)

O PN/AIDS assim formula e executa uma política de saúde voltada para as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e para o HIV/AIDS, que guia a atuação de suas diferentes frentes de trabalho. Nas diretrizes do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS de promoção de saúde, destacam-se dois elementos: primeiro, a distribuição universal e gratuita de medicamentos anti-retrovirais, através da rede do Sistema Único de Saúde (SUS); segundo, a valorização das ações de organizações da sociedade civil, em particular, das ONGs. Interessa aqui a análise deste segundo elemento.

O financiamento de projetos de ONGs, a partir de concorrências públicas, apresenta uma demanda incentivada, onde são mencionadas populações consideradas prioritárias pela agência governamental a cada processo seletivo. A prioridade dada a determinados grupos populacionais nos editais de seleção de projetos freqüentemente segue estudos de base epidemiológica.

Cabe lembrar que o modelo de parceria público-privado vigente entre as ONGs e o PN/AIDS inclui capacitações para os integrantes das organizações, com

forte estímulo à especialização e à profissionalização da ONG, buscando o fortalecimento institucional nos moldes de uma “empresa social” (em que, no jargão-ONG, são importantes os termos “sustentabilidade”, “transparência”, “participativo” e “*accountability*” (MARC EDELMAN, 2005)). Nas concorrências públicas, é fomentada a competição entre as ONGs na disputa pela alocação de recursos limitados⁶¹.

Uma vez que se disponibilizaram recursos, pode-se aventar a hipótese de que a dependência financeira que as ONGs hoje têm dos financiamentos públicos se deve, ao menos em parte, à sua falta de planejamento institucional, no gerenciamento dos recursos e à ausência de busca por outras formas de *sustentabilidade* (deslocando para tanto uma parcela de suas energias durante o período de maior financiamento).

O modelo de parceria enfatiza a necessidade de as ONGs buscarem outras fontes de financiamento e, em especial, de conquistarem o apoio junto às comunidades em que estão inseridas; afinal, se as ONGs geram “capital social” (*empowerment* e *agency*) e as ações têm repercussão, fomentando em especial um comprometimento político, estas conquistariam gradualmente maior independência. Segundo o modelo do Banco Mundial, tais ações geram “capital social”, através de um processo de maior autonomia da sociedade civil frente ao Estado, com maior democratização, adensamento de redes sociais (através de redes formais e informais de cooperação) e gestão de metas compartilhadas.

As ONGs vivenciam uma tensão entre a busca ativa de recursos para suas ações e a resposta a uma demanda externa específica. No contexto da epidemia,

⁶¹ No Peru, a competição e a tensão entre as ONGs também se expressa em outras situações, não se restringindo a concorrências públicas – ver, por exemplo, pesquisa de Markowitz. Para esta autora, as rivalidades caracterizam o universo das ONGs, havendo tensões que podem ser de ordem ideológica ou de ordem pessoal, num contexto de competição cada vez mais acirrada por financiamentos que são incertos e, por sua vez, cada vez mais restritos (LISA MARKOWITZ, 2001).

ela pode vir a ocupar uma posição de vanguarda, ao constatar um problema e tomar a iniciativa de responder a ele. Alternativamente, descreve-se a ONG como uma instituição legítima porque seu trabalho é reconhecido na comunidade em que está inserida, de modo que a instituição é uma referência quando se trata de um problema social ao qual se espera que ela tenha a capacidade de formular uma resposta. Ou ainda, a ONG pode elaborar projetos exclusivamente com a finalidade de responder a um edital de concorrência pública, neste caso podendo sofrer a acusação de “cooptação” da instituição e a sua perda de autonomia com relação ao Estado e, mais grave, a perda de sua marca identitária que a constitui originalmente como parte de um movimento social, dando voz a um segmento específico da população.

Como dito antes, são priorizados, dentro das políticas públicas de saúde formuladas pelo PN/AIDS, alguns grupos populacionais específicos⁶² que estariam mais expostos às ISTs, ao HIV e à AIDS (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004), conformando a Matriz de Risco e Vulnerabilidade, onde estão incluídos os motoristas de caminhões: profissionais do sexo; usuários de drogas (UD) e usuários de drogas injetáveis (UDI); população confinada adulta (presídios); homens que fazem sexo com homens (HSH); populações com grande mobilidade (garimpo, caminhoneiros e populações de região de fronteira); população de reservas extrativistas e populações rurais; povos indígenas; população em situação de pobreza; criança, adolescente e jovem; membros das Forças Armadas.

⁶² É freqüente no campo da saúde pública a adoção da terminologia “sub-populações” ou “grupos populacionais específicos” para distinguir conjuntos menores de pessoas da população como um todo a partir da sua caracterização em termos geográficos, etários, étnicos, etc.

Um programa brasileiro para um grupo vulnerável

Nesta seção, é feita uma breve descrição das políticas públicas de saúde de combate à epidemia de AIDS no Brasil, de um modo geral, com o objetivo de situar a política governamental específica de apoio a organizações da sociedade civil.

Uma política específica para uma população de caminhoneiros?

O PN/AIDS, baseado em pesquisa da CNT, estimava em 2004 que haveria entre 700 a 800 mil caminhoneiros no Brasil. A agência governamental associa algumas exigências da profissão do caminhoneiro – suas viagens – a situações de maior vulnerabilidade. Especialmente o fato de estarem em trânsito é associada à dificuldade deste grupo populacional de ter acesso a serviços de saúde, em função das distâncias percorridas e da localização das unidades de saúde⁶³, além do pouco tempo disponível dos motoristas para buscar os serviços (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

Reproduz-se no discurso do PN/AIDS a consideração de que o caminhoneiro, ao se distanciar da família de origem e permanecer por longos períodos sentindo-se isolado, está sujeito a um menor controle social. Todavia, a pesquisa aqui apresentada revela que os caminhoneiros têm vínculos fortes, construídos historicamente, com os locais em que permanecem ao longo de suas rotas, onde reencontram um conjunto expressivo de pessoas, sendo poucas as situações em que é um “anônimo” no grupo. Além disso, a literatura discute também a existência de comunidades no entorno dos postos em que os caminhoneiros param –

⁶³ A dificuldade de acesso que se coloca com relação às populações com grande mobilidade levanta uma questão metodológica concernente a pesquisas que buscam determinar as taxas de prevalência e de comportamento de risco observadas e estimadas apresentadas em pesquisas com estes grupos. Em alguns casos, pode-se questionar a sua representatividade, validade e confiança dos estudos, principalmente no que tange ao cálculo da amostra e à forma com que foram mensurados comportamentos de risco (S. MILLS, et al., 2004).

agrupamentos com regras sociais, sejam exclusivas daquela comunidade ou não. Para alguns autores, as regras sociais em jogo nesses espaços são próprias da masculinidade, onde seriam valorizados comportamentos considerados viris como a agressividade, o aceitar desafios e a atividade sexual. Isso não significa que não existam regras sociais vigentes nesses espaços – pelo contrário, seguindo o argumento às suas conseqüências, é justamente porque existem tais normas que os caminhoneiros tornam-se vulneráveis ao HIV/AIDS. Se, por outro lado, analisarmos que esses espaços estão inseridos em contextos socioculturais mais amplos, então são conformados por normas sociais desses contextos. Em nenhum dos dois casos, parece ser razoável imaginar que se trata de universos sem controle social sobre os indivíduos.

O PN/AIDS inclui os caminhoneiros entre as populações com risco acrescido e maior vulnerabilidade para HIV/AIDS, descrevendo-os, portanto, como uma população prioritária para ações de saúde como a testagem e o aconselhamento, a educação para saúde, a promoção do uso de preservativos. A prioridade está refletida na formulação de campanhas específicas e na menção explícita a caminhoneiros em editais de concorrência pública, estimulando uma demanda junto a ONGs. Uma das questões pontuada pelo próprio PN/AIDS para a vulnerabilidade dos caminhoneiros está na sua dificuldade de acesso a serviços de saúde, em função de sua mobilidade.

O Ministério da Saúde preconiza no SUS (especialmente para as unidades básicas de atendimento) a descentralização e a municipalização da saúde (cf. Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2001). No modelo de atenção primária, um dos princípios organizadores é a territorialidade com adscrição

da clientela – o que dificulta tremendamente o atendimento dos caminhoneiros⁶⁴ nas Unidades Básicas de Saúde. Observa-se assim que uma agência do Ministério da Saúde, o PN/AIDS, prioriza ações voltadas para caminhoneiros, estimulando-os a procurarem serviços de saúde, seja por campanhas de massa, seja através de ações executadas por Organizações Não Governamentais, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, o caminhoneiro fica excluído do serviço, pelo modelo de atenção à saúde vigente, justamente pela sua mobilidade.

Campanhas para caminhoneiros

Dentro do PN/AIDS, duas unidades em particular voltam seus esforços para a prevenção, em ambos os casos com a valorização da parceria com OSC: a Unidade de Prevenção (PREV) e a Unidade de Articulação com a Sociedade Civil e Direitos Humanos (SCDH). A PREV-PN/AIDS formula e implementa uma política nacional de prevenção, com forte atuação junto a instituições, tais como unidades de serviços de saúde; entre suas atribuições, também está a produção de campanhas de massa por intermédio da mídia impressa e eletrônica, e intervenções educativas, além do apoio a projetos de intervenção comportamental. Na PREV-PN/AIDS, são definidas as estratégias para comunicação de massa a partir de uma análise epidemiológica referente às tendências da epidemia e a identificação de populações específicas, consideradas mais vulneráveis, para quem se quer dirigir as mensagens⁶⁵ (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

⁶⁴ Assim como de outras populações consideradas prioritárias para ações de saúde, como os moradores de rua.

⁶⁵ São consideradas mensagens prioritárias para campanhas de massa as seguintes: "O uso consistente do preservativo é o meio mais seguro de se prevenir do HIV/AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis"; "Seringas e agulhas não devem ser compartilhadas"; "Toda gestante deve ser informada de que deve fazer o teste de AIDS e, em caso de resultado positivo, tem direito aos tratamentos recomendados que previnam a transmissão do HIV para o seu filho antes, durante e após o parto".

Já em 1997, tem início um trabalho no PN/AIDS voltado para motoristas de caminhão, com o financiamento de projetos desenvolvidos por ONG, considerados projetos-piloto; as parcerias que o PN/AIDS depois consolidou e que são consideradas mais bem-sucedidas são com o Serviço Social em Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem em Transporte, conhecido como SEST/SENAT, uma organização nacional de grande porte⁶⁶, pertencente à Confederação Nacional do Transporte – CNT. Outra agência governamental consolidou parceria com o SEST/SENAT, a Coordenação Estadual de HIV/AIDS⁶⁷ da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (L. R. PUPO, et al., 2002)⁶⁸.

De fato, a CNT é atualmente uma entidade que promove e financia campanhas de prevenção à AIDS no território nacional (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES, 2006):

A grande mobilidade que a profissão de condutor internacional demanda e as longas jornadas longe de casa tornam este profissional um dos mais vulneráveis a condutas sexuais de risco, em locais inadequados e sem qualquer tipo de proteção. O programa nacional contra DST/AIDS do governo federal iniciou seu trabalho junto aos caminhoneiros em 1997, financiando pequenos projetos-piloto de Organizações da Sociedade Civil. Atualmente, o SEST/SENAT, entidade pertencente à Confederação Nacional de Transporte (CNT), é parceiro nesta iniciativa, promovendo e financiando campanhas de prevenção em todo o País. A maioria das empresas de transporte (55,8%) também promove campanhas preventivas

⁶⁶ Na apresentação institucional do SEST/SENAT, lê-se que “O Serviço Social do Transporte (SEST) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT) são entidades civis, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, criadas em 14 de setembro de 1993, pela Lei nº. 8.706/93, e organizadas pela Confederação Nacional do Transporte (CNT). As entidades são regidas pelas disposições legais aplicáveis, por seus Estatutos Sociais e demais atos normativos complementares aprovados pelos seus Conselhos Deliberativos. O Serviço Social do Transporte (SEST) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), assim como o Instituto de Desenvolvimento do Transporte (IDT), são entidades componentes do Sistema CNT” (<http://www.sestsenat.org.br/>). No Rio Grande do Sul, o SEST/SENAT mantém sedes em Porto Alegre, Santa Maria, Bento Gonçalves, Pelotas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Uruguaiana, Ijuí, Lajeado, Rio Grande e Carazinho.

⁶⁷ As dificuldades encontradas na implementação desta parceria diziam respeito a montar treinamentos dentro do SEST/SENAT, buscando institucionalizar ações de prevenção dentro de uma organização privada “que não se percebe como tendo esta responsabilidade” (L. R. PUPO, et al., 2002).

⁶⁸ Outras campanhas e intervenções foram localizadas na revisão da literatura, tendo sido apoiadas e/ou executadas por governos municipais em sua maioria. Na listagem em anexo das obras encontradas e revisadas, encontra-se a referência a tais projetos.

e informativas sobre o tema. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES, 2006)

As primeiras campanhas de massa destinadas especificamente aos caminhoneiros foram produzidas pelo PN/AIDS em 1999, quando foram veiculadas mensagens de prevenção na Revista Caminhoneiro, no âmbito do Projeto AIDS II (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004). A Revista Caminhoneiro é uma publicação mensal dirigida ao público de motoristas, de distribuição gratuita em locais de concentração de motoristas, que existe desde 1985; atualmente, tem uma tiragem de 100 mil exemplares⁶⁹. No Rio Grande do Sul, exemplares da Revista estavam presentes em todos os postos de gasolina onde foi feita a presente pesquisa.

Nesta primeira ação de impacto desenvolvida pelo PN/AIDS através da Revista Caminhoneiro, foi realizado um concurso de frases para pára-choque; o prêmio da melhor frase foi um carro zero quilômetro. A participação foi avaliada positivamente, tendo sido recebidas mais de 7.000 frases no concurso (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

No ano seguinte, foram veiculados 12 anúncios com mensagens de prevenção novamente na Revista Caminhoneiro ao longo do primeiro trimestre de 2000. Mais um concurso foi promovido, oferecendo como prêmio o sorteio de um caminhão de pequeno porte⁷⁰, bastando, para concorrer, participar preenchendo um “questionário sociocultural” (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

⁶⁹ A versão *online* da publicação pode ser acessada em <http://www.revistacaminhoneiro.com.br>

⁷⁰ Os custos desta campanha foram cobertos pelo Ministério da Saúde em parceria com três empresas do setor privado vinculadas ao transporte: a FORD, a LOCOMOTIVA e a VIPAL.

Houve a participação de mais de 13.000 pessoas, através dos questionários respondidos⁷¹.

Em março de 2001, mais uma vez com o apoio de empresas privadas do setor, o PN/AIDS lançou um novo concurso de frases de pára-choque sobre prevenção na Revista Caminhoneiro. Houve veiculação na Revista também de mensagens educativas sobre as infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

A PREV-PN/AIDS investiu em uma nova campanha de massa destinada a caminhoneiros ainda em 2000, com a produção do programa “Saúde Caminhoneiro”, com o lema “camisinha: a melhor amiga da estrada”. O programa Saúde Caminhoneiro consiste em um conjunto de oito vídeos de curta duração – totalizando quase dezenove minutos de filmes –, que abordam os temas da AIDS, ISTs, álcool, sono e alimentação, através da apresentação de três personagens que são caminhoneiros de diferentes faixas etárias (do mais jovem ao mais velho) e diversas origens regionais (do Sul ao Nordeste do país)⁷². De acordo com a PREV-PN/AIDS, o

objetivo principal da campanha era estimular a adoção do uso do preservativo entre caminhoneiros e profissionais do setor de transporte no País, associando a segurança na estrada ao uso da camisinha e direcionado a aproximadamente 800.000 profissionais” (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

Ainda dentro da “Campanha para Caminhoneiros”, foi lançada pela PREV-PN/AIDS, também em 2000, a campanha de prevenção voltada para motoristas de caminhão, veiculada na grande mídia: em um vídeo com duração de

⁷¹ Infelizmente, não foi possível localizar qualquer outra menção a estas campanhas nem aos 13 mil questionários respondidos. Há referência a um trabalho de Nascimento sobre um concurso de frases entre caminhoneiros (EVANIA NASCIMENTO, et al., 2003), porém o trabalho na íntegra não pôde ser acessado.

⁷² Ambas campanhas podem ser acessadas integralmente no site do PN/AIDS, www.aids.gov.br

aproximadamente 30 segundos, um motorista explica que, “na estrada, proteção é lona pro caminhão e camisinha pro caminhoneiro”.

As peças da “Campanha para Caminhoneiros” incluíram *spots* para televisão e rádio, veiculados durante 30 dias, de dezembro de 2000 a janeiro de 2001, a publicação e distribuição de *folders*, adesivos, cartazes e cartilhas, além de *outdoors* e anúncios em revista especializada⁷³. A Campanha representou um investimento por parte do PN/AIDS de quase 1,6 milhões de reais.

Visando promover ações de prevenção através de intervenções em grande escala, o PN/AIDS também consolidou parceria com o SEST/SENAT. Nesta parceria, inicialmente em São Paulo e em parte de Minas Gerais e de Santa Catarina, o SEST/SENAT realizou ações de educação e de encaminhamento dos motoristas para Centros de Testagem e Aconselhamento. Depois, numa ação coordenada, iniciada em janeiro de 2001, foram escolhidas 18 localidades, consideradas pontos estratégicos, em estradas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Sergipe, Bahia e Pará, onde o SEST/SENAT faz a distribuição de material educativo, de preservativos masculinos e exibe vídeos com mensagens de prevenção às ISTs e HIV/AIDS. O PN/AIDS avaliou o projeto como um sucesso, afirmando que “dentre as diferentes populações sob especial risco, o trabalho com caminhoneiros obteve maior grau de auto-sustentação” (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

⁷³ A campanha produziu 500 mil *folders*, 250 mil adesivos, 5 mil cartazes e 500 mil cartilhas com informações gerais de saúde (sono, hipertensão e diabetes). Os *outdoors* foram instalados em sete estados, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Goiás, Pará e Rio de Janeiro, tendo sido veiculados durante 6 meses (janeiro a junho). Os anúncios em revista destinada ao público de caminhoneiros foram publicados durante o mês de janeiro de 2001 (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2004).

O discurso científico na formulação da política

Categorias censitárias, como aquelas que dizem respeito à idade, à ancestralidade ou ao gênero, constituem uma das formas com que grupos sociais são submetidos a processos de enumeração. [...] Conceitos biomédicos – como diabetes [...] e massa corporal – constam também cada vez mais na enumeração de populações, em surveys governamentais e em pesquisas, com financiamento público ou privado. A estratégia política de líderes indígenas, pesquisadores de diabetes e representantes de fundações voltadas para a diabetes, para pressionar o governo canadense a reconhecer as causas e as conseqüências da doença no Canadá, foi de combinar informações demográficas com informações epidemiológicas.
(MELANIE ROCK, 2003: 221)

Vimos que o discurso científico, especialmente biomédico e epidemiológico, vem construindo modelos teóricos que possam dar conta da transmissão do HIV ao longo dos últimos trinta anos. As noções de grupos de risco, de populações-ponte, de vulnerabilidade e de forças motrizes ou *drivers* da epidemia conformam alguns desses modelos teóricos. Além de serem ferramentas teórico-conceituais, tais modelos servem, globalmente, para orientar e guiar intervenções no campo da AIDS. Alguns desses modelos, como o de vulnerabilidade, foram propostos com o intuito de substituir modelos vigentes, como o de grupo de risco, porém de fato outros modelos teóricos são ainda empregados em diferentes contextos. Dessa forma, os estudos com caminhoneiros permanecem freqüentemente atrelados a uma concepção de população-ponte que, por sua vez, integra um modelo mais amplo de reflexão sobre a expansão da epidemia de AIDS: a de que esta epidemia foi alastrando-se em ondas por grupos de risco, chegando à população em geral através de grupos que fizeram uma “ponte” (G. FORDHAM, 2001).

A construção de uma resposta à epidemia de AIDS colocou diversas questões em pauta, a fim de discutir que tipos de campanhas devem ser elaboradas, para quem devem se dirigir e, talvez mais importante de tudo, quem deve formular e executar tais intervenções. Considerando-se que as intervenções buscam modificar

práticas sexuais e promover comportamentos considerados seguros do ponto de vista biomédico, discutir quem está legitimado a desempenhar o papel de ordenar e controlar a sexualidade da sociedade como um todo ou de alguns grupos sociais (se agências governamentais ou instituições não governamentais, por exemplo) é uma questão fundamental. O modelo teórico do grupo de risco guarda estreita relação com essa idéia de ordem e controle sobre determinados comportamentos, desempenhados e exibidos por grupos como usuários de drogas injetáveis, prostitutas e homossexuais. Se o risco é estreitamente vinculado ao perigo (MARY DOUGLAS, 1992: ; 1990), segue-se que aqueles *grupos de risco* representam populações *perigosas e anômalas* (ou desviantes). O corolário é, logicamente, priorizar os grupos perigosos nas intervenções para mudar comportamentos.

No caso dos caminhoneiros, observa-se o encontro ameaçador, segundo o modelo do risco, de grupos de risco que são também populações-ponte para a epidemia de HIV/AIDS. As prostitutas são há muito descritas na literatura sobre HIV/AIDS como pontes entre uma minoria com comportamento desviante e a sociedade em geral. Os caminhoneiros, discutiu-se, igualmente são descritos como pontes para a transmissão do HIV entre regiões geográficas. Os relatos de contratação de serviços de prostitutas por parte de caminhoneiros e a oferta observada de serviços sexuais no entorno de caminhoneiros, portanto, representaria uma combinação de alta periculosidade. Caminhoneiros e prostitutas, grupos que usualmente tinham pouco valor social em diversas regiões do mundo, com o advento da epidemia de HIV/AIDS são ainda mais estigmatizados. Em um modelo como o da vulnerabilidade, a consequência de tal estigma pode ser justamente o de expor (ainda) mais os caminhoneiros e as prostitutas às infecções sexualmente transmissíveis.

As estratégias de intervenção junto aos caminhoneiros centram-se na educação (através da disseminação de informações sobre HIV, seus modos de infecção e de prevenção) e na distribuição de preservativos, quando não buscam também modificar o número de parceiras sexuais que eles têm (reduzindo-o), bem como minimizar a contratação de prostitutas por parte dos caminhoneiros. Outras formas de controle da população de caminhoneiros (e de prostitutas) são levantamentos para contabilizar as pessoas, classificando-as de acordo com sua rotina de trabalho (longa ou curta distância) ou o tipo de carga que carregam. As pesquisas de soroprevalência podem também ser compreendidas nesse contexto como formas de controle, visto que constituem maneiras de se monitorar a saúde sexual dos caminhoneiros (e estudos sentinela são construídos também com o objetivo de se prever, na medida do possível, as tendências da epidemia, permitindo ações preventivas de antemão).

Para Michel Foucault, a *população* é uma *realidade* e um *conceito* absolutamente moderno em relação ao funcionamento do poder político, bem como em relação ao conhecimento e à teoria da política (MICHEL FOUCAULT, 2007). Ele cunha o termo *biopoder* para se referir ao poder sobre a vida humana que pode estar localizado num espectro ou *continuum* que tem dois pólos ou formas principais, a *biopolítica* e a *anatomopolítica* (MICHEL FOUCAULT, 1973: ; 1999). A biopolítica sinaliza o esforço de se controlar uma população, enquanto a anatomopolítica, o controle sobre corpo-como-máquina individual, um corpo que, a partir do século XIX, passou a ser compreendido como unidade básica de populações. É neste período que surge o principal elemento técnico que permitiu a ruptura no modo com que a *economia* é concebida: a *estatística* (e as associações estatísticas entre corpos humanos, saúde, doença, riqueza e espaço territorial) permitiu que a economia

passasse a designar um campo de intervenções e uma realidade. A estatística forneceu o instrumental para novas formas de conceber, ordenar e manipular pessoas e espaços, além de novas maneiras de governos estatais exercerem vigilância e controle sobre cidadãos.

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se, a partir do século XVII, em duas formas principais [...] que constituem [...] dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: [...] *anátomo-política do corpo humano*. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie [...]: *uma bio-política da população*. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. (MICHEL FOUCAULT, 1999)

O desenvolvimento de conhecimentos sobre a vida em geral, para Foucault, aliado ao aprimoramento tecnológico agrícola e industrial, permitiu que pela primeira vez na história da humanidade o biológico se refletisse no político. Este é o pano de fundo que nos permite compreender então a importância que o *sexo* assume, como foco de disputa política:

É que ele [o sexo] se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo; mas também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. (MICHEL FOUCAULT, 1999: 136-137)

Melanie Rock, ao analisar a diabetes no Canadá, argumenta que há ainda poucos estudos antropológicos sobre políticas de saúde, apesar de se aceitar amplamente que o discurso biomédico é uma força poderosa nas sociedades contemporâneas (MELANIE ROCK, 2003). No seu artigo, Rock revela de qual maneira a Estatística é um elemento importante na constituição do biopoder,

reunindo e classificando pessoas de outro modo diversas e dispersas geograficamente. Descrevendo o caso da Tailândia, Graham Fordham afirma:

na medida em que o estudo da sexualidade tailandesa, motivada pela ameaça da epidemia de HIV/AIDS, foi direcionada, desde o princípio, em geral para a compreensão e o monitoramento dos comportamentos sexuais de risco, em particular o comportamento daqueles membros de grupos sociais classificados como grupos de risco, a sexualidade e as práticas sexuais tidas como uma sexualidade descontrolada (em geral, qualquer atividade sexual pré- ou extra-conjugal) passaram a ser tratadas como um problema social a ser resolvido. Quanto às prostitutas, [...] a grande maioria dos estudos no campo da AIDS passou a focar as profissionais do sexo de maneira extremamente técnica e medicalizada, sendo que os discursos hegemônicos neste campo têm se baseado na premissa de que as prostitutas constituem sabidamente um grupo de risco. (G. FORDHAM, 2001: 284-285)

As estratégias de controle supracitadas são baseadas em modelos teóricos e conceituais da biomedicina e da epidemiologia – modelos que também legitimam as intervenções. No caso do modelo aqui discutido, de grupos de risco, salienta-se que são constructos teóricos muitas vezes tratados como agrupamentos discretos com existência ontológica, compostos por pessoas com comportamentos arriscados que se distinguem da população em geral.

O discurso biomédico e epidemiológico, com o conceito de *risco*, é dominante ou hegemônico no campo da AIDS, internacionalmente, tendo sido base de políticas formuladas por agências internacionais e por governos nacionais (G. FORDHAM, 2001). Outros discursos competem com esse, com idéias de *direitos* e de *empoderamento (empowerment)*, criticando os usos do risco para o controle. Nos campos do desenvolvimento econômico e social e do Direito, observa-se que questões como a vacina para HIV/AIDS, a propriedade intelectual, a distribuição universal de TARV ou a circuncisão masculina, por exemplo, suscitaram uma reflexão teórica que escapa ao modelo biomédico. Portanto, o PN/AIDS no Brasil endossa mais de um corpo conceitual, na medida em que embasa uma parte

importante de suas políticas no saber técnico e científico da biomedicina, mas também se apropria do discurso dos direitos humanos (e conceitos como os de direitos sexuais e direitos reprodutivos) para embasar programas de saúde.

6 – A parceria do PN/AIDS com as ONGs

As mudanças econômicas e políticas ocorridas no cenário global que, conforme percebemos, foram cunhadas por alguns como o processo de *globalização* tiveram implicações sobre processos de governança⁷⁴ – em particular, emergiram redes nacionais e internacionais de movimentos sociais e políticos, além de uma expansão e crescimento de Organizações Não Governamentais no mundo (LISA MARKOWITZ, 2001). Para alguns autores, como Cinnamon e John Carlarne (2006), o crescimento do Terceiro Setor, como é conhecido, tem implicações imediatas sobre questões como credibilidade, legitimidade, mecanismos de representação política e formas de governança.

Usando o setor das ONGs como um modelo [...] demonstramos de que modo a intervenção em alguns contextos são de fato voltadas para a geração de legitimidade política e para a influência de política através de relações baseadas em trocas de credibilidade, mesmo que essas intervenções estejam formuladas a partir de expressões-chave como democracia, desenvolvimento e liberdade. Argumentamos que as entidades que se originam nesses contextos predominantemente “locais” ganham legitimidade construindo relações com Organizações Não Governamentais internacionais com credibilidade e, em menor grau, com entidades intergovernamentais e governamentais do mundo desenvolvido. Do mesmo modo, os atores “internacionais” ganham credibilidade, legitimidade e poder nos seus locais de origem e na esfera global ao serem vistos agindo com (ou em nome de) entidades “locais”. Além disso, e como uma consequência dessa permuta de credibilidades, ambos os lados beneficiam-se por não serem diretamente responsabilizados [*accountable*], uma vez que a credibilidade de cada um é dada pelo outro. (CINNAMON CARLARNE and JOHN CARLARNE, 2006: 348)

Nesse sentido, é exemplar a análise de Millie Thayer (2001), quando aponta que o movimento de mulheres rurais no sertão pernambucano, que revela de forma

⁷⁴ Segundo Buse e Walt, “a governança pode ser definida como ‘o processo através do qual uma organização ou a sociedade se guiam’ (*). Em termos gerais, a governança consiste no sistema de regras, normas, processos e instituições através dos quais o poder e o poder de tomar decisões são exercidos. Pensa-se que a boa governança tem quatro componentes: (1) legitimidade representativa; (2) *accountability*; (3) competência e adequação; e (4) respeito aos devidos processos.” (KENT BUSE and G. WALT, 2000b: 704); (*) ROSENAU, J. N. Governance in the twenty-first century. Global Governance, 1995, 1 (1): 13-43.

cristalina as relações entre diferentes agências, movimentos sociais e Organizações Não Governamentais, contextualizadas em termos da globalização⁷⁵: as mulheres do sertão criam significados sobre o feminismo e as relações de gênero que lhes são próprios, a partir de uma rede complexa de interações com uma ONG feminista nacional (SOS Corpo) e de financiamentos internacionais. A autora demonstra que há trocas importantes de credibilidade e legitimidade que se estabelecem além dos financiamentos. O movimento de mulheres rurais é legitimador de uma ONG nacional que pode anunciar sua inserção junto a “movimentos de base” e a grupos populares; a ONG nacional, com sua estrutura institucional e experiência histórica, domina mecanismos de planejamento e de financiamento junto a organismos internacionais que fornecem recursos materiais e simbólicos para a ação política.

Para Arjun Appadurai, assistimos na década de 1990, depois da queda do Muro de Berlim, à queda de pelo menos dois importantes paradigmas sobre a igualdade e o progresso: a visão marxista e a visão de que a modernização e o desenvolvimento poderiam ser transferidos do Ocidente para outras regiões.

Neste contexto, circulam hoje globalmente uma multiplicidade de visões sobre a emancipação e sobre a igualdade, que muitas vezes são contrárias à imaginação nacionalista. Algumas dessas são culturalistas e religiosas, outras são diaspóricas e não-territorializadas, e outras ainda são burocráticas e administrativas. A maioria delas reconhece que os atores não governamentais vieram para ficar e precisam, de algum modo, ser incluídos nos novos modelos de governança e de democracia local. (ARJUN APPADURAI, 2001: 24)

Nesse artigo, Appadurai analisa um movimento urbano de ativistas ligados ao movimento de moradia, situado em Mumbai, no Oeste da Índia, revelando as suas conexões globais, nas parcerias que estabeleceu e na projeção internacional que

⁷⁵ É no contexto da discussão sobre globalização e Organizações Não Governamentais que se propõe o conceito de *cosmopolitas mais*, ou *cosmopolitans plus* (JOHN CARLARNE, 2000), que diz respeito à competência ou habilidade cosmopolita, de navegar por culturas e contextos “locais”, bem como meios altamente burocráticos das agências internacionais de financiamento, além de dominar o discurso dos direitos humanos.

ganhou. Uma das premissas do seu texto é de que uma grande transformação na natureza da governança global está ocorrendo no mundo todo, a partir do imenso crescimento e expansão de Organizações Não Governamentais desde 1945. na visão do autor, tal crescimento foi instigado pelo desenvolvimento de um sistema das Nações Unidas, pela ordem institucional monetária do sistema de Bretton Woods e pela circulação e legitimação global do discurso e da política dos *direitos humanos*.

A combinação do crescimento global de políticas não governamentais com as várias revoluções tecnológicas ocorridas nos últimos cinquenta anos forneceu uma parte importante da energia necessária ao que se cunhou de “ativismo inter-fronteiras” através de “redes transnacionais de *advocacy*”. Tais redes fornecem novos modos horizontais de se articular políticas profundamente democráticas da localidade, criando agrupamentos antes não imaginados: os exemplos podem estar centrados em temas – focando no ambiente, no trabalho infantil ou na AIDS – ou podem ser centrados em identidades – feminista, indígena, gay, diaspórica. (ARJUN APPADURAI, 2001: 26)

No Brasil, questões relativas ao desenvolvimento, à democracia, à exclusão social têm envolvido ONGs há décadas (STEN-ERIK KRUSE, et al., 1997); a conferência sobre o meio-ambiente das Nações Unidas, realizada no Rio de Janeiro, foi considerada por alguns autores um marco ao reunir um conjunto antes disperso de ONGs (ANA CLÁUDIA CHAVES TEIXEIRA, 2000: ; ANA CLÁUDIA CHAVES TEIXEIRA: ; ANA CLAUDIA TEIXEIRA, et al., 2000). Da mesma forma, no âmbito internacional, poucos estudos sobre as ONGs são de antropólogos (LISA MARKOWITZ, 2001).

No contexto da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, observam-se pelo menos dois níveis em que se estabelecem relações entre financiadores e executores. Conforme mencionado antes, o PN/AIDS executou uma política de prevenção e assistência que contou com o apoio técnico e financeiro do Banco Mundial (na esfera internacional) e com o apoio financeiro da União (na esfera nacional). O

Banco Mundial é a maior instituição do mundo voltada para o desenvolvimento internacional e exerce grande influência na América Latina (CINNAMON CARLARNE and JOHN CARLARNE, 2006); é também o maior financiador mundial atualmente de ações no campo da saúde (JOY A. DE BEYER, et al., 2000). O próprio PN/AIDS é um financiador que estabelece relações de apoio financeiro e técnico junto a outras entidades, especialmente Organizações Não Governamentais.

No campo das intervenções, usualmente os financiadores são conhecidos como *donors* e aqueles que recebem o financiamento são os *implementing partners*, i.e. os parceiros que executam uma estratégia que é apoiada, estimulada, principiada, justificada ou tolerada pelo financiador. A relação entre as entidades que financiam e as entidades que executam tem-se consolidado majoritariamente através de *projetos*. Os projetos são instrumentos que visam formalizar a alocação de recursos em quantias pré-determinadas para a realização de atividades e tarefas específicas dentro de um cronograma estabelecido, sendo que sua execução pode ser monitorada e avaliada. Dentre as críticas ao modelo de parceria consolidado por meio de projetos, observa-se que

a abordagem centrada no modelo de projetos [...] reforça uma atitude centrada no financiador, de cima para baixo, de avaliação de necessidades. [...] A abordagem centrada em projetos reforçou a competição entre as agências executoras. Uma vez que as organizações financiadas eram contratadas para “fazer” e não para “ser”, a sua sobrevivência dependia, em grande medida, de se assegurar o financiamento de projetos a partir de um conjunto de fontes e em competição com outras organizações. [...] Sobretudo, as abordagens centradas em projetos reforçaram a burocratização do processo de intervenção. Uma vez que muitas organizações dependiam, para a sua sobrevivência, de um processo cíclico mais ou menos contínuo de aplicação e avaliação, elas foram obrigadas a desenvolverem mecanismos burocráticos necessários para manutenção desse processo. [...] Ademais, as exigências, a maneira e o formato dos formulários de propostas de projetos, além dos mecanismos de monitoramento e avaliação, variavam significativamente de uma organização financiadora para a outra. O resultado era que aumentavam os requisitos burocráticos e desenvolvia-se uma tendência, para as agências executoras, de se agregarem em torno daqueles doadores cujos processos lhes eram familiares. (CINNAMON CARLARNE and JOHN CARLARNE, 2006: 355).

Cinnamon e John Carlarne fizeram o trabalho de campo para sua pesquisa na antiga Iugoslávia e no Equador; já Appadurai, pesquisando na Índia, também menciona a relação dos projetos com as ONGs:

Seja o Banco Mundial, a maioria dos financiadores do Norte, o Estado da Índia ou outras agências, a maioria das fontes institucionais de financiamento estão fortemente enviesadas no sentido de favorecer o modelo de “projeto”, no qual uma lógica de investimento de curto prazo, de *accountability*, de relatórios e de avaliação são considerados vitais. (ARJUN APPADURAI, 2001: 30)

As críticas dos Carlarne e de Appadurai ao modelo de projetos podem ser aplicadas de forma mais geral. Marc Edelman, analisando a sociedade civil organizada na América Central, demonstra que um elemento que vem se tornando cada vez mais importante é a asserção que as organizações podem fazer quanto a serem “populares” ou serem “representativas” de grupos populacionais historicamente excluídos quando se trata de competir por recursos e financiamentos europeus (MARC EDELMAN, 2005).

No campo da AIDS, as ONGs brasileiras recebem apoio há bastante tempo quase que exclusivamente de uma única agência financiadora (o PN/AIDS) sendo o apoio financeiro repassado na forma de projetos, com orçamento, cronograma e população-alvo delimitados. A ausência de um processo mais antigo e institucionalizado de monitoramento e avaliação por parte do PN/AIDS, entretanto, nessa discussão acerca da credibilidade em uma abordagem centrada em projetos, quais as ONGs legítimas nesse campo e quais foram as formas encontradas para determinar tal legitimidade?

Para James Pfeiffer, a participação de ONGs em projetos de desenvolvimento é conveniente na medida em que faz com que tais projetos pareçam ser participativos e inclusivos, também naquelas intervenções que atuam na

terceirização de serviços públicos estatais (JAMES PFEIFFER, 2004a). No caso em que o autor analisa, Moçambique, o financiamento de ONGs significou um realocamento de recursos: ao invés de apoiar o setor público, os principais *donors* passaram a apoiar ONGs, que são retratadas como atores legítimos representantes da sociedade civil. Nesse país africano, os principais *donors* internacionais são o Banco Mundial e a USAID.

No discurso da nova sociedade civil, as ONGs podem dar voz aos pobres e marginalizados, podem dar oportunidades de engajamento político e podem oferecer domínios específicos para a participação da comunidade em questões de saúde, agricultura, programas educativos e “processos democráticos” em geral. Argumenta-se que as ONGs, em virtude do seu caráter de sociedade civil, têm uma vantagem sobre os serviços públicos, pois presumivelmente elas conseguem chegar nas comunidades pobres de maneira mais eficaz e eficiente (JAMES PFEIFFER, 2004a: 359)

O influxo de agências de desenvolvimento e de recursos estrangeiros em países do Terceiro Mundo, como Moçambique, tiveram também conseqüências negativas para os sistemas de saúde locais:

A literatura cita a falta de coordenação das ações e a fragmentação subsequente nas atividades de saúde de muitos países em desenvolvimento. A multiplicidade de organizações que competem umas com as outras duplicam o apoio a alguns programas, criam projetos paralelos, tiram trabalhadores dos serviços de saúde de suas atividades rotineiras e interferem nos processos de planejamento, o que tem sido causa de preocupação tanto para os *donors* quanto para os receptores do auxílio. (JAMES PFEIFFER, 2003: 726)

O modelo de financiamento e apoio técnico a ONGs no campo da saúde, portanto, tem pontos positivos e negativos. Para Buse e Walt, as parcerias público-privadas estabelecidas nas últimas décadas devem ser analisadas quanto à sua eficiência e eficácia; os autores salientam também que para os países receptores alguns problemas no campo da saúde estão na proliferação e na duplicação de projetos, além de uma perda, por parte dos governos nacionais, de controle sobre os processos engendrados pelos financiamentos (KENT BUSE and GILL WALT, 1997).

O Brasil está numa posição bastante privilegiada em relação a outros países, como Moçambique, analisado por Pfeiffer; o próprio PN/AIDS é uma das instituições que atua como *donor* naquele país africano, dando apoiando ações de promoção à saúde e de combate à AIDS lá. Examinaremos aqui a parceria de uma agência governamental brasileira, o PN/AIDS, as parcerias que ela consolidou com ONGs no Brasil.

ONG à brasileira

No discurso governamental, a parceria histórica do PN/AIDS está ancorada na idéia de movimento de base:

ações de prevenção, assistência, promoção e defesa de direitos humanos dos portadores da AIDS articuladas em parceria com OSC possibilitam que tanto a população geral seja atingida, como os segmentos sociais com comportamento de risco acrescido, como é o caso dos profissionais do sexo e dos usuários de drogas injetáveis (HELENA LIMA, 2005)

Uma das principais linhas estratégicas que orientam as ações do PN/AIDS na área da prevenção é o

fortalecimento de parcerias com Organizações Não Governamentais, associações comunitárias e de classe, para ampliar as ações de prevenção e a resposta à infecção pelo HIV (HELENA LIMA, 2005)

As ONGs participam da efetivação de estratégias de prevenção e de assistência em IST, HIV e AIDS, em parceria com os governos federal, estaduais e municipais, no Brasil⁷⁶. A idéia justamente do trabalho das ONGs, aliado à concepção de que a mobilização da sociedade através de ONGs é fundamental para o *controle social*, são molas propulsoras de uma política específica de financiamento de ações de ONG através de projetos. Em documento do PN/AIDS acerca da

⁷⁶ O ativismo no campo da AIDS por parte de organizações comunitárias de base e ONGs, promovendo a prevenção, os cuidados ou o tratamento, não é exclusividade brasileira (B. RAU, 2006).

capacitação em metodologia RARE para ONG e na sua aplicação junto a caminhoneiros, profissionais do sexo e usuários de drogas, afirma-se que a participação desse tipo de organização é considerada fundamental pela agência governamental:

No Brasil, a participação da sociedade civil organizada - ONG – é considerada decisiva nas implementações de estratégias de prevenção e assistência em DST/AIDS, na parceria com o Governo em suas três esferas. Desde a articulação política para obtenção de medicamentos, defesa jurídica dos direitos dos portadores, assistência *strictu sensu*, as ONG/AIDS tiveram e têm reconhecida atuação na excelência do programa de DST/AIDS do país. A eficácia de suas intervenções, acesso às populações, distribuição de insumos e vínculo aos serviços de saúde pública sempre foram considerados experiências exemplares em todo o mundo. No Brasil, existe fomento aos projetos de prevenção, assistência, informação/educação e outros têm financiamento do Governo Federal, com repasse aos Estados (que realizam os processos de seleção via edital) duração de um ano, renováveis por mais um ano. (HELENA LIMA, 2005: 13)

A parceria construída historicamente entre o PN/AIDS com o movimento social da AIDS reflete o modelo de sistema de saúde preconizado pela Constituição Federal, em seu artigo 196, que institui a saúde como direito de todos e dever do Estado; as premissas do Sistema Único de Saúde⁷⁷ são a descentralização, a equidade, a integralidade e o *controle social*⁷⁸. Em discurso de abertura da Conferência Internacional de AIDS no Rio de Janeiro (IAS 2005), Pedro Chequer, então coordenador do PN/AIDS, a esse respeito, considera que um modelo de sistema de saúde como o SUS, embasado na idéia de acesso público e universal, compõe a “espinha dorsal da política brasileira de controle da AIDS” e está na própria origem do PN/AIDS (PEDRO CHEQUER and KENNETH CAMARGO, 2006).

⁷⁷ O movimento brasileiro de reforma sanitária na saúde lutou por um sistema universal de atenção, prevenção e promoção da saúde; a pressão da sociedade civil conseguiu fazer com que princípios básicos da resposta brasileira à epidemia de AIDS fossem a integralidade da assistência e da prevenção (RICHARD PARKER, 2002b).

⁷⁸ Destaca-se a atuação dos Conselhos de Saúde, municipais, estaduais e federal, como instâncias de controle do SUS.

Discutindo as ONGs no cenário político nacional, Pinto sugere uma tipologia para as organizações, baseada nas pessoas que as compõem e nas causas que defendem: aquelas que defendem a causa de seus membros (como feministas) e as que defendem a causa dos outros (como meninos de rua), já que “esta é uma característica fundamental dessas organizações, uma vez que é a partir das relações que estabelecem com o outro que podemos entender e analisar seu papel e suas funções nas relações sociedade civil-mundo da exclusão e sociedade civil-Estado” (CELI REGINA JARDIM PINTO, 2006: : 657).

A sustentabilidade das ações de ONGs desenvolvidas através de projetos que respondem a editais do PN/AIDS fica inteiramente dependente da obtenção de recursos estatais (RODRIGO ROSSI HOROCHOVSKI, 2003). Mais especificamente, depende de uma única agência governamental, cujos recursos foram disponibilizados através de empréstimos feitos pelo Banco Mundial (AIDS I, em 1993; AIDS II, em 1997; AIDS III, em 2003, vigente até 2006⁷⁹).

A provisão de serviços pelas ONGs justifica-se na medida em que, numa visão positiva, são percebidas como pioneiras e como capazes de fornecer serviços a comunidades de outra forma excluídas do Estado e do mercado; suas ações geram capital social, i.e. trabalho democrático, redes formais e informais de cooperação, de decisões e de metas compartilhadas. Parte-se da idéia de que uma série de atividades será culturalmente adequada quando executada por organizações pertencentes a movimentos de base; também se entende que a

⁷⁹ O PN-AIDS fez uma negociação com o Banco Mundial no sentido de solicitar a prorrogação do prazo do AIDS III até dezembro de 2007, estipulando apenas um adendo temporal e não financeiro. Em 2007, o PN-AIDS anunciou, em reunião da CNAIDS, que já estava em andamento a negociação para o novo empréstimo (AIDS IV) para 2008, que estaria sendo chamado de AIDS SUS: “Já está sendo elaborada nova proposta de financiamento das ações de AIDS no país junto ao Banco Mundial a partir de 2008, que está sendo chamado de “AIDS-SUS”. Está sendo cogitando solicitar U\$ 200 milhões e a motivação será reduzir vulnerabilidades e trabalhar DST no que se chama de um plano *Respondendo às diferentes epidemias* (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2007).

participação da sociedade civil na elaboração de políticas públicas contribui para o exercício da cidadania, bem como o *controle social*.

Entretanto, destacam-se por vezes, em uma visão menos otimista das ONGs, a capacitação insuficiente de seus integrantes ou uma capacidade institucional limitada (NORA RABOTNIKOF, 2001), a execução de ações em pequena escala, a existência de mecanismos frágeis de monitoramento e avaliação internos à instituição, a instabilidade de seus recursos e a sua dependência com relação às agências de financiamento. Essas organizações também podem ser vistas como legitimadoras de políticas governamentais.

As ações de prevenção desenvolvidas especialmente pelas ONGs, com apoio do PN/AIDS, freqüentemente seguem o princípio da *peer education* (educação de pares), onde o processo pedagógico de transmissão de conhecimento acontece entre iguais – por exemplo, travestis fazem intervenções junto a outras travestis em pontos de prostituição. Além de buscar uma certa adequação cultural através de intervenções desenvolvidas por membros de uma mesma comunidade, a maior parte das ações executadas pelas ONGs no campo da AIDS envolve abordagens diretas à população, em intervenções face a face.

Financiamento para caminhoneiros

A unidade de SCDH-PN/AIDS foi fundada em agosto de 2000, sendo responsável pela promoção da articulação da Sociedade Civil com o PN/AIDS; uma atividade fundamental da SCDH-PN/AIDS consiste no repasse de recursos financeiros (na forma de financiamento de projetos) e de recursos técnicos a Organizações Não Governamentais, Redes e Movimentos Sociais. No período que se estende de 1993 a 1998, no âmbito do primeiro empréstimo do Banco Mundial

(AIDS I), o PN/AIDS apoiou financeiramente 599 projetos de ONGs (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 1998), realizando oito concorrências públicas através de edital e comitês de avaliação externos (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2000b).

Transcorrendo paralelamente às campanhas na mídia, o PN/AIDS também seguiu apoiando ações de intervenção com abordagem direta e face a face por meio de projetos de ONGs. Os primeiros projetos financiados pelo PN/AIDS, escolhidos através de concorrência pública, que tiveram como público-alvo os caminhoneiros, foram aprovados em 1997 – tendo sido escolhidos cinco projetos dentre os 207 participantes da concorrência nacional. Num total de 360 projetos no ano seguinte, em 1999, foram seis os projetos que tiveram os caminhoneiros como população-alvo. Cabe esclarecer que as centenas de projetos apresentados participaram das concorrências tendo diversos objetivos e visando públicos diferentes (nem todos se voltaram para o público-alvo de caminhoneiros).

A partir de 2000, o processo de concorrência dos projetos de OSC foi descentralizado para seis estados; assim, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul passaram a incluir modificações no edital de concorrência pública do PN/AIDS e a constituir seus próprios comitês de avaliação externos às Secretarias Estaduais de Saúde locais (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2000b). A Coordenação Estadual de DST, HIV e AIDS do Rio Grande do Sul (CE-AIDS/RS) acrescentou então ao edital a seguinte observação:

Em relação ao Rio Grande do Sul, acrescentam-se os seguintes segmentos da população: 1) Prevenção de DST/HIV/AIDS entre adolescentes; 2) Apoio

à criança soropositiva; 3) População Rural; e, 4) Caminhoneiros⁸⁰ (SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS, 2000)

Na primeira concorrência gerenciada pelo Rio Grande do Sul, participaram da chamada do edital quarenta e seis projetos, dos quais três mencionavam como população-alvo os caminhoneiros; apenas um destes projetos foi aprovado para financiamento⁸¹ (PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, 2000a) – da FAPA, de Caxias de Sul.

No edital de 2001, publicado pela CE/AIDS-RS novamente em agosto, lê-se que os caminhoneiros serão um dos segmentos populacionais para os quais as ações se devem voltar:

Considerando essas áreas de atuação o processo de análise e seleção irá considerar somente projetos direcionados para os seguintes segmentos da população: (1) Profissionais do sexo feminino e masculino; (2) Homens que fazem sexo com homens, Transgêneros e Travestis; (3) Usuários de drogas injetáveis (redução de danos); (4) População confinada; (5) Prevenção da transmissão heterossexual com prioridade para mulheres; (6) Assessoria jurídica e direitos humanos para pessoas vivendo com HIV/AIDS; (7) Formação de parcerias que estimulem alternativas de sustentabilidade institucional; (8) População em situação de pobreza e/ou exclusão social; (9) Reinserção social de portadores do HIV/AIDS; (10) Apoio aos Fóruns de ONG/AIDS e/ou Redes contra a AIDS, formalmente constituídos; (11) Prevenção de DST/HIV/AIDS entre adolescentes; (12) Apoio à criança soropositiva; (13) População Rural; e, (14) Caminhoneiros. (SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS, 2001b)

No segundo edital, foram analisadas cinquenta propostas, das quais duas voltaram-se para caminhoneiros e apenas uma foi aprovada (SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS, 2001a)⁸², do grupo UAPA, de Gravataí.

Os documentos para as seleções subseqüentes não se encontram disponíveis no site do PN/AIDS nem da CE/AIDS-RS. Entretanto, é possível fazer

⁸⁰ Dos seis estados que coordenaram localmente as concorrências em 2000, apenas o Rio Grande do Sul mencionou no seu edital o grupo populacional de caminhoneiros como prioritário para as ações de prevenção.

⁸¹ As instituições que mencionavam caminhoneiros como população alvo eram a FAPA (Caxias de Sul), o GUAPA (Uruguaiana), e o SEST (para atuar na Região Metropolitana e em Santa Maria). Apenas a primeira, FAPA, teve projeto aprovado.

⁸² No segundo edital, as duas instituições que tinham caminhoneiros como população-alvo são o UAPA, de Gravataí, e o Grupo Esperança, de Alegrete.

uma busca no próprio site por organizações que tenham desenvolvido projetos com a população de caminhoneiros no estado (Quadro 9). Cabe lembrar que o modelo de parceria público-privado vigente entre as ONGs e o PN/AIDS inclui capacitações para os integrantes das organizações, com forte estímulo à especialização e à profissionalização, buscando o fortalecimento institucional nos moldes de uma “empresa social” (em que, no jargão-ONG, são importantes os termos “sustentabilidade”, “transparência”, “participativo” e “*accountability*” (MARC EDELMAN, 2005)). Nas concorrências públicas, é fomentada a competição entre as ONGs na disputa pela alocação de recursos limitados.

O conflito entre as ONGs que voltam suas atenções para um mesmo público-alvo fica evidente nas entrevistas realizadas com seus dirigentes, a partir da construção que cada uma faz de sua identidade institucional, pelo constante contraste. As características salientadas são todas negativas em relação às demais ONGs: “nós” não somos como “eles”. Para se diferenciarem, citam as estratégias de atuação, os espaços construídos para as intervenções, as concepções de visibilidade e de inclusão, a participação em fóruns específicos, além de parcerias estabelecidas – na relação com o governo e com o Estado, com partidos políticos, com espaços comerciais ou com outras ONGs.

Houve atuação desde 2000 do GAPA-RG, pioneiro no trabalho de prevenção junto a caminhoneiros na cidade portuária de Rio Grande. A partir de 2001, atua junto a caminhoneiros também a FAPA, em Caxias do Sul; em 2002, o UAPA (de Gravataí) e a Igualdade-RS (Porto Alegre) têm projetos voltados igualmente para esta população-alvo. No ano de 2003, a única ONG com projeto financiado para realizar intervenções junto a caminhoneiros no estado é a Igualdade-RS, que depois atua também em 2004 e 2005. Nestes dois últimos anos, o GAPA-RG recebeu

novamente apoio para executar seus projetos com motoristas de caminhão em Rio Grande.

Quadro 9 - Projetos com a população-alvo de caminhoneiros executados no Rio Grande do Sul por ONG com apoio do PN/AIDS ou da CE/AIDS-RS.

ONG	Município Sede da ONG	Missão	Concorrência	Número do Projeto	Vigência do Projeto	Cobertura Populacional Estimada	Valor Aprovado para Financiamento	Valor Contra-partida	Valor do Aditivo 2003	Valor Aditivo 2004
GAPA-RG	Rio Grande	Ações fundamentalmente no campo HIV/AIDS	1999	234/2000	24.10.2000 a 23.10.2001	15.000	R\$ 44.336,00	R\$ 0,00		
			Continuidade	778/2001*	16.01.2002 a 30.12.2003	25.000	R\$ 38.592,00	R\$ 51.180,00		
			Continuidade	380/2003*	05.03.2004 a 04.03.2005	35.000	R\$ 49.840,00	R\$ 15.000,00	R\$ 49.840,00	R\$ 24.320,00
			Continuidade	691/2004	17.12/2004 a 30.06.2005	22.349	R\$ 24.780,00	(cancelado: transição ⁸³)		
UAPA	Gravataí	Ações fundamentalmente no campo HIV/AIDS	2001	722/2001*	14.01.2002 a 31.10.2003	20.000	R\$ 35.550,00	R\$ 8.110,00	R\$ 36.190,00	R\$ 18.500,00
			Continuidade	357/2003*	**	30.000	(R\$ 36.190,00)	(R\$ 13.226,00)		
			Continuidade	698/2004	06.05.2005 a 06.11.2005 ⁸⁴	1.000	R\$ 8.450,00	R\$ 0,00		
Igualdade-RS	Porto Alegre	Ações fundamentalmente voltadas para	Estratégico	51/2002*	02.02.2002 a 30.12.2003	200	R\$ 6.000,00	R\$ 1.500,00		

⁸³ No final de 2004, a maioria dos projetos que estava em execução recebeu apoio por mais seis meses, sendo considerados então de “transição”. A partir de 2005, todo o processo de seleção de projetos, incluindo a gerência sobre os recursos financeiros a serem repassados para a sociedade civil, passaram a ser de responsabilidade integral da CE/AIDS-RS.

⁸⁴ O contrato foi assinado em 17/12/2004 porém havia problemas com a prestação de contas de outro projeto da ONG, de modo que a liberação dos recursos financeiros ocorreu apenas em 06/05/2005.

ONG	Município Sede da ONG	Missão	Concorrência	Número do Projeto	Vigência do Projeto	Cobertura Populacional Estimada	Valor Aprovado para Financiamento	Valor Contra-partida	Valor do Aditivo 2003	Valor Aditivo 2004
		travestis e transexuais	Continuidade	341/2003*	22.01.2004 a 20.01.2005	6.000	R\$ 19.700,00	R\$ 5.400,00	R\$ 19.700,00	R\$ 18.600,00
			Continuidade	619/2004	28.02.2005 a 26.08.2005	1.000	R\$ 9.600,00	R\$ 0,00		
FAPA	Caxias do Sul	Ações fundamentalmente no campo HIV/AIDS	2000	632/2000	19.02.2001 a 18/02/2002	10.000	R\$ 49.990,00	R\$ 0,00		
			Continuidade	300/2002	20.05.2002 a 19.12.2002	8.000	R\$ 34.090,00	R\$ 10.980,00		

* Alguns projetos foram renomeados, sendo continuidade um do outro, que é o caso do 778 que passou a ser 380, do 722 que virou 357 e do 51, renumerado como 341. O grupo UAPA teve problemas de prestação de contas de modo que não houve execução consecutiva de dois projetos, pois não houve a realização do 722; o projeto 357 recebeu um financiamento total de R\$ 54.050,00.

As quatro organizações (GAPA-RG, FAPA, UAPA e Igualdade-RS) que executaram projetos visando caminhoneiros também realizaram, no mesmo período, outros projetos com financiamento público a partir de concorrência junto ao PN/AIDS ou à CE/AIDS-RS. A Igualdade-RS teve o maior número de projetos, tendo executado 19 projetos com apoio do PN/AIDS ou CE/AIDS-RS no período de 2000 a 2006, que somam R\$ 546.730,70 em financiamento; a população-alvo dos projetos foram travestis, transgêneros e transexuais, profissionais do sexo (homens), UDI, população em geral e caminhoneiros.

O GAPA-RG executou quatorze projetos de 1999 a 2005, que somaram R\$ 524.234,10 em recursos repassados à ONG para atuar junto à população em geral, UDI, PVHA e profissionais do sexo, além de caminhoneiros. O UAPA teve cinco projetos com financiamento público de 2000 a 2004, cujas populações-alvo foram PVHA, mulheres e caminhoneiros, tendo sido repassados à ONG R\$ 156.960,00. Mesmo depois de cessado o financiamento do GAPA-RG, a ONG permaneceu desenvolvendo atividades de prevenção, embora em menor escala, nos postos em que já atuava⁸⁵.

Especificamente com relação à FAPA (Caxias do Sul), é preciso esclarecer que de 2000 a 2002 a ONG teve oito projetos financiados pelo PN/AIDS, totalizando um repasse à associação no valor de R\$ 228.090,00. Os outros projetos voltavam-se para UDI, PVHA, HSH e a população em geral. Ainda em 2002, a Polícia Federal iniciou um inquérito a partir de denúncia feita ao PN/AIDS, por prestação de contas com notas fiscais e recibos falsos. O presidente e tesoureiro da FAPA, que eram também respectivamente tesoureiro e presidente de outra ONG/AIDS de Caxias do

⁸⁵ Observação feita a partir de trabalho de campo em 2006.

Sul (GLOS)⁸⁶ foram acusados de estelionato e de desvio de recursos. Foram encontradas irregularidades em ambas as ONGs de Caxias do Sul, a FAPA e a GLOS.

Cabe salientar que tanto a Igualdade-RS quanto o GAPA-RG executaram projetos voltados para caminhoneiros e para profissionais do sexo no período de 2000 a 2006. A Igualdade-RS é uma associação de travestis e transgêneros que volta suas ações, historicamente, para travestis que se prostituem, centrando boa parte de suas intervenções na Zona Norte da capital. No caso da ONG Igualdade-RS, uma ONG que tem sua existência baseada num grupo populacional específico, a agregação da identidade “AIDS” importa no processo de estabelecer quem pode legitimamente demandar apoio financeiro, técnico ou político de uma agência governamental como o PN/AIDS, quem são os interlocutores na discussão de políticas públicas e quem pode ser identificado como parceiro, em se tratando do ativismo e da militância.

Por outro lado, o GAPA-RG é uma ONG com sede em uma cidade portuária, com grande afluência de pessoas e mercadorias, onde há tradicionalmente oferta de prostituição. As equipes de ambas as ONGs, quando entrevistadas, referiram que os caminhoneiros eram considerados clientes em potencial no mercado do sexo comercial. Como se viu pela revisão de estudos sobre caminhoneiros e pelos dados acerca das parcerias sexuais dos caminhoneiros entrevistados, há de fato uma estreita relação entre a presença dos motoristas e a oferta de serviços de profissionais do sexo.

No mesmo período em que as organizações Igualdade-RS, GAPA-RG e UAPA estavam executando projetos voltados para caminhoneiros (e profissionais do

⁸⁶ A GLOS teve um projeto executado no período, o projeto 734/2001, no valor de R\$ 49.978,00, voltado para a população HSH.

sexo, no caso das duas primeiras), outras instituições no estado tiveram projetos cuja população-alvo era de profissionais do sexo. No Rio Grande do Sul, desenvolveram ações junto ao público de prostitutas, travestis ou transgêneros que se prostituem ou profissionais do sexo homens, as seguintes organizações⁸⁷: GAPARS, Rede Compromisso com a Vida, Grupo Vale a Vida, SOSARS, Vhiva Mais, Grupo Vida, NEP e GAPARG (Quadro 10).

Quadro 10 - Organizações Não Governamentais com projetos voltados para profissionais do sexo com apoio do PN/AIDS.

ONG	Município Sede	Nº. de projetos aprovados com PS*	Período em que projetos com PS* foram executados	Montante recebido no período para os projetos
GAPA-RS	Porto Alegre	4	1999 a 2003	R\$ 157.491,50
Rede Compromisso com a Vida	Porto Alegre	1	2000	R\$ 38.680,00
NEP	Porto Alegre	2	2003 a 2006	R\$ 185.898,80
Vhiva Mais	Canoas	4	2002 a 2004	R\$ 61.318,00
GAPA-RG	Rio Grande	1	2004	R\$ 24.780,00
Grupo Vale a Vida	Pelotas	4	2001 a 2004	R\$ 116.276,00
SOSA-RS	Passo Fundo	3	2001 a 2003	R\$ 34.389,78
Grupo Vida	Santo Ângelo	3	2002 a 2005	R\$ 50.360,00
TOTAL		22		R\$ 669.194,08

Destas oito organizações, interessam para a presente pesquisa duas em particular, o Grupo Vale a Vida (Pelotas) e o Vhiva Mais (Canoas), já que em ambos

⁸⁷ Fonte:

[http://www.pam.aids.gov.br/pam/acompanhamento/acompanhamento3.asp?id=000000011161&estado=RS&populacao=Profissionais do Sexo&tipo=todos](http://www.pam.aids.gov.br/pam/acompanhamento/acompanhamento3.asp?id=000000011161&estado=RS&populacao=Profissionais%20do%20Sexo&tipo=todos)

os casos as ações de prevenção foram junto a prostitutas que tinham como parcela significativa de seus clientes os caminhoneiros.

O Grupo Vale a Vida observou em suas intervenções no Centro de Pelotas que, em função do trânsito de caminhoneiros, havia um fluxo importante de mulheres para o Chuí, na fronteira do extremo Sul do país. A ONG então passou a atuar no Chuí, centrando suas campanhas nos caminhoneiros, i.e. modificando a população-alvo da proposta original.

O município de Canoas, onde atua o Vhiva Mais, é um local por onde transitam muitos caminhoneiros. A cidade integra a área de maior densidade demográfica do estado, a Região Metropolitana⁸⁸; com quase 335 mil habitantes, é o segundo maior município da Região Metropolitana e o terceiro maior do Rio Grande do Sul⁸⁹ (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2006). É uma cidade atravessada pela BR-116, uma rodovia recordista em acidentes de trânsito (JOSÉ ANTÔNIO FIALHO ALONSO and RICARDO BRINCO, 2006), que tem seu início em Jaguarão, extremo sul do Rio Grande do Sul, e que vai até Santa Catarina, passando por Caxias do Sul, na região da serra gaúcha.

Outra via importante é a BR-386, conhecida como a “Tabaí-Canoas”, rota por onde passam os caminhões que vão para Santa Maria, na região central do estado. Dada a presença intensa de caminhões no município e a atuação do Vhiva Mais junto a profissionais do sexo, que incluía intervenções no chamado “Porto Seco” da cidade, foi decidido incluir, nesta investigação, um ponto de concentração de motoristas na Tabaí-Canoas.

⁸⁸ A Região Metropolitana de Porto Alegre, com quase 4 milhões de habitantes, concentra 37,4% da população do estado e tem uma densidade demográfica de 405,47 habitantes por quilômetro quadrado (JOSÉ ANTÔNIO FIALHO ALONSO and RICARDO BRINCO, 2006).

⁸⁹ Os cinco municípios mais populosos do Rio Grande do Sul são Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas, Canoas e Viamão; na Região Metropolitana, os mais populosos são Porto Alegre, Canoas, Viamão, Gravataí e Novo Hamburgo.

Historicamente, as cinco organizações estudadas (GAPA-RG, Igualdade-RS, UAPA, Grupo Vale a Vida e Vhiva Mais) tiveram financiamentos em maior número e volume a partir de agências governamentais – na maioria das vezes, do PN/AIDS. No caso destas cinco, chama a atenção o fato de serem ONGs/AIDS, isto é, organizações que estabeleceram, desde as suas fundações, voltar suas ações para a prevenção ou assistência da epidemia de HIV/AIDS; a única exceção é a Igualdade-RS, associação de travestis e transexuais.

Tendo como causa principal a epidemia de HIV/AIDS, as ONGs têm maior leque de atuação e voltam suas ações para diferentes públicos-alvos, acompanhando, teoricamente, as tendências da própria epidemia. A Igualdade-RS, ao contrário, foca suas ações junto a um público alvo e constrói seus projetos em torno da realidade destes grupos sociais (travestis e transexuais); nesse caso, a introdução de projetos voltados para o público-alvo de caminhoneiros foi justificada pela ONG em função da estreita relação que os caminhoneiros mantinham com as travestis, uma relação entre cliente e profissional do sexo.

Nos cinco casos estudados, sem dúvida, projetos junto a caminhoneiros foram elaborados inicialmente pelas ONGs – e submetidos a concorrências públicas –, a partir de uma demanda incentivada, inicialmente, pelo PN/AIDS. Conforme observamos, nos editais públicos caminhoneiros foram nomeados como constituindo uma população-alvo de intervenções que seriam consideradas prioritárias pelo governo (e agente financiador). É evidente que a prioridade governamental dada a projetos com uma determinada população segue, em tese, as tendências da epidemia. Também é possível imaginar que as ONGs/AIDS, especialmente as mais antigas, possam ter maior flexibilidade e capacidade para abrir uma nova frente de trabalho e incluir uma nova população-alvo. Assim, não causa estranheza o fato de

que a maioria das organizações que atuaram junto a caminhoneiros no estado sejam ONG/AIDS⁹⁰.

Todas as ONGs executaram ações de prevenção que incluíam a abordagem direta da população alvo de seus projetos (motoristas de caminhão ou profissionais do sexo). A equipe da ONG tipicamente vai até o local onde a população alvo se encontra, aborda as pessoas, apresenta o seu trabalho, oferece informações relativas à prevenção de ISTs, HIV e AIDS, bem como o preservativo masculino. As maneiras de abordar a população e de divulgar informações relativas à prevenção são próprias de cada entidade; tal conjunto é considerado uma tecnologia específica, sendo valorizada tanto pela própria ONG quanto pelo PN/AIDS.

⁹⁰ Inclusive a FAPA, de Caxias do Sul, que foi excluída do estudo, mas que é também uma ONG/AIDS e uma das entidades que respondeu inicialmente aos editais para realizar intervenções junto a caminhoneiros no estado.

7 – Sou casado com a Ana, mas vivo com a Mercedes

“Onde é que a *senhora* mora?”

A pergunta me é devolvida, mais uma vez. É quase como se o caminhoneiro me dissesse: se isto é tão importante para ti, vamos começar falando sobre isto, pois para mim não importa tanto. Não sei se é este o sentido. Enquanto penso na pergunta e no que vou responder a este homem corpulento que está diante de mim, ele segue, sem esperar a minha fala:

“Eu moro mesmo é no caminhão. Esta é a minha casa de lata. Ou como dizem uns por aí, minha vida é na estrada...”

Estamos conversando num pátio enorme, sob um sol abrasador de janeiro. Estão ali estacionados um pouco mais de uma centena de caminhões. A cada manobra de uma daquelas gigantescas casas de lata, vê-se uma imensa nuvem de poeira levantar. Meu rosto e meus braços estão mudando de cor, não sei bem se pelo sol que me queima ou se pela sujeira transportada pelo ar. Acho que é um pouco das duas coisas. Meus cabelos estão duros. Só consigo pensar que à noite retorno para o meu hotel, onde poderei tomar um banho e tirar toda aquela poeira que está sobre mim. O caminhoneiro à minha frente não tem a mesma sorte: dormirá no caminhão estacionado no pátio, e provavelmente não poderá tomar banho hoje.

Eu estou conversando com caminhoneiros que estão à espera da liberação de agentes federais para cruzarem a fronteira do Brasil com a Argentina, na Aduana do Chuí, extremo sul do Rio Grande do Sul. Nós conversamos sobre muitos assuntos, sobre suas vidas, seus cotidianos e, principalmente, sobre a AIDS. Apesar do calor e da demora, a maioria está de bom humor. Fazem brincadeiras entre eles, contam causos, descansam sentados sobre um tronco na única sombra daquele pátio. Falar sobre AIDS é sempre também falar de sexualidade, o que motiva, aqui, por vezes, muitos risos. De longe, avisto uma pequena casa branca, do outro lado da cerca que está em torno de todo o pátio. Pergunto ao guarda que está na entrada do pátio sobre a casinha branca, ele responde que é “o postinho” do Chuí. O posto de saúde do município está a cinqüenta metros do pátio da Aduana.

Os caminhoneiros estiveram no foco de diversas campanhas e intervenções, que visavam dar informações e, em última instância, modificar alguns comportamentos, no sentido de preveni-los da epidemia de HIV/AIDS. Uma parte destas campanhas foi executada aqui no estado, com o apoio do Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde, por Organizações Não Governamentais (ONG).

Em meio às conversas com os caminhoneiros, eu me reporto à Coordenação Estadual de AIDS, onde, em meio a papéis, muitas caixas, mesas e computadores, eu poderia estar sentada, sentindo o frescor do ar-condicionado. Meses antes (que agora pareciam uma eternidade), recém ingressando no doutorado em Antropologia, sem bolsa de estudos, eu havia começado uma consultoria. O Estado agora assumiria totalmente as seleções de projetos (e os repasses de recursos) de ONGs e queria instituir um processo de monitoramento e avaliação destas ações. Agora, eu tinha de fazer um levantamento do que estava acontecendo com as ONGs e seus projetos, auxiliando um grupo de profissionais na tomada de decisões importantes, como a continuidade ou não de algumas intervenções. O trabalho na Coordenação Estadual tinha aberto para mim outras possibilidades de pesquisa.

Em pouco tempo e depois de um trabalho intensivo, reformulei meu projeto de doutorado e decidi que queria usar o aporte teórico e metodológico da Antropologia para refletir sobre a política de financiamento de projetos de

ONGs do PN/AIDS. Eu havia transitado por uma agência governamental, eu havia visitado ONGs e entrevistado as suas equipes. Agora, pensava, eu queria saber mais especificamente como as intervenções haviam sido percebidas por aqueles sujeitos que foram o alvo das ações das ONGs. O campo da AIDS havia me fascinado em muitos sentidos. [Trecho de diário de campo, fevereiro de 2006]

A paisagem: contexto e entrada em campo

A estratégia de entrada em campo foi pensada através da análise de conteúdo de entrevistas realizadas com as equipes das ONGs, o que possibilitou uma listagem dos locais de maior concentração de motoristas de caminhão e dos locais em que houve de fato atuação das ONGs. A coleta de dados junto a motoristas de caminhão e profissionais do sexo – a população-alvo dos projetos das ONGs – foi, então, desenvolvida em oito locais do Rio Grande do Sul (Quadro 11). Todos os locais são postos de combustível, exceção feita ao pátio da Receita Federal, no extremo Sul do país.

Dentre as Organizações Não Governamentais (ONG) que voltaram suas ações para caminhoneiros através de projetos específicos com apoio do PN/AIDS, aquela que conseguiu dar maior visibilidade para as suas ações foi o GAPA-RG, no Sul do estado, na cidade de Rio Grande, com intervenções desenvolvidas em locais próximos à Barra do Porto Marítimo de Rio Grande. Essa entidade, durante a execução do projeto, conseguiu, através de parcerias locais com os postos e com o porto marítimo, três containeres que serviram como microssedes para o projeto em cada um dos postos de combustível.

Quadro 11 - Resumo dos locais de pesquisa eleitos para a pesquisa, salientando a região do estado, a cidade, os locais de concentração de caminhões e as ONGs que ali atuaram

Região do RS	Cidade	ONG	Locais de concentração de caminhões
Metropolitana	Porto Alegre	Igualdade-RS	Posto Garoupa
	Canoas	Vhiva Mais	Posto Buffon

Região do RS	Cidade	ONG	Locais de concentração de caminhões
	Gravataí	UAPA	Posto Radar
			Posto Perdigão
Sul	Rio Grande	GAPA-RG	Posto Buffon
			Posto Ongaratto
	Chuí	Grupo Vale a Vida	Aduana Chuí
	Pelotas		

Os postos de combustível estão em regiões periféricas e pouco habitadas das cidades, na beira de auto-estradas. Na capital gaúcha, o posto está na extremidade de uma grande avenida, em meio ao chamado Porto Seco; em Rio Grande, os três postos estão na estrada, sendo dois bem próximos ao Porto Marítimo e um ao lado de uma grande empresa de adubos. O pátio da Receita Federal está localizado na auto-estrada, na entrada do Chuí.

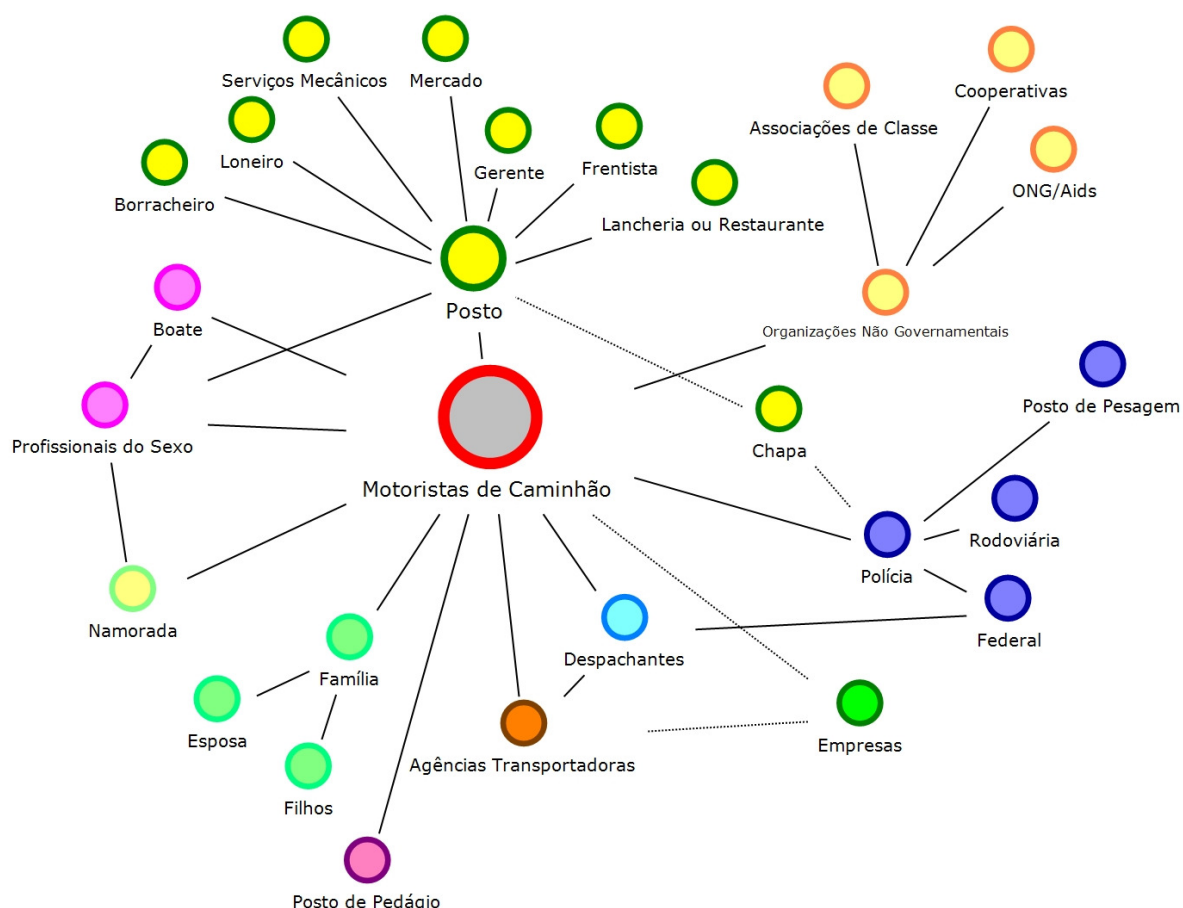
Esses locais são espaços comerciais (ou públicos, no caso da Aduana) delimitados fisicamente por cercas onde convivem funcionários, prestadores de serviços e motoristas. São também espaços que constituem um universo masculino, em que a imensa maioria das pessoas que ali circulam são homens: gerentes, frentistas, mecânicos, eletricitas, borracheiros, loneiros, chapas, motoristas, despachantes, agentes de transportadoras⁹¹.

Não se objetiva aqui fazer um estudo de redes de relações, porém é importante salientar que, ao tomarmos os caminhoneiros como atores sociais e unidades de análise, podemos contextualizá-los em uma rede complexa que serve

⁹¹ Os loneiros são os profissionais encarregados de consertar as lonas que cobrem a carga dos caminhões, usualmente fazendo remendos com máquina de costura industrial, trabalhando no próprio pátio do posto de combustível. Os chapas são pessoas que fazem a carga e a descarga do caminhão, ficando concentrados na entrada dos postos; os chapas também muitas vezes dão informações aos motoristas sobre endereços dentro da cidade e, eventualmente, acompanham os motoristas até o seu destino quando se trata de um local dentro da cidade. Os agentes de transportadoras são os profissionais das agências de cargas, com quem os caminhoneiros negociam o frete e a carga a ser transportada.

de *setting* estruturante de oportunidades e de constrangimentos para suas ações. Os aspectos relacionais dessa estrutura podem ser observados nas díades e tríades figuradas a seguir, na Ilustração 3. O conjunto de relações sociais possíveis mais freqüentes para os caminhoneiros estudados indica também a interdependência entre esses atores: a figura do caminhoneiro só é possível em função desse complexo universo de relações sociais, portanto não pode existir como uma mônada social.

Ilustração 3 - Redes de relações sociais dos caminhoneiros a partir dos postos de gasolina



As relações sociais dos caminhoneiros, apontadas na Ilustração 3, implicam fluxos entre os atores, em que são trocados serviços, bens e capital, além de afetos e, em alguns casos, fluidos corporais. Note-se que o objetivo foi fornecer um instrumento visual que auxiliasse na presente análise, sendo que o foco estava no

ponto de partida do primeiro nóculo – o caminhoneiro no centro das relações –, bem como na eleição do espaço geográfico inicial de partida: os postos de combustível. Se a análise partisse de outro espaço, como a estrada ou o local de origem em que o caminhoneiro mantém sua residência, a ilustração seria diferente (com a inclusão de caroneiros, por exemplo). A análise de redes sociais pode ser objeto de uma futura investigação com caminhoneiros, que poderia auxiliar na compreensão desse universo e no planejamento de ações voltadas para esse público, como a oferta de serviços de saúde. Todavia, não é objetivo desta pesquisa apresentar uma análise aprofundada de redes de relações sociais, que é um campo específico de investigação científica, com metodologia própria.

Em cada um dos locais de concentração de motoristas, foi feito um contato inicial, para apresentar a pesquisa, solicitando permissão para circular por aquele espaço; no caso dos postos de combustível, o gerente foi contatado e, no caso da Aduana, o delegado da Receita Federal. Todos foram receptivos e autorizaram a minha presença, bem como a de assistentes de pesquisa. Houve uma ressalva no único posto em que o pátio para estacionamento de caminhões é cercado e vigiado – no posto de Porto Alegre, poderíamos circular por todo o posto *exceto* no pátio. Na Aduana, era imprescindível o uso de crachá, que foi emitido pelos funcionários da Receita especificamente em função da pesquisa proposta. Durante os primeiros contatos, as conversas giraram em torno do cotidiano de trabalho no local, das intervenções de ONGs e do estilo de vida dos motoristas de caminhão.

Os motoristas, sobretudo durante nossas conversas, tratavam de me lembrar que eu estava em um universo eminentemente masculino. Alguns ofereceram conselhos que buscavam proteger-me, indicando faixas de horários, a partir do entardecer, em que eu não deveria circular por aquele espaço. Em seguida,

buscavam elementos mais positivos, afirmando que mesmo à noite as entrevistas poderiam ainda ser feitas, no restaurante ou na lanchonete, porém jamais no meio dos caminhões, no pátio.

Acho assim, tu está trabalhando aqui [fazendo a pesquisa], tu tens teu serviço, mas com certeza tu não vai ficar aí de noite correndo no meio dos caminhão, querendo fazer entrevista, de noite? [(risos) Pois é, o senhor acho que não dá?] O pessoal interpreta e te leva pro lado mal. Com certeza vai acontecer isso. Comigo não ia acontecer isso, mas, provavelmente... Não, tu pode até fazer, mas lá no restaurante. Não tem problema. Só que é difícil, assim: a conversa franca dessa aqui, de eu falar contigo / Vai dar mentira, vai dar não sei o que, então eu acho que não seria viável a... a pesquisa. [Caminhoneiro, 41 anos, motorista há 15 anos]

Nesse universo masculino, as mulheres que circulam pelo pátio à noite são apenas as profissionais do sexo, oferecendo serviços nas cabines dos caminhões. O motorista entrevistado estava alertando-me no sentido de que, sendo eu uma mulher, haveria um risco de ser *mal interpretada* ao convidar algum motorista, homem, para participar da pesquisa. Um lugar mais próprio para uma mulher ficar à noite no posto seria o *restaurante*, entretanto aqui o entrevistado aborda de maneira sutil o segundo problema: mesmo que eu esteja no posto *a trabalho*, sou mulher e estou falando sobre sexualidade, uma conversa que requer maior privacidade.

Os postos apresentam divisões territoriais, onde lugares são simbólica ou fisicamente demarcados pelo seu uso e pelos serviços ali ofertados. A delimitação do espaço implica formas específicas de interações sociais dos motoristas entre si, bem como dos motoristas com os funcionários dos postos e das agências transportadoras. É também em função desse arranjo espacial que os motoristas ficam concentrados em alguns pontos do posto, o que foi importante no decorrer da pesquisa. Os locais de concentração dos motoristas e as formas de fazer a abordagem dos entrevistados estiveram imbricados metodologicamente uns com os outros.

Os postos de combustível são espaços muito amplos. Tipicamente, próximas à entrada, e de forma central, encontram-se as bombas de combustível; é onde também é feita a lavagem dos caminhões que ali abastecem. Nos postos visitados, todos os frentistas e lavadores são homens. Junto às bombas freqüentemente está localizada a parte administrativa do posto, com um escritório da gerência e uma pequena loja de produtos automotivos, na qual também só trabalham homens. Os postos têm ainda escritórios de agências transportadoras, restaurante, banheiros com chuveiro e o pátio onde os caminhões ficam estacionados. Uma visão geral de um posto de gasolina segue na Ilustração 4, uma vista aérea, a partir de imagem de satélite, de um dos postos de combustível pesquisado na Região Sul do estado.

Na Receita Federal, no Chuí, há igualmente uma divisão espacial onde, de um lado, está um prédio em que estão concentrados os serviços administrativos, e, de outro, um pátio onde ficam os caminhões. Tem destaque no pátio de caminhões uma plataforma de vistoria, único local coberto onde os motoristas podem permanecer e onde ficam alguns chapas, autorizados a circularem pelo pátio. Não há, na Aduana, uma gama de serviços que se encontram nos postos de combustível, como restaurante, chuveiros, serviços mecânicos, lojas de conveniência.

Importa aqui fazer um detalhamento da descrição desses cenários também porque, na perspectiva dos motoristas, eles vivem/trabalham em condições bastante precárias. Como veremos adiante, no capítulo acerca das intervenções e campanhas desenvolvidas para os caminhoneiros, os sujeitos entrevistados percebem um descompasso entre as suas demandas relativamente à sua saúde e ao seu trabalho e o trabalho desenvolvido pelas ONGs ou pelo Ministério da Saúde.

Ilustração 4 - Vista aérea (por satélite) do Posto Ongaratto em Rio Grande. Foram sinalizadas as principais divisões do espaço. Fonte: Google Earth, consultado em outubro de 2006.



A partir da divisão típica dos postos, foi elaborada uma estratégia para contatar e entrevistar os motoristas. Na etapa qualitativa, os motoristas foram abordados próximo às agências transportadoras, local onde permaneciam ociosos a maior parte do tempo. Tendo sido alertada que eu não deveria *correr no meio dos caminhões*, a escolha do espaço das transportadoras também assegurava uma certa publicidade inicial para o meu trabalho de pesquisa, portanto, para a minha inserção em campo; tal publicidade também me era garantida nas proximidades do restaurante ou lanchonete.

Depois que me tornei conhecida naquele universo e que compreendi melhor aquele espaço social, passei também a abordar alguns entrevistados no pátio, próximos aos seus caminhões, especialmente no final da manhã, quando estavam descansando ou preparando uma refeição na “caixa” – uma pequena cozinha na lateral do caminhão. Nesses momentos em que começam a preparar a refeição e o próprio almoço, são encontrados em grupos, já que usualmente vários motoristas almoçam juntos. A faixa horária e o agrupamento de pessoas tornavam mais legítima a minha presença – feminina – no pátio.

No caso da Aduana, não havendo agência transportadora ou restaurante, todos entrevistados nessa etapa foram abordados no pátio. Ainda assim, neste amplo espaço, diversos motoristas concentravam-se nos dois únicos locais com sombra: uma pequena parte arborizada e a plataforma de vistoria, coberta.

Prossigui da mesma forma, fazendo contato inicial com os motoristas que se concentravam nesses dois locais, para a etapa qualitativa da pesquisa. Causava estranheza aos motoristas, e era assunto reiterado de nossas conversas, a presença de pesquisadores no pátio. Eles foram unânimes na queixa de que não se podia entrar no pátio da Aduana acompanhado por qualquer pessoa. Conforme os

entrevistados, pouquíssimas pessoas eram autorizadas a ingressar naquele espaço: os motoristas, alguns despachantes, os funcionários da Receita Federal e os funcionários da empresa encarregada da segurança, além de algumas pessoas que prestavam serviços – os chapas e um rapaz que vendia lanches e bebidas.

Segundo informam os funcionários da Receita Federal, a restrição quanto a quem pode circular pelo pátio foi imposta motivada pela segurança e bem-estar de todos:

Quando ele entra pro pátio, entra somente ele, sem família, sem mulher, sem nada, não se permite a entrada de outras pessoas, se não o caminhoneiro, aqui no pátio. Porque essa determinação, logo que nós inauguramos o pátio que foi em janeiro do ano passado aconteceu de as pessoas circularem no pátio, as famílias dos caminhoneiros, as esposas com as crianças e, devido ao fluxo muito intenso de caminhões manobrando, houve várias situações em que as crianças foram colocadas em risco, crianças brincando atrás do caminhão e de repente o caminhão começa a manobrar de ré, e a criança não vê, e dá aquela confusão. [...]. Então, havia um risco muito grande, então, nós optamos por não permitir a entrada de outras pessoas que não os caminhoneiros, nem esposas, nem filhos, ninguém. [Delegado da Receita Federal, 38 anos de idade, funcionário há 8 anos]

Os motoristas acompanhados por familiares, por exemplo, necessariamente ficam sozinhos no pátio. A minha presença ali, portanto, era, por si só, um acontecimento no cotidiano daquele local. Depois que vários motoristas já haviam conversado comigo, e que eu já estava circulando por ali há alguns dias, outras versões e interpretações me foram dadas sobre quem pode ou não entrar no pátio.

Muitos deles afirmaram que as regras sobre o ingresso de familiares e acompanhantes estavam afixadas desde o primeiro dia em que o pátio cercado foi inaugurado, rejeitando a versão dos funcionários de que se tratasse de uma situação de risco para crianças. Outros relataram que teria ocorrido um episódio em que, numa madrugada, uma mulher teria andado pelo pátio em trajes íntimos anunciando aos gritos seus serviços e se queixando da remuneração paga por um motorista.

Para além de outras versões, percebi um conjunto grande de interpretações sobre estas regras. As interpretações sempre colocavam em xeque a masculinidade do delegado, representante da autoridade máxima naquele espaço. Alguns questionavam a sua identidade sexual, pois que ele *ainda é solteiro*, com 38 anos de idade; outros, a sua masculinidade, dizendo que *até uma mulher derruba ele com dois tapas*, visto que ele é um homem baixo e magro. Os motoristas, ao colocarem em dúvida a virilidade e a heterossexualidade daquele que tem algum poder ali, acionam um modelo de masculinidade específico e por eles compartilhado. Assim, deixam claro que, na ordem das relações de gênero, percebem a masculinidade do delegado como sendo subalterna em relação a um modelo tido como hegemônico naquele grupo.

As relações de gênero são acionadas a cada entrevista, quando de alguma forma os motoristas são sedutores, ou galanteadores, ou buscam mostrar aos demais presentes que *já me conhecem*, que podem vir conversar comigo ou me abordar. Tal fato pode ser observado seja quando um motorista *conhecido* vem me anunciar que está *de olho no meu carro*, cuidando-o para mim, seja quando outro passa por mim e me cumprimenta de maneira entusiástica diante dos demais caminhoneiros presentes.

Estacionamento: o pátio

O *pátio* sempre ocupa a maior área do posto (ou da Aduana), sendo uma extensão grande e sem sinalizações específicas. É de grande importância para os motoristas e tema recorrente nas conversas, a cobertura do pátio – se é de terra, cascalho ou asfaltado. Em um dos postos da Região Metropolitana, e no pátio da Receita Federal, o chão era apenas de terra, o que era imensamente criticado.

Conforme os motoristas, quando está seco e tem sol, no pátio de terra tem muita poeira, quando chove o pátio transforma-se em barro. Segundo um grupo de motoristas no Chuí, referindo-se ao pátio da Receita Federal, as condições do local dificultam o trabalho:

Aqui não tem chuveiro, quando chove é um barro, e quando tem muito sol, comida não dá pra fazer, como é que eu vou fazer comida? E se tiver que sair é só meio-dia e de noite é só depois da sete. E família não pode entrar... [Motorista de caminhão, Aduana, 33 anos de idade]

A capacidade do pátio de estacionamento dos postos investigados é variável; os postos Buffon e Ongaratto em Rio Grande têm a maior capacidade, abrigando entre 1.000 e 1.500 caminhões cada, na época de transporte de safra de grãos. O posto Marinha, também em Rio Grande, abriga, segundo a gerência, até 500 caminhões, porém contabilizei 1.000 caminhões estacionados no período da safra. Em seguida, vem o posto Buffon de Canoas, que pode abrigar até 150 caminhões, depois, o Radar e o Perdigão, de Gravataí, com capacidade para aproximadamente 100 caminhões cada. O pátio da Receita Federal, no Chuí, tem capacidade para 130 caminhões, entretanto segundo o delegado entrevistado já houve dias em que transitaram por ali 200 caminhões.

Os caminhões ficam estacionados muito próximos uns dos outros, de maneira ordenada, em filas, apesar de não haver qualquer demarcação no terreno⁹². No período de transporte da safra de grãos, quando o movimento nos postos da Região Sul do estado se intensificou, os pátios reuniam milhares de caminhões, estacionados comprimidos em filas com aproximadamente quinze caminhões cada (Ilustração 5).

⁹² A literatura sobre caminhoneiros nos Estados Unidos refere a *party row*: a fileira de caminhões mais distante onde ocorre a venda e o uso de drogas, além da oferta de serviços sexuais (YORGHOS APOSTOLOPOULOS, et al., 2001: ; SEVIL SÖNMEZ and YORGHOS APOSTOLOPOULOS, 2006: ; D. STRATFORD, et al., 2000)

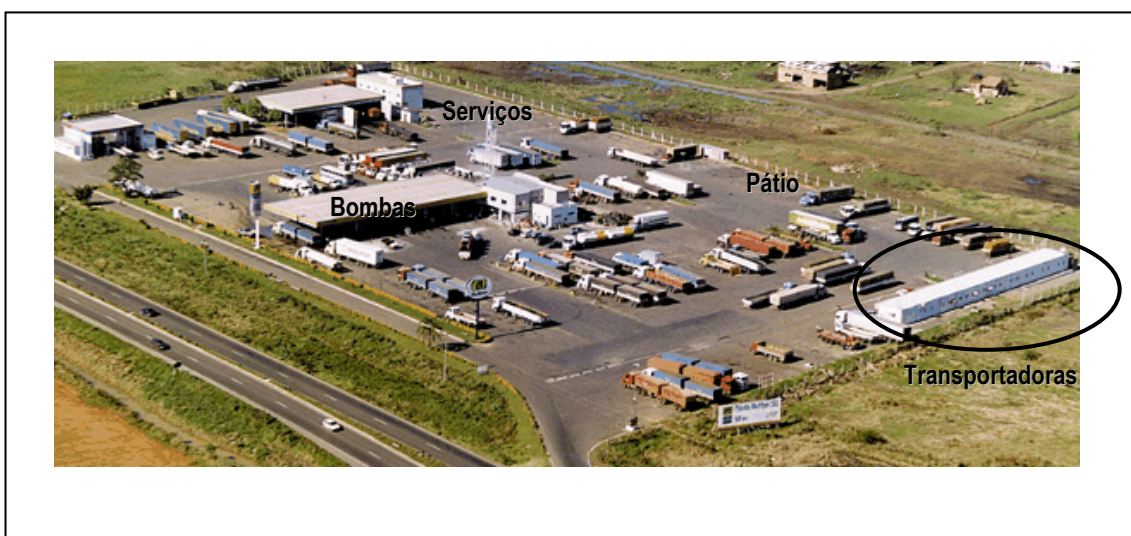
Ilustração 5 - Foto do pátio onde se encontram cerca de 1.800 caminhões estacionados, Posto Buffon, Rio Grande, RS, 2006



Agências de Transporte de Cargas e a Carta Frete

Todos os postos de combustível visitados têm também uma construção à parte onde estão localizados os escritórios das transportadoras. Essa construção é semelhante a um corredor a céu aberto, estreito e comprido, de lojas idênticas, coladas lado a lado, onde cada escritório tem uma porta e uma janela. Acima de cada porta, lê-se uma pequena placa que identifica a empresa; colado na janela ou em um cavalete à frente do escritório, há um quadro de avisos especificando as cargas disponíveis e os seus destinos. Na Ilustração 6, foi destacada a construção que abriga as agências de transporte de cargas em um posto de combustível pesquisado.

Ilustração 6 - Destaca-se a construção à parte de escritórios de agências transportadoras, localizadas no Posto Buffon III de Canoas. Fonte: <http://www.buffon.com.br/canoas.html> (destaque e legendas meus).



É nesse espaço das agências, e através das informações ali veiculadas, que os motoristas circulam e negociam os fretes. Com freqüência, chegam ao seu destino sem garantia de carga para seu retorno. Assim, ficam aguardando cargas próximas aos seus locais de origem⁹³, e negociando o frete das cargas, nas agências transportadoras. O universo das transportadoras é também eminentemente masculino, uma vez que nas agências de cargas trabalham pouquíssimas mulheres. Todas as mulheres das agências com as quais fiz entrevistas informais tinham relações familiares que as levaram àquele emprego: eram filhas e/ou esposas de caminhoneiros, ou eram esposas dos proprietários das agências de cargas. Os dados coletados apontam a importância de uma tradição familiar para a inserção do sujeito no trabalho no setor de transporte de cargas – para os agentes de transportadoras e também para o motorista de caminhão e proprietários dos postos de combustível.

⁹³ Além de o motorista buscar uma carga que se destina a um local próximo daquele para onde gostaria de ir, é preciso que a carga seja de um tipo que ele possa carregar no seu caminhão – isto é, se o seu caminhão só transporta container, não lhe adianta a oferta de uma carga de grãos.

É em geral junto às agências transportadoras que se encontra uma barbearia – serviço suficientemente valorizado para constar na propaganda do posto. Foi observado um fluxo constante de motoristas nas barbearias que, apesar do espaço diminuto, também servem de espaços de sociabilidade. Uma pergunta colocada por diversos motoristas aos entrevistadores, ao final da entrevista, dizia respeito ao aparelho de barbear: eles queriam saber se compartilhar a lâmina de barbear poderia transmitir os vírus das Hepatites ou do HIV, explicando que usavam os serviços de barbeiro nos postos ou que muitos colegas pediam o aparelho de barbear emprestado.

Além disso, dentro ou na frente de várias agências de cargas, há também cadeiras e bancos, onde ficam os motoristas, como na sala de convivência dos motoristas, junto com os agentes das transportadoras – tomando chimarrão, conversando, contando piadas. As agências têm em geral uma pequena mesa de trabalho, telefone e fax, e computador com acesso à Internet; o espaço é reduzido, com aproximadamente 20 m² (em geral cada sala tem três ou quatro metros de frente por no máximo seis metros de fundos), de modo que tudo e todos ali estão muito próximos fisicamente.

Pelo que se pôde perceber, durante o horário em que as agências transportadoras estão abertas, uma grande parte dos motoristas fica naquele espaço, indo para a “sala dos motoristas” do posto apenas quando os escritórios fecham. A apropriação, e o uso, deste espaço, por parte dos motoristas, depende da relação que ele estabelece com cada agência em particular e, portanto, depende do tempo que ele vem freqüentando aquele posto. Transcrevo abaixo um trecho de meu diário de campo, narrando a situação em que uma entrevista teria início, com um motorista bastante experiente:

Ele age como se a transportadora fosse a sua casa, entra dentro do escritório e traz uma cadeira, que coloca ao lado de uma mesa. O Sr. G diz que eu me sento, eu respondo que eu prefiro que ele se sente, que fique à vontade. Ele senta e enquanto isso o seu companheiro [outro motorista, seu amigo] pega mais um banco para eu me sentar. O escritório tem um homem trabalhando ao computador e respondendo a telefonemas, o espaço todo deve ter 2m por 3m, é um pouco sufocante, parece que tudo está empilhado e apertado. O caminhoneiro [não Sr. G] que tomou a iniciativa de nos sentar ali explica ao sujeito da transportadora o que está acontecendo, deixando claro tanto pela expressão facial quanto pelo tom de voz o quão importante é aquele momento, “é uma pesquisa e a moça vai fazer uma entrevista”. O funcionário da transportadora se vira para mim e pergunta sobre o que é, antes mesmo que eu possa responder mais uma vez o segundo caminhoneiro diz que é sobre saúde. O cara da transportadora se mostra interessado, pergunta se eu vou fazer um trabalho sobre “a classe”. Respondo que sim, que vou fazer uma pesquisa sobre saúde e prevenção com caminhoneiros, que estarei no Buffon e outros postos. Ele finaliza a conversa dizendo que “isto é importante”, dando a volta na cadeira giratória e mais uma vez olhando para o computador e atendendo os telefonemas. Fico, assim, diante do Sr. G, ambos sentados, com uma pequena mesa ao nosso lado onde coloco o gravador. O outro caminhoneiro se coloca de pé ao lado do Sr. G, onde fica atento a toda a conversa, com a anuência do primeiro.

A relação entre as agências transportadoras e os postos de combustível em que estão localizadas é intensa. O gerente de um dos postos explica que as lojas das transportadoras são alugadas pelas empresas diretamente com o posto de combustível; cada sala locada já tem um ponto de acesso à Internet e instalação elétrica e telefônica. A locação da sala está sujeita a uma avaliação prévia por parte do posto, que pode optar por não permitir a presença de alguma agência naquele espaço. A avaliação que o posto faz no caso é fundamentalmente do histórico de crédito da empresa transportadora, sendo analisado seu tempo de existência, clientela e sua capacidade financeira.

Não raro, além do contrato pela locação do espaço da loja, o posto de combustível mantém algum convênio com a transportadora que faz o carregamento dos caminhões. Tal convênio significa que a carta de frete emitida por aquela agência transportadora será aceita pelo posto, sendo que o motorista pode trocar por combustível e dinheiro. O número de agências transportadoras com as quais um posto mantém estreita relação é variável: em Porto Alegre, Canoas e Gravataí, são

aproximadamente doze transportadoras cada; em Rio Grande, há cerca de quinze transportadoras em cada posto. No Chuí, não há transportadoras dentro dos postos de combustível, no entanto cada posto de combustível da cidade mantém algum tipo de convênio, sendo que o maior deles tem convênio com quatro empresas.

A transportadora é uma entidade que media a relação entre as empresas que têm carga e os motoristas, funcionando como uma espécie de “despachante”. A agência transportadora contrata o motorista e dá a ele um adiantamento, para diesel e pedágio, na forma de uma *carta frete*. Apenas quando o motorista descarrega, em seu destino final, ele recebe o saldo do pagamento referente ao serviço. A carta frete é um pequeno papel (emitido por uma máquina semelhante às de cartões de débito e crédito) que precisa ser trocada pelo motorista para que ele tenha dinheiro na mão.

O posto funciona como um banco, contudo só troca carta frete emitida por uma transportadora que já conhece – como aquelas situadas no próprio posto, daí a importância de uma avaliação prévia das empresas – e dá parte do valor da carta frete em dinheiro ao motorista⁹⁴. Entretanto, para fazer a troca por dinheiro, o posto cobra do motorista que ele abasteça um valor mínimo de diesel. Este valor é calculado em termos percentuais sobre o valor total da carta frete, como um *overhead* cobrado pelo posto; comumente pelo menos 30% do valor da carta frete precisa ser usado na compra de diesel no posto.

O posto ademais só troca carta frete de quem abastece no próprio posto, o que gera uma certa “fidelidade” do motorista àquele estabelecimento comercial, uma vez que “não são muitos os postos que têm capital de giro para dar o troco pro motorista pela carta frete” (gerente do Posto Buffon de Canoas). Um gerente no

⁹⁴ A rede de postos Buffon anuncia, por exemplo, na sua página na Internet que mantém convênio com mais de mil empresas para troca de ordens de frete.

Chuí explica: “ele já vem com a carta-frete, R\$ 1.000,00 é a carta dele, eu vou dar R\$ 500,00”.

Uma importante questão metodológica que se colocou para a pesquisa dizia respeito à mobilidade das pessoas entrevistadas, uma vez que um objetivo para a pesquisa PROSARE era justamente verificar se nas entrevistas apareceriam referências às intervenções realizadas nesses mesmos locais por ONG, cujo público alvo, em grande medida, haviam sido esses mesmos caminhoneiros.

Nesse sentido, importa aqui ressaltar um dado das entrevistas em profundidade: tanto os motoristas, quanto os gerentes e funcionários de postos de combustível, bem como o delegado da Receita Federal, foram unânimes na percepção de que a maioria dos motoristas que passam pelos postos e pela aduana são os mesmos, há anos:

Que já vem, que freqüenta o posto, é o pessoal que vem, um ou outro novo, mas a maioria, 90% é pessoal, que freqüenta o posto, já tem clientes do posto antigos, 15 anos, então já fica, forma um vínculo até com o pessoal, os frentista, tudo. [Gerente de Posto]

É, que a gente já conhece, sim. Mas sempre tem gente nova, que a gente nunca viu. Até mesmo porque devido ao outro posto cobrar pro pessoal tomar banho e aqui não cobra, então geralmente vem sempre gente nova, os caras lá cobram cinco reais pra tomar banho e aqui não cobra nada, o cara acaba dormindo aqui. Com isso gera uma superlotação aqui no posto também. [Gerente de Posto]

A maior parte deles já são conhecidos, aqui a gente não tem uma troca muito freqüente de caminhoneiros, são normalmente os mesmos que fazem esse trajeto, já são conhecidos pela transportadora... [...] eu já estou aqui há 8 anos, já conheço eles, eu sei o que eles fazem... [Delegado da Receita Federal]

A relação que os motoristas estabelecem com os postos é fundamental para o seu trabalho, além de ser muito pessoalizada e intensa. A fidelidade do motorista aos postos é também confirmada pelos motoristas; além de freqüentar aqueles espaços há muitos anos, eles o fazem freqüentemente e com uma regularidade semanal.

Nos postos pesquisados, havia um fluxo diário de aproximadamente 80-100 caminhões no período de entre safras, o que implica para o posto ter em caixa pelo menos R\$ 25.000 diariamente – segundo um dos gerentes, o posto tinha em caixa sempre R\$ 100.000,00. Na época de safra, estavam concentrados 1.200-1.500 caminhões nos postos de Rio Grande, então é possível estimar um fluxo diário de trocas de carta-frete em torno de R\$ 500.000,00.

O posto de combustível oferece ainda outros serviços que o tornam parecido com um banco: os motoristas podem ter linhas de crédito junto a postos específicos, os postos são usados para remessas de dinheiro, e aqueles que estão situados na fronteira do Brasil também fazem câmbio. Conforme um gerente de posto, entrevistado no Chuí,

no nosso caso é diferenciado pelo seguinte, às vezes o cara quer fazer isso, quer fazer aquilo, aqui é um posto de estrada, de fim de linha, não é um posto de cidade, então é diferente. Então o caminhoneiro chegou aqui ele vai abastecer, ele não tem dinheiro pra seguir viagem, telefona pra empresa, tá aqui o dinheiro, aí o cara diz, 'Mas eu vou pro Uruguai, eu quero pesos', a gente troca...

Além da carta frete, alguns postos trabalham também através de convênios firmados diretamente com grandes empresas ou com cartões específicos (por exemplo, cartão ESSOCARD, cartão REPOM ou cartão VISA) ou ainda com *tickets*.

No momento de negociação da troca da carta frete por dinheiro, cada caso é avaliado individualmente, havendo alguma flexibilidade:

Se ele está com a família, a gente sabe que ele vai precisar mais, daí a gente dá um pouco mais de dinheiro pra ele na troca. [Gerente de Posto da Região Metropolitana].

O posto depois cobra a carta frete trocada pelo motorista de quem prestou o serviço – a transportadora, situada dentro do espaço do posto. A transportadora, por

sua vez, cobra da empresa que quis transportar a mercadoria (havendo assim uma margem de lucro para a transportadora que fez a intermediação).

A rede Buffon e a rede Ongaratto atualmente têm também suas próprias frotas de caminhões e empresas transportadoras, com motoristas contratados diretamente por suas empresas. As duas redes são familiares⁹⁵, da família Buffon e da família Ongaratto, tendo sido, em ambos os casos, fundadas por irmãos. A família Buffon, de Serafina Corrêa, tinha entre os irmãos fundadores um motorista de caminhão; a rede⁹⁶ tem hoje 24 postos e existe há 16 anos, estando a matriz localizada atualmente em Canoas (as filiais no Rio Grande do Sul estão em Encantado, Serafina Corrêa, Rio Grande, Pelotas, Nova Santa Rita, Porto Alegre, Guaíba, Três Cachoeiras, Portão, Passo Fundo, Tapejara, São Gabriel, Alegrete, Soledade e, em Santa Catarina, em Joinville).

A rede Ongaratto⁹⁷, fundada há 20 anos pela família de mesmo nome, original de Nova Bréscia, teve sua expansão feita à medida que novos membros familiares foram se incorporando aos negócios. A família Ongaratto já era proprietária de estabelecimentos comerciais, tendo restaurantes e churrascarias (que mantém ainda hoje). A matriz da rede de postos Ongaratto situa-se na cidade de Rio Grande, onde há mais duas filiais, além de uma em Pelotas. A Ilustração 7, proveniente da página da Internet da rede de postos Ongaratto, revela na estratégia publicitária dentre os serviços oferecidos pelo posto quais são valorizados pelos motoristas.

⁹⁵ O Posto Garoupa em Porto Alegre é também uma empresa familiar, onde a maior parte dos funcionários do estabelecimento são familiares do dono.

⁹⁶ O sítio na Internet da rede de postos Buffon é <http://www.buffon.com.br/>; observa-se que mesmo o *webmaster* da página da rede é da família Buffon.

⁹⁷ O sítio na Internet da rede de postos Ongaratto é <http://www.postosongaratto.com.br/paginas/empresa.html>, consultado em março de 2006. O Posto Ongaratto onde foi desenvolvida uma parte desta pesquisa é a Filial 3.

Ilustração 7 - Posto Ongaratto, Filial 3, Rio Grande, anuncia alguns serviços; a ilustração revela a concentração de aproximadamente 200 caminhões. Fonte: <http://www.postosongaratto.com.br/paginas/filial3.html>



Percebe-se, dessa forma, a importância que o posto de combustível assume no trabalho do motorista, especialmente aqueles que são autônomos e/ou proprietários de seus caminhões. Estes últimos se concentram nos postos, visto que em um único lugar encontram as agências transportadoras para negociar os fretes, um local seguro para estacionar o caminhão, banhos e sanitários, restaurante e mercado, além de outros serviços que vão desde a mecânica dos caminhões até as profissionais do sexo que porventura circulam no pátio à noite. Conforme relato de um dos gerentes em Gravataí,

Eu aqui sou tudo, eu sou banco, eu cuido da mulher do caminhoneiro, eu trato problema psicológico, eu to ligado aqui através de todos esses cartões, eu to ligado aqui com a distribuidora, com a transportadora, eu emito nota fiscal...

Na fronteira, no extremo sul do Brasil, onde há poucos serviços e instituições, o posto pode assumir ainda outras funções, conforme um gerente de posto de combustível entrevistado no Chuí:

Já aconteceram casos até de ameaça de enfartos com caminhoneiros aqui, aí o que ele faz, o cara tá aqui, automaticamente ele recorre a nós, aí a

gente encaminha ele pro postinho, se ali não tem condições, porque ali é só posto de saúde, mais nada. (*E o Hospital mais perto?*) Só em Santa Vitória [do Palmar].

Os serviços e benefícios do posto de combustível que o motorista pode usufruir dependem em muito da relação que ele mantém com o estabelecimento comercial e, mais importante, diretamente com o gerente – esta é uma relação bastante pessoalizada. De acordo com um dos motoristas entrevistados, a escolha do posto para estacionar é em função do gerente ou do dono:

às vezes não é pela rede, é pelo dono do posto, né. [...] É, que conhece, é amigo, então a gente pára lá, e tem lugares que dão mais apoio pra gente, porque conta muito a gerência do posto, eu paro muito em posto de chapa, porque é mais por amigo que a gente pára...

O valor que o motorista consegue trocar da carta frete também pode nessa perspectiva depender da relação pessoal do motorista e funcionário do posto; um gerente pode trocar um valor maior de dinheiro da carta frete para os motoristas que são proprietários dos caminhões, que têm uma renda mensal elevada, ou que são clientes regulares e bem conhecidos do estabelecimento.

A lealdade e a constância nos negócios

É na parte administrativa do posto que o motorista negocia a troca da carta frete por diesel, dinheiro e produtos para o caminhão (como óleo, filtro, peças mecânicas). A parte administrativa e a venda de auto peças têm forte presença masculina – exceção feita ao Posto Garoupa, em Porto Alegre, que tem na sua gerência uma mulher (o outro gerente é homem, e ela trabalha no turno diurno). Os gerentes entrevistados têm alguns anos de experiência nessa função, a maior parte já tendo vínculo ao posto, na condição de funcionário, antes de assumir a gerência.

Os gerentes têm em média 40 anos de idade (apenas um entrevistado tinha menos de 35 anos). Eles trabalham há cerca de oito anos nesses locais, sendo que o entrevistado que estava há menos tempo na gerência do posto trabalhava ali desde a inauguração daquele posto, há quatro anos, e o entrevistado que tinha maior experiência acumulada era gerente por quinze anos do mesmo posto.

Na Receita Federal, no Chuí, há igualmente uma divisão espacial entre um prédio onde se concentram serviços administrativos e um pátio onde ficam os caminhões. Há, contudo, especificidades, já que não se trata de posto de combustível; assim, ganha destaque no pátio de caminhões uma plataforma de vistoria, e não há uma gama de serviços que se encontram nos postos. O atual delegado da Receita Federal, que tem 38 anos de idade, assumiu o cargo há um ano e meio, mas trabalha há oito nesta mesma aduana.

O restaurante e lanchonete encontram-se no mesmo complexo administrativo ou em uma construção perto da administração do posto; quase sempre oferecem um sistema de *self-service* e de prato feito, com comidas de ricas em carboidratos e gorduras, mais de um tipo de carne – sempre gorda e bem passada – e saladas. O restaurante é também um espaço de sociabilidade masculina, onde motoristas se reúnem para tomar cafezinho, conversar e jogar cartas.

Alguns postos têm um pequeno mercado ou uma loja de conveniência que oferece produtos que são procurados pelos motoristas: produtos para higiene pessoal (sabonete, xampu, aparelho de barbear, desodorante), produtos para limpeza (sabão para lavar roupas) e produtos de lazer (como CD, DVD, revistas – especialmente eróticas), além de cigarros, preservativos masculinos e outras miudezas. Conforme um dos gerentes, o mercado do posto também deve disponibilizar produtos para os motoristas cozinharem na caixa do caminhão:

a gente tem um mercadinho no posto, de repente ele [o motorista] vai fazer um almoço no caminhão, pra não gastar na lancheria, compra um arroz, um feijão, então a gente já tem um mercadinho no posto pra isso mesmo, pra servir...

Enquanto na loja de produtos mecânicos e automotivos somente homens trabalham, algumas mulheres atuam no comércio dentro do posto, nos mini-mercados e lojas de conveniência. A presença de mulheres trabalhando diretamente para os postos está ligada aos espaços de alimentação. Ainda assim, mesmo nesses locais, a presença masculina e a divisão sexual do trabalho é marcante: na maioria das vezes, as mulheres estão na cozinha preparando os alimentos, enquanto os homens estão à frente atuando como garçons ou no caixa.

O preparo dos alimentos na caixa de comida do caminhão é feita usualmente pelo próprio motorista. A exceção fica por conta daqueles que estão acompanhados de esposa ou namorada, quando então a divisão sexual do trabalho faz com que a tarefa do cozimento seja relegada às mulheres. O fato de que os homens sabem, e podem, cozinhar é motivo de orgulho e serve para sua maior valorização diante da entrevistadora, uma mulher. Assim, em mais de uma ocasião, quando abordava motoristas no pátio, fui convidada para almoçar com os entrevistados “na caixa”; a todos os convites, recusei.

Sala de Motoristas

No mesmo complexo onde está o restaurante ou lanchonete, há freqüentemente um espaço de convivência para os motoristas, que oferece bancos ou cadeiras, água quente para o chimarrão, por vezes televisão ou jogos eletrônicos, como caça-níqueis ou pin-ball, ou ainda mesa de sinuca. Também há postos que incluem um serviço de refrigeração para alimentos perecíveis que o motorista queira

armazenar. Do lado de fora da sala de convivência, ficam localizados telefones públicos.

Nas salas de motoristas encontramos, especialmente depois que as agências transportadoras foram fechadas, grupos de homens contando anedotas, piadas e histórias. É um espaço de sociabilidade masculina, e a entrada de pesquisadores apresentando a pesquisa *sobre AIDS* sempre provocou muitos comentários e brincadeiras a respeito da sexualidade entre os homens ali presentes – as atenções recaem sobre quem faz uso de serviços de profissionais do sexo, e se as profissionais são travestis.

Algumas brincadeiras e piadas eram no sentido de questionar a própria existência de atividade sexual, visto que ser homem é ser ativo sexualmente. Ao mesmo tempo em que a atividade sexual deve ganhar alguma notoriedade, as parcerias sexuais também são alvo de piadas. O homem deve ser capaz de manter diversas relações e simultaneamente assegurar o sigilo de relações extraconjugais. Transcrevo abaixo trecho de diário de campo, acerca de uma entrevista feita com um motorista mais velho.

Durante a entrevista os amigos participam, à distância. Há uma certa brincadeira, primeiro dizendo que *ele não precisa usar camisinha mais*, porque está *velho*, depois dizendo que não lhe entregam camisinha pois *olham para ele e acham que ele não usa*. Quando pergunto sobre namoradas ou profissionais do sexo, volta o tom jocoso, e agora em função de que, para os amigos, é notório que ele tem relações com outras mulheres; assim, ele é chamado de *garanhão* pelos outros presentes. Em parte a brincadeira envolve o fato de ele estar falando isso para mim, um dos amigos diz em dois momentos *olha que tá gravando, hem?*, ao que ele responde *Olha, é uma pesquisa, é uma pesquisa. Ela tá fazendo o trabalho dela, tem de falar a verdade, né?* Eu então me vejo obrigada a reforçar, de público, o sigilo da pesquisa, reforçando meu papel “cientista”: *ele já sabe que não pode ser identificado, a gente já tinha conversado sobre isso no início...!*

Dizer que um motorista faz uso do serviço sexual – ou ainda, que *gosta* – de travestis é acionar uma categoria de acusação, no plano da brincadeira,

questionando a identidade sexual e de gênero daquele que é o alvo das piadas. Dessa forma, em alguns momentos ao chegar na sala de motoristas e apresentar a pesquisa, os presentes rapidamente diziam que eu deveria entrevistar o Fulano, que *é quem gosta de travestis*, esperando, evidentemente, uma resposta à provocação. Assim, a seleção de um entrevistado tornava-se a performance de um *desafio* verbal entre homens.

Banho

Próximos ao restaurante e à sala de motoristas, quase sempre voltado para os fundos do posto, na direção do pátio em que ficam estacionados os caminhões, ficam os sanitários e banheiros. A maioria dos postos distingue os sanitários, que ficam atrelados ao restaurante, tendo vaso sanitário e pia, de uso comum a todos freqüentadores do posto, dos banheiros onde estão os chuveiros. Quando os sanitários não estão localizados dentro do restaurante ou lanchonete, é preciso solicitar a chave para seu uso, o que implica controle da parte do posto sobre quem pode usar aquele serviço. Não houve qualquer empecilho para o uso dos sanitários por parte da equipe de pesquisadores, entretanto os postos que tentam inibir a oferta de serviços sexuais não fornecem a chave para profissionais do sexo. O gerente do Posto Buffon de Canoas, por exemplo, diz que o posto tem como *política* não deixar profissionais do sexo ingressarem no pátio, em virtude de que *isto estraga a imagem do posto, fica parecendo um inferninho*.

Os chuveiros são de uso exclusivo dos motoristas⁹⁸; a regra é que os motoristas podem usufruir o banho se tiverem abastecido no posto ou, mais

⁹⁸ Fazendo referência às condições de saúde dos trabalhadores rurais migrantes sazonais, as pesquisas apontam para fatores estruturais que estão associados a resultados negativos – em particular, a precária moradia e os banheiros compartilhados. Um dos problemas apontado na

raramente, mediante pagamento de uma taxa, cujo valor varia de R\$ 3,00 a R\$ 5,00. Tanto os sanitários quanto os banheiros são separados entre masculinos e femininos, e sempre são poucos os chuveiros oferecidos para o público feminino.

Próximo ao local de banho, há também um ou dois tanques para lavar roupas; as roupas são estendidas em varais improvisados, entre os caminhões, no pátio. Segundo os motoristas, eles dormem na cabine do caminhão, cozinham na caixa e lavam roupa enquanto o caminhão é carregado, antes de partir:

A gente cozinha na caixa e lava roupa quando se aprontamo. [...] Naqueles tempo eu fui lá pra Santa Catarina eu tive que lavar roupa porque não tinha mais roupa pra botar. Pelo menos, nessa época ainda seca rapidinho...

Os motoristas que fazem rotas internacionais comparam os postos de combustível no lado uruguaio e brasileiro, dizendo que no Brasil há muito mais serviços; entretanto, ressaltam que a cobrança pelo banho é um problema, e aventam a hipótese de que seja em função de furtos nos estabelecimentos:

[No Uruguai] Não tem a comodidade que tem no Brasil. Não tem esta coisa de chegar no posto, tomar um banho e comer alguma coisa, não existe. Aqui [no Brasil] tem posto que cobra R\$ 3,00 o chuveiro. Já viu? Mas também tem motorista que não vale o que come, que tira o chuveiro e leva pra casa. E quem paga isso somos nós. Aí nós temos que pagar pra ter um banheiro. Ali no tal do Ongaratto tem o tal do chuveiro e uma casinha em volta de ferro, pra não levarem o chuveiro! [Motorista entrevistado na Aduana]

Os postos como o Buffon e o Ongaratto, de Rio Grande, com capacidade para abrigarem no pátio mais de mil caminhões cada um, por exemplo, têm cerca de seis chuveiros nos banheiros. Na época da safra, quando fizemos o *survey*, os motoristas tiravam uma senha para o usar o banheiro – segundo um entrevistado, no Buffon, nesse período, o comum é se pegar a senha às 9h da manhã e ser chamado para o

literatura são frieiras e micoses crônicas em função de chuveiros comuns onde há poucas condições de limpeza do ambiente (YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2007a; ; YORGHOS APOSTOLOPOULOS, et al., 2006).

banho às 23h da noite, tal o movimento e a concentração de pessoas no local. Na fila, aguardando o banho, do lado de fora, observa-se de um lado os homens, cada um com sua toalha e *nécessaire*, e de outro, as mulheres, muitas acompanhadas de crianças. Quanto à proporção de motoristas em relação aos serviços do posto, deve-se dizer que quando não é época de safra, os postos Buffon e Ongaratto de Rio Grande recebem em média 100 caminhões por dia.

Serviços oferecidos

Finalizando a descrição dos cenários em que a pesquisa foi desenvolvida, cabe fazer menção aos diversos serviços oferecidos nos espaços percorridos. Os serviços podem ser divididos em uma tipologia simples: serviços voltados à manutenção dos caminhões, serviços voltados ao motorista e serviços de natureza sexual.

Entre os voltados para manutenção dos veículos, há aqueles que requerem maior infra-estrutura do que outros. É o caso dos serviços mecânicos e de auto-elétrica, que geralmente dependem de um espaço físico onde funciona a oficina; no caso dos serviços de borracharia, também é necessário um espaço minimamente organizado para armazenar materiais para o conserto de pneus. O loneiro depende menos da existência de um espaço físico dentro do posto, já que para efetuar o conserto das lonas que cobrem a carga fazem uso de uma boa máquina de costura. Os serviços de mecânica, auto-elétrica, borracharia e conserto de lonas são todos oferecidos por homens nos postos pesquisados.

Os serviços oferecidos diretamente aos caminhoneiros são de duas espécies: aqueles vinculados às especificidades do trabalho dos motoristas, e aqueles oferecidos a todos presentes no pátio. Voltados especificamente para os

caminhoneiros, encontram-se os chapas e os despachantes. Os chapas oferecem carga e descarga dos caminhões, ficando usualmente concentrados em um único local no posto, ou na Aduana, para que possam ser facilmente localizados pelos motoristas. Outro serviço oferecido pelos chapas é o de dar direções e informações, inclusive acompanhando o motorista ao seu destino quando se trata de um endereço desconhecido dentro da cidade. Em todos os locais pesquisados, havia oferta de serviços de chapas; já os despachantes têm presença marcante na Aduana, onde lidam com toda a documentação nacional e internacional referente à carga, para que o caminhão carregado possa cruzar a fronteira. Todos os despachantes bem como todos os chapas presentes nos locais da pesquisa eram homens.

Os serviços oferecidos a todos os presentes nos postos e na aduana são fundamentalmente de venda de produtos. Têm presença marcante os vendedores ambulantes de lanches e sucos em todos os espaços pesquisados, sendo que nos postos de gasolina havia também a venda por ambulantes de produtos pequenos de consumo, como CD de música, antena de rádio, alarme, calculadora, sapatos. Os vendedores que circulam em meio aos motoristas oferecendo produtos eram todos homens.

Por fim, há ainda o terceiro tipo de serviço ofertado, o de natureza sexual. Na “batalha”, no espaço dos postos, há profissionais do sexo que incluem mulheres, travestis e homens. Os entrevistados são unânimes em dizer que em alguns postos de combustível há muita oferta de serviços à noite, diretamente nos caminhões estacionados:

De tudo, mulher, travesti, homem, tem de tudo. É, tem, tem. Aparece muito. A noite todo gato é pardo, né, aparece de tudo [Motorista de caminhão, 34 anos, 8 anos de estrada]

[E nessas viagens, há oferta de serviços sexuais, prostituição?] Demais, demais, demais. [De quem?] De mulheres, travestis, tudo, tudo. Tudo um pouco. [Motorista de caminhão, 38 anos de idade, 20 anos de estrada]

[Elas circulam...?] Pelos caminhões, circulam pelos caminhões, tem até algumas que batem na porta quando tu tá dormindo, outras só abordam na hora que a gente chega ou na hora que a gente sai do caminhão, né. [Motorista de caminhão, 62 anos de idade, 45 anos de estrada]

Apesar da ênfase de vários motoristas sobre a grande presença de profissionais do sexo, durante o trabalho de campo – que se estendeu durante seis meses –, eu observei apenas uma vez uma mulher muito jovem que circulava num posto em Gravataí e três travestis que estavam na entrada de um posto em Rio Grande. Eu permanecia nos postos até aproximadamente as 20h; é possível que se o trabalho de campo tivesse se estendido durante a noite, fosse observada uma presença maior de profissionais do sexo. As únicas profissionais avistadas nos postos foram diretamente abordadas e entrevistadas.

Em Canoas, buscou-se um local de prostituição freqüentado por caminhoneiros, de modo que fomos aos pontos indicados pelos motoristas e pelos funcionários no posto de combustível, todos em vias públicas e distantes do posto. O principal ponto indicado foi a rua paralela à BR-116, conhecida na Região Metropolitana simplesmente como *a free-way*, e uma região de motéis localizada próximo a um hipermercado da cidade. Independente de haver outros pontos de prostituição no município, uma vez que o foco da pesquisa estava em motoristas de caminhão, inclusive como clientes em potencial das profissionais do sexo, a escolha por esse local para o trabalho de campo surge em função da referência reiterada destes ao local escolhido⁹⁹.

⁹⁹ O município de Canoas foi eleito para entrevistar as profissionais do sexo, pois ali houve atuação da ONG Vhiva Mais, com um projeto cuja população-alvo era de profissionais do sexo.

Sobre o número de profissionais do sexo observadas nos postos, deve-se salientar que, em entrevista, o gerente do posto Buffon de Rio Grande – que concentra até 1.500 caminhões no pátio na época de safra – afirma que não procura coibir a entrada das profissionais no posto. Ele estima como sendo, no máximo, 12 o número de profissionais do sexo (mulheres e travestis) que circulam pelo local. Outros gerentes entrevistados disseram que tomavam medidas para impedir a entrada, circulação e permanência das profissionais nos postos, ainda que não tenham dito claramente que medidas seriam estas.

Segundo os entrevistados, as mulheres e travestis circulam pelo pátio, especialmente à noite, e batem na cabine do caminhão, onde se oferta e negocia o serviço; a combinação prévia inclui o que será feito e o preço do serviço. Quando se trata de coito oral, vaginal ou anal, em geral o ato sexual é dentro da própria cabine do caminhão, durando de quinze a trinta minutos, com uma faixa de preço em torno de R\$ 20,00. Todos os entrevistados relataram que nas proximidades dos postos, na beira das estradas, há também oferta de profissionais do sexo, sendo de mulheres e travestis. Vários caminhoneiros se queixam da oferta de prostituição infantil, associando, por um lado, o problema à miséria, retratada na troca de favores sexuais por um prato de comida; por outro lado, associando a maior incidência de prostituição infantil às regiões Norte e Nordeste do país.

Outra modalidade de prostituição especificamente voltada para a clientela de motoristas inclui a acompanhante de viagens. Nesse caso, a profissional viaja junto com o motorista durante todo o percurso, oferecendo além dos serviços sexuais a sua companhia. O valor depende do número de dias que ela fica no caminhão e da distância percorrida de um ponto a outro; o valor acertado diretamente não inclui

outras despesas que também devem ser cobertas pelo motorista, como as refeições e o banho (quando pago). Um motorista explica que

Ano passado eu cheguei de viagem, era 10 e meia quando eu cheguei aqui, 11 horas eu tinha que voltar pra praia, não tinha condições de ir sozinho acabei pegando uma conhecida fui a Vacaria e voltei... Mas ela acaba que faz companhia, vai conversando e faz de tudo [Motorista de caminhão, 39 anos de idade, 20 anos de estrada]

O preço cobrado pode variar de acordo com o cliente: se ele é proprietário ou não do caminhão, se é um antigo cliente ou se é desconhecido da profissional. A familiaridade dos motoristas também faz com que as categorias usadas para a classificar as suas parceiras sexuais eventuais sejam flexíveis; ora são “profissionais”, ora são “amigas” ou “namoradas”. É assim que um motorista explica, por exemplo, que ele *não usa este tipo de serviço*, oferecido pelas mulheres no pátio do posto, visto que quando precisa, ele *tem uma conhecida*, com quem entra em contato: *é mais seguro quando se sabe a procedência da pessoa, quando se sabe quem é, com quem [ela] anda*, explica o caminhoneiro de 38 anos de idade, com 20 anos de experiência profissional acumulada.

Conforme referido na literatura sobre caminhoneiros, encontrou-se também no Rio Grande do Sul um universo eminentemente composto por homens: das 854 pessoas entrevistadas na etapa quantitativa da pesquisa, apenas duas eram mulheres.

A idade dos entrevistados revela um grupo heterogêneo em termos etários. O mais jovem entrevistado no *survey* tinha 20 anos de idade e o mais velho, 74 anos¹⁰⁰. Entre os trinta e três caminhoneiros entrevistados na etapa qualitativa, a média de idade foi de 41,2 anos e a mediana, 39 anos.

¹⁰⁰ Das mulheres entrevistadas no *survey*, uma tinha 24 anos e a outra, 47 anos de idade.

A escolaridade dos caminhoneiros entrevistados é relativamente baixa, sendo que 68,8% dos entrevistados no *survey* da Pesquisa PROSARE têm até o ensino fundamental completo, conforme se observa na Tabela 3.

Refletindo a ampliação da oferta de ensino no país e o maior acesso da população às escolas¹⁰¹, percebe-se que há uma relação inversa entre a faixa etária e o nível de escolaridade: 37% daqueles que têm até 30 anos de idade completaram o Ensino Médio ou o antigo Segundo Grau, enquanto 59% dos motoristas que têm 60 anos ou mais estudaram até a quarta série do antigo Primário – hoje, Ensino Fundamental (dados não apresentados). Na etapa qualitativa, dos trinta e três entrevistados, vinte e três estudaram até no máximo o Ensino Fundamental, seis até o Ensino Médio, um tinha Ensino Superior incompleto e três não responderam. Cabe salientar aqui, com relação à escolaridade e o conhecimento sobre as formas de transmissão do HIV, que aqueles caminhoneiros com menor escolaridade têm menos informações, estando associados às respostas “o HIV se transmite pela picada do mosquito” bem como “o HIV pode ser transmitido quando se doa sangue”.

As informações sobre a cor da pele ou raça dos entrevistados foram auto-referidas, seguindo as categorias empregadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estando apresentadas na Tabela 3. Alguns entrevistados não quiseram se enquadrar nas categorias pré-definidas, entendendo que eram de “outra” cor, enquanto outros não quiseram responder.

Repercussões das campanhas, ou onde fomos parar?

Durante o período de trabalho de campo, muitos dos motoristas entrevistados freqüentavam com bastante regularidade os espaços em que se deram as

¹⁰¹ Segundo Fernando Seffner, em comunicação pessoal.

intervenções. Observamos que os caminhoneiros entrevistados nesses locais têm um regime de trabalho que os torna absolutamente fiéis a alguns (pouco) postos de combustível, fazendo com retornem com bastante frequência e muita regularidade a esses sítios. Nas entrevistas qualitativas, os motoristas enfatizam que param em postos “conhecidos”:

ENT: Olha só. Nessas viagens onde é que tu costuma parar, onde é que tu fazes o descanso?

EGO: Em postos. Só em postos conhecidos, né. Em uma linha tem sempre os postos que a gente pára, procurando não sair fora da rota. Sempre em postos de gasolina.

ENT: Aí pára pra dormir?

EGO: Paro pra dormir. Pára dentro do caminhão, dorme dentro do caminhão, onde tem a cama, tudo. Descansa dentro do próprio veículo... Aí toma banho no posto... Faz a refeição...

ENT: Aqui no Rio Grande do Sul onde tu costumava parar, assim?

EGO: Aqui no Buffon. [Entrevista com motorista de 27 anos, caminhoneiro há 10 anos]

EGO: às vezes não é pela rede, é pelo dono do posto, né? Que conhece, é amigo, então a gente pára lá, e tem lugares que dão mais apoio pra gente, porque conta muito a gerência do posto, eu paro muito em posto de chapa, porque é mais por amigo que a gente pára, e também tem um outro lugar que dá apoio pra gente, que é Petrobrás... [Entrevista com motorista de 62 anos, caminhoneiro há 50 anos]

O posto conhecido ou o posto de gasolina em que a gente é conhecido é um local em que o motorista conhece o gerente ou o dono (o que permite a negociação direta de carta de crédito ou vales por moeda corrente). Também é um espaço em que o motorista conhece agenciadores de carga. Especialmente para os motoristas autônomos, proprietários dos caminhões, a negociação da carga através da agência é fundamental, fazendo com que o vínculo entre motorista e agente seja muito estreito:

EGO: Aqui, aqui é onde a gente procura carga, né, que aqui tem os agenciador e eu geralmente venho pra cá, depois que eu descarrego nas empresas, se não tem carga eu telefono, não consigo uma carga, eu venho pra cá que aqui os agenciador têm várias cargas, né. Então tu pode procurar. É porque as empresas, assim, ó, ela tem por exemplo, dez caminhões, ta, só que ela carregou os dez dela e ta sobrando carga, e eles

não têm mais caminhão, o que que eles fazem? Eles ligam pro agenciador, ó, sobrou carga pra mais dois caminhão, então eles lá não têm o contato, não têm o motorista na mão, né, sabe que no posto de gasolina tá cheio de caminhão, que que eles fazem? Ligam pro agenciador e contratam. Ó, preciso de mais dois caminhão. O agenciador nos contrata e manda direto pra empresa. [...] Assim, ó, toda a carga ela tem uma comissão, né, tu paga uma comissão pro agenciador, né, é tipo uma taxa, que a gente paga como se fosse um sindicato. A gente paga uma taxinha, pra ele nos fornecer a dica da carga, vamos dizer assim, ah, então tu paga uma pequena taxa e ele te diz, tal empresa tem uma carga. Ao invés de, muitas vezes tu tá com dez telefones de empresas na mão e tu não sabe que aquela empresa lá tem uma carga. Aí ele sabe, então a gente paga uma taxa e ele nos fornece a carga, né, a gente vai lá carregar. É um vínculo, assim, fictício, vamos dizer. [Entrevista com motorista de 34 anos, caminhoneiro há 8 anos]

Os caminhoneiros que saem do país tendem a ter rotas mais fixas do que os demais, sendo necessário garantir a carga tanto no percurso de ida quanto no de volta.

Os dados do *survey* corroboram estas informações: quando perguntados sobre os locais em que costumam ficar quando param durante suas viagens, 87% dos motoristas responderam que ficavam em um posto de combustível – i.e. pernoitavam no pátio de um posto. A frequência e a regularidade dos motoristas aos postos de combustível, bem como a regularidade de suas rotas, pode ser observada também quando analisamos outras duas informações coletadas na etapa quantitativa da pesquisa: de quanto em quanto tempo o caminhoneiro vem ao local em que está sendo entrevistado e qual foi a última vez em que esteve ali.

Observa-se assim que 81,7% dos motoristas freqüentam o local com uma regularidade que é, no mínimo, mensal – sendo que, 58,2% afirmam que vão àquele posto em que se deu a entrevista a cada 7 dias (ou menos). Além disso, 80,4% dos caminhoneiros haviam passado pelo local em que foram entrevistados nos últimos 30 dias, no mínimo – sendo a mediana, nesse caso, também, de 7 dias.

A maioria dos motoristas não se lembra das campanhas ou de qualquer intervenção. Não se deve ler tal dificuldade de lembrança como um descaso por

parte dos caminhoneiros em relação ao tema, já que certamente há um consenso entre os motoristas de que eles têm pouco acesso a serviços de saúde (dados não apresentados).

iiiiichi, pra ti ter uma idéia, o povo do caminhão, aí, o povo dos caminhoneiros, eles não têm recurso nenhum, nenhum, nenhum. Existe essas campanhas, só que elas são nem 1% do que deveriam ser...
[entrevista com motorista de caminhão de 34 anos de idade]

A carência de ações de assistência à saúde e de prevenção junto aos motoristas é tão grande que, para alguns sujeitos da pesquisa, o momento da entrevista (semi-estruturada ou estruturada) foi citado como sendo a única, ou a melhor, intervenção por eles já sofrida relativamente a HIV/AIDS ou saúde (aproximadamente 3% dos motoristas no *survey*).

Apenas 10,4% dos caminhoneiros entrevistados no *survey* relatam alguma abordagem nos locais em que houve campanhas de ONGs. Também na etapa qualitativa, diversos caminhoneiros afirmaram que jamais foram abordados, apesar da longa experiência de trabalho¹⁰² acumulada na estrada:

ENT: O senhor nunca esteve em algum posto em que distribuíram algum preservativo, alguma informação...?

EGO: Não.

ENT: Nunca, nunca?

EGO: Nunca, nunquinha. Em 23 anos que eu viajo, nunca vi isso aí.

ENT: Sério? Nunca?

EGO: Sério.

ENT: Nenhuma época?

EGO: Nenhuma época. [Entrevista com motorista de 43 anos de idade]

A pouca repercussão das ações deve ser compreendida antes como uma ausência de vínculo entre a ONG e os motoristas do que como uma ausência factual

¹⁰² Quando perguntados no *survey* há quantos anos trabalham como caminhoneiros, a média é de 16,82 anos, sendo a mediana de 15 anos (N=852).

das ONGs dos sítios estudados. As visitas às instituições e as entrevistas com as equipes permitem que se afirme que os projetos das ONGs foram executados e as atividades previstas foram, em geral, realizadas. Entretanto, essas atividades têm pouco ou nenhum significado para os sujeitos que foram alvo das intervenções. Assim, as campanhas tornam-se pouco importantes e são dificilmente lembradas pela população-alvo.

Quando perguntados se já foram abordados em algum outro lugar, 36,9%, respondeu que sim e, destes, 55,9% viu tais abordagens em pedágios ou postos de polícia rodoviária. Ao complementar este dado do *survey* com as entrevistas em profundidade, percebemos que as abordagens foram, em sua maior parte, bastante pontuais, sendo mencionada a distribuição de preservativos nos pedágios (ou postos da polícia rodoviária).

ENT: E nessas paradas noturnas pra dormir nos postos, tu já foi abordado por algum projeto ou instituição de prevenção de AIDS, de doenças sexualmente transmissíveis, alguém que tenha te...

EGO: Mais na época de carnaval...

ENT: E com que frequência então?

EGO: Ah, é raro...

ENT: Nesses postos que tu vais é...

EGO: No meu ponto de vista, eu acho raro... [entrevista com motorista de caminhão de 29 anos de idade]

A grande mobilidade desse grupo certamente dificulta o planejamento de intervenções para o público-alvo¹⁰³. Entretanto, os dados que coletamos sobre a regularidade e frequência dos motoristas aos locais em que desenvolvemos a pesquisa corroboram a descrição dos caminhoneiros como um grupo com padrões

¹⁰³ O fato de ser uma população flutuante também dificulta o cálculo para amostra em pesquisas quantitativas, como o são as epidemiológicas de prevalência de HIV. A pesquisa PROSARE operou com um cuidadoso cálculo amostral e é representativa do conjunto da população de caminhoneiros que circula por estes locais. Certamente os resultados podem embasar hipóteses para novas pesquisas com esta mesma população.

bastante definidos de mobilidade, que tende a se organizar em torno de rotas específicas.

A grande mobilidade do grupo aponta para a realização de campanhas de massa, através de veículos como televisão, rádio, jornais e revistas. Apostar na *mass media* parece produzir bons resultados, já que os entrevistados, quando perguntados sobre qual a campanha, intervenção ou abordagem que acharam mais marcante, esta foi a resposta mais freqüente (35,7%). Os caminhoneiros lembram de campanhas para a televisão, em primeiro lugar, como aquelas que são veiculadas na época de Carnaval. Mencionam ainda que acharam marcante na televisão a veiculação de reportagens, documentários e novelas que trataram do tema HIV/AIDS. Recordam também de campanhas em rádio; houve menção por cinco caminhoneiros a campanhas das revistas Caminhoneiro e Carreteiro.

A regularidade dos motoristas a alguns locais, onde ficam concentrados em grandes números e onde permanecem por pelo menos um dia, por outro lado, sugere que a estratégia de realizar abordagens personalizadas pode ser bastante positiva. Assim, alguma forma de intervenção que envolvia uma abordagem face a face foi mencionada como sendo a mais marcante em 25,3% dos casos. Aqui importa salientar que os motoristas distinguem a simples distribuição de material gráfico (folhetos) de uma campanha que vêem como positiva e que envolva palestras, esclarecimentos de dúvidas, conversas. Dois pontos são fundamentais em campanhas com uma equipe de corpo presente: a possibilidade de se realizar exames médicos e a distribuição de preservativos.

Nesse sentido, alguns projetos são recordados como marcantes por motoristas, por exemplo o desenvolvido pelo Serviço Social em Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem em Transporte, conhecido como SEST/SENAT, em que

há enfermeiros e médicos trabalhando na forma de mutirão junto a motoristas, visando o esclarecimento, a disponibilização de exames e a distribuição de insumos. É necessário ter em conta o contexto, antes mencionado, de total carência no acesso a serviços básicos de saúde por parte dos caminhoneiros, para compreender a positivação dos serviços móveis ou itinerantes. Cabe ressaltar que o próprio PN/AIDS considera que a parceria com o SEST/SENAT¹⁰⁴ foi a melhor dentre todas as parcerias voltadas para o público de caminhoneiros; tal avaliação, contudo, parece estar eminentemente embasada numa avaliação econômica, que ressalta a “sustentabilidade” que o projeto desenvolveu em médio prazo, e não numa avaliação de impacto das ações junto aos profissionais do setor de transportes terrestre de cargas.

Neste capítulo, os locais percorridos durante o processo de pesquisa foram descritos, salientando que são universos masculinos onde se constroem redes de relações densas. O ator social que é o caminhoneiro só existe enquanto um trabalhador, um profissional do setor de transportes, em função de todas essas relações, atores e entidades – os chapas, os agentes de cargas, os frentistas, os gerentes dos postos, as empresas. Determinadas ações dos caminhoneiros nesse *setting* podem ser estimuladas, promovidas, constrangidas ou barradas em função justamente dessa rede estruturante de relações em que o motorista se encontra. Entretanto, as campanhas e as intervenções que foram desenvolvidas e executadas

¹⁰⁴ Visando promover ações de prevenção através de intervenções em grande escala o PN/AIDS também consolidou parceria com o SEST/SENAT. Nesta parceria, inicialmente em São Paulo e em parte de Minas Gerais e de Santa Catarina, o SEST/SENAT realizou ações de educação e de encaminhamento dos motoristas para Centros de Testagem e Aconselhamento. Depois, numa ação coordenada, iniciada em janeiro de 2001, foram escolhidas 18 localidades, consideradas pontos estratégicos, em estradas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Sergipe, Bahia e Pará, onde o SEST/SENAT faz a distribuição de material educativo, de preservativos masculinos e exibe vídeos com mensagens de prevenção às DST e HIV/AIDS. O PN/AIDS avaliou o projeto como um sucesso, afirmando que “dentre as diferentes populações sob especial risco, o trabalho com caminhoneiros obteve maior grau de auto-sustentação” (BRASIL, 2004).

pelas ONGs no Rio Grande do Sul têm como população-alvo os caminhoneiros e suas ações de fato centraram-se exclusivamente nesses sujeitos. Foram assim deixados de lado todos os outros elementos do universo que são fundamentais na determinação das condições de possibilidade para a ação do caminhoneiro. O desconhecimento das especificidades desse contexto ademais produziu campanhas que foram pouco memoráveis, quiçá porque pouco significativas, para os motoristas que transitaram pelo Sul do país, nos municípios aqui pesquisados.

Os dados sobre um espaço de trabalho dos motoristas revelam que eles vivem cotidianamente num contexto de sociabilidade masculina onde não há acesso a serviços nem a informações de saúde em geral. Nesse universo há – como em tantos outros – a oferta de drogas e de serviços sexuais. Vale ressaltar que, diferente do caixeiro viajante ou de tantos outros trabalhadores com grande mobilidade, uma parcela grande dos caminhoneiros estão em constante movimento trazendo consigo suas *casas de latas*. Pesquisas futuras poderiam investigar se esse é um fator importante para comportamentos considerados de risco, como o uso de drogas injetáveis, pelo fato de possibilitar um espaço não público, de intimidade.

8 – Conclusão

Neste trabalho, procurou-se discutir a construção da vulnerabilidade dos caminhoneiros para a epidemia de HIV/AIDS, analisando-se em especial a política brasileira de prevenção à AIDS. Ao traçar os caminhos da idéia de vulnerabilidade de um grupo social, deparamo-nos com três atores sociais principais: a agência governamental brasileira de AIDS, o PN/AIDS; as organizações que são apoiadas (técnica e financeiramente) pelo PNAIDS para executarem projetos que promovam a prevenção junto a caminhoneiros, as Organizações Não Governamentais; e, finalmente, os próprios caminhoneiros.

Dos caminhos trilhados

Quando se iniciou a presente pesquisa, interessava-me pensar sobre os resultados de uma política, “lá na ponta”, para os próprios caminhoneiros – uma política de repasse de recursos financeiros e técnicos por parte de uma agência governamental para Organizações Não Governamentais. Fiz então estudo da contribuição da Antropologia no campo da avaliação em saúde. Predominavam ali abordagens quantitativas, com avaliações epidemiológicas ou com a construção de indicadores mensuráveis. O estudo inicial, de revisão, ajudou-me a perceber que não era exatamente uma avaliação qualitativa de uma política pública de saúde – a de parceria público-privado no campo da AIDS.

O objetivo foi fazer um estudo antropológico de uma política de saúde. Interessava agora, mais do que as repercussões das campanhas (i.e. a pesquisa avaliativa), observar a construção de sujeitos de políticas públicas (i.e. a pesquisa antropológica). Porém a revisão bibliográfica também revelou que havia poucos

estudos antropológicos sobre políticas e programas de saúde, assim como eram escassos os estudos etnográficos de ONGs

Tratava-se então de compreender melhor o contexto. Tratava-se de acompanhar, ou melhor, perseguir uma rede que envolve organismos internacionais, agências nacionais, organizações locais e comunidades de *nativos*. Por que as ONGs haviam elaborado projetos para caminhoneiros? A que editais as ONGs estavam respondendo? Por que os editais de concorrências públicas nomeavam os caminhoneiros como população prioritária? Qual era a relação entre as ações do Programa Nacional e as diretrizes internacionais formuladas por agências como a Organização Mundial de Saúde, a UNAIDS ou o Banco Mundial?

Do objeto de investigação

Na delimitação do objeto desta pesquisa, foram escolhidas as ONGs que atuaram no Rio Grande do Sul e a pesquisa junto a caminhoneiros foi realizada nos locais principais em que as ONGs haviam desenvolvido seus projetos – localidades espalhadas por cinco municípios do estado (Porto Alegre, Gravataí, Canoas, Rio Grande e Chuí). A metodologia e a construção do objeto foram permeadas por três discussões conceituais: a globalização e as relações entre o global e o local, a constituição de uma comunidade ou construção de grupo social e a cultura sexual.

A AIDS é hoje uma pandemia, o que significa dizer que é uma epidemia de proporção global. Apesar de ocorrer em todas as regiões do planeta, a AIDS, como outras doenças cunhadas na literatura internacional como *doenças tropicais*, está profundamente ligada a desigualdades sociais – e menos a latitudes geográficas. Os desfechos dessas doenças tropicais revelam-se atrelados às iniquidades socioeconômicas, de modo que mesmo quando são descobertas curas, tratamentos,

medicamentos, vacinas e formas de diagnosticar, a sua distribuição desigual faz com que alguns grupos populacionais sofram muito mais do que outros com essas doenças e suas conseqüências. A tuberculose é um bom exemplo de uma “doença tropical” que ocorre em múltiplos contextos; o desfecho do óbito, entretanto, é quase uma exclusividade dos mais pobres em todos os cenários. A AIDS igualmente afeta de forma desproporcionalmente mais alta os membros mais pobres e socialmente excluídos de todas as sociedades em que ocorre – incluindo-se o desfecho da morte.

Algumas das relações entre o global e o local no campo da AIDS foram apresentadas nesta tese nas complexas relações institucionais que ocorrem entre sistemas intergovernamentais como agências das Nações Unidas, o Banco Mundial, o governo brasileiro e a agência nacional PN/AIDS. São relações que envolvem além de financiamentos, empréstimos e parcerias entre os setores público e privado no campo da saúde, diretrizes políticas e epistemológicas que guiam diversos atores.

O apoio técnico e financeiro de ONGs por parte do PN/AIDS está inserido nesse contexto específico. Discutimos, ao longo deste trabalho, de que forma também a priorização de caminhoneiros como objeto de intervenções no campo da AIDS está igualmente inserida nessas relações entre o global e o local. Não são apenas as diretrizes da UNAIDS ou da OMS a respeito dos caminhoneiros que são importantes para o caso estudado. Paralelo aos estudos e às campanhas com caminhoneiros mundo afora, o Brasil, em meados da década de 1990, é bem sucedido na construção de três acordos sucessivos com o Banco Mundial – os chamados projetos AIDS I, AIDS II e AIDS III.

Há princípios fundamentais do Ministério da Saúde e do Sistema Único de Saúde que devem ser adotados pelo Programa Nacional de AIDS. No Brasil, a compreensão das ONGs e do PN/AIDS prescinde de uma consideração acerca do movimento de abertura política no contexto de uma ditadura militar, a existência de um movimento de reforma sanitária liderado por intelectuais do campo da saúde coletiva, e a estruturação de um Sistema Único de Saúde, com elementos de *controle social* e baseado em alguns princípios, entre os quais, o de *universalidade*. Além de tais princípios, há também diretrizes do Banco Mundial que importam nesse contexto e que devem ser compreendidas. Sobretudo, a ênfase sobre as parcerias público-privado, primordialmente construídas através de projetos de ONGs apoiados pelo Programa Nacional de AIDS, que estão embasadas na idéia de uma *peer education*.

O chamado Terceiro Setor, onde se encontram as ONGs, está também inserido em relações entre o global e o local. O crescimento e expansão de ONGs e de redes de movimentos sociais no mundo todo é explicado em parte pelas mudanças econômicas e políticas globais – sobretudo, a prevalência de um modelo neoliberal de Estado. O sistema de saúde baseado na idéia de uma parceria entre o público e o privado é um modelo exportado dos Estados Unidos para países latino-americanos (CELIA IRIART, et al., 2001) que reflete um processo de *transnacionalização* no setor da saúde apoiado pelo Banco Mundial (e a adoção desses modelos de maior inserção do setor privado na saúde é condição para futuros empréstimos ao país). Um estímulo para investimentos do capital privado junto a agências das Nações Unidas pode ter sido o processo de globalização econômica (KENT BUSE and G. WALT, 2000a). Observou-se que as trocas entre diferentes agências – intergovernamentais, internacionais, governamentais, ONGs

internacionais, ONGs nacionais – também são trocas que envolvem, além de apoio técnico e financeiro, capital simbólico e político, com relações de credibilidade e legitimidade.

Da produção de conhecimento científico

Desde meados da década de 1990 as agências internacionais passaram a discutir as relações entre a mobilidade de pessoas e a epidemia de AIDS. Por um lado, a AIDS já era então uma pandemia: uma epidemia que atinge todas as regiões do planeta e que estava crescendo; e crescia também o interesse e o apoio a estudos sobre a sexualidade. Por outro, discutia-se a emergência de processos que foram cunhados como *globalização*, que poderiam envolver mudanças econômicas, políticas e culturais, discutidas por cientistas sociais. Na Antropologia, discutiam-se os fluxos contínuos de pessoas e coisas que transformavam paisagens sociais. É neste contexto, de expansão da epidemia e de crescente fluxo de pessoas, que as agências internacionais discutem a *mobilidade* e a *AIDS*.

Documentos da UNAIDS listam entre as pessoas com grande mobilidade os imigrantes (legais ou ilegais), os refugiados, as pessoas vítimas de tráfico, bem como pessoas cuja mobilidade está vinculada ao trabalho: aqueles que se deslocam temporariamente em função de emprego (garimpeiros, mineradores, profissionais do sexo, agricultores sazonais) e aqueles que se deslocam sempre (que trabalham no setor de transportes). Pesquisas sobre as relações entre a mobilidade e a vulnerabilidade à infecção por HIV são fomentadas e apoiadas na década de 1990, criando-se um corpo inicial de trabalhos científicos e técnicos sobre o tema – a maioria, pesquisas de cunho epidemiológico ou enquetes do tipo CAP (Conhecimento, Atitudes e Práticas).

A literatura científica revisada aponta para fatores estruturais que podem tanto facilitar quanto barrar a transmissão do HIV, criando áreas geográficas onde há maior prevalência da infecção e populações particulares com maior vulnerabilidade à AIDS. O campo da saúde pública deve ser analisado, enquanto discurso e atividade científica, como uma construção social e cultural capaz de engendrar epidemias, a partir de seu instrumental teórico e metodológico.

A saúde pública é uma construção social e, simultaneamente, uma produção social – “é uma atividade humana que transforma fenômenos naturais em fatos culturais” (DIDIER FASSIN, 2004). A forma com que uma doença é vista pode ser modificado, de modo que essa afecção passa a ser vista como problema social e alvo de políticas públicas específicas¹⁰⁵; sobre o caso do chumbo na França, Fassin escreve que:

Este novo conjunto de palavras e de coisas, de sinais e de fatos, que substitui ou que faz mudar o conjunto médico, pode ser visto como uma expressão de uma cultura de saúde pública. É um constructo social que gera significado através do qual o mundo é representado, aqui em termos de uma epidemia que mobiliza engendra uma mobilização política forte, ao invés de casos isolados deixados nas mãos de alguns profissionais. (DIDIER FASSIN, 2004: 168)

A *ciência* lê e interpreta uma realidade: a maior parte deste *corpus* de trabalhos científicos e técnicos sobre mobilidade e vulnerabilidade à infecção por HIV produzido a partir de 1990 versa sobre dois continentes, a África e a Ásia. Ainda assim, as conclusões de alguns estudos com caminhoneiros são empregadas para embasar a formulação de diretrizes internacionais: a *ciência* também pode criar e modificar realidades de pessoas concretas. Além de diretrizes e recomendações, produz se um conjunto de textos, como a coleção da UNAIDS *Best Practices*: os

¹⁰⁵ Desse modo autores aqui apresentados analisaram a construção de uma política para a diabetes no Canadá (MELANIE ROCK, 2003) e a construção social de uma epidemia de envenenamento por chumbo entre crianças na França (DIDIER FASSIN, 2004: ; 2004)

caminhoneiros são descritos ora como um grupo de risco, ora como população de risco acrescido, ora como população-ponte ou, ainda, como grupo com maior vulnerabilidade para HIV/AIDS.

Entre os fatores aqui apontados na revisão de estudos no campo da AIDS, estão a pobreza, a mobilidade populacional e desigualdades nas relações de gênero. Salienta-se que esses fatores são nomeados pela literatura internacional para diversos contextos – nas Américas, na África, na Ásia. Sobretudo foi discutida a mobilidade populacional como processo que engendra maior vulnerabilidade ao HIV. Na rubrica “mobilidade” estão incluídos grupos que migram voluntariamente, refugiados, vítimas do tráfico de pessoas, profissionais do sexo, trabalhadores migrantes sazonais (como trabalhadores agrícolas), trabalhadores de construção civil, de mineração, além de profissionais do setor de transportes terrestre, marítimo e aéreo.

No setor de transportes há ênfase sobre o transporte terrestre, especialmente os caminhoneiros. A revisão da literatura científica revelou que os estudos são predominantemente realizados em regiões “em desenvolvimento” – a África e Ásia – empregando o instrumental teórico e metodológico da epidemiologia. A influência de agências internacionais como a UNAIDS e a OMS pode ser observada também na produção científica, seja pelo estímulo a pesquisas junto a essa população, através de financiamentos, por exemplo, seja pelo uso de metodologias como os estudos CAP, ou ainda pelas premissas e hipóteses formuladas pelos pesquisadores. As intervenções planejadas para o campo da AIDS com frequência estão embasadas nessa produção científica, estudos CAP, que compõem a maioria dos estudos sobre caminhoneiros, quando não em pesquisas que empregam metodologia de cunho

qualitativo que seguem um modelo bastante particular, dos *rapid ethnographic assessments* ou *rapid assessment procedures*.

Devem ser discutidos o modo com que a saúde pública trata de seus objetos, e as metodologias que emprega, devem ser discutidos. Para Fassin, a saúde pública *naturaliza* os seus objetos e *culturaliza* os seus sujeitos. Problemas de saúde não são objetos com realidade ontológica esperando para serem “descobertos” pelos especialistas; os problemas de saúde têm para além da sua inegável realidade biológica uma forma *epidemiológica*.

A construção da realidade epidemiológica de um problema biológico de saúde como a infecção por HIV é uma construção epistemológica que requer um instrumental metodológico específico – como a possibilidade de mensurar a frequência de um fenômeno de saúde e fatores estatisticamente associados a esse fenômeno e a seus possíveis desfechos. A concepção foucaultiana de *biopoder* é especialmente rica para a compreensão de tal construção. E a mudança na linguagem, com o emprego do conceito de *risco*, vimos, é fundamental nessa transição para um problema de saúde público epidemiológico.

A *culturalização* dos sujeitos pela saúde pública é, segundo Fassin, a produção de afirmações e atos sobre a cultura daqueles sujeitos para os quais ela se direciona (DIDIER FASSIN, 2004). Um objetivo da saúde pública é modificar as representações e as práticas desses sujeitos de modo que eles tenham uma vida melhor ou mais longa. Fica, então, estabelecida uma alteridade fundamental da saúde pública com o coletivo sobre o qual ela versa, uns são cientistas que conhecem, os outros são sujeitos que acreditam e agem com base nessas crenças. No caso dos caminhoneiros, proliferam-se estudos sobre suas crenças e suas práticas, especialmente sexuais, que resultam na construção de um “outro” –

distante social e culturalmente. Sua constante mobilidade ademais o coloca ainda numa estranha distância geográfica com relação aos pesquisadores.

A compreensão da sexualidade no contexto dos estudos aqui revisados revela como objeto de estudo o comportamento sexual de um grupo social classificado como “de risco” – um comportamento considerado promíscuo, exagerado, descontrolado. O comportamento sexual e as crenças e atitudes dos caminhoneiros então são tratados como problemas sociais: devem ser modificados. As intervenções junto aos caminhoneiros concentram-se na redução de parceiras sexuais, na abstinência durante viagens e na promoção do uso de preservativos. As narrativas sobre a dificuldade dos caminhoneiros em usar camisinha com parceiras estáveis e regulares tendem a reiterar o estranhamento diante do “exótico”, nunca contextualizando essas relações, nem comparando o comportamento do grupo estudado com a população em geral (onde sabidamente há dificuldade no uso consistente do preservativo). Tampouco são considerados nos comportamentos analisados dos caminhoneiros a dimensão do *prazer* – seja o prazer sexual em si mesmo nas relações, seja a possibilidade de um prazer no próprio *risco*.

Do caminhoneiro “tipo médio”

O Setor de Transportes no Brasil é um setor importante da economia nacional, ligado ao desenvolvimento socioeconômico do país; um setor que, como outros, é afetado por processos de globalização da economia. Por exemplo, quando reformas macroeconômicas geram desemprego em outros setores, há entrada no Setor de Transportes de um contingente de mão-de-obra; quando mudanças no próprio Setor implicam mudanças nas micro, médio e grande empresas, observa-se

a diminuição histórica do número de motoristas autônomos atuando no mercado de trabalho.

Sobre o Setor de Transportes e, especificamente, sobre uma parte dos trabalhadores que o compõem, observou-se que há uma tendência de se tratar os caminhoneiros como uma categoria genérica e geral. Os estudos científicos e as políticas governamentais destinadas aos caminhoneiros tendem a tratar todos os profissionais como constituindo uma comunidade; alguns autores mencionam inclusive uma *(sub)cultura* própria dos caminhoneiros, da qual os motes escritos nas carrocerias seriam uma expressão. O conjunto de aproximadamente 1 milhão de caminhoneiros que existem no Brasil não pode ser reunido numa única comunidade. Eles atravessam o país e suas fronteiras, onde estão situados diversos grupos. Eles certamente participam de comunidades locais espacialmente situadas – nas suas cidades de origem, e nas comunidades circunvizinhas aos postos em que ficam parados. Nessas últimas, integram uma economia local, onde são importante fonte de renda para aqueles que lhes oferecem serviços.

Em 1997 publica-se o primeiro estudo nacional sobre caminhoneiros e HIV: uma pesquisa de soroprevalência junto a motoristas no porto de Santos (SP), que conclui que é um grupo com grande potencial para a infecção por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, ainda que a prevalência tenha sido considerada baixa. O estudo salienta a associação estatística encontrada entre a prevalência de sífilis e outras infecções sexualmente transmissíveis na população estudada e o uso de rebite. O ano de 1997 também é quando tem início um trabalho no PN/AIDS voltado para motoristas de caminhão, com o financiamento de projetos de ONGs, que são considerados, então, projetos-piloto; dois anos depois, têm início as campanhas de massa do PN/AIDS, veiculadas pela *mass media*, para

caminhoneiros. A partir de 2000, inserido em um processo de descentralização das concorrências de projetos de organizações da sociedade civil, a Coordenação Estadual de DST, HIV e AIDS do Rio Grande do Sul publica edital de seleção com comitê de avaliação externo próprio, no qual explicita a prioridade dada a projetos junto à população-alvo de caminhoneiros.

Como é que a prioridade dada à população de caminhoneiros é interpretada? Como é que as ONGs se apropriam disso? Aquelas organizações que têm uma capacidade institucional bem consolidada – o que implica também uma capacidade burocrática e técnica para observar os editais, responder a eles com um projeto escrito, e ser bem sucedido na seleção pública – respondem de fato a uma demanda estimulada. Assim as organizações que historicamente desenvolveram ações para populações como gays, travestis, prostitutas, pessoas vivendo com HIV/AIDS e usuários de drogas injetáveis – populações com as quais têm proximidade e sem experiência direta com caminhoneiros – são selecionadas. As ONGs recebem o apoio financeiro para atuarem junto a caminhoneiros a partir da idéia da *peer education*; com sua experiência prévia de intervenções, essas organizações acabam por reproduzir modelos de intervenções que haviam sido desenvolvidos para atuarem junto a outras populações.

Da etnografia

Foram empregados nesta pesquisa os conceitos antropológicos de globalização e das relações entre o global e o local, de comunidade e de sexualidade. Tentando identificar de que forma relações internacionais incidem sobre um contexto local, fiz uma pesquisa junto a caminhoneiros em cinco cidades do Rio Grande do Sul. Perseguindo os projetos executados por ONGs, identifiquei

oito locais de concentração de caminhoneiros onde haviam sido realizadas ações de prevenção, espalhados pelos municípios de Porto Alegre, Canoas, Gravataí, Rio Grande e Chuí. Entrevistei ao todo 950 caminhoneiros, bem como diversos atores que integram estes espaços sociais – auxiliares, mecânicos, borracheiros, loneiros, frentistas, gerentes de postos, funcionários da aduana, delegado da Receita Federal, vendedores ambulantes, prostitutas e travestis.

A observação de cunho etnográfico nos locais de concentração de caminhoneiros nos permitiu observar que há um conjunto complexo de relações sociais nas quais insere-se o caminhoneiro, tanto nos locais de concentração aqui estudados (os postos e a aduana), quanto nos locais de origem, onde predominam suas relações familiares. Sem dúvida, os caminhoneiros são, por definição profissional, itinerantes e têm grande mobilidade. Mas a maioria tem também rotas bastante regulares.

O universo social dos postos está longe de ser um simples local de passagem composto por um sem-número de anônimos: há regras de conduta, lideranças, espaços sociais demarcados simbólica e geograficamente, e um contingente de pessoas bem conhecidas que mantêm entre si relações de diversos tipos há bastante tempo. Estes espaços em que os caminhoneiros permanecem parados durante suas viagens não são espaços em que o caminhoneiro deixa de estar sujeito a um controle social.

É nesse conjunto complexo de relações sociais que o caminhoneiro está inserido. O universo social dos postos tem regras de conduta, lideranças, espaços sociais demarcados simbólica e geograficamente, e um contingente de pessoas bem conhecidas que mantêm entre si relações de diversos tipos há bastante tempo. É um universo eminentemente masculino, onde são valorizados elementos como a

virilidade, a força física, a capacidade de aceitar desafios e de correr riscos. Talvez o fato de um caminhoneiro *ser homem* num espaço de *homossociabilidade* seja mais importante para pensar sobre a sua vulnerabilidade ao HIV do que a sua profissão.

As condições de trabalho dos motoristas que conformam um contexto em que, segundo a literatura aqui revisada, eles estão em situação de maior vulnerabilidade para ISTs/HIV/AIDS são também condições que, no caso estudado, fazem com que os caminhoneiros sejam extremamente fiéis a alguns postos (e agências transportadoras), retornando a esses sítios e reencontrando colegas de profissão além de prestadores diversos de serviços.

Os dados sociodemográficos e de relatos de comportamento sexual por parte dos entrevistados revela que os caminhoneiros estão em situação de vulnerabilidade para HIV/AIDS. Os fatores mais mencionados nos estudos revisados, além da própria mobilidade, para a vulnerabilidade dos caminhoneiros são os seguintes: grande oferta de profissionais do sexo nos pontos de parada e concentração de caminhoneiros e o uso inconsistente do preservativo. Na enquete aqui no Rio Grande do Sul, na última relação sexual, 6% dos caminhoneiros esteve com prostituta e todos relatam uso de camisinha. No total, um pouco mais da metade dos entrevistados já contratou alguma vez na vida uma profissional.

Tanto os estudos revisados quanto a pesquisa aqui realizada apontam para o uso da camisinha quando a parceira sexual é considerada “perigosa”: prostitutas ou travestis. Os caminhoneiros entrevistados nesta pesquisa usavam a camisinha de forma consistente quando a parceira era profissional do sexo. O uso irregular e pouco freqüente da camisinha se dá nas relações consideradas “seguras” ou nas relações que envolvem regularidade, estabilidade e intimidade. Esse é um dos problemas constatados para a população em geral: dificilmente as pessoas usam o

preservativo em 100% das suas relações sexuais. E o uso do preservativo tende a diminuir usualmente com a estabilidade, regularidade e duração de um relacionamento afetivo. O uso inconsistente do preservativo, especialmente em relações regulares, certamente os coloca em situação de vulnerabilidade, ainda que não seja essa uma situação exclusiva dos motoristas, como estudos com outros grupos sociais e populacionais no campo da AIDS vêm discutindo há algum tempo. A maior vulnerabilidade dos caminhoneiros é reforçada pelo conjunto de estudos nacionais e internacionais sobre o tema, aqui apresentados, e é reconhecida pelo próprio PN/AIDS, que os inclui na sua Matriz de Risco e Vulnerabilidade.

O fato de os caminhoneiros ficarem, por causa de seu trabalho, por períodos de tempo longe da família, vivendo nas suas “casas de lata”, pode potencializar a sua vulnerabilidade ao HIV/AIDS: esses homens têm diante de si um mercado sexual, afetivo e matrimonial que é maior e mais diverso do que se estivessem fixos nas suas cidades de origem, a maioria cidades de pequeno e médio porte do interior. Na medida em que as campanhas de prevenção à AIDS se destinam a públicos específicos – as prostitutas e os caminhoneiros – abolir o uso do preservativo pode ser uma maneira de se demarcar simbolicamente que aquela relação – aquele namoro ou amizade com a funcionária do posto ou com a mulher que vive nos arredores do posto – não é uma relação “qualquer”.

As entrevistas com os motoristas e a observação em campo salientam um aspecto que a revisão não apontou: a vulnerabilidade programática ou institucional dos caminhoneiros. A própria política desenvolvida pelo Ministério da Saúde como um todo e pelo PN/AIDS em particular cria uma situação em que os caminhoneiros, bem como todos os outros grupos sociais que têm grande mobilidade ou que estão em regiões de fronteira, apresentam maior vulnerabilidade para ISTs, HIV e AIDS,

tendo menor acesso a serviços e a informações de saúde. É também o foco explícito sobre os caminhoneiros, pessoas reunidas numa única categoria pelas suas condições de trabalho, que cria estigma social e acaba sendo interpretada como uma mensagem de incentivo ao uso do preservativo nas relações eventuais e com profissionais do sexo – o que acarreta que uma das formas materiais de se afirmar que uma parceria não é meramente eventual (ou profissional) é justamente o não uso do preservativo na relação sexual.

Os caminhoneiros entrevistados e observados têm clareza de que são percebidos como “população ponte” no caso da AIDS; quando lhes perguntava o que pensavam que deveria ser feito para estimular entre eles a prevenção ao HIV, muitas vezes ouvi “nada de especial: a gente é como qualquer um”. Outros caminhoneiros apontavam para fatores estruturais – as suas condições de trabalho, por exemplo – mesmo que de maneira jocosa: “a solução mesmo para os caminhoneiros e a AIDS? Era pagar mais pelo frete, que aí a gente podia contratar as puta rica... são só as puta pobre que têm doença”. As poucas opções de sociabilidade e de lazer, aliadas a um trabalho com longas jornadas diárias, envolvendo muitos riscos, tornariam mais atraentes o álcool, as drogas e o sexo durante as viagens.

A política instituída no seio do PN/AIDS e apoiada por agências internacionais de consolidar parcerias com ONGs para a execução de intervenções visando à prevenção também é um dos fatores para a maior vulnerabilidade dos caminhoneiros que circulam pelo Rio Grande do Sul. A terceirização desse serviço não se traduziu, no estado, na formulação ou execução de campanhas *culturalmente adequadas* nem em ações educativas que envolvessem a metodologia de *peer education*. As ONGs selecionadas pelo PN/AIDS não tinham vínculo prévio com a

população de caminhoneiros e não foram capazes de consolidar, ao longo do prazo de execução dos projetos (em quaisquer de suas edições no caso daqueles que foram renovados), parcerias com entidades representativas dos caminhoneiros. Os caminhoneiros não foram incluídos nos seus quadros, nem mesmo nas equipes dos projetos, tampouco em reuniões sobre a elaboração, execução ou avaliação das ações, caminhoneiros. As ONGs que foram selecionadas através de editais públicos acumulavam experiências positivas junto a outras populações; contudo, todas tenderam a simplesmente reproduzir modelos (bem-sucedidos) de intervenções junto a outros grupos populacionais para as ações com caminhoneiros, sem uma reflexão crítica.

O resultado observado foi que as campanhas revelaram-se pouco memoráveis e pouco significativas para a população-alvo dos projetos executados pelas ONGs no Rio Grande do Sul. A ausência de um processo institucional de monitoramento e avaliação por parte da agência governamental – seja do PN/AIDS, seja da CE/AIDS – também possibilitou a importação indiscriminada de modelos de intervenção ou de campanha de outras populações para os caminhoneiros.

Os motoristas de caminhão que participaram desta pesquisa queixavam-se da falta de acesso a serviços. A sua constante mobilidade dificulta o acesso aos serviços de saúde e o acompanhamento regular de sua saúde. O mesmo Ministério da Saúde que elege os caminhoneiros como prioridade para ações também enfatiza a adstrição territorial na organização dos serviços, de modo que as populações com grande mobilidade estão, enquanto se deslocam, fora do sistema de saúde. Isso significa que não têm acesso a informações, a insumos como a camisinha, a aconselhamento e a testes laboratoriais. Algumas estratégias de acompanhamento da saúde apareceram nas entrevistas, como quando um motorista diz “minha mulher

me mantém no cabresto, ela me faz doar sangue a cada quatro meses!”. Quanto à prevalência de HIV, este não foi um estudo epidemiológico com coleta de amostras, mas a revisão mostrou que as pesquisas realizadas no Brasil com caminhoneiros indicam uma prevalência considerada “baixa” ou igual à da população em geral.

Devo dizer ainda que ao procurar observar, “na ponta”, como se dava uma política de saúde, para compreender a construção social da vulnerabilidade dos caminhoneiros, foi preciso reunir um conjunto grande, diversificado e complexo de dados. Sem dúvida, há muitos fatores a serem considerados. O estudo de sociedades complexas exige a transformação e a inovação metodológica na Antropologia. A opção por fazer um estudo *multisited* implicou na realização de uma etnografia de documentos oficiais e governamentais, na leitura etnográfica de artigos científicos que relatavam pesquisas nacionais e internacionais junto a caminhoneiros, e na pesquisa de cunho etnográfico em espaços de concentração de motoristas no Sul do Brasil.

Foi essa complexidade que possibilitou um primeiro mapeamento das questões aqui levantadas. É uma pesquisa que buscou pensar de modo transversal, dando uma visão integral das relações entre a instituição de diretrizes globais e a execução de micro-ações nos contextos (super) locais, das relações entre pesquisa científica, políticas públicas e intervenções sociais. Os estudos epidemiológicos são importantes e relevantes, sem dúvida, inclusive aqueles que enfocam os caminhoneiros. O que esta pesquisa antropológica reforça é a necessidade de se pensar sobre as implicações desses estudos para a formulação e execução de políticas – os dados científicos aqui revisados afinal apontam para a construção de um fenômeno e de uma realidade.

A pesquisa avaliativa que deu origem a esta tese buscava compreender as repercussões (e efeitos) em alguma medida das campanhas e ações das ONGs. A análise antropológica permitiu compreender a construção de sujeitos de políticas específicas. Criam-se especialistas, expectativas e práticas, a partir de ações e de situações. E no campo da Saúde Coletiva, conforme Fassin, a ciência tende a naturalizar o objeto ao mesmo tempo em que culturaliza o sujeito.

A presente pesquisa antropológica inova, pois ainda são escassos os estudos antropológicos sobre políticas e programas de saúde, bem como o são de Organizações Não Governamentais. E no campo da avaliação e monitoramento de políticas públicas de saúde há poucos estudos avaliativos que empreguem o referencial metodológico (e teórico) da Antropologia.

Um tópico a ser mais bem explorado e aprofundado em estudos futuros é justamente a vulnerabilidade programática dos caminhoneiros. Correndo o risco de ser repetitiva, vimos que os caminhoneiros, e outros grupos com grande mobilidade, assim como comunidades localizadas em fronteiras nacionais, têm menos acesso a serviços e a informações de saúde. O foco explícito sobre caminhoneiros – um conjunto de pessoas diversas reunidas numa única categoria pela sua profissão – engendra estigma social e acaba sendo interpretada como uma mensagem de incentivo ao uso do preservativo em relações eventuais e com profissionais do sexo. A política federal e estadual de consolidar parcerias com ONGs para executar ações de prevenção também acaba sendo um fator para maior vulnerabilidade, pois a terceirização desses serviços não se traduziu, no estado, em campanhas *culturalmente adequadas* ou em ações educativas que empregassem a *educação por pares*. As ações das ONGs revelaram-se pouco memoráveis ou significativas para os caminhoneiros. Os dados revelam que pouco mais de 10% de todos

entrevistados lembrava de ter sido abordado por uma campanha naquele local (da entrevista). A ausência de um processo institucional de monitoramento e avaliação por parte das agências financiadoras (PN e CE/AIDS) por sua vez também permitiu a repetição de velhas fórmulas.

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade do Ministério da Saúde como um todo, e do PN/AIDS e da CE/AIDS, em particular, de discutir estratégias para contemplar o acesso aos serviços de saúde no Sistema Único de Saúde por parte de caminhoneiros e de outras populações com grande mobilidade. Na formulação de editais que nomeiam as populações com grande mobilidade, seria interessante que houvesse também a menção explícita a determinadas diretrizes que pudessem melhor esclarecer a todos os envolvidos quais as prioridades, do ponto de vista do Ministério da Saúde, para as ações junto a esse público-alvo.

O quadro teórico e conceitual fornecido pelo marco da *vulnerabilidade* é, sem dúvida, profícuo para as ações no campo da AIDS. O que a presente pesquisa revela, entretanto, é que no caso dos caminhoneiros, o conceito de vulnerabilidade é referido, todavia pouco operacionalizado, i.e. pouco colocado em prática na execução das intervenções e campanhas.

Referências Bibliográficas

- ABADÍA-BARRERO, CÉSAR ERNESTO. "Crianças vivendo com HIV e Casas de Apoio em São Paulo: cultura, experiências e contexto domiciliar." *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 6, no. 11 (2002): 55-70.
- . "Happy Children with AIDS: The Paradox of a Healthy National Program in an Unequal and Exclusionary Brazil." In *Unhealthy Health Policy: A Critical Anthropological Examination*, edited by Arachu Castro and Merrill Singer, 163-176. Walnut Creek, MA: AltaMira Press, 2004.
- ABADÍA-BARRERO, CÉSAR ERNESTO, and ARACHU CASTRO. "Experiences of stigma and access to HAART in children and adolescents living with HIV/AIDS in Brazil." *Social Science & Medicine* 62, no. 5 (2006): 1219-1228.
- ABU-LUGHOD, LILA. "Locating Ethnography." *Ethnography* 1, no. 2 (2000): 261-267.
- AGAR, MICHAEL. *Independents Declared: The Dilemmas of Independent Trucking*. Edited by Michelle Smith, Ivan Karp and William L. Merrill, Smithsonian Series in Ethnographic Inquiry. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1986.
- AGHA, S. "Potential for HIV transmission among truck drivers in Pakistan." *AIDS* 14, no. 15 (2000): 2404-2406.
- AGHA, SOHAIL. "Sexual Behaviour among Truck Drivers in Pakistan." *Culture, Health & Sexuality* 4, no. 2 (2002): 191-206.
- AIDS ANALYSIS AFRICA, [AUTORES NÃO LISTADOS]. "HIV and STD prevalence among bus and truck drivers in Cameroon." *AIDS Analysis Africa* 4, no. 5 (1994).
- ALAM, NAZMUL, MOTIUR RAHMAN, KANIZ YUNUS GAUSIA, NAZRUL ISLAM, PARWEZ CHAUDHURY, SHIRAJUM MONIRA, ELLEN FUNKHOUSER, STEN H. VERMUND, and JAPHET KILLEWO. "Sexually Transmitted Infections and Risk Factors Among Truck Stand Workers in Dhaka, Bangladesh." *Sexually Transmitted Diseases* 34, no. 2 (2007a): 99-103.
- . "Sexually transmitted infections and risk factors among truck stand workers in Dhaka, Bangladesh. ." *Sexually Transmitted Diseases* 34, no. 2 (2007b): 99-103.

- ALARY, M., C M LOWNDES, L MUKENGE-TSHIBAKA, C A B GNINTOUNGBÉ, E BÉDARD, N GERALDO, P JOSSOU, E LAFIA, F BERNIER, É BAGANIZI, J R JOLY, E FROST, and S ANAGONOU. "Sexually transmitted infections in male clients of female sex workers in Benin: risk factors and reassessment of the leucocyte esterase dipstick for screening of urethral infections." *Sexually Transmitted Infections* 79 (2003): 388–392.
- ALONSO, JOSÉ ANTÔNIO FIALHO, and RICARDO BRINCO. "Caracterização geral da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)." 1-16. Porto Alegre: FEE Fundação de Economia e Estatística; Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.
- ALTMAN, JON, and MELINDA HINKSON. "MOBILITY AND MODERNITY IN ARNHEM LAND. The Social Universe of Kuningku Trucks." *Journal of Material Culture* 12, no. 2 (2007): 181-203.
- AMAYUN, M. B. "A decade of lessons learned in preventing HIV/AIDS among mobile populations. Abstract no. TuPeD5250 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- ANGLIN, M. K. "Policy, praxis, and medical anthropology Introduction: Health policy and health praxis in the United States—A symposium." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1367-1369.
- ANKOMAH, A., and J. ANYANTI. "Does travel distance matter? A comparative analysis of the sexual and HIV preventive practices of long-distance drivers and intra-city drivers in Nigeria. Abstract no. TuPeD5236 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- ANTT. "Registro do Caminhoneiro." Ministério dos Transportes, <http://www.antt.gov.br/carga/rodoviario/rntrc.asp>.
- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, and SEVIL SÖNMEZ. "Cross-border networks of American truckers and Mexican brothel workers and disease transmission." Paper presented at the The 130th Annual Meeting of American Public Health Association (APHA), Philadelphia, PA, November 2002.
- . *Population Mobility and Infectious Disease* New York: SpringerLink US 2007a.
- . "Tracing the Diffusion of Infectious Diseases in the Transport Sector." In *Population Mobility and Infectious Disease*, 131-156, 2007b.
- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, SEVIL SONMEZ, JENNIE KRONENFELD, ELLIS CASTILLO, LUCIA MCLENDON, and DONNA SMITH. "STI/HIV Risks for

Mexican Migrant Laborers: Exploratory Ethnographies." *Journal of Immigrant and Minority Health* 8, no. 3 (2006): 291-302.

APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, SEVIL SÖNMEZ, and CHONG HU YU. "Health-Risk Behaviors of Long Haul Truckers in the Southwest." Paper presented at the The 129th Annual Meeting of American Public Health Association (APHA), Atlanta, GA 2001.

APPADURAI, ARJAN. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema, 1996.

———. *La Modernidad Descentrada*. México: Fondo Cultura Economica, 2001.

APPADURAI, ARJUN. "Deep democracy: urban governmentality and the horizon of politics." *Environment and Urbanization* 13, no. 2 (2001): 23-43.

———. "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy." *Theory Culture Society* 7, no. 2 (1990): 295-310.

———. "Fieldwork in the Era of Globalization." *Anthropology & Humanism* 22, no. 1 (1997): 115-118.

———. "La globalización y la imaginación en la investigación." *Revista internacional de Ciencias Sociales / UNESCO* 160 (1999).

———. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ASAD, TALAL. *Anthropology and the Colonial Encounter*. London: Ithaca Press, 1973.

———. "From the History of Colonial Anthropology to the Anthropology of Western Hegemony." In *History of Anthropology*, edited by G. Stocking, 314-324. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

AYRES, JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA. "Contextos Epidêmicos e Aspectos das DST/Aids no Brasil: Os Novos Horizontes da Prevenção." Paper presented at the VI CONGRESSO BRASILEIRO DE PREVENÇÃO DAS DST/AIDS, Belo Horizonte, MG, Novembro 2006.

———. "Epidemiologia, promoção da saúde e o paradoxo do risco." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 5, no. Suplemento 1 (2002): 28-42.

———. "Vulnerabilidade e aids: para uma resposta social à epidemia." *Boletim epidemiológico - C.R.T. – DST/AIDS – C.V.E. – São Paulo* Ano XV, no. Nº 3 (1997): 2-4.

AYRES, JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA, VERA PAIVA, IVAN FRANÇA, JR., NEIDE GRAVATO, REGINA LACERDA, MARINELLA DELLA NEGRA, HELOISA HELENA DE SOUSA MARQUES, ELIANA GALANO, PILAR LECUSSAN, ALUÍSIO COTRIM SEGURADO, and MARILIZA HENRIQUE SILVA. "Vulnerability, Human Rights, and Comprehensive Health Care Needs of Young People Living With HIV/AIDS." *American Journal of Public Health* 96, no. 6 (2006): 1001-1006.

BAJOS, NATHALIE, and JACQUES MARQUET. "Research on HIV sexual risk: Social relations-based approach in a cross-cultural perspective." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1533-1546.

BAL, BAISHALI, SYED IFTIKAR AHMED, RITA MUKHERJEE, SEKHAR CHAKRABORTY, SWAPAN KUMAR NIYOGI, ARUNANGSHU TALUKDER, NILANJAN CHKRABORTY, and KAMALESH SARKAR. "HIV Infection Among Transport Workers Operating Through Siliguri-Guwahati National Highway, India." *Journal of the International Association of Physicians in AIDS Care (JIAPAC) Chic III* 6, no. 56 (2007): 56-60.

BARUA, P. C. "Knowledge And Behaviour of Long Distance Truck Drivers (LDTD) on HIV/STDs in Bangladesh . Abstract no. C10884 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

BASTOS, CRISTIANA. *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida*. 1 ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais Universidade de Lisboa, 2002.

BASTOS, FRANCISO INÁCIO. "A feminização da epidemia de AIDS no Brasil: Determinantes estruturais e alternativas de enfrentamento. N. 3." In *Coleção ABIA: Saúde Sexual e Reprodutiva*, edited by Veriano Terto, Jr. and Richard Parker, 1-28. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2001.

BATES, IMELDA, CAROLINE FENTON, JANET GRUBER, DAVID LALLOO, ANTONIETA MEDINA LARA, S. BERTEL SQUIRE, SALLY THEOBALD, RACHAEL THOMSON, and RACHEL TOLHURST. "Vulnerability to malaria, tuberculosis, and HIV/AIDS infection and disease. Part 1: determinants operating at individual and household level." *The Lancet Infectious Diseases* 4, no. 5 (2004): 267-277.

BECK, ULRICH. *Risk Society, Towards a New Modernity*. Translated by Mark Ritter. London: Sage, 1992.

- BENARA, S. "Sexual behaviour of young truck drivers in India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- BERKMAN, ALAN, JONATHAN GARCIA, MIGUEL MUÑOZ-LABOY, VERA PAIVA, and RICHARD PARKER. "A Critical Analysis of the Brazilian Response to HIV/AIDS: Lessons Learned for Controlling and Mitigating the Epidemic in Developing Countries." *American Journal of Public Health* 95, no. 7 (2005): 1162-1172.
- BERRA, JOSÉ ANTONIO PISTARIN, LILIANA BRANCACIO BACETTI, KAISER J. F. ALVES, and VÂNIA L. P. FIÓRIO. "Soroprevalência de HIV em caminhoneiros usuários da Rodovia Anhanguera, SP 330, Brasil / HIV seroprevalence in truck drivers users of Anhanguera Highway, SP 330, Brazil " *Revista do Instituto Adolfo Lutz* 62, no. 3 (2003): 171-176.
- BERRA, JOSÉ ANTONIO PISTARIN, LILIANA BRANCACIO BACETTI, and SILÉZIA DORALICE PESSOA RAMOS. "Prevalência de sífilis em caminhoneiros usuários da rodovia Anhanguera, SP-330." *BIAL - Boletim do Instituto Adolfo Lutz* Ano 13, no. 3 (2003): 4-5.
- BEYER, JOY A. DE, ALEXANDER S. PREKER, and RICHARD G. A. FEACHEM. "The role of the World Bank in international health: renewed commitment and partnership." *Social Science & Medicine* 50 (2000): 169-176.
- BHUYAN, K. K., S. J. MILLS, D. DHARMARAJ, B. PANDA, and I. P. S. KALRA. "Comparison of prevalence of STIs/HIV and their behavioral correlates among long distance intercity truck drivers and helpers from three regions of India. Poster exhibition. Abstract No. WePeC6080." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- BOLTON, RALPH. "Machismo in Motion: The Ethos of Peruvian Truckers." *Ethos* 7, no. 4 (1979): 312-342.
- BOTROS, B.A., Q. ALIYEV, M. SAAD, M. MONTEVILLE, A. MICHAEL, Z. NASIBOV, H. MUSTAFAEV, P. SCOTT, J. SANCHEZ, J. CARR, and K. EARHART. "Poster: HIV prevalence and risk behaviours among international truck drivers in Azerbaijan." Paper presented at the 17th European Congress of Clinical Microbiology and Infectious Diseases (17th ECCMID) 25th International Congress of Chemotherapy (25th ICC), Munich, Germany, 31 March - 3 April 2007.
- BOURCIER, E., E. J. DOUGLAS, V. GONZALES, A. DOWNER, M. WEAVER, N. HASENBERG, H. HUCKEBA, C. ITO, A. KATAI, R. LEVINE, K. WASHIENKO, and I. YAMAMOTO. "Support for applying a structural approach to prevention efforts: examination of the high-risk settings of truck routes, brothels, and migrant work sites . Abstract no. TuPeF5486 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- BRAIDOTTI, ROSI. *Nomadic Subjects*. New York: Columbia University Press, 1994.
- BRONFMAN, MARIO. "HIV/AIDS prevention at the southern border of Mexico. Truck drivers in Ciudad Hidalgo, Chiapas." In *Community Mobilization*. Mexico City, Mexico: Health Systems Research Center, National Institute of Public Health, 1999.
- BRONFMAN, MARIO, RENE LEYVA, and MIRKA J. NEGRONI. "HIV prevention among truck drivers on Mexico's southern border." *Culture, Health and Sexuality* 4, no. 4 (2002): 475 - 488.
- BRONFMAN, MARIO, RENE LEYVA, MIRKA J. NEGRONI, and CELINA M. RUEDA. "Mobile populations and HIV/AIDS in Central America and Mexico: research for action." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S42-S49.
- BRONFMAN, MARIO, MIRKA J. NEGRONI, RENÉ LEYVA-FLORES, ANAHÍ DRESER, and MARTA CABALLERO. "Mobile Populations in Central America and Vulnerability to HIV - Focus on Women." *Aids & Mobility News - Biannual Newsletter of the European Project AIDS & Mobility* 4 (2002): 9-10.
- BRYAN, ANGELA D., JEFFREY D. FISHER, and T. JOSEPH BENZIGER. "Determinants of HIV risk among Indian truck drivers." *Social Science & Medicine* 53, no. 11 (2001): 1413-1426.
- BURAWOY, MICHAEL. "Manufacturing the Global." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 147-159.
- BURKE, PETER. "The Philosophy of the Road in Brazil: Lorries and Their Mottoes." *Journal of Popular Culture* 30, no. 3 (1996): 209-222.
- BURT, BRIAN A. "Definitions of Risk." *Journal of Dental Education* 65, no. 10 (2001): 1007-1008.
- BUSE, KENT, and G. WALT. "Global public-private partnerships: part I – a new development in health?" *Bulletin of the World Health Organization* 78, no. 4 (2000a): 549-561.
- . "Global public-private partnerships: part II – what are the health issues for global governance?" *Bulletin of the World Health Organization* 78, no. 5 (2000b): 699-709.
- BUSE, KENT, and GILL WALT. "An Unry Mélange? Coordinating External Resources to the Health Sector: A Review." *Social Science & Medicine* 45, no. 3 (1997): 449-463.

- BWAYO, JOB JOAB, A. N. MUTERE, M. A. OMARI, J. K. KREISS, W. JAOKO, C. SEKKADE-KIGONDU, and F. A. PLUMMER. "Long distance truck drivers. 2: Knowledge and attitudes concerning sexually transmitted diseases and sexual behaviour." *East African Medical Journal* 68, no. 9 (1991): 714-719.
- BWAYO, JOB JOAB, A. M. OMARI, A. N. MUTERE, W. JAOKO, C. SEKKADE-KIGONDU, J. KREISS, and F. A. PLUMMER. "Long distance truck-drivers: 1. Prevalence of sexually transmitted diseases (STDs). ." *East African Medical Journal* 68, no. 6 (1991): 425-429.
- BWAYO, JOB JOAB, F. PLUMMER, M. OMARI, A. MUTERE, S. MOSES, J. NDINYA-ACHOLA, P. VELENTGAS, and J. KREISS. "Human immunodeficiency virus infection in long-distance truck drivers in East Africa. ." *Archives of Internal Medicine* 154, no. 12 (1994): 1391-1396.
- CALDWELL, JOHN CHARLES. *Resistances to Behavioural Change to Reduce the HIV/AIDS Infection*. Canberra, ACT, Australia: Health Transition Centre, The Australian National University, 1999.
- CAMPBELL, CATHERINE. "Migrancy, masculine identities and AIDS: The psychosocial context of HIV transmission on the South African gold mines." *Social Science & Medicine* 45, no. 2 (1997): 273-281.
- . "Selling sex in the time of AIDS: the psycho-social context of condom use by sex workers on a Southern African mine." *Social Science & Medicine* 50, no. 4 (2000): 479-494.
- CAMPBELL, CATHERINE, and CATHERINE MACPHAIL. "Peer education, gender and the development of critical consciousness: participatory HIV prevention by South African youth." *Social Science & Medicine* 55, no. 2 (2002): 331-345.
- CARAËL, ELEONORE *HIV and Mobile Workers: A Review of Risks and Programmes among Truckers in West Africa*. Vol. 2. Geneva, Switzerland: International Organization for Migration (IOM) and Joint United National Programme on HIV/AIDS (UNAIDS), 2005.
- CARDONA, OMAR D. "La Necesidad de Repensar de Manera Holística los Conceptos de Vulnerabilidad y Riesgo: "Una Crítica y una Revisión Necesaria para la Gestión"." In *International Work-Conference on Vulnerability in Disaster Theory and Practice*. Wageningen, Netherlands: Disaster Studies of Wageningen University and Research Centre, 2001.
- . "The Need for Rethinking the Concepts of Vulnerability and Risk from a Holistic Perspective: A Necessary Review and Criticism for Effective Risk Management." In *Mapping Vulnerability: Disasters, Development and People*,

edited by G. Bankoff, G. Frerks and D. Hilhorst. London: Earthscan Publishers, 2003.

CARLARNE, CINNAMON, and JOHN CARLARNE. "In—Credible Government: Legitimacy, Democracy, and Non-Governmental Organizations." *Public Organization Review* 6, no. 4 (2006): 347-371.

CARLARNE, JOHN. *The "International" and the "Local": Globalisation, capitalism, bureaucratisation and the post-conflict regeneration of war-torn societies, critical citizenship*. . San Diego: University of California Press, 2000.

CASTRO, ARACHU, and PAUL FARMER. "Understanding and Addressing AIDS-Related Stigma: From Anthropological Theory to Clinical Practice in Haiti." *Am J Public Health* 95, no. 1 (2005): 53-59.

CASTRO, ARACHU, and MERRILL SINGER. *Unhealthy health policy : a critical anthropological examination*. Walnut Creek, Calif.: AltaMira Press, 2004.

CASTRO, MARY GARCIA, and LORENA BERNADETE DA SILVA. *Respostas aos Desafios da AIDS no Brasil: Limites e Possibilidades*. 1 ed. Brasília, DF: UNESCO Ministério da Saúde, 2005.

CAVALCANTI, BRUNO CÉSAR, and RACHEL ROCHA DE ALMEIDA BARROS. "Desejos de cidade: imaginários urbanos em assentamentos rurais numa área de reserva de mata atlântica brasileira." *Horizontes Antropológicos* 12, no. 25 (2006): 217-235.

CERQUEIRA-SANTOS, ELDER, NORMANDA A. DE MORAIS, and SÍLVIA HELENA KOLLER. "A vida dos caminhoneiros brasileiros: um estudo sobre a exploração sexual e comercial de crianças nas estradas. Relatório técnico apresentado ao Instituto WCF – Brasil." RELATÓRIO FINAL – WCF, 2005.

CHEN, LI, PRABHAT JHA, BRIDGET STIRLING, SEMA K. SGAIER, TINA DAID, RUPERT KAUL, and NICO NAGELKERKE. "Sexual Risk Factors for HIV Infection in Early and Advanced HIV Epidemics in Sub-Saharan Africa: Systematic Overview of 68 Epidemiological Studies." *PLoS ONE* 2, no. 10 (2007).

CHEN, XIANG-SHENG, YUE-PING YIN, XIANG-DONG GONG, GUO-JUN LIANG, WEN-YING ZHANG, GILLES POUMEROL, MEI-QIN SHI, SHOU-QIANG WU, and GUO-CHENG ZHANG. "Prevalence of sexually transmitted infections among long-distance truck drivers in Tongling, China." *International journal of STD & AIDS* 17, no. 5 (2006): 304-308.

- CHEQUER, PEDRO, and KENNETH CAMARGO. "Vinte anos do PN/DST-AIDS, adaptado do texto original de Kenneth Camargo - AIDS Vinte Anos: Esboço histórico para entender o Programa Brasileiro." http://sistemas.AIDS.gov.br/congressoprev2006/2/index.php?option=com_content&task=view&id=16.
- CHINAGLIA, M., S. LIPPMAN, C. SUCUPIRA, R. DIAZ, J. PULERWITZ, J. DIAZ, and A. REINGOLD. "HIV, syphilis, hepatitis B, and HSV-2 prevalence among truck drivers crossing the border between Brazil, Argentina and Paraguay. Abstract no. CDC0193." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- CHOWDHURY, ANIS, and TERRY MCKINLEY. "Gearing Macroeconomic Policies to Manage Large Inflows of ODA: The Implications for HIV/AIDS Programmes." 1-36. Brasília, DF: United Nations Development Programme, International Poverty Centre, 2006.
- CLARKE, KRIS. "HIV/AIDS: A prism of globalisation." *Aids & Mobility News - Biannual Newsletter of the European Project AIDS & Mobility* 6 (2003): 6.
- CLIFFORD, JAMES. "Diasporas." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 302-338.
- . "Notes on Travel and Theory." *Inscriptions* 5, no. "Traveling Theories, Traveling Theorists", edited by James Clifford and Vivek Dhareshwar (1989).
- CLIFFORD, JAMES, and GEORGE E. MARCUS. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, CA: University of California Press, 1986.
- COMAROFF, JEAN, and JEAN COMAROFF. *Of Revelation and Revolution, Volume 1: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- COMAROFF, JOHN L., and JEAN COMAROFF. *Of Revelation and Revolution, Volume 2: The Dialectics of Modernity on a South African Frontier*, 1997.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES. "Boletim Estatístico CNT - Novembro 2007." Brasília, DF: Confederação Nacional de Transportes (CNT), 2007.
- . "Panorama do Transporte Internacional Rodoviário de Cargas Brasileiro: Mobilidade Fronteiriça." Brasília, DF: Confederação Nacional de Transportes, 2006.
- DELOR, FRANCOIS, and MICHEL HUBERT. "Revisiting the concept of 'vulnerability'." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1557-1570.

- DEO, A. K., S. LAMSAL, and S. ALAM. "Awareness of risk factor for transmission of HIV/AIDS among truck driver of Eastern region of Nepal." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- . "A qualitative study on awareness of risk factor for transmission of HIV/AIDS among truck driver of Eastern region of Nepal " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- DEO, A. K., S. LAMSAL, U. YADAV, and S. ALAM. "A qualitative study on "Awareness of risk factors for transmission of HIV/AIDS among truck driver of eastern region of Nepal". Abstract no. CDC0765 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- DICLEMENTE, R. J., R. A. CROSBY, and G. M. WINGOOD. "Community HIV Prevention Interventions: Theoretical and Methodological Considerations. ." In *Community Interventions and AIDS: Targeting the Community Context.* , edited by E. J. Trickett, 222-248. Cary, NC, USA: Oxford University Press, 2005.
- DONK, MIRJAM VAN. "'Positive" urban futures in sub-Saharan Africa: HIV/AIDS and the need for ABC (A Broader Conceptualization)." *Environment and Urbanization* 18, no. 1 (2006): 155-175.
- DORLING, DANNY. "Worldmapper: The Human Anatomy of a Small Planet." *PLoS Medicine* 4, no. 1 (2007).
- DOUGLAS, ELAINE, and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON. "Putting on the Brakes: Preventing HIV Transmission along Truck Routes. A research-based field resource supported by the The Synergy APDIME Toolkit." 106: The Synergy Project ; Center for Health Education and Research (CHER) ; University of Washington, 2000.
- DOUGLAS, MARY. *Purity and Danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.
- . *Risk and Blame: Essays in Cultural Theory*. London: Routledge, 1992.
- . "Risk as a forensic resource." *Daedalus* 119, no. 4 (1990): 1-16.
- EDELMAN, MARC. "When Networks Don't Work: The Rise and Fall and Rise of Civil Society Initiatives in Central America." In *Social Movements: An Anthropological Reader*, edited by June Nash, 29-45. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2005.

FARMER, PAUL. *Pathologies of power : health, human rights, and the new war on the poor*, California series in public anthropology ; . Berkeley: University of California Press, 2003.

FARMER, PAUL, FERNET LÉANDRE, JOIA S. MUKHERJEE, MARIE SIDONISE CLAUDE, PATRICE NEVIL, MARY C. SMITH-FAWZI, SERENA P. KOENIG, ARACHU CASTRO, MERCEDES C. BECERRA, JEFFREY SACHS, AMIR ATTARAN, and JIM YONG KIM. "Community-based approaches to HIV treatment in resource-poor settings." *Lancet* 358, no. 9279 (2001): 404-409.

FARUK, A., and A. ASHRAFUDDIN. "Migrant worker and mobility mapping in Dinazpur for STD and HIV/AIDS prevention. Abstract no. ThPeG8405 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

FASSIN, DIDIER. "Public health as culture. The social construction of the childhood lead poisoning epidemic in France." *British Medical Journal* 69 (2004): 167-177.

———. *When Bodies Remember: Experiences and politics of AIDS in South Africa*. Translated by Amy Jacobs and Gabrielle Varro. Edited by Robert Borofsky, California Series in Public Anthropology. Berkeley (CA): University of California Press, 2007.

FASSIN, DIDIER, and ANNE-JEANNE NAUDÉ. "Public Health: Then and Now - PLUMBISM REINVENTED - Childhood Lead Poisoning in France, 1985–1990." *American Journal of Public Health* 94, no. 11 (2004): 1854-1863.

FERRAZ, ELISABETH ANHEL, CYNTHIA TEIXEIRA DE SOUZA, LUIZA DE MARILAC DE SOUZA, JOSÉ HUMBERTO CAETANO MARINS, (CONSULTOR), and FERNANDA DELVALHAS PICCOLO, (CONSULTORA). *Caminhoneiros - Parcerias do Asfalto - Conhecimento, Atitudes e Práticas sobre HIV/AIDS em Uberlândia*. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2005.

FIGUEIREDO, REGINA, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. "Intervenção comunitária e redução da vulnerabilidade de mulheres às DST/ Aids em São Paulo, SP " *Revista de Saúde Pública* 36, no. Suplemento 4 (2002): 96-107.

FISCHER, F. M. "What do petrochemical workers, healthcare workers, and truck drivers have in common? Evaluation of sleep and alertness in Brazilian shiftworkers." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): 1732-1738.

FONSECA, CLAUDIA LEE WILLIAMS. "Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse." *Cadernos Pagu* 26 (2006): 11-43.

- FORDHAM, G. "Moral panic and the construction of national order: HIV/AIDS risk groups and moral boundaries in the creation of modern Thailand." *Critique of Anthropology* 21, no. 3 (2001): 259-316.
- FOUCAULT, MICHEL. *The birth of the clinic: An archaeology of medical perception*. London: Tavistock, 1973.
- . *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Translated by Maria Thereza Da Costa Albuquerque and J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed, Biblioteca de Filosofia e História das Ciências. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- . "Spaces of security: The example of the town. Lecture of 11th January 1978." *Political Geography* 26, no. 1 (2007): 48-56.
- FRIEDMAN, JONATHAN. "Globalization." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 179-197. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. "Estimativa da população, por município, faixa etária e sexo, Rio Grande do Sul, 2006. FONTE: FEE/CIE/NIS." edited by Secretaria Da Coordenação E Planejamento: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.
- GALVÃO, JANE. "Access to antiretroviral drugs in Brazil." *Lancet* 360, no. 9348 (2002a): 1862-1865.
- . *AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia*. 1 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: ABIA; Editora 34, 2000.
- . "As respostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS." In *Políticas, Instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil*, edited by Richard Parker. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; ABIA, 1997.
- . "A política brasileira de distribuição e produção de medicamentos anti-retrovirais: privilégio ou um direito?" *Cad Saude Publica* 18, no. 1 (2002b): 213-219.
- GAUSSET, QUENTIN. "AIDS and cultural practices in Africa: the case of the Tonga (Zambia)." *Social Science & Medicine* 52, no. 4 (2001): 509-518.
- GAWANDE, A. V., N. D. VASUDEO, S. P. ZODPEY, and D. W. KHANDAIT. "Sexually transmitted infections in long distance truck drivers." *Journal of Communicable Diseases* 32, no. 3 (2000): 212-215.

- GAYET, C., C. MAGIS-RODRIGUEZ, A. FERNANDEZ, D. SACKNOFF, L. GULI, A. E. QUIROZ, L. E. DE CASO, and R. ORTIZ-MONDRAGON. "Venue-based sexual behavior surveys for vulnerable populations. Feasibility, advantages and limitations of time location sampling: results from a Mexican experience." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GAYET, C., C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUEIROZ, N. PEDRAZA-CORPUS, and A. ZARAGOZA-TORRES. "HIV prevalence and sexual behavior among male long distance truck drivers: results from a biological and behavioral surveillance in Monterrey, Nuevo Leon, Mexico. Abstract No. CDC0321." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- GAYET, C., C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUIROZ, N. PEDRAZA-CORPUS, and A. ZARAGOZA-TORRES. "HIV prevalence and sexual behavior among male long distance truck drivers: results from a biological and behavioral surveillance in Monterrey, Nuevo Leon, Mexico. Abstract no. CDC0321 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GEERTZ, CLIFFORD. "An Inconstant Profession: The Anthropological Life in Interesting Times." *Annual Review of Anthropology* 31 (2002): 1-19.
- GERTLER, PAUL, MANISHA SHAH, and STEFFANO BERTOZZI. "Sex Sells, But Risky Sex Sell for More." 32, 2003.
- GHEBREKIDAN, HAILE, SUSAN COX, BRITTA WAHREN, and MONICA GRANDIEN. "Prevalence of infection with HIV, hepatitis B and C viruses, in four high risk groups in Eritrea." *Clinical and Diagnostic Virology* 9 (1998): 29-35.
- GIBNEY, L., N. SAQUIB, M. MACALUSO, K. N. HASAN, M. M. AZIZ, A. KHAN, and P. CHOUDHURY. "STD in Bangladesh's trucking industry: prevalence and risk factors." *British Medical Journal* 78, no. 1 (2002): 31.
- GIBNEY, L., N. SAQUIB, and J. METZGER. "Behavioral risk factors for STD/HIV transmission in Bangladesh's trucking industry." *Social Science & Medicine* 56, no. 7 (2003): 1411-1424.
- GIBNEY, LAURA, NAZMUS SAQUIB, JESSE METZGER, PARWEZ CHOUDHURY, M. A. SIDDIQUI, and M. S. HASSAN. "Human immunodeficiency virus, hepatitis B, C and D in Bangladesh's trucking industry: prevalence and risk factors." *International Journal of Epidemiology* 30, no. 4 (2001): 878-884.

- GIFFIN, KAREN, and CATHERINE M. LOWNDES. "Gender, sexuality, and the prevention of sexually transmissible diseases: a Brazilian study of clinical practice." *Social Science & Medicine* 48 (1999): 283-292.
- GLEDHILL, JOHN. "Anthropology and Politics: Commitment, Responsibility and the Academy." In *Power and its Disguises: Anthropological Perspectives*, edited by John Gledhill, 214-234. London: Pluto Press, 2000.
- GÓES, ÂNGELA. ""A política de Bush para o controle da Aids na África causou mais prejuízos que benefícios"." *O Globo Online*, 18/02/2008 2008.
- GOLDMAN, MICHAEL. "The Birth of a Discipline: Producing Authoritative Green Knowledge, World Bank-Style." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 191-217.
- GUERRIERO, IARA COELHO Z. . "GENDER AND VULNERABILITY TO THE HIV: HOW THE CONCEPTS ABOUT MASCULINITY INFLUENCE HETEROSEXUAL MEN VULNERABILITY." In *Global Forum for Health Research ; Forum 8*. Mexico City, Mexico, 2004.
- GUERRIERO, IARA COELHO Z., JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, and NORMAN HEARST. "Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP." *Rev Saúde Pública* 36, no. 4 Supl (2002): 50-60.
- GUINNESS, LORNA, LILANI KUMARANAYAKE, and LONDON SCHOOL OF PUBLIC HEALTH AND HYGIENE. "The Potential Costs and Benefits of Responding to the Mobility Aspect of the HIV Epidemic in South East Asia. A conceptual framework." edited by Lee-Nah Hsu: UNDP; South East-Asia HIV & Development, 2002.
- GULALIA, A. "Men, migration and vulnerability to HIV/AIDS. Abstract no. D12862 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- GUTMANN, MATTHEW. *Fixing Men: Sex, Birth Control and AIDS in Mexico*. 1 ed. Berkeley, CA: University of California Press, 2007.
- GYSELS, M., R. POOL, and K. BWANIKA. "Truck drivers, middlemen and commercial sex workers: AIDS and the mediation of sex in south west Uganda." *AIDS Care* 13, no. 3 (2001): 373-385.
- HAMMER, FERENC. "A GASOLINE SCENTED SINDBAD: THE TRUCK DRIVER AS A POPULAR HERO IN SOCIALIST HUNGARY." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 80 - 126.

- HANNERZ, ULF. "Cosmopolitanism." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 69-85. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- HAOUR-KNIPE, M., L. N. HSU, and S. Y. RANA. "Database and networking: HIV/AIDS prevention and care programmes for mobile populations in 1) Africa 2) South-East-Asia 3) South-and-South-West-Asia. Abstract no. TuPeF5447 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- HEARST, NORMAN, REGINA LACERDA, NEIDE GRAVATO, ESTHER SID HUDES, and RON STALL. "Reducing AIDS Risk Among Port Workers in Santos, Brazil." *American Journal of Public Health* 89, no. 1 (1999).
- HEGGENHOUGEN, H. K. "The epidemiology of functional apartheid and human rights abuses." *Soc Sci Med* 40, no. 3 (1995): 281-284.
- HOLMES, SETH M. "An Ethnographic Study of the Social Context of Migrant Health in the United States." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e448 0001-0018.
- HOPE, KEMPE RONALD. "Population Mobility and Multi-Partner Sex in Botswana: Implications for the Spread of HIV/AIDS." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 5, no. 3 (2001): 73-83.
- HOROCHOVSKI, RODRIGO ROSSI. "Associativismo civil e Estado: Um estudo sobre organizações não governamentais e sua dependência de recursos públicos." *Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* 1, no. 1 (2003): 109-127.
- HORTON, SARAH, and LOUISE LAMPHERE. "A Call to an Anthropology of Health Policy." *Anthropology News, American Anthropological Association* (2006).
- HSU, LEE-NAH, and COLIN STEENSMA. "Population Mobility in Asia: Implications for HIV/AIDS Action Programmes." In *South East Asia HIV and Development Project. Population Movement, Development and HIV/AIDS. Looking Towards the Future*, 126. Bangkok, Thailand: United Nations Development Programme, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005. Brasil. ." 1-125: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006a.
- . "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005. Brasil. Síntese de Indicadores." 263: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006b.

———. "Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000. ." 415: Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, 2001.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. "Population Mobility and HIV/AIDS." Geneva: IOM, 2004.

IOM, UNAIDS AND. "Migration and AIDS." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 445-468.

IRIART, CELIA, EMERSON ELÍAS MERHY, and HOWARD WAITZKIN. "Managed care in Latin America: the new common sense in health policy reform." *Social Science & Medicine* 52 (2001): 1243-1253.

KATSAROS, E., M. EISENBERG, W. SABRI, T. MCMAHON, S. PALJOR, R. YAMAN, B. LUISI, and L. KERR. "Experiences and reflections on delivering an HIV/AIDS programme with, and for, immigrants and mobile populations in Australia " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

KELLY, JEFFREY A. "The State of the Art in Community HIV Prevention Interventions." In *Community Interventions and AIDS: Targeting the Community Context*, edited by E. J. Trickett, 88-104. Cary, NC, USA: Oxford University Press, 2005.

KHAN, MARIA R., PADMAJA PATNAIK, LISANNE BROWN, NICOLAS NAGOT, SOULEYMANE SALOUKA, and SHARON S. WEIR. "Mobility and HIV-Related Sexual Behavior in Burkina Faso." *AIDS Behav* (2007).

KIMMEL, MICHAEL. "Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina." In *Masculinidad/es: Poder y crisis. Ediciones de las Mujeres, N. 24, Junio.*, edited by Teresa Valdés and Jose Olavarría. Santiago, Chile: Isis Internacional / FLACSO Chile, 1997.

———. "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas." *Horizontes Antropológicos* 4, no. 9 (1998): 103-117.

KISHAMAWE, COLEMAN, DEBBY C. J. VISSERS, MARK URASSA, RAPHAEL ISINGO, GABRIEL MWALUKO, GERARD BORSBOOM, HELENE A. C. M. VOETEN, BASIA ZABA, J. HABBEMA, F. DIK, and SAKE J. DE VLAS. "Mobility and HIV in Tanzanian couples: both mobile persons and their partners show increased risk." *AIDS* 20, no. 4 (2006): 601-608.

KLEIN, CHARLES, DELIA EASTON, and RICHARD PARKER. "Structural Barriers and Facilitators in HIV Prevention: A Review of International Research." In *Beyond Condoms: Alternative Approaches to HIV Prevention*, edited by Ann O'leary, 17-46. New York: KLUWER ACADEMIC PUBLISHERS, 2002.

KLEINMAN, A. *The Illness Narratives: Suffering, Healing, and the Human Condition*: Basic Books, 1989.

———. *Patients and Healers in the Context of Culture: An Exploration of the Borderland Between Anthropology, Medicine and Psychiatry*: University of California Press, 1981.

KNAUTH, DANIELA RIVA. "Morte masculina: homens portadores do vírus da AIDS sob a perspectiva feminina." In *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*, edited by Luis Fernando Dias Duarte and Ondina Fachel Leal. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

KOLLER, E. M. P., M. D. CUNHA, C. MARQUES, and M. MALTA. "Routes of HIV/AIDS: results of a rapid assessment study among truck drivers in Itajai, Southern Brazil. Abstract no. WePeE6703 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailândia 2004.

KRUSE, STEN-ERIK , TIMO KYLLÖNEN, SATU OJANPERÄ, ROGER C. RIDDELL, and JEAN VIELAJUS. "Searching for Impact and Methods: NGO Evaluation Synthesis Study. A Report produced for the OECD/DAC Expert Group on Evaluation." Helsinki, Finlândia: Department of International Development Cooperation, Ministry of Foreign Affairs, Finland, 1997.

KULIS, MARZENA , MUKESH CHAWLA, ADAM KOZIERKIEWICZ, and EMILIS SUBATA. "Truck Drivers and Casual Sex: An Inquiry into the Potential Spread of HIV/AIDS in the Baltic Region." 42. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, 2004.

L'ESTOILLE, BENOIT DE, FREDERICO NEIBURG, and LYGIA SIGAUD. *Antropologia, Impérios e Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

LACERDA, R., N. GRAVATO, W. MCFARLAND, G. RUTHERFORD, K. ISKRANT, R. STALL, and N. HEARST. "Truck drivers in Brazil: prevalence of HIV and other sexually transmitted diseases, risk behavior and potential for spread of infection." *AIDS (London, England)* 11, no. 1 (1997): 15-19.

———. "Truck drivers in Brazil: prevalence of HIV and other STD's, risk behavior, and potential for spread of infection. ." Paper presented at the IAS International Conference on AIDS, Jun 28-Jul 3 1998.

LANKOANDE, S., N. MEDA, L. SANGARE, I. P. COMPAORE, J. CATRAYE, S. ZAN, E. VAN DYCK, M. CARTOUX, and R. SOUDRE. "L'infection à VIH chez les chauffeurs routiers au Burkina-Faso : une enquête de séroprévalence [HIV infection in truck drivers in Burkina Faso: a seroprevalence survey]." *Médecine tropicale: Revue du Corps de Santé colonial* 58, no. 1 (1998): 41-46.

- LARCERDA, REGINA, RON STALL, NEIDE GRAVATO, REGINA TELLINI, ESTHER S. HUDES, and NORMAN HEARST. "HIV Infection and Risk Behaviors among Male Port Workers in Santos, Brazil." *American Journal of Public Health* 86, no. 8 (1996).
- LARSON, ANN, MARTIN BELL, and ANNE FRANCES YOUNG. "Clarifying the relationships between health and residential mobility." *Social Science & Medicine* 59, no. 10 (2004): 2149-2160.
- LEAL, ANDRÉA FACHEL. "Monitoramento e Avaliação de Projetos no Estado do Rio Grande do Sul com Financiamento do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS do Ministério da Saúde do Governo do Brasil ". Porto Alegre: Secretaria Estadual de Saúde (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), Seção de Controle de DST, HIV e AIDS, 2005.
- . "UMA ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA: ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- LEAL, ONDINA FACHEL. "Suicídio, Honra e Masculinidade na Cultura Gaúcha." *Cadernos de Antropologia / UFRGS* 6 (1992).
- LIMA, HELENA. "Relatório Final: Using RARE Methodology with Vulnerable Populations. ." In *RARE Brasil: Rapid Assessment, Response, and Evaluation*. Brasília, DF: Programa Nacional de DST-AIDS, Ministério da Saúde; Center for Disease Control and Prevention (CDC), 2005.
- LIPPMAN, S. A., J. PULERWITZ, A. REINGOLD, M. CHINAGLIA, C. OGURA, A. HUBBARD, J. VAN DAM, and J. DIAZ. "Mobility and sexual partnerships of truck drivers in southern Brazil. Oral Abstract session. Abstract no. TuOrC1200 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- LIPPMAN, SHERI A., DEANNA KERRIGAN, MAGDA CHINAGLIA, and JUAN DIAZ. "Chaos, co-existence, and the potential for collective action: HIV-related vulnerability in Brazil's international borders." *Social Science & Medicine* 64, no. 12 (2007): 2464-2475.
- LIPPMAN, SHERI A., JULIE PULERWITZ, MAGDA CHINAGLIA, ALAN HUBBARD, ARTHUR REINGOLD, and JUAN DIAZ. "Mobility and its liminal context: Exploring sexual partnering among truck drivers crossing the Southern Brazilian border." *Social Science & Medicine* 65, no. 12 (2007): 2464-2473.
- LITTLE, PAUL ELLIOT. "Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico." *Horizontes Antropológicos* 12 (2006): 85-103.

LOEWENSON, R. "Exploring equity and inclusion in the responses to AIDS." *AIDS Care* 19, no. 1 supp 1 (2007): 2 - 11.

LOPES, FERNANDA, CASSIA MARIA BUCHALLA, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. "Mulheres negras e não-negras e vulnerabilidade ao HIV/Aids no estado de São Paulo, Brasil." *Revista de Saúde Pública* 41, no. Suplemento 2 (2007): 39-46.

LYDIE, NATHALIE, and NOAH JAMIE ROBINSON. "West and Central Africa." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 469-511.

MAGIS, C., C. GAYET, M. NEGRONI, R. LEYVA, E. BRAVO-GARCIA, P. URIBE, and M. BRONFMAN. "Migration and AIDS in Mexico: recent evidence of behavior change." Paper presented at the The XV International AIDS Conference. Abstract no. TuPeC4799., Bangkok, Thailand, 11-16 July 2004.

MAJKA, LORRAINE. "Working with the vulnerable but meritorious: the non-governmental and public sectors and African refugees in Melbourne." *Journal of Sociology* 37, no. 4 (2001): 387-398.

MALINOWSKI, BRONISLAW. *Argonauts of the Western Pacific*. 3rd ed. Prospect Heights, IL (USA): Waveland Press, 1984.

MALTA, M., F. I. BASTOS, E. M. PEREIRA-KOLLER, M. D. CUNHA, C. MARQUES, and S. A. STRATHDEE. "A qualitative assessment of long distance truck drivers' vulnerability to HIV/AIDS in Itajai, southern Brazil." *AIDS Care* 18, no. 5 (2006a): 489-496.

———. "A qualitative assessment of long distance truck drivers' vulnerability to HIV/AIDS in Itajaí, southern Brazil." *AIDS Care* 18, no. 5 (2006b): 489 - 496.

MANDERSON, LENORE, and LINDA WHITEFORD. "Health, Globalization, and the Fallacy of the Level Playing Field." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford, (Ed.) and Lenore Manderson, (Ed.), 1-22. Boulder, CO.: Lynne Rienner Publishers, 2000.

MANJUNATH, J. V., D. M. THAPPA, and T. J. JAISANKAR. "Sexually transmitted diseases and sexual lifestyles of long-distance truck drivers: a clinico-epidemiologic study in south India. ." *International Journal of STD and AIDS* 13, no. 9 (2002): 612-617.

MANN, JONATHAN, and DANIEL TARANTOLA. *Aids in the world II*. New York: Oxford University Press, 1996.

- MARCK, JEFF "Long-distance truck driver sexual cultures and attempts to reduce HIV risk behaviours amongst them: a review of the African." In *Resistances to Behavioural Change to Reduce HIV/AIDS Infection*, 1999.
- MARCUS, GEORGE E. "Beyond Malinowski and After Writing Culture: On the Future of Cultural Anthropology and the Predicament of Ethnography. Plenary address to the Annual Conference of the Australian Anthropological Society held at La Trobe University, Victoria, 19 September 2001." *The Australian Journal of Anthropology* 13, no. 2 (2002): 191-199.
- . "Ethnography in/of the World Systems: The Emergence of Multi-Sited Ethnography." *Annual Review of Anthropology* 24, no. 1 (1995): 95-117.
- MARCUS, TESSA. "Is there an HIV/AIDS demonstration effect?--findings from a longitudinal study of long distance truck drivers." *Society in Transition* 32, no. 1 (2001): 110-119.
- MARKOWITZ, LISA. "Finding the field: Notes on the ethnography of NGOs." *Human Organization* 60, no. 1 (2001): 40-46.
- MASSEY, DOREEN. "A Global Sense of Place." In *Space, Place and Gender*, edited by Doreen Massey, 185-190. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MAYOCK, P. "'Scripting' risk: Young people and the construction of drug journeys." *Drugs: Education, Prevention and Policy* 12, no. 5 (2005): 349-368.
- MCKINLEY, TERRY, and DEGOL HAILU. "The Macroeconomic Debate on Scaling up HIV/AIDS Financing." *Policy Research Brief - International Poverty Center - United Nations Development Programme (UNDP)* 1 (2006): 1-4.
- MEYER, DAGMAR E. ESTERMANN, DÉBORA FALLEIROS DE MELLO, MARINA MARCOS VALADÃO, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. "'Você aprende. A gente ensina?'" Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade." *Cadernos de Saúde Pública* 22, no. 6 (2006): 1335-1342.
- MILLS, S., T. SAIDEL, R. MAGNANI, and T. BROWN. "Surveillance and modelling of HIV, STI, and risk behaviours in concentrated HIV epidemics." *Sexually Transmitted Infections* 80, no. Supplement 2 (2004): 57-62.
- MINTZ, SIDNEY W. "The Localization of Anthropological Practice: From area studies to transnationalism." *Critique of Anthropology* 18, no. 2 (1998): 117-133.
- . "Sows' Ears and Silver Linings." *Current Anthropology* 41, no. 2 (2000): 169-177.

- MOATTI, JEAN-PAUL, and YVES SOUTEYRAND. "Editorial: HIV/AIDS social and behavioural research: past advances and thoughts about the future." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1519-1532.
- MOHAMED, A., and J. C. B. PACCA. "CAP Study on Truck Drivers in Maputo/Mozambique: prevention roadblocks in a group passing through high-prevalence zones. Abstract no. D11169 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MOSOKO, JEMBIJA J., ISAAC B. MACAULEY, ANNE-CECILE B. ZOUNGKANYI, ASSUMPTA BELLA, and SINATA KOULLA-SHIRO. "Human Immunodeficiency Virus Infection and Associated Factors among Specific Population Subgroups in Cameroon." *AIDS Behav* (2007).
- MUÑOZ SÁNCHEZ, ALBA IDALY, and MARIA RITA BERTOLOZZI. "Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva?" *Ciência & Saúde Coletiva* 12 (2007): 319-324.
- NASCIMENTO, ANA MARIA GUEDES DO, CONSTANÇA SIMÕES BARBOSA, and BENEDITO MEDRADO. "Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de AIDS." *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* 5 (2005): 77-86.
- NASCIMENTO, EURÍPEDES COSTA DO, EVANIA NASCIMENTO, and JOSÉ DE PAULA SILVA. "Uso de álcool e anfetaminas entre caminhoneiros de estrada." *Revista de Saúde Pública* 41 (2007): 290-293.
- NASCIMENTO, EVANIA. "Desenvolvimento de pesquisa-ação com caminhoneiros de estrada: trabalhando na problematização as questões voltadas à sexualidade, DST/aids e drogas." Doctoral, Universidade de São Paulo, 2003.
- NASCIMENTO, EVANIA, EURIPEDES COSTA NASCIMENTO, and SANDRA V. BUENO. "Concurso de frases: interpretando os significados das questões relacionadas à AIDS entre caminhoneiros de estrada. [Concourse of slogans: interpretation of meanings of questions related to AIDS among truck drivers] " *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis* 15, no. 1 (2003): 40-46.
- NOVAES, REGINA. "Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas." *Revista Sociologia Especial - Ciência e Vida* 1, no. 2 (2007).
- NYAMURYEKUNG'E, K., U. LAUKAMM-JOSTEN, B. VUYLSTEKE, C. MBUYA, C. HAMELMANN, A. OUTWATER, R. STEEN, D. OCHENG, A. MSAUKA, and G. DALLABETTA. "STD services for women at truck stop in Tanzania:

- evaluation of acceptable approaches." *East African Medical Journal* 74, no. 6 (1997): 343-347.
- NYAMWAYA, D. O. "Anthropology and HIV/AIDS prevention in Kenya. New ways of cooperation." *AIDS Soc* 4, no. 4 (1993): 4-8.
- OLIFFE, JOHN, and JOAN L. BOTTORFF. "Innovative practice : Ethnography and men's health research." *The Journal of men's health and gender* 3, no. 1 (2006): 104-108.
- ONANA-EKEMBENE, J.-A., M. C. BEAUCHAMP, and A. DILLOW. "An adult education approach to HIV/AIDS prevention: reaching mobile groups in Cameroon. Abstract no. CDC1725 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ORTNER, SHERRY B. "Fieldwork in the Postcommunity." *Anthropology & Humanism* 22, no. 1 (1997): 61-80.
- OUELLET, LAWRENCE J. *Pedal to the Metal: The work lives of truckers*. Edited by Paula Rayman and Carmen Sirianni, Labor and Social Change. Philadelphia: Temple University Press, 1994.
- PAIVA, VERA, LIGIA RIVERO PUPO, and RENATO BARBOZA. "O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil." *Revista de Saúde Pública* 40 (2006): 109-119.
- PANDA, B. "Prevalence of Sexually Transmitted Infections and HIV among long distance truckers of Eastern India. Poster Exhibition. Abstract No. WePeC6178." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.
- PARKER, R. G., D. EASTON, and C. H. KLEIN. "Structural barriers and facilitators in HIV prevention: a review of international research." *AIDS* 14, no. Suppl 1 (2000): S22-S32.
- PARKER, RICHARD. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Translated by Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002a.
- . "Administering the Epidemic: HIV/AIDS Policy, Models of Development, and International Health." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 39-56. Boulder, CO (USA): Lynne Rienner Publishers, 2000a.
- . *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston: Beacon, 1991.

- . "HIV/Aids: avaliação democrática e a construção coletiva do conhecimento." *Revista de Saúde Pública* 36 (2002b): 2-3.
- . *Na Contramão da AIDS: Sexualidade, intervenção, política*. 1 ed. Rio de Janeiro ; São Paulo: ABIA ; Editora 34, 2000b.
- . "Prefácio." In *RESPOSTAS AOS DESAFIOS DA AIDS NO BRASIL: LIMITES E POSSIBILIDADES*, edited by Mary Garcia Castro and Lorena Bernadete Da Silva, 608. Brasília, DF: UNESCO / Ministério da Saúde, 2005.
- PARKER, RICHARD, (ORG.), and REGINA MARIA BARBOSA, (ORG.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996.
- PARKER, RICHARD, and KENNETH ROCHEL DE CAMARGO, JR. "Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos." *Cad Saude Publica* 16, no. Suplemento 1 (2000): S89-S102.
- PARKER, RICHARD G. "Bodies and Pleasures: On the Construction of Erotic Meanings in Contemporary Brazil." *Anthropology & Humanism Quarterly* 14, no. 2 (1989): 58-64.
- PECHENY, MARIO. "Sociability, secrets and identities: Key issues in sexual politics in Latin America." In *Seminar of ILAS, University of Columbia*. New York, 2004.
- PFEIFFER, JAMES. "Civil Society, NGOs and the Holy Spirit in Mozambique." *Human Organization* 63, no. 3 (2004a): 359-372.
- . "International NGOs and primary health care in Mozambique: the need for a new model of collaboration." *Social Science & Medicine* 56 (2003): 725-738.
- . "International NGOs in the Mozambique Health Sector: The "Velvet Glove" of Privatization." In *Unhealthy Health Policy: A Critical Anthropological Examination*, edited by Arachu Castro and Merrill Singer, 43-62. Walnut Creek (MA): Altamira Press, 2004b.
- PINTO, CELI REGINA JARDIM. "As ONGs e a Política no Brasil: Presença de Novos Atores." *DADOS - Revista de Ciências Sociais* 49, no. 3 (2006): 651-670.
- PODHISITA, C., M. J. WAWER, A. PRAMUALRATANA, U. KANUNGSUKKASEM, and R. MCNAMARA. "Multiple sexual partners and condom use among long-distance truck drivers in Thailand." *AIDS Education and Prevention: official publication of the International Society for AIDS Education* 8, no. 6 (1996): 490-498.

POLAINE-BROWN, L. H. "Baseline behavioural survey of long distance truck drivers, sex workers and community members in 3 provinces of Mozambique; Nampula, Tete and Zambezia. Abstract no. TuPeD5222 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

PORTO, MARCELO FIRPO DE SOUZA. "VULNERABILIDADE E SITUAÇÕES DE RISCO EM GRUPOS POPULACIONAIS EXPOSTOS A RISCOS OCUPACIONAIS E AMBIENTAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO. GT População e Meio Ambiente. Poster com Apresentação Oral. ." In *International Union for Scientific Study of Population* Salvador, BA: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2001.

PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS. "85ª Reunião Ordinária da CNAIDS. 22 de Maio de 2007. Brasília – DF (Hotel Saint Paul. Setor Hoteleiro Sul. Quadra 02, Bloco "H".) Coordenação: Drª Mariângela Simão, Diretora do PN-DST/Aids." edited by Cnaids: Ministério da Saúde, Brasil, 2007.

———. "Campanhas de massa e ações de impacto. ." edited by Programa Nacional De Dst Unidade De Prevenção, Hiv E Aids, Ministério Da Saúde. : Ministério da Saúde, Brasil, 2004.

———. "Concorrência Descentralizada do Rio Grande do Sul, Outubro de 2000. ." <http://www.aids.gov.br/c-geral/ong/riograndedosul.htm>.

———. "Descentralização." Ministério da Saúde, Brasil, <http://www.aids.gov.br/final/parcerias/descentraliza.asp>.

———. "Distribuição dos Projetos de ONG apoiados - 1993-1998/Junho." Brasília, DF: Ministério da Saúde, Brasil, 1998.

———. "Missão do Programa Nacional, Política de Incentivo." Ministério da Saúde, <http://www.AIDS.gov.br/data/Pages/LUMIS7A1D4F9DITEMIDDC40E14B314B4E44BB040EA6B6B9841CPTBRIE.htm>.

———. "Política de Reconhecimento e Apoio às Organizações da Sociedade Civil que Atuam Contra a AIDS." edited by Secretaria De Políticas De Saúde Cn-Dst E Aids / Scdh: Ministério da Saúde, Brasil 2001.

PULERWITZ, J., S. LIPPMAN, M. S. SETÚBAL, M. CHINAGLIA, C. TAKAE-OGURA, J. VAN DAM, and J. DÍAZ. "Measuring "compounded" HIV/AIDS stigma among truckers in Brazil. Oral Abstract session: Abstract no. WeOrD1254." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailândia 2004.

PUPO, L. R., V. C. COSTA, M. BERSANI, D. GONÇALVES, and S. CARAVIERI. "STD/AIDS prevention among load transportation workers: strategies and

challenges to implement an institutional prevention program with truck drivers
" Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.

RABOTNIKOF, NORA. "La caracterización de la sociedad civil: Perspectiva de los bancos multilaterales de desarrollo." *NUEVA SOCIEDAD* 171 (2001): 27-46.

RAMÍREZ, RAFAEL LUIS. "Nosotros los Boricuas." In *Ediciones de las Mujeres*, edited by Teresa Valdés and Jose Olavarría. Santiago, Chile: Isis Internacional / FLACSO Chile / Ediciones de las Mujeres, N. 24, Junio, 1997.

RAMJEE, G., and E. GOUWS. "Prevalence of HIV among truck drivers visiting sex workers in KwaZulu-Natal, South Africa." *Sexually transmitted diseases* 29, no. 1 (2002): 44-49.

RAO, K. S., R. D. PILLI, A. S. RAO, and P. S. CHALAM. "Sexual lifestyle of long distance lorry drivers in India: questionnaire survey." *BMJ* 318, no. 7177 (1999): 162-163.

RAU, B. "The politics of civil society in confronting HIV/AIDS." *International Affairs* 82, no. 2 (2006): 285-295.

REDCLIFT, MICHAEL R. "Sustainable development (1987-2005): an oxymoron comes of age." *Horizontes Antropológicos* 12 (2006): 65-84.

RENNER, DEBBY A. "Cross-country Truck Drivers: A Vulnerable Population." *Nursing Outlook* 46, no. 4 (1998): 164-168.

RIBEIRO, GUSTAVO LINS. "Da Prefeitura ao Banco Mundial. Para uma metodologia da ação política com relação aos grandes projetos." In *Desenvolvimento e Direitos Humanos: A responsabilidade do antropólogo*, edited by Antonio A. Arantes, Guillermo R. Ruben and Guita G. Debert, 103-107. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

———. "Planet Bank: Ethnic Diversity in the World Bank. Planeta Banco: Diversidad Étnica en el Banco Mundial." In *Estudios Latinoamericanos sobre Cultura y Transformaciones Sociales en Tiempos de Globalización*, edited by Daniel Mato. Buenos Aires: CLACSO-UNESCO, 2001.

ROCK, MELANIE. "Death, Taxes, Public Opinion, and the Midas Touch of Mary Tyler Moore: Accounting for Promises by Politicians to Help Avert and Control Diabetes." *Medical Anthropology Quarterly* 17, no. 2 (2003): 200-232.

RODRIGUES, ANTÔNIO LUIZ, JR., and EUCLIDES AYRES DE CASTILHO. "A epidemia de AIDS no Brasil, 1991-2000: descrição espaço-temporal." *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 37, no. 4 (2004).

- ROSA, IVANI. "Trilhando caminhos e perseguindo sonhos: Histórias e memórias de caminhoneiros." Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- ROUSE, ROGER CHRISTOPHER. "Mexican migration to the United States: family relations in the development of a transnational migrant circuit." Stanford University, 1989.
- SAHLINS, MARSHALL. "O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I)." *Mana* 3 (1997a): 41-73.
- . "O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II)." *Mana* 3 (1997b): 103-150.
- SAID, EDWARD W. *Culture and Imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.
- . "Representing the Colonized: Anthropology's Interlocutors." *Critical Inquiry* 15, no. 2 (1989): 205-225.
- SALOMON, JOSHUA A., DANIEL R. HOGAN, JOHN STOVER, KAREN A. STANECKI, NEFF WALKER, PETER D. GHYS, and BERNHARD SCHWARTLÄNDER. "Integrating HIV prevention and treatment: from slogans to impact." *PLoS medicine* 2, no. 1 (2005): e16.
- SANTOS, LUCIANO ELOI. "AIDS na Estrada, Carga Pesada. O "Olhar" dos Caminhoneiros Frente à DST/AIDS." Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- SCHOEPP, BROOKE GRUNDFEST. "AIDS." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 37-54. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS. "APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO (GTMA/RS)." Secretaria Estadual de Saúde, Departamento de Ações em Saúde, Seção de Controle de DST HIV e AIDS, <http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=1254>.
- . "Concorrência de Projetos Comunitários de OSC-2001. Projetos de Concorrência Descentralizada. Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2001a.
- . "Edital de Seleção de Projetos Comunitários, de ONG e de Outras Entidades da Sociedade Civil que Trabalham na Prevenção e Assistência às

- DST/HIV/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2000.
- . "Edital: Seleção de Projetos Comunitários, de ONG e de Outras Entidades da Sociedade Civil que Trabalham na Prevenção e Assistência às DST/HIV/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2001b.
- SEELEY, J. A., and E. H. ALLISON. "HIV/AIDS in fishing communities: Challenges to delivering antiretroviral therapy to vulnerable groups." *AIDS Care - Psychological and Socio-Medical Aspects of AIDS/HIV* 17, no. 6 (2005): 688-697.
- SENA, MARCELO FONSECA MONTEIRO DE. "AS CONDIÇÕES E CAUSAS DOS ACIDENTES DE TRABALHO DOS CAMINHONEIROS." Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- SENSUS PESQUISA E CONSULTORIA. "Relatório: O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E AS ASPIRAÇÕES DOS CAMINHONEIROS NO PAÍS." 17. Belo Horizonte, MG: Confederação Nacional de Transporte (CNT); SEST/SENAT, 1999.
- SHTARKSHALL, R., and V. SOSKOLNE. *Migrant Populations and HIV*, UNAIDS Best Practice – Key Material: UNESCO; UNAIDS, 2000.
- SIGONA, NANDO. "How Can a `Nomad' be a `Refugee'?: Kosovo Roma and Labelling Policy in Italy." *Sociology* 37, no. 1 (2003): 69-79.
- SILVA, OVANDIR ALVES, JULIA M. D. GREVE, MAURÍCIO YONAMINE, and VILMA LEYTON. "Drug Use by Truck Drivers in Brazil." *Drugs: Education, Prevention & Policy* 10, no. 2 (2003): 135-139.
- SINGER, MERRILL, and HANS A. BAER. *Critical medical anthropology*, Critical approaches in the health social sciences series. Amityville, N.Y.: Baywood Pub. Co., 1995.
- SINGH, G.B., D.S. DHALIWAL, A.S. SEKHON, K. KAUR, S. SINGH, and P. KAUR. "Seroprevalence of HIV among truck drivers." *Indian Journal of Community Medicine* 24, no. 4 (1999): 153-157.
- SINGH, J., and R. SAINI. "Perceptual barriers to condom use amongst truckers in northern India. Abstract no. MoPeD3968 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

- SINGH, Y. N., and A. N. MALAVIYA. "Long distance truck drivers in India: HIV infection and their possible role in disseminating HIV into rural areas." *International Journal of STD and AIDS* 5, no. 2 (1994): 137-138.
- SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT. "Country Profile. HIV/AIDS. Guinea." 4. Washington, DC: U.S. Agency for International Development (USAID), Bureau for Global Health, 2002.
- . "Health Profile: West Africa. HIV/AIDS." 9. Accra, Ghana: U.S. Agency for International Development (USAID); USAID West African Regional Program, 2005.
- SOLOMON, ANDREW J., JOHN T. DOUCETTE, ELIZABETH GARLAND, and THOMAS MCGINN. "Healthcare and the long haul: Long distance truck drivers - a medically underserved population." *American Journal of Industrial Medicine* 46, no. 5 (2004): 463-471.
- SONMEZ, S., Y. APOSTOLOPOULOS, J. KRONENFELD, and S. YANG. "Risk networks of truckers and STIs in North America: drawing parallels with sub-Saharan and Indian cases " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.
- SÖNMEZ, SEVIL. "TRUCKERS AND COMMUNITY HEALTH PROJECT: The National Institutes of Health Funds Emory University's Medical School to Study the Sexual Health of Long-Haul Truckers " Mobility and Population Health Office, Department of Family and Preventive Medicine, Emory University School of Medicine, http://www.fpm.emory.edu/prev_med/Truckers/research.htm.
- SÖNMEZ, SEVIL, and YORGHOS APOSTOLOPOULOS. "THE GEOGRAPHY OF DISEASE RISK IN AMERICAN INNER-CITY TRUCKSTOPS." In *THE 5TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON URBAN HEALTH (ICUH)*. AMSTERDAM, THE NETHERLANDS: International Society on Urban Health (ISUH), 2006.
- SORENSEN, W., P. B. ANDERSON, R. SPEAKER, and J. E. VILCHES. "Assessment of condom use among Bolivian truck drivers through the lens of social cognitive theory." *Health Promotion International* 22, no. 1 (2007): 37.
- SORENSEN, W. C. "USING MIXED METHODOLOGY TO ASSESS HIGH RISK SEXUAL BEHAVIOR AND ADULT STAGE AMONG BOLIVIAN TRUCK DRIVERS." Tulane University, 2003.
- SORENSEN, WILLIAM, PETER B. ANDERSON, RICHARD SPEAKER, SAUL MENACHO, and JOSE ENRIQUE VILCHES. "Heterosexual STI/HIV Risk

Assessment Among Bolivian Truck Drivers Using Mixed Methodology." *International Electronic Journal of Health Education* 10 (2007): 9-18.

SOSKOLNE, VARDA, and RONNY A. SHTARKSHALL. "Migration and HIV prevention programmes: linking structural factors, culture, and individual behaviour--an Israeli experience." *Social Science & Medicine* 55, no. 8 (2002): 1297-1307.

SOUZA, J. C., T. PAIVA, and R. REIMÃO. "Sleep habits, sleepiness and accidents among truck drivers." *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 63 (2005): 925-930.

SOUZA, JOSÉ CARLOS. "Sleep, habits, quality of life and accidents in truck drivers of Brazil and Portugal." *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 62 (2004): 1113-1114.

STOLLER, PAUL. "Crossroads: Tracing African paths on New York City streets." *Ethnography* 3, no. 1 (2002): 35-62.

STRATFORD, D., T. V. ELLERBROCK, J. K. AKINS, and H. L. HALL. "Highway cowboys, old hands, and Christian truckers: risk behavior for human immunodeficiency virus infection among long-haul truckers in Florida." *Social Science & Medicine* 50, no. 5 (2000): 737-749.

SUNMOLA, A. M. "Sexual practices, barriers to condom use and its consistent use among long distance truck drivers in Nigeria." *AIDS Care* 17, no. 2 (2005): 208-221.

SWARNKAR, B. K., R. SHAH, and D. AGNEEHOTRI. "Strengthening prevention of STI/HIV/AIDS among truckers in Indore, India. Abstract no. CDC1733 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

SWEAT, M. , and J. A. DENISON. "Reducing HIV incidence in developing countries with structural and environmental interventions." *AIDS* 9, no. Suppl. A (1995): S251-S257.

SZWARCWALD, CÉLIA LANDMANN, and PAULO ROBERTO BORGES DE SOUZA, JR. "Estimativa de prevalência de HIV na população brasileira de 15 a 49 anos, 2004." edited by Boletim Epidemiológico: Programa Nacional de DST e AIDS, 2006.

TANZANIA FORUM GROUP ON TRANSPORT, DAR ES SALAAM. "Mitigating the Impact of HIV/AIDS in Transport Sector Activities: A Synthesis of Literature." 35. Pretoria, South Africa: CSIR: Transportek, 2004.

- TARANTOLA, DANIEL. "Expanding the global response to HIV/AIDS through focused action. Reducing risk and vulnerability: definitions, rational and pathways." In *UNAIDS Best Practice Collection Key Material*, 17. Geneva: UNAIDS, 1998.
- TAYLOR, JULIE J. "Assisting or compromising intervention? The concept of 'culture' in biomedical and social research on HIV/AIDS." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 965-975.
- TEIXEIRA, ANA CLÁUDIA CHAVES. "Civil Society and Governance: Draft Country Reports." In *2nd International Conference in Cape Town*. Cape Town, South Africa: Civil Society and Governance, Institute of Development Studies, Sussex UK, 2000.
- . "Civil Society and Governance: Draft Country Reports for the 2nd International Conference in Cape Town. Civil Society and Governance." Sussex, UK: Institute of Development Studies (IDS)
- TEIXEIRA, ANA CLAUDIA, CARLA ALMEIDA SILVA, and EVELINA DAGNINO. "The Brazilian Report on Civil Society. ." In *In Civil Society and Governance Project*. IDS Sussex, UK: IDS, 2000.
- TEIXEIRA, PAULO ROBERTO. "Políticas públicas em AIDS." In *Políticas, instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil*, edited by Richard Parker, 43-68. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ABIA, 1997.
- TEP, N. V., M. D. OUK, and V. T. UNG. "Mobile populations and their vulnerability to HIV/AIDS transmission " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- THAMMALANGSY, S., V. RASBOUTH, V. PHOSALATH, and K. GARY. "Enhancing cross border cooperation in Kayson, Savanakhet to reduce HIV vulnerability of migrants and mobile populations." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- THAPPA, D. M., J. V. MANJUNATH, and K. KARTIKEYAN. "Truck drivers-at increased risk of HIV infection amongst STD clinic attendees." *Indian Journal of Dermatology, Venereology and Leprology* 68 (2002): 312.
- THAYER, MILLIE. "Transnational Feminism: Reading Joan Scott in the Brazilian Sertao." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 243-271.
- THE WORLD BANK. "Loan Agreement (Third AIDS and STD Control Project) between Federative Republic of Brazil and International Bank for Reconstruction and Development." Washington, DC: International Bank for Reconstruction and Development (BIRD), 2003a.

———. "Relatório do Projeto Brasil-BR: Projeto de Controle de AIDS e DST III." Washington, DC, 2003b.

THE WORLD BANK, HUMAN DEVELOPMENT SECTOR MANAGEMENT UNIT. "Implementation Completion Report (CPL-43920) On a Loan in the Amount of US\$165.0 Million to the Federative Republic of Brazil for a Second AIDS and STD Control Project ". Brasília, DF: Brazil Country Management Unit, Latin America and the Caribbean Region Human Development 2004.

THE WORLD BANK, SECTOR AND THEMATIC EVALUATION GROUP. "Project Performance Assessment Report. Brazil. First and Second AIDS and STD Control Projects (Loan 3659-BR and 4392-BR)." Washington, DC: Operations Evaluation Department, 2004.

TUCKER, J. D., G. E. HENDERSON, T. F. WANG, Y. Y. HUANG, W. PARISH, S. M. PAN, X. S. CHEN, and M. S. COHEN. "Surplus men, sex work, and the spread of HIV in China." *AIDS* 19, no. 6 (2005): 539-547.

UBAIDULLAH, M. "Social Vaccine for HIV Prevention: A Study on Truck Drivers in South India." *Social Work in Health Care* 39, no. 3/4 (2004): 399-414.

UNAIDS. "Brazil Country Situation Analysis." Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, <http://www.unaids.org/en/Regions/Countries/Countries/brazil.asp>.

———. "Population Mobility and AIDS. UNAIDS Technical Update." In *UNAIDS Best Practice Collection*, 16. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2001.

———. "UNAIDS' Terminology Guidelines." 20. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2007a.

———. "UNAIDS' Terminology Guidelines." 20. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2008.

———. "UNAIDS practical guidelines for intensifying HIV prevention: Towards universal access." 66. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS [UNAIDS], 2007b.

———. "Words are not neutral against HIV." UNAIDS, http://www.unaids.org/en/KnowledgeCentre/Resources/FeatureStories/archive/2007/20070103_featurestory_Words.asp.

UNAIDS/WHO. "AIDS epidemic update : December 2007." 60. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS) and World Health Organization (WHO), 2007.

———. "Epidemiological Fact Sheets on HIV/AIDS and Sexually Transmitted Infections, Niger. ." Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS & World Health Organization, 2002a.

———. "Focus: AIDS and Mobile Populations. Report on the global HIV/AIDS epidemic." 114-119: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS & World Health Organization, 2002b.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. "The Necessity of Responding to HIV Vulnerability Resulting from Development Related Population Movement." UNDP, 2005.

URETSKY, E. "Mobile men with money: spreading vulnerability to HIV through contemporary cultures of male sexuality and masculinity in urban China." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

VALWAY, S. , S. JENISON, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening in long distance truck drivers, New Mexico, USA. Abstract No. CDC0185." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.

VALWAY, S., S. JENISON, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening in long distance truck drivers, New Mexico, USA." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006a.

———. "Sex workers at truck stops: HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening, New Mexico, USA. Abstract no. TUPE0304 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006b.

VAN CAMPENHOUDT, L. "Operationalizing theories for further research." In *Sexual Interaction and HIV Risk. New Conceptual Perspectives in European Research*, edited by L. Van Campenhoudt, M. Cohen, G. Guizzardi and D. Hausser, 181-187. London: Taylor & Francis, 1997.

VAN WILLIGEN, J. *Applied Anthropology: An Introduction*: Bergin & Garvey, 2002.

VÍCTORA, CERES, and DANIELA RIVA KNAUTH. "Trajetórias e vulnerabilidade masculina." *Revista Antropológica* 6 (1999): 23-28.

- VILLARINHO, L., I. BEZERRA, and R. LACERDA. "Caminhoneiros de rota curta e sua vulnerabilidade ao HIV, Santos, SP." *Rev. Saúde Pública* 36, no. Suplemento 4 (2002): S61-S67.
- VILLELA, WILZA VIEIRA. "Das interfaces entre os níveis governamentais e a sociedade civil." In *Saúde, Desenvolvimento e Política: Respostas frente à AIDS no Brasil*, edited by Richard Parker, J. Galvao and Marcelo S. Bessa, 177-224. Rio de Janeiro São Paulo: ABIA Editora 34, 1999.
- VISSERS, DEBBY C. J., COLEMAN KISHAMAWE, MARK URASSA, RAPHAEL ISINGO, GABRIEL MWALUKO, HÉLÈNE VOETEN, BASIA ZABA, DIK HABBEMA, and SAKE VLAS. "Mobility and HIV risk in Tanzanian couples: "When the cat's away, the mice will play"." 4. Rotterdam, The Netherlands: Dept. of Public Health, Erasmus University Medical Center, 2005.
- WEBER, FLORENCE. "Settings, Interactions and Things: A Plea for Multi-Integrative Ethnography." *Ethnography* 2, no. 4 (2001): 475-499.
- WHITEFORD, LINDA. "Local identity, globalization and health in Cuba and the Dominican Republic." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 57-78. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.
- WHITESIDE, A. "How the transport sector drives HIV/AIDS—and how HIV/AIDS drives transport." *AIDS Analysis Africa* 8, no. 2 (1998).
- WILLIAMSON, ANN. "Predictors of Psychostimulant Use by Long-Distance Truck Drivers." *Am. J. Epidemiol.* 166, no. 11 (2007): 1320-1326.
- WONG, WILLIAM C. W., SIUMI MARIA TAM, and PHIL W. S. LEUNG. "Cross-Border Truck Drivers in Hong Kong: Their Psychological Health, Sexual Dysfunctions and Sexual Risk Behaviors." *Journal of Travel Medicine* 14, no. 1 (2007): 20-30.
- YEBOAH, IAN E. A. "HIV/AIDS and the construction of Sub-Saharan Africa: Heuristic lessons from the social sciences for policy." *Social Science & Medicine* 64, no. 5 (2007): 1128-1150.
- ZAROWSKY, CHRISTINA. "Poverty, Pity, and the Erasure of Power: Somali Refugee Dependency." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 177-204. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

***“No peito e na raça” – a construção da vulnerabilidade de
caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas
públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil***

Volume II: Anexos

Andréa Fachel Leal

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“No peito e na raça” – a construção da vulnerabilidade de
caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas
públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil**

Volume II: Anexos

Andréa Fachel Leal

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia.

PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008.

Folha de Aprovação

Andréa Fachel Leal

“No peito e na raça”

A construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Antropologia.

Aprovado em 05 de maio de 2008, com conceito A, por unanimidade.

Banca examinadora

Daniela Riva Knauth

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Ivan França Júnior

Componente da Banca Examinadora

Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP)

Luis Henrique Santos

Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS)

Cornélia Eckert

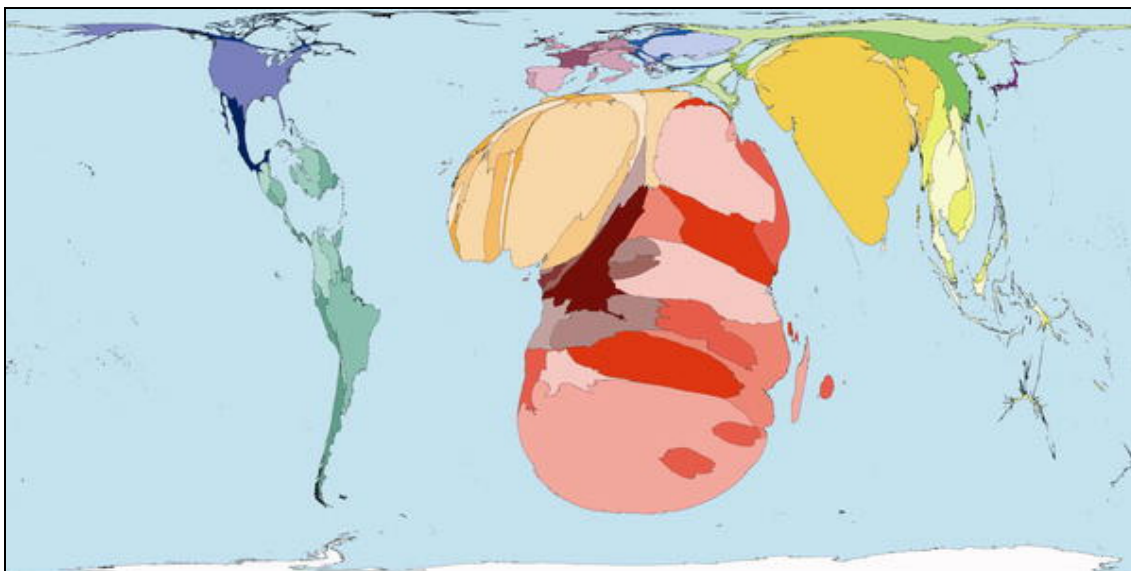
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Anexos

Anexo 1 – Ilustração. Mapa da distribuição desigual da prevalência de HIV/AIDS no mundo.	1
Anexo 2 – Tabela. Dados censitários relativos ao Setor de Transporte Terrestre.	2
Anexo 3 – Quadro. Resumo de revisão de estudos avaliativos de políticas ou programas de saúde nacionais.	3
Anexo 4 – Quadro. Resumo de revisão de avaliações nacionais no campo da AIDS.	5
Anexo 5 – Quadro. Resumo de estudos de prevalência de HIV/AIDS ou IST com perguntas sobre conhecimentos, atitudes e práticas (CAP) com caminhoneiros.	6
Anexo 6 – Quadro. Resumo de estudos com caminhoneiros que não sejam de prevalência de HIV/AIDS ou IST.	20
Anexo 7 – Roteiro de entrevista semi-estruturada para caminhoneiros.	53
Anexo 8 – Roteiro de entrevista semi-estruturada com profissionais do sexo.	57
Anexo 9 – Termo de Consentimento Informado.	60
Anexo 10 – Descrição detalhada da amostra do <i>survey</i> com caminhoneiros.	61
Cálculo inicial do tamanho da amostra, baseado nas primeiras informações fornecidas pelas visitas aos postos e o Estudo Qualitativo.	61
Estudo Piloto.	61
Cálculo final do tamanho da amostra.	62
Novas informações para o cálculo do tamanho da amostra.	62
Considerações sobre o Cálculo do Tamanho da Amostra.	63
O que está sendo feito em relação à seleção da amostra.	66
Anexo 11 – Questionário. Instrumento do piloto.	68
Anexo 12 – Questionário. Instrumento do <i>survey</i>	80
Anexo 13 – Modelo de camiseta usado no uniforme da equipe em trabalho de campo da pesquisa PROSARE.	91
Anexo 14 – Quadro resumo da equipe de pesquisadores assistentes treinada para o projeto PROSARE.	92
Anexo 15 – Tabela. Dados sócio-demográficos dos caminhoneiros entrevistados.	95
Anexo 16 – Lista de referências bibliográficas, organizadas no sistema EndNote, com estudos revisados para a tese de doutorado.	97

Anexo 1 – Ilustração. Mapa da distribuição desigual da prevalência de HIV/AIDS no mundo.

Ilustração 1 - Mapa representando a distribuição desigual da prevalência de HIV/AIDS no mundo; o tamanho do território de cada país é proporcional ao número estimado de habitantes que têm o vírus HIV, com idade entre 15-49. Fonte: Mapa 227, Worldmapper, <http://www.worldmapper.org/display.php?selected=227>



Anexo 2 – Tabela. Dados censitários relativos ao Setor de Transporte Terrestre.

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000 relativos às pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal. Informações sobre o Setor de Transporte Terrestre, especificando o transporte rodoviário de cargas.

Sexo	Seção, divisão e classe de atividade do trabalho principal		Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (N)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência (%)
Homens	Setor de Transporte terrestre em geral (9.1)		2.251.407	93,24
		<i>Transporte rodoviário de carga - exceto de mudanças (9.1.3)</i>	970.208	
		<i>Transporte rodoviário de mudanças (9.1.4)</i>	14.061	
Mulheres	Setor de Transporte terrestre em geral (9.1)		163.170	6,76
		<i>Transporte rodoviário de carga - exceto de mudanças (9.1.3)</i>	42.008	
		<i>Transporte rodoviário de mudanças (9.1.4)</i>	816	
Total	Setor de Transporte terrestre em geral (9.1)		2.414.577	100
		<i>Transporte rodoviário de carga - exceto de mudanças (9.1.3)</i>	1.012.216	
		<i>Transporte rodoviário de mudanças (9.1.4)</i>	14.878	

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Tabela 2968. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=t&o=1&i=P> consultado em janeiro de 2007.

Anexo 3 – Quadro. Resumo de revisão de estudos avaliativos de políticas ou programas de saúde nacionais.

Quadro 1 Resumo da revisão dos estudos avaliativos de políticas e/ou programas de saúde nacionais, exceção feita às avaliações no campo da HIV/AIDS

Programas ou Política de Saúde / no Campo da Saúde	Tema	Referências
Geral	estudo sobre o modelo de saúde integral preconizado pelo SUS	(Pinotti, et al., 2001)
Geral	uma avaliação do serviço de enfermagem em Porto Alegre (RS)	(Witt, et al., 2002)
Mulher	Atenção ao pré-natal ou ao parto	(Vasconcelos and Hamann, 2005;Dias-da-Costa, et al., 2000;Coutinho, et al., 2003;Perim and Passos, 2005;Carvalho and Novaes, 2004;Nagahama and Santiago, 2006;Serruya, et al., 2004;Moura, et al., 2003;Santos, et al., 2000)
Mulher	Aleitamento materno	(Gigante, et al., 2002;Castro and Monteiro, 2002;Oliveira and Camacho, 2002;Lana, et al., 2004;Faleiros, et al., 2005)
Mulher	Serviços (atendimento ginecológico, planejamento familiar, oferta de métodos contraceptivos)	(Moura and Silva, 2005)
Mulher	Violência contra mulher	(Oliveira, et al., 2005;Zilberman and Blume, 2005;Meneghel, et al., 2005;Porto, et al., 2003;Schraiber, et al., 2002;Schraiber, D'Oliveira, Couto, et al., 2007;Schraiber, D'Oliveira, França-Junior, et al., 2007;Lima, et al., 2007;Moraes, et al., 2002;Alves and Coura-Filho, 2001;Zaluar and Leal, 2001;Reichenheim, et al., 2000;Meneghel, et al., 2000)
Criança	Estudos avaliativos gerais	(Samico, et al., 2005;Figueiras, et al., 2003)
Criança	Estado nutricional e crescimento das crianças	(Cuervo, et al., 2005;Ratis and Batista Filho, 2004;Gigante, et al., 2003;Lei, et al., 1989)
Criança	Programas de merenda escolar	(Spinelli and Canesqui, 2004;Pontieri, et al., 1981;Fernandes and Gandra, 1981)

Programas ou Política de Saúde / no Campo da Saúde	Tema	Referências
Criança	Violência contra crianças	(Grassi-Oliveira, et al., 2006;Reichenheim and Moraes, 2006;Pfeiffer and Salvagni, 2005;Brancahona, et al., 2004;Weber, et al., 2004;Reichenheim and Moraes, 2003;Gonçalves, et al., 1999;Davoli, et al., 1994)
Adolescente	Saúde do adolescente	(Lira and Dimenstein, 2004;Bursztyn and Ribeiro, 2005;Formigli, et al., 2000;Ruzany, et al., 2002)
Adolescente	Violência ou uso de substâncias por parte de adolescentes	(Avanci, et al., 2005;Pechansky, et al., 2004;Vermelho and Jorge, 1996)
Adolescente	Educação e sexualidade	(Díaz, et al., 2005;Saito, 1998)

Anexo 4 – Quadro. Resumo de revisão de avaliações nacionais no campo da AIDS.

Quadro 2 - Resumo da revisão de avaliações nacionais no campo HIV/AIDS

Tema	Referência
Avaliação em geral	Coleção Fundamentos da Avaliação da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) (Spink, 2001 ;Araújo, 2000 ;Nemes, 2000 ;Sessions, 2000)
Assistência ambulatorial	(Melchior, et al., 2006;Nemes, et al., 2004;Gomes, et al., 1999)
Assistência prestada a gestantes e parturientes soropositivas	(Vasconcelos and Hamann, 2005)
Serviços de aconselhamento e testagem vinculados ao SUS	(Minayo, et al., 1999;Figueiras and Deslandes, 1999;Biehl, et al., 2001)
Serviços oferecidos aos usuários em clínicas de referência para tratamento de HIV/AIDS	(Segurado, et al., 2003)
Assistência farmacêutica	(Oliveira, et al., 2002;Carmody, et al., 2003;Cardoso, 1998)
Avaliação epidemiológica (perspectiva bio-médica)	(Otani, et al., 2003;Matida and Camacho, 2004;Haraki, et al., 2005)
Percepções de risco à epidemia de alguns grupos sociais	(Ferreira, 2003;Figueiredo and Fiorini, 1997)
Estudos de intervenções (campanhas diversas) para conter os avanços da epidemia de HIV/AIDS	(Porto, 2005;Hearst, et al., 1999;Sipan, et al., 1996)
Estudos de campanhas dentro do ambiente escolar	(Gomes, et al., 2005;Carvalho, 1998;Rua and Abramovay, 2001;Schall, et al., 1999)

Anexo 5 – Quadro. Resumo de estudos de prevalência de HIV/AIDS ou IST com perguntas sobre conhecimentos, atitudes e práticas (CAP) com caminhoneiros.

Quadro 3 - Resumo de estudos revisados acerca de caminhoneiros e a epidemia de HIV/AIDS, destacando dentre os estudos de prevalência para infecções sexualmente transmissíveis e para HIV, aqueles elementos relativos a comportamentos, práticas e crenças da população pesquisada.

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
África, África do Sul	<p>Pesquisa que buscou determinar a prevalência de HIV e fazer um levantamento de comportamentos sexuais dos motoristas que visitam prostitutas em pontos de concentração e de parada de caminhões. Todos os caminhoneiros eram homens, com idade média de 37 anos; a idade média das prostitutas era de 25. 37% paravam ao longo da rodovia para ter relações sexuais; 29% nunca utiliza preservativo nas relações com profissionais do sexo. 13% já fez uso do preservativo nas relações com a esposa. O coito anal foi relatado por 42% dos homens. A maioria dos homens (60%) relatou ter tido uma IST nos últimos 6 meses. A prevalência de HIV global, do grupo combinado de caminhoneiros e de profissionais do</p>	<p>Foram escolhidos cinco locais de concentração e parada de caminhões, em KwaZulu-Natal, e em cada um dos locais duas profissionais do sexo foram treinadas, de modo que elas solicitavam o consentimento informado e aplicavam o questionário, além de coletarem amostras de saliva dos seus clientes. As informações relativas às próprias profissionais do sexo atuando nestas localidades foram obtidas de uma pesquisa testando atualmente um microbicida vaginal.</p>	<p>(G. RAMJEE and E. GOUWS, 2002)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	sexo, foi de 56%.		
África, Tanzânia	<p>Premissa de que caminhoneiros e suas parceiras sexuais têm um efeito desproporcional sobre a dinâmica da transmissão de ISTs, incluindo HIV. As mulheres foram convidadas a participar de estudo para testar a aceitabilidade e factibilidade de quatro abordagens para a prevenção de IST: serviços especiais oferecidos duas vezes por semana num sítio e em horários escolhidos pelas mulheres; serviços clínicos especiais comunitários para mulheres a cada 3 meses; integração de serviços de ISTs no centro de saúde primário mais próximo; fornecimento de medicamentos para ISTs. Grande parte das pessoas que participou do estudo trabalhava na venda de bebidas alcoólicas (47,2%), atendia em bares (27%) ou trabalhava como pequenas comerciantes (21,1%); a idade média das mulheres era 27,3 anos. A prevalência para HIV em geral foi mais de 50%. Houve maior número de mulheres freqüentando os serviços quando estes estavam localizados fora de um centro de saúde (1,23) ou em horários</p>	<p>Foram recrutadas, em sete pontos de parada de caminhoneiros, 1330 mulheres, na Rodovia Tanzânia-Zâmbia, depois da introdução de um componente de IST (educação por pares e distribuição de preservativos) no projeto da Fundação Médica e de Pesquisa da África, em 1993.</p>	<p>(K. NYAMURYEKUNG'E, et al., 1997)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>diferenciados, não usuais da instituição de saúde (1,43), do que quando os serviços de IST eram integrados a serviços de atenção primária (1,0). As mulheres ficaram igualmente satisfeitas com a estratégia de oferta do serviço, mas muito insatisfeitas quando medicamentos específicos para IST não eram fornecidos e a infecção não era curada.</p>		
Américas, Brasil	<p>Os caminhoneiros têm bastante experiência profissional (71%) está na profissão há mais de 10 anos e a maioria (93%) é de outra localidade que não Santos (SP). A maioria era casada (72%). Quase a metade (40%) relatou mais de uma parceria sexual; no último ano, 21% tiveram relações com profissionais do sexo, 14% com mulheres que conheceram na estrada, 16% com mulheres de outros caminhoneiros e 3,3% com outros homens. O uso de <i>rebite</i> é freqüente (43%) e está associado positivamente com a infecção de sífilis. Manter relações sexuais com parceiras consideradas “seguras”, as parceiras principais, regulares, estáveis e mulheres de outros caminhoneiros, foi associado</p>	<p>Estudo transversal de prevalência de HIV e de sífilis numa amostra de caminhoneiros (N=300) em Santos, no Brasil. Foram realizadas entrevistas face-a-face e coletadas amostras de sangue.</p>	<p>(R. LACERDA, et al., 1997)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>significativamente com a infecção de sífilis. Manter relações sexuais com amigas foi associado significativamente com a infecção por HIV – estas são parcerias usualmente consideradas “seguras” pelos caminhoneiros. Os resultados, segundo os pesquisadores, confirmam que o grupo de caminhoneiros têm um grande risco em potencial para infecção por HIV e para outras ISTs, e apresenta portanto oportunidades para prevenção.</p>		
Américas, Brasil	<p>O objetivo do artigo foi mensurar o quanto a infecção por HIV estava disseminada na população masculina de classes trabalhadoras em Santos (SP). Da amostra, 1,1% estava infectada por HIV, uma prevalência considerada baixa pelos autores; entretanto, há relatos freqüentes de comportamentos de risco para infecção por HIV.</p>	<p>Questionários estruturados sobre comportamentos de risco foram aplicados e sangue coletado para uma aleatória (N=395) de homens estivadores de porto empregados pela Autoridade Portuária de Santos.</p>	(REGINA LARCERDA, et al., 1996)
Américas, Estados Unidos	<p>A maioria era de homens (90%), casados (51%), com relativa baixa escolaridade; um terço (31%) não tinha plano ou seguro de saúde. Em média, eram motoristas há 13 anos. O número de parceiros</p>	<p>Pesquisa de cunho quantitativo com aplicação de questionários anônimos a motoristas de caminhão (N=560) em trânsito pelo estado do Novo México, nos Estados Unidos. Foram coletadas</p>	(S. VALWAY, et al., 2006a ; 2006b)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>sexuais ao longo da vida variou de 1 a mais de 1000, e 3% dos homens relatou ter tido relação sexual com outros homens. No último ano, 22% tiveram relações sexuais com uma pessoa que não a parceira regular durante viagens; 32% nunca usaram preservativo. Quase a metade (44%) relatou o <i>binge drinking</i>, ou seja, ingestão de mais de 5 doses de bebida numa ocasião. 16% fez uso no último ano de alguma substância ilícita, a maior parte quando em casa, sendo feito uso de maconha, meta-anfetamina, heroína, crack e cocaína. 10% relatou já ter feito uso de drogas injetáveis e 2% que fizeram uso de drogas endovenosas no último ano.</p>	<p>amostras de sangue e urina para testagem de sífilis, HIV, HBV, HCV, clamídia e gonorréia; a pesquisa foi realizada no período de dois anos (2004-2006).</p>	
Américas, México	<p>O estudo buscou investigar além da prevalência de HIV, com teste rápido, o comportamento sexual de caminhoneiros de longa-distância em Monterrey, no México. O questionário sobre comportamento foi aplicado primeiro, depois os motoristas fizeram o teste rápido para HIV e passaram por aconselhamento. A prevalência de HIV entre os motoristas foi de 0,7%. Quase todos (97%)</p>	<p>Estudo de prevalência para HIV com caminhoneiros que fez uso da metodologia de <i>Time Location Sampling</i> (TLS) para a construção da amostra probabilística (N=313). Os centros de testagem e aconselhamento locais forneceram os resultados dos exames de HIV para os motoristas interessados; a testagem foi anônima.</p>	<p>(C. GAYET, C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUIROZ, et al., 2006)</p> <p>(C. GAYET, C. MAGIS-RODRIGUEZ, et al., 2006)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>mantiveram relações sexuais com parceiras regulares/estáveis no último ano, a maioria (75%) teve relações sexuais na semana passada, quase um terço (29%) tiveram relações com profissionais do sexo e quase um quarto (23%), com parceiras eventuais. Um percentual (6%) relatou dar carona na estrada em troca de favores sexuais. Na última relação sexual, 87% estavam com uma parceira regular/estável e apenas 6% fez uso de preservativo nesta relação; 8% estiveram com uma profissional do sexo, sendo que 93% fez uso do <i>condom</i>. Em média, ao longo de um mês, os motoristas passam 8 dias em casa, o resto do tempo na estrada. 5% relatou já ter tido uma relação sexual alguma vez na vida com outro homem, e a metade destes fez uso de lubrificante. No total, 16% nunca usou preservativo, 22% fizeram exame de HIV, sendo que 9% o fizeram obrigados e 13% desconheciam o resultado do seu teste, e 7% compartilhava seringas quando fazendo uso de medicamento. Quanto às informações sobre HIV/AIDS, há conhecimento equivocado (35% acredita que HIV pode ser</p>		

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	transmitido por picada de mosquito e 12% por se compartilhar alimentos), muitos têm uma atitude discriminatória com relação a pessoas vivendo com HIV.		
Ásia, Bangladesh	Estudo de prevalência para IST que busca analisar fatores de risco entre trabalhadores de um local de concentração de caminhoneiros em Dhaka. Análises multivariadas revelaram que ter 2 ou mais parceiros sexuais no último mês, nunca ter usado preservativo com profissionais do sexo e ter feito uso ao menos uma vez de narcóticos injetáveis eram variáveis capazes de prever significativamente ISTs para os homens. Nunca ter se casado, exercer a função de trabalhador, ter idade mais avançada e viver no local eram preditores significativos de se praticar comportamento sexual de alto risco entre os homens, mas nenhuma destas predizia infecção por IST.	Estudo transversal com amostra aleatória (N=696 homens e N=206 mulheres) através de um censo que listava agentes de transporte, mecânicos, trabalhadores e vendedores.	(NAZMUL ALAM, et al., 2007b)
Ásia, Bangladesh	Conhecimento sobre AIDS e formas de transmissão do HIV revelou-se baixo e quase a metade (42%) visitou pelo menos uma prostituta no último ano. Mais da	Estudo transversal conduzido em dois terminais de caminhões na capital Dhaka, em Bangladesh, em 1997, com aplicação de questionários a caminhoneiros de	(P. C. BARUA, 2002)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	metade (53%) daqueles que freqüentavam prostitutas nunca usou um preservativo. Nenhum apresentou infecção por HIV mas 15,2% tinham sífilis.	longa-distância (N=205).	
Ásia, Bangladesh	O estudo parte da constatação de que os caminhoneiros e os seus auxiliares têm comportamento sexual de alto-risco em muitos contextos, bem como da relação entre as IST e a infecção por HIV. O objetivo do estudo é verificar a prevalência de várias IST e analisar as associações entre fatores de risco e de infecção para homens que trabalham com caminhões em Bangladesh. Há prevalência alta para HSV-2 (25,8%) e relativamente mais baixa para Sífilis (5,7%), com baixo uso de preservativos e com grande número de relações sexuais eventuais. Para infecção com qualquer IST bacteriana (sífilis, gonorréia, clamídia), o único fator de risco significativo era ter relações sexuais com profissional do sexo; os assistentes dos caminhoneiros que trabalham principalmente em rotas entre distritos têm maior probabilidade de infecção por HSV-2 do que os	Estudo transversal num ponto de parada de caminhões na capital Dhaka. O grupo estudado é de 388 caminhoneiros e seus assistentes, construído com uma estratégia de amostragem <i>two-tired</i> (38 agências de transporte de carga foram escolhidas aleatoriamente dentre 185 agências, sendo que 10 sujeitos foram recrutados de cada agência escolhida). Foram coletadas amostras de sangue e de urina depois de realizada uma entrevista sobre estilo de vida e de um exame físico. Foi utilizada regressão logística múltipla para analisar associações entre infecções e possíveis fatores de risco.	(L. GIBNEY, et al., 2002)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	caminhoneiros nestas mesmas rotas.		
Ásia, China	<p>Há poucos estudos sobre IST e HIV na população de caminhoneiros da China. Não foi encontrada associação significativa entre dados sociodemográficos, variáveis ocupacionais ou comportamentais e a presença de testes positivos para qualquer IST ou HIV. Esta pesquisa sugere que uma alta prevalência de IST (mais de 17%) entre caminhoneiros, especialmente infecções bacterianas, requerem educação para a saúde, intervenções visando mudança comportamental e a provisão de serviços de saúde para IST voltados a esta população.</p>	<p>Estudo transversal com caminhoneiros na Província de Anhui, em Tongling, com 550 sujeitos. Foram empregados questionários estruturados e retiradas amostras de sangue, que foram testadas para HIV, sífilis e HSV-2, bem como amostras de urina, para gonorréia e clamídia.</p>	<p>(XIANG-SHENG CHEN, et al., 2006)</p>
Ásia, Índia	<p>Prevalência de HIV de 2,3%, de HBV de 3,7% e de sífilis de 6,3%. A maioria dos participantes do estudo eram caminhoneiros (66,4%). Mais da metade eram casados (61%), com idade média de 31 anos. Quase a metade tinha escolaridade primária (49,8%), uma parcela com escolaridade média (14,6%) e 7,3% completou 12 anos de escolaridade; uma parcela era analfabeta (28,2%). A maioria</p>	<p>Estudo transversal com trabalhadores do setor de transportes (N=301) de diferentes pontos de concentração de caminhoneiros de uma rodovia federal indiana foram entrevistados e amostras de sangue foram coletadas, para testar para HIV, HBV e sífilis.</p>	<p>(BAISHALI BAL, et al., 2007)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>(67%) visita profissionais do sexo. Apenas 2% relatou manter relações sexuais com outros homens. O uso de preservativo foi relatado por 58%, sendo que 42% jamais utilizou preservativo. Mais de um quarto (27%) relatou ter sofrido com uma infecção sexualmente transmissível no último ano. Já tinham ouvido falar de HIV/AIDS um grupo de 71% de entrevistados.</p>		
<p>Ásia, Índia</p>	<p>Estudo de prevalência de ISTs entre caminhoneiros de rota longa no Sul da Índia, que investigou também os “estilos de vida sexual” dos sujeitos. Todos eram sexualmente ativos e a grande maioria, heterossexuais (99,2%). A maior parte (66%) mantinha relações com profissionais do sexo. Mais da metade (60%) faz uso de álcool. mais de um terço (39%) tinha uma ou mais IST. A prevalência de HIV foi de 15,9%. As variáveis significativamente associadas à infecção por HIV foram idade (mais velhos), educação (baixa), experiência profissional (há mais tempo atuando como caminhoneiro), duração das viagens (mais longa) e história prévia de alguma doença</p>	<p>Os caminhoneiros e seus auxiliares foram contatados em uma clínica situada na rodovia, no período de 1999 a 2001, tendo sido recrutados 263 sujeitos para participar da pesquisa.</p>	<p>(J. V. MANJUNATH, et al., 2002)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	genital com úlcera.		
Ásia, Índia	<p>O estudo integra uma pesquisa avaliativa de impacto de programas de prevenção e controle de HIV/AIDS na região Leste da Índia, na região do porto de Calcutá; a pesquisa conta com o apoio técnico e financeiro da Family Health International e do Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido. Os caminhoneiros tinham idade variando entre 18 e 45 anos; a prevalência de diferentes IST foi baseada nos testes de laboratório: 6,3% para sífilis (1,2% para sífilis ativa), 1,8% para gonorréia, 1,2% para infecção genital por clamídia, 6,3% para HBV e 2,98% para HIV; foram encontradas úlceras genitais (3%), inchaço escrotal (1,8%) e secreção da uretra (1,5%). Quanto ao comportamento, os autores indicam que é freqüente o comportamento de alto-risco de se manter relações sexuais com prostitutas sem usar camisinha.</p>	<p>Estudo com caminhoneiros (N=335), aplicação de questionário sobre comportamentos, exames clínicos, coleta de amostras e testes de laboratório. Todos foram testados para sífilis, gonorréia, tricomaníase, clamídia, HBV e HIV. Houve também tratamento daqueles que tiveram resultados positivos para IST.</p>	(B. PANDA, 2002)
Ásia, Índia	<p>Estudo sobre o comportamento de risco, uso de preservativo e conhecimento sobre HIV/AIDS com caminhoneiros na Índia. A idade</p>	<p>Foi construída uma amostra aleatória de 200 caminhoneiros, 21 prostitutas rodoviárias e 27 profissionais do sexo homens, na</p>	(Y. N. SINGH and A. N. MALAVIYA, 1994)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>dos caminhoneiros centrou-se na faixa de 20 a 40 anos, enquanto as prostitutas eram um pouco mais velhas, na faixa de 32 a 40 anos e os homens atuando como profissionais do sexo tinham idade entre 16 e 34 anos. A maioria dos caminhoneiros (60%) era casada e tinha filhos, assim como todas as prostitutas atuando na rodovia, mas nenhum dos homens profissionais do sexo. A maior parte dos caminhoneiros (78%) tinha múltiplas parceiras sexuais, incluindo prostitutas, e uma minoria (5%) afirmou que mantinha relações sexuais regularmente com outros homens. Mais de um terço (35%) tinha história de úlcera ou corrimento genital. Em 1990, apenas 20% dos caminhoneiros já tinham ouvido falar de AIDS. Nenhum dos motoristas relatou fazer uso de drogas intravenosas. Dos 302 homens que fizeram o teste de HIV, 3 testaram positivo (1%). Nenhuma das prostitutas já havia ouvido falar de AIDS, mas 21 dos 27 homens profissionais do sexo já haviam. Todas as prostitutas relataram ao menos um evento de sexo sem preservativo nas últimas duas semanas, e todos</p>	<p>cidade de Delhi, Índia; no período de 3 meses em 1990, foi aplicado um questionário a estes. Além disso, uma amostra aleatória de 302 caminhoneiros foi testada para infecção por HIV. Nenhum dos profissionais do sexo consentiu ao exame de HIV. Um novo <i>survey</i> foi aplicado em 1991-1992, com 100 caminhoneiros escolhidos aleatoriamente, para investigar nível de conhecimento sobre HIV e comportamentos de risco.</p>	

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>os homens profissionais do sexo disseram que permitiam o sexo sem preservativo se os seus parceiros assim o desejassem. Alguns dos homens profissionais do sexo eram também doadores de sangue remunerados. O autor conclui que caminhoneiros que têm parceiras sexuais eventuais, e que não fazem uso consistente do preservativo, nas regiões rurais da Índia, podem ser um dos principais vetores da epidemia de AIDS do país.</p>		
Ásia, Índia	<p>Neste estudo de prevalência para HIV com caminhoneiros indianos, dos 1000 sujeitos participantes, 43 testaram positivo para HIV, i.e. 4,3% (todos tinham menos de 45 anos e 29 dos 43 eram casados). A soroprevalência foi mais alta entre os caminheiros que permaneciam mais tempo longe de casa. Quase um quarto (23%) dos entrevistados afirmou que mantinha relações com profissionais do sexo. Dos 33 motoristas que relataram história prévia de IST, 3 testaram positivo para HIV.</p>	<p>Estudo de prevalência de HIV entre caminhoneiros na Índia. A amostra foi de 1000 caminhoneiros, dos quais 83% eram de rota longa e 17%, de rota curta. Amostras de sangue foram coletadas em duas localidades: o sindicato de caminhoneiros na cidade de Patiala e motoristas transitando pela rodovia NH1.</p>	(G.B. SINGH, et al., 1999)
Eurásia, Azerbaijão	<p>Todos os caminhoneiros eram homens com idade mediana de 45</p>	<p>Clínicas de saúde foram montadas nas proximidades de dois terminais</p>	(B.A. BOTROS, et al., 2007)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>anos. A maioria eram turcos, muitos eram russos. A prevalência de HIV foi de 1,54%, sendo que a maior prevalência encontrada foi de caminhoneiros russos (2,88%) e ucranianos (1,66%). Havia motoristas usuários de drogas injetáveis (1,9%) e destes, 60% testaram positivo para infecção por HIV. Muitos dos que não utilizavam preservativos com profissionais do sexo eram HIV+ (3,6%). Homens que fazem sexo com homens também apresentaram maior prevalência de HIV (42,9%). Caminhoneiros com IST tinham maior prevalência de HIV (4,4%). Caminhoneiros com circuncisão apresentaram menor prevalência de HIV (0,8%) do que não-circuncidados. O estudo conclui que caminhoneiros são uma população com comportamento sexual de risco para HIV e IST, e que são uma população ponte para a transmissão do HIV para a comunidade em geral.</p>	<p>de caminhões em Baku, Azerbaijão, entre 2004 e 2005. Motoristas que quiseram participar receberam aconselhamento pré e pós testagem para HIV. Questionários foram aplicados aos participantes (N=3.763). Amostras de sangue foram utilizadas para teste rápido de HIV.</p>	

Anexo 6 – Quadro. Resumo de estudos com caminhoneiros que não sejam de prevalência de HIV/AIDS ou IST.

Quadro 4 - Resumo de estudos revisados acerca de caminhoneiros, seu estilo de vida, sexualidade e a epidemia de HIV/AIDS, que não envolvem a prevalência de qualquer infecção sexualmente transmissível ou de HIV, destacando principais resultados e metodologia.

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
África	O número de parceiros sexuais, um histórico de pagar por sexo e a infecção com HSV-2 ou outras IST foram, cada destes, significativamente associados com infecção por HIV. Trinta e um por cento dos homens infectados relataram já ter contratado profissionais do sexo alguma vez na vida, versus 18% dos homens não infectados. Os riscos mudaram pouco ao longo do tempo. A estratificação pelo contexto da prevalência de HIV mostrou que a proporção de risco para a maior parte das variáveis crescia em contextos de maior prevalência em geral. Mesmo nestes contextos de maior prevalência, a prevenção com pessoas que têm taxas elevadas de mudança de parcerias sexuais, como prostitutas e seus clientes homens, provavelmente reduzirá a transmissão como um todo.	Análise de revisão sistemática de 68 estudos epidemiológicos realizados na África de 1986 a 2006, envolvendo um total de 17 mil adultos infectados com HIV e 73 mil controles. Os métodos empregados foram de efeitos randomizados e os resultados foram estratificados por gênero, tempo, taxas de prevalência de HIV contextuais e outras variáveis.	(LI CHEN, et al., 2007)
África, África do Sul	A pesquisa apresenta uma comparação de dois momentos de coleta de dados junto a motoristas de caminhão, observando mudanças e permanências ao longo de quase 5 anos em KwaZulu Natal, na África do Sul. Os dados demográficos relativos aos	Estudo longitudinal com caminhoneiros em KwaZulu Natal; em 1995 foram entrevistados 216 caminhoneiros e em 1999, 262 (apenas 4 dos motoristas foram os mesmos entrevistados nas duas ocasiões). A amostra nas duas fases da	(TESSA MARCUS, 2001)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>caminhoneiros permaneceram praticamente os mesmos nas duas fases da pesquisa, sendo todos homens, na maior parte casados e com filhos, com baixa ou média escolaridade e sendo a principal fonte de renda da família. Da perspectiva do trabalho, houve modificações, que a autora explica espelham mudanças econômicas mais amplas. Diminuiu o número de caminhoneiros proprietários e aumentou o número de empregados; os entrevistados na segunda fase tinham experiências profissionais mais diversificadas, refletindo níveis maiores de desemprego no país. Em termos de renda houve um aumento real no período estudado e diminuíram os caminhoneiros com valores extremos (muito baixos ou muito altos). Entretanto, a renda modificou-se também porque está cada vez mais atrelada à <i>performance</i>, tendo diminuído em muito o número de caminhoneiros que recebe salário fixo. A renda em 1999 passou a estar inserida num sistema de recompensas e multas para os motoristas. A rotina de trabalho quanto ao número médio de horas trabalhadas sofreu poucas mudanças, sendo a jornada diária uma média de 16 horas (sendo que 40% dos motoristas em ambas as fases da pesquisa trabalhavam continuamente de 17 a 40 horas). Quase a metade dos caminhoneiros queixou-se de que não descansava o suficiente durante um dia de trabalho; durante as paradas precisavam verificar os caminhões e a carga, eram perturbados por outras pessoas, tinham medo de serem assaltados, encontravam serviços precários e estavam constantemente sendo pressionados para retomarem</p>	<p>pesquisa usou amostragem não probabilística, por conveniência, convidando os motoristas a participarem das entrevistas semi-estruturadas, que tinham em média 40 minutos de duração.</p>	

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>a viagem pelas empresas. A maioria dos caminhoneiros disse que sente fadiga em geral, o que tem, segundo a autora, implicações importantes num contexto em que a estrada é tanto o local de trabalho quanto o local de distração e descanso. A primeira está relacionada à dificuldade de permanecer acordado durante a jornada de trabalho. A segunda está relacionada à busca por sexo.</p>		
África, Nigéria	<p>Presume-se que os caminhoneiros são um dos principais propagadores do HIV, fazendo pouco uso ou uso inconsistente do preservativo nas relações sexuais. Os motoristas afirmam que a camisinha diminui o prazer sexual, causa problemas de saúde e diminui a libido. Apenas 9% declarou fazer uso consistente do preservativo; estes tinham maior escolaridade, fazia pouco uso de medicamentos tradicionais e ouvia muito rádio.</p>	<p>Questionários foram aplicados a caminhoneiros de longa distância (N=412) em pontos de concentração ao longo das principais rodovias da Nigéria.</p>	<p>(A. M. SUNMOLA, 2005)</p>
África, Quênia	<p>Os temas tratados nas entrevistas foram o conhecimento de AIDS e relatos de práticas sexuais. Quase a totalidade dos sujeitos (99%) tinha ouvido falar de AIDS através da mídia de massa e por amigos. Quando solicitados a definirem a AIDS, 87% disseram que era uma doença sexualmente transmissível que provoca a degeneração do corpo e a morte. A maioria conhecia estratégias de redução de risco: 76% sabia que o uso do preservativo pode prevenir a transmissão do HIV, mas apenas 32% já havia feito uso alguma vez do <i>condom</i>. Mais da metade (61%) contratava os serviços de prostitutas. Dentre as razões dadas para o não uso do</p>	<p>Caminhoneiros (N=337) passando pelo porto de Mombasa, em direção à África Central e à África Oriental, foram entrevistados com questionário estruturado.</p>	<p>(JOB JOAB BWAYO, A. N. MUTERE, et al., 1991) (JOB JOAB BWAYO, et al., 1994)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>preservativo, 32% disseram que não transavam com as prostitutas, 18% que não via necessidade em fazer uso do <i>condom</i>, 18% afirmou que não tinham acesso a preservativos. Há uma clara falta de correlação entre o conhecimento correto acerca da AIDS a aplicação de tal conhecimento nas práticas visando a prevenção de IST. O estudo identifica a categoria dos caminhoneiros como sendo um grupo profissional/ocupacional com alto risco para infecção por HIV.</p>		
África, Quênia	<p>O artigo discute a relação entre a Antropologia e a implementação de programas para prevenção de HIV/AIDS no Quênia. Em particular, objetiva apresentar pesquisa que fez uso de metodologia considerada inovadora, uma forma “condensada de antropologia”, a <i>Rapid Assessment Procedures</i> (RAP). Baseado em estudo exploratório inicial, a pesquisa parte da premissa de que “os motoristas de caminhão, seus auxiliares, os funcionários de postos de combustível, profissionais do sexo e funcionários de hotéis e restaurantes ao longo da rodovia conformam uma sub-cultura própria e densa com comportamentos e atitudes normativos”. Os fatores listados para facilitar a transmissão de ISTs e HIV pelo estudo são o sexo com múltiplas parceiras, o não-uso de preservativo e a auto-medicação no caso de IST. A AIDS é considerada uma doença de estrangeiros. Os motoristas tendiam a ter várias parceiras “regulares”, que não eram tidas como “prostitutas” mas sim como “esposas”.</p>	<p>Estudo que emprega a <i>Rapid Assessment Procedures</i> (RAP) junto a caminhoneiros de longa distância que transitam pela rodovia Mombasa-Nairobi-Uganda, passando pelo Quênia.</p>	<p>(D. O. NYAMWAYA, 1993)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
África, Senegal	<p>Senegal é tomado como uma exceção no contexto da África Central e Ocidental, região onde as maiores taxas de emigração e de imigração estão associadas a maiores taxas de prevalência de HIV. Senegal tem muita mobilidade e migração, mas não tem uma epidemia de HIV/AIDS tão extensa. Cinco grupos populacionais são estudados – pois são considerados de papel importante na difusão de HIV e IST ou porque são numericamente expressivos – a saber trabalhadores migrantes, caminhoneiros, vendedores viajantes, profissionais do sexo e refugiados. A pesquisa demonstra que a relação entre a migração e o HIV é complexa, sendo que há diferentes graus e tipos de riscos de infecção entre os migrantes/populações com grande mobilidade. Refere-se que muitos estudos partem da hipótese de que as pessoas longe de casa têm maior número de relações sexuais com uma diversidade de parceiros, mas não fazem investigações que possam comprovar tal coisa. Os fatores de risco revisados no artigo no que diz respeito aos caminhoneiros são (1) número alto de parceiras(os) sexuais, (2) uso relativamente baixo de preservativo nas relações sexuais; (3) grande frequência de ISTs; (4) local em que pernoitam (se com amigos e familiares ou se em hotéis); (5) duração das viagens. A maioria já ouviu falar de AIDS, mas as formas de transmissão do vírus HIV permaneciam pouco compreendidas.</p>	<p>Artigo de revisão em que são analisados estudos publicados e a literatura cinzenta dos últimos 10 anos sobre a relação entre migração, mobilidade e a difusão de ISTs, sobre o modo com que a migração e a mobilidade influenciam redes sociais e sexuais, e sobre o efeito da migração e da mobilidade sobre a difusão do HIV. Cada grupo populacional aqui estudado – trabalhadores migrantes, caminhoneiros, vendedores, profissionais do sexo e refugiados – foi analisado separadamente.</p>	<p>(NATHALIE LYDIE and NOAH JAMIE ROBINSON, 1998)</p>
África, Tanzânia	<p>A análise parte de uma questão ligada ao desenvolvimento econômico: a ampliação da</p>	<p>Estudo de revisão da literatura sobre HIV/AIDS no setor de transportes da Tanzânia.</p>	<p>(TANZANIA FORUM GROUP ON</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>estrutura rodoviária do país como um elemento que pode potencializar a epidemia de HIV/AIDS. Uma premissa é a de que regiões com operações intensivas de transporte apresentam muitas oportunidades para altas taxas de transmissão do HIV, “porque ocorrem níveis altos de contatos sexuais promíscuos entre as populações com grande mobilidade, como os caminhoneiros, os seus ajudantes, as pessoas que trabalham na construção e na manutenção das obras, os viajantes e suas parceiras, que são na maior parte das vezes profissionais do sexo”.</p>		<p>TRANSPORT, DAR ES SALAAM, 2004)</p>
<p>África, Uganda</p>	<p>Pesquisa sobre a “cultura sexual dos caminhoneiros” realizada no Sudoeste de Uganda, ao longo da rodovia Trans-Africa. Os motoristas chegam a locais de concentração de caminhões, como postos, para comer, dormir, manter relações sexuais e negociar a carga que têm consigo. Os atravessadores funcionam como intermediários para o sexo e para a carga: eles compram produtos do caminhoneiro e lhes apresentam mulheres “apropriadas” com as quais podem ter relações eventuais. Os atravessadores dominam o idioma local e teriam conhecimento das mulheres confiáveis e que não são soropositivas. As prostitutas acionam os intermediários porque eles servem como garantia de que receberão pagamento pelos serviços prestados. O sistema de mediação aqui descrito está cada vez mais profissionalizado segundo os autores. Tanto os motoristas quanto as prostitutas disseram que nestas</p>	<p>Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com caminhoneiros (N=69), atravessadores (N=6) e profissionais do sexo (N=12); foi realizada também observação participante nos bares freqüentados por caminhoneiros.</p>	<p>(M. GYSELS, et al., 2001)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	relações é feito uso do preservativo.		
Américas, Bolívia	Tese de doutorado, sobre caminhoneiros na Bolívia, apresentada à Universidade de New Orleans, em Educação. O objetivo foi investigar os riscos de transmissão de HIV/AIDS dos sujeitos, sendo esta tomada como uma população ponte. A maioria tem relações sexuais eventuais e um contingente expressivo relatou já ter sofrido com uma IST (30% a 52%, dados quantitativos e qualitativos). Três fatores predisseram o uso de preservativo – idade, expectativas de resultados e normas sociais percebidas; apenas um fator predisse história prévia de IST – número de parceiras sexuais.	Pesquisa desenvolvida na província de Santa Cruz, no Leste da Bolívia. A metodologia foi quantitativa e qualitativa, envolvendo entrevistas, <i>surveys</i> e oficinas junto a caminhoneiros. O <i>survey</i> foi aplicado a 246 caminhoneiros.	(W. C. SORENSEN, 2003)
Américas, Bolívia	A pesquisa de natureza quantitativa com caminhoneiros no Leste da Bolívia buscou estimar o uso de preservativos nas relações sexuais dos sujeitos estudados, bem como identificar variáveis que pudessem predizer uso do preservativo. Cerca de 30% relatou já ter tido uma IST, 56% tinham relações com parceiras eventuais, uma parcela praticava coito anal sem proteção (<i>condom</i>). Emprega a teoria social cognitiva, que entende que o indivíduo tem seu comportamento influenciado por três fatores fundamentalmente: comportamento auto-regulado, o ambiente e constructos cognitivos. Quatro constructos sociais foram testados – auto-eficácia, atitude, expectativas dos resultados e normas sociais percebidas – além de variáveis demográficas, ocupacionais e comportamentais. A idade do caminhoneiro funcionou como preditor do	Pesquisa com aplicação de <i>survey</i> a caminhoneiros bolivianos (N=246) em 2002 numa amostra por conveniência em 13 locais de concentração de caminhoneiros (<i>truck stops</i>). Análise de regressão logística permitiu construir preditores do uso do preservativo nas relações sexuais.	(W. SORENSEN, et al., 2007)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	uso do preservativo, além de outras duas variáveis, constructos sócio-cognitivos – expectativas dos resultados e normas sociais percebidas. A influência do meio social sobre o comportamento individual é afirmada no estudo.		
Américas, Bolívia	Estudo do tipo CAP que busca avaliar o conhecimento, as atitudes e os comportamentos sexuais de caminhoneiros na Bolívia. A profissão de caminhoneiro é descrita como uma ocupação que facilita globalmente a transmissão do HIV. Em toda a duração da pesquisa, houve relato por parte da maioria dos caminhoneiros de relações sexuais com parceiras eventuais. Na etapa qualitativa, 52% dos caminhoneiros relataram já terem sofrido com uma IST e 27% disseram que fazia coito anal com sua parceira. O conhecimento sobre IST/HIV/AIDS era incompleto e o uso de preservativo, inconsistente.	Pesquisa quali e quantitativa com caminhoneiros bolivianos (N=71), realizada em quatro fases.	(WILLIAM SORENSEN, et al., 2007)
Américas, Brasil	Análise de frases de caminhões no Brasil, interpretadas como expressões de uma filosofia popular – mais precisamente, de uma sub-cultura de caminhoneiros. Os temas que mais aparecem nos dizeres são Deus, amor, sexo, trabalho, moral; o tema do humor permeia diversos dos dizeres. As frases foram classificadas em quatro categorias principais: religião, amor, trabalho e moralidade. Dentro da categoria do amor, o autor incluiu frases que enfatizam a masculinidade e o “machismo”. Na categoria trabalho, um tema recorrente é o orgulho pela profissão; outro, a solidão. Na categoria moralidade, um dos temas principais é a necessidade	Dizeres de caminhões foram recolhidos ao longo de 1 ano em 1994-1995, basicamente na capital São Paulo (SP). No total, são 120 frases. Análise de conteúdo permitiu a elaboração de categorias analíticas para classificar os dizeres.	(PETER BURKE, 1996)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	de ação ou de força; outros dois assuntos que se repetem são a família e a inveja. O autor também salienta em sua análise aquilo que <i>não</i> aparece nas frases: não há referência a esportes, quase não há política, tampouco à televisão. As frases são ainda analisadas quanto à forma: a jocosidade ou humor, o jogo com palavras e o uso de polissemia e de metáforas, a construção de rimas, o tom de provérbio. Por fim, o autor salienta que as frases veiculam uma imagem do caminhoneiro e se pergunta sobre o público leitor a quem se destinam.		
Américas, Brasil	Relatório técnico apresentado ao Instituto WCF Brasil. O objetivo foi levantar dados relativos ao estilo de vida dos caminhoneiros, enfatizando aspectos demográficos, do trabalho, do uso de drogas, da vida sexual, do conhecimento dos caminhoneiros acerca da prostituição nas estradas (com destaque para a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes) e o conhecimento dos motoristas acerca dos direitos das crianças e dos adolescentes. Os coordenadores da pesquisa são psicólogos.	Estudo exploratório e descritivo sobre caminhoneiros. Cidades incluídas no estudo são Porto Alegre (RS), Alegrete (RS), Itajaí (SC), Cubatão (SP), Santos (SP), Belém (PA), Natal (RN) e Aracaju (SE). A amostra foi composta por 239 caminhoneiros. A metodologia foi quantitativa, tendo sido aplicado questionário fechado em entrevistas face a face. As entrevistas foram realizadas em postos de combustível, pátios de parada de caminhoneiros ao longo de rodovias; em algumas localidades, as entrevistas ocorreram durante comemorações, como gincanas e festas de caminhoneiros, de modo que havia concentração de motoristas naqueles locais.	(ELDER CERQUEIRA-SANTOS, et al., 2005)
Américas, Brasil	O relatório da pesquisa é bastante extenso, sendo basicamente descritivo dos dados obtidos através do <i>survey</i> , pontuado com algumas falas dos caminhoneiros participantes dos grupos focais. Os	Pesquisa tipo CAP com caminhoneiros em trânsito por Uberlândia (MG) que integra um projeto que foi, além de pesquisa, de intervenção, com ações de educação e promoção do <i>condom</i> .	(ELISABETH ANHEL FERRAZ, et al., 2005)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	dados referem-se a características socioeconômicas dos motoristas e ao seu comportamento sexual, com parcerias fixas, comerciais e eventuais, o uso de preservativos e de gel lubrificante nas relações sexuais, além de questões sobre o seu conhecimento, suas opiniões e atitudes acerca de HIV/AIDS, relatos de ISTs e questões relativas à sexualidade em geral.	Metodologia quantitativa e qualitativa, com realização de entrevistas estruturadas (N=600) e grupos focais (3 com 31 participantes no total), em 19 locais de concentração de caminhoneiros (empresas e postos de combustível), durante 4 meses em 2004-2005.	
Américas, Brasil	O objetivo do estudo foi compreender o papel da população de caminhoneiros na dinâmica da epidemia de HIV/AIDS local em Itajaí, município com uma das taxas de incidência mais altas do país (87,5/100.000). Os caminhoneiros segundo os autores têm tipicamente múltiplas parceiras sexuais, que são, com freqüência, profissionais do sexo. O uso de preservativo no coito oral e vaginal é inconsistente. Fazem uso freqüente de álcool e de anfetaminas. O uso constante de drogas e álcool favorece a prática de sexo inseguro. Há pouco conhecimento acerca dos riscos do uso de anfetaminas. Os caminhoneiros têm acesso limitado a serviços de saúde, bem como a intervenções comportamentais no campo da HIV/AIDS.	Estudo que emprega a metodologia RARE (<i>Rapid Assessment, Response and Evaluation</i>) na cidade de Itajaí (SC). A coleta de dados envolveu entrevistas em profundidade com caminhoneiros (N=30) e profissionais do sexo (N=13), realização de grupos focais (8), observações em campo e mapeamento de locais considerados cenários de risco para HIV/AIDS (prostíbulos, pontos de encontro e locais para consumo de drogas); todos foram recrutados de um posto de combustível e parada de caminhões de beira de estrada.	(E. M. P. KOLLER, et al., 2004)
Américas, Brasil	O estudo foi conduzido com caminhoneiros em dois pontos de fronteira do Brasil, a partir da hipótese de que seria uma população de vulnerabilidade acrescida para a infecção por HIV, pois o seu movimento de se afastar de redes sociais protetoras poderia conduzi-los a ter comportamentos sexuais de maior risco, como várias parceiras(os) sexuais.	Amostra sistemática de caminhoneiros na aduana de Uruguaiana (N=996) e de Foz do Iguaçu (N=779) no Brasil foram entrevistados em 2003 sobre comportamento nos últimos 6 meses.	(S. A. LIPPMAN, et al., 2004)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>Quase todos os entrevistados (95%) tinham uma parceira principal/regular e quase a metade (46%) tinha algum tipo de parceira não regular (comercial ou eventual) nos últimos 6 meses (32% com profissional do sexo, 24% com parceira eventual). Em média, caminhoneiros passavam 6,8 noites por mês em casa; aproximadamente um terço (30%) fazia viagens com duração de 2 semanas ou mais. A análise multi-variada controlou estado civil, idade e país de residência, concluindo que os caminhoneiros com rotas de duração maior do que 1 semana tinham significativamente maior probabilidade de manter relações com profissionais do sexo do que aqueles cujas viagens duravam até 1 semana. As parcerias eventuais não estavam relacionadas ao tempo que ficavam longe de casa. A pesquisa conclui que a mobilidade facilita o contato com um número maior de parceiros(as) sexuais e que é portanto uma fonte de vulnerabilidade para a infecção por HIV.</p>		
Américas, Brasil	<p>O estudo relaciona a mobilidade dos caminhoneiros com um contexto que chama de liminar, a partir de um procedimento de <i>clustering</i>, que resultou em três disposições com respeito ao ambiente liminar: aqueles que percebem o ambiente como sendo (1) muito ou (2) moderadamente permissivo com relação a parcerias sexuais, que tinham maior probabilidade de relatar relações com profissionais do sexo nos últimos 6 meses e maior número de parcerias. (A terceira disposição é a <i>baseline</i>.) Medidas físicas e psicossociais de mobilidade foram independentemente associadas a maior número de</p>	<p>A partir da pesquisa descrita em (S. A. LIPPMAN, et al., 2004), com 1775 caminhoneiros entrevistados em duas aduanas na fronteira do Sul do Brasil, o estudo busca operacionalizar medidas de mobilidade e pensar o contexto psicossocial da mobilidade com o risco sexual. Foram construídos <i>clusters</i> de caminhoneiros a partir de informações relativas ao tempo que ficam fora de casa, como percebem o contexto em que estão em trânsito.</p>	<p>(SHERI A. LIPPMAN, JULIE PULERWITZ, et al., 2007)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	parcerias na estrada.		
Américas, Brasil	<p>A hipótese da pesquisa, que tem como objetivo elucidar o contexto de vulnerabilidade ao HIV em Itajaí (SC), é que os caminhoneiros podem desempenhar um papel-chave na disseminação da epidemia de AIDS, pelo fato de manterem relações com profissionais do sexo e por fazerem uso de substâncias ilícitas. Foram mapeadas rotas de caminhoneiros que incluíam bordéis, pontos de encontro e locais de uso de drogas. Há muitas relações sexuais com profissionais do sexo e o uso de preservativo é inconsistente. Entre as parceiras sexuais, estão incluídas funcionárias de postos de combustível. Tanto os caminhoneiros quanto as profissionais do sexo não se percebem como vulneráveis ao HIV, apesar de terem comportamento sexual de alto risco. Há uso freqüente de bebidas alcoólicas e de drogas com anfetaminas. As intervenções voltadas para caminhoneiros devem levar em conta a sazonalidade, o contexto espacial e as condições de trabalho desta população.</p>	<p>Pesquisa de metodologia qualitativa em Itajaí (SC) com caminhoneiros de rota longa, usando <i>Rapid Assessment</i> para compreender o contexto de vulnerabilidade ao HIV. Entrevistas em profundidade foram realizadas (N=43) bem como grupos focais (8), além de observações de campo. O material foi analisado quanto ao seu conteúdo. Não há referencia, mas os dados devem estar integrados à pesquisa de (E. M. P. KOLLER, et al., 2004).</p>	(M. MALTA, et al., 2006b)
Américas, Brasil	<p>Estudo realizado em Itajaí, no Sul do Brasil. Uma vez que mais de 400 caminhoneiros circulam diariamente pela cidade, supõe-se que estes possam ter um papel-chave na epidemia de HIV/AIDS, por causa do seu uso de serviços de profissionais de sexo e/ou por seu uso de drogas. Pesquisa buscou compreender o contexto da vulnerabilidade para HIV de caminhoneiros e profissionais do sexo na cidade. Os caminhoneiros tipicamente mantêm relações sexuais</p>	<p><i>Rapid Assessment Procedure</i> (RAP), com entrevistas em profundidade (N=43) e grupos focais (8 grupos). Rotas de caminhoneiros envolvendo bordéis, locais de encontro e de uso de drogas foram mapeados, e foram então realizadas observações nos locais, com observações registradas tipo diário de campo. Os dados foram analisados quanto ao seu conteúdo.</p>	(M. MALTA, et al., 2006b)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>desprotegidas com várias pessoas, incluindo profissionais do sexo e funcionárias dos locais de parada. Tanto os caminhoneiros quanto as profissionais do sexo não se percebiam como tendo risco para infecção por HIV, apesar de terem comportamentos sexuais de alto-risco. O uso de álcool e de drogas com anfetamina era freqüente entre caminhoneiros e parece influenciar práticas sexuais não seguras. O conhecimento sobre os riscos do uso de anfetaminas era baixo, assim como o era o acesso a serviços de saúde e a intervenções comportamentais no campo da AIDS. São necessárias intervenções voltadas para caminhoneiros, profissionais do sexo e funcionários de postos, que ultrapassem cidades, estados e fronteiras, e que levem em conta a sazonalidade, o contexto espacial e as condições de trabalho.</p>		
Américas, Brasil	<p>Tese de doutorado apresentada na USP, para Enfermagem, sobre a pesquisa e intervenção desenvolvida junto a caminhoneiros para a prevenção de IST e HIV. O objetivo foi investigar os fatores de vulnerabilidade para contaminação por HIV entre caminhoneiros. Os motoristas têm conhecimento sobre HIV/AIDS, porém mantêm relações sexuais desprotegidas com parceiras ao longo da estrada. Integram o seu cotidiano o uso de anfetaminas e o consumo de álcool; este último em particular é considerado um fator de vulnerabilidade, pois os motoristas tenderiam a se envolver com prostitutas quando embriagados. A autora salienta que os comportamentos dos caminhoneiros estão</p>	<p>Metodologia quantitativa e qualitativa, com coleta de dados realizada em dois meses de 2003, através de entrevistas semi-estruturadas com 50 caminhoneiros, realizadas em cooperativas localizadas em Minas Gerais.</p>	<p>(EVANIA NASCIMENTO, 2003)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	calcados numa cultura machista, em que o sexo desprotegido ou com muitas parceiras seriam formas de demonstrar sua virilidade.		
Américas, Brasil	O concurso de frases promovido pelo PN/AIDS para caminhoneiros serviu de mote ao estudo. As frases elaboradas para o concurso e coletadas ao longo da rodovia MG-050, em Minas Gerais, foram analisadas. Havia uma série de frases contendo advertências, no sentido de que os caminhoneiros não se deixassem levar por mulheres sensuais; havia uma forte associação entre a AIDS e a morte; as crenças religiosas aparecem como mecanismos para conter ou restringir os desejos sexuais nos períodos em que estão longe de casa; a família e a companheira ou esposa são retratados como um porto seguro para evitar os perigos da contaminação; apesar dos conteúdos implícitos no sentido de restrições quanto ao uso do preservativo, alguns caminhoneiros adotaram o discurso sobre o uso da camisinha e da sua importância, como uma maneira de se prevenir da AIDS.	As frases dos caminhoneiros que participaram de um concurso sobre HIV/AIDS foram coletadas em 15 urnas ao longo de uma rodovia estadual mineira em 2000. Ao todo, foram reunidas 64 frases. O significado das frases foi analisado quanto ao seu conteúdo.	(EVANIA NASCIMENTO, et al., 2003)
Américas, Brasil	Objetivo da pesquisa foi observar a incidência do uso de álcool e de anfetaminas entre caminhoneiros em Minas Gerais. A maioria (66%) dos entrevistados usava anfetaminas durante as viagens. A grande maioria (91%) consumia álcool; quase a metade (43%) o faziam em postos de combustível.	A amostra consistiu em 91 caminhoneiros transitando por Passos, Minas Gerais; os dados foram coletados durante um mês em 2005, através da aplicação de questionário.	(EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO, et al., 2007)
Américas, Brasil	A pesquisa sugere mensurar o estigma e a	Amostra sistemática de caminhoneiros de	(J. PULERWITZ, et

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>discriminação entre a população de caminhoneiros transitando pelo Brasil; propõe a idéia de “estigma composto”, que seria um conjunto de estigmas, supondo que isto afeta a utilização de serviços de saúde. Os caminhoneiros revelam que sentem medo e expressaram vários estigmas. Eles têm medo de serem demitidos se forem HIV+ (51%), eles não se sentem à vontade em viajarem com PVHA nos seus caminhões (57%), eles apresentam percepções de que os próprios caminhoneiros são os culpados pela disseminação da epidemia de AIDS (38%), de que a AIDS é um castigo por maus comportamentos (66%). Quase um terço (27%) acredita que uma pessoa que tem AIDS só deve revelar tal fato quando já está muito doente e não tem outra escolha. Os pesquisadores classificaram as 19 perguntas do questionário relativas a estigma em quatro categorias com base em análise fatorial – desconforto com relação a contatos eventuais, culpa com relação às pessoas com HIV, medo de estigma com relação a outros e falta de vontade de auxiliar outros com HIV.</p>	<p>passagem por Foz do Iguaçu na aduana do lado brasileiro (N=779) ou por Uruguaiana na aduana (N=996) foram entrevistados durante seis meses em 2003.</p>	<p>al., 2004)</p>
<p>Américas, Brasil</p>	<p>Dissertação de mestrado em Historia apresentada na Universidade Federal de Uberlândia (MG). Autora analisa como os caminhoneiros revivem e recontam suas vidas, como as transformações socioeconômicas ocorridas a partir da década de 1970. Relatam perda de <i>status</i>, referindo que havia no passado um certo <i>glamour</i> associado à profissão que atraía homens com espírito aventureiro. Também referem mudanças nas condições de trabalho, com maior concorrência no setor de transporte de cargas</p>	<p>Estudo de trajetórias de caminhoneiros para compreender como interpretam suas experiências de vida e de trabalho. Entrevistas com caminhoneiros, não tendo sido explicitada as condições das entrevistas, o roteiro ou o número de sujeitos que participaram do estudo.</p>	<p>(IVANI ROSA, 2006)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	e perda de autonomia com relação a empresas transportadoras. A família aparece como um valor constante, ainda que o convívio não seja intenso ou cotidiano. Há poucas condições de lazer ou de sociabilidade fora do universo profissional.		
Américas, Brasil	Dissertação de Mestrado em Saúde Pública (UFMG) sobre caminhoneiros e HIVAIDS. Propõe-se analisar valores e comportamento de caminhoneiros com relação a HIVAIDS. Conclui que os processos de trabalho do caminhoneiro elevam seu risco de infecção por HIV e que valores morais disseminados na categoria também os colocam em maior risco.	Apresenta revisão bibliográfica sobre caminhoneiros e AIDS, migração e AIDS e pesquisas com caminhoneiros. Realiza entrevistas semi-estruturadas com caminhoneiros em Belo Horizonte (MG) em 2001.	(LUCIANO ELOI SANTOS, 2002)
Américas, Brasil	O objetivo foi o de descrever a vulnerabilidade, de caminhoneiros de rota curta, à transmissão sexual do HIV e da AIDS. A maioria tem parceira fixa (93%) e quase a metade (40%) mantêm relações sexuais com parceiras casuais, e 19% referiram manter relações sexuais com parceiras freqüentes. Os autores salientam que a principal situação de vulnerabilidade ao HIV ocorre devido ao uso inconsistente do preservativo, interligado ao vínculo estabelecido com cada parceira. O tempo fora de casa parece não ser o principal fator para situações de vulnerabilidade, conforme demonstram estudos com caminhoneiros de rota longa. Concluem que a vulnerabilidade dos caminhoneiros está relacionada a um contexto cultural: 'A cultura "machista" e os papéis tradicionais masculinos são emblemáticos entre os caminhoneiros de rota curta'. Recomenda-se maior investimento em intervenções visando a prevenção	Entrevistas com caminhoneiros (N=279) em Santos, Brasil, em locais de concentração de caminhões perto do porto da cidade, em sindicatos e associações, recrutados por amostragem tipo <i>snow-ball</i> (bola de neve). A entrevista continha perguntas fechadas e abertas. A análise é descritiva.	(L. VILLARINHO, et al., 2002)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	junto a caminhoneiros, em locais de trabalho.		
Américas, Estados Unidos da América	Pesquisa sobre os motoristas de caminhão independentes, enfocando especialmente suas relações de trabalho e seu cotidiano na estrada, salientando relações sociais na profissão.	Etnografia, incluindo observação em campo e entrevistas em profundidade; inclui pesquisa sobre regulamentações e políticas que afetam diretamente os caminhoneiros, em termos históricos, bem como análise de conteúdo sobre obras literárias e cinematográficas que retratam a figura do caminhoneiro. O autor é antropólogo.	(MICHAEL AGAR, 1986)
Américas, Estados Unidos da América	O estudo parte da idéia de que há uma relação já bem estabelecida entre caminhoneiros de longa-distância e a transmissão de HIV em regiões “em desenvolvimento” no mundo, e objetiva estudar comportamentos de caminhoneiros no Sudoeste dos EUA relativos ao risco no contexto da saúde. Os objetivos da pesquisa são identificar categorias de risco para infecção por HIV, fazer um estudo de prevalência de comportamentos de risco e identificar fatores protetores e de risco, além de elaborar sugestões para programas de prevenção. Entre os principais resultados, são destacados “comportamentos de risco significativos”, especialmente por parte de caminhoneiros mais jovens, que incluem relações sexuais com profissionais do sexo (havendo “relatos freqüentes” de “sexo homossexual”), relações com múltiplas parcerias sexuais e o uso inconsistente de preservativo nas relações sexuais. Os riscos eram “agravados” por condições ocupacionais que estimulavam os caminhoneiros a longas jornadas de trabalho, com uso freqüente de substâncias para se	Realização de entrevistas, grupos focais e <i>survey</i> com questionário fechado no cruzamento de duas grandes rodovias no estado do Arizona, com caminhoneiros, funcionários de serviços e comércio voltado para caminhoneiros e profissionais do sexo; os sítios da pesquisa foram pontos de parada de caminhoneiros (<i>truck stops</i>) e pontos comerciais e de serviços voltados para caminhoneiros.	(YORGHOS APOSTOLOPOULOS, et al., 2001) (SEVIL SÖNMEZ and YORGHOS APOSTOLOPOULOS, 2006) (SEVIL SÖNMEZ, 2003) (YORGHOS APOSTOLOPOULOS and SEVIL SÖNMEZ, 2002)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	manterem acordados ou para relaxarem. O sexo, o álcool e as drogas são vistas como formas de aliviar rapidamente o estresse durante suas paradas.		
Américas, Estados Unidos da América	Livro publicado a partir do trabalho de pesquisa de doutorado do autor. A pesquisa é centrada no cotidiano e nas relações de trabalho dos caminhoneiros nos Estados Unidos, estando inserido no campo da Sociologia do Trabalho. É uma obra de referência citada por autores pesquisando atualmente caminhoneiros na América do Norte, sendo um dos primeiros trabalhos da espécie.	Ainda que inserido no campo da Sociologia, a obra é baseada em pesquisa etnográfica; é um trabalho referido por vezes em discussões metodológicas nas Ciências Sociais, pois o autor propõe uma “auto-etnografia”: ele próprio trabalhava como caminhoneiro e permaneceu na profissão durante todo o tempo em que estudou para o seu doutoramento. (Atualmente, o Ouellet atua no campo da saúde coletiva, inclusive com questões relativas à epidemia de HIV/AIDS.)	(LAWRENCE J. OUELLET, 1994)
Américas, Estados Unidos da América	A premissa do estudo está na relação entre caminhoneiros e a epidemia de HIV e IST em países em desenvolvimento e de estudos mais recentes, de pequena escala, que corroboram demonstrando comportamentos de alto-risco e de uso de drogas entre caminhoneiros estadunidenses. O estudo pretende ser de grande escala e fornecer evidências empíricas acerca do papel dos caminhoneiros e de suas “parcerias de risco” na disseminação de IST e de HIV na América do Norte. Análises textuais, estatísticas e sorológicas revelaram que os caminhoneiros tem grande número de parcerias sexuais no contexto das rodovias. Dentre os comportamentos dos caminhoneiros, destacam-se o uso de drogas com parcerias sexuais (63%), uso regular de drogas, principalmente <i>crack</i> (88%), uso inconsistente de preservativos (mais de 50%); os	Procedimentos de amostragem chamados <i>chain-link</i> , fundamentados nas teorias sócio-cognitivas, levaram à construção de uma amostra de 109 caminhoneiros e suas parcerias sexuais. Foram realizadas entrevistas face a face e foram coletadas amostras biológicas para testes de gonorréia, clamídia, sífilis, HBV, HCV e HIV.	(S. SONMEZ, et al., 2006)

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>principais locais em que as práticas sexuais ocorrem são os próprios caminhões e motéis. Dentre os comportamentos de profissionais do sexo, também há relato de uso de drogas com parceiros sexuais (79%), mais de 50% vendia drogas, uso inconsistente de preservativo (mais de 50%), sendo que mais de 30% disse que recebia a mais por sexo desprotegido, mais de 50% não sabia sua sorologia para HIV. A pesquisa conclui que os caminhoneiros têm parcerias sexuais concorrentes e de risco em vários contextos epidemiológicos diferentes, e revela redes sociais e de risco que se justapõem em diversos espaços físicos e virtuais. Afirma-se que no caso de caminhoneiros do continente africano e da Índia, já foi demonstrado o seu papel na disseminação da infecção em grandes áreas geográficas; no caso dos caminhoneiros da América do Norte, os caminhoneiros são ligados a grupos-chave nos quais as infecções sexualmente transmissíveis e por HIV são endêmicas e onde o uso de drogas é prevalente.</p>		
<p>Américas, Estados Unidos da América</p>	<p>Aproximadamente um terço dos entrevistados mantinha relações sexuais durante as viagens com múltiplas parcerias sexuais, mas o uso de preservativo nas relações era baixo. As pessoas com quem mantinham relações na maioria das vezes eram profissionais do sexo. O risco era agregado por condições da atividade profissional – os caminhoneiros eram motivados a trabalharem longas jornadas, usando muitas vezes drogas para ficarem acordados. O sexo, o álcool e as drogas eram percebidos como formas eficazes de aliviar o</p>	<p>Pesquisa de cunho etnográfico com caminhoneiros (N=71) em trânsito por grandes rodovias na Flórida, no Sul dos Estados Unidos, sobre risco para infecção por HIV. A amostra foi intencional construída por técnica de <i>snow-ball</i> (bola de neve), tendo sido realizadas entrevistas semi-estruturadas.</p>	<p>(D. STRATFORD, et al., 2000)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>estresse rapidamente quando parados durante suas longas e solitárias viagens. Apesar dos comportamentos de alto-risco, os caminhoneiros não se percebem como estando em risco; quanto ao conhecimento de HIV/AIDS, muitos caminhoneiros não sabiam que havia risco de infecção por HIV em relações heterossexuais e não acreditavam que o preservativo fosse uma forma eficaz de prevenção ao HIV. Muitos caminhoneiros se revelaram homofóbicos. Além disto, mantinham opiniões bastante críticas ao governo, que reforçavam a sua suspeita sobre campanhas públicas promovendo o sexo seguro.</p>		
Américas, México e Guatemala	<p>Pesquisa com motoristas de caminhão em Ciudad Hidalgo, Chiapas, na fronteira do México com a Guatemala, que tem o objetivo de analisar as repercussões de uma intervenção desenvolvida junto a esta população no campo HIV/AIDS. A pesquisa demonstra a dificuldade de se acessar populações com grande mobilidade e de se articular respostas às suas demandas ou necessidades em termos de saúde. Enquanto no campo da Epidemiologia os caminhoneiros são, com freqüência, tomados como vetores para doenças infecciosas, os autores sugerem que os motoristas podem também serem vistos como meios em potencial para a disseminação de informações relativas à prevenção e à promoção de práticas sexuais mais seguras.</p>	<p>Pesquisa realizada em mais de uma etapa. Inicialmente, em 1998, foi feito um estudo de cunho etnográfico que permitiu identificar atores-chave, locais em que as pessoas interagiam e praticas sexuais. Na etapa seguinte, foi realizado um <i>survey</i>, com aplicação de questionários, para produzir dados para um estudo de linha de base (N=307). As intervenções, executadas durante quatro meses no período de 1998-1999, foram planejadas com base nas informações reunidas nestas duas etapas iniciais. Um novo questionário foi aplicado depois, ainda em 1999, para avaliar o impacto das intervenções (N=303), dos quais a maioria (77%) não havia tomado parte nas intervenções.</p>	<p>(MARIO BRONFMAN, RENE LEYVA and MIRKA J. NEGRONI, 2002)</p> <p>(MARIO BRONFMAN, 1999)</p>
Américas, Peru	<p>Estudo sobre o <i>ethos</i> dos caminhoneiros no Sul do Peru, baseado em análise de frases escritas nos</p>	<p>Dizeres de caminhões foram recolhidos ao longo de 12 meses na região, o Sul do Peru, entre 1973</p>	<p>(RALPH BOLTON,</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>caminhões. O <i>machismo</i> é definido como um conjunto de crenças, valores, atitudes, emoções e padrões de comportamento – portanto, uma forma particular de <i>ethos</i>. O autor explica, ainda, que este <i>ethos</i> é encontrado mais frequentemente em sociedades latino-americanas e mediterrâneas. É um <i>ethos</i> que engendra um tipo específico de masculinidade, que prescreve comportamentos assertivos, de poder, de agressão, de independência, de ser capaz de defender a própria honra e seus direitos, demonstrando uma superioridade viril; associa-se ainda à competitividade. Com frequência está também associado a comportamentos com o consumo em grande quantidade de bebidas alcoólicas, sem sucumbir aos seus efeitos. O <i>macho</i> deve ser um sujeito desafiador e disposto a entrar em desafios, assim como a participar de atividades usualmente consideradas reprováveis ou perigosas. Deve também exibir relações de dominação sobre mulheres. O machismo ainda está fortemente associado ao desempenho ou competência sexual. Os dizeres nos caminhões são reunidos em cinco categorias analíticas, que representam dimensões do <i>machismo</i>: (1) poder, (2) inveja, (3) auto-glorificação, (4) agressão e (5) sexualidade. Uma última categoria que transcende as outras cinco é (6) religiosidade, esta última não estando diretamente associada ao <i>machismo</i> pelo autor.</p>	<p>e 1974, somando 135 frases, das quais 11 eram repetidas. O autor é antropólogo.</p>	<p>1979)</p>
<p>Ásia, Bangladesh</p>	<p>No contexto da mesma pesquisa descrita acima de (L. GIBNEY, et al., 2002), o objetivo descrito no artigo foi de analisar comportamentos que poderiam</p>	<p><i>Survey</i> através de questionários aplicados oralmente para 388 caminhoneiros/assistentes, além de grupos focais e entrevistas em</p>	<p>(L. GIBNEY, et al., 2003)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>influenciar na transmissão de HIV ou IST no universo de caminhoneiros de Bangladesh. O foco estava sobre comportamentos que afetam (1) a exposição a IST e HIV, (2) a eficácia da transmissão da infecção e (3) a duração do contágio. Os resultados revelam que uso de drogas injetáveis não foi um fator de risco importante (houve apenas um entrevistado UDI), mas que comportamentos de risco sexual eram prevalentes: número médio de parcerias sexuais no ano passado de 4,57 e de 1,82 nos últimos 3 meses; sexo antes do casamento e extra-conjugal eram comuns, em geral com profissionais do sexo; 54% dos sujeitos tiveram relações com pelo menos um profissional do sexo no último ano. Análise de regressão logística, aqueles que tinham outros comportamentos “socialmente arriscados”, como ingerir bebidas alcoólicas, ingerir ou fumar drogas, manter relações sexuais com outros homens, tinham chances significativamente maiores de ter tido uma relação com profissional do sexo no último ano. No último ano, 7,2% dos entrevistados teve um parceiro sexual masculino e 21% teve alguma vez na vida. O uso de preservativos era bastante inconsistente (31% já tinham feito algum uso de <i>condom</i>). Sexo com prostitutas, ser casado, ter ouvido falar de AIDS e idade foram associados significativamente com o uso do preservativo alguma vez. Aqueles com sintomas genitais de IST não buscava tratamento ou não seguia o tratamento completamente; mais de 33% não modificava seu comportamento sexual durante o período da</p>	<p>profundidade.</p>	

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	infecção.		
Ásia, China	<p>A China passa atualmente por profundas transformações sociais, que devem impactar a transmissão de doenças sexuais futuramente. Um contingente de 8,5 milhão de homens “excedentes”, solteiros, muito pobres e migrantes, devem se tornar adultos em breve na China. Há milhões de profissionais do sexo no país. Paralelamente a um aumento rápido na incidência de ISTs em regiões urbanas desenvolvidas do país, os homens excedentes podem tornar-se um novo grupo de risco para HIV. O risco sexual alto antecipado entre muitos homens excedentes e usuários de drogas injetáveis pode criar populações ponte para indivíduos de alto para baixo risco. Intervenções que busquem mudanças em centros de re-educação para mulheres prostitutas e intervenções específicas para locais de construção civil, áreas militares e centros de desempregados podem ser promissoras para conter a epidemia de HIV/AIDS.</p>	<p>Estudo que emprega dados demográficos e comportamentais para descrever, numa perspectiva sociológica, os efeitos combinados de práticas sexuais, trabalho sexual e um excedente de homens sobre a transmissão do HIV.</p>	<p>(J. D. TUCKER, et al., 2005)</p>
Ásia, China e Hong Kong	<p>O objetivo do estudo foi investigar o impacto da profissão de caminhoneiros sobre a saúde psicológica e sobre disfunções sexuais de caminhoneiros trabalhando na região entre Hong Kong e China, para examinar seus comportamentos sexuais de risco. A maioria era casada (77%). Quando em viagem, 33% disse que dorme em hotel/motel e 30%, nos próprios caminhões. A metade relatou que fuma e bebe álcool. 31% teve um acidente rodoviário nos últimos 6 meses; a maioria</p>	<p>Estudo transversal com caminhoneiros (N=193) com questionários auto-aplicados distribuídos em quatro postos de gasolina nos chamados Novos Territórios da China 2004; os questionários foram distribuídos com auxílio de uma empresa de transportes e já continham envelopes selados e endereçados para que fossem retornados preenchidos aos pesquisadores. Os motoristas que retornaram os questionários receberam um pequeno presente dos pesquisadores, no valor de</p>	<p>(WILLIAM C. W. WONG, et al., 2007)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>dos acidentes exigiu cuidados médicos. 26% relatou estar mais ansioso desde que começou a trabalhar como caminhoneiro. Relatos de depressão foram associados positivamente tanto a comportamentos sexuais de risco quanto a exigências profissionais. Um quarto (24%) relatou problemas sexuais, como perda de libido, ejaculação precoce e impotência, e estavam associados positivamente a comportamentos sexuais de risco. Comportamentos sexuais de risco analisados incluem sexo com prostitutas (21,2%), manter relacionamento com namorada (23,2%) ou com uma amante (9,9%) quando casados. As principais razões citadas para manter relações extra-conjugais foram tédio (50,3%), influência/pressão de outros caminhoneiros (28,3%), ter recursos para pagar (25,7%) e ser uma prática comum (21%).</p>	<p>US\$5,00 (1.200 questionários haviam sido distribuídos). Análise descritiva, testes de qui-quadrado e de <i>odds-ratio</i> das variáveis.</p>	
<p>Ásia, Índia</p>	<p>O estudo buscou compreender o comportamento sexual de jovens caminhoneiros indianos. A metade era casada e 75% tiveram relações com mais de uma parceira sexual. A idade média da iniciação sexual foi de 19 anos; a primeira parceira sexual foi uma mulher de uma comunidade local para 20% dos entrevistados e uma prostituta para 80%. Na maioria dos casos (88%), os jovens caminhoneiros chegaram a estas parceiras através de colegas de profissão, que também recomendaram que não utilizassem preservativo no sexo pois perderiam uma parte do prazer.</p>	<p>Entrevistas aplicadas a uma amostra aleatória de caminhoneiros (N=200) circulando em diferentes estradas federais da Índia no período de 2005-2006 com idade entre 18 e 28 anos.</p>	<p>(S. BENARA, 2006)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
Ásia, Índia	<p>Pesquisa acerca dos determinantes de comportamentos sexuais de risco para HIV, as correlações psicossociais do uso do preservativo e intervenções visando mudança comportamental efetivas. Uma premissa é a de que os caminhoneiros constituem um vetor importante da transmissão do HIV. Os resultados indicam que os caminhoneiros indianos têm déficits importantes com respeito a informações sobre a prevenção do HIV, a motivação e as habilidades comportamentais. De forma coerente com o modelo <i>IMB</i>, estas deficiências foram muitas vezes capazes de prever comportamento de risco e de prevenção para HIV.</p>	<p>Para investigar os determinantes, foi empregado o modelo conhecido como habilidades informação-motivação-comportamento (<i>Information-Motivation-Behavior skills</i>) numa amostra de caminhoneiros em Chennai, Índia (N=300). Os dados foram coletados através de entrevistas estruturadas.</p>	<p>(ANGELA D. BRYAN, et al., 2001)</p>
Ásia, Índia	<p>Os homens são descritos como sendo os principais causadores da epidemia de HIV/AIDS, em função de seus comportamentos, que por sua vez são influenciados por crenças de ordem cultural acerca do que é masculinidade. O objetivo da pesquisa foi compreender o estilo de vida e o contexto social de caminhoneiros de longa-distância. Quase a metade mantinha relações com profissionais do sexo, com uma relação inversa entre a frequência com que mantinham relações com prostitutas e as visitas à família. A pesquisa aponta para uma relação direta entre o uso do álcool e a contratação de serviços de profissional do sexo. O uso relatado de preservativos nas relações sexuais eventuais ou com prostitutas era pouco freqüente. A maioria dos motoristas usava ao menos um tipo de substância (droga). A maioria dos entrevistados tinha algum conhecimento sobre</p>	<p>Estudo exploratório de cunho etnográfico com realização de entrevistas em profundidade (N=100), combinado com metodologia quantitativa, realizado em grandes centros de concentração de caminhoneiros.</p>	<p>(A. GULALIA, 2004)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>HIV, AIDS e as formas de transmissão e prevenção do HIV, mas havia informações equivocadas, como a crença de que o uso de urina ou de vinho para lavar os genitais depois do sexo poderia protegê-los de ISTs ou HIV. A atitude dos entrevistados com relação à AIDS foi considerada pelos autores como bastante negativa, o que foi interpretado como “os caminhoneiros estão numa fase de negação”. O discurso dos caminhoneiros sobre a AIDS é de culpabilização, sendo que as prostitutas são consideradas as responsáveis pela epidemia, o que por sua vez gera, segundo os autores, um falso sentimento de segurança entre os motoristas, que em sua maior parte não acreditava estar em risco para contrair infecção por HIV. Com relação a buscar serviços de saúde, os autores consideram que o comportamento dos caminhoneiros era pobre, sendo que 42% preferiam se auto-medicar e que clínicas de saúde para IST, preservativos ou serviços de informação em saúde não disponíveis para o grupo entrevistado. O ambiente de trabalho e a cultura são descritos como responsáveis por comportamentos de alto-risco.</p>		
<p>Ásia, Índia</p>	<p>O artigo afirma que os caminhoneiros tornam-se “vítimas fáceis” de profissionais do sexo na medida em que ficam longe de suas famílias por longos períodos, no “ambiente insalubre das estradas”. Os caminhoneiros são descritos como “promíscuos” – 87% dos sujeitos – e fazendo pouco uso do preservativo nas relações com profissionais do sexo. Os caminhoneiros mais velhos fazem menor uso do</p>	<p><i>Survey</i> com questionários fechados aplicados a caminhoneiros (N=5.709) em trânsito na fronteira entre Andhra e Orissa, na Índia, em 1994; cada entrevista teve duração em média de 15 minutos.</p>	<p>(K. S. RAO, et al., 1999)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>preservativo do que os mais novos. Alguns motoristas na faixa dos 21 a 30 anos de idade, não casados e descritos como promíscuos, relataram de 31 a 60 parcerias sexuais diferentes nos últimos 12 meses. Quase a metade (47%) fazia uso de bebidas alcoólicas diariamente desde de manhã, ficando com tremores no corpo caso não ingerissem álcool; a proporção destes aumenta com a idade mais avançada (59% dos homens com mais de 40 anos). Dos sujeitos entrevistados, 69% eram alfabetizados. Os homens com mais de 40 anos eram mais promíscuos, faziam “mau uso” do álcool e tinham menor conhecimento sobre HIV/AIDS com relação aos homens com até 20 anos de idade. O estudo conclui que os caminhoneiros são cruciais como população que dissemina ISTs e HIV no país em pouco tempo. Os caminhoneiros com mais de 40 anos são os mais vulneráveis, sendo que estes têm o maior potencial para espalhar IST. A promiscuidade é definida numa tabela do artigo como “mudança freqüente e indiscriminada de parcerias sexuais, independente do estado civil”.</p>		
Ásia, Índia	<p>O objetivo do estudo foi determinar quais os fatores que impedem ou dificultam o uso de preservativos na visão de caminhoneiros no norte da Índia. A maioria (73%) conhecia o preservativo masculino, mas apenas 21% sabia que o preservativo ajudava na prevenção da AIDS e 12% que prevenia ISTs. Quase a metade (43%) afirmou que não usava camisinha regularmente. Dentre as razões para o não-uso, foi mencionado que o preservativo diminui o prazer</p>	<p>Foram aplicados questionários, além de entrevistas e grupos focais com caminhoneiros (N=1.200) selecionados aleatoriamente transitando por Amritsar Punjab, na Índia.</p>	<p>(J. SINGH and R. SAINI, 2004)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>sexual, que nem sempre o preservativo está acessível, que o uso regular do preservativo levaria os homens a desenvolverem feridas no pênis, que as suas parceiras sexuais não gostavam do preservativo, que estavam engajados em relações monogâmicos e não viam necessidade de usar o preservativo. Além disto, a qualidade dos preservativos distribuídos gratuitamente foi questionada. Acreditavam também que o uso do preservativo não era necessário para o coito oral.</p>		
Ásia, Nepal	<p>Estudo com objetivo de investigar o nível de informação e o grau de conscientização sobre HIV/AIDS de caminhoneiros, além de examinar comportamentos de risco. Menos de 30% dos caminhoneiros conhecia a epidemia de HIV/AIDS, independente do grau de escolaridade. O risco estimado de um caminhoneiro ter múltiplas parcerias sexuais é 2,5 vezes maior quando este faz rotas longas em comparação com os que fazem rotas curtas. Os entrevistados explicaram que tendem a querer mais parceiras sexuais na medida em que ficam mais velhos. Uso de drogas foi relatado por 40% dos entrevistados; o uso de drogas durante viagens estava associado a um maior risco de transmissão de HIV/AIDS. Quanto ao conhecimento das formas de transmissão, 40% acreditam que o HIV pode ser transmitido pela picada de mosquito. O coito interrompido foi citado como medida preventiva para transmissão do HIV por 5% dos entrevistados.</p>	<p>Entrevistas semi-estruturadas, em profundidade, pessoais, com caminhoneiros (N=98). Não se explica de que maneira exatamente é feita a organização e análise dos dados, que receberam tratamento estatístico.</p>	<p>(A. K. DEO, et al., 2004) (A. K. DEO, S. LAMSAL, U. YADAV, et al., 2006) (A. K. DEO, S. LAMSAL and S. ALAM, 2006)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
Ásia, Paquistão	<p>A pesquisa com caminhoneiros explica que o comportamento sexual de homens paquistaneses deve ser compreendido no contexto social e cultural do Sul da Ásia, onde a única atividade sexual legítima na esfera pública é o casamento e a prostituição não é abertamente reconhecida. A maioria (83%) dos caminhoneiros tinha até 39 anos e 52% tinham escolaridade muito baixa. A maioria (83%) era casada; quanto ao tempo que permaneciam longe de casa, alguns ficavam até 2 meses na estrada. Dentre os entrevistados, 34% já visitaram profissionais do sexo mulheres e 11%, profissionais do sexo homens. Quase a metade (49%) relatou já ter tido uma relação sexual com outro homem. A maioria desconhecia que o preservativo é uma forma de se prevenir do HIV/AIDS; acreditavam que a AIDS é uma doença que afeta apenas pessoas imorais. O preservativo era tido como um método basicamente de contracepção; o uso foi mais alto nas relações com a esposa (8%) do que entre os caminhoneiros em relações não conjugais (3-6%).</p>	<p>Survey conduzido em Lahore, a principal cidade para o transporte no Centro e no Norte do Paquistão, utilizando como modelo de questionário o instrumento GPA KAPB, um instrumento para estudos do tipo CAP formulado pelo Programa Global de AIDS da Organização Mundial de Saúde; os dados foram coletados em 1998. A amostra foi construída a partir de uma listagem de caminhoneiros produzida por empresas de transporte – 110 empresas foram aleatoriamente escolhidas e dentro de cada empresa 3 caminhoneiros em média foram sorteados. Foram entrevistados 300 caminhoneiros.</p>	<p>(SOHAIL AGHA, 2002) (S. AGHA, 2000)</p>
Ásia, Tailândia	<p>Pesquisa sobre comportamento sexual de caminhoneiros de longa distância na Tailândia, buscando padrões e fatores determinantes para o risco de infecção por HIV. Quase a metade (48%) relatou que sua iniciação sexual se deu através de uma prostituta e a maioria (87%) teve contato com profissional do sexo alguma vez na vida. O número mediano de parceiras sexuais foi de 29 ao todo. Mais</p>	<p>Entrevistas com caminhoneiros (N=327) realizadas em 1992.</p>	<p>(C. PODHISITA, et al., 1996)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>de um terço (35%) tiveram pelo menos duas parceiras sexuais nos últimos 6 meses. Nos últimos seis meses, dentre os casados, 23% teve contato com prostituta, 13% com uma parceira não conjugal e 8% tiveram com prostituta e parceira eventual. Mais da metade dos solteiros relatou pelo menos uma relação sexual nos últimos 6 meses; 25% destes tiveram contato com parceiras eventuais e com prostitutas. De todos os caminhoneiros que mantiveram relações com prostitutas, 40% fizeram uso irregular ou não usaram preservativo. Os motoristas não se percebiam como vulneráveis à AIDS.</p>		
Europa, Hungria	<p>O estudo faz uma análise na história do pensamento húngaro da figura do caminhoneiro como uma “construção liminóide”, com fama de transgressores de quaisquer fronteiras, de subversores de qualquer interesse que seja diferente do seu próprio, ou como agentes de transformação na Hungria, na cultura popular depois de 1956, durante o regime socialista.</p>	<p>As características liminares dos caminhoneiros na Hungria socialista são analisados em três esferas: obras literárias e cinematográficas, as representações que os caminhoneiros fazem de si mesmos, e as condições diárias de trabalho e estilo de vida. O marco teórico-conceitual empregado no artigo é da Antropologia.</p>	<p>(FERENC HAMMER, 2002)</p>
Europa, Polônia e Lituânia	<p>A revisão e o estudo têm o objetivo de registrar a incidência de práticas de sexo casual e de sexo com profissionais do sexo por parte de caminhoneiros nas regiões de fronteira da Polônia e da Lituânia. A maioria (90%) dos caminhoneiros é casada e atuavam como motoristas de rotas internacionais há 6-12 anos. A grande maioria (95%) afirmou que paravam em pontos de concentração de caminhoneiros e estacionamento de caminhões para dormir à noite durante as viagens. Mais de 80% disse</p>	<p><i>Survey</i> realizado em quatro postos de fronteira da Polônia e um posto de fronteira na Lituânia com caminhoneiros selecionados sequencialmente que estavam aguardando nas filas, em 2002. As entrevistas (N=902) foram conduzidas face a face por entrevistadores treinados; os caminhoneiros receberam inicialmente um pacote de preservativos e foram convidados a participar apenas depois disto.</p>	<p>(MARZENA KULIS, et al., 2004)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>que mantinha 1 parceira regular no local de residência. 37% afirma que mantém relações sexuais eventualmente durante as viagens. Os caminhoneiros mais jovens declararam maior número de parceiras sexuais no último mês do que os mais velhos. 62% nunca utilizam preservativo com a parceira sexual regular, no local de residência, sendo maior a probabilidade dos mais jovens fazerem uso da camisinha do que os mais velhos. Quando se trata de sexo com parceiras eventuais, 66% afirmaram que usavam preservativos e mais uma vez houve maior declaração de uso por parte dos mais jovens. Apenas 4,5% declarou prática de coito anal. Mais de 3% não sabia como o vírus HIV se transmite. A maioria (72%) não se sentia vulnerável à infecção por HIV.</p>		
<p>Revisão, África & Ásia</p>	<p>Revisão da literatura africana e asiática sobre caminhoneiros de longa-distância e intervenções para reduzir comportamentos de risco para HIV. O enfoque é sobre a “cultura sexual dos caminhoneiros de longa distância”. Premissa de que os caminhoneiros estão implicados na disseminação do HIV na África, na Tailândia e na Índia; mesmo quando há trabalhos que mostram prevalência relativamente baixa de HIV entre caminhoneiros, o autor argumenta que os caminhoneiros contribuíram para a disseminação geográfica do HIV, pois espalham o vírus para profissionais do sexo e outras mulheres nas regiões mais distantes dos centros urbanos, e estas mulheres, passam o HIV para a comunidade mais ampla. Como há diferenças nos padrões relativos ao trabalho e às culturas sexuais, o</p>	<p>Estudos que permitiram compreender, mesmo que parcialmente, a cultura sexual de caminhoneiros são apresentados – da Nigéria, de Zimbábue, do Quênia, da Índia e da Tailândia.</p>	<p>(JEFF MARCK, 1999)</p>

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
	<p>autor argumenta que há padrões diferentes de comportamento de risco em torno de alguns temas centrais. O autor analisa relatos dos motoristas sobre parceiros(as) sexuais – especialmente com informações sobre tipo de relação (profissional do sexo, esposa, namorada), número de parcerias e estado civil (casado ou solteiro). Três formas principais de intervenção foram empregadas junto a caminhoneiros: aumentar seu comportamento de buscar ter mais saúde e especialmente de acessarem mais serviços de saúde; aumentar o uso do preservativo nas relações sexuais; diminuir o número de parceiros sexuais.</p>		
Revisão, África Ocidental	<p>A obra foi produzida com o apoio técnico e financeiro conjunto da Organização Internacional de Migração e da UNAIDS. O documento busca identificar as condições de vida e de trabalho de caminhoneiros que fazem com que os caminhoneiros estejam em risco para contrair a infecção por HIV ou outras IST. A obra propõe a idéia de “zonas de risco”, com dinâmicas próprias, onde as intervenções deveriam melhor atuar. O trabalho conclui que qualquer projeto ou programa que tem como população-alvo apenas os caminhoneiros está fadado ao fracasso, pois é necessário envolver as comunidades que os cercam, principalmente o conjunto que está imediatamente no entorno do transporte, além das famílias e outros parceiros sexuais de caminhoneiros.</p>	<p>É um trabalho de revisão de literatura, com publicações e resumos de conferências, envolvendo risco de infecção por HIV de caminhoneiros e de programas ou intervenções voltados para estes profissionais. Os dados para a revisão foram coletados durante 6 meses em 2002.</p>	(ELEONORE CARAËL, 2005)
Revisão, países em	Revisão de estudos e de intervenções sobre HIV/AIDS e caminhoneiros. A revisão integra o	A revisão da literatura é construída de forma sistemática com base no modelo proposto por	(ELAINE DOUGLAS and CENTER FOR

Local em que o estudo foi desenvolvido	Descrição sumária do estudo	Metodologia	Referência
desenvolvimento, África do Sul, Bangladesh, Brasil, Camarões, Camboja, China, Costa do Marfim, Filipinas, Gana, Índia, Laos, Malawi, Mianmar, Moçambique, Nepal, Nigéria, Paquistão, Quênia, Senegal, Tailândia, Tanzânia, Uganda, Vietnam, Zâmbia, Zimbábue	projeto Synergy, que conta com o financiamento da USAID, uma série de publicações voltadas para pessoas exercendo função de coordenação de projetos junto a populações situadas em contextos de alto-risco para transmissão de HIV. O <i>setting</i> das rotas de caminhões é tomado como uma estrutura e um sistema que oferece oportunidades de muitos pontos diferentes de entrada para a prevenção e os cuidados de HIV/AIDS. O estudo critica o fato de que a maior parte das intervenções permanecem enfocando apenas alguns grupos de indivíduos, chamados de população-alvo, promovendo o uso do preservativo e comportamentos considerados mais saudáveis, sem considerar questões mais amplas do contexto em que as pessoas estão inseridas e sem envolver outras pessoas e instituições-chaves deste <i>setting</i> .	Sweat e Denison (1995), de que existem quatro níveis diferentes de causalidade que afetam os comportamentos individuais relativos ao risco para infecção por HIV – o nível super-estrutural (ou societal), o estrutural (ou da comunidade), o ambiental (ou institucional) e o individual. A revisão aqui se centra num <i>setting</i> particular, o das rotas de caminhões, como sendo um dos principais contextos para transmissão do vírus. O estudo, portanto, reconhece que os comportamentos individuais estão inseridos em contextos sociais, políticos e econômicos nos quais os indivíduos vivem e trabalham.	HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON, 2000)

Anexo 7 – Roteiro de entrevista semi-estruturada para caminhoneiros.

ANTES DE MAIS NADA:

Lembre-se que primeiro você deve se identificar, explicar de que se trata (uma pesquisa sobre projetos de prevenção à Aids junto a caminhoneiros desenvolvida por pesquisadores da UFRGS e do CEARGS), solicitar consentimento para fazer a entrevista e permissão para gravar. Salientar que os dados são confidenciais.

BLOCO I: Dados sócio-demográficos

O objetivo aqui é conhecer algumas características do(s) entrevistado(s), como sua idade, experiência conjugal, família, local de moradia, religião. O nome importa apenas para identificar a entrevista. Se a pessoa entrevistada for mulher caminhoneira, importa salientar o sexo da entrevistada.

Qual o seu nome ?

Qual a sua idade?

É casado? Este é o único (ou primeiro) casamento?

Tem filhos? Quantos? São todos com a mesma mulher?

Até quando estudou?

Há quanto tempo trabalha como caminhoneiro?

Qual o seu vínculo profissional? É dono do caminhão ou é empregado?

Onde mora? Quem mais mora com o senhor (esposa, filhos, nora, genro)?

Se eu lhe pedisse para dizer se o senhor é branco, preto, pardo, amarelo (asiático) ou indígena, como o senhor se classificaria?

Tem alguma religião? É praticante?

BLOCO II: Fluxos, rotas e serviços de saúde

O objetivo aqui é conhecer as principais rotas que o motorista faz, em especial atualmente. Importa entender nestes caminhos aonde ele costuma parar e por quanto tempo. A questão do vínculo com algum serviço de saúde é fundamental e se relaciona com os locais por onde ele circula (locais de moradia ou de trabalho).

BLOCO II: Fluxos, rotas e serviços de saúde

Quais são as rotas o senhor realiza com mais frequência? Costuma ir a quais cidades (estados, países)?

As viagens que realiza são em média de quantos dias? Quantos dias fica fora de casa?

Costuma viajar sozinho ou com alguém? Viaja com a família ou com esposa?

A quantidade de viagens varia ao longo do ano? Em que períodos viaja mais (ou menos)?

Quantas horas você viaja por dia?

Nestas viagens, onde costuma parar? Em que tipo de estabelecimento você fica para dormir?

No estado do Rio Grande do Sul, quais os postos em que costuma parar e permanecer à noite?

Quanto tempo fica parado no posto?

Tem vínculo com algum serviço de saúde?

BLOCO III: Conhecimento e contato com projetos de intervenção

O objetivo aqui é saber se o motorista já foi abordado por algum grupo (ONG ou OG) que fazia uma intervenção no campo da saúde, mais especificamente, de prevenção ou assistência às DST, HIV e AIDS. Perceber se há distribuição de algum material – condom, folheto informativo, ou outro – e o que é feito com o material.

O senhor já ouviu falar em doença sexualmente transmissível, HIV ou Aids?

Quais as fontes de informação sobre Aids?

Nas paradas noturnas, já foi abordado por algum projeto ou instituição de prevenção às DST, HIV ou Aids? Com que frequência isto acontece?

Quais os locais em que costuma ser abordado com mais frequência? Por qual instituição ou grupo? (Sabe o que Organização Não Governamental?)

Que tipo de atividade é realizada nestas abordagens?

Há distribuição de algum tipo de material? De que tipo? Se for material impresso, é sobre o quê?

Como avalia estas intervenções?

BLOCO IV: Intervenções realizadas junto a caminhoneiros

O objetivo aqui é compreender em maior profundidade como foram as intervenções de que o caminhoneiro foi "alvo" e, caso ele nunca tenha sido acessado, como deveriam ser feitas tais intervenções. Busca-se perceber as demandas dos caminhoneiros relativamente aos serviços de saúde.

BLOCO IV: Intervenções realizadas junto a caminhoneiros

Vamos voltar agora rapidamente para aquela questão das intervenções, de ser abordado por algum grupo para a prevenção às DST, HIV ou Aids.

Dos projetos que o senhor observou, quais que mais chamaram a atenção?
Por quê?

Alguma vez se sentiu constrangido com alguma intervenção?

Qual o conteúdo das intervenções? O que dizem ou fazem para vocês?

Que tipo de intervenção deveria ser realizada com caminhoneiros?

O que é importante (e/ou o que falta) para que os caminhoneiros se previnam das DST, HIV e Aids? Quais as suas demandas?

Em termos da relação com outros caminhoneiros, como é que fica a questão das informações, da camisinha, de drogas? Tem algum grupo ou alguma pessoa que seja uma referência?

BLOCO V: Parcerias sexuais, práticas sexuais, prevenção

O objetivo aqui é conhecer melhor as parcerias sexuais e as estratégias de prevenção e/ou contracepção adotadas nas relações. Explorar que métodos são utilizados, quem toma a iniciativa, se há uso de preservativo. Com relação a profissionais do sexo, tentar observar os diferentes tipos de profissionais ou serviços oferecidos (mulheres, travestis, rapazes).

Há oferta de serviços sexuais nos locais em que costuma parar? De quem?

Nas viagens a trabalho, costuma manter relações sexuais? Com quem? Com que frequência?

Nas relações sexuais utiliza algum método de prevenção às DST, HIV, Aids?

Com que tipo de parceira(o) utiliza algum método? Com que frequência?

Qual o método de prevenção e/ou contracepção que utiliza com mais frequência?

As(Os) parceiras(os) com as quais costuma manter relações sexuais dispõem de métodos de prevenção? De quem é a proposta para o uso?

Já realizou teste anti-HIV? Quando? Onde? Por quê? Gostaria de realizar?

BLOCO VI: Uso de substâncias lícitas ou ilícitas

O objetivo aqui é pensar sobre o uso de substâncias, em particular a relação entre este uso e as práticas sexuais, incluindo a prevenção às DST, HIV e Aids. Se o motorista não quiser falar de si próprio, perguntar em termos mais genéricos.

Já estamos chegando ao fim da entrevista.

O senhor utiliza algum tipo de substância para permanecer acordado? Quais? Quando?

Há relação entre o uso destas substâncias e as práticas sexuais?

Como é o uso de álcool por caminhoneiros?

POR FIM:

Sempre pergunte ao entrevistado se há mais alguma coisa que ele gostaria de comentar ou acrescentar, que ele ache importante nos dizer. Mostre o Termo de Consentimento Informado, se já não o tiver feito no início da entrevista, leia-o para o entrevistado e peça a sua assinatura. Guarde a cópia assinada e dê uma cópia do Termo para ele. Não esqueça de agradecer pelo seu tempo e pelas informações.

Anexo 8 – Roteiro de entrevista semi-estruturada com profissionais do sexo

ANTES DE MAIS NADA:

Lembre-se que primeiro você deve se identificar, explicar de que se trata (uma pesquisa sobre projetos de prevenção à Aids junto a caminhoneiros desenvolvida por pesquisadores da UFRGS e do CEARGS), solicitar consentimento para fazer a entrevista e permissão para gravar. Salientar que os dados são confidenciais.

BLOCO I: Dados sócio-demográficos

O objetivo aqui é conhecer algumas características da(s) entrevistada(s), como sua idade, experiência conjugal, família, local de moradia, religião. O nome importa apenas para identificar a entrevista (primeiro nome ou apelido, pouco importa).

Qual o seu nome ?

Qual a sua idade?

É casada(o)?

Tem filhos? Quantos?

Até quando estudou?

Há quanto tempo trabalha como profissional do sexo?

Onde mora? Quem mais mora com a senhora?

Se eu lhe pedisse para dizer se a senhora é branca, preta, parda, amarela (asiática) ou indígena, como a senhora se classificaria?

Tem alguma religião? É praticante?

BLOCO II: Locais de trabalho e serviços de saúde

O objetivo aqui é conhecer as principais rotas que o motorista faz, em especial atualmente. Importa entender nestes caminhos aonde ele costuma parar e por quanto tempo. A questão do vínculo com algum serviço de saúde é fundamental e se relaciona com os locais por onde ele circula (locais de moradia ou de trabalho).

Quais os locais da cidade em que trabalha, em que turnos e em que dias da semana?

Com que frequência trabalha nos postos de gasolina e nas suas imediações?

Há outras(os) profissionais do sexo nestes locais em que trabalha? Quais (mulheres, travestis, rapazes/michês)? Quantos são?

Quem são os clientes destes locais?

Como é trabalhar nos postos de gasolina e suas imediações? Quais as vantagens e quais as desvantagens?

Vai a outra cidade, a trabalho?

Tem vínculo com algum serviço de saúde?

BLOCO III: Conhecimento e contato com projetos de intervenção

O objetivo aqui é saber se a profissional do sexo já foi abordada por algum grupo (ONG ou OG) que fazia uma intervenção no campo da saúde, mais especificamente, de prevenção ou assistência às DST, HIV e AIDS. Perceber se há distribuição de algum material – condom, folheto informativo, ou outro – e o que é feito com o material.

No trabalho nos postos de gasolina e suas imediações, já foi abordada por algum projeto ou instituição de prevenção às DST, HIV e AIDS? Com que frequência isto acontece?

Quais os locais em que costuma ser mais freqüentemente abordada? Por qual instituição?

Que tipo de atividade é realizada nestas abordagens?

Há distribuição de algum tipo de material? De que tipo? Se for material impresso, é sobre o quê?

O que costuma fazer com o material distribuído?

Como avalia estas intervenções?

BLOCO IV: Intervenções para profissionais do sexo

O objetivo aqui é compreender em maior profundidade como foram as intervenções de que a profissional do sexo foi “alvo” e, caso ela nunca tenha sido acessada, como deveriam ser feitas tais intervenções. Busca-se perceber as demandas das profissionais relativamente aos serviços de saúde.

Dos projetos que você observou, quais que mais chamaram a atenção? Por quê?

Sentiu-se constrangida com alguma intervenção?

O que dizem ou fazem para vocês?

Que tipo de intervenção deveria ser realizada com profissionais do sexo? E com caminhoneiros?

Qual deve ser o conteúdo destas intervenções?

O que é importante (e/ou o que falta) para que as profissionais do sexo se previnam das DST, HIV e Aids? Quais as suas demandas?

Em termos da relação com outras profissionais, como é que fica a questão das informações, da camisinha, de drogas? Tem algum grupo ou alguma pessoa que seja uma referência?

BLOCO V: Relações com clientes e práticas sexuais

O objetivo aqui é conhecer melhor as parcerias sexuais e as estratégias de prevenção e/ou contracepção adotadas nas relações. Explorar que métodos são utilizados, quem toma a iniciativa, se há uso de preservativo. Com relação a caminhoneiros, tentar observar especificidades da clientela..

Como são os caminhoneiros, enquanto clientes (relações de violência, estabelecimento de vínculos, apressados, pagamento, idade, demanda do uso de condom, etc.)?

Nas relações sexuais de trabalho, utiliza algum método de prevenção às DST, HIV e AIDS? Com que tipo de cliente utiliza? Com que frequência? Qual o método que utiliza com maior frequência?

Os clientes com os quais costuma manter relações sexuais dispõem de métodos de prevenção? De quem é a proposta para o uso? Há recusas de uso? O que faz nestas situações?

Como faz para obter preservativo?

Já realizou teste anti-HIV? Quando? Onde? Por quê? Gostaria de realizar?

BLOCO VI: Uso de substâncias lícitas ou ilícitas

O objetivo aqui é pensar sobre o uso de substâncias, em particular a relação entre este uso e as práticas sexuais, incluindo a prevenção às DST, HIV e Aids. Se a profissional não quiser falar de si própria, perguntar em termos mais genéricos.

Já estamos chegando ao fim da entrevista.

Utiliza algum tipo de substância para trabalhar? Quais? Quando?

Onde obtém estas substâncias?

Há relação entre o uso destas substâncias e as práticas sexuais?

Como é o uso de álcool por profissionais do sexo?

Faz algum tipo de auto-medicação?

POR FIM:

Sempre pergunte à entrevistada se há mais alguma coisa que ele gostaria de comentar ou acrescentar, que ela ache importante nos dizer. Mostre o Termo de Consentimento Informado, se já não o tiver feito no início da entrevista, leia-o para a entrevistada e peça a sua assinatura. Guarde a cópia assinada e dê uma cópia do Termo para ela. Não esqueça de agradecer pelo seu tempo e pelas informações.

Anexo 9 – Termo de Consentimento Informado

Um grupo de pesquisadores vinculados ao Centro de Estudos de AIDS/DST do Rio Grande do Sul e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul está realizando uma pesquisa sobre o papel das organizações não governamentais (ONG) na prevenção e no controle da epidemia de AIDS junto a caminhoneiros e profissionais do sexo. Queremos reunir informações para que, depois de analisados os dados, possamos identificar como as pessoas foram acessadas e por que alguns projetos são bem sucedidos e outros, não. Para isso, queremos saber o que as pessoas pensam das atividades de prevenção e de intervenção.

Solicitamos o seu consentimento para a participação nesta pesquisa. Sua participação será através de um diálogo, na forma de uma entrevista. Salientamos que esta será uma entrevista informal e que a qualquer momento pode ser interrompida para quaisquer esclarecimentos. Sua participação é voluntária e os dados são absolutamente confidenciais.

A nossa equipe se compromete a divulgar os resultados da pesquisa através da *internet* e de seminários, para que todos tenham acesso a estas informações.

Concordo em participar da pesquisa intitulada "Avaliação do Impacto de Projetos de Educação Sexual e de Intervenção com Profissionais do Sexo, Travestis e Caminhoneiros no Rio Grande do Sul",

Responsáveis pela pesquisa

Andréa Fachel Leal – telefone (51) 9116-4130
Daniela Riva Knauth – telefone (51) 3316-5461
Fernando Seffner – telefone (51) 3316-5389

Anexo 10 – Descrição detalhada da amostra do *survey* com caminhoneiros.

Cálculo inicial do tamanho da amostra, baseado nas primeiras informações fornecidas pelas visitas aos postos e o Estudo Qualitativo.

Considerando as informações repassadas sobre a quantidade de caminhões em cada local, com o objetivo de fornecer uma noção sobre a proporção de caminhões em cada uma das cidades, fixando uma margem de erro para o cálculo em 5% e utilizando uma amostragem probabilística aleatória simples, os tamanhos de amostra para ter representatividade no geral seriam de:

Tabela 2 Cálculo inicial da amostra

Município	Nível de confiança	
	<i>90%</i>	<i>95%</i>
Rio Grande	177	252
Canoas	22	31
Gravataí	31	44
Porto Alegre	18	25
Chuí	22	31
Total	270	383

Estudo Piloto

Foi definida a realização do estudo piloto em dois sítios, Rio Grande e Gravataí com a intenção de: testar o instrumento (questionário), a metodologia para a seleção dos entrevistados (caminhoneiros) e confirmar o movimento de caminhões nos postos com o objetivo de checar se o tamanho da amostra proposta estava correto, tendo em vista que há modificações do fluxo de

caminhões em alguns meses do ano. Para o piloto foram entrevistados 10% do total da amostra prevista, acrescido de 20% para perdas e recusas, resultando na necessidade de 46 entrevistas divididas pelos dois locais definidos ($383 + 20\% = 459 \times 10\% = 46$ entrevistas). Efetivamente foram abordados 62 caminhoneiros, nos dois centros urbanos, dos quais 4 recusaram participar da pesquisa e 58 responderam ao questionário.

Cálculo final do tamanho da amostra

No início da Pesquisa propriamente dito, fevereiro de 2006, verificou-se a necessidade de rever o cálculo do tamanho da amostra, tendo em vista o número de caminhoneiros encontrados no primeiro sítio da pesquisa ser inferior ao encontrado durante o Estudo Qualitativo, em decorrência do período de entre safra.

Novas informações¹ para o cálculo do tamanho da amostra

Porto Alegre:

- Posto Garoupa: Nº médio de caminhões por dia = 100; no período de janeiro e fevereiro, tende a cair para 80-90.

Canoas:

- Posto Buffon: Nº médio de caminhões por dia = 120; no período de janeiro e fevereiro pode cair para 100.

Gravataí (2 postos):

- Posto Radar: Nº médio de caminhões por dia = 120; no período de janeiro e fevereiro pode cair para 110.
- Posto Perdigão: Nº médio de caminhões por dia = 100; no período de janeiro e fevereiro pode cair para 90.

¹ Entrevistas com gerente de posto, com caminhoneiros, com delegado da Receita Federal e observação em estudo exploratória inicial.

Chuí:

- Pátio da Alfândega: N^o médio de caminhões por dia = 130; pode chegar a 200, mas o delegado não soube dizer em que período (depende da variação na taxa de câmbio mais do que qualquer outra coisa)

Rio Grande (2 postos):

- Posto Buffon: No. médio de caminhões no período de setembro a fevereiro = 550; n^o médio de caminhões no período de março a agosto = 2000
- Posto Ongaratto: N^o médio de caminhões no período de setembro a fevereiro = 550; n^o médio de caminhões no período de março a agosto = 2000

Com relação a Rio Grande: neste momento (fevereiro) está muito atípico, e há apenas 40 a 55 caminhões nos postos, em função da conjunção: greve de caminhoneiros no Porto, férias, período entre safras.

Considerações sobre o Cálculo do Tamanho da Amostra

O cálculo do tamanho de amostra necessário foi realizado utilizando um erro amostral máximo de 5% e um intervalo de confiança de 95%, para o resultado de Rio Grande e para as demais cidades. Esta divisão entre as cidades se fez necessária devido a grande importância no fluxo de caminhões na cidade de Rio Grande.

Para o cálculo do tamanho da amostra, trabalhou-se com a suposição de que a amostra tivesse sido gerada de maneira probabilística, considerando o método de amostragem aleatória simples em cada local. Tal suposição pode ser utilizada sem maiores prejuízos, uma vez que, os tamanhos amostrais resultantes da precisão desejada, serão suficientemente grandes e se dispõe

de informações da quantidade diária de caminhões estacionados em cada Posto de Combustível alvo do estudo.

Para a seleção da amostra, como não se possui um cadastro da população, o processo de amostragem a ser utilizado será o não-probabilístico por cotas, que tem se tornado o principal método de amostragem aplicado em pesquisa.

As informações não poderão ser desagregadas por local ou município, exceto para Rio Grande. Segmentações muito restritivas geram números amostrais insuficientes para divulgação de indicadores com robustez estatística. Portanto não será possível desagregar resultados para os caminhoneiros de Porto Alegre ou de um determinado posto. Segue abaixo na forma de uma tabela o tamanho de amostra previsto para cada localidade (Tabela 3).

Tabela 3 Tamanho de amostra prevista e erro relativo máximo esperado para Rio Grande e demais localidades

Cidade	Quantidade média diária de caminhões	Tamanho da amostra (n)	Erro relativo máximo(er)
Rio Grande	3100	384	5,00%
Porto Alegre	100	78	5,00%
Canoas	120	94	
Gravataí	120	94	
Chui	150	118	
Total	3590	768	3,54%

Desejando-se retirar resultados gerais para Rio Grande e demais localidades, estes poderão ser obtidos através de um intervalo de confiança de

95%, com erros relativos não superiores a 3,54%, mas os resultados necessitarão de ponderações.

Para a seleção das unidades amostrais (caminhoneiro) sugere-se a fixação de cotas por faixa de horário de trabalho no posto e por locais de circulação dos caminhoneiros dentro dos postos de combustíveis. Se fosse possível obter informações sobre a faixa etária dos caminhoneiros esta cota seria de extrema importância, pois manteria na amostra a mesma proporcionalidade da população, assim como cotas de grau de instrução, de faixa de renda entre outras. Mas o aumento do número de cotas aumenta a dificuldade de seleção da amostra principalmente se considerarmos a mobilidade da população de caminhoneiros.

Tendo em vista a dificuldade de seleção da amostra, pois os caminhoneiros estacionados não ficam somente dentro dos seus caminhões ou próximos a eles; a inexistência de controle de identificação de entrada e saída dos postos de combustíveis ou um cadastro dos caminhoneiros foi sugerido para esta pesquisa a seleção da amostra baseada em cotas de horário, cotas de locais de abordagem e seleção sistemática dos entrevistados, a cada três que passarem nos locais designados para a entrevista. Não foi feita a opção de sortear os caminhões estacionados e abordar ali os caminhoneiros por dois motivos: primeiro, o estudo qualitativo revelou que um código corrente nos postos para a oferta de serviços sexuais para os caminhoneiros é bater na cabine dos caminhões; segundo, os caminhoneiros não permanecem durante o dia muito tempo dentro das cabines, de modo que depois de sorteado o caminhão seria necessário encontrar o motorista no pátio.

Como a amostragem sugerida é não probabilística e a quantidade de entrevistas é para respondentes válidos, as recusas devem ser substituídas. A amostra final será acrescida em 10% para o caso de necessidade, como por exemplo, questionários com preenchimento incorreto que sejam considerados inválidos e dificuldade de retorno aos locais de entrevistas para completar dados que possam ter sido coletados de forma inadequada ($768 + 77 = 844$). Um percentual maior de acréscimo ao total da amostra sempre é melhor, mas por impedimento orçamentário optou-se pelo acréscimo de 10%.

O que está sendo feito em relação à seleção da amostra

Durante o trabalho de campo, tendo em vista que a época de início do mesmo coincidiu com um período de diminuição do fluxo de caminhoneiros nos postos de combustíveis, período este que se estende da metade de dezembro ao final de março, houve modificações na seleção da amostra. Os entrevistadores foram a campo nos dois turnos, manhã e tarde, assegurando assim a observação de um fluxo de entrada e saída de caminhões nos pátios.

Os entrevistadores ficaram distribuídos espacialmente no local, cada um próximo de algum serviço do posto (empresas transportadoras, banheiros, restaurante, sala de jogos, sala de motoristas, borracheiro, pátio, etc.), e neste local o entrevistador passou a convidar as pessoas que ali circulavam a participar da pesquisa. No caso da abordagem dos motoristas no pátio, foram também entrevistados motoristas que estivessem dentro dos caminhões quando a cabine estava com a porta aberta.

Um supervisor de campo está sempre presente, circulando em meio aos entrevistadores, verificando quem foi abordado, como está o trabalho de campo, fornecendo material (questionários e TCLE) e recolhendo e revisando

os questionários feitos. O supervisor de campo sempre faz também a contagem de todos os caminhões estacionados no local, no início e no final de cada turno, registrando em diário de campo o número de caminhões, de cargas, de cavalos de caminhão e de ônibus presentes.

Todos os caminhoneiros que estavam no Posto durante o turno da pesquisa são abordados, sem exceção. Deste modo, todos presentes são entrevistados, numa espécie de “censo”. Cada entrevistador mantém, para cada dia de trabalho de campo, uma planilha de recusas. As recusas foram anotadas, incluindo-se o horário em que se deu bem como os seus motivos, e foram substituídas.

Anexo 11 – Questionário. Instrumento do piloto.

Questionário para o Piloto do *Survey* PROSARE

Identificação do Questionário

1. Número de ordem de identificação do questionário NÃO PREENCHER _____

2. Local da entrevista

1. Rio Grande Buffon 2. Rio Grande Ongaratto 3. Rio Grande Marinha
 4. Gravataí Radar 5. Gravataí Perdigão 6. Canoas Buffon
 7. Porto Alegre Garoupa 8. Chuí Aduana

3. Serviço no posto em cuja proximidade a entrevista será feita

1. Restaurante 2. Transportadora 3. Banheiro
 4. Bomba de gasolina 5. Borracharia 6. Eletricista
 7. Loneiro 8. Portão de entrada 9. Telefone Público
 10. Outro

5. Identificação do entrevistador

1. Ana 2. Andréa 3. Daniela 4. Fernando 5. Juliana
 6. Maiane 7. Marcos 8. Renata 9. Rodrigo

Informações demográficas e sócioeconômicas

Gostaria de começar conversando um pouco sobre o senhor e a sua família.

6. Qual o seu nome?

7. Qual a sua idade? _____

8. Qual o nome da cidade em que o senhor mora?

9. Em que estado (país) fica esta cidade? _____

10. Em relação à sua cor ou raça, o senhor se considera: LER OPÇÕES

1. Branco 2. Preto ou negro 3. Mulato
 4. Amarelo ou asiático 5. Indígena

11. O senhor é casado ou vive com alguém?

1. Casado ou vive em união 2. Namorando 3. Solteiro
 4. Separado / divorciado 5. Viúvo 6. NR
 7. NS/NL

12. Este é o seu primeiro casamento?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NSA

13. Quantas vezes o senhor já foi casado? _____

14. O senhor tem filhos?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

15. Se tem filhos, quantos filhos o senhor tem? _____

16. Se tem mais de 01 filho, todos os filhos são com a mesma mãe?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

17. Se os filhos não são com a mesma mãe, com quantas mulheres o senhor tem filhos?

18. Até que série o senhor estudou na escola? _____ SÉRIE
_____ GRAU

20. O senhor pratica alguma religião? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Católico 2. Evangélico 3. Protestante Histórico
 4. Espírita 5. Religião Afro-Brasileira 6. Não pratica
 7. NR 8. Outro

Informações sobre a trajetória profissional
Vamos falar um pouco agora sobre trabalho.

22. Há quanto tempo o senhor trabalha como caminhoneiro? _____ ANOS

Se trabalha há menos de um ano colocar o número de meses e assinalar MESES por extenso ao lado da resposta.

23. O senhor já teve algum outro tipo de trabalho?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

24. Se teve outra profissão, qual foi?

25. O senhor é proprietário do seu caminhão?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

26. O seu veículo é rastreado via satélite?

1. Sim, permanentemente rastreado 2. Sim, pode ser rastreado às vezes
 3. Não é rastreado 4. NR

27. Qual é o seu vínculo de trabalho, atualmente?

1. Empregado (empresa de transporte) 2. Trabalha por conta própria/autônomo
 3. Trabalha através de cooperativa 4. Outro

29. Se empregado, trabalha com carteira assinada?

1. Com carteira 2. Sem carteira 3. NR

30. Em relação à sua renda, o senhor poderia nos dizer mais ou menos qual é a sua renda mensal?
R\$ _____

31. O que o senhor ganha é a principal fonte de renda da sua família?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS

32. Alguém de sua família trabalha, ou trabalhou, como caminhoneiro (ou com transporte de cargas)?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

33. Se alguém é caminhoneiro, quem é esta pessoa? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Pai 2. Irmão(s) 3. Filho 4. Tio 5. Sobrinho
 6. Cunhado 7. NSA 8. Outro

Informações sobre fluxos e rotas

Eu queria agora conversar um pouco sobre os lugares por onde o senhor anda a trabalho.

35. Qual a rota que o senhor mais fez nos últimos dois anos? ANOTAR CIDADES E ESTADOS/PAÍSES

36. Que outras rotas, além desta, o senhor fez nos últimos dois anos? ANOTAR CIDADES E ESTADOS/PAÍSES

37. Quantas viagens o senhor costuma fazer por mês? _____ VIAGENS POR MÊS

38. Quanto tempo duram, em média, as viagens que o senhor faz? _____ DIAS

39. O senhor costuma viajar sozinho?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

40. Se não viaja sozinho, quem mais costuma levar junto nas viagens?

1. Esposa 2. Filhos 3. Outro familiar 4. Caminhoneiro
 5. NSA 6. Outra pessoa

42. Quando o senhor pára durante as viagens, aonde costuma ficar? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Posto combustível 2. Aduana 3. Cia. Transportadora
 4. NSA 5. Outro

44. No Rio Grande do Sul, em que locais o senhor costuma parar por mais tempo? LISTAR OS POSTOS DE GASOLINA E AS RESPECTIVAS CIDADES

45. O senhor vem de quanto em quanto tempo aqui para este posto / esta fronteira em que estamos?

DIAS

SEMANAS

MESES

48. Qual foi a última vez em que o senhor esteve aqui neste posto onde estamos?

DIAS

SEMANAS

MESES

51. Quantos dias o senhor costuma ficar parado, em média, no posto ou na fronteira? _____
DIAS

Informações sobre utilização de serviços de saúde

Agora vamos conversar sobre serviços de saúde.

52. Nestes últimos 6 meses, o senhor consultou algum profissional ou serviço de saúde (médico ou dentista)?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

53. Se consultou, qual era a especialidade do médico?

54. Se já teve problema de saúde em viagem e precisou de serviço de saúde, em que tipo de serviço recebeu atendimento?

- 1. Médico particular
- 2. Pronto Socorro SUS
- 3. Posto de Saúde de cidade de origem
- 4. Posto de Saúde de outra localidade
- 5. Ambulatório de hospital
- 6. Ambulatório de empresa em que trabalha
- 7. Ambulatório de plano de saúde
- 8. NR
- 9. NS/NL
- 10. NSA
- 11. Outro

56. O senhor sente necessidade de consultar algum serviço de saúde durante as suas viagens?

- 1. Sim
- 2. Não
- 3. NR
- 4. NS/NL

57. Se sente necessidade de consultar, o senhor costuma frequentar algum serviço durante suas viagens?

- 1. Sim
- 2. Não
- 3. NR
- 4. NS/NL
- 5. NSA

58. Se procura algum serviço de saúde durante uma viagem, em que tipo de serviço costuma ir? MÚLTIPLA RESPOSTA

- 1. Médico particular
- 2. Pronto Socorro (SUS)
- 3. Posto de Saúde próximo ao local em que está parado
- 4. Outro posto de saúde
- 5. Ambulatório de hospital (SUS)
- 6. Ambulatório de convênio de empresa onde trabalha
- 7. NR
- 8. NS/NL
- 9. NSA
- 10. Outro

60. Se não procura um serviço de saúde durante as viagens, por que não o faz? MÚLTIPLA RESPOSTA

- 1. Inexistência de serviços nos locais em que fica parado
- 2. Dificuldade em conseguir agendamento no posto de saúde
- 3. Demora em conseguir consulta
- 4. Não tem convênio de saúde
- 5. Não gosta do atendimento do SUS
- 6. NR
- 7. NS/NL
- 8. NSA
- 9. Outro

62. O senhor já sofreu algum acidente de trânsito?

1. Sim 2. Não 3. NR

63. Caso tenha sofrido um acidente, detalhar há quanto tempo foi o acidente, onde aconteceu e por quem foi socorrido.

64. O senhor já doou sangue alguma vez?

1. Sim, doa sangue rotineiramente 2. Sim, já doou algumas vezes
 3. Doou sangue apenas uma vez 4. Nunca doou sangue
 5. NR

65. Se já doou sangue, quais as razões que o levaram a doar sangue?

Informações sobre parcerias sexuais, práticas sexuais e prevenção

Gostaria agora de conversar sobre relações sexuais, parceiras(os) sexuais.

66. O senhor costuma usar camisinha em suas relações sexuais?

1. Sim, sempre 2. Sim, às vezes 3. Não 4. NR
 5. NS/NL

67. Se usa ou já usou camisinha, com quem usou camisinha? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Prostituta 2. Travesti 3. Parceira eventual 4. Namorada
 5. Esposa 6. NSA 7. Outro

69. Qual seria o principal motivo para o senhor usar camisinha?

70. Qual seria o principal motivo para NÃO usar a camisinha?

71. Há quanto tempo foi a sua última relação sexual? _____ DIAS
_____ SEMANAS
_____ MESES

72. Na sua última relação sexual, quem foi a parceira ?

1. Sua esposa atual 2. Sua namorada atual 3. Ex-esposa ou ex-namorada
 4. Uma parceira eventual 5. Profissional do sexo 6. Outra(o)

74. Na sua última relação sexual, vocês usaram camisinha?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

75. O senhor alguma vez já usou serviços de profissionais do sexo (prostitutas ou travestis)?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

76. E no último ano, o senhor usou os serviços de profissionais do sexo?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NSA

77. Se usa, ou usava, os serviços de profissionais do sexo, é durante as viagens?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

78. Se usa os serviços, faz uso de camisinha com estas profissionais?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

79. Se usa os serviços, com que frequência usa camisinha quando se relaciona com profissional do sexo?

1. Nunca 2. Raramente 3. Frequentemente
 4. Quase sempre / Sempre 5. NSA

80. Se usa os serviços, onde o senhor consegue a camisinha quando se relaciona com profissional do sexo? MÚLTIPLA RESPOSTA

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Profissional do sexo | <input type="checkbox"/> 2. Compra na farmácia |
| <input type="checkbox"/> 3. Bar / Boate / Motel | <input type="checkbox"/> 4. Posto de Saúde |
| <input type="checkbox"/> 5. Compra no posto de combustível | <input type="checkbox"/> 6. Ganha em campanhas de prevenção |
| <input type="checkbox"/> 7. Ganha da esposa | <input type="checkbox"/> 8. Com colegas ou amigos |
| <input type="checkbox"/> 9. NSA | <input type="checkbox"/> 10. Outro |

82. O senhor tem camisinha consigo agora no caminhão?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

**Informações sobre conhecimento e contato com projetos de prevenção às DST, HIV ou AIDS
Vamos conversar agora sobre HIV e AIDS.**

83. Onde, ou através de quem, o senhor ouviu falar de AIDS ou DST? ESPONTÂNEA – NÃO LER

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1. Televisão | <input type="checkbox"/> 2. Rádio |
| <input type="checkbox"/> 3. Revista para caminhoneiro | <input type="checkbox"/> 4. Jornal |
| <input type="checkbox"/> 5. Revista feminina ou masculina | <input type="checkbox"/> 6. Médico ou Serviço de Saúde |
| <input type="checkbox"/> 7. Livro | <input type="checkbox"/> 8. Filme |
| <input type="checkbox"/> 9. Familiares | <input type="checkbox"/> 10. Amigos |
| <input type="checkbox"/> 11. Caminhoneiros/Colegas | <input type="checkbox"/> 12. Professor/Escola |
| <input type="checkbox"/> 13. Posto de combustível | <input type="checkbox"/> 14. Posto de pedágio |
| <input type="checkbox"/> 15. NR | <input type="checkbox"/> 16. NS/NL |
| <input type="checkbox"/> 17. NSA | <input type="checkbox"/> 18. Outro |

85. O senhor já viu caminhoneiros sendo abordados nas estradas por campanhas de prevenção à AIDS?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

86. Se já viu campanhas nas estradas, como foram as campanhas? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Campanha em festa de caminhoneiro 2. Campanha no pedágio
 3. Atividade de empresa transportadora 4. Outro

88. Alguém já veio conversar com o senhor sobre prevenção à AIDS?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

89. Se já foi contatado, em que locais vieram conversar com o senhor? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Neste posto / fronteira 2. Outro posto / fronteira 3. Pedágio
 4. Polícia Rodoviária 5. Casa noturna / Bar / Boate 6. Nunca foi abordado
 7. NR 8. NS/NL 9. NSA
 10. Outro

91. Desde 2004 até agora, alguém veio conversar sobre AIDS ou DST com o senhor aqui neste posto / fronteira?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

92. Se foi abordado neste local, lembra o nome do grupo, instituição ou projeto que conversou com o senhor?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NSA

93. Se foi abordado, qual o nome do projeto ou grupo?

94. Desde 2004 até agora, alguém veio conversar sobre AIDS ou DST com o senhor em algum OUTRO posto / fronteira (que não este onde estamos agora)?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

95. Se houve abordagem em outro local, lembra ONDE e QUEM foi?

96. Algum destes grupos ou projetos que falaram com o senhor sobre AIDS (MÚLTIPLA RESPOSTA) ESTIMULADA: LER TODAS AS RESPOSTAS

- 1. Deram informações sobre como se pega HIV/AIDS
- 2. Deram informações sobre como se prevenir da AIDS
- 3. Deram informações sobre exames
- 4. Realizaram algum teste ou exame
- 5. Entregaram material informativo (folheto)
- 6. Distribuíram camisinha
- 7. Distribuíram kit de redução de danos (seringa)
- 8. Encaminharam para consulta médica
- 9. NSA
- 10. Outro

98. Se na abordagem foi feito algum tipo de exame ou teste, especifique qual

99. Se já foi abordado alguma vez, quantas vezes foi abordado nos últimos 2 anos? _____
VEZES

100. Se já foi abordado, estas abordagens ajudaram o senhor a aprender mais sobre AIDS ou DST?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

101. Se já foi abordado, o senhor pode nos dizer que diferença isto fez no seu dia-a-dia: (ESTIMULADA: LER)

- 1. Ganhou maior conhecimento
- 2. Passou a usar camisinha
- 3. Se já usava camisinha, começou a usar "sempre"
- 4. Procurou algum serviço de saúde
- 5. Buscou maiores informações sobre AIDS ou DST
- 6. Repassou para alguém informações sobre AIDS ou DST
- 7. Nunca foi abordado
- 8. NSA
- 9. Mudou algum outro comportamento

103. Se já foi aos postos Ongaratto ou Buffon de Rio Grande, já viu um container no pátio do posto?

- 1. Sim, já viu um container
- 2. Já foi ao posto, mas não viu container
- 3. Nunca foi a estes postos
- 4. NR
- 5. NS/NL

104. Se já viu container nos postos de Rio Grande, foi até o container ou procurou alguém que trabalhava no container?

- 1. Procurou o container
- 2. Não foi até o container pois já tinha sido abordado
- 3. Não se interessou por ir ao container
- 4. NR
- 5. NS/NL
- 6. NSA

105. Se procurou o container ou pessoas a ele vinculadas, por que foi até o serviço?

- 1. Queria pegar camisinha
- 2. Queria mais informações
- 3. Queria fazer algum tipo de exame
- 4. NR
- 5. NS/NL
- 6. NSA
- 7. Outro

107. Se procurou o container para fazer algum tipo de exame, qual?

108. Qual foi a campanha ou abordagem que o senhor achou mais marcante? Por quê?

Indicar ao entrevistado que ele pode mencionar qualquer campanha de AIDS, não necessariamente aquelas voltadas para caminhoneiros.

109. Na sua opinião, o que deveria ser feito para que caminhoneiros se previnam da AIDS e de DST?

Conhecimento AIDS

Indique para cada frase abaixo se esta é uma forma de se transmitir o vírus da AIDS (verdadeira, falsa) ou se você não sabe.

Ter uma relação sexual sem usar a camisinha.

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

Compartilhar seringa quando se usa droga injetável.

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

Receber uma transfusão de sangue.

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

Da mãe para o filho (gravidez/amamentação/parto)

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

Picada de mosquito.

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

Compartilhar louça ou talheres.

1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

116. O senhor conhece alguém que tenha o vírus da AIDS?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

117. Se conhece alguém, quem é esta pessoa? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Familiar 2. Amigo 3. Caminhoneiro
 4. Vizinho 5. Conhecido 6. Profissional do sexo
 7. Não conhece alguém 8. NSA 9. Outra pessoa

119. O senhor já fez o teste ou exame para o vírus da AIDS?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

120. O senhor já fez o teste / exame para vírus de hepatite?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

Informações sobre uso de substâncias lícitas ou ilícitas

Esta é a última parte; gostaria de conversar rapidamente sobre uso de substâncias.

121. O senhor faz uso de bebidas de álcool?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

122. O senhor toma atualmente alguma coisa para ficar acordado?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

123. Se usa alguma coisa para ficar acordado, o que o senhor costuma tomar para ficar acordado?

ESTIMULADA: LER

1. Rebite (anfetaminas) 2. Cafeína (café, chimarrão, coca-cola)
 3. Guaraná em pó 4. Energético (red-bull, bad-boy)
 5. Cheira cocaína 6. NSA
 7. Outro

125. O senhor já usou, ou usa, cocaína injetável?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

126. O senhor compartilha, ou já compartilhou, seringas com alguém?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

127. O senhor costuma ter relações sexuais depois de tomar álcool ou algum outro tipo de droga?
 1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

128. O senhor costuma usar camisinha depois de tomar álcool ou algum outro tipo de droga?
 1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

Participação na pesquisa

Para finalizar, a gente quer lhe agradecer e saber sobre a sua participação na pesquisa.

129. O senhor gostou de ter participado da pesquisa?

130. O senhor que é caminhoneiro há X tempo e que foi abordado poucas ou nenhuma vez por alguém para falar de prevenção à AIDS acha que tem alguma coisa que se possa fazer para melhorar isto? O senhor teria algum comentário, ou sugestão, para acrescentar?

131. APENAS PARA O ENTREVISTADOR: assinale aqui algum comentário relativo à aplicação do questionário ou à situação da entrevista.

Anexo 12 – Questionário. Instrumento do *survey*.

Instrumento Final para Aplicação do *Survey* PROSARE

COMO VAI? PESQUISA UFRGS CEARGS - PROSARE

Identificação do Questionário

1. Número de ordem de identificação do questionário *NÃO PREENCHER* _____

2. Local da entrevista

1. Rio Grande Buffon 2. Rio Grande Ongaratto 3. Rio Grande Marinha
 4. Gravataí Radar 5. Gravataí Perdigão 6. Canoas Buffon
 7. Porto Alegre Garoupa 8. Chuí Aduana

3. Serviço no posto em cuja proximidade a entrevista será feita

1. Restaurante 2. Transportadora 3. Banheiro
 4. Bomba de gasolina 5. Borracharia 6. Eletricista
 7. Loneiro 8. Portão de entrada 9. Telefone Público
 10. Outro _____

5. Identificação do entrevistador

1. Ana 2. Andréa 3. Daniela 4. Fernando 5. Juliana
 6. Maiane 7. Marcos 8. Renata 9. Rodrigo

Informações demográficas e sócioeconômicas

Gostaria de começar conversando um pouco sobre o senhor e a sua família.

6. Qual o seu nome? _____

7. Qual a sua idade? _____ ANOS

8. Qual o nome da cidade em que o senhor mora? _____

9. Em que estado (país) fica esta cidade? _____

10. Em relação à sua cor ou raça, o senhor se considera: *LER OPÇÕES*

1. Branco 2. Preto ou negro 3. Mulato 4. Amarelo ou asiático 5. Indígena

11. O senhor é casado ou vive com alguém?

1. Casado ou vive em união 2. Namorando 3. Solteiro 4. Separado / divorciado
(pula para 13) *(pula para 13)* *(pula para 13)*
5. Viúvo *(pula para 13)* 6. NR 7. NS/NL

12. Este é o seu primeiro casamento / primeira união?

1. Sim *(pula para 14)* 2. Não 3. NR 4. NSA

13. Quantas vezes o senhor já foi casado? Se nunca foi casado, 00 (zero) _____

14. O senhor tem filhos?

1. Sim 2. Não *(pula para 18)* 3. NR 4. NS/NL

**15. Se tem filhos, quantos filhos o senhor tem? SE SÓ 1 FILHO, PULA PARA 18 _____
FILHOS**

16. Se tem mais de 01 filho, todos os filhos são com a mesma mãe?

1. Sim *(pula para 18)* 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

**17. Se os filhos não são com a mesma mãe, com quantas mulheres o senhor tem filhos? NSA = 888
_____ MULHERES**

**18. Até que série o senhor estudou na escola? _____ SÉRIE
_____ GRAU**

20. O senhor pratica alguma religião?

1. Católico 2. Evangélico 3. Protestante
 4. Espírita 5. Umbanda/Candomblé/Batuque 6. Não pratica / Nenhuma
 7. NR 8. Outro _____

**Informações sobre a trajetória profissional
Vamos falar um pouco agora sobre trabalho.**

22. Há quanto tempo o senhor trabalha como caminhoneiro? _____ ANOS

Se trabalha há menos de um ano colocar o número de meses e assinalar MESES por extenso ao lado da resposta.

23. O senhor já teve algum outro tipo de trabalho?

1. Sim 2. Não *(pula para 25)* 3. NR 4. NS/NL

24. Se teve outra profissão, qual foi? NSA = 888

25. O senhor é proprietário do seu caminhão?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

26. Qual é o seu vínculo de trabalho, atualmente?

1. Empregado (empresa de transporte) 2. Trabalha por conta própria/autônomo *(pula para 29)*
 3. Trabalha através de cooperativa 4. Outro, qual? _____

28. Se empregado, **trabalha com carteira assinada?**

1. Com carteira 2. Sem carteira 3. NR 4. NSA

29. **O seu veículo é rastreado via satélite?**

1. Sim, permanentemente rastreado 2. Sim, pode ser rastreado às vezes
 3. Não é rastreado 4. NR

30. **Em relação à sua renda, o senhor poderia nos dizer mais ou menos qual é a sua renda mensal?**
R\$ _____

31. **O que o senhor ganha é a principal fonte de renda da sua família?**

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS

32. **Alguém de sua família trabalha, ou trabalhou, como caminhoneiro (ou com transporte de cargas)?**

1. Sim 2. Não (*pula para próximo bloco*) 3. NR 4. NS/NL

33. Se alguém é caminhoneiro, **quem é esta pessoa?**

1. Pai 2. Irmão(s) 3. Filho 4. Tio 5. Sobrinho
 6. Cunhado 7. NSA 8. Outro _____

Informações sobre fluxos e rotas

Eu queria agora conversar um pouco sobre os lugares por onde o senhor anda a trabalho.

35. **Qual a rota que o senhor mais fez nos últimos dois anos? Anotar as cidades e estados/países**

36. **Que outras rotas, além desta, o senhor fez nos últimos dois anos? Anotar as cidades e estados/países**

37. **Quantas viagens o senhor costuma fazer por mês? _____ VIAGENS**

38. **Quanto tempo duram, em média, as viagens que o senhor faz? _____ DIAS**

39. **O senhor costuma viajar sozinho?**

1. Sim (*pula para 42*) 2. Não 3. NR 4. NS/NL

40. Se não viaja sozinho, **quem mais costuma levar junto nas viagens? MÚLTIPLA RESPOSTA**

1. Esposa 2. Filhos 3. Outro familiar 4. Caminhoneiro
 5. NSA 6. Outra pessoa _____

42. Quando o senhor pára durante as viagens, aonde costuma ficar?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1. Posto combustível | <input type="checkbox"/> 2. Aduana |
| <input type="checkbox"/> 3. Cia. Transportadora | <input type="checkbox"/> 4. Polícia Rodoviária |
| <input type="checkbox"/> 5. Hotel/Motel/Pensão | <input type="checkbox"/> 6. Casa de familiar ou namorada |
| <input type="checkbox"/> 7. Posto de pedágio | <input type="checkbox"/> 8. NSA |
| <input type="checkbox"/> 9. Outro | _____ |

44. No Rio Grande do Sul, em que locais o senhor costuma parar por mais tempo? Listar os postos de gasolina ou locais e municípios respectivos.

45. O senhor vem de quanto em quanto tempo aqui para este posto / esta fronteira em que estamos?

_____ DIAS
_____ SEMANAS
_____ MESES
_____ Primeira vez aqui

48. Qual foi a última vez em que o senhor esteve aqui neste posto onde estamos?

_____ DIAS
_____ SEMANAS
_____ MESES
_____ Primeira vez aqui

51. Quantos dias o senhor costuma ficar parado, em média, no posto ou na fronteira (aqui)?

_____ DIAS

Informações sobre utilização de serviços de saúde
Agora vamos conversar sobre serviços de saúde.

52. Nestes últimos 6 meses (de setembro até agora), o senhor consultou algum profissional ou serviço de saúde (médico ou dentista)?

1. Sim 2. Não (*pula para 57*) 3. NR 4. NS/NL

53. Se consultou, qual era a especialidade do médico?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Clínico geral | <input type="checkbox"/> 2. Cardiologista |
| <input type="checkbox"/> 3. Pneumologista | <input type="checkbox"/> 4. Cirurgião |
| <input type="checkbox"/> 5. Gastroenterologista | <input type="checkbox"/> 6. Traumatologista/Ortopedista |
| <input type="checkbox"/> 7. Dentista | <input type="checkbox"/> 8. Psicólogo/Psiquiatra |
| <input type="checkbox"/> 9. Dermatologista | <input type="checkbox"/> 10. Nutricionista |
| <input type="checkbox"/> 11. Oftalmologista | <input type="checkbox"/> 12. NR |
| <input type="checkbox"/> 13. NS/NL | <input type="checkbox"/> 14. NSA |
| <input type="checkbox"/> 15. Outro | _____ |

55. Se já teve problema de saúde nos últimos 6 meses e precisou consultar, em que tipo de serviço recebeu atendimento?

- 1. Médico particular
- 2. Pronto Socorro SUS
- 3. Posto de Saúde de cidade de origem
- 4. Posto de Saúde de outra localidade
- 5. Ambulatório de hospital
- 6. Ambulatório de empresa em que trabalha
- 7. Ambulatório de plano de saúde
- 8. NR
- 9. NS/NL
- 10. NSA
- 11. Outro _____

57. Durante as suas viagens, o senhor já apresentou algum problema de saúde?

- 1. Sim
- 2. Não (*pula para 63*)
- 3. NR
- 4. NS/NL

58. Se sim, qual?

59. Se já apresentou problema de saúde durante viagens, o que o senhor fez para resolvê-lo?

- 1. Procurou serviço de saúde/médico durante a viagem
- 2. Procurou um serviço de saúde/médico no retorno
- 3. Procurou uma farmácia/farmacêutico
- 4. Conversou com colegas/amigos
- 5. Tomou medicamento por conta própria (*pula para 63*)
- 6. Não fez nada (*pula para 63*)
- 7. NR
- 8. NS/NL
- 9. NSA
- 10. Outro _____

61. Se procurou algum serviço de saúde durante uma viagem, em que tipo de serviço foi? (Só para quem respondeu 1 na questão anterior)

- 1. Médico particular
- 2. Pronto Socorro (SUS)
- 3. Posto de Saúde próximo ao local em que está parado
- 4. Outro posto de saúde
- 5. Ambulatório de hospital (SUS)
- 6. Ambulatório de convênio de empresa onde trabalha
- 7. Ambulatório de plano de saúde
- 8. NR
- 9. NS/NL
- 10. NSA
- 11. Outro _____

63. O senhor já doou sangue alguma vez?

1. Sim, doa sangue rotineiramente 2. Sim, já doou algumas vezes 3. Doou sangue apenas uma vez
 4. Nunca doou sangue (*pula para 65*) 5. NR

64. Se já doou sangue, quais as razões que o levaram a doar sangue?

**Informações sobre parcerias sexuais, práticas sexuais e prevenção
Gostaria agora de conversar sobre relações sexuais, parceiras(os) sexuais.**

65. O senhor costuma usar camisinha em suas relações sexuais?

1. Sim, sempre 2. Sim, às vezes 3. Não (*pula para 69*)
 4. NR 5. NS/NL

66. Se usa ou já usou camisinha, com quem usou camisinha? MÚLTIPLA RESPOSTA

1. Prostituta 2. Travesti 3. Parceira eventual 4. Namorada
 5. Esposa 6. NSA 7. Outro _____

68. Se já usou com esposa ou namorada, com que frequência usa camisinha quando tem relações com a esposa/noiva/namorada?

1. Nunca 2. Às vezes 3. Sempre 4. NR 5. NS/NL 6. NSA

69. Qual seria o principal motivo para o senhor usar camisinha?

70. Qual seria o principal motivo para NÃO usar a camisinha?

71. Há quanto tempo foi a sua última relação sexual? _____ DIAS

72. Na sua última relação sexual, quem foi a parceira ?

1. Sua esposa atual 2. Sua namorada atual 3. Ex-esposa ou ex-namorada
 4. Uma parceira eventual 5. Profissional do sexo 6. Outra(o) _____

74. Na sua última relação sexual, vocês usaram camisinha?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

75. O senhor alguma vez já usou serviços de profissionais do sexo (prostitutas ou travestis)?

1. Sim 2. Não (*pula para 82*) 3. NR 4. NS/NL

76. E no último ano, o senhor usou os serviços de profissionais do sexo?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NSA

77. Se usa, ou usava, o senhor usa serviços de profissionais do sexo durante as viagens?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

78. Se usa os serviços, faz uso de camisinha com estas profissionais?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

79. Se usa os serviços, com que frequência usa camisinha quando se relaciona com profissional do sexo?

1. Nunca 2. Raramente 3. Frequentemente
 4. Quase sempre / Sempre 5. NSA

80. Se usa os serviços, onde o senhor consegue a camisinha quando se relaciona com profissional do sexo? *MÚLTIPLA RESPOSTA*

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Profissional do sexo | <input type="checkbox"/> 2. Compra na farmácia |
| <input type="checkbox"/> 3. Bar / Boate / Motel | <input type="checkbox"/> 4. Posto de Saúde |
| <input type="checkbox"/> 5. Compra no posto de combustível | <input type="checkbox"/> 6. Ganha em campanhas de prevenção |
| <input type="checkbox"/> 7. Ganha da esposa | <input type="checkbox"/> 8. Com colegas ou amigos |
| <input type="checkbox"/> 9. NSA | <input type="checkbox"/> 10. Outro _____ |

82. O senhor tem camisinha consigo agora no caminhão?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

**Informações sobre conhecimento e contato com projetos de prevenção às DST, HIV ou AIDS
Vamos conversar agora sobre HIV e AIDS.**

83. Onde, ou através de quem, o senhor ouviu falar de AIDS ou DST? *ESPONTÂNEA - NÃO LER (MÚLTIPLA RESPOSTA)*

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> 1. Televisão | <input type="checkbox"/> 2. Rádio |
| <input type="checkbox"/> 3. Revista para caminhoneiro | <input type="checkbox"/> 4. Jornal |
| <input type="checkbox"/> 5. Revista feminina ou masculina | <input type="checkbox"/> 6. Médico ou Serviço de Saúde |
| <input type="checkbox"/> 7. Livro | <input type="checkbox"/> 8. Filme |
| <input type="checkbox"/> 9. Familiares | <input type="checkbox"/> 10. Amigos |
| <input type="checkbox"/> 11. Caminhoneiros/Colegas | <input type="checkbox"/> 12. Professor/Escola |
| <input type="checkbox"/> 13. Posto de combustível | <input type="checkbox"/> 14. Posto de pedágio |
| <input type="checkbox"/> 15. NR | <input type="checkbox"/> 16. NS/NL |
| <input type="checkbox"/> 17. NSA | <input type="checkbox"/> 18. Outro _____ |

85. O senhor já viu caminhoneiros sendo abordados nas estradas por campanhas de prevenção à AIDS?

1. Sim 2. Não (*pula para 88*) 3. NR 4. NS/NL

86. Se já viu campanhas nas estradas, onde foram as campanhas? *MÚLTIPLA RESPOSTA*

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1. Campanha em festa de caminhoneiro | <input type="checkbox"/> 2. Campanha no pedágio |
| <input type="checkbox"/> 3. Atividade de empresa transportadora | <input type="checkbox"/> 4. Outro _____ |

88. Alguém já veio conversar com o senhor sobre prevenção à AIDS?

1. Sim 2. Não (*pula para 91*) 3. NR 4. NS/NL

89. Se já foi contactado, **em que locais vieram conversar com o senhor?** *MÚLTIPLA RESPOSTA*

1. Neste posto / fronteira 2. Outro posto / fronteira 3. Pedágio
 4. Polícia Rodoviária 5. Casa noturna / Bar / Boate 6. Nunca foi abordado
 7. NR 8. NS/NL 9. NSA
 10. Outro _____

91. Desde 2004 até agora, **alguém veio conversar sobre AIDS ou DST com o senhor AQUI neste posto / fronteira?**

1. Sim 2. Não (*pula para 94*) 3. NR
 4. NS/NL

92. Se foi abordado neste local, **lembra o nome do grupo, instituição ou projeto que conversou com o senhor?**

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NSA

93. Se foi abordado, **qual o nome do projeto ou grupo?**

94. Desde 2004 até agora, **alguém veio conversar sobre AIDS ou DST com o senhor em algum OUTRO posto / fronteira (que não este onde estamos agora)?**

1. Sim 2. Não (*se jamais foi abordado – conferir 91 – pula para 103*) 3. NR 4. NS/NL

95. Se houve abordagem em outro local, **lembra ONDE e QUEM foi?**

96. **Algum destes grupos ou projetos que falaram com o senhor sobre AIDS - ESTIMULADA: LER (MÚLTIPLA RESPOSTA)**

1. Deram informações sobre como se pega HIV/AIDS
 2. Deram informações sobre como se prevenir da AIDS
 3. Deram informações sobre exames
 4. Realizaram algum teste ou exame Qual? _____
 5. Entregaram material informativo (folheto)
 6. Distribuíram camisinha
 7. Distribuíram kit de redução de danos (seringa)
 8. Encaminharam para consulta médica
 9. NSA
 10. Outro _____

99. Se já foi abordado alguma vez, **quantas vezes foi abordado nos últimos 2 anos?** _____

100. Se já foi abordado, **estas abordagens ajudaram o senhor a aprender mais sobre AIDS ou DST?**

1. Sim 2. Não (*pula para 103*) 3. NR 4. NS/NL 5. NSA

101. Se já foi abordado, o senhor pode nos dizer que diferença isto fez no seu dia-a-dia:

ESTIMULADA - LER

- 1. Ganhou maior conhecimento
- 2. Passou a usar camisinha
- 3. Se já usava camisinha, começou a usar "sempre"
- 4. Procurou algum serviço de saúde
- 5. Buscou maiores informações sobre AIDS ou DST
- 6. Repassou para alguém informações sobre AIDS ou DST
- 7. NSA
- 8. Mudou algum outro comportamento

Qual? _____

103. Se já foi aos postos Ongaratto ou Buffon de Rio Grande, já viu um container no pátio do posto?

- 1. Sim, já viu um container
- 2. Já foi ao posto, mas não viu container (*pula para 108*)
- 3. Nunca foi a estes postos (*pula para 108*)
- 4. NR
- 5. NS/NL

104. Se já viu container nos postos de Rio Grande, foi até o container ou procurou alguém que trabalhava no container?

- 1. Procurou o container
- 2. Não foi até o container pois já tinha sido abordado (*pula para 108*)
- 3. Não se interessou por ir ao container (*pula para 108*)
- 4. NR
- 5. NS/NL
- 6. NSA

105. Se procurou o container ou pessoas a ele vinculadas, por que foi até o serviço?

- 1. Queria pegar camisinha
- 2. Queria maiores informações
- 3. Queria fazer algum tipo de exame
- 4. NR
- 5. NS/NL
- 6. NSA
- 7. Outro _____

107. Se procurou o container para fazer algum tipo de exame, qual?

108. Qual foi a campanha ou abordagem que o senhor achou mais marcante? Por quê?

Indicar ao entrevistado que ele pode mencionar qualquer campanha de AIDS, não necessariamente aquelas voltadas para caminhoneiros.

109. Na sua opinião, o que deveria ser feito para que caminhoneiros se previnam da AIDS e de DST?

Conhecimento AIDS

Para cada frase que eu vou dizer agora, diga se esta é uma forma de se transmitir o vírus da AIDS, falando Verdadeiro ou Falso.

110. Ter uma relação sexual sem usar a camisinha. 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe
111. Compartilhar seringa quando se usa droga injetável. 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe
112. Fazer uma doação de sangue com material descartável. 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe
113. Da mãe para o filho (gravidez/parto/amamentação) 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe
114. Picada de mosquito. 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe
115. Compartilhar louça, talheres ou chimarrão. 1. Verdadeiro 2. Falso 3. Não Sabe

116. O senhor conhece alguém que tenha o vírus da AIDS?

1. Sim 2. Não (*pula para 119*) 3. NR 4. NS/NL

117. Se conhece alguém, quem é esta pessoa? *MÚLTIPLA RESPOSTA*

1. Familiar 2. Amigo 3. Caminhoneiro
 4. Vizinho 5. Conhecido 6. Profissional do sexo
 7. Não conhece alguém 8. NSA 9. Outra pessoa _____

119. O senhor já fez o teste ou exame para o vírus da AIDS?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

120. O senhor já fez o teste / exame para vírus de hepatite?

1. Sim 2. Não 3. NR 4. NS/NL

Informações sobre uso de substâncias lícitas ou ilícitas

Esta é a última parte; gostaria de conversar rapidamente sobre uso de substâncias.

121. O senhor faz uso de bebidas de álcool?

1. Sim 2. Não (*pula para 123*) 3. NR 4. NS/NL

122. Se toma álcool, durante o último mês quantas vezes tomou bebidas alcólicas?

1. Mais de uma vez por dia 2. Todos os dias 3. Pelo menos 1 vez por semana 4. Eventualmente
 5. NR 6. NS/NL 7. NSA

123. O senhor toma atualmente alguma coisa para ficar acordado?

1. Sim 2. Não (*pula para 126*) 3. NR 4. NS/NL

Anexo 13 – Modelo de camiseta usado no uniforme da equipe em trabalho de campo da pesquisa PROSARE.

Ilustração 2 - Modelo da camiseta com logo bordado



Anexo 14 – Quadro resumo da equipe de pesquisadores assistentes treinada para o projeto PROSARE.

Quadro 5 - Resumo das qualificações e atribuições dos membros treinados para compor a equipe de pesquisa PROSARE.

Equipe	Função	Nome	Formação/Experiência	Participação	Duração
Capital	Supervisor de campo	Marcos Renato Benedetti	Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS) Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)	Coordenação adjunta de seminário de formação Treinamento prático da equipe Supervisão de campo Realização de entrevistas semi-estruturadas e estruturadas	Janeiro a abril de 2006
Capital	Supervisora de campo	Marion da Costa Pegoraro	Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS) Socióloga atuante no IBGE (Porto Alegre) Pesquisadora assistente vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (PPGAS/UFRGS)	Treinamento prático Supervisão de campo Realização de entrevistas semi-estruturadas e estruturadas	Março a junho de 2006
Capital	Pesquisador assistente	Guilherme Passamani	Bacharel em Ciências Sociais (UFSM)	Realização de entrevistas semi-estruturadas e transcrição de fitas	Dezembro de 2005
Capital	Pesquisadora assistente	Maiane Bertoldo Lewandowski	Bacharel em Ciências Sociais (UFSM) Bacharel em Psicologia Social (UFSM) Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)	Realização de entrevistas semi-estruturadas e transcrição de fitas Realização de entrevistas estruturadas Digitação de banco de dados (piloto)	Dezembro de 2005 a março de 2006

Equipe	Função	Nome	Formação/Experiência	Participação	Duração
Capital	Pesquisadora assistente	Juliana Lopes de Macedo	Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS) Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)	Realização de entrevistas semi-estruturadas e transcrição de fitas Realização de entrevistas estruturadas Digitação de banco de dados (piloto)	Janeiro a março de 2006
Capital	Pesquisadora assistente	Renata Guilhon	Ensino médio completo Atuação como pesquisadora autônoma, assessorando diversos projetos de pesquisa	Realização de entrevistas semi-estruturadas e transcrição de fitas Realização de entrevistas estruturadas Digitação de banco de dados (piloto) Revisão de questionários	Janeiro a Junho de 2006
Capital	Pesquisador assistente	Rodrigo Ciconet Dornelles	Estudante de graduação, bacharelado, Ciências Sociais (UFRGS)	Realização de entrevistas semi-estruturadas e transcrição de fitas Realização de entrevistas estruturadas Digitação de banco de dados (piloto)	Janeiro a maio de 2006
Pelotas	Supervisor de campo	Renata Guilhon	Ensino médio completo Atuação como pesquisadora autônoma, assessorando diversos projetos de pesquisa	Treinamento prático Realização de entrevistas estruturadas	Mai e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Carolina Selister	Bacharel em Biologia (UFPeI) Mestranda em Biologia (UFPeI)	Realização de entrevistas estruturadas	Mai e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Daniela Goveia	Bacharel em Ciências Sociais (UFPeI) Pesquisadora autônoma Professora da rede pública de ensino	Realização de entrevistas estruturadas	Mai e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Giovana Costa Tuerlinckx	Bacharel em Nutrição (UFPeI) Pesquisadora autônoma	Realização de entrevistas estruturadas	Mai e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Luciane Goveia	Bacharel em Matemática (UFPeI) Professora da rede pública de ensino	Realização de entrevistas estruturadas	Mai e abril de 2006

Equipe	Função	Nome	Formação/Experiência	Participação	Duração
Pelotas	Pesquisadora assistente	Ludmila Correa Muniz	Estudante bacharelado em Nutrição (UFPel)	Realização de entrevistas estruturadas	Maior e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Mônica Neves de Borba	Auxiliar de enfermagem	Realização de entrevistas estruturadas	Maior e abril de 2006
Pelotas	Pesquisadora assistente	Raquel Bittencourt Macedo	Auxiliar de enfermagem	Realização de entrevistas estruturadas	Maior e abril de 2006
Pelotas	Pesquisador assistente	Rodrigo Garcia Loureiro	Bacharel em Biologia (UFPel)	Realização de entrevistas estruturadas	Maior e abril de 2006

Anexo 15 – Tabela. Dados sócio-demográficos dos caminhoneiros entrevistados.

Tabela 4 - Dados sócio-demográficos referentes aos motoristas entrevistados. Fonte: PROSARE. N = 854

Dados sócio-demográficos		Número de pessoas	Percentual (%) do total	Média	Desvio Padrão	Mediana
Sexo						
	Homens	852	99,8			
	Mulheres	2	0,2			
Idade				40,5	10,93	40
	20 a 30 anos	194	22,7%			
	31 a 39 anos	216	25,3%			
	40 a 48 anos	222	26,0%			
	49 a 74 anos	222	26,0%			
Local de residência (Estado da Federação ou País)						
	Rio Grande do Sul	585	68,5%			
	Santa Catarina	86	10,1%			
	Paraná	85	10,0%			
	São Paulo	45	5,3%			
	Uruguai	29	3,4%			
	Minas Gerais	6	0,7%			
	Rio de Janeiro	4	0,5%			
	Espírito Santo	3	0,4%			
	Goiás	3	0,4%			
	Mato Grosso do Sul	3	0,4%			
	Mato Gross	3	0,4%			
	Ceará	1	0,1%			
	Distrito Federal	1	0,1%			
Cor ou raça auto-referida						
	Branco	693	81,1%			
	Mulato	73	8,5%			
	Preto ou negro	43	5,0%			
	Outro/Não respondeu	21	2,5%			
	Indígena	18	2,1%			
	Amarelo ou asiático	6	0,7%			
Estado civil						
	Casado ou vive em união	716	83,8%			
	Solteiro	63	7,4%			
	Separado / divorciado	41	4,8%			
	Namorando	28	3,3%			
	Viúvo	6	0,7%			
Filhos				2,25	1,17	2
	Tem filhos	724	84,8%			
	Não tem filhos	129	15,1%			
	Não respondeu	1	0,1%			
Escolaridade						
	Ensino fundamental incompleto (completou da 1ª à 4ª série)	119	13,9%			

Dados sócio-demográficos		Número de pessoas	Percentual (%) do total	Média	Desvio Padrão	Mediana
	Ensino fundamental incompleto (completou da 5ª à 7ª série)	249	29,2%			
	Ensino fundamental completo (completou a 8ª série)	214	25,1%			
	Ensino médio incompleto (completou do 1º ao 2º ano)	71	8,3%			
	Ensino médio completo (completou o 3º ano)	189	22,1%			
	Ensino superior incompleto	6	0,7%			
	Ensino superior completo	1	0,1%			
	Não resposta	5	0,6%			
Religião		<i>(múltipla resposta, 857 citações)</i>				
	Católico	572	66,7%			
	Não pratica / Nenhuma	166	19,4%			
	Evangélico	90	10,5%			
	Protestante	11	1,3%			
	Espírita	7	0,8%			
	Outra	6	0,7%			
	Umbanda/Candomblé/Batuque	3	0,4%			
	Não respondeu	2	0,2%			

Anexo 16 – Lista de referências bibliográficas, organizadas no sistema EndNote, com estudos revisados para a tese de doutorado.

- "Back Matter." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994).
- "Front and Back Covers. Volume 21, Number 1. February 2005." *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): i-ii.
- "Front Matter." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994).
- "Index to Volume 36 - 1998." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 643-645.
- "Notes on Contributors." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 165 - 166.
- "Seleção de Projetos Comunitário de ONG e outras Organizações da Sociedade Civil. Concorrência 1999/2000." 58. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, Unidade de Articulação com ONG, 2000.
- "SEST/SENAT promove manhã de ações sociais." *Diário do Nordeste*, 29 Julho 2007.
- "SEST/SENAT realiza ação social na Praça Deodoro." *O Estado do Maranhão*, 25 Julho 2007.
- "SEST/SENAT realiza evento Transporte e Cidadania em homenagem ao Dia do Motorista." *Correio de Uberlândia*, 26 Julho 2007.
- AACHARYA, R. P. "Knowledge and attitude of secondary school students towards HIV/AIDS in the suburb of Kathmandu. Abstract no. CDC117 " Paper presented at the 4th IAS Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention, Sydney, Australia 2007.
- ABADÍA-BARRERO, CÉSAR ERNESTO. "Crianças vivendo com HIV e Casas de Apoio em São Paulo: cultura, experiências e contexto domiciliar." *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 6, no. 11 (2002): 55-70.
- . "Happy Children with AIDS: The Paradox of a Healthy National Program in an Unequal and Exclusionary Brazil." In *Unhealthy Health Policy: A Critical Anthropological Examination*, edited by Arachu Castro and Merrill Singer, 163-176. Walnut Creek, MA: AltaMira Press, 2004.
- ABADÍA-BARRERO, CÉSAR ERNESTO, and ARACHU CASTRO. "Experiences of stigma and access to HAART in children and adolescents living with HIV/AIDS in Brazil." *Social Science & Medicine* 62, no. 5 (2006): 1219-1228.

- ABBAS, S. Z. A. ZAHEER, Z. J. ZEHRA JAVED, M. S. A. SALEEM AKHTER, and A. S. ABIDA SULTANA. "Innovative approach for HIV/AIDS awareness among general population especially youth. Abstract no. WePeE6476 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- ABÉLÈS, MARC. "Globalization, Power and Survival: An anthropological perspective." *Anthropological Quarterly* 79, no. 3 (2006).
- ABENGOWE, C.E. "Generating demand for VCT amongst long distance truck drivers." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ABUBAKAR, B., Y. KOLO YARO, R. BATURE, and O. LADIPO. "Make we talk – empowering female sex workers for collective action against HIV & AIDS. Abstract no. CDC1655 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ABU-LUGHOD, LILA. "Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others." *American Anthropologist* 104, no. 2 (2002): 783-790.
- . "Locating Ethnography." *Ethnography* 1, no. 2 (2000): 261-267.
- . "Melodrama Egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno?" *Cadernos Pagu* 21 (2003): 75-102.
- ADORNO, RUBENS DE CAMARGO FERREIRA. "Editorial Especial: Exclusão, insegurança, vulnerabilidades: incluir com o acesso à saúde?" *Saúde e Sociedade* 15, no. 3 (2006): 7-14.
- AGAR, MICHAEL. "An Anthropological Problem, A Complex Solution." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 411-418.
- . *Independents Declared: The Dilemmas of Independent Trucking*. Edited by Michelle Smith, Ivan Karp and William L. Merrill, Smithsonian Series in Ethnographic Inquiry. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1986.
- AGGARWAL, RAVINA. "Traversing Lines of Control: Feminist Anthropology Today." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 571 (2000): 14-29.
- AGGLETON, PETER. "'Just a Snip'?: A Social History of Male Circumcision." *Reproductive Health Matters* 15, no. 29 (2007): 15-21.
- AGHA, S. "Potential for HIV transmission among truck drivers in Pakistan." *AIDS* 14, no. 15 (2000): 2404-2406.
- AGHA, SOHAIL. "Sexual Behaviour among Truck Drivers in Pakistan." *Culture, Health & Sexuality* 4, no. 2 (2002): 191-206.

- AGIER, MICHEL. "Between War and City: Towards an Urban Anthropology of Refugee Camps." *Ethnography* 3, no. 3 (2002): 317-341.
- AHERN, JENNIFER, SANDRO GALEA, ALAN HUBBARD, and ADAM KARPATI. "Population vulnerabilities and capacities related to health: A test of a model." *Social Science & Medicine* 66, no. 3 (2008): 691-703.
- AHLBERG, B. M., E. JYLKA?S, and I. KRANTZ. "Gendered construction of sexual risks: Implications for safer sex among young people in Kenya and Sweden." *Reproductive Health Matters* 9, no. 17 (2001): 26-36.
- AHMED, FARUQUE, AFSAN CHOWDHURY, AKRAMUL ISLAM, FILHO EZIO TÁVORA DOS SANTOS, OLAYIDE AKANNI, JAMILLAH MWANJISI, MANGI EZEKIEL MUHIMBILI, and AMARA SOONTHORNDHADA. *Civil Society Perspectives on TB Policy in Bangladesh, Brazil, Nigeria, Tanzania, and Thailand*. New York: Public Health Watch, Open Society Institute 2006.
- AHMED, SYED MASUD, ALAYNE M. ADAMS, MUSHTAQUE CHOWDHURY, and ABBAS BHUIYA. "Changing health-seeking behaviour in Matlab, Bangladesh: do development interventions matter?" *Health Policy and Planning* 18, no. 3 (2003): 306-315.
- AIDS ANALYSIS AFRICA, [AUTORES NÃO LISTADOS]. "HIV and STD prevalence among bus and truck drivers in Cameroon." *AIDS Analysis Africa* 4, no. 5 (1994).
- AIDSMARK. "HIV/AIDS INTERVENTIONS IN TRUCK DRIVER POPULATION IN SOUTHERN AFRICA: A REVIEW OF LITERATURE AND BCC MATERIALS." *AIDSMark / Population Services International (PSI)*, 2004.
- AINSWORTH, MARTHA, DENISE A. VAILLANCOURT, and JUDITH HAHN GAUBATZ. *Committing to Results: Improving the Effectiveness of HIV/AIDS Assistance. An OED Evaluation of the World Bank's Assistance for HIV/AIDS Control*. Washinton, D. C. : The World Bank, 2005.
- AKHAVAN, DARIUSH, PHILIP MUSGROVE, ALEXANDRE ABRANTES, and RENATO D'A. GUSMÃO. "Cost-effective malaria control in Brazil: Cost-effectiveness of a Malaria Control Program in the Amazon Basin of Brazil, 1988-1996." *Social Science & Medicine* 49 (1999): 1385-1399.
- AKHTAR, A., M. ASLAM, and K. REHMAN. "Harm reduction and IDU-related strategies in Faisalabad Pakistan. Abstract no. WePe10.4P07 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.
- ALAM, NAZMUL , MOTIUR RAHMAN, KANIZ YUNUS GAUSIA, NAZRUL ISLAM, PARWEZ CHAUDHURY, SHIRAJUM MONIRA, ELLEN FUNKHOUSER, STEN H. VERMUND, and JAPHET KILLEWO. "Sexually Transmitted Infections and Risk Factors Among Truck Stand

- Workers in Dhaka, Bangladesh." *Sexually Transmitted Diseases* 34, no. 2 (2007): 99-103.
- . "Sexually transmitted infections and risk factors among truck stand workers in Dhaka, Bangladesh. ." *Sexually Transmitted Diseases* 34, no. 2 (2007): 99-103.
- ALARY, M., C M LOWNDES, L MUKENGE-TSHIBAKA, C A B GNINTOUNGBÉ, E BÉDARD, N GERALDO, P JOSSOU, E LAFIA, F BERNIER, É BAGANIZI, J R JOLY, E FROST, and S ANAGONOU. "Sexually transmitted infections in male clients of female sex workers in Benin: risk factors and reassessment of the leucocyte esterase dipstick for screening of urethral infections." *Sexually Transmitted Infections* 79 (2003): 388–392.
- ALBERT, BRUCE. "Ethnographic Situation' and Ethnic Movements: Notes on post-Malinowskian fieldwork." *Critique of Anthropology* 17, no. 1 (1997): 53-65.
- ALEXANDER, JACK. "Working in a Prison Organization." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 5, no. 1 (1988): 16-27.
- ALEXANDER, S. SEBASTIAR. "Mobile populations and HIV / AIDS. Abstract no. D10201 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- ALEXANDRE ELMI, EDITOR. "Justiça limita jornada de caminhoneiros." *Zero Hora*, 22 de Janeiro 2008, 39.
- ALI, NADIA, CAYCE HILL, ANDREW KENNEDY, and CAREL IJSSELMUIDEN. "Record Paper 5: What factors influence national health research agendas in low and middle income countries? Perspectives of health research stakeholders from six countries and 11 international agencies. Country perspectives: Cameroon; Philippines; Cuba; The Gambia; Lao PDR; Nicaragua." In *COHRED Record Papers*, 18. New York: Council on Health Research for Development (COHRED), 2006.
- ALLEN, TIM. "AIDS and evidence: interrogating some Ugandan myths." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 7-28.
- ALLEN, TIM, and SUZETTE HEALD. "HIVAIDS Policy in Africa: What has worked in Uganda and what has failed in Botswana?" *Journal of International Development* 16, no. 8 (2004): 1141-1154.
- ALONSO, JOSÉ ANTÔNIO FIALHO. "Caracterização econômica da Região Metropolitana de Porto Alegre nos anos 90." *Indicadores Econômicos FEE*. Porto Alegre: FEE 29, no. 1 (2001): 253-293.
- ALONSO, JOSÉ ANTÔNIO FIALHO, and RICARDO BRINCO. "Caracterização geral da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)." 1-16. Porto Alegre: FEE Fundação de Economia e Estatística; Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

- ALTMAN, DENNIS. "AIDS and Security." *International Relations* 17, no. 4 (2003): 417-427.
- . *Global sex*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- . "Globalization, political economy, and HIV/AIDS." *Theory and Society* 28 (1999): 559-584.
- ALTMAN, JON, and MELINDA HINKSON. "MOBILITY AND MODERNITY IN ARNHEM LAND. The Social Universe of Kuninjku Trucks." *Journal of Material Culture* 12, no. 2 (2007): 181-203.
- ALUBO, OGOH. "The promise and limits of private medicine: health policy dilemmas in Nigeria." *Health Policy and Planning* 16, no. 3 (2001): 313-321.
- ALUDA, H., A. ALUDA, and TEMAC HIV+ SUPPORT GROUP. "Challenges encountered in home based care, treatment & OVC support. The case of Yomac Family Health Doudation. Abstract no. CDB0968 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ALVAREZ, ROBERT R., and GEORGE A. COLLIER. "The Long Haul in Mexican Trucking: Traversing the Borderlands of the North and the South." *American Ethnologist* 21, no. 3 (1994): 606-627.
- ALVES, ANDRÉA MATIAS, and PEDRO COURA-FILHO. "Avaliação das ações de atenção às mulheres sob violência no espaço familiar, atendidas no Centro de Apoio à Mulher (Belo Horizonte), entre 1996 e 1998." *Ciência & Saúde Coletiva* 6 (2001): 243-257.
- ALVES, MARIA DE FÁTIMA PAZ. "Sexualidade e prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana, Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): S429-S439.
- AMAYUN, M. B. "Baseline studies: enhancing civil society capacity to surface crucial grassroots information for HIV/AIDS prevention " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- . "Baseline studies: enhancing civil society capacity to surface crucial grassroots information for HIV/AIDS prevention. Abstract no. MoPeE4286 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- . "A decade of lessons learned in preventing HIV/AIDS among mobile populations. Abstract no. TuPeD5250 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION. "National Institutes of Health Consensus. Development Conference on Interventions to Prevent HIV Risk Behaviors. Statement of the

- American Anthropological Association. Commission on AIDS Research and Education. ." 1997.
- AMIN, A. "Targeted interventions and protecting human rights: Lessons learned from India's implementation of programs for sex workers. Abstract no. WeOrE1261 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- AMIRI, P., L. TAUZI, and W. P. TAMAONA. ""Muyende Bwino" wellness centre for transporters in Malawi. Abstract no. THPE0507 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- AMON, JOSEPH, TIM BROWN, JAN HOGLE, JOAN MACNEIL, ROBERT MAGNANI, STEPHEN MILLS, ELIZABETH PISANI, THOMAS REHLE, TOBI SAIDEL, and CHRISTINE KOLARS SOW. BEHAVIORAL SURVEILLANCE SURVEYS - BSS - GUIDELINES FOR REPEATED BEHAVIORAL SURVEYS IN POPULATIONS AT RISK OF HIV. Arlington, VA: Family Health International (FHI) / HIV-AIDS Prevention and Care Department, 2000.
- ANDERSON, ERIC. ""Being Masculine is not About who you Sleep with...:" Heterosexual Athletes Contesting Masculinity and the One-time Rule of Homosexuality." *Sex Roles* (2007).
- ANDERSON, NANCY LOIS RUTH, ADELIN NYAMATHI, JULIE A. MCAVOY, FRANCISCO CONDE, and CONERLY CASEY. "Perceptions about Risk for HIV/AIDS among Adolescents in Juvenile Detention." *Western Journal of Nursing Research* 23, no. 4 (2001): 336-359.
- ANDRUSAITIS, SILVIA FERREIRA, REGINALDO PERILO OLIVEIRA, and TARCÍSIO ELOY P. BARROS, FILHO. "Study of the prevalence and risk factors for low back pain in truck drivers in the state of São Paulo, Brazil / Estudo da prevalência e fatores de risco da lombalgia em caminhoneiros do estado de São Paulo, Brasil " *Clinics* 61, no. 6 (2006): 503-510.
- ANGERER, TIDO VON SCHOEN, DAVID WILSON, NATHAN FORD, and TOBY KASPER. "Access and activism: the ethics of providing antiretroviral therapy in developing countries." *AIDS* 15, no. Suppl 5 (2001): S81-S90.
- ANGLIN, M. K. "Policy, praxis, and medical anthropology Introduction: Health policy and health praxis in the United States—A symposium." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1367-1369.
- ANGLIN, MARY K. "WORKING FROM THE INSIDE OUT: IMPLICATIONS OF BREAST CANCER ACTIVISM FOR BIOMEDICAL POLICIES AND PRACTICES." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1403-1415.
- ANGROSINO, MICHAEL V. "Catholic Social Policy and U.S. Health Care Reform: A Relationship Revisited." *Medical Anthropology Quarterly* 15, no. 3 (2001): 312-328.

- ANKOMAH, A., and J. ANYANTI. "Does travel distance matter? A comparative analysis of the sexual and HIV preventive practices of long-distance drivers and intra-city drivers in Nigeria. Abstract no. TuPeD5236 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- ANKOMAH, A., G. OMOREGIE, R. FAKOLADE, J. MUSA-IBRAHIM, and E. AROGUNDADE. "An evaluation of a quasi-experimental community level HIV intervention among transport workers in Nigeria. Abstract no. THPE0500 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ANNER, MARK, and PETER EVANS. "Building bridges across a double divide: alliances between US and Latin American labour and NGOs." *Development in Practice* 14, no. 1 and 2 (2004): 34-47.
- ANTONIO LUIZ RODRIGUES, JÚNIOR. "Epidemias na faixa de fronteira brasileira." In VII Encontro Nacional de Estudos Estratégicos. Brasília, DF: Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, 2007.
- ANTT. "Anuário Estatístico dos Transportes Terrestres - 2005." 170: Ministério dos Transportes, 2005.
- . "Anuário Estatístico dos Transportes Terrestres - 2006." 181: Ministério dos Transportes, 2006.
- . "Mapa de Postos de Fronteira do Brasil." ANTT.
- . "Registro do Caminhoneiro." Ministério dos Transportes, <http://www.antt.gov.br/carga/rodoviario/rntrc.asp>.
- ANTUNES, JOSÉ LEOPOLDO FERREIRA, and ELISEU ALVES WALDMAN. "The impact of AIDS, immigration and housing overcrowding on tuberculosis deaths in São Paulo, Brazil, 1994-1998." *Social Science & Medicine* 52 (2001): 1071-1080.
- ANTUNES, MARIA CRISTINA. "Influência das Normas de Gênero na Prevenção de AIDS: Avaliando um Modelo Educativo para Jovens." Universidade de São Paulo (USP), 1999.
- ANYANTI, J., A. ANKOMAH, F. MAMMAN-DAURA, and G. OMOREGIE. "Using sex workers as researchers to assess condom use rates in brothels in Nigeria. Abstract no. WeOrC1251 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS. "Cruising for Truckers on America's Highways: Truckers' Male Sexual and Drug Networks and Disease Transmission." Paper presented at the International Sunbelt Social Network Conference, New Orleans, Louisiana, February 13-17 2002.

- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, and SEVIL SÖNMEZ. "Cross-border networks of American truckers and Mexican brothel workers and disease transmission." Paper presented at the The 130th Annual Meeting of American Public Health Association (APHA), Philadelphia, PA, November 2002.
- . Population Mobility and Infectious Disease New York: SpringerLink US 2007.
- . "Tracing the Diffusion of Infectious Diseases in the Transport Sector." In Population Mobility and Infectious Disease, 131-156, 2007.
- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, SEVIL SONMEZ, JENNIE KRONENFELD, ELLIS CASTILLO, LUCIA MCLENDON, and DONNA SMITH. "STI/HIV Risks for Mexican Migrant Laborers: Exploratory Ethnographies." Journal of Immigrant and Minority Health 8, no. 3 (2006): 291-302.
- APOSTOLOPOULOS, YORGHOS, SEVIL SÖNMEZ, and CHONG HU YU. "Health-Risk Behaviors of Long Haul Truckers in the Southwest." Paper presented at the The 129th Annual Meeting of American Public Health Association (APHA), Atlanta, GA 2001.
- APPADURAI, ARJUN. "Broken Promises." Foreign Policy, no. 132 (2002): 42-44.
- . "Dead Certainty: Ethnic Violence in the Era of Globalization." Public Culture 10, no. 2 (1998): 225.
- . "Deep democracy: urban governmentality and the horizon of politics." Environment and Urbanization 13, no. 2 (2001): 23-43.
- . "Deep Democracy: Urban Governmentality and the Horizon of Politics." Public Culture 14, no. 1 (2002): 21.
- APPADURAI, ARJAN. Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa: Teorema, 1996.
- APPADURAI, ARJUN. "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy." Theory Culture Society 7, no. 2 (1990): 295-310.
- . "Dislocación y diferencia en la economía cultural global." In La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización., edited by Arjun Appadurai, 41-61. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- . "Fieldwork in the Era of Globalization." Anthropology & Humanism 22, no. 1 (1997): 115-118.
- APPADURAI, ARJAN. "Grassroots Globalization and the Research Imagination." Public Culture 12, no. 1 (2000): 1.

- APPADURAI, ARJUN. "Hope and Democracy." *Public Culture* 19, no. 1 (2007): 29-34.
- . "How to Make a National Cuisine: Cookbooks in Contemporary India." *Comparative Studies in Society and History* 30, no. 1 (1988): 3-24.
- . "La globalización y la imaginación en la investigación." *Revista internacional de Ciencias Sociales / UNESCO* 160 (1999).
- APPADURAI, ARJUN. *La Modernidad Descentrada*. México: Fondo Cultura Económica, 2001.
- APPADURAI, ARJUN. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- . "Spectral Housing and Urban Cleansing: Notes on Millennial Mumbai." *Public Culture* 12, no. 3 (2000): 627-651.
- . "Theory in Anthropology: Center and Periphery." *Comparative Studies in Society and History* 28, no. 2 (1986): 356-361.
- . "The Thing Itself." *Public Culture* 18, no. 1 (2006): 15-21.
- APTHORPE, RAYMOND. "Policy anthropology as expert witness." *Social Anthropology* 4, no. 2 (1996): 163-179.
- ARAL, S., J. ST. LAWRENCE, and A. UUSKULA. "Penetration of sex work into society: mobile love – flats and the role of the taxi driver in Tallinn, Estonia. Abstract no. CDC0691 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ARAÚJO, CARLA LUZIA FRANÇA. "Avaliação das ações de prevenção em DST/AIDS no Brasil: Um levantamento Bibliográfico. ." In *Coleção ABIA, Fundamentos de Avaliação*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2000.
- ARIAS, ENRIQUE DESMOND. "Routing Conflict: Organized Violence and Clientelism in Rio de Janeiro." In *New Perspectives in Political Ethnography*, edited by Lauren Joseph, Mathew Mahler and Javier Auyero, 110-134: Springer, 2007.
- ARIF, R. A. "Targeting rural families, students, truckers, migrant worker and prisoners . Abstract no. F11754 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- ARMADA, FRANCISCO, and CARLES MUNTANER. "The visible fist of the market: health reforms in Latin America." In *Unhealthy Health Policy: A Critical Anthropological Examination*, edited by Arachu Castro and Merrill Singer. Walnut Creek, MA: AltaMira Press, 2004.
- ARMADA, FRANCISCO, CARLES MUNTANER, and V. NAVARRO. "Health and social security reforms in Latin America: the convergence of the

World Health Organization, the World Bank, and transnational corporations." *International Journal of Health Services* 31, no. 4 (2001): 729-768.

ARMANI, DOMINGOS. "O desenvolvimento institucional como condicao de sustentabilidade das ong no Brasil." In *AIDS e sustentabilidade: sobre as ações das organizações da sociedade civil*, edited by Cristina Câmara, 17-34. Brasília, DF: Coordenação Nacional de DST e Aids, Ministério da Saúde, Brasil, 2001.

ARMELAGOS, GEORGE J., PETER J. BROWN, and BETHANY TURNER. "Evolutionary, historical and political economic perspectives on health and disease." *Social Science & Medicine* 61 (2005): 755--765.

ARMSTRONG, ELISABETH. "Globalization from Below: AIDWA, Foreign Funding, and Gendering Anti-Violence Campaigns." *Journal of Developing Societies* 20, no. 1-2 (2004): 39-55.

ARRETCHE, M. "Financiamento federal e gestão local de políticas sociais: o difícil equilíbrio entre regulação, responsabilidade e autonomia." *Ciênc. saúde coletiva* 8, no. 2 (2003): 331-345.

ARVIND-KUMAR, P., B. CHARLES, and S. KAPUR. "Condom Social Marketing to vulnerable and marginalised communities " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.

ARYAL, C.L. "Comprehensive HIV/ AIDS, STI prevention and care project for truck drivers." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

ASAD, TALAL. *Anthropology and the Colonial Encounter*. London: Ithaca Press, 1973.

———. "From the History of Colonial Anthropology to the Anthropology of Western Hegemony." In *History of Anthropology*, edited by G. Stocking, 314-324. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.

ASSEFA, T., A. TESFAYE, F. STUER, and A. MEKONNEN. "Rapid assessment of high-risk groups in Oromia, Ethiopia. Abstract no. WePpD2074 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO/CN-DST/AIDS. "Comissões Interinstitucionais de DST/Aids: Consolidando o Controle Social." 48. Brasília, DF: MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, 2001.

ATIBU, J., M. KASHAMUKA, K. MCCLAMROCH, S. S. WEIR, and F. LEPIRA. "A prevention strategy to reduce HIV transmission in Kinshasa, DRC. Abstract no. MoPeC3626 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.

- ATKINSON, SARAH. "Political cultures, health systems and health policy." *Social Science & Medicine* 55, no. 1 (2002): 113-124.
- AVANCI, JOVIANA Q., SIMONE G. ASSIS, NILTON CÉSAR DOS SANTOS, and RACHEL V. C. OLIVEIRA. "Escala de violência psicológica contra adolescentes." *Revista de Saúde Pública* 39 (2005): 702-708.
- AXMANN, AGNES. "Eastern Europe and Community of Independent States." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 587-607.
- . "Eastern Europe and Community of Independent States." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 587-607.
- AYALA, LOUIS J. "Trained for Democracy: The Differing Effects of Voluntary and Involuntary Organizations on Political Participation." *Political Research Quarterly* 53, no. 1 (2000): 99-115.
- AYALEW, L. "Ensuring access to prevention services among mobile populations in Ethiopia: opportunities and challenges." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- AYRES, JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA. "Contextos Epidêmicos e Aspectos das DST/Aids no Brasil: Os Novos Horizontes da Prevenção." Paper presented at the VI CONGRESSO BRASILEIRO DE PREVENÇÃO DAS DST/AIDS, Belo Horizonte, MG, Novembro 2006.
- . "Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde." *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 8, no. 14 (2003): 73-92.
- . "Disciplina MPR5732 AIDS, Vulnerabilidade e Ações Preventivas em Saúde. Ementa." São Paulo: USP, 2003.
- . "Epidemiologia, promoção da saúde e o paradoxo do risco." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 5, no. Suplemento 1 (2002): 28-42.
- . "Vulnerabilidade e aids: para uma resposta social à epidemia." *Boletim epidemiológico - C.R.T. – DST/AIDS – C.V.E. – São Paulo* Ano XV, no. Nº 3 (1997): 2-4.
- AYRES, JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA, VERA PAIVA, IVAN FRANÇA, JR., NEIDE GRAVATO, REGINA LACERDA, MARINELLA DELLA NEGRA, HELOISA HELENA DE SOUSA MARQUES, ELIANA GALANO, PILAR LECUSSAN, ALUÍSIO COTRIM SEGURADO, and MARILIZA HENRIQUE SILVA. "Vulnerability, Human Rights, and Comprehensive Health Care Needs of Young People Living With HIV/AIDS." *American Journal of Public Health* 96, no. 6 (2006): 1001-1006.

BACH, JONATHAN, and DAVID STARK. "Link, Search, Interact: The Co-Evolution of NGOs and Interactive Technology." *Theory Culture Society* 21, no. 3 (2004): 101-117.

BACHMANN, LAURA. "Risk Assessment of Long-Haul Truck Drivers." United States, Alabama

University of Alabama at Birmingham Recruiting

Birmingham, Alabama, United States, 35294

Principal Investigator: Laura H Bachmann, MD, MPH University of Alabama at Birmingham, 2008.

BACHRACH, CHRISTINE A., and RONALD P. ABELES. "Social Science and Health Research: Growth at the National Institutes of Health." *American Journal of Public Health* 94, no. 1 (2004).

BACON, OLIVER, MARIA LÚCIA PECORARO, JANE GALVÃO, and KIMBERLY PAGE-SHAFER. "HIV/AIDS in Brazil." In *Country AIDS Policy Analysis Project*, 73. San Francisco, CA.: AIDS Policy Research Center, University of California San Francisco, 2004.

BAER, HANS A., and MERRILL SINGER. *African American religion : varieties of protest and accommodation*. 2nd ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 2002.

———. *African-American religion in the twentieth century : varieties of protest and accommodation*. 1st ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 1992.

———. *African-American religion in the twentieth century : varieties of protest and accommodation*. 2nd printing. ed. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993.

BAER, HANS A., MERRILL SINGER, and IDA SUSSER. *Medical anthropology and the world system*. 2nd ed. Westport, Conn.: Praeger, 2003.

———. *Medical anthropology and the world system : a critical perspective*. Westport, CT: Bergin & Garvey, 1997.

BAETEN, J. M., B. H. CHOHAN, L. LAVREYS, J. P. RAKWAR, R. ASHLEY, B. A. RICHARDSON, K. MANDALIYA, J. J. BWAYO, and J. K. KREISS. "Correlates of human herpesvirus 8 seropositivity among heterosexual men in Kenya. Abstract no. ThPeC7539 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

BAIN, IRENE. "South-East Asia." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 553-585.

———. "South-East Asia." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 553-585.

- BAJOS, NATHALIE, and JACQUES MARQUET. "Research on HIV sexual risk: Social relations-based approach in a cross-cultural perspective." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1533-1546.
- BAJOS, NATHALIE, and ALFRED SPIRA. "L'enquete ACSF: elaboration d'un projet multidisciplinaire sur la sexualite." *Population (French Edition)* 48, no. 5 (1993): 1209-1227.
- BAL, BAISHALI, SYED IFTIKAR AHMED, RITA MUKHERJEE, SEKHAR CHAKRABORTY, SWAPAN KUMAR NIYOGI, ARUNANGSHU TALUKDER, NILANJAN CHKRABORTY, and KAMALESH SARKAR. "HIV Infection Among Transport Workers Operating Through Siliguri-Guwahati National Highway, India." *Journal of the International Association of Physicians in AIDS Care (JIAPAC) Chic III* 6, no. 56 (2007): 56-60.
- BALLESTRIN, LUCIANA MARIA DE ARAGÃO. "Estado e ONG's no Brasil: acordos e controvérsias a propósito de Direitos Humanos (1994-2002)." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BANERJEE, C. "Corporate response to HIV/AIDS in India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- BARAL, STEFAN, FRANGISCOS SIFAKIS, FARLEY CLEGHORN, and CHRIS BEYRER. "Elevated Risk for HIV Infection among Men Who Have Sex with Men in Low- and Middle-Income Countries 2000–2006: A Systematic Review." *PLoS Med* 4, no. 12 (2007): 0001-0011.
- BARATA, GERMANA FERNANDES. "A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)." Universidade de São Paulo (USP), 2006.
- BARBOSA, REGINA, ESTELA MARIA LEÃO DE AQUINO, MARIA LUIZA HEILBORN, and ELZA BERQUÓ. *INTER FACES: Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva*. . Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- BARBOSA, REGINA MARIA , (ORG.), and RICHARD PARKER, (ORG.). *Sexualidades pelo Averso: Direitos, Identidades e Poder*. Rio de Janeiro; São Paulo: IMS/UERJ; Editora 34, 1999.
- BARBOUR, ROSALINE S. "Checklists for improving rigour in qualitative research: a case of the tail wagging the dog?" *BMJ* 322 (2001): 1115-1117.
- BARCELLOS, CHRISTOVAM, LISIANE MORELIA WEIDE ACOSTA, EUGÊNIO PEDROSO LISBOA, MARIA REGINA VARNIERI BRITO, and RUI FLORES. "Estimativa da prevalência de HIV em gestantes por análise espacial, Porto Alegre, RS." *Revista de Saúde Pública* 40 (2006): 928-930.

- BARKER, GARY, and CHRISTINE RICARDO. "Young Men and the Construction of Masculinity in Sub-Saharan Africa: Implications for HIV/AIDS, Conflict, and Violence." In SOCIAL DEVELOPMENT PAPERS. Conflict Prevention & Reconstruction., 96. Washington, DC: Conflict Prevention & Reconstruction, Social Development Department, The World Bank, 2005.
- BARKUN, MICHAEL. "Anthropology and Policy Studies." Policy Studies Journal 2, no. 1 (1973): 30-35.
- BARR, DONALD A. "A Research Protocol to Evaluate the Effectiveness of Public-Private Partnerships as a Means to Improve Health and Welfare Systems Worldwide." American Journal of Public Health 97, no. 1 (2007): 19-25.
- BARREIRA, MARIA CECÍLIA ROXO NOBRE , and MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO. Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais (IEE) / PUC-SP, 2001.
- BARUA, P. C. "Knowledge And Behaviour of Long Distance Truck Drivers (LDTD) on HIV/STDs in Bangladesh . Abstract no. C10884 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- BASTOS, CRISTIANA. Ciência, poder, acção: as respostas à Sida. 1 ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
Universidade de Lisboa, 2002.
- BASTOS, FRANCISO INÁCIO. "A feminização da epidemia de AIDS no Brasil: Determinantes estruturais e alternativas de enfrentamento. N. 3." In Coleção ABIA: Saúde Sexual e Reprodutiva, edited by Veriano Terto, Jr. and Richard Parker, 1-28. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2001.
- BASTOS, FRANCISCO INÁCIO, and CHRISTOVAM BARCELLOS. "Geografia social da AIDS no Brasil." Revista de Saúde Pública 29 (1995): 52-62.
- BASTOS, FRANCISCO INÁCIO, CÁSSIA MARIA BUCHALLA, JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, and LUIZ JACINTHO DA SILVA. "Resposta brasileira à epidemia de HIV/Aids, 2001-2005." Revista de Saúde Pública 40 no. suplemento (2006): 1-2.
- BASTOS, FRANCISO INÁCIO, and CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD. "AIDS e pauperização: principais conceitos e evidências empíricas." Cadernos de Saúde Publica 16, no. Suplemento 1 (2000): 65-76.
- BASTOS, S., C. CAETANO, and V. PAULA. "AIDS prevention on highways: new leaderships amplifying prevention access. Abstract no. CDD0482." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

- BASU, SANJAY "AIDS, Empire and Public Health Behaviorism." *International Journal of Health Services* 34, no. 1 (2004): 155-167.
- BATES, IMELDA, CAROLINE FENTON, JANET GRUBER, DAVID LALLOO, ANTONIETA MEDINA LARA, S. BERTEL SQUIRE, SALLY THEOBALD, RACHAEL THOMSON, and RACHEL TOLHURST. "Vulnerability to malaria, tuberculosis, and HIV/AIDS infection and disease. Part 1: determinants operating at individual and household level." *The Lancet Infectious Diseases* 4, no. 5 (2004): 267-277.
- . "Vulnerability to malaria, tuberculosis, and HIV/AIDS infection and disease. Part II: determinants operating at environmental and institutional level." *The Lancet Infectious Diseases* 4, no. 6 (2004): 368-375.
- BAUER, GRETCHEN, and SCOTT D. TAYLOR. *Politics in southern Africa : state and society in transition*. Boulder, Colo.: Lynne Rienner Publishers, 2005.
- BEBBINGTON, ANTHONY. "Globalized Andes? Livelihoods, Landscapes and Development." *Ecumene* 8, no. 4 (2001): 414-436.
- . "NGOs and uneven development: geographies of development intervention." *Progress in Human Geography* 28, no. 6 (2004): 725-745.
- BECK, ULRICH. *Risk Society, Towards a New Modernity*. Translated by Mark Ritter. London: Sage, 1992.
- BECKER, HOWARD S., HERBERT J. GANS, KATHERINE S. NEWMAN, and DIANE VAUGHAN. "On the Value of Ethnography: Sociology and Public Policy: A Dialogue." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 595 (2004): 264-276.
- BEHAGUE, D. P., H. GONCALVES, and J. DIAS DA COSTA. "Making medicine for the poor: primary health care interpretations in Pelotas, Brazil." *Health Policy Plan.* 17, no. 2 (2002): 131-143.
- BÉHAGUE, D. P., H. GONÇALVES, and J. DIAS DA COSTA. "Making medicine for the poor: primary health care interpretations in Pelotas, Brazil." *Health Policy and Planning* 17, no. 2 (2002): 131-143.
- BEHARI, NICOLETTE. "Migrant Workers: An Outsider's View." *OH & S Canada* 21, no. 6 (2005): 64-68.
- BELL, DAVID, and JOANNE HOLLOWES. "Mobile Homes." *Space and Culture* 10, no. 1 (2007): 22-39.
- BELMAN, DALE L., and KRISTEN A. MONACO. "The Effects of Deregulation, De-Unionization, Technology, and Human Capital on the Work and Work Lives of Truck Drivers." *Industrial and Labor Relations Review* 54, no. 2A (2001): 502-524.

- BENARA, S. "Impact of intervention on sexual behaviour of truck drivers in India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- . "Sexual behaviour of young truck drivers in India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- BENAVIDES, O. HUGO. "Anthropology's Native 'Conundrum': Uneven Histories and Developments." *Critique of Anthropology* 24, no. 2 (2004): 159-178.
- BÉNÉ, CHRISTOPHER, and SONJA MERTEN. "Women and Fish-for-Sex: Transactional Sex, HIV/AIDS and Gender in African Fisheries." *World Development* Article in press (2008).
- BENNET, JOHN W. "Malinowski Award Lecture, 2004: Applied Anthropology in Transition." *Human Organization* 64, no. 1 (2005): 1-3.
- BENSON, JOHN S. "The impact of privatization on access in Tanzania." *Social Science & Medicine* 52 (2001): 1903-1915.
- BENTHALL, JONATHAN. "Confessional cousins and the rest: The structure of Islamic toleration." *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 16-20.
- BERG, MARC, and MADELEINE AKRICH. "Introduction – Bodies on Trial: Performances and Politics in Medicine and Biology." *Body and Society* 10, no. 2-3 (2004): 1-12.
- BERGENSTRÖM, ANNE. "Afghanistan: HIV/AIDS Vulnerability and Prevention." *Journal of Health Management* 5, no. 2 (2003): 215-224.
- BERGMAN, MANFRED MAX. "Multimethod Research and Mixed Methods Research: Old Wine in New Bottles? Media Review: Foundations of Multimethod Research: Synthesizing Styles (2nd ed)." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 101-104.
- BERKMAN, ALAN, JONATHAN GARCIA, MIGUEL MUÑOZ-LABOY, VERA PAIVA, and RICHARD PARKER. "A Critical Analysis of the Brazilian Response to HIV/AIDS: Lessons Learned for Controlling and Mitigating the Epidemic in Developing Countries." *American Journal of Public Health* 95, no. 7 (2005): 1162-1172.
- BERNARDI, LAURA, SYLVIA KEIM, and HOLGER VON DER LIPPE. "Social Influences on Fertility: A Comparative Mixed Methods Study in Eastern and Western Germany." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 23-47.
- BERQUÓ, ELZA. *Sexo e Vida: Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil*. . Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- BERRA, JOSÉ ANTONIO PISTARIN, LILIANA BRANCACIO BACETTI, KAISER J. F. ALVES, and VÂNIA L. P. FIÓRIO. "Soroprevalência de HIV

em caminhoneiros usuários da Rodovia Anhanguera, SP 330, Brasil / HIV seroprevalence in truck drivers users of Anhanguera Highway, SP 330, Brazil " Revista do Instituto Adolfo Lutz 62, no. 3 (2003): 171-176.

BERRA, JOSÉ ANTONIO PISTARIN, LILIANA BRANCACIO BACETTI, and SILÉZIA DORALICE PESSOA RAMOS. "Prevalência de sífilis em caminhoneiros usuários da rodovia Anhanguera, SP-330." BIAL - Boletim do Instituto Adolfo Lutz Ano 13, no. 3 (2003): 4-5.

BEYER, JOY A. DE, ALEXANDER S. PREKER, and RICHARD G. A. FEACHEM. "The role of the World Bank in international health: renewed commitment and partnership." *Social Science & Medicine* 50 (2000): 169-176.

BEYRER, C., V. GAURI, and D. VAILLANCOURT. "Evaluation of the World Bank's Assistance in Responding to the AIDS Epidemic: Brazil Case Study." Washington, DC: The World Bank (2005).

BEYRER, CHRIS, VARUN GAURI, and DENISE VAILLANCOURT. Evaluation of the World Bank's Assistance in Responding to the AIDS Epidemic: Brazil Case Study. Washinton, D. C. : The World Bank, 2005.

BEYRER, CHRIS, VORAVIT SUWANVANICHKIJ, LUKE C. MULLANY, ADAM K. RICHARDS, NICOLE FRANCK, AARON SAMUELS, and THOMAS J. LEE. "Responding to AIDS, Tuberculosis, Malaria, and Emerging Infectious Diseases in Burma: Dilemmas of Policy and Practice." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e393 1733-1740.

BHALLA, S., D. BANDERWAL, A. JAIN, C. D. TRIPATHI, and S. SINGH. "HIV seroprevalence in tuberculosis patients. Abstract no. TuOrD1208 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

BHALLA, S., C. SOMASUNDARAM, V. BHALLA, and S. SINGH. "High risk behaviour and various practices of truck drivers regarding HIV/AIDS and STD. Abstract no. WePe10.5P01 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.

BHALLA, S. S. S., C. SOMASUNDARAM, S. SINGH, S. K. RASANIA, and V. KHOSLA. "Epidemiological profile, knowledge and belief regarding HIV/AIDS among truck drivers coming from various states to jamnagar, Gujrat, India. Abstract no. TuPeC4733 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

BHATTACHARYA, GAURI. "Sociocultural and Behavioral Contexts of Condom Use in Heterosexual Married Couples in India: Challenges to the HIV Prevention Program." *Health Education and Behavior* 31, no. 1 (2004): 101-117.

BHATTACHARYA, M., P. L. JOSHI, and M. C. KAPILASHRAMI. "Unmasking the HIV epidemic in the northern parts of India-The key to control .

Abstract no. C12415 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

BHUIYAN, M. A., E. MOHAMED, and B. MENGISTU. "Transport Corridor: A Cross Border Passage for HIV Transmission. Abstract no. WePeE6740 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

BHUIYAN, M. S. A. "Role of mass media as a source of knowledge on HIV/AIDS among vulnerable groups. Abstract no. CDC110 " Paper presented at the 4th IAS Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention, Sydney, Australia 2007.

BHUYAN, K. K., S. J. MILLS, D. DHARMARAJ, B. PANDA, and I. P. S. KALRA. "Comparison of prevalence of STIs/HIV and their behavioral correlates among long distance intercity truck drivers and helpers from three regions of India. Poster exhibition. Abstract No. WePeC6080." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

BIAGINI, GRACIELA. "Sociedad civil y salud en Latinoamérica: aproximaciones al estado del arte de las investigaciones." In V Conferencia Regional de International Society for Third Sector Research (ISTR), "Sociedad civil, participación ciudadana y desarrollo". Lima, Perú: Instituto de Comunicación y Desarrollo / La Sociedad Civil En Línea, 2005.

BICKERSTAFF, KAREN, PETER SIMMONS, and NICK PIDGEON. "Situating local experience of risk: Peripherality, marginality and place identity in the UK foot and mouth disease crisis." *Geoforum* 37, no. 5 (2006): 844-858.

BIEHL, JOÃO. "ANTHONY LEEDS PRIZE 2006. Ex-Human Reflections on Vita: Life in a Zone of Social Abandonment." *City & Society* 19, no. 1 (2007): 81-85.

———. "Life of the mind: The interface of psychopharmaceuticals, domestic economies, and social abandonment." *American Ethnologist* 31, no. 4 (2004): 475-496.

———. "Will to live: AIDS drugs and local economies of salvation." *Public Culture* 18, no. 3 (2006): 457-472.

BIEHL, JOÃO, DENISE COUTINHO, and ANA LUZIA OUTEIRO. "Technology and Affect: HIV/AIDS Testing in Brazil." *Culture, Medicine and Psychiatry* 25, no. 1 (2001): 87-129.

BIRN, ANNE-EMANUELLE, and KLAUDIA DMITRIENKO. "The World Bank: Global Health or Global Harm?" *American Journal of Public Health* 95, no. 7 (2005): 1091.

BIRUNGI, HARRIET, FRANK MUGISHA, XAVIER NSABAGASANI, SAM OKUONZI, and ANDERS JEPPSSON. "The policy on public-private mix

in the Ugandan health sector: catching up wi..." Health Policy and Planning 16, no. Supplement 2 (2001): 80-87.

BISWAS, R. "Vernacular media for more effective information dissemination. Abstract no. ThPeF7992 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

BLACKWOOD, EVELYN. "Wedding bell blues: Marriage, missing men, and matrifocal follies." *American Ethnologist* 32, no. 1 (2005): 3-19.

BLAKE, JOSEPH A. "Occupational Thrill, Mystique and the Truck Driver." *Journal of Contemporary Ethnography* 3 (1974): 205-220.

BLANCO, EUGENIA RODRIGUEZ. "La antropología implicada en el trabajo de las ONGDs y en procesos de cooperación al desarrollo." Paper presented at the IX Congreso de Antropología de la Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español, Barcelona. Institut Catalá de Antropología. 2002.

BLUE, SARAH A. "Including Women in Development: Guatemalan Refugees and Local NGOs." *Latin American Perspectives* 32, no. 5 (2005): 101-117.

BLUM, ROBERT WILLIAM, CLEA MCNEELY, and JAMES NONNEMAKER. "Vulnerability, risk, and protection." *Journal of Adolescent Health* 31, no. 1, Supplement 1 (2002): 28-39.

BODSTEIN, R., and L. ZANCAN. "Avaliação das ações de promoção da saúde em contextos de pobreza e vulnerabilidade social." In *Promoção da Saúde como Caminho para o Desenvolvimento Local: a Experiência em Manguinhos*, edited by L. Zancan, R. Bodstein and W. B. Marcondes, 39-59. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2002.

BOGGS, JAMES P. "The use of anthropological knowledge under NEPA." *Human Organization* 49, no. 3 (1990): 217.

BOLLINGER, LORI, KATHARINE COOPER-ARNOLD, and JOHN STOVER. "Where Are the Gaps? The Effects of HIV-prevention Interventions on Behavioral Change." *Studies in Family Planning* 35, no. 1 (2004): 27-38.

———. "Where Are the Gaps? The Effects of HIV-Prevention Interventions on Behavioral Change." *Studies in Family Planning* 35, no. 1 (2004): 27-38.

BOLTON, RALPH. "Machismo in Motion: The Ethos of Peruvian Truckers." *Ethos* 7, no. 4 (1979): 312-342.

BON, GUSTAVE LE. *The Crowd: A Study of the Popular Mind*: Batoche Books; Kitchener, 2001.

BORBA, RODRIGO, and ANA CRISTINA OSTERMANN. "Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans)gender identity through the manipulation

- of the Brazilian Portuguese grammatical gender system." *Gender and Language* 1, no. 1 (2007): 131-147.
- BORGES, ANTONÁDIA. "Sobre pessoas e variáveis: etnografia de uma crença política." *MANA* 11, no. 1 (2005): 67-93.
- BORTOLATO, R. B. "The experience to promote prevention in the biggest warehouse of Latin America. CD Only: Abstract no. C12244." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- BORUAH, P. K., and A. K. ADHIKARI. "Clinical spectrum of HIV/AIDS presenting to Gauhati Medical College, Assam - an ongoing study since January 2003. Abstract no. C10407 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- BOSI, MARIA LÚCIA MAGALHÃES, and FRANCISCO JAVIER MERCADO. *Avaliação Qualitativa de Programas de Saúde: Enfoques Emergentes*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.
- BOSI, MARIA LÚCIA MAGALHÃES, and KÁTIA YUMI UCHIMURA. "Avaliação da qualidade ou avaliação qualitativa do cuidado em saúde?" *Revista de Saúde Pública* 41, no. 1 (2007): 150-153.
- BOTROS, B.A., Q. ALIYEV, M. SAAD, M. MONTEVILLE, A. MICHAEL, Z. NASIBOV, H. MUSTAFAEV, P. SCOTT, J. SANCHEZ, J. CARR, and K. EARHART. "Poster: HIV prevalence and risk behaviours among international truck drivers in Azerbaijan." Paper presented at the 17th European Congress of Clinical Microbiology and Infectious Diseases (17th ECCMID)
- 25th International Congress of Chemotherapy (25th ICC), Munich, Germany, 31 March - 3 April 2007.
- BOTTO-ABELLA, CARLOS, and BEATRIZ GRATEROL-MENDOZA. "Globalización, desigualdad y transmisión de las enfermedades tropicales en el Amazonas venezolano." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. Suplemento 1 (2007): S51-S63.
- BOUGET, DENIS, and LIONEL PROUTEAU. "National and supranational government-NGO relations: anti-discrimination policy formation in the European Union." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 31-37.
- BOURCIER, E., E. J. DOUGLAS, V. GONZALES, A. DOWNER, M. WEAVER, N. HASENBERG, H. HUCKEBA, C. ITO, A. KATAI, R. LEVINE, K. WASHIENKO, and I. YAMAMOTO. "Support for applying a structural approach to prevention efforts: examination of the high-risk settings of truck routes, brothels, and migrant work sites . Abstract no. TuPeF5486 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- BOURDIEU, PIERRE. "Participant Objectivation." *Journal of Royal Anthropological Institute* 9 (2003): 281-294.
- . "Pierre Bourdieu on marriage strategies (Archives)." *Population and Development Review* 28, no. 3 (2002): 549-559.
- BOURDIEU, PIERRE, and ABDELMALEK SAYAD. "Colonial rule and cultural sabir." *Ethnography* 5, no. 4 (2004): 445-486.
- BOURGOIS, PHILIPPE. "Anthropology and epidemiology on drugs: the challenges of cross-methodological and theoretical dialogue." *International Journal of Drug Policy* 13, no. 4 (2002): 259-269.
- . "Disciplining Addictions: The Bio-politics of Methadone and Heroin in the United States " *Culture, Medicine and Psychiatry* 24, no. 2 (2000): 165-195.
- BOURGOIS, PHILIPPE, ALEXIS MARTINEZ, ALEX KRAL, BRIAN R. EDLIN, JEFF SCHONBERG, and DAN CICCARONE. "Reinterpreting Ethnic Patterns among White and African American Men Who Inject Heroin: A Social Science of Medicine Approach." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e452 0001-0011.
- BOWDEN, A., J. A. FOX-RUSHBY, L. NYANDIEKA, and J. WANJAU. "How to do (or not to do)... Methods for pre-testing and piloting survey questions: illustrations from the KENQOL survey of health-related quality of life." *Health Policy and Planning* 17, no. 3 (2002): 322-330.
- BOWEN, SHELLEY, and ANTHONY B. ZWI. "Pathways to "Evidence-Informed" Policy and Practice: A Framework for Action." *PLoS Medicine* 2, no. 7 (2005): e166 0600-0605.
- BOYD, BARBARA L, and JOHN GARRISON. "NGO Participation in HIV/AIDS Control Project in Brazil Achieves Results." *Social Development Notes - Environmentally and Socially Sustainable Development Network - World Bank*, no. 47 (1999): 1-4.
- BRAIDOTTI, ROSI. *Nomadic Subjects*. New York: Columbia University Press, 1994.
- BRAINARD, LORI A., and PATRICIA D. SIPLON. "The Internet and NGO-government relations: injecting chaos into order." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 63-72.
- BRAINE, THERESA. "News: Brazil and Peru pool views of their people to set health agenda." *Bulletin of the World Health Organization* 83, no. 7 (2005): 485-486.
- BRANCALHONE, PATRÍCIA GEORGIA, JOSÉ CARLOS FOGO, and LÚCIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE WILLIAMS. "Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico." *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 20 (2004): 113-117.

- BRICEÑO-LEÓN, ROBERTO. "Chagas disease and globalization of the Amazon." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. Suplemento 1 (2007): S33-S40.
- BRICEÑO-LEÓN, ROBERTO, and JOHANNES SOMMERFELD. "Un programa social de investigación sobre globalización y enfermedades infecciosas en Latinoamérica." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. Suplemento 1 (2007): S4-S5.
- BRIGGS, CHARLES L., PAUL FARMER, and CATHERINE A. CHRISTEN. *Infectious diseases and social inequality in Latin America : from hemispheric insecurity to global cooperation*. Washington, D.C.: Woodrow Wilson International Centre for Scholars, 1999.
- BRINKERHOFF, DERICK W. "Government-nonprofit partners for health sector reform in Central Asia: family group practice associations in Kazakhstan and Kyrgyzstan." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 51-61.
- BRINKERHOFF, DERICK W., and JENNIFER M. BRINKERHOFF. "Editor's Preface." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 1-2.
- BRINKERHOFF, JENNIFER M. "Government-nonprofit partnership: a defining framework." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 19-30.
- BRINKERHOFF, JENNIFER M., and DERICK W. BRINKERHOFF. "Government-nonprofit relations in comparative perspective: evolution, themes and new directions." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 3-18.
- BRITO, ANA MARIA DE, EUCLIDES AYRES DE CASTILHO, and CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD. "Regional patterns of the temporal evolution of the AIDS epidemic in Brazil following the introduction of antiretroviral therapy." *Brazilian Journal of Infectious Diseases* 9, no. 1 (2005): 9-18.
- BRITO, IVO. "DESAFIOS DA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS NO CONTEXTO TRANSCULTURAL." *Boletim Epidemiológico - AIDS - Março a Maio de 1998* (1998).
- BROCKERHOFF, MARTIN, and ANN E. BIDDLECOM. "Migration, Sexual Behavior and the Risk of HIV in Kenya." *International Migration Review* 33, no. 4 (1999): 833-856.
- BRONFMAN, MARIO. "HIV/AIDS prevention at the southern border of Mexico. Truck drivers in Ciudad Hidalgo, Chiapas." In *Community Mobilization*. Mexico City, Mexico: Health Systems Research Center, National Institute of Public Health, 1999.
- . "Mexico and Central America." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 609-642.

- . "Mexico and Central America." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 609-642.
- . "Migración y SIDA en México." <http://clnet.sscnet.ucla.edu/research/aids/binational/migra.htm>.
- BRONFMAN, MARIO, ROBERTO CASTRO, ELENA ZÚÑIGA, CARLOS MIRANDA, and JORGE OVIEDO. "Del "cuánto" al "por qué": la utilización de los servicios de salud desde la perspectiva de los usuarios." *Salud Publica Mexico* 39, no. 5 (1997): 442-450.
- BRONFMAN, MARIO, and RENE LEYVA. "Truck-drivers at the Mexico-Guatemala Border: STDs/HIV/AIDS and the use of condom. ." In XIII International AIDS Conference. Durban, South Africa, 2000.
- BRONFMAN, MARIO, RENE LEYVA, and MIRKA J. NEGRONI. "HIV prevention among truck drivers on Mexico's southern border." *Culture, Health and Sexuality* 4, no. 4 (2002): 475 - 488.
- . "HIV Prevention among Truck Drivers on Mexico's Southern Border." *Culture, Health & Sexuality* 4, no. 4 (2002): 475-488.
- . "HIV prevention among truck drivers on Mexico's southern border." *Culture, Health & Sexuality* 4, no. 4 (2002): 475 - 488.
- BRONFMAN, MARIO, RENE LEYVA, MIRKA J. NEGRONI, and CELINA M. RUEDA. "Mobile populations and HIV/AIDS in Central America and Mexico: research for action." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S42-S49.
- BRONFMAN, MARIO, R. LEYVA-FLORES, and M. NEGRONI. "Mobile Populations and HIV/AIDS in Central America, Mexico, and the United States [Poblaciones Moviles y VIH/SIDA en Centroamerica, Mexico, y Estado Unidos] " In XIV International Conference of AIDS. Barcelona, Spain, 2002.
- BRONFMAN, M., M. NEGRONI, and R. LEYVA. "Mobile Populations and HIV/AIDS in Mesoamerica: Regional solutions to regional problems " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- BRONFMAN, MARIO, MIRKA J. NEGRONI, RENÉ LEYVA-FLORES, ANAHÍ DRESER, and MARTA CABALLERO. "Mobile Populations in Central America and Vulnerability to HIV - Focus on Women." *Aids & Mobility News - Biannual Newsletter of the European Project AIDS & Mobility* 4 (2002): 9-10.
- BROWN, PRUDENCE, and LEILA FIESTER. "Hard Lessons about Philanthropy & Community Change from the Neighborhood Improvement Initiative." 81. Menlo Park, CA: The William and Flora Hewlett Foundation, 2007.
- BROWN, PHIL, STEPHEN ZAVESTOSKI, BRIAN MAYER, and SABRINA MCCORMICK. "Policy Issues in Environmental Health Disputes." *The*

- ANNALS of the American Academy of Political and Social Science 584 (2002): 175-202.
- BRUNER, EDWARD M. "Return to Sumatra: 1957,1997." *American Ethnologist* 26, no. 2 (1999): 461-477.
- BRUNNER, RONALD D. "Context-sensitive monitoring and evaluation for the World Bank." *Policy Sciences* 37 (2004): 103-136.
- BRYAN, ANGELA D., JEFFREY D. FISHER, and T. JOSEPH BENZIGER. "Determinants of HIV risk among Indian truck drivers." *Social Science & Medicine* 53, no. 11 (2001): 1413-1426.
- BRYANT, CAROL, JAMES LINDENBERGER, CHRIS BROWN, ELLEN KENT, JANET MOGG SCHREIBER, MARTA BUSTILLO, and MARSHA WALKER CANRIGHT. "A social marketing approach to increasing enrollment in a public health program: a case study of the Texas WIC Program." *Human Organization* 60, no. 3 (2001): 234-246.
- BRYMAN, ALAN. "Barriers to Integrating Quantitative and Qualitative Research." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 8-22.
- BUCHALLA, CASSIA MARIA, and VERA PAIVA. "Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar." *Revista de Saúde Pública* 36 (2002): 117-119.
- BUJRA, JANET. "Targeting Men for a Change: AIDS Discourse and Activism in Africa." *Agenda*, no. 44 (2000): 6-23.
- BÜLL, MÁRCIA REGINA. "Estado mínimo: esforço máximo da sociedade civil para a democratização do conhecimento."
- BUNTON, ROBIN, SARAH NETTLETON, and ROGER BURROWS. *The sociology of health promotion : critical analyses of consumption, lifestyle, and risk.* London ; New York: Routledge, 1995.
- BURAWOY, MICHAEL. "Manufacturing the Global." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 147-159.
- . "Response: Public sociology: populist fad or path to renewal?" *The British Journal of Sociology* 56, no. 3 (2005): 418-432.
- BURKE, PETER. "The Philosophy of the Road in Brazil: Lorries and Their Mottoes." *Journal of Popular Culture* 30, no. 3 (1996): 209-222.
- BURSZTYN, IVANI, and JOSÉ MENDES RIBEIRO. "Avaliação participativa em programas de saúde: um modelo para o Programa de Saúde do Adolescente." *Cadernos de Saúde Pública* 21 (2005): 404-416.
- BURT, BRIAN A. "Definitions of Risk." *Journal of Dental Education* 65, no. 10 (2001): 1007-1008.

BUSE, KENT. "Keeping a tight grip on the reins: donor control over aid coordination and management in Bangladesh." *Health Policy and Planning* 14, no. 3 (1999): 219-228.

BUSE, KENT, and ANDREW HARMER. "Global health: Making partnerships work. Seven recommendations for building effective global public-private health partnerships." In *Briefing Paper*, 1-4. London: Overseas Development Institute (ODI), 2007.

BUSE, KENT, and ANDREW M. HARMER. "Seven habits of highly effective global public-private health partnerships: Practice and potential." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 259-271.

BUSE, KENT, and G. WALT. "Global public-private partnerships: part I – a new development in health?" *Bulletin of the World Health Organization* 78, no. 4 (2000): 549-561.

———. "Global public-private partnerships: part II – what are the health issues for global governance?" *Bulletin of the World Health Organization* 78, no. 5 (2000): 699-709.

BUSE, KENT, and GILL WALT. "An Unry Mélange? Coordinating External Resources to the Health Sector: A Review." *Social Science & Medicine* 45, no. 3 (1997): 449-463.

BUTT, LESLIE. "'Lipstick Girls' and 'Fallen Women': AIDS and Conspiratorial Thinking in Papua, Indonesia." *Cultural Anthropology* 20, no. 3 (2005): 412-442.

BUXTON, JULIA. *The political economy of narcotics : production, consumption and global markets*. Black Point, Canada

London ; New York

New York ;: Fernwood Publishing ;

Zed Books :

Distributed in the USA by Palgrave Macmillan, 2006.

BWAYO, JOB JOAB, A. N. MUTERE, M. A. OMARI, J. K. KREISS, W. JAOKO, C. SEKKADE-KIGONDU, and F. A. PLUMMER. "Long distance truck drivers. 2: Knowledge and attitudes concerning sexually transmitted diseases and sexual behaviour." *East African Medical Journal* 68, no. 9 (1991): 714-719.

BWAYO, JOB JOAB, A. M. OMARI, A. N. MUTERE, W. JAOKO, C. SEKKADE-KIGONDU, J. KREISS, and F. A. PLUMMER. "Long distance truck-drivers: 1. Prevalence of sexually transmitted diseases (STDs). ." *East African Medical Journal* 68, no. 6 (1991): 425-429.

- BWAYO, JOB JOAB, F. PLUMMER, M. OMARI, A. MUTERE, S. MOSES, J. NDINYA-ACHOLA, P. VELENTGAS, and J. KREISS. "Human immunodeficiency virus infection in long-distance truck drivers in East Africa. ." *Archives of Internal Medicine* 154, no. 12 (1994): 1391-1396.
- CABALLERO, MARTA, ANAHÍ DRESER, RENE LEYVA, CELINA M. RUEDA, and MARIO BRONFMAN. "Migration, gender and HIV/AIDS in Central America and Mexico." In *XIV International AIDS Conference: Monduzzi Editore*, 2002.
- CÁCERES, CARLOS. "HIV among gay and other men who have sex with men in Latin America and the Caribbean: a hidden epidemic?" *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S23-S33.
- CALCAGNOTTO, GILBERTO. "Annotierte Online-Bibliographie. Nicht-konventionelle Literatur aus Brasilien: Gesundheitspolitik in Brasilien. Non-conventional literature from Brazil: Health policy in Brazil." *dok-line LATEINAMERIKA* 1-2, no. Neuer Jungfernstieg 21 (2005).
- CALDWELL, JOHN CHARLES. *Resistances to Behavioural Change to Reduce the HIV/AIDS Infection*. Canberra, ACT, Australia: Health Transition Centre, The Australian National University, 1999.
- CALLEJA, JESUS M. GARCIA, NEFF WALKER, PALOMA CUCHI, STEFANO LAZZARI, PETER D. GHYS, and FERNANDO ZACARIAS. "Status of the HIV/AIDS epidemic and methods to monitor it in the Latin America and Caribbean region." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S3-S12.
- CAMPAGNAC, VANESSA. "As Organizações Não-Governamentais (ONGs) e o mercado de trabalho."
- CAMPBELL, CATHERINE. "Migrancy, masculine identities and AIDS: The psychosocial context of HIV transmission on the South African gold mines." *Social Science & Medicine* 45, no. 2 (1997): 273-281.
- . "Selling sex in the time of AIDS: the psycho-social context of condom use by sex workers on a Southern African mine." *Social Science & Medicine* 50, no. 4 (2000): 479-494.
- CAMPBELL, CATHERINE, and CATHERINE MACPHAIL. "Peer education, gender and the development of critical consciousness: participatory HIV prevention by South African youth." *Social Science & Medicine* 55, no. 2 (2002): 331-345.
- CAMPBELL, CATHERINE, YUGI NAIR, SBONGILE MAIMANE, and JILLIAN NICHOLSON. "'Dying Twice' A Multi-level Model of the Roots of AIDS Stigma in Two South African Communities." *Journal of Health Psychology* 12, no. 3 (2007): 403-416.
- CAMPBELL, JOHN R. "An Ethnography of Four Non-Governmental Development Organizations An Ethnography of Four Non-Governmental Development Organizations. Diana Joyce Fox. Lewiston, NY: The Edwin

Mellen Press, 1998. vi + 331 pp., appendixes, bibliography, index."
American Ethnologist 28, no. 1 (2001): 217-218.

CAMPBELL, SIOBHAN, SIOBHAN BENITA, ELIZABETH COATES, PHIL DAVIES, and GEMMA PENN. "Analysis for policy: evidence-based policy in practice." edited by HM Treasury Government Social Research Unit, London, 40: Crown, 2007.

CAMPBELL-KIBLER, KATHRYN, and INTERNATIONAL GENDER AND LANGUAGE ASSOCIATION. Language and sexuality : contesting meaning in theory and practice. Stanford, Calif.: Center for the Study of Language and Information, 2002.

CAMURÇA, MARCELO. "Seria a caridade a "religião civil" dos brasileiros?" Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social 12, no. Primeiro Semestre (2005): 42-62.

CANESQUI, ANA MARIA. "Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990." Ciência & Saúde Coletiva 8 (2003): 109-124.

CANNON, CHRISTY. "NGOs and the State: a case-study from Uganda." In Development, NGOs, and Civil Society, edited by Deborah Eadeand, 109-114. London: Oxfam UK, 2000.

CAO, H., S. HUANG, and G. L. CHEN. "Developing a multi-sectoral approach with government on the China-Myanmar Border. Abstract no. MoPeE4244." Paper presented at the The XV International AIDS Conference Bangkok, Thailand 2004.

CARAËL, ELEONORE HIV and Mobile Workers: A Review of Risks and Programmes among Truckers in West Africa. Vol. 2. Geneva, Switzerland: International Organization for Migration (IOM) and Joint United National Programme on HIV/AIDS (UNAIDS), 2005.

CARAËL, E. L. C. "HIV/AIDS Issues and programs for truckers and seafarers . Abstract no. G12620 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

CARAEI, M., E. SLAYMAKER, R. LYERLA, and S. SARKAR. "Clients of sex workers in different regions of the world: hard to count." Sexually Transmitted Infections 82, no. suppl_3 (2006): iii26-33.

CARDONA, OMAR D. "La Necesidad de Repensar de Manera Holística los Conceptos de Vulnerabilidad y Riesgo: "Una Crítica y una Revisión Necesaria para la Gestión"." In International Work-Conference on Vulnerability in Disaster Theory and Practice. Wageningen, Netherlands: Disaster Studies of Wageningen University and Research Centre, 2001.

———. "The Need for Rethinking the Concepts of Vulnerability and Risk from a Holistic Perspective: A Necessary Review and Criticism for Effective Risk Management." In Mapping Vulnerability: Disasters, Development and

People, edited by G. Bankoff, G. Frerks and D. Hilhorst. London: Earthscan Publishers, 2003.

CARDOSO, R. . "The 400-million-dollar cost. Brazil." *Integration* Fall, no. 57 (1998): 16-17.

CAREY, JAMES W., ERIN PICONE-DECARO, MARY SPINK NEUMANN, DEBORAH SCHWARTZ, DELIA EASTON, and DAPHNE COBB ST. JOHN. "HIV/AIDS Research and Prevention Anthropological Contributions and Future Directions." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.

CARLARNE, CINNAMON, and JOHN CARLARNE. "In—Credible Government: Legitimacy, Democracy, and Non-Governmental Organizations." *Public Organization Review* 6, no. 4 (2006): 347-371.

CARLARNE, JOHN. *The "International" and the "Local": Globalisation, capitalism, bureaucratisation and the post-conflict regeneration of war-torn societies, critical citizenship*. . San Diego: University of California Press, 2000.

CARLOS GUILHERME OCTAVIANO DO, VALLE. "The Making of People Living with HIV and AIDS: identities, illness and social organization in Rio de Janeiro, Brazil." 2000.

CARMODY, ELLIE R., THERESA DIAZ, PAULO STARLING, ANA PAULA ROCHA BERUTH DOS SANTOS, and HENRY S. SACKS. "An evaluation of antiretroviral HIV/AIDS treatment in a Rio de Janeiro public clinic." *Tropical Medicine & International Health* 8, no. 5 (2003): 378-385.

CARR, ROBERT, and R. ANTHONY LEWIS. "'Disposable populations': the CSME, HIV and AIDS." *Race and Class* 49, no. 2 (2007): 85-91.

CARRIER, N., J. LAPLANTE, and J. BRUNEAU. "Exploring the contingent reality of biomedicine: Injecting drug users, hepatitis C virus and risk." *Health, Risk and Society* 7, no. 2 (2005): 123-140.

CARVALHEIRO, JOSE DA ROCHA. "Processo migratorio e disseminacao de doencas / Migratory process and dissemination of diseases

Conferência: Apresentado em: Working Group on Geography of Health, Brasília, ago. 1982. ." *Associacao Brasileira de Pos-Graduacao em Saude Coletiva; Escola Nacional de Saude Publica. Textos de apoio: ciencias sociais. Escola Nacional de Saude Publica(PEC/ENSP. Textos de Apoio: Ciencias Sociais, 1)* (1986): 29-55.

CARVALHEIRO, JOSÉ DA ROCHA, EUCLIDES AYRES DE CASTILHO, DIRCEU BARTOLOMEU GRECO, MARIZA GONÇALVES MORGADO, MARY JANE SPINK, REGINA FERRO DO LAGO, AKIRA HOMMA,

SANDRA MELLO PERIN, JORGE ADRIÁN BELOQUI, ROBERTO CHATEAUBRIAND DOMINGUES, and OTÁVIO VALENTE, JUNIOR. "Plano Nacional de Vacinas Anti-HIV. Pesquisa, desenvolvimento e avaliação. Versão Preliminar. ." edited by Coordenação Nacional De Dst/Aids, 27: Ministério da Saúde, 2002.

CARVALHO, DÉBORA NACIF DE. "GESTÃO E SUSTENTABILIDADE: Um estudo multicasos em ONGs ambientalistas em Minas Gerais." Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

CARVALHO, DENISE SIQUEIRA DE, and HILLEGONDA MARIA DUTILH NOVAES. "Avaliação da implantação de programa de atenção pré-natal no Município de Curitiba, Paraná, Brasil: estudo em coorte de primigestas." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): S220-S230.

CARVALHO, R. DE O. "AIDS ea escola: proposta interdisciplinar e institucional de prevenção.[AIDS and school: proposal for institutional and interdisciplinary prevention]." *Revista brasileira de enfermagem* 51, no. 2 (1998): 245-252.

CASIDAY, RACHEL ELIZABETH. "Children's health and the social theory of risk: Insights from the British measles, mumps and rubella (MMR) controversy." *Social Science & Medicine* 65, no. 5 (2007): 1059-1070.

CASO, L. DE, G. EGREMY, P. URIBE, D. CHIN-QUEE, C. ROBLEDO, and J. VALIN. "The use of female condom as a possible alternative with clients who reject male condom use and are under the effects of alcohol and/or use of drugs. Abstract no. TuPeF5469." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

CASO, L. DE, G. EGREMY MENDIVIL, J. SAAVEDRA LÓPEZ, D. CHIN-QUEE, C. ROBLEDO, and J. VALIN HEBRARD. "The use of female condom as a possible alternative with clients who reject male condom use and are under the effects of alcohol and/or use of drugs. Abstract no. WePeD6282 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

CASTANEDA, X., C. BRINDIS, and I. C. CAMEY. "Nebulous margins: Sexuality and social constructions of risks in rural areas of Central Mexico." *Culture, Health and Sexuality* 3, no. 2 (2001): 203-219.

CASTIEL, LUÍS DAVID. "Força e vontade: aspectos teórico-metodológicos do risco em epidemiologia e prevenção do HIV/AIDS." *Revista de Saúde Pública* 30, no. 1 (1996).

CASTRO, ARACHU. "Adherence to Antiretroviral Therapy: Merging the Clinical and Social Course of AIDS." *PLoS Med* 2, no. 12 (2005): e338 1217-1221.

CASTRO, ARACHU, and PAUL FARMER. "Health and Economic Development." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures,

edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.

———. "Understanding and Addressing AIDS-Related Stigma: From Anthropological Theory to Clinical Practice in Haiti." *Am J Public Health* 95, no. 1 (2005): 53-59.

CASTRO, ARACHU, and MERRILL SINGER. *Unhealthy health policy : a critical anthropological examination*. Walnut Creek, Calif.: AltaMira Press, 2004.

CASTRO, ARACHU, and MICHAEL WESTERHAUS. "Access to generic antiretrovirals: inequality, intellectual property law, and international trade agreements." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. Suplemento 1 (2007): S85-S96.

CASTRO E SILVA, CARLOS ROBERTO DE. "A politização da dor e da indignação de pessoas que vivem ou convivem com o HIV/AIDS: a participação política em uma ONG como forma de fortalecimento psicossocial." Universidade de São Paulo (USP), 2004.

CASTRO, FABIO DE, and DAVID G. MCGRATH. "Moving toward sustainability in the local management of floodplain lake fisheries in the Brazilian Amazon." *Human Organization* 62, no. 2 (2003): 123-133.

CASTRO, INÊS RUGANI RIBEIRO DE, and CARLOS AUGUSTO MONTEIRO. "Avaliação do impacto do programa "Leite é Saúde" na recuperação de crianças desnutridas no Município do Rio de Janeiro." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 5 (2002): 52-62.

CASTRO, MARY GARCIA, and LORENA BERNADETE DA SILVA. *Respostas aos Desafios da AIDS no Brasil: Limites e Possibilidades*. 1 ed. Brasília, DF: UNESCO

Ministério da Saúde, 2005.

CASTRO, ROBERTO, JOAQUINA ERVITI, and RENÉ LEYVA. "Globalización y enfermedades infecciosas en las poblaciones indígenas de México." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. Suplemento 1 (2007): S41-S50.

CASTRO-VAZQUEZ, GENARO, and MASAYOSHI TARUI. "'Pueblo chico, infierno grande': Community support and HIV/AIDS among HIV-positive Latin Americans in Japan." *Ethnicities* 6, no. 1 (2006): 52-73.

CATERINO-DE-ARAUJO, ADELE, ELIZABETH SANTOS-FORTUNA, MARIANA CAVALHEIRO MAGRI, FABIANA SCHUELTER-TREVISOL, and MARCOS VINICIUS SILVA. "Latent human herpesvirus – 8 (HHV-8) infection in female commercial sex workers from Imbituba, Santa Catarina, Brazil." *Brazilian Journal of Infectious Diseases* 11, no. 1 (2007): 9-11.

- CAVALCANTI, BRUNO CÉSAR, and RACHEL ROCHA DE ALMEIDA BARROS. "Desejos de cidade: imaginários urbanos em assentamentos rurais numa área de reserva de mata atlântica brasileira." *Horizontes Antropológicos* 12, no. 25 (2006): 217-235.
- CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH (CHER), UNIVERSITY OF WASHINGTON. "Keeping up with the movement: Preventing HIV transmission in migrant work settings." In *AIDS 2002*. Barcelona, Spain: University of Washington, Seattle ; The Synergy Project / USAID, 2002.
- CENTRO DE ESTUDOS EM LOGÍSTICA, COPPEAD UFRJ. "TRANSPORTE DE CARGAS NO BRASIL. Ameaças e Oportunidades para o Desenvolvimento do País. DIAGNÓSTICO e PLANO DE AÇÃO." 200. Brasília, DF: Confederação Nacional de Transportes,,.
- CERQUEIRA-SANTOS, ELDER, NORMANDA A. DE MORAIS, and SÍLVIA HELENA KOLLER. "A vida dos caminhoneiros brasileiros: um estudo sobre a exploração sexual e comercial de crianças nas estradas. Relatório técnico apresentado ao Instituto WCF – Brasil." RELATÓRIO FINAL – WCF, 2005.
- CHACHAM, ALESSANDRA S., SIMONE G. DINIZ, MÔNICA B. MAIA, ANA F. GALATI, and LIZ A. MIRIME. "Sexual and Reproductive Health Needs of Sex Workers: Two Feminist Projects in Brazil." *Reproductive Health Matters* 15, no. 29 (2007): 108-118.
- CHAGAS, MIRIAM DE FÁTIMA. "A política do reconhecimento dos "remanescentes das comunidades dos quilombos"." *Horizontes Antropológicos* 7, no. 15 (2001): 209-235.
- CHAMBRÉ, SUSAN M. "Civil Society, Differential Resources, and Organizational Development: HIV/AIDS Organizations in New York City, 1982-1992." *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 26, no. 4 (1997): 466-488.
- CHAN, KWOK-HUNG, and S. Ä. "Sexual risk behaviours of travellers in Hong Kong work population." 2003.
- CHANDA, S. K., and K. H. KHAN. "Sharing of razor-blade in saloons and risk of spreading HIV in Bangladesh " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment 2005.
- . "Sharing of razor-blade in saloons and risk of spreading HIV in Bangladesh. Abstract no. WePe10.5P02 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.
- CHANDER, S., and M. B. AMAYUN. "Lessons learned in transnational HIV/AIDS prevention among mobile populations in the Greater Mekong Subregion (GMS). Abstract no. D12682 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailândia 2004.

- CHAPMAN, R. R. "Chikotsa - Secrets, silence, and hiding: Social risk and reproductive vulnerability in central Mozambique." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 4 (2006): 487-515.
- CHAPMAN, RACHEL R., and JEAN R. BERGGREN. "Radical contextualization: contributions to an anthropology of racial/ethnic health disparities." *health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine* 9, no. 2 (2005): 145-167.
- CHARBOTEL, BARBARA, JEAN-LOUIS MARTIN, BLANDINE GADEGBEKU, and MIREILLE CHIRON. "Severity Factors for Truck Drivers' Injuries." *Am. J. Epidemiol.* 158, no. 8 (2003): 753-759.
- CHATTERJEE, A., T. SELLERS, N. BANDYOPADHYAY, A. PACHAURI, V. SAHNI, M. IBRAHIM, and S. THAKAR. "Truck-drivers and helpers as peer facilitators for dialogue-based interpersonal communication (IPC) for HIV risk reduction." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- CHATURVEDI, D.K., PRITAM SINGH, MAN MOHAN, S.K. GAUR, and D.S. MISHRA. "Development of an HIV Model and Its Simulation." *Journal of Health Management* 3, no. 1 (2001): 65-84.
- CHAUDHARY, C. "The Basic Care and Support Program for HIV/AIDS patients at Highway Health Clinic in Hetauda, Makwanpur district, Nepal. Abstract no. MoPe11.2C07 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.
- CHEN, LI, PRABHAT JHA, BRIDGET STIRLING, SEMA K. SGAIER, TINA DAID, RUPERT KAUL, and NICO NAGELKERKE. "Sexual Risk Factors for HIV Infection in Early and Advanced HIV Epidemics in Sub-Saharan Africa: Systematic Overview of 68 Epidemiological Studies." *PLoS ONE* 2, no. 10 (2007).
- CHEN, XIANG-SHENG, YUE-PING YIN, XIANG-DONG GONG, GUO-JUN LIANG, WEN-YING ZHANG, GILLES POUMEROL, MEI-QIN SHI, SHOU-QIANG WU, and GUO-CHENG ZHANG. "Prevalence of sexually transmitted infections among long-distance truck drivers in Tongling, China." *International journal of STD & AIDS* 17, no. 5 (2006): 304-308.
- CHEQUER, PEDRO. "Access to Treatment and Prevention: Brazil and Beyond." In IAS.
- . "Discurso de abertura." In IAS - International Aids Society Meeting. Rio de Janeiro, RJ: Programa Nacional de DST, HIV e AIDS, Ministério da Saúde, 2005.
- CHEQUER, PEDRO, and KENNETH CAMARGO. "Vinte anos do PN/DST-AIDS, adaptado do texto original de Kenneth Camargo - AIDS Vinte Anos: Esboço histórico para entender o Programa Brasileiro." http://sistemas.AIDS.gov.br/congressoprev2006/2/index.php?option=com_content&task=view&id=16.

- CHESSA, CECILIA. "State Subsidies, International Diffusion, and Transnational Civil Society: The Case of Frankfurt-Oder and Slubice." *East European Politics and Societies* 18, no. 1 (2004): 70-109.
- CHIANCA, THOMAZ. "An Update on Evaluation in the Latin American and Caribbean Region." *Journal of MultiDisciplinary Evaluation* 2 (2005): 137-144.
- CHIDEYA, FARAI. *Trust : reaching the 100 million missing voters (and other selected essays)*. Brooklyn, N.Y.: Soft Skull Press, 2004.
- CHIMBIRI, AGNES M. "The condom is an 'intruder' in marriage: Evidence from rural Malawi." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1102-1115.
- CHINAGLIA, M., S. LIPPMAN, J. PULERWITZ, M. S. SETUBAL, C. OGURA, and J. DÍAZ. "Tailoring STI/HIV programs to the needs of mobile populations: the Saude na Estrada project for truck drivers at the tri-country border in Foz do Iguaçu, Brazil. Poster Exhibition. Abstract no. MoPeD3919 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- CHINAGLIA, M., S. LIPPMAN, C. SUCUPIRA, R. DIAZ, J. PULERWITZ, J. DIAZ, and A. REINGOLD. "HIV, syphilis, hepatitis B, and HSV-2 prevalence among truck drivers crossing the border between Brazil, Argentina and Paraguay. Abstract no. CDC0193." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- CHOI, BERNARD C.K., and ANITA W.P. PAK. "A Catalog of Biases in Questionnaires." *Preventing Chronic Disease: Public Health Research, Practice and Policy*. Centers for Disease Control and Prevention. 2, no. 1 (2005): 1-13.
- CHOMSKY, NOAM, PAUL FARMER, and AMY GOODMAN. *Getting Haiti right this time : the U.S. and the coup*. Monroe, Me.: Common Courage Press, 2004.
- CHOWDHURY, ANIS, and TERRY MCKINLEY. "Gearing Macroeconomic Policies to Manage Large Inflows of ODA: The Implications for HIV/AIDS Programmes." 1-36. Brasília, DF: United Nations Development Programme, International Poverty Centre, 2006.
- CHOWDHURY, S. A. A., and R. R. CHANDRA. "Leading from the front: worker's union implementing program to prevent HIV/AIDS among the transport workers in Bangladesh." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- CHOWDHURY, S. A. A., and R. ROMESH. "International NGO as Facilitator and Worker's Union as Implementing agency in preventing HIV/AIDS among the transport workers: Experience from a partnership project in Bangladesh " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.

- . "International NGO as Facilitator and Worker's Union as Implementing agency in preventing HIV/AIDS among the transport workers: Experience from a partnership project in Bangladesh. Abstract no. ThPeE8113 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- CHRISTENFELD, N., L. M. GLYNN, J. A. KULIK, and W. GERIN. "The social construction of cardiovascular reactivity." *Annals of Behavioral Medicine* 20, no. 4 (1998): 317-325.
- CHROSTOWSKA, M., and A. CHEN. "HIV/AIDS prevention program for ethnic minorities in the North of Lao PDR. Abstract no. CDC1817 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- CHUANG, YA-CHUANG. "Democracy in Action: The Making of Social Movement Webs in Taiwan." *Critique of Anthropology* 24, no. 3 (2004): 235-255.
- CLARK, MARI, ROLF SARTORIUS, MICHAEL BAMBERGER, FRANCOIS BINDE, OSVALDO FEINSTEIN, RONNIE HAMMAD, JODY KUSEK, LINDA MORRA, RITVA REINIKKA, GLORIA RUBIO, and ELIZABETH WHITE. *Monitoring & Evaluation: Some Tools, Methods & Approaches*. Edited by World Bank Operations Evaluation Department and Evaluation Capacity Development. 2 ed. Washinton, D. C.: The World Bank, 2004.
- CLARKE, ADELE E., JANET K. SHIM, LAURA MAMO, JENNIFER RUTH FOSKET, and JENNIFER R. FISHMAN. "Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine." *American Sociological Review* 68, no. 2 (2003): 161-194.
- CLARKE, KRIS. "HIV/AIDS: A prism of globalisation." *Aids & Mobility News - Biannual Newsletter of the European Project AIDS & Mobility* 6 (2003): 6.
- CLARKE, MARI H. "Pursuing International Development through a Gender Lens - Reflections on a Nonlinear Career Path in Applied Anthropology." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 26, no. 1 (2006): 32-54.
- . "Pursuing International Development through a Gender Lens Reflections on a Nonlinear Career Path in Applied Anthropology." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 26, no. 1 (2006): 32-54.
- CLATTS, MICHAEL C., DORINDA L. WELLE, and LLOYD A. GOLDSAMT. "Reconceptualizing the Interaction of Drug and Sexual Risk Among MSM Speed Users: Notes Toward an Ethno-Epidemiology." *AIDS and Behavior* 5, no. 2 (2001): 115-130.
- CLIFF, A. D., and M. R. SMALLMAN-RAYNOR. "The Aids Pandemic: Global Geographical Patterns and Local Spatial Processes." *The Geographical Journal* 158, no. 2 (1992): 182-198.

- CLIFFORD, JAMES. "Diasporas." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 302-338.
- . "Diasporas." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 302-338.
- . "Notes on Travel and Theory." *Inscriptions* 5, no. "Traveling Theories, Traveling Theorists", edited by James Clifford and Vivek Dhareshwar (1989).
- CLIFFORD, JAMES, and GEORGE E. MARCUS. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, CA: University of California Press, 1986.
- COLLIER, CHRISTOPHER. "NGOs, the poor, and local government." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 115-123. London: Oxfam UK, 2000.
- COLLINS, CHRIS, and THOMAS J. COATES. "Science and Health Policy: Can They Cohabit or Should They Divorce?" *American Journal of Public Health* 90, no. 9 (2000): 1389-1390.
- COLLINS, DANA. "Identity, Mobility, and Urban Place-Making: Exploring Gay Life in Manila." *Gender Society* 19, no. 2 (2005): 180-198.
- COLOSIO, ROBSON, MARIA INÊS ASSUMPTÃO FERNANDES, DENISE PIMENTEL BERGAMASCHI, IANNI RÉGIA SCARCELLI, ISABEL CRISTINA LOPES, and NORMAN HEARST. "Prevenção de infecção pelo HIV por intermédio da utilização do grupo operativo entre homens que fazem sexo com homens, São Paulo, Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. 4 (2007): 949-959.
- COMAROFF, JEAN, and JOHN COMAROFF. "Ethnography on an awkward scale. Postcolonial anthropology and the violence of abstraction." *Ethnography* 4, no. 2 (2003): 147-179.
- COMAROFF, JEAN, and JEAN COMAROFF. *Of Revelation and Revolution, Volume 1: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- COMAROFF, JOHN L., and JEAN COMAROFF. *Of Revelation and Revolution, Volume 2: The Dialectics of Modernity on a South African Frontier*, 1997.
- COMMINS, STEPHEN. "NGOs: ladles in the global soup kitchen." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 70-74. London: Oxfam UK, 2000.
- COMMITTEE ON PEDIATRIC WORKFORCE, and AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. "Policy Statement: Ensuring Culturally Effective Pediatric Care: Implications for Education and Health Policy." *Pediatrics* 114, no. 6 (2004): 1677-1685.

- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES. "Boletim Estatístico CNT - Novembro 2007." Brasília, DF: Confederação Nacional de Transportes (CNT), 2007.
- . "Panorama do Transporte Internacional Rodoviário de Cargas Brasileiro: Mobilidade Fronteiriça." Brasília, DF: Confederação Nacional de Transportes, 2006.
- . "Pesquisa de Autônomo CNT - 2002: Relatório Analítico / Confederação Nacional de Transportes." 2002.
- CONNELL, R. W. "Live Fast and Die Young: The Construction of Masculinity among Young Working-class Men on the Margin of the Labour Market." *Journal of Sociology ANZJS* 27, no. 2 (1991): 141-171.
- CONNELL, R.W., M.D. DAVIS, and G.W. DOWSETT. "A Bastard of a Life: Homosexual Desire and Practice among Men in Working-class Milieux." *Journal of Sociology ANZJS* 29, no. 1 (1993): 112-135.
- CONOVER, TED. "Trucking Through the AIDS Belt." *The New Yorker*, August 16, 1993 1993.
- CONTI, JOSEPH A., and MOIRA O'NEIL. "Studying power: qualitative methods and the global elite." *Qualitative Research* 7, no. 1 (2007): 63-82.
- CONTRERA, WILDNEY FERES. "GAPAS: Uma resposta comunitária à epidemia da AIDS no Brasil." 112. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2000.
- CONWAY, JOHN J. "Refurnishing Hell's Kitchen: One Anthropologist's Participation in the State of New York's Clinton Preservation Fund." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 5, no. 1 (1988): 5-15.
- COOK, SAMUEL R. "Anthropological Advocacy in Historical Perspective: The case of Anthropologists and Virginia Indians." *Human Organization* 62, no. 2 (2003): 191-201.
- COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE CURSOS. "Demanda por qualificação profissional para condutores de veículos de transporte de cargas: Relatório de Pesquisa." 109. Brasília, DF: Diretoria Executiva do Instituto de Desenvolvimento do Transporte (IDT) ; Instituto de Desenvolvimento do Transporte (IDT) ; Escola do Transporte, 2007.
- COQUERY-VIDROVITCH, CATHERINE. *African women : a modern history. Augmented new ed, Social change in global perspective.* Boulder, Colo.: Westview Press, 1997.
- COREIL, JEANNINE, and GLADYS MAYARD. "Indigenization of Illness Support Groups in Haiti." *Human Organization* 65, no. 2 (2006): 128-139.

- CORNMAN, DEBORAH H., SARAH J. SCHMIEGE, ANGELA BRYAN, T. JOSEPH BENZIGER, and JEFFREY D. FISHER. "An information-motivation-behavioral skills (IMB) model-based HIV prevention intervention for truck drivers in India." *Social Science & Medicine* 64, no. 8 (2007): 1572-1584.
- CORNWALL, ANDREA, and ALEX SHANKLAND. "Engaging citizens: Lessons from building Brazil's national health system." *Social Science & Medicine* In Press, Corrected Proof (2008).
- CORZINE, JAY, and RICHARD KIRBY. "Cruising the Truckers: Sexual Encounters in a Highway Rest Area." *Journal of Contemporary Ethnography* 6, no. 2 (1977): 171-192.
- COSGROVE, SERENA. "Levels of Empowerment: Marketers and Microenterprise-Lending NGOs in Apopa and Nejapa, El Salvador." *Latin American Perspectives* 29, no. 5 (2002): 48-65.
- COSTA, ANA MARIA, EDGAR MERCHÁN-HAMANN, and DÉBORA TAJER. *Saúde, equidade e gênero: um desafio para as políticas públicas*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2000.
- COSTA, BEATRIZ MOREM DA. "Capital social e organizações do terceiro setor em Porto Alegre." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- COSTA, LETÍCIA B., MITTI AYAKO HARA KOYAMA, ELAINE GARCIA MINUCI, and FRIDA MARINA FISCHER. "Morbidade declarada e condições de trabalho: o caso dos motoristas de São Paulo e Belo Horizonte." *São Paulo em Perspectiva* 17, no. 2 (2003): 54-67.
- COSTA, N., E. FERRAZ, and C. SOUZA. "Travesties: vulnerability through sexual behaviors. Abstract no. CDD0529." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- COSTA, S. "Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais." *Rev. bras. Ci. Soc* 12, no. 35 (1997): 0102-6909.
- COUTIN, SUSAN BIBLER. "The Network Inside Out The Network Inside Out Annelise Riles (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000)." *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* 25, no. 2 (2002): 105-108.
- COUTINHO, ROEL A. "Needle exchange, pragmatism, and moralism." *American Journal of Public Health* 90, no. 9 (2000): 1387-1388.
- COUTINHO, TADEU, MARIA TERESA BUSTAMANTE TEIXEIRA, SULAMIS DAIN, JANE DUTRA SAYD, and LARISSA MILANI COUTINHO. "Adequação do processo de assistência pré-natal entre as usuárias do Sistema Único de Saúde em Juiz de Fora-MG." *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* 25 (2003): 717-724.
- CRADDOCK, SUSAN. "Market incentives, human lives, and AIDS vaccines." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1042-1056.

- CRAVEN, CHRISTA. "Claiming Respectable American Motherhood: Homebirth Mothers, Medical Officials, and the State." *MEDICAL ANTHROPOLOGY QUARTERLY* 19, no. 2 (2005): 194-215.
- CRUZ, MARLY MARQUES DA, ELIZABETH MOREIRA DOS SANTOS, and SIMONE MONTEIRO. "Avaliação de programas de prevenção de DST/AIDS: revendo abordagens e metodologias." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. 5 (2007): 995-1003.
- CSETE, JOANNE. "Missed Opportunities: Human rights and the politics of HIV/AIDS." *Development* 47, no. 2 (2004): 83-90.
- CUERVO, MARIA RITA M., DENISE R. G. DE C. AERTS, and RICARDO HALPERN. "Vigilância do estado nutricional das crianças de um distrito de saúde no Sul do Brasil." *Jornal de Pediatria* 81 (2005): 325-331.
- CUNHA, MARGARET. "South African Politics, Inequalities, and HIV/AIDS: Applications for Public Health Education." *Journal of Developing Societies* 23, no. 1-2 (2007): 207-219.
- CURTIS, DONALD. "Looking for strengths in response to AIDS: individual, group and public authority roles in strategy." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 51-59.
- D'HALLUIN, ESTELLE, STÉPHANE LATTÉ, DIDIER FASSIN, and RICHARD RECHTMAN. "La deuxième vie du traumatisme psychique. Cellules médico-psychologiques et interventions psychiatriques humanitaires." *RFAS Revu Française des Affaires Sociales* 1 (2004): 57-75.
- DARDER, ANTONIA, and RODOLFO D. TORRES. *The Latino studies reader : culture, economy, and society*. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 1998.
- DAS, VEENA, and RANENDRA K. DAS. "Urban health and pharmaceutical consumption in Delhi, India." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 69-82.
- DAVIES, PHILIP. "Sociology and policy science: just in time?" *The British Journal of Sociology* 55, no. 3 (2004): 448-450.
- DAVIES, RICK. "Monitoring and Evaluating NGO Achievements " In *The companion to development studies*, edited by V. Desai and R. B. Potter. London: Arnold, 2002.
- DAVIS, CHRISTOPHER, and BEN DICKINSON. "Priorities, government institutions and foreign assistance in the fight against HIV/AIDS in Russia." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 31-40.
- DAVOLI, ADRIANA, FORTUNATO ANTONIO B. PALHARES, HELENO R. CORRÊA-FILHO, ANA LAURA V. DIAS, ADRIANA B. ANTUNES, JULIAN F. SERPA, and PATRÍCIA SCHINCARIOL. "Prevalência de

violência física relatada contra crianças em uma população de ambulatório pediátrico." *Cadernos de Saúde Pública* 10 (1994): 92-98.

D'CRUZ, PREMILLA. "HIV/AIDS and the Workplace: Challenges and Responses." *Global Business Review* 4, no. 1 (2003): 131-151.

DE BRUYN, MARIA. "Living with HIV: Challenges in Reproductive Health Care in South Africa." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 8, no. 1 (2004): 92-98.

DE SOUZA MINAYO, M. C. "Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais." *Rev. Saúde Pública* 25, no. 3 (1991).

DE SOUZA QUEIROZ, M., and A. M. CANESQUI. "CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA À MEDICINA: UMA REVISÃO DE ESTUDOS NO BRASIL."

DELCORE, HENRY D. "Nongovernmental organizations and the work of memory in northern Thailand." *American Ethnologist* 30, no. 1 (2003): 61-84.

DELOR, FRANCOIS, and MICHEL HUBERT. "Revisiting the concept of 'vulnerability'." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1557-1570.

DELOR, F., and M. HUBERT. "Revisiting the concept of 'vulnerability'." *Social Science and Medicine* 50, no. 11 (2000): 1557-1570.

DEO, A. K., S. LAMSAL, and S. ALAM. "Awareness of risk factor for transmission of HIV/AIDS among truck driver of Eastern region of Nepal." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

———. "A qualitative study on awareness of risk factor for transmission of HIV/AIDS among truck driver of Eastern region of Nepal " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.

———. "A qualitative study on awareness of risk factor for transmission of HIV/AIDS among truck driver of Eastern region of Nepal. Abstract no. C10042." Paper presented at the The XV International AIDS Conference Bangkok 2004.

DEO, A. K., S. LAMSAL, U. YADAV, and S. ALAM. "A qualitative study on "Awareness of risk factors for transmission of HIV/AIDS among truck driver of eastern region of Nepal"." Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

———. "A qualitative study on "Awareness of risk factors for transmission of HIV/AIDS among truck driver of eastern region of Nepal". Abstract no. CDC0765 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

- DESSEWFFY, TIBOR. "SPECULATORS AND TRAVELLERS THE POLITICAL CONSTRUCTION OF THE TOURIST IN THE KÁDÁR REGIME." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 44 - 62.
- DESVARIEUX, MOISE, ROLAND LANDMAN, BERNARD LIAUTAUD, PIERRE-MARIE GIRARD, and INTREPIDE INITIATIVE IN GLOBAL HEALTH. "Antiretroviral Therapy in Resource-Poor Countries: Illusions and Realities." *American Journal of Public Health* 95, no. 7 (2005): 1117-1122.
- DEVINE, JOSEPH. "NGOs, Politics and Grassroots Mobilisation: Evidence from Bangladesh." *Journal of South Asian Development* 1, no. 1 (2006): 77-99.
- . "The Paradox of Sustainability: Reflections on NGOs in Bangladesh." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 590, no. 1 (2003): 227-242.
- DFID, and FHI. "Prevalence of sexually transmitted infections and HIV among truck drivers and helpers. Impact assessment for HIV/STI prevention programmes. Baseline report series (Multiple site reports)." DFID and FHI, 2001.
- DHARMARAJAN, S., P. SRIJAYANTH, J. READ, N. SAMUEL, M. JACOB, H. VAN HOOK, R. ELANGO, D. COLLINS, V. JUNANKAR, and J. BETHEL. "Risk Factors for HIV-1 Seropositivity among Pregnant Women in Rural Tamil Nadu, India. Abstract no. TuPe5.1P05 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.
- DHARMARAJAN, S., P. SRIJAYANTH, J. READ, N. SAMUEL, M. JACOB, H. VAN-HOOK, R. ELANGO, D. COLLINS, V. JUNANKAR, and J. BETHEL. "Risk Factors for HIV-1 Seropositivity among Pregnant Women in Rural Tamil Nadu, India " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment 2005.
- DIALLO, B. L., M. ALARY, B. BAMBA, and A. BARRY. "HIV vulnerability among female sex workers in Guinea. Abstract no. CDC0210 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- DIAS, JOÃO CARLOS PINTO. "Globalização, iniquidade e doença de Chagas." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. Suplemento 1 (2007): S13-S22.
- DIAS, JOSÉ LUCIANO DE MATTOS, and JOSÉ STALIN PEDROSA. "Sobre Valores e Fatos: A Experiência das ONG que Trabalham com AIDS no Brasil." 40. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Projetos Especiais de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, 1997.
- DIAS-DA-COSTA, JUVENAL SOARES, ANGELA C. C. MADEIRA, RAFAEL M. LUZ, and MARCELO A. P. BRITTO. "Auditoria médica: programa de pré-

natal em posto de saúde na região Sul do Brasil." *Revista de Saúde Pública* 34 (2000): 329-336.

DÍAZ, JUAN. "A AIDS nas fronteiras do Brasil: diagnóstico estratégico da situação da epidemia de AIDS e doenças sexualmente transmissíveis nas fronteiras do Brasil " In *Colecao DST/aids - serie estudos, Pesquisas e Avaliacao*, 6, 164. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

DÍAZ, MARGARITA, MAEVE BRITO DE MELLO, MARIA HELENA DE SOUSA, FRANCISCO CABRAL, RICARDO DE CASTRO E SILVA, MÁRCIA CAMPOS, and ANIBAL FAÚNDES. "Outcomes of three different models for sex education and citizenship programs concerning knowledge, attitudes, and behavior of Brazilian adolescents." *Cadernos de Saúde Pública* 21 (2005): 589-597.

DICHTER, THOMAS W. "Globalization and Its Effects on NGOs: Efflorescence or a Blurring of Roles and Relevance?" *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 28, no. suppl_1 (1999): 38-58.

DICLEMENTE, R. J., R. A. CROSBY, and G. M. WINGOOD. "Community HIV Prevention Interventions: Theoretical and Methodological Considerations." In *Community Interventions and AIDS: Targeting the Community Context.*, edited by E. J. Trickett, 222-248. Cary, NC, USA: Oxford University Press, 2005.

DIJKZEUL, D., and C.A. LYNCH. "NGO management and health care financing approaches in the Eastern Democratic Republic of the Congo." *Global Public Health* 1, no. 2 (2006): 157-172.

DINGELSTAD, DAVID , RICHARD GOSDEN, BRIAN MARTIN, and NICKOLAS VAKAS. "The social construction of drug debates." *Social Science and Medicine* 43, no. 12 (1996): 1829-1838.

DINIZ, SIMONE GRILO, CECÍLIA DE MELLO E SOUZA, and ANA PAULA PORTELLA. "Uma Contribuição ao Debate sobre Direitos Reprodutivos." *Sexualidade, Gênero e Sociedade* Ano 3, no. 6 (1996): 1-7.

DJANGONE-RACHELLE, M. S., D. R. TAMBASHE, O. BASILE, and M. R. AMOUZOU-AGBESSI. "AIDS Prevention along Migratory Routes in West Africa: Effects of the "Roulez Protege" Campaign among Truckers in Burkina Faso and Togo " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.

DOANE, MOLLY. "A Distant Jaguar: The Civil Society Project in Chimalapas." *Critique of Anthropology* 21, no. 4 (2001): 361-382.

DODOO, F. NII-AMOO, ELIYA M. ZULU, and ALEX C. EZEH. "Urban–rural differences in the socioeconomic deprivation–Sexual behavior link in Kenya." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1019-1031.

- DOLAN, KATHLEEN A., and PHILLIP W. DAVIS. "Nuances and shifts in lesbian women's constructions of STI and HIV vulnerability." *Social Science & Medicine* 57, no. 1 (2003): 25-38.
- DONK, MIRJAM VAN. "'Positive' urban futures in sub-Saharan Africa: HIV/AIDS and the need for ABC (A Broader Conceptualization)." *Environment and Urbanization* 18, no. 1 (2006): 155-175.
- DORLING, DANNY. "Worldmapper: The Human Anatomy of a Small Planet." *PLoS Medicine* 4, no. 1 (2007).
- DOUGHTY, PAUL L. "Malinowski Award Lecture, 2005: Learn from the past, be involved in the future." *Human Organization* 64, no. 4 (2005): 303-315.
- DOUGLAS, ELAINE, and CENTER FOR HEALTH EDUCATION AND RESEARCH, UNIVERSITY OF WASHINGTON. "Putting on the Brakes: Preventing HIV Transmission along Truck Routes. A research-based field resource supported by the The Synergy APDIME Toolkit." 106: The Synergy Project ; Center for Health Education and Research (CHER) ; University of Washington, 2000.
- DOUGLAS, MARY. *Purity and Danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.
- . *Risk and Blame: Essays in Cultural Theory*. London: Routledge, 1992.
- . "Risk as a forensic resource." *Daedalus* 119, no. 4 (1990): 1-16.
- DOUSSANTOUSSE, S., B. KEOVONGCHITH, and V. A. SOURIYO. "HIV prevention in Lao PDR with high-risk mobile populations: blurred boundaries between mobile and mainstream populations calls for a broader view. Abstract no. CDD0438." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference Toronto, Canada 2006.
- DOWSETT, GARY. "Understanding cultures of sexuality: lessons learned from HIV/AIDS education and behaviour change among gay men in Australia." In *Resistances to Behavioural Change to Reduce the HIV/AIDS Infection*, edited by John Charles Caldwell, 223-231. Canberra, ACT, Australia: Health Transition Centre, The Australian National University, 1999.
- DOWSETT, GARY W., and MURRAY COUCH. "Male Circumcision and HIV Prevention: Is There Really Enough of the Right Kind of Evidence?" *Reproductive Health Matters* 15, no. 29 (2007): 33-44.
- DOYAL, LESLEY. *What makes women sick : gender and the political economy of health*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1995.
- DRAKE, H. MAX. "Being a Bureaucrat: Is It the Same as Being an Anthropologist?" *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 5, no. 1 (1988): 40-51.

- DRESER, ANAHÍ , MARTA CABALLERO, RENÉ LEYVA, and MARIO BRONFMAN. "The vulnerability to HIV/AIDS of migrant sex workers in Central America and Mexico." ed Nel Van Beelen (Vu Medical Centre), Ivan Wolffers (Vu Medical Centre) and Licia Brussa (Tampep). Place Published: Department of Health Care and Culture, Vrije Universiteit medical centre, Amsterdam, The Netherlands, 2002.
- DRIEL, MIEKE L. VAN, AN I. DE SUTTER, THIERRY C. M. CHRISTIAENS, and JAN M. DE MAESENEER. "Quality of care: the need for medical, contextual and policy evidence in primary care." *Journal of Evaluation in Clinical Practice* 11, no. 5 (2005): 417-429.
- DUCKETT, MARGARET. "Migrants' Right to Health." In UNAIDS Best Practice Collection Key Material, 60. Geneva: UNAIDS / International Organization for Migration, 2001.
- DUDWICK, NORA, KATHLEEN KUEHNAST, VERONICA NYHAN JONES, and MICHAEL WOOLCOCK. "ANALYZING SOCIAL CAPITAL IN CONTEXT - A Guide to Using Qualitative Methods and Data." 52. Washington, D. C.: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank, 2006.
- DUNLAP, ELOISE, ELLEN BENOIT, STEPHEN J. SIFANECK, and BRUCE D. JOHNSON. "Social constructions of dependency by blunts smokers: Qualitative reports." *International Journal of Drug Policy* 17, no. 3 (2006): 171-182.
- DURIER, S. "IFC against AIDS engagement in India. Abstract no. CDC1280 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- DYCK, NOEL, and JAMES B. WALDRAM. "Anthropology, public policy & Native peoples in Canada // Review." *Canadian Public Policy* 20, no. 2 (1994): 217.
- EADEAND, DEBORAH, and JENNY PEARCE. *Development, NGOs, and Civil Society*. London: Oxfam UK, 2000.
- EARP, JO ANNE, EUGENIA ENG, MICHAEL S. O'MALLEY, MARY ALTPETER, GARTH RAUSCHER, LINDA MAYNE, HOLLY F. MATHEWS, KATHY S. LYNCH, and BAHJAT QAQISH. "Increasing use of mammography among older, rural, African American women: Results from a community trial." *American Journal of Public Health* 92, no. 4 (2002): 646-654.
- EBOA, O. KWEDI, and A. NKENGFAK. "HIV/AIDS in rural Cameroon: context and health care needs." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- EDELMAN, MARC. "Global Trade Rules and Smallholding Agriculture: Problems for Sustainability." In QUEEN ELIZABETH HOUSE (QEH)

Conference. Oxford: Department of International Development, University of Oxford, 2005.

———. "When Networks Don't Work: The Rise and Fall and Rise of Civil Society Initiatives in Central America." In *Social Movements: An Anthropological Reader*, edited by June Nash, 29-45. Malden, MA (USA): Blackwell Publishing, 2005.

EDWARD, MICHAEL, and DAVID HULME. "Scaling up NGO impact on development: learning from experience." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 44-63. London: Oxfam UK, 2000.

EDWARDS, DAVID B. "Afghanistan, Ethnography, and the New World Order." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 345-360.

EDWARDS, MICHAEL. "Global civil society and community exchanges: a different form of movement." *Environment and Urbanization* 13, no. 2 (2001): 145-149.

EGEDEYE, L.A., C. PORBENI, D. DIRI, U. OSUNKWA, G.C. UGWUAKULAM, and E. NWANKWO. "Promoting safe sex practices and risk reduction in commercial transporters of Abali motor park - Port Harcourt, Nigeria " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

EHON, PH.D A., and MRS IGBINOBA N. "Assessing knowledge of HIV/AIDS risk behaviours and preventive practices among long distance drivers in Benin City, Edo State, Nigeria. Abstract no. MoPe10.7P04 " Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Rio de Janeiro, Brasil 2005.

EISENHAUER, EMILY, ALEJANDRO ANGEE, BRIANNE BARCLAY, and JASNEY COGUA-LOPEZ. "Community Knowledge and at Titudes Toward Refugees and Asylees in Miami-Dade and Broward Counties: An Analys is for the International Rescue Committee." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 27, no. 1 (2007): 224-236.

EKANEM, E. E., B. M. AFOLABI, A. O. NUGA, and S. B. ADEBAJO. "Sexual Behaviour, HIV-Related Knowledge and Condom Use by Intra-City Commercial Bus Drivers and Motor Park Attendants in Lagos, Nigeria." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 9, no. 1 (2005): 78-87.

EKHOLM, KASJA, and JONATHAN FRIEDMAN. "Towards a Global Anthropology." *Critique of Anthropology* 5, no. 1 (1985): 97-119.

ELBE, STEFAN. "AIDS, Security, Biopolitics." *International Relations* 19, no. 4 (2005): 403-419.

ELLIOTT, ALAN J. A. "The Multilateral Approach." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 335, no. 1 (1961): 122-131.

- ELLIS, J.M., L. LONG, A. SIMUBALI, and CORRIDORS OF HOPE (COH) / FAMILY HEALTH INTERNATIONAL (FHI). "HIV/AIDS prevention among sex workers - is it worth the effort?" Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- ELLISON, MARCIA A. "Authoritative Knowledge and Single Women's Unintentional Pregnancies, Abortions, Adoption, and Single Motherhood: Social Stigma and Structural Violence." *Medical Anthropology Quarterly* 17, no. 3 (2003): 322-347.
- ELYACHAR, JULIA. "Best practices: Research, finance, and NGOs in Cairo." *American Ethnologist* 33, no. 3 (2006): 413-426.
- EMBER, CAROL, and MELVIN EMBER. *Encyclopedia of Medical Anthropology*, 2004.
- . *Encyclopedia of Medical Anthropology*, 2004.
- EMBER, CAROL R., and MELVIN EMBER. *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures. Edited by Human Relations Area Files at Yale University. 2 vols. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.
- EMBRAPA. "Foto de Satélite do Rio Grande do Sul. Brasil Visto do Espaço. CD Brasil Visto do Espaço." edited by E. E. De Miranda and A. C. Coutinho. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2004.
- EMERANT, K. E. E. KOULOU ETOA ELLA, D. A. R. DJIHEMINE ANDOULO ROGER, and M. R. MEKU ROSE. "Truck drivers: a mobile population at risk; the stakes and challenges of mobilization against HIV/AIDS. Abstract no. D12945 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- ENSERINK, MARTIN. "Africa's Custom-Made Cures." *Foreign Policy* 140 (2004): 84-85.
- EPPRECHT, MARC. "The Marquis de Sade's Zimbabwe Adventure: A Contribution to the Critique of 'African AIDS'." *Sexualities* 10, no. 2 (2007): 243-260.
- ERICSON, RICHARD. "Publicizing sociology." *The British Journal of Sociology* 56, no. 3 (2005): 365-372.
- ERNI, JOHN NGUYET. "Epidemic Imaginary: Performing Global Figurations of "Third World AIDS"." *Space and Culture* 9, no. 4 (2006): 429-452.
- ERVIN, ALEXANDER M., and LORNE HOLYOAK. "APPLIED ANTHROPOLOGY IN CANADA: HISTORICAL FOUNDATIONS, CONTEMPORARY PRACTICE, AND POLICY POTENTIALS." *NAPA Bulletin* 25 (2006): 134-155.

- ERWIN, KATHLEEN. "The Circulatory System: Blood Procurement, AIDS, and the Social Body in China." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 2 (2006): 139-159.
- ESCOBAR, ARTURO. "Identity." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 248-266. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- ESPIRITO SANTO, M. E. GOMES DO, and G. D. ETHEREDGE. "How to reach clients of female sex workers: a survey "by surprise" in brothels in Dakar, Senegal." *Bulletin of the World Health Organization* 80 (2002): 709-713.
- EVANS, CATRIN, and HELEN LAMBERT. "Implementing community interventions for HIV prevention: Insights from project ethnography." *Social Science & Medicine* 66, no. 2 (2008): 467-478.
- . "The limits of behaviour change theory: Condom use and contexts of HIV risk in the Kolkata sex industry." *Culture, Health & Sexuality* 10, no. 1 (2008): 27-41.
- EVERETT, MARGARET. "Doing bioethics: challenges for anthropology." *Human Organization* 65, no. 1 (2006): 46-54.
- EXCLER, J. L. "Feasibility perspectives of AIDS vaccine efficacy trials in India. Abstract no. ThOrC1431 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- EYBEN, ROSALIND. "Development and Anthropology: A View from Inside the Agency." *Critique of Anthropology* 20, no. 1 (2000): 7-14.
- EZEH, B. "HIV/AIDS policy environment in Anambra state, Nigeria: assessing the influence of the international community." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- EZIO TÁVORA DOS SANTOS, FILHO. "TB Policy in Brazil: a civil society perspective." In *A series of reports on TB policy in Bangladesh, Brazil, Nigeria, Tanzania, and Thailand*, 88. New York, NY: Public Health Watch, Open Society Institute Public Health Program, 2006.
- . "POLÍTICA DE TB NO Brasil - Uma Perspectiva da Sociedade Civil - TEMPOS DE MUDANÇAS PARA O CONTROLE DA TUBERCULOSE NO BRASIL." In *Série de relatórios sobre políticas de controle da tuberculose em Bangladesh, no Brasil, na Nigéria, na Tanzânia e na Tailândia*, 85. Rio de Janeiro: Public Health Watch, Open Society Institute, 2006.
- FAIRHEAD, JAMES, MELISSA LEACH, and MARY SMALL. "PUBLIC ENGAGEMENT WITH SCIENCE? LOCAL UNDERSTANDINGS OF A VACCINE TRIAL IN THE GAMBIA." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 103-116.

- FALEIROS, JOSÉ JUSTINO, GLADIS KALIL, DARCI PEGORARO CASARIN, PAULO A. LAQUE JR, and INÁ S. SANTOS. "Avaliação do impacto de um programa de puericultura na promoção da amamentação exclusiva." *Cadernos de Saúde Pública* 21 (2005): 482-489.
- FARAH, MARTA FERREIRA SANTOS. "Gênero e políticas públicas." *Revista Estudos Feministas* 12, no. 1 (2004): 47-71.
- FARHAT, S. F. "Creating awareness, prevention of rampant spread of hiv infection amongst long distance truck drivers. Abstract no. ThPeF8130 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.
- FARIA, CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE. "IDÉIAS, CONHECIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS: Um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18, no. 51 (2003): 21-29.
- . "A política da avaliação de políticas públicas." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20 (2005): 97-110.
- FARLEY, MELISSA. "'Bad for the Body, Bad for the Heart': Prostitution Harms Women Even if Legalized or Decriminalized." *VIOLENCE AGAINST WOMEN* 10, no. 10 (2004): 1087-1125.
- FARMER, PAUL. *AIDS and accusation : Haiti and the geography of blame*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- . *Infections and inequalities : the modern plagues*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- . *Infections and inequalities : the modern plagues*. Updated ed. Berkeley ; London: University of California Press, 2001.
- . "New Disorder, Old Dilemmas: AIDS and Anthropology in Haiti." In *The Time of AIDS: Social Analysis, Theory, and Method*, edited by Gilbert Herdt and Shirley Lindembaum, 287–318. Newbury Park: Sage Publications, 1992.
- . *Pathologies of power : health, human rights, and the new war on the poor*, California series in public anthropology ;. Berkeley: University of California Press, 2003.
- . *Sida en Haïti : la victime accusée*, Médecines du monde. Paris: Karthala, 1996.
- . *The uses of Haiti*. Monroe, Me.: Common Courage Press, 1994.
- . *The uses of Haiti*. 2nd ed. Monroe, Me.: Common Courage Press, 2003.
- . *The uses of Haiti*. 3rd ed. Monroe, Me.: Common Courage Press, 2006.

- . "Whither equity in health? The state of the poor in Latin America." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. 1 (2007): S7-S12.
- FARMER, PAUL, and ARACHU CASTRO. "Pearls of the Antilles? Public Health in Haiti and Cuba."
- FARMER, PAUL, MARGARET CONNORS, and JANIE SIMMONS. *Women, poverty, and AIDS : sex, drugs, and structural violence*. Monroe, Me: Common Courage Press, 1996.
- FARMER, PAUL, and EBRARY INC. "Pathologies of power health, human rights, and the new war on the poor : with a new preface by the author." In *California series in public anthropology ; 4*. Place Published: University of California Press, 2003.
- FARMER, PAUL, FERNET LÉANDRE, JOIA S. MUKHERJEE, MARIE SIDONISE CLAUDE, PATRICE NEVIL, MARY C. SMITH-FAWZI, SERENA P. KOENIG, ARACHU CASTRO, MERCEDES C. BECERRA, JEFFREY SACHS, AMIR ATTARAN, and JIM YONG KIM. "Community-based approaches to HIV treatment in resource-poor settings." *Lancet* 358, no. 9279 (2001): 404-409.
- FARMER, PAUL, and NETLIBRARY INC. "AIDS and accusation Haiti and the geography of blame." In *Comparative studies of health systems and medical care*. Place Published: University of California Press, 1992.
- . "Infections and inequalities the modern plagues." Place Published: University of California Press, 1999.
- FARMER, PAUL, DAVID WALTON, and LAURA TARTER. "Infections and Inequalities." *Global Change and Human Health* 1, no. 2 (2000): 94-109.
- FARMER, PAUL E., BRUCE NIZEYE, SARA STULAC, and SALMAAN KESHAVJEE. "Structural Violence and Clinical Medicine." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e449 1686-1691.
- FARQUHAR, JUDITH, and QICHENG ZHANG. "Biopolitical Beijing: Pleasure, Sovereignty, and Self-Cultivation in China's Capital." *Cultural Anthropology* 20, no. 3 (2005): 303-327.
- FARUK, A., and A. ASHRAFUDDIN. "Migrant worker and mobility mapping in Dinazpur for STD and HIV/AIDS prevention. Abstract no. ThPeG8405 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- FASSIN, DIDIER. "Compassion and Repression: The Moral Economy of Immigration Policies in France." *Cultural Anthropology* 20, no. 3 (2005): 362-387.

- . "The embodiment of inequality. AIDS as a social condition and the historical experience in South Africa." *EUROPEAN MOLECULAR BIOLOGY ORGANIZATION (EMBO) Reports* 4, no. Special Issue (2003): S4-S9.
- . "The end of ethnography as collateral damage of ethical regulation?" *American Ethnologist* 33, no. 4 (2006): 522-524.
- . "La souffrance du monde. Considérations anthropologiques sur les politiques contemporaines de la compassion / The suffering of the world. Anthropological considerations on contemporary politics of compassion." *L'Évolution Psychiatrique* 67, no. 4 (2002): 676-689.
- . "Public health as culture. The social construction of the childhood lead poisoning epidemic in France." *British Medical Journal* 69 (2004): 167-177.
- . *When Bodies Remember: Experiences and politics of AIDS in South Africa*. Translated by Amy Jacobs and Gabrielle Varro. Edited by Robert Borofsky, California Series in Public Anthropology. Berkeley (CA): University of California Press, 2007.
- FASSIN, DIDIER, and ESTELLE D'HAULLUIN. "The Truth from the Body: Medical Certificates as Ultimate Evidence for Asylum Seekers." *American Anthropologist* 107, no. 4 (2005): 597-608.
- FASSIN, DIDIER, and ANNE-JEANNE NAUDÉ. "Public Health: Then and Now - PLUMBISM REINVENTED - Childhood Lead Poisoning in France, 1985-1990." *American Journal of Public Health* 94, no. 11 (2004): 1854-1863.
- FASSIN, DIDIER, and RICHARD RECHTMAN. "An Anthropological Hybrid: The Pragmatic Arrangement of Universalism and Culturalism in French Mental Health." *Transcultural Psychiatry* 42, no. 3 (2005): 347-366.
- FAYEMIWO, S. A., R. A. BAKARE, G. N. ODAIBO, D. O. OLALEYE, J. L. SANKALE, P. KANKI, A. A. ONI, and N. A. FASINA. "Pattern of sexually transmitted infections among HIV infected female commercial sex workers in Ibadan, Nigeria. Abstract no. ThPeC7376 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- FEDELI, P., F. CROCE, M. RAMSAN, L. DEHÒ, A. PIATTI, M. J. DAHOMA, M. ALBONICO, O. SHAURI, and M. GALLI. "Seroepidemiology for HIV, HBV, HCV and HTLV among patients attending public health clinics in Zanzibar-Tanzania. Abstract no. MoPeC3553 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- FELDMAN, DOUGLAS A., SOCIETY FOR APPLIED ANTHROPOLOGY. MEETING, and AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION. MEETING. *Global AIDS policy*. Westport, Conn.: Bergin & Garvey, 1994.

- FELDMAN, GREGORY. "Culture, state, and security in Europe: The case of citizenship and integration policy in Estonia." *American Ethnologist* 32, no. 4 (2005): 676-694.
- . "Estranged states. Diplomacy and the containment of national minorities in Europe." *Anthropological Theory* 5, no. 3 (2005): 219-245.
- FERGUSON, ALAN G., and CHESTER N. MORRIS. "Mapping transactional sex on the Northern Corridor highway in Kenya." *Health & Place* 13 (2007): 504–519.
- FERGUSON, ALAN G., CHESTER N. MORRIS, and CECILIA W. KARIUKI. "Using diaries to measure parameters of transactional sex: an example from the Trans-Africa highway in Kenya." *Culture, Health & Sexuality* 8, no. 2 (2006): 175-185.
- FERNANDES, JOSÉ, and YARO R. GANDRA. "Avaliação de um roteiro simplificado de observação de pré-escolares em programas Centro de Educação e Alimentação do Pré-Escolar." *Revista de Saúde Pública* 15 (1981): 116-125.
- FERNANDO, JUDE L. "NGOs and Production of Indigenous Knowledge Under the Condition of Postmodernity." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 590, no. 1 (2003): 54-72.
- FERRAZ, ELISABETH ANHEL, CYNTHIA TEIXEIRA DE SOUZA, LUIZA DE MARILAC DE SOUZA, JOSÉ HUMBERTO CAETANO MARINS, (CONSULTOR), and FERNANDA DELVALHAS PICCOLO, (CONSULTORA). *Caminhoneiros - Parcerias do Asfalto - Conhecimento, Atitudes e Práticas sobre HIV/AIDS em Uberlândia*. Rio de Janeiro: BEMFAM, 2005.
- FERREIRA, CARLOS EUGÊNIO DE CARVALHO. "Acidentes com motoristas no transporte rodoviário de produtos perigosos." *São Paulo em Perspectiva* 17, no. 2 (2003): 68-80.
- FERREIRA, MARIA PAULA. "Conhecimento e percepção de risco sobre o HIV/AIDS: um perfil da população brasileira no ano de 1998." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): S213-S222.
- FERREIRA, VICTOR CLÁUDIO PARADELA. "ONGs no Brasil: Um estudo sobre suas características e fatores que têm induzido seu crescimento." Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- FERZACCA, STEVE. "Post-Colonial Development and Health." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.

- FEUCHTWANG, STEPHAN D. R. "Peasants, Democracy and Anthropology: Questions of Local Loyalty." *Critique of Anthropology* 23, no. 1 (2003): 93-120.
- FIGUEIRAS, AMIRA CONSUÉLO DE MELO, ROSANA FIORINI PUCCINI, EDINA MARIKO KOGA DA SILVA, and MÁRCIA REGINA MARCONDES PEDROMÔNICO. "Avaliação das práticas e conhecimentos de profissionais da atenção primária à saúde sobre vigilância do desenvolvimento infantil." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): 1691-1699.
- FIGUEIREDO, MARCO ANTÔNIO DE CASTRO, and LUCIANA NOGUEIRA FIORINI. "Uma análise de conteúdo de crenças relacionadas com a AIDS entre participantes em ONGs." *Estudos de Psicologia (Natal)* 2, no. 1 (1997): 28-41.
- FIGUEIREDO, REGINA, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. "Intervenção comunitária e redução da vulnerabilidade de mulheres às DST/ Aids em São Paulo, SP " *Revista de Saúde Pública* 36, no. Suplemento 4 (2002): 96-107.
- FILGUEIRAS, SANDRA LÚCIA, and SUELY FERREIRA DESLANDES. "Avaliação das ações de aconselhamento. Análise de uma perspectiva de prevenção centrada na pessoa." *Cadernos de Saúde Pública* 15 (1999): S121-S131.
- FINK, SHERI. "Cuba's energetic AIDS doctor." *American Journal of Public Health* 93, no. 5 (2003): 712-716.
- FINLINSON, H. ANN, HÉCTOR M. COLÓN, RAFAELA R. ROBLES, SHERRY DEREN, MAYRA SOTO LÓPEZ, and AILEEN MUÑOZ. "Access to sterile syringes by injecting drug users in Puerto Rico." *Human Organization* 58, no. 2 (1999): 201-211.
- FINN, MARK, and SRIKANT SARANGI. "Quality of life as a mode of governance: NGO talk of HIV "positive" health in India." *Social Science & Medicine* 66, no. 7 (2008): 1568-1578.
- FISCHER, F. M. "What do petrochemical workers, healthcare workers, and truck drivers have in common? Evaluation of sleep and alertness in Brazilian shiftworkers." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): 1732-1738.
- FITCH, B. F. "The Place of the Motor Truck in the Modern City Plan." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 133 (1927): 200-206.
- FLICK, U. "The social construction of individual and public health: Contributions of social representations theory to a social science of health." *Social Science Information* 37, no. 4 (1998): 639-662.

- FLORES, GLENN. "Culture and the patient-physician relationship: Achieving cultural competency in health care." *THE JOURNAL OF PEDIATRICS* 136, no. 1 (2000): 14-23.
- FLOWERS, PAUL. "Gay men and HIV/AIDS risk management." *Health (London)* 5, no. 1 (2001): 50-75.
- FLOWERS, P., B. DUNCAN, and J. FRANKIS. "Community, responsibility and culpability: HIV risk-management amongst Scottish gay men." *Journal of Community and Applied Social Psychology* 10, no. 4 (2000): 285-300.
- FOLADORI, GULLERMO, and JAVIER TAKS. "UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A QUESTÃO AMBIENTAL." *MANA* 10, no. 2 (2004): 323-348.
- FOLKE, STEEN, HENRIK NIELSEN, and DANSK INSTITUT FOR INTERNATIONALE STUDIER. *Aid impact and poverty reduction*. 1st ed, Palgrave studies in governance, security, and development. New York [Copenhagen]: Palgrave Macmillan ; Danish Institute for International Studies, 2006.
- FONSECA, CLAUDIA LEE WILLIAMS. "Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse." *Cadernos Pagu* 26 (2006): 11-43.
- FONSECA, MARIA GORETTI, FRANCISCO INÁCIO BASTOS, MONICA DERRICO, CARLA LOURENÇO TAVARES ANDRADE, CLÁUDIA TRAVASSOS, and CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD. "AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996." *Cadernos de Saúde Pública* 16, no. Suplemento 1 (2000): 77-87.
- FONSECA, MARIA GORETTI, FRANCISCO INÁCIO BASTOS, MONICA DERRICO, CARLA L. TAVARES DE ANDRADE, CLÁUDIA TRAVASSOS, and CELIA LANDMANN SZWARCOWALD. "AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996." *Cadernos de Saúde Pública* 16, no. Suplemento 1 (2000): 77-87.
- FONSECA, MARIA GORETTI, CÉLIA LANDMANN SZWARCOWALD, and FRANCISCO INÁCIO BASTOS. "Análise sociodemográfica da epidemia de Aids no Brasil, 1989-1997." *Revista de Saúde Pública* 2002, no. 36 (2002): 6.
- FORDHAM, G. "Moral panic and the construction of national order: HIV/AIDS risk groups and moral boundaries in the creation of modern Thailand." *Critique of Anthropology* 21, no. 3 (2001): 259-316.
- FORMIGLI, VERA LÚCIA ALMEIDA, MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA, and LAURO ANTONIO PORTO. "Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente." *Cadernos de Saúde Pública* 16 (2000): 831-841.

- FOUCAULT, MICHEL. "About the Beginning of the Hermeneutics of the Self: Two Lectures at Dartmouth." *Political Theory* 21, no. 2 (1993): 198-227.
- . *The birth of the clinic: An archaeology of medical perception*. London: Tavistock, 1973.
- . "El sujeto y el poder." *Revista Mexicana de Sociología* 50, no. 3 (1988): 3-20.
- . *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Translated by Maria Thereza Da Costa Albuquerque and J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed, Biblioteca de Filosofia e História das Ciências. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- . "Polemic: Monstrosities in Criticism." *Diacritics* 1, no. 1 (1971): 57-60.
- . "Preface." In *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences*. New York: Vintage Books.
- . "Spaces of security: The example of the town. Lecture of 11th January 1978." *Political Geography* 26, no. 1 (2007): 48-56.
- . "The Subject and Power." *Critical Inquiry* 8, no. 4 (1982): 777-795.
- . *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Translated by Raquel Ramallete. 16 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
- FOUCAULT, MICHEL, and RICHARD HOWARD. "Ceci n'est pas une pipe." *October* 1 (1976): 6-21.
- FOUCAULT, MICHEL, and ROBERT HURLEY. "Erotics." *October* 33 (1985): 3-30.
- FOUCAULT, MICHEL, and JAY MISKOWIEC. "Of Other Spaces." *Diacritics* 16, no. 1 (1986): 22-27.
- FOUCAULT, MICHEL, and LAWRENCE E. WINTERS. "The West and the Truth of Sex." *SubStance* 6, no. 20 (1978): 5-8.
- FOURIE, PIETER PAUL. "ONE BURDEN TOO MANY: PUBLIC POLICY MAKING ON HIV/AIDS IN SOUTH AFRICA, 1982-2004." University of Johannesburg, 2005.
- FOWLER, ALAN. *Striking a balance: a guide to enhancing the effectiveness of non-governmental organisations in international development*. London: Earthscan, 1997.
- FOX, M. LOUISE, ROBERT LIEBENTHAL, and WORLD BANK. *Attacking Africa's poverty : experience from the ground*. Washington, D.C.: World Bank, 2006.

- FRANÇA-JUNIOR, IVAN, MARLENE DORING, and ISETE MARIA STELLA. "Orphans and vulnerable children affected by HIV/AIDS in Brazil: where do we stand and where are we heading?" *Revista de Saúde Pública* 40, no. Suplemento (2006): 23-30.
- FRANCISCO, ANDRES DE, RUTH DIXON-MUELLER, and CATHERINE D'ARCANGUES. *Research Issues in Sexual and Reproductive Health for Low- and Middle-Income Countries*. Geneva: Global Forum for Health Research and World Health Organization, 2007.
- FRANK, B., M. NUMER, J. EVANS, J. OLIFFE, D. GREGORY, and D. DIVINE. "A framework for Health, Illness, Men and Masculinities (HIMM)." *The Journal of Men's Health & Gender* 4, no. 3 (2007): 358-359.
- FRANK, EMILY. "AIDS Ethnography: How to begin." *Transforming Anthropology* 13, no. 2 (2005): 143-147.
- FRANKENBERG, RONALD J. "The impact of HIV/AIDS on concepts relating to risk and culture within British community epidemiology: Candidates or targets for prevention." *Social Science & Medicine* 38, no. 10 (1994): 1325-1335.
- FRECHTLING, JOY, HENRY FRIERSON, STAFFORD HOOD, and GERUNDA HUGHES. *The 2002 User-Friendly Handbook for Project Evaluation: The National Science Foundation; Directorate for Education and Human Resources; Division of Research, Evaluation, and Communication*, 2002.
- FREIDENBERG, JUDITH. "Applied Anthropology / antropología de la gestión: Debating the Uses of Anthropology in the United States and Latin America." *The Journal of Latin American Anthropology* 6, no. 2 (2001): 4-19.
- FRIEDMAN, JONATHAN. "Globalization." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 179-197. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- . "Transnationalization, Socio-political Disorder, and Ethnification as Expressions of Declining Global Hegemony." In *The Anthropology of Politics: A Reader in Ethnography, Theory, and Critique*, edited by Joan Vincent, 285-300. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2002.
- FRIEDMAN, STEVEN, and SHAUNA MOTTIAR. "A Rewarding Engagement? The Treatment Action Campaign and the Politics of HIV/AIDS." *Politics and Society* 33, no. 4 (2005): 511-565.
- FRIEDMAN, SAMUEL R., SUSAN C. KIPPAX, NANCY PHASWANA-MAFUYA, DIANA ROSSI, and CHRISTY E. NEWMAN. "Emerging future issues in HIV/AIDS social research." *AIDS* 20 (2006): 959-965.
- FRIEDMAN, SAMUEL R., PEDRO MATEU-GELABERT, RICHARD CURTIS, CAREY MASLOW, MELISSA BOLYARD, MILAGROS SANDOVAL, and PETER L. FLOM. "Social Capital or Networks, Negotiations, and Norms?"

- A Neighborhood Case Study." *American Journal of Preventive Medicine* 32, no. Supplement 6 (2007): S160-S170.
- FROHLICK, SUSAN. "Fluid Exchanges: The Negotiation of Intimacy between Tourist Women and Local Men in a Transnational Town in Caribbean Costa Rica." *City & Society* 19, no. 1 (2007): 139-168.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. "Estimativa da população, por município, faixa etária e sexo, Rio Grande do Sul, 2006. FONTE: FEE/CIE/NIS." edited by Secretaria Da Coordenação E Planejamento: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.
- FURMANSKI, L. A., and M. JUNCKER. "Mobilization and coordination of an urban community to care for persons living with HIV/AIDS (PLHA). Abstract no. WePeF6637." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- GAAG, JACQUES VAN DER, and TANIA BARHAM. "HEALTH AND HEALTH EXPENDITURES IN ADJUSTING AND NON-ADJUSTING COUNTRIES." *Social Science & Medicine* 46, no. 8 (1998): 995-1009.
- GALVÃO, JANE. "Access to antiretroviral drugs in Brazil." *Lancet* 360, no. 9348 (2002): 1862-1865.
- . "Access to antiretrovirals: where South Africa, China, and Brazil meet." *Lancet* 363, no. 9407 (2004): 493.
- . *AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia*. 1 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: ABIA; Editora 34, 2000.
- . "As respostas das organizações não-governamentais brasileiras frente à epidemia de HIV/AIDS." In *Políticas, Instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil*, edited by Richard Parker. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; ABIA, 1997.
- . "Brazil and access to HIV/AIDS drugs: a question of human rights and public health." *Am J Public Health* 95, no. 7 (2005): 1110-1116.
- . "More money for AIDS." *Lancet* 361, no. 9368 (2003): 1569-1570.
- . "A política brasileira de distribuição e produção de medicamentos anti-retrovirais: privilégio ou um direito?" *Cad Saude Publica* 18, no. 1 (2002): 213-219.
- GALVÃO, JANE, and JESSICA HALVERSON. "Integration of HIV/AIDS and family planning." *Lancet* 366, no. 9491 (2005): 1076-1077.
- GAMSON, JOSHUA, and DAWNE MOON. "The Sociology of Sexualities: Queer and Beyond." *Annual Review of Sociology* 30 (2004).

- GANESH, SHIV. "Organizational Narcissism: Technology, Legitimacy, and Identity in an Indian NGO." *Management Communication Quarterly* 16, no. 4 (2003): 558-594.
- GARCIA, MARIA ELENA. "Making Indigenous Citizens: Identity, Development, and Multicultural Activism in Peru." *Journal of Latin American Anthropology* 10, no. 2 (2005): 457-459.
- GARCIA-ABREU, ANABELA, ISABEL NOGUER, and KAREN COWGILL. "HIV/AIDS in Latin America: The Challenge Ahead." In *Health, Nutrition and Population Discussion Paper*. Washington, DC: The World Bank, 2003.
- GATSON, SARAH N., and AMANDA ZWEERINK. "Ethnography Online: 'Natives' Practising and Inscribing Community." *Qualitative Research* 4, no. 2 (2004): 179-200.
- GAURI, VARUN. "Social Rights and Economics: Claims to Health Care and Education in Developing Countries." *World Development* 32, no. 3 (2004): 465-477.
- GAURI, VARUN, and EVAN S. LIEBERMAN. "Boundary Institutions and HIV/AIDS Policy in Brazil and South Africa." *Studies in Comparative International Development* 41, no. 3 (2006): 47-73.
- GAUSSET, QUENTIN. "AIDS and cultural practices in Africa: the case of the Tonga (Zambia)." *Social Science & Medicine* 52, no. 4 (2001): 509-518.
- GAWANDE, A. V., N. D. VASUDEO, S. P. ZODPEY, and D. W. KHANDAIT. "Sexually transmitted infections in long distance truck drivers." *Journal of Communicable Diseases* 32, no. 3 (2000): 212-215.
- GAYET, C., C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUEIROZ, N. PEDRAZA-CORPUS, and A. ZARAGOZA-TORRES. "HIV prevalence and sexual behavior among male long distance truck drivers: results from a biological and behavioral surveillance in Monterrey, Nuevo Leon, Mexico. Abstract No. CDC0321." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- GAYET, C., C. MAGIS, F. JUAREZ, D. SACKNOFF, J. RAMÍREZ-ARANDA, L. GULI, A. E. QUIROZ, N. PEDRAZA-CORPUS, and A. ZARAGOZA-TORRES. "HIV prevalence and sexual behavior among male long distance truck drivers: results from a biological and behavioral surveillance in Monterrey, Nuevo Leon, Mexico. Abstract no. CDC0321 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GAYET, C., C. MAGIS-RODRIGUEZ, A. FERNANDEZ, D. SACKNOFF, L. GULI, A. E. QUIROZ, L. E. DE CASO, and R. ORTIZ-MONDRAGON. "Venue-based sexual behavior surveys for vulnerable populations. Feasibility, advantages and limitations of time location sampling: results

- from a Mexican experience." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GEERTZ, CLIFFORD. "Distinguished Lecture: Anti Anti-Relativism." *American Anthropologist* 86, no. 2 (1984): 263-278.
- . "An Inconstant Profession: The Anthropological Life in Interesting Times." *Annual Review of Anthropology* 31 (2002): 1-19.
- GERTLER, PAUL, MANISHA SHAH, and STEFFANO BERTOZZI. "Risky Business: The Market for Unprotected Commercial Sex." 35, 2003.
- . "Sex Sells, But Risky Sex Sell for More." 32, 2003.
- GESHEKTER, CHARLES L. "Outbreak? AIDS, Africa, and the Medicalization of Poverty." *Transition*, no. 67 (1995): 4-14.
- GHEBREKIDAN, HAILE, SUSAN COX, BRITTA WAHREN, and MONICA GRANDIEN. "Prevalence of infection with HIV, hepatitis B and C viruses, in four high risk groups in Eritrea." *Clinical and Diagnostic Virology* 9 (1998): 29-35.
- GHOSH, AMITAV. "The Global Reservation: Notes toward an Ethnography of International Peacekeeping." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 412-422.
- GHOSH, D. "Clandestine sexual activity among male adolescents and youths. Abstract no. CDC1476 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GHOSH, JAYATI. "A Geographical Perspective on HIV/AIDS in India." *Geographical Review* 92, no. 1 (2002): 114-126.
- GIBNEY, L., M. MACALUSO, K. KIRK, M. S. HASSAN, J. SCHWEBKE, S. H. VERMUND, and P. CHOUDHURY. "Prevalence of infectious diseases in Bangladeshi women living adjacent to a truck stand: HIV/STD/hepatitis/genital tract infections." *British Medical Journal* 77, no. 5 (2001): 344.
- GIBNEY, L., N. SAQUIB, M. MACALUSO, K. N. HASAN, M. M. AZIZ, A. KHAN, and P. CHOUDHURY. "STD in Bangladesh's trucking industry: prevalence and risk factors." *British Medical Journal* 78, no. 1 (2002): 31.
- GIBNEY, L., N. SAQUIB, M. MACALUSO, K. N. HASAN, M. M. AZIZ, A. Y. KHAN, and P. CHOUDHURY. "STD in Bangladesh's trucking industry: prevalence and risk factors." *Sexually Transmitted Infections* 78, no. 1 (2002): 31-36.
- GIBNEY, L., N. SAQUIB, and J. METZGER. "Behavioral risk factors for STD/HIV transmission in Bangladesh's trucking industry." *Social Science & Medicine* 56, no. 7 (2003): 1411-1424.

- GIBNEY, LAURA, NAZMUS SAQUIB, JESSE METZGER, PARWEZ CHOUDHURY, M. A. SIDDIQUI, and M. S. HASSAN. "Human immunodeficiency virus, hepatitis B, C and D in Bangladesh's trucking industry: prevalence and risk factors." *International Journal of Epidemiology* 30, no. 4 (2001): 878-884.
- GIBSON, DIANA. "Negotiating the New Health Care System in Cape Town, South Africa: Five Case Studies of the Acutely Chronically Ill." *Medical Anthropology Quarterly* 15, no. 4 (2001): 515-532.
- GIFFIN, KAREN, and CATHERINE M. LOWNDES. "Gender, sexuality, and the prevention of sexually transmissible diseases: a Brazilian study of clinical practice." *Social Science & Medicine* 48 (1999): 283-292.
- GIGANTE, DENISE PETRUCCI, INÁ S. SANTOS, DENISE COSTA COITINHO, NEIVA C. J. VALLE, HINKE HAISMA, and GICELE C. M. VALENTE. "Avaliação do impacto do Programa Nacional do Leite em Alagoas, através de métodos isotópicos: aspectos metodológicos e resultados preliminares." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 5 (2002): 63-70.
- GIGANTE, DENISE PETRUCCI, CESAR G. VICTORA, CORA LUÍZA PAVIN ARAÚJO, and FERNANDO C. BARROS. "Tendências no perfil nutricional das crianças nascidas em 1993 em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: análises longitudinais." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): S141-S147.
- GIL, VINCENT E. "Sinic Conundrum: A History of HIV/AIDS in the People's Republic of China." *The Journal of Sex Research* 31, no. 3 (1994): 211-217.
- GILL, LESLEY. "Power lines: the political context of nongovernmental organization (ngo) activity in el alto, bolivia." *Journal of Latin American Anthropology* 2, no. 2 (1997): 144-169.
- GILLE, ZSUZSA. "Critical Ethnography in the Time of Globalization: Toward a New Concept of Site." *Cultural Studies & Critical Methodologies* 1, no. 3 (2001): 319-334.
- GILLESPIE, STUART, and ROBERT GREENER. "Is Poverty or Wealth Driving the HIV Epidemic? UNAIDS Expert Consultation on the Prevention of Sexual Transmission of HIV / 25-26 September, 2006." 13: UNAIDS, 2006.
- GILLETT, JAMES. "The challenges of institutionalization for AIDS media activism." *Media Culture and Society* 25, no. 5 (2003): 607-624.
- GILLIAM, AISHA. Evaluation of HIV Prevention Programs using Qualitative Methods. Booklet 9., Handbook for Evaluating HIV Education. Atlanta, GA: Centers for Disease Control and Prevention (CDC); National Center for Chronic Disease Prevention and Health Promotion; Division of Adolescent and School Health, 2005.

- GILSON, L., M. ALILIO, and K. HEGGENHOUGEN. "Community satisfaction with primary health care services: an evaluation undertaken in the Morogoro region of Tanzania." *Soc Sci Med* 39, no. 6 (1994): 767-780.
- GILSON, L., G. WALT, K. HEGGENHOUGEN, L. OWUOR-OMONDI, M. PERERA, D. ROSS, and L. SALAZAR. "National community health worker programs: how can they be strengthened?" *J Public Health Policy* 10, no. 4 (1989): 518-532.
- GINSBURG, FAYE. "Embedded Aesthetics: Creating a Discursive Space for Indigenous Media." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 365-382.
- GIORDANI, ANNECY T., and SÔNIA M. V. BUENO. "A MATERNIDADE PARA MULHERES DETENTAS E A TRANSMISSÃO VERTICAL DAS DST/AIDS [The Maternity to prisoners Women and ehe Vertical Transmission of DST/Aids]." *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis* 13, no. 6 (2001): 12-24.
- GIRDLER-BROWN, BRENDAN. "Eastern and Southern Africa." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 513-551.
- . "Eastern and Southern Africa." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 513-551.
- GLEDHILL, JOHN. "Anthropology and Politics: Commitment, Responsibility and the Academy." In *Power and its Disguises: Anthropological Perspectives*, edited by John Gledhill, 214-234. London: Pluto Press, 2000.
- GLUCKMAN, AMY, and BETSY REED. *Homo economics : capitalism, community, and lesbian and gay life*. New York: Routledge, 1996.
- . *Homo economics : capitalism, community, and lesbian and gay life*. New York: Routledge, 1997.
- GOBBO, FRANCESCA. "Along the margins, across the borders: Teaching and learning among Veneto attrazionisti viaggianti in Italy." *Teaching and Teacher Education* 22 (2006): 788-803.
- GODELIER, MAURICE, and R. BLOHM. "The Concept of Tribe: Crisis of a Concept or Crisis of the Empirical Foundations of Anthropology?" *Diogenes* 21, no. 81 (1973): 1-25.
- GÓES, ÂNGELA. "'A política de Bush para o controle da Aids na África causou mais prejuízos que benefícios'." *O Globo Online*, 18/02/2008 2008.
- GOLDÍN, LILIANA, BRENDA ROSENBAUM, and SAMANTHA EGGLESTON. "Women's Participation in Non-Government Organizations: Implications for Poverty Reduction in Precarious Settlements of Guatemala City." *City and Society* 18, no. 2 (2006): 260-287.

- GOLDMAN, MICHAEL. "The Birth of a Discipline: Producing Authoritative Green Knowledge, World Bank-Style." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 191-217.
- GOLDSMITH, ARTHUR A. "Business associations and better governance in Africa." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 39-49.
- GOMES, A., I. P. MAGALHAES, G. GUIDOTTI, P. GERMANO, G. BORTOLOT, B. NODEN, M. PALUMBO, and D. MCMAHON. "Implementing HIV care in rural Mozambique: a pilot model. Abstract no. CDB1124 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- GOMES, ROMEU, SIMONE GONÇALVES DE ASSIS, EDINILSA RAMOS DE SOUZA, SUELY FERREIRA DESLANDES, KATHIE NJAINE, and JUACI FERREIRA MALAQUIAS. "Informações e valores de jovens sobre a Aids: avaliação de escolares de três cidades brasileiras." *Ciência e Saúde Coletiva* 10, no. 2 (2005): 381-388.
- GOMES, ROMEU, ELAINE FERREIRA DO NASCIMENTO, and FÁBIO CARVALHO DE ARAÚJO. "Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior." *Cadernos de Saúde Pública* 23 (2007): 565-574.
- GOMES, ROMEU, COSME MARCELO FURTADO PASSOS DA SILVA, SUELY FERREIRA DESLANDES, and EDINILSA RAMOS DE SOUZA. "Avaliação da assistência ambulatorial a portadores de HIV/AIDS no Rio de Janeiro, segundo a visão de seus usuários." *Cadernos de Saúde Pública* 15 (1999): 789-797.
- GONÇALVES, D. A., M. A. BERSANI, L. R. PUPPO, and V. C. COSTA. "Sustainability and the increase of the coverage of prevention actions: institutional strategies to implement prevention programs. Abstract no. WePeG7072 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- GONÇALVES, HEBE S., ANA L. FERREIRA, and MARIO J. V. MARQUES. "Avaliação de serviço de atenção a crianças vítimas de violência doméstica." *Revista de Saúde Pública* 33 (1999): 547-553.
- GOODHAND, JONATHAN, and PETER CHAMBERLAIN. "'Dancing with the prince': NGOs' survival strategies in the Afghan conflict." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 91-108. London: Oxfam UK, 2000.
- GORGENDIÈRE, LOUISE DE LA. "Rights and Wrongs: HIV/AIDS Research in Africa." *Human Organization* 64, no. 2 (2005): 166-178.
- GOUIN, RACHEL R. "What's so funny? Humor in women's accounts of their involvement in social action." *Qualitative Research* 4, no. 1 (2004): 25-44.

- GOULD, HELEN. "What's culture got to do with HIV and AIDS? Why the global strategy for HIV and AIDS needs to adopt a cultural approach." *Findings* 7 (2007): 1-8.
- GOVINDARAJ, RAMESH, GNANARAJ CHELLARAJ, and CHRISTOPHER J. L. MURRAY. "HEALTH EXPENDITURES IN LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN." *Social Science & Medicine* 44, no. 2 (1997): 157-169.
- GOW, DAVID D. "Anthropology and development: Evil twin or moral narrative." *Human Organization* 61, no. 4 (2002): 299-313.
- GRAMMY, ABBAS P., and C. KAYE BRAGG. *United States-Third World relations in the New World Order*. Commack, New York: Nova Science Pub., 1996.
- GRASSI-OLIVEIRA, RODRIGO, LILIAN MILNITSKY STEIN, and JÚLIO CARLOS PEZZI. "Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire." *Revista de Saúde Pública* 40 (2006): 249-255.
- GRAVATO, N. S., S. COVRE, W. CARMINE, E. VIEIRA, D. SILVA, R. NOGUEIRA, and G. C. SAVOY. "Training PLWA as prevention workers: the experience of Cubatao, Brazil. CD Only: Abstract no. D10961"
- " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- GRAY, PETER B. "HIV and Islam: is HIV prevalence lower among Muslims?" *Social Science & Medicine* 58 (2004): 1751-1756.
- GREENFIELD, SIDNEY M. "NATURE/NURTURE AND THE ANTHROPOLOGY OF FRANZ BOAS AND MARGARET MEAD AS AN AGENDA FOR REVOLUTIONARY POLITICS." *Horizontes Antropológicos* 7, no. 16 (2001): 35-52.
- GREENHALGH, TRISHA, and ROD TAYLOR. "How to read a paper: Papers that go beyond numbers (qualitative research)." *BMJ* 315 (1997): 740-743.
- GRILLO, RALPH. "Reviews -- Social Anthropology and Public Policy in Northern Ireland edited by Hastings Donnan and Graham McFarlane." *Journal of Social Policy* 19 (1990): 584.
- GRIMBERG, M. "[\"Knowing about AIDS\" and sexual precautions among low-income women from the southern area of Buenos Aires. Notes for defining prevention policies]." *Cadernos de saúde pública / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública* 17, no. 3 (2001): 481-489.
- GROS, DENISE B. "INSTITUTOS LIBERAIS, NEOLIBERALISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS NA NOVA REPÚBLICA." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 19, no. 54 (2004): 143-159.

- GROSSBERG, LAWRENCE. "A SPECIAL EDITORIAL FOR 16(1)." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 1 - 2.
- GRUBER, J., M. CAFFREY, S. KANU, A. ZWANDOR, E. EGWA, and J. IGOCHE. "Participatory monitoring and evaluation (PM&E): Nigerian lessons for communities and implications for policy development. Abstract no. TuPeG5578 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- GRUENBAUM, ELLEN. "MEDICAL ANTHROPOLOGY, HEALTH POLICY AND THE STATE: A CASE STUDY OF SUDAN." *Policy Studies Review* 1, no. 1 (1981): 47-65.
- GRUSKIN, SOFIA, EDWARD J. MILLS, and DANIEL TARANTOLA. "History, principles, and practice of health and human rights." *Lancet* 370 (2007): 449-455.
- GUAN, J., Z. WU, G. LIANG, M. LEE, L. YAP, R. DETELS, M. J. ROTHERAM, and N I M H COLLABORATIVE HIV/STD TRIAL. "Selecting a community at risk for HIV in China. Abstract no. C11023 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- GUANO, EMANUELA. "Acting on Faith: Religious Development Organizations in Northwestern ArgentinaActing on Faith: Religious Development Organizations in Northwestern Argentina. Laurie Occhipinti. Lanham, MD : Lexington Books , 2006. 211 pp." *American Anthropologist* 109, no. 2 (2007): 406-406.
- GUERRIERO, IARA COELHO Z. . "GENDER AND VULNERABILITY TO THE HIV: HOW THE CONCEPTS ABOUT MASCULINITY INFLUENCE HETEROSEXUAL MEN VULNERABILITY." In *Global Forum for Health Research ; Forum 8*. Mexico City, Mexico, 2004.
- GUERRIERO, IARA COELHO Z., JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES, and NORMAN HEARST. "Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP." *Rev Saúde Pública* 36, no. 4 Supl (2002): 50-60.
- GUERRÓN-MONTERO, CARLA. "Marine Protected Areas in Panama: Grassroots Activism and Advocacy." *Human Organization* 64, no. 4 (2005): 360-373.
- GUEST EDITORS, TONY WHITEHEAD, and JUDITH FREIDENBERG. "Uses of Applied Ethnography in Community, Health, and Development by Anthropologists with Masters Level Training." *Practicing Anthropology* 27, no. 2 (2005).
- GUEVARA, BAÍLDE GARCÍA. "Aporte de la etnografía en el conocimiento de los códigos socioculturales de la leishmaniasis cutánea localizada en un programa de educación para la salud, en Venezuela." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. Suplemento 1 (2007): S75-S83.

- GUIMARÃES, RAUL BORGES. "Regiões de saúde e escalas geográficas." *Cadernos de Saúde Pública* 21, no. 4 (2005): 1017-1025.
- GUINNESS, LORNA, LILANI KUMARANAYAKE, and LONDON SCHOOL OF PUBLIC HEALTH AND HYGIENE. "The Potential Costs and Benefits of Responding to the Mobility Aspect of the HIV Epidemic in South East Asia. A conceptual framework." edited by Lee-Nah Hsu: UNDP; South East-Asia HIV & Development, 2002.
- GULALIA, A. "Men, migration and vulnerability to HIV/AIDS." Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- . "Men, migration and vulnerability to HIV/AIDS. Abstract no. D12862 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- GUPTA, RAJESH. "Why Should Medical Students Care about Health Policy?" *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e199 1696-1698.
- GUSTAFSON, PER. "Roots and Routes: Exploring the Relationship between Place Attachment and Mobility." *Environment and Behavior* 33, no. 5 (2001): 667-686.
- GUSTAVSON, LEIF C., and JOSEPH D. CYTRYNBAUM. "Illuminating Spaces: Relational Spaces, Complicity, and Multisited Ethnography." *Field Methods* 15, no. 3 (2003): 252-270.
- GUTIERRES, KELLEN ALVES. "Avanços e retrocessos: o terceiro setor e os impasses para a construção democrática no Brasil." Universidade de São Paulo, 2006.
- GUTMANN, MATTHEW. *Fixing Men: Sex, Birth Control and AIDS in Mexico*. 1 ed. Berkeley, CA: University of California Press, 2007.
- GWATKIN, DAVIDSON R. "IMCI: what can we learn from an innovation that didn't reach the poor?" *Bulletin of the World Health Organization* 84, no. 10 (2006): 768.
- GYSELS, M., R. POOL, and K. BWANIKA. "Truck drivers, middlemen and commercial sex workers: AIDS and the mediation of sex in south west Uganda." *AIDS Care* 13, no. 3 (2001): 373-385.
- HACKENBERG, ROBERT A. "Closing the gap between anthropology and public policy: The route through cultural heritage development." *Human Organization* 61, no. 3 (2002): 288.
- HACKENBERG, ROBERT A., and BEVERLY H. HACKENBERG. "Notes toward a new future: Applied anthropology in Century XXI." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 385-399.

- HAFTECK, PIERRE. "An introduction to Decentralized Cooperation: definitions, origins and conceptual mapping." *Public Administration and Development* 23, no. 4 (2003): 333-345.
- HALLI, SHIVA S. , JAMES F. BLANCHARD, DAYANAND G. SATIHAL, and STEPHEN MOSES. "Migration and HIV transmission in rural South India: An ethnographic study." *Culture, Health & Sexuality* 9, no. 1 (2007): 85-94.
- HALMSHAW, CAROLINE, and KATE HAWKINS. "Capitalising on Global HIV/AIDS Funding: The Challenge for Civil Society and Government." *Reproductive Health Matters* 12, no. 24 (2004): 35-41.
- HAMMER, FERENC. "A GASOLINE SCENTED SINDBAD: THE TRUCK DRIVER AS A POPULAR HERO IN SOCIALIST HUNGARY." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 80 - 126.
- HAMMERSLEY, MARTYN. "A new political arithmetic to make sociology useful? Comments on a debate." *The British Journal of Sociology* 55, no. 3 (2004): 440-446.
- HAMPSHIRE, KATE. "Networks of nomads: negotiating access to health resources among pastoralist women in Chad." *Social Science & Medicine* 54, no. 7 (2002): 1025-1037.
- HANCOCK, BEVERLY. *Trent Focus for Research and Development in Primary Health Care. An Introduction to Qualitative Research. . 2 ed: Trent Focus Group, 2002.*
- HANNA, JUDITH LYNNE. "Exotic Dance Adult Entertainment: A Guide for Planners and Policy Makers." *Journal of Planning Literature* 20, no. 2 (2005): 116-134.
- HANNERZ, ULF. "Being there... and there... and there!: Reflections on Multi-Site Ethnography." *Ethnography* 4, no. 2 (2003): 201-216.
- . "Cosmopolitanism." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 69-85. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- HANSON, KAREN J. "Anthropology and Policy in Social Services Administration." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 5, no. 1 (1988): 28-39.
- HANSON, KAREN J., JOHN J. CONWAY, JACK ALEXANDER, and H. MAX DRAKE. "Mainstreaming Anthropology: Experiences in Government Employment (NAPA Bulletin, No. 5)." *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 5, no. 1 (1988): 1-4.
- HAOUR-KNIPE, MARY, FRANCOIS FLEURY, and FRANCOIS DUBOIS-ARBER. "HIV/AIDS prevention for migrants and ethnic minorities: three

phases of evaluation." *Social Science & Medicine* 49, no. 10 (1999): 1357-1372.

HAOUR-KNIPE, M., L. N. HSU, and S. Y. RANA. "Database and networking: HIV/AIDS prevention and care programmes for mobile populations in 1) Africa 2) South-East-Asia 3) South-and-South-West-Asia. Abstract no. TuPeF5447 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

HARAKI, CRISTIANNE APARECIDA COSTA, SABINA LÉA DAVIDSON GOTLIEB, and RUY LAURENTI. "Confiabilidade do Sistema de Informações sobre Mortalidade em município do sul do Estado de São Paulo." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 8 (2005): 19-24.

HARDING, SUSAN. "Further Reflections." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 276-278.

HARPER, IAN. "ANTHROPOLOGY, DOTS AND UNDERSTANDING TUBERCULOSIS CONTROL IN NEPAL." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 57-67.

HARPET, CYRILLE. "De l'anthropologie des decharges a l'evaluation interdisciplinaire des risques sanitairesFrom garbage dumps anthropology to an interdisciplinary research on health risk exposure." *Nature Sciences Societes* 11, no. 4 (2003): 361-370.

HARRIS, PAUL G., and PATRICIA D. SIPLON. *The global politics of AIDS*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2007.

HART, GILLIAN. "Geography and development: critical ethnographies." *Progress in Human Geography* 28, no. 1 (2004): 91-100.

HART, KEITH. "LETTER FROM EUROPE: February 2005." *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 21-21.

HARTMANN, BETSY, BANU SUBRAMANIAM, and CHARLES ZERNER. *Making threats : biofears and environmental anxieties*. Lanham, Md.: Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

HARTZ, ZULMIRA MARIA DE ARAÚJO. *Avaliação em Saúde: Dos Modelos Conceituais à Prática na Análise da Implementação de Programas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

HARTZ, ZULMIRA MARIA DE ARAÚJO, and LÍGIA MARIA VIEIRA-DA-SILVA. *Avaliação em Saúde: Dos Modelos Teóricos à Prática na Avaliação de Programas e Sistemas de Saúde*. Salvador / Rio de Janeiro: EDUFBA / FIOCRUZ, 2005.

HATTORI, MEGAN KLEIN, and F. NII-AMOO DODOO. "Cohabitation, marriage, and 'sexual monogamy' in Nairobi's slums." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1067-1078.

- HAWKES, SARAH, and GRAHAM HART. "Men's sexual health matters: promoting reproductive health in an international context." *Tropical Medicine & International Health* 5, no. 7 (2000): A37-A44.
- HAYTER, M. "The social construction of 'reproductive vulnerability' in family planning clinics." *Journal of Advanced Nursing* 51, no. 1 (2005): 46-54.
- HEALD, SUZETTE. "ABSTAIN OR DIE: THE DEVELOPMENT OF HIV/AIDS POLICY IN BOTSWANA." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 29-41.
- HEARN, JONATHAN. "Taking Liberties: Contesting Visions of the Civil Society Project." *Critique of Anthropology* 21, no. 4 (2001): 339-360.
- HEARST, NORMAN, REGINA LACERDA, NEIDE GRAVATO, ESTHER SID HUDES, and RON STALL. "Reducing AIDS Risk Among Port Workers in Santos, Brazil." *American Journal of Public Health* 89, no. 1 (1999).
- HEATON, KAREN. "Truck Driver Hours of Service Regulations: The Collision of Policy and Public Health." *Policy, Politics, & Nursing Practice* 6, no. 4 (2005): 277-284.
- HEBLING, ELIANA MARIA, and ISAURA ROCHA FIGUEIREDO GUIMARÃES. "Women and AIDS: gender relations and condom use with steady partners." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): 1211-1218.
- HEGGENHOUGEN, H. K. "Attitudes on health care of villagers attending a rural clinic in Malaysia." *Med J Malaysia* 34, no. 2 (1979): 108-116.
- . "Bomohs, doctors and sinsehs--medical pluralism in Malaysia." *Soc Sci Med [Med Anthropol]* 14B, no. 4 (1980): 235-244.
- . "The epidemiology of functional apartheid and human rights abuses." *Soc Sci Med* 40, no. 3 (1995): 281-284.
- . "Father and childbirth: an anthropological perspective." *J Nurse Midwifery* 25, no. 6 (1980): 21-26.
- . "Hospital assistants in Malaysian rural health care." *Med J Malaysia* 33, no. 2 (1978): 165-177.
- . "More than just 'interesting!' Anthropology, health and human rights." *Soc Sci Med* 50, no. 9 (2000): 1171-1175.
- . "Pain, addiction, and traditional therapy in Southeast Asia." *Soc Soc Hist Med Bull (Lond)* 36 (1985): 16-17.
- . "Rural health care: Malaysian physicians' opinions about traditional Malay medicine and hospital assistants--a pilot study." *Med J Malaysia* 34, no. 3 (1980): 238-247.

- . "The utilization of traditional medicine--a Malaysian example." *Soc Sci Med [Med Anthropol]* 14B, no. 1 (1980): 39-44.
- . "Will primary health care efforts be allowed to succeed?" *Soc Sci Med* 19, no. 3 (1984): 217-224.
- HEGGENHOUGEN, H. K., and C. J. CLEMENTS. "An anthropological perspective on the acceptability of immunization services." *Scand J Infect Dis Suppl* 76 (1990): 20-31.
- HEGGENHOUGEN, H. K., and D. PEDERSEN. "The relevance of anthropology for tropical public health: a historical perspective." *Trop Med Int Health* 2, no. 11 (1997): A5-10.
- HEGGENHOUGEN, H. K., and L. SHORE. "Cultural components of behavioural epidemiology: implications for primary health care." *Soc Sci Med* 22, no. 11 (1986): 1235-1245.
- HEGGENHOUGEN, K. "Are the marginalized the slag-heap of globalization? Disparity, health, and human rights." *Health Hum Rights* 4, no. 1 (1999): 205-213.
- HEILBORN, MARIA LUIZA. "Construção de si, gênero e sexualidade." In *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, edited by Maria Luiza Heilborn, 40-59. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- . "De que gênero estamos falando?" *Sexualidade, Gênero e Sociedade* ano 1, no. número 2 (1994).
- . "Gênero: um olhar estruturalista." In *Masculino, Feminino, Plural*, edited by Joana Maria Pedro and Miriam Pillar Grossi, 43-55. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- . "Usos e abusos da categoria de gênero." In *Y Nosotras Latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça*, edited by Heloísa Buarque Hollanda, 39-44. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.
- HEILBORN, MARIA LUIZA, and REGINA MARIA BARBOSA. "Sexuality Research Training in Brazil." In *Handbook of Sexuality Research Training Initiatives*, edited by Diane Di Mauro, Gilbert Herdt and Richard Parker, 110-123. New York: Social Science Research Council, 2003.
- HEILBORN, MARIA LUIZA, and ELAINE REIS BRANDÃO. "Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade." In *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, edited by Maria Luiza Heilborn, 7-17. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- HENDRY, JOY. "Building bridges, common ground, and the role of the anthropologist." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 13, no. 3 (2007): 585-601.

- HENRIQUES, H. "Drama as an element of art-education for the prevention of AIDS. Abstract no. CDD0281 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- HENTZ, JAMES J., and MORTEN BØÅS. *New and critical security and regionalism : beyond the nation state*. Aldershot, England ; Burlington, VT: Ashgate, 2003.
- HEREK, GREGORY M., JOHN P. CAPITANIO, and KEITH F. WIDAMAN. "Stigma, Social Risk, and Health Policy: Public Attitudes Toward HIV Surveillance Policies and the Social Construction of Illness." *Health Psychology* 22, no. 5 (2003): 533-540.
- HERINK, C. P., and P. T. DZUNG. "Community-based HIV prevention among mobile populations in Vietnam. Abstract no. TuPeD5220 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- HERLIHY, PETER H., and GREGORY KNAPP. "Maps of, by, and for the Peoples of Latin A." *Human Organization* 62, no. 4 (2003): 303-314.
- HERNÁNDEZ-ROSETE, D., S. M. CUADRA-HERNÁNDEZ, and C. M. RUEDA-NERI. "Mobile populations and their social conditions as epidemic STD/HIV-AIDS vectors " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.
- HERNÁNDEZ-ROSETE, D., A. VALENCIA, L. CHOUSA, R. ORTIZ, M. HERNÁNDEZ, G. LEMP, C. MAGIS, and M. BRONFMAN. "HIV infected transgenders and political asylum. Anthropological aspects of the New Mexican migration to USA.. Poster Exhibition: Abstract no. TuPeD5178." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- HESS, DAVID J. "Comments on Emily Martin's "The Ethnography of Natural Selection in the 1990s"." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 398-401.
- HEYMAN, JOSIAH MCC. "The anthropology of power-wielding bureaucracies." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 487-500.
- HILEMAN, S. BASSETT, M. NEGRONI, G. VARGAS, C. MARTINEZ, R. ORTIZ, M. BRONFMAN, and S. WEIR. "Extensive mixing among mobile populations at southern Mexican border towns. Abstract no. ThPeD7698 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- HILL, PETER S. "The rhetoric of sector-wide approaches for health development." *Social Science & Medicine* 54 (2002): 1725-1737.
- HILL, RONALD PAUL. "Service Provision through Public-Private Partnerships: An Ethnography Of service Delivery to Homeless Teenagers." *Journal of Service Research* 4, no. 4 (2002): 278-289.

- HITIMANA, A. "Survey among migrant populations in great lacs region. Abstract no. D11163 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- HODSON, RANDY. "A Meta-Analysis of Workplace Ethnographies: Race, Gender, and Employee Attitudes and Behaviors." *Journal of Contemporary Ethnography* 33, no. 1 (2004): 4-38.
- HOFFMAN, V., and R. BOLTON. "Reasons for having sex and sexual risk-taking: a study of heterosexual male STD clinic patients... a version of this paper was presented at the IXth International Conference on AIDS, Berlin, June, 1993." *AIDS Care* 9, no. 3 (1997): 285-296.
- HOFFMASTER, BARRY. "What does vulnerability mean?" *The Hastings Center Report* 36, no. 2 (2006): 38-45.
- HOLLAND, JANET, LISA ADKINS, and BRITISH SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. CONFERENCE. *Sex, sensibility, and the gendered body*. New York: St. Martin's Press, 1996.
- HOLLANDER, J. A. "Resisting vulnerability: The social reconstruction of gender in interaction." *Social Problems* 49, no. 4 (2002): 474-496.
- HOLMES, SETH M. "An Ethnographic Study of the Social Context of Migrant Health in the United States." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e448 0001-0018.
- HOLTZ, TIMOTHY H., SETH HOLMES, SCOTT STONINGTON, and LEON EISENBERG. "Health Is Still Social: Contemporary Examples in the Age of the Genome." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e419 1663-1666.
- HONG, YAN, and XIAOMING LI. "Behavioral Studies of Female Sex Workers in China: A Literature Review and Recommendation for Future Research." *AIDS Behav* (2007).
- HOPE, KEMPE R. *African political economy : contemporary issues in development*. Armonk, N.Y.: M.E. Sharpe, 1997.
- HOPE, KEMPE RONALD. "Population Mobility and Multi-Partner Sex in Botswana: Implications for the Spread of HIV/AIDS." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 5, no. 3 (2001): 73-83.
- HOPKINS, KRISTINE, REGINA MARIA BARBOSA, DANIELA RIVA KNAUTH, and JOSEPH E. POTTER. "The impact of health care providers on female sterilization among HIV-positive women in Brazil." *Social Science & Medicine* 61, no. 3 (2005): 541-554.
- HOPPER, KIM. "When (working) in Rome: Applying anthropology in Caesar's realm." *Human Organization* 61, no. 3 (2002): 196.

- HORDERN, AMANDA JANE, and ANNETTE F. STREET. "Constructions of sexuality and intimacy after cancer: Patient and health professional perspectives." *Social Science & Medicine* 64, no. 8 (2007): 1704-1718.
- HORNBERGER, NANCY H. . "Bilingual Education Policy and Practice in the Andes: Ideological Paradox and Intercultural Possibility." *Anthropology and Education Quarterly* 31, no. 2 (2000): 173-201.
- HOROCHOVSKI, RODRIGO ROSSI. "Associativismo civil e Estado: Um estudo sobre organizações não governamentais e sua dependência de recursos públicos." *Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* 1, no. 1 (2003): 109-127.
- HORTON, SARAH. "Different Subjects: The Health Care System's Participation in the Differential Construction of the Cultural Citizenship of Cuban Refugees and Mexican Immigrants." *Medical Anthropology Quarterly* 18, no. 4 (2004): 472-489.
- HORTON, SARAH, and LOUISE LAMPHERE. "A Call to an Anthropology of Health Policy." *Anthropology News*, American Anthropological Association (2006).
- HOVLAND, INGIE. "Making a difference: M&E of policy research." 1-63. London, UK: Overseas Development Institute, 2007.
- HOWARD, PHILIP N. "Network ethnography and the hypermedia organization: new media, new organizations, new methods." *New Media & Society* 4, no. 4 (2002): 550-574.
- HRUSCHKA, DANIEL J., DEBORAH SCHWARTZ, DAPHNE COBB ST.JOHN, ERIN PICONE-DECARO, RICHARD A. JENKINS, and JAMES W. CAREY. "Reliability in Coding Open-Ended Data: Lessons Learned from HIV Behavioral Research." *Field Methods* 16 (2004): 307.
- HSU, LEE-NAH, and COLIN STEENSMA. "Population Mobility in Asia: Implications for HIV/AIDS Action Programmes." In *South East Asia HIV and Development Project. Population Movement, Development and HIV/AIDS. Looking Towards the Future*, 126. Bangkok, Thailand: United Nations Development Programme, 2000.
- HUGO, GRAEME. "Population Geography." *Progress in Human Geography* 30, no. 4 (2006): 513-523.
- HUNG, CHAN KWOK "Sexual risk behaviours of travellers in Hong Kong work population." The University of Hong Kong, 2003.
- HUNT, LINDA M. "Health research: what's culture got to do with it?" *Lancet* 366 (2005): 617-618.
- HUNTER, DAVID J. "AIDS in Sub-Saharan Africa: The Epidemiology of Heterosexual Transmission and the Prospects for Prevention." *Epidemiology* 4, no. 1 (1993): 63-72.

- HURTIG, ANNA KARIN, SHANTA B. PANDE, SUSHIL C. BARAL, JAMES NEWELL, and JOHN. "Linking private and public sectors in tuberculosis treatment in Kathmandu Valley, Nepal." *Health Policy and Planning* 17, no. 1 (2002): 78-89.
- HUTCHESON, JOHN D. J. R., and LINO H. DOMINGUEZ. "Ethnic Self-Help Organizations in Non-Barrio Settings: Community Identity and Voluntary Action." *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 15, no. 4 (1986): 13-22.
- ILIKA, A. L. "Targetting high risk behaviours for HIV/AIDS control: focus on harmful traditional marriage pattern and practices in Nigeria. Abstract no. TuPeA4365 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- INHORN, MARCIA C. "Defining Women's Health: A Dozen Messages from Morethan 150 Ethnographies." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 3 (2006): 345-378.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. "As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil. 2002." edited by Orçamento E Gestão; Diretoria De Pesquisas; Gerência Do Cadastro Central De Empresas Ministério Do Planejamento: ABONG ; Grupo de Institutos Fundações e Empresas Brasil (GIFE) ; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); IBGE, 2004.
- . "Economia Informal Urbana 2003." edited by Coordenação De Trabalho E Rendimento, 158: Diretoria de Pesquisas, 2005.
- . "Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil - 1992-1997." edited by Departamento De Emprego E Rendimento, 159: Diretoria de Pesquisa, 2001.
- . "Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil. 1992-1997." In *Estudos e Pesquisas; Informação Demográfica e Socioeconômica*, edited by Departamento De Emprego E Rendimento, 1-159: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2001.
- . "Pesquisa Anual de Serviços. Suplemento Produtos e Serviços. 2003-2004." 93: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006.
- . "Pesquisa Anual de Serviços. Suplemento Produtos e Serviços. 2003-2004." 190: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006.
- . "Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003. Primeiros Resultados. Brasil e Grandes Regiões." edited by Coordenação De Índices De Preços Diretoria De Pesquisas, 278: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005. Brasil. ." 1-125: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006.

- . "Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2005. Brasil. Síntese de Indicadores." 263: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2006.
- . "Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000. ." 415: Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, 2001.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. "Population Mobility and HIV/AIDS." Geneva: IOM, 2004.
- IOM, UNAIDS AND. "Migration and AIDS." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 445-468.
- IRIART, CELIA, EMERSON ELÍAS MERHY, and HOWARD WAITZKIN. "Managed care in Latin America: the new common sense in health policy reform." *Social Science & Medicine* 52 (2001): 1243-1253.
- IRUNNUKHAR, A. TUNDE. "Lokoja, (Nigeria) transport corridor and HIV/AIDS prevention opportunities." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- IRWIN, ALEC, NICOLE VALENTINE, CHRIS BROWN, RENE LOEWENSON, ORIELLE SOLAR, HILARY BROWN, THEADORA KOLLER, and JEANETTE VEGA. "The Commission on Social Determinants of Health: Tackling the Social Roots of Health Inequities." *PLoS Med* 3, no. 6 (2006): e106 0749-0751.
- ISIBOR, MODUPEOLUWA DORIS, and ADEMOLA J. AJUWON. "Journalists' Knowledge of AIDS and Attitude to Persons Living with HIV in Ibadan, Nigeria." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 8, no. 2 (2004): 101-110.
- ISLAM, A.B.M.T., M. NIZAMUDDIN, and P. SALMAN-CHOWDHURY. "STD/HIV/AIDS in the trucking industry of Bangladesh. Abstract no. CDC130." Paper presented at the 4th IAS Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention, Sydney, Australia 2007.
- ISLAM, N. "Looming disaster on HIV/AIDS in Bangladesh and the achievements of Green Land." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- IZAZOLA-LICEA, JOSÉ-ANTONIO, CARLOS AVILA-FIGUEROA, DANIEL ARÁN, SERGIO PIOLA, RODULIO PERDOMO, PATRICIA HERNANDEZ, JORGE A. SAAVEDRA-LOPEZ, and RICARDO VALLADARES-CARDONA. "Country response to HIV/AIDS: National Health Accounts on HIV/AIDS in Brazil, Guatemala, Honduras, Mexico and Uruguay." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S66-S75.
- JACKSON, PAUL. "Ethnicity, decentralisation and the fissile state in Georgia." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 75-86.

- JACQUEMET, MARCO. "Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization." *Language and Communication* 25 (2005): 257-277.
- JAMES, JOY. *States of confinement : policing, detention, and prisons*. 1st ed. New York: St. Martin's Press, 2000.
- JAMISON, DEAN T. , JOEL G. BREMAN, ANTHONY R. MEASHAM, GEORGE ALLEYNE, MARIAM CLAESON, DAVID B. EVANS, PRABHAT JHA, ANNE MILLS, and PHILIP MUSGROVE. *Disease Control Priorities in Developing Countries*. 2 ed. New York ; Washington: Oxford University Press ; The World Bank, 2006.
- JAMISON, DEAN T., JOEL G. BREMAN, ANTHONY R. MEASHAM, GEORGE ALLEYNE, MARIAM CLAESON, DAVID B. EVANS, PRABHAT JHA, ANNE MILLS, and PHILIP MUSGROVE. *Priorities in Health*. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development (The World Bank), 2006.
- JANES, CRAIG R. "Going Global in Century XXI: Medical Anthropology and the New Primary Health Care." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 457-471.
- JANES, C. R., O. CHULUUNDORJ, C. E. HILLIARD, K. RAK, and K. JANCHIV. "Poor medicine for poor people? Assessing the impact of neoliberal reform on health care equity in a post-socialist context." *Global Public Health* 1, no. 1 (2006): 5-30.
- JAYADEVAN, S., and M. JAYAKUMARY. "HIV/AIDS awareness among lorry/truck /taxi/auto drivers. Abstract no. C10842 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- JAYASINGHE, K. S. A., D. DE SILVA, N. MENDIS, and R. K. LIE. "ETHICS OF RESOURCE ALLOCATION IN DEVELOPING COUNTRIES: THE CASE OF SRI LANKA." *Social Science & Medicine* 47, no. 10 (1998): 1619-1625.
- JENISON, S., S. VALWAY, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "Knowledge and perceptions about HIV and sexually transmitted infection (STI) transmission among long distance truck drivers, New Mexico, USA. Abstract no. CDC0670 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- JENKIN, J., R. LANDIS, and P. MATTHEW. "Private-public partnership to scale up response in the transport sector. Abstract no. THAD0102 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- JIMÉNEZ, ALBERTO CORSÍN. "Changing Scales and the Scales of Change: Ethnography and Political Economy in Antofagasta, Chile." *Critique of Anthropology* 25, no. 2 (2005): 157-176.

- JOHNSON, ANDREW F., STEPHEN MCBRIDE, and PATRICK J. SMITH. Continuities and discontinuities : the political economy of social welfare and labour market policy in Canada. Toronto ; Buffalo: University of Toronto Press, 1994.
- JOHNSON, PAUL. "Making Social Science Useful." *The British Journal of Sociology* 55, no. 1 (2004): 23-30.
- JOLINGANA, N. J., and B. KGASANE. "Partnerships that work. Mobile populations against AIDS. Abstract no. ThPeD7697 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- JORDAAN, SUNET. "A gendered critique of the ABC prevention policy of the South African government concerning HIV/Aids: A case study of Northern KwaZulu-Natal." RAND AFRIKAANS UNVERSITY, 2005.
- JORDAN, JAMES WILLIAM. "Role Segregation for Fun and Profit: The Daily Behavior of the West African Lorry Driver." *Africa: Journal of the International African Institute* 48, no. 1 (1978): 30-46.
- KALIPENI, EZEKIEL, and JAYATI GHOSH. "Concern and practice among men about HIV/AIDS in low socioeconomic income areas of Lilongwe, Malawi." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1116-1127.
- KALIPENI, EZEKIEL, JOSEPH OPPONG, and ASSATA ZERAJ. "Introduction - HIV/AIDS, gender, agency and empowerment issues in Africa." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1015-1018.
- KAMANGA, J., P. NDUBANI, S. SIZIYA, and L. LONG. "Measuring the effectiveness of intervention among female sex workers (FSW) and long distance truck drivers (LDTD) through cross-sectional measurement of trends of risky sexual behaviors in the Corridors of Hope project (COH), Zambia 2000-2006." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- KAMANGA, J., K. SUNKUTO, H. CHAMA, Z. T. SICHONE, Z. T. SICHONE, and D. K. MANDA. "Has peer education changed risk behaviour of long distance truck drivers using Zambia borders? ." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.
- KAMANGA, J., K. SUNKUTO, H. CHAMA, Z. T. SICHONE, Z. T. SICHONE, and D. K. MANDA. "Has peer education changed risk behaviour of long distance truck drivers using Zambia borders? Abstract no. D11250 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2004.
- KAMANGA, J., K. SUNKUTU, H. CHAMA, Z. T. SICHONE, and D. K. MANDA. "Why are sex workers failing to adhere to regimen in Zambia border towns with peer education component? Abstract no. ThPeD7662 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- KAMANGA, J. JOSEPH, P. NDUBANI, J. KAMWANGA, M. MBIKO, W. OBIERO, and K. MANDA. "Using Behavioral Surveillance Survey (BSS) to Monitor Behavior of men who are clients of female sex workers in borders of Zambia. Abstract no. ThPeD7603." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- KAMAT, SANGEETA. "Anthropology and Global Capital: Rediscovering the Noble Savage." *Cultural Dynamics* 13, no. 1 (2001): 29-51.
- KAMUGISHA, G., and F. MPANGALA. "Experience of HIV/AIDS prevention communication in rural Tanzania. Abstract no. D11202 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- KAPIRIRI, L., O. F. NORHEIM, and K. HEGGENHOUGEN. "Public participation in health planning and priority setting at the district level in Uganda." *Health Policy Plan* 18, no. 2 (2003): 205-213.
- . "Using burden of disease information for health planning in developing countries: the experience from Uganda." *Soc Sci Med* 56, no. 12 (2003): 2433-2441.
- KAPLAN, EDWARD H., and PAUL R. ABRAMSON. "So What If the Program Ain't Perfect?: A Mathematical Model of AIDS Education." *Evaluation Review* 13, no. 2 (1989): 107-122.
- KARAMAGI, C. A., R. G. LUBANGA, S. KIGULI, P. J. EKWARU, and K. HEGGENHOUGEN. "Health Providers' Counselling of Caregivers in the Integrated Management of Childhood Illness (IMCI) Programme in Uganda." *Afr Health Sci* 4, no. 1 (2004): 31-39.
- KARAMAGI, C. A., J. K. TUMWINE, T. TYLLESKAR, and K. HEGGENHOUGEN. "Antenatal HIV testing in rural eastern Uganda in 2003: incomplete rollout of the prevention of mother-to-child transmission of HIV programme?" *BMC Int Health Hum Rights* 6 (2006): 6.
- . "Intimate partner violence against women in eastern Uganda: implications for HIV prevention." *BMC Public Health* 6 (2006): 284.
- KARIM, LAMIA. "Democratizing Bangladesh: State, NGOs, and Militant Islam." *Cultural Dynamics* 16, no. 2-3 (2004): 291-318.
- . "Politics of the Poor? NGOs and Grass-roots Political Mobilization in Bangladesh." *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* 24, no. 1 (2001): 92-107.
- KARLSSON, BENGT G. "Anthropology and the 'Indigenous Slot': Claims to and Debates about Indigenous Peoples' Status in India." *Critique of Anthropology* 23, no. 4 (2003): 403-423.
- KARLYN, A. S. "Intimacy revealed: Sexual experimentation and the construction of risk among young people in Mozambique." *Culture, Health and Sexuality* 7, no. 3 (2005): 279-292.

KARNIK, NIRANJAN S. "Locating HIV/AIDS and India: Cautionary Notes on the Globalization of Categories." *Science, Technology & Human Values* 26, no. 3 (2001): 322-348.

———. "Locating HIV/AIDS and India: Cautionary Notes on the Globalization of Categories." *Science, Technology, & Human Values* 26, no. 3 (2001): 322-348.

KARPATI, ADAM, SANDRO GALEA, TAMARA AWERBUCH, and RICHARD LEVINS. "Variability and Vulnerability at the Ecological Level: Implications for Understanding the Social Determinants of Health." *Am J Public Health* 92, no. 11 (2002): 1768-1772.

KASEJE, M., N. D. KABWAZI, B. MATATIYO, H. MOYO, D. ZANERA, J. ABERLE-GRASSE, and A. HANI. "Influencing behaviour change interventions through behavioural surveillance surveys (BSS) in Malawi. Abstract no. MOPE0852 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

KASHYAP, P., H. NEGASSA, A. DAOUDI, and J. LEWIS. "HIV/AIDS prevention training for world food programme-employed truck drivers in Ethiopia " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.

KASSU, A., B. TESSEMA, A. MULU, G. YISMAW, F. MOGES, G. MENGISTU, and A. ASEFFA. "Eleven year trend in seroprevalence of HIV among blood donors in a tertiary level hospital in Ethiopia." Paper presented at the 4th IAS Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention

Abstract no. MOPEC017 Sydney, Australia 2007.

KASSU, A., B. TESSEMA, A. MULU, G. YISMAW, F. MOGES, G. MENGISTU, F. OTA, and A. ASEFFA. "Declining trend in seroprevalence of HIV among blood donors in a tertiary level teaching hospital in Ethiopia: 1995-2005. Abstract no. MOPE0548." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference Toronto, Canada 2006.

KATES, JENNIFER, JOSÉ-ANTONIO IZAZOLA, and ERIC LIEF. "Financing the response to AIDS in low- and middleincome countries: International assistance from the G8, European Commission and other donor Governments, 2006." Kaiser Foundation; UNAIDS, 2006.

KATO, JERRY MIYOSHI. "Cenários estratégicos para a indústria de transportes rodoviários de cargas no Brasil." Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

KATSAROS, E., M. EISENBERG, W. SABRI, T. MCMAHON, S. PALJOR, R. YAMAN, B. LUISI, and L. KERR. "Experiences and reflections on delivering an HIV/AIDS programme with, and for, immigrants and mobile populations in Australia " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

- KATZ, JACK. "From how to why: On luminous description and causal inference in ethnography (part I)." *Ethnography* 2, no. 4 (2001): 443-473.
- . "From how to why: On luminous description and causal inference in ethnography (part II)." *Ethnography* 3, no. 1 (2002): 63-90.
- . "On the Rhetoric and Politics of Ethnographic Methodology." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 595 (2004): 280-308.
- KATZ, JACK, and THOMAS J. CSORDAS. "Phenomenological ethnography in sociology and anthropology." *Ethnography* 4, no. 3 (2003): 275-288.
- KATZ, JACK, and CURTIS JACKSON-JACOBS. "The Criminologists' Gang." In *The Blackwell Companion to Criminology*, edited by Colin Sumner, 91-124, 2004.
- KAUFMAN, JOAN, ARTHUR KLEINMAN, and TONY SAICH. *AIDS and Social Policy in China*. Edited by Tony Saich, The Asia Public Policy Series. Cambridge, MA: Harvard University Asia Center, 2006.
- KAUL, INGE. "Global Public Goods: What Role for Civil Society?" *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 30, no. 3 (2001): 588-602.
- KAY, DAVID, ANNETE PRÜSS, and CARLO CORVALÁN. *Methodology for assessment of Environmental burden of disease*. Geneva: World Health Organization, 2000.
- KAYAL, PHILIP M. *Bearing witness : Gay Men's Health Crisis and the politics of AIDS*. Boulder, CO: Westview Press, 1993.
- KAYSER-JONES, JEANIE. "Keynote Address: Eighth Qualitative Health Research Conference - Malnutrition, Dehydration, and Starvation in the Midst of Plenty: The Political Impact of Qualitative Inquiry." *Qualitative Health Research* 12, no. 10 (2002): 1391-1405.
- KAZI, F. M., S. A. A. CHOWDHURY, M. SHARIFUZZAMAN, and S. JANA. "Effective cross border intervention for transport workers and associated sexworkers can play important role in HIV/AIDS prevention (A situation analysis of Benapole-Jessore, biggest land port in Bangladesh). Abstract no. F11756 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- KEENE, THOMAS R. *Flying on one engine : the Bloomberg book of master market economists : fourteen views on the world economy*. 1st ed. New York: Bloomberg Press, 2005.
- KELLY, JEFFREY A. "The State of the Art in Community HIV Prevention Interventions." In *Community Interventions and AIDS: Targeting the Community Context*, edited by E. J. Trickett, 88-104. Cary, NC, USA: Oxford University Press, 2005.

- KELLY, JOHN D. "The Network Inside Out The Network Inside Out. Annelise Riles Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000. ix + 242 pp., illustrations, tables, notes, references, index." *American Ethnologist* 29, no. 2 (2002): 468-470.
- KENDALL, NANCY. "'Vulnerability' in AIDS-affected states: Rethinking child rights, educational institutions, and development paradigms." *International Journal of Educational Development* Article in press (2007): 19.
- KENDALL, TAMIL, CRISTINA HERRERA, MARTA CABALLERO, and LOURDES CAMPERO. "HIV prevention and men who have sex with women and men in México: Findings from a qualitative study with HIV-positive men." *Culture, Health & Sexuality* 9, no. 5 (2007): 459 - 472.
- KENNY, ALEXANDRA, and CONNY CAMENZIND. "The Philani Experience: Gender Equality and Empowerment of Women in South Africa." *NAPA Bulletin* 27 (2007): 27-39.
- KERRIGAN, DEANNA, FRANCISCO I. BASTOS, MONICA MALTA, CLAUDIA CARNEIRO-DA-CUNHA, J.H. PILOTTO, and STEFFANIE A. STRATHDEE. "The search for social validation and the sexual behavior of people living with HIV in Rio de Janeiro, Brazil: Understanding the role of treatment optimism in context." *Social Science & Medicine* 62 (2006): 2386-2396.
- KERRIGAN, DEANNA, FRANCISCO I. BASTOS, MONICA MALTA, CLAUDIA CARNEIRO-DA-CUNHA, J. H. PILOTTO, and STEFFANIE A. STRATHDEE. "The search for social validation and the sexual behavior of people living with HIV in Rio de Janeiro, Brazil: Understanding the role of treatment optimism in context." *Social Science & Medicine* 62, no. 10 (2006): 2386-2396.
- KERR-PONTES, LIGIA R. S., ROGERIO GONDIM, ROSA S. MOTA, TELMA A. MARTINS, and DAVID WYPIJ. "Self-reported sexual behaviour and HIV risk taking among men who have sex with men in Fortaleza, Brazil." *AIDS* 13, no. 6 (1999): 709-717.
- KHAN, MARIA, LISANNE BROWN, NICOLAS NAGOT, SOULEYMANE SALOUKA, and SHARON S. WEIR. "HIV-Related Sexual Behavior in Urban, Rural and Border Areas of Burkina Faso." *AIDS Behav* 10 (2006): 607-617.
- KHAN, M. E., B. C. PATEL, and N. KUMAR. "Preventing truck drivers from risk behaviour: Observations from an operations research. Poster Exhibition. Abstract no. MoPeD3569 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.
- KHAN, MARIA R., PADMAJA PATNAIK, LISANNE BROWN, NICOLAS NAGOT, SOULEYMANE SALOUKA, and SHARON S. WEIR. "Mobility and HIV-Related Sexual Behavior in Burkina Faso." *AIDS Behav* (2007).

- KHAN, SHAMSHAD. "Systems of medicine and nationalist discourse in India: Towards "new horizons" in medical anthropology and history." *Social Science & Medicine* 62 (2006): 2786-2797.
- KIM, JIM YONG, AARON SHAKOW, KEDAR MATE, CHRIS VANDERWARKER, RAJESH GUPTA, and PAUL FARMER. "Limited good and limited vision: multidrug-resistant tuberculosis and global health policy." *Social Science & Medicine* 61 (2005): 847-859.
- KIM, SUK H. *North Korea at a crossroads*. Jefferson, N.C.: McFarland & Company, 2003.
- KIMMEL, MICHAEL. "Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina." In *Masculinidad/es: Poder y crisis*. Ediciones de las Mujeres, N. 24, Junio., edited by Teresa Valdés and Jose Olavarría. Santiago, Chile: Isis Internacional / FLACSO Chile, 1997.
- . "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas." *Horizontes Antropológicos* 4, no. 9 (1998): 103-117.
- KING, RACHEL. "Sexual behavioural change for HIV: where have theories taken us?" In *UNAIDS Best Practice Collection*, 60. Geneva: UNAIDS, 1999.
- KINGSNORTH, PAUL. "Beyond NGOs: an integrated approach to social justice." *European Business Review* 17, no. 4 (2005): 379-382.
- KIRSCH, STUART. "Anthropology and Advocacy: A Case Study of the Campaign against the Ok Tedi Mine." *Critique of Anthropology* 22, no. 2 (2002): 175-200.
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, BARBARA. "Spaces of Dispersal." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 339-344.
- KISHAMAWE, COLEMAN, DEBBY C. J. VISSERS, MARK URASSA, RAPHAEL ISINGO, GABRIEL MWALUKO, GERARD BORSBOOM, HELENE A. C. M. VOETEN, BASIA ZABA, J. HABBEMA, F. DIK, and SAKE J. DE VLAS. "Mobility and HIV in Tanzanian couples: both mobile persons and their partners show increased risk." *AIDS* 20, no. 4 (2006): 601-608.
- KITZINGER, CELIA, and ELIZABETH PEEL. "The de-gaying and re-gaying of AIDS: contested homophobias in lesbian and gay awareness training." *Discourse & Society* 16, no. 2 (2005): 173-197.
- KLEIN, CHARLES, DELIA EASTON, and RICHARD PARKER. "Structural Barriers and Facilitators in HIV Prevention: A Review of International Research." In *Beyond Condoms: Alternative Approaches to HIV Prevention*, edited by Ann O'leary, 17-46. New York: KLUWER ACADEMIC PUBLISHERS, 2002.

- KLEINMAN, A. *The Illness Narratives: Suffering, Healing, and the Human Condition*: Basic Books, 1989.
- . *Patients and Healers in the Context of Culture: An Exploration of the Borderland Between Anthropology, Medicine and Psychiatry*: University of California Press, 1981.
- KLEINMAN, ARTHUR, and PETER BENSON. "Anthropology in the Clinic: The Problem of Cultural Competency and How to Fix It." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e294 1673-1676.
- KNAUFT, BRUCE M. "Anthropology in the middle." *Anthropological Theory* 6, no. 4 (2006): 407-430.
- KNAUTH, DANIELA RIVA. "Morte masculina: homens portadores do vírus da AIDS sob a perspectiva feminina." In *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*, edited by Luis Fernando Dias Duarte and Ondina Fachel Leal. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.
- KOLLER, E. M. P., M. D. CUNHA, C. MARQUES, and M. MALTA. "Routes of HIV/AIDS: results of a rapid assessment study among truck drivers in Itajai, Southern Brazil. Abstract no. WePeE6703 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- KOTTAK, CONRAD PHILLIP. "An Anthropological Take on Sustainable Development: A Comparative Study of Change." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 501-510.
- KRAFT, JOAN MARIE, CAROLYN BEEKER, JOSEPH P. STOKES, and JOHN L. PETERSON. "Finding the "Community" in Community-Level HIV/AIDS Interventions: Formative Research with Young African American Men Who Have Sex with Men." *Health Education and Behavior* 27, no. 4 (2000): 430-441.
- KRIBS-ZALETA, CHRISTOPHER M., MELANIE LEE, CHRISTINE ROMÁN, SHARI WILEY, and CARLOS M. HERNÁNDEZ-SUÁREZ. "THE EFFECT OF THE HIV/AIDS EPIDEMIC ON AFRICA'S TRUCK DRIVERS." *MATHEMATICAL BIOSCIENCES AND ENGINEERING* 2, no. 4 (2005): 771-788.
- KRISHNA, ANIRUDH. "Partnerships between local governments and community-based organisations: exploring the scope for synergy." *Public Administration and Development* 23, no. 4 (2003): 361-371.
- KRISHNAMURTHY, P., and T. ILANCHEZHIAN. "Evolving a need-based HIV/AIDS communication strategy for prevention and care. Abstract no. CDD0474 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- KRUSE, STEN-ERIK , TIMO KYLLÖNEN, SATU OJANPERÄ, ROGER C. RIDDELL, and JEAN VIELAJUS. "Searching for Impact and Methods: NGO Evaluation Synthesis Study. A Report produced for the OECD/DAC

Expert Group on Evaluation." Helsinki, Finlândia: Department of International Development Cooperation, Ministry of Foreign Affairs, Finland, 1997.

KUBERAN, D., ARUNMURUGAN, ANANTHARAMAN, and PRINVE J. PRABHAKAR. "Effectiveness of educational intervention among truck drivers, Tamil Nadu, India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

KUDAT, AYSE. "Integrating HIV/AIDS Concerns in Transport Planning." Social Assessment

HIV/AIDS Core Group of the Sub-Saharan African Transport Unit (AFTTR), 2000.

KULIS, MARZENA , MUKESH CHAWLA, ADAM KOZIERKIEWICZ, and EMILIS SUBATA. "Truck Drivers and Casual Sex: An Inquiry into the Potential Spread of HIV/AIDS in the Baltic Region." 42. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, 2004.

KUTIKUPPALA, K. S. R., M. MASTAN, K. KALAVATHI, and N. JAYA. "Free tea parlours (FTPs) a newer methodology for reducing HIV transmission among long distance lorry drivers (LDLD). Abstract no. MoPeF3948 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

KVALE, G., and K. HEGGENHOUGEN. "[Increasing inequity--worse public health]." *Tidsskr Nor Laegeforen* 126, no. 15 (2006): 1950-1951.

KYAW, M. M. K. "Capacity building for sustainable community based peer education project in Mong Shu (Gem Mine), Myanmar. Abstract no. F11919 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

LACERDA, R., N. GRAVATO, W. MCFARLAND, G. RUTHERFORD, K. ISKRANT, R. STALL, and N. HEARST. "Truck drivers in Brazil: prevalence of HIV and other sexually transmitted diseases, risk behavior and potential for spread of infection." *AIDS* (London, England) 11, no. 1 (1997): 15-19.

———. "Truck drivers in Brazil: prevalence of HIV and other STD's, risk behavior, and potential for spread of infection." *Int Conf AIDS 12* (1998): 176.

———. "Truck drivers in Brazil: prevalence of HIV and other STD's, risk behavior, and potential for spread of infection. ." Paper presented at the IAS International Conference on AIDS, Jun 28-Jul 3 1998.

LACEY, ANITA, and SUZAN ILCAN. "Voluntary Labor, Responsible Citizenship, and International NGOs." *International Journal of Comparative Sociology* 47, no. 1 (2006): 34-53.

- LACINA, BETHANY. "From Side Show to Centre Stage: Civil Conflict after the Cold War." *Security Dialogue* 35, no. 2 (2004): 191-205.
- LAILAW, JAMES. "For an anthropology of ethics and freedom." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 8 (2002): 311-332.
- LALITA, L. S. SHANKAR, Y. P. GUPTA, and S. G. GHOSH SATYAJIT. "Peer education approach to reduce STI/HIV infection among truckers in Raipur City, India – a case study. Abstract no. TuPeD5010 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- LAMBERT, HELEN. "Methods and meanings in anthropological, epidemiological and clinical encounters: the case of sexually transmitted disease and human immunodeficiency virus control and prevention in India." *Tropical Medicine & International Health* 3, no. 12 (1998): 1002-1010.
- LAMBERT, HELEN, and CHRISTOPHER MCKEVITT. "Anthropology in health research: from qualitative methods to multidisciplinary." *BMJ* 325 (2002): 210-213.
- LAMERE, JEANNE M., ALYCE M. DICKINSON, MICHELE HENRY, GORDON HENRY, and ALAN POLING. "Effects of a Multicomponent Monetary Incentive Program on the Performance of Truck Drivers: A Longitudinal Study." *Behavior Modification* 20, no. 4 (1996): 385-405.
- LAMPHERE, LOUISE. "The Convergence of Applied, Practicing, and Public Anthropology in the 21st Century." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 431-443.
- LANA, ADOLFO P. B., JOEL A. LAMOUNIER, and CIBELE C. CÉSAR. "Impacto de um programa para promoção da amamentação em um centro de saúde." *Jornal de Pediatria* 80 (2004): 235-240.
- LANE, SANDRA D., ROBERT H. KEEFE, ROBERT A. RUBINSTEIN, BROOKE A. LEVANDOWSKI, MICHAEL FREEDMAN, ALAN ROSENTHAL, DONALD A. CIBULA, and MARIA CZERWINSKI. "Marriage Promotion and Missing Men: African American Women in a Demographic Double Bind." *Medical Anthropology Quarterly* 18, no. 4 (2004): 405-428.
- LANGE, JAMES E., ELIZABETH M. LAUER, and ROBERT B. VOAS. "A Survey of the San Diego-Tijuana Cross-Border Binging: Methods and Analysis." *Evaluation Review* 23, no. 4 (1999): 378-398.
- LANKOANDE, S., N. MEDA, L. SANGARE, I. P. COMPAORE, J. CATRAYE, S. ZAN, E. VAN DYCK, M. CARTOUX, and R. SOUDRE. "L'infection à VIH chez les chauffeurs routiers au Burkina-Faso : une enquête de séroprévalence [HIV infection in truck drivers in Burkina Faso: a seroprevalence survey]." *Médecine tropicale: Revue du Corps de Santé colonial* 58, no. 1 (1998): 41-46.

- LAPERRIÈRE, HÉLÈNE, and RICARDO ZÚÑIGA. "Sociopolitical Determinants of an AIDS Prevention Program: Multiple Actors and Vertical Relationships of Control and Influence." *Policy, Politics, & Nursing Practice* 7, no. 2 (2006): 125-135.
- LARCERDA, REGINA, RON STALL, NEIDE GRAVATO, REGINA TELLINI, ESTHER S. HUDES, and NORMAN HEARST. "HIV Infection and Risk Behaviors among Male Port Workers in Santos, Brazil." *American Journal of Public Health* 86, no. 8 (1996).
- LARISSA MAUÉS PELÚCIO, SILVA. "Nos nervos, na carne, na pele : uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS." 2007.
- LARSON, ANN, MARTIN BELL, and ANNE FRANCES YOUNG. "Clarifying the relationships between health and residential mobility." *Social Science & Medicine* 59, no. 10 (2004): 2149-2160.
- LATOURET, B., and S. WOOLGAR. *La vida en el laboratorio: La construcción de los hechos científicos*: Alianza Editorial, 1995.
- LAU, J. T. F., and H. Y. TSUI. "Randomized controlled study to investigate the efficacy of voluntary counseling and testing (VCT) in increasing frequency of condom use among cross-border truck drivers self-reporting at-risk behaviors. Abstract no. CDC0967 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- LAUDER, HUGH, PHILLIP BROWN, and A. H. HALSEY. "Sociology and political arithmetic: some principles of a new policy science." *The British Journal of Sociology* 55, no. 1 (2004): 3-22.
- LAUER, HELEN. "Cashing in on Shame: How the Popular "Tradition vs. Modernity" Dualism Contributes to the "HIV/AIDS Crisis" in Africa." *Review of Radical Political Economics* 38, no. 1 (2006): 90-138.
- LAUKAMM-JOSTEN, U., B. K. MWIZARUBI, A. OUTWATER, C. L. MWAIJONGA, J. J. VALADEZ, D. NYAMWAYA, R. SWAI, TOBI SAIDEL, and K. NYAMURYEKUNG'E. "Preventing HIV infection through peer education and condom promotion among truck drivers and their sexual partners in Tanzania, 1990-1993." *AIDS Care* 12, no. 1 (2000): 27-40.
- LAZAR, SIAN. "Education for Credit: Development as Citizenship Project in Bolivia." *Critique of Anthropology* 24, no. 3 (2004): 301-319.
- LAZARIDIS, GABRIELLA. "Trafficking and Prostitution: The Growing Exploitation of Migrant Women in Greece." *The European Journal of Women's Studies* 8, no. 1 (2001): 67-102.
- LAZARUS, ELLEN S. "POLITICIZING ABORTION: PERSONAL MORALITY AND PROFESSIONAL RESPONSIBILITY OF RESIDENTS TRAINING

- IN THE UNITED STATES." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1417-1425.
- LEAL, ANDRÉA FACHEL. "Monitoramento e Avaliação de Projetos no Estado do Rio Grande do Sul com Financiamento do Programa Nacional de DST, HIV e AIDS do Ministério da Saúde do Governo do Brasil". Porto Alegre: Secretaria Estadual de Saúde (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), Seção de Controle de DST, HIV e AIDS, 2005.
- . "UMA ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA: ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SEXUALIDADE." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- LEAL, ONDINA FACHEL. "Suicídio, Honra e Masculinidade na Cultura Gaúcha." *Cadernos de Antropologia / UFRGS* 6 (1992).
- LEE, BENJAMIN, and EDWARD LIPUMA. "Cultures of Circulation: The Imaginations of Modernity." *Public Culture* 14, no. 1 (2002): 191.
- LEE, KELLEY. *Health impacts of globalization : towards global governance*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- LEE, KELLEY, , (ED.), KENT BUSE, , (ED.), and SUZANNE FUSTUKIAN, , (ED.). *Health Policy in a Globalising World*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.
- LEI, DORIS LUCIA MARTINI, CARLOS AUGUSTO MONTEIRO, BÁRBARA REGINA LERNER, and SANDRA PINHEIRO CHAVES. "Medindo o impacto de programas de recuperação nutricional de pré-escolares: teste de uma metodologia." *Revista de Saúde Pública* 23 (1989): 230-235.
- LEINER, MARVIN. *Sexual politics in Cuba : machismo, homosexuality, and AIDS*, Series in political economy and economic development in Latin America. Boulder: Westview Press, 1994.
- LEITER, KAREN, AMY SENIER, LYNLEY RAPPAPORT, LEONARD RUBENSTEIN, VINCENT IACOPINO, and INGRID TAMM. "Epidemic of Inequality - Women's Rights and HIV/AIDS in Botswana & Swaziland. An Evidence-Based Report on the Effects of Gender Inequity, Stigma and Discrimination." 203. Cambridge, MA: Physicians for Human Rights, 2007.
- LEM, WINNIE. "William Roseberry, Class and Inequality in the Anthropology of Migration." *Critique of Anthropology* 27, no. 4 (2007): 377-394.
- LEMBRIGHT, MURIEL FALTZ, and JEFFREY W. RIEMER. "Women Truckers' Problems and the Impact of Sponsorship." *Work and Occupations* 9, no. 4 (1982): 457-474.
- L'ESTOILLE, BENOIT DE, FREDERICO NEIBURG, and LYGIA SIGAUD. *Antropologia, Impérios e Estados Nacionais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2002.

- LEUNG, P., M. BOOST, T. Y. WONG, T. K. NG, S. GRAHAM, M. PANG, J. T. F. LAU, and T. F. TONG. "Prevalence of Chlamydia trachomatis infection and behavioural surveillance among Hong Kong married inter-border truck drivers. Abstract no. C10690 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- LEVE, LAUREN, and LAMIA KARIM. "Introduction Privatizing the State: Ethnography of Development, Transnational Capital, and NGOs." *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* 24, no. 1 (2001): 53-58.
- LEVI, GUIDO CARLOS, and MARCO ANTONIO A. VITÓRIA. "Editorial Review: Fighting against AIDS: the Brazilian experience." *AIDS* 16, no. 18 (2002): 2373-2383.
- LEVIN, BETTY WOLDER, and C. H. BROWNER. "The social production of health: Critical contributions from evolutionary, biological, and cultural anthropology." *Social Science & Medicine* 61 (2005): 745-750.
- LEVIN, BETTY WOLDER, and MARY E. NORTHRIDGE. "Why "public health matters"." *American Journal of Public Health* 89, no. 11 (1999): 1631-1632.
- LEWIS, DAVID. "Issues and Priorities in Non-governmental Organisation Research." *Journal of Health Management* 8, no. 2 (2006): 181-193.
- . "NGOs, Organizational Culture, and Institutional Sustainability." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 590, no. 1 (2003): 212-226.
- . "On the difficulty of studying 'civil society': Reflections on NGOs, state and democracy in Bangladesh." *Contributions to Indian Sociology* 38, no. 3 (2004): 299-322.
- LEWIS, DAVID J. "Interagency Partnerships in Aid-Recipient Countries: Lessons from an Aquaculture Project in Bangladesh." *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 27, no. 3 (1998): 323-338.
- . "NGOs, Donors, and the State in Bangladesh." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 554, no. 1 (1997): 33-45.
- LICHTENSTEIN, BRONWEN, EDWARD W. HOOK, III, DIANE M. GRIMLEY, JANET S. ST. LAWRENCE, and LAURA H. BACHMANN. "HIV risk among long-haul truckers in the USA." *Culture, Health & Sexuality* 10, no. 1 (2008): 43-56.
- LIEBERMAN, EVAN S. "Ethnic Politics, Risk, and Policy-Making: A Cross-National Statistical Analysis of Government Responses to HIV/AIDS." *Comparative Political Studies* 40, no. 12 (2007): 1407-1432.
- . "Nested Analysis as a Mixed-Method Strategy for Comparative Research." *American Political Science Review* 99, no. 3 (2005): 435-452.

- LIEBERMAN, LESLIE SUE. "Diabetes Mellitus and Medical Anthropology." In Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.
- LIEBOW, EDWARD. "Public Engagement, Policy Reform and Scales of Effective Intervention." Teaching Anthropology: SACC Notes 9, no. 2 (2003): 23-24;38.
- LIMA, HELENA. "Relatório Final: Using RARE Methodology with Vulnerable Populations. ." In RARE Brasil: Rapid Assessment, Response, and Evaluation. Brasília, DF: Programa Nacional de DST-AIDS, Ministério da Saúde; Center for Disease Control and Prevention (CDC), 2005.
- LIMA, H., P. TELLES, D. GANDOLFI, S. WESTMANN, R. A. NEEDLE, and W. BRADY. "RARE in Brazil with vulnerable populations: building skills with NGO in research. Poster Exhibition: Abstract no. MoPeE4291." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- LIMA, MÁRCIA DE, JANETE APARECIDA DA COSTA, WAGNER DOS SANTOS FIGUEIREDO, and LILIA BLIMA SCHRAIBER. "Invisibilidade do uso de drogas e a assistência de profissionais dos serviços de Aids." Revista de Saúde Pública 41 (2007): 6-13.
- LIMA, NÍSIA TRINDADE. "Public Health and Social Ideas in Modern Brazil." American Journal of Public Health 97, no. 7 (2007): 1168-1177.
- LINDEMBAUM, SHIRLEY. "The value of a critical ethnographic engagement: comments on the social production of health." Social Science & Medicine 61 (2005): 751-753.
- LINDHORST, TARYN. "Women and AIDS: Scapegoats or a Social Problem?" Affilia 3, no. 4 (1988): 51-59.
- LIPPMAN, SHERI A., DEANNA KERRIGAN, MAGDA CHINAGLIA, and JUAN DIAZ. "Chaos, co-existence, and the potential for collective action: HIV-related vulnerability in Brazil's international borders." Social Science & Medicine 64, no. 12 (2007): 2464-2475.
- LIPPMAN, SHERI A., JULIE PULERWITZ, MAGDA CHINAGLIA, ALAN HUBBARD, ARTHUR REINGOLD, and JUAN DIAZ. "Mobility and its liminal context: Exploring sexual partnering among truck drivers crossing the Southern Brazilian border." Social Science & Medicine 65, no. 12 (2007): 2464-2473.
- LIPPMAN, S. A., J. PULERWITZ, A. REINGOLD, M. CHINAGLIA, C. OGURA, A. HUBBARD, J. VAN DAM, and J. DIAZ. "Mobility and sexual partnerships of truck drivers in southern Brazil. Oral Abstract session. Abstract no. TuOrC1200 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

- LIRA, JOSENEIDE BARBOSA DE, and MAGDA DIMENSTEIN. "Adolescentes avaliando um projeto social em uma unidade básica de saúde." *Psicologia em Estudo* 9 (2004): 37-45.
- LISTER, SARAH. "NGO Legitimacy: Technical Issue or Social Construct?" *Critique of Anthropology* 23, no. 2 (2003): 175-192.
- LITTLE, PAUL ELLIOT. "Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico." *Horizontes Antropológicos* 12 (2006): 85-103.
- LITTLE, PAUL E. "Ritual, Power and Ethnography at the Rio Earth Summit." *Critique of Anthropology* 15, no. 3 (1995): 265-288.
- LLOYD-SHERLOCK, PETER. "Health sector reform in Argentina: a cautionary tale." *Social Science & Medicine* 60 (2005): 1893-1903.
- LOBÃO, RONALDO JOAQUIM DA SILVEIRA. "Cosmologias Políticas do Neocolonialismo: como uma política pública pode se transformar em uma Política do Ressentimento." Universidade de Brasília, 2006.
- LOCHNER, K., I. KAWACHI, and B. P. KENNEDY. "Social capital: a guide to its measurement." *Health and Place* 5, no. 4 (1999): 259-270.
- LOCK, MARGARET. "Medicalization and the Naturalization of Social Control." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.
- LOEVINSOHN, BENJAMIN, and APRIL HARDING. "Buying results? Contracting for health service delivery in developing countries." *Lancet* 366 (2005): 676-681.
- LOEWENSON, R. "Exploring equity and inclusion in the responses to AIDS." *AIDS Care* 19, no. 1 supp 1 (2007): 2 - 11.
- . "Learning from diverse contexts: Equity and inclusion in the responses to AIDS." *AIDS Care* 19, no. 1 supp 1 (2007): 83 - 90.
- LOFREDO, GINO. "Help yourself by helping The Poor." *Development in Practice* 5, no. 4 (1995).
- . "Help yourself by helping The Poor." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 64-69. London: Oxfam UK, 2000.
- LOGGERENBERG, F. VAN, G. RAMJEE, Q. ABDOOL KARIM, and S. S. ABDOOL KARIM. "Ethical challenges in undertaking HIV/AIDS Research in resource constrained settings: Experiences with sex workers at truck stops in South Africa. Abstract no. ThPeG8337." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- LOPES, FERNANDA, CASSIA MARIA BUCHALLA, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. "Mulheres negras e não-negras e vulnerabilidade ao HIV/Aids no estado de São Paulo, Brasil." *Revista de Saúde Pública* 41, no. Suplemento 2 (2007): 39-46.
- LOPES, JOSÉ ROGÉRIO. "TERCEIRO SETOR: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública." *São Paulo em Perspectiva* 18, no. 3 (2004): 57-66.
- LOPEZ, ALAN D., COLIN D. MATHERS, MAJID EZZATI, DEAN T. JAMISON, and CHRISTOPHER J. L. MURRAY. *Global Burden of Disease and Risk Factors*. New York; Washington, DC: Oxford University Press; The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, 2006.
- LOUIS, A. "Addressing stigma and discrimination in providing care and support for PLHA among truck drivers. Abstract no. D11289 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- LOUISE, LAMPHERE. "The Convergence of Applied, Practicing, and Public Anthropology in the 21st Century." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 431.
- LUNA, E. J. A. "The Potential Demand for an HIV/AIDS Vaccine in Brazil."
- LUNDY, PATRICIA. "LIMITATIONS OF QUANTITATIVE RESEARCH IN THE STUDY OF STRUCTURAL ADJUSTMENT." *Social Science & Medicine* 42, no. 3 (1996): 313-324.
- LURIE, P., M. E. FERNANDES, V. HUGHES, E. I. AREVALO, E. S. HUDES, A. REINGOLD, and N. HEARST. "Socioeconomic status and risk of HIV-1, syphilis and hepatitis B infection among sex workers in Sao Paulo State, Brazil. Instituto Adolfo Lutz Study Group." *AIDS* 9, no. Supplement 1 (1995): S31-S37.
- LUSH, LOUISIANA, GILL WALT, and JESSICA OGDEN. "Transferring policies for treating sexually transmitted infections: what's wrong with global guidelines?" *Health Policy and Planning* 18, no. 1 (2003): 18-30.
- LUTZ, CATHERINE. "Empire is in the details." *American Ethnologist* 33, no. 4 (2006): 593-611.
- LUZ, M. T. "Duas questões permanentes em um século de políticas de saúde no Brasil republicano."
- LYDIE, NATHALIE, and NOAH JAMIE ROBINSON. "West and Central Africa." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 469-511.
- . "West and Central Africa." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 469-511.

- LYTTLETON, CHRIS, and AMORNTIP AMARAPIBAL. "Sister cities and easy passage: HIV, mobility and economies of desire in a Thai/Lao border zone." *Social Science & Medicine* 54 (2002): 508-518.
- MACEDO, ELÉIA DE. "“PREVALÊNCIA DE DOR LOMBAR EM MOTORISTAS DE CAMINHÕES TRANSPORTADORES DE MADEIRA, NO SUL DO BRASIL”." Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- MACGREGOR, HAYLEY. "“THE GRANT IS WHAT I EAT’: THE POLITICS OF SOCIAL SECURITY AND DISABILITY IN THE POST-APARTHEID SOUTH AFRICAN STATE." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 43-55.
- MACHADO, PAULA SANDRINE. "MUITOS PESOS E MUITAS MEDIDAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES MASCULINAS NA ESFERA DAS DECISÕES SEXUAIS E REPRODUTIVAS." Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- . "NOS LIMITES DO GÊNERO: APONTAMENTOS SOBRE A DISCUSSÃO SEXO-GÊNERO FACE AOS DESAFIOS EM TORNO DA DIVERSIDADE SEXUAL." *Ciudadania Sexual - proyecto sexualidades salud y derechos humanos en américa latina*.
- MACKENDRICK, NORAH A., and DEBRA J. DAVIDSON. "State Capital Relations in Voluntary Environmental Improvement." *Current Sociology* 55, no. 5 (2007): 674-695.
- MACKIAN, SARA. "Complex cultures: rereading the story about health and social capital." *Critical Social Policy* 22, no. 2 (2002): 203-225.
- MAGALHÃES, R. "Integração, exclusão e solidariedade no debate contemporâneo sobre as políticas sociais." *Cad. Saúde Pública* 17, no. 3 (2001): 569-579.
- MAGAZINE, ROGER. "An Innovative Combination of Neoliberalism and State Corporatism: The Case of a Locally Based NGO in Mexico City." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 590, no. 1 (2003): 243-256.
- MAGIS, C., C. GAYET, M. NEGRONI, R. LEYVA, E. BRAVO-GARCIA, P. URIBE, and M. BRONFMAN. "Migration and AIDS in Mexico: recent evidence of behavior change." Paper presented at the XV International AIDS Conference. Abstract no. TuPeC4799., Bangkok, Thailand, 11-16 July 2004.
- MAGNANI, ROBERT , KEITH SABIN, TOBI SAIDEL, and DOUGLAS HECKATHORN. "Review of sampling hard-to-reach and hidden populations for HIV." *AIDS* 19, no. Supplement 2 (2005): S67-S72.
- MAGRATH, IAN. "Role of the global civil society." *Lancet* 366: 613-615.

- MAGUIRE, STEVE, and CYNTHIA HARDY. "Identity and collaborative strategy in the Canadian HIV/AIDS treatment domain." STRATEGIC ORGANIZATION 3, no. 1 (2005): 11-45.
- MAHER, LISA. "Don't leave us this way: ethnography and injecting drug use in the age of AIDS." International Journal of Drug Policy 13, no. 4 (2002): 311-325.
- MAHMUD, K. F., S. JANA, M. SHARIFUZZAMAN, A. CHATTERJEE, S. A. ALTAF CHOWDHURY, and M. JASIMUDDIN. "Effective Cross Border Intervention for Transport Workers and Associated Sex Workers can Play Important Role in HIV/AIDS Prevention (A situation analysis of Benapole-Jessore, biggest land port in Bangladesh) . Abstract no. F12103 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MAJKA, LORRAINE. "Working with the vulnerable but meritorious: the non-governmental and public sectors and African refugees in Melbourne." Journal of Sociology 37, no. 4 (2001): 387-398.
- MAJUMDAR, A. "Vulnerability of Indian woman to HIV/AIDS due to unjust social construction - a study on women in Kolkata and outskirts." In International Conference on AIDS. Barcelona, Spain: The Calcutta Samaritans, Calcutta, India, 2002.
- MALINOWSKI, BRONISLAW. Argonauts of the Western Pacific. 3rd ed. Prospect Heights, IL (USA): Waveland Press, 1984.
- MALTA, M., F. I. BASTOS, E. M. PEREIRA-KOLLER, M. D. CUNHA, C. MARQUES, and S. A. STRATHDEE. "A qualitative assessment of long distance truck drivers' vulnerability to HIV/AIDS in Itajai, southern Brazil." AIDS Care 18, no. 5 (2006): 489-496.
- . "A qualitative assessment of long distance truck drivers' vulnerability to HIV/AIDS in Itajaí, southern Brazil." AIDS Care 18, no. 5 (2006): 489 - 496.
- MAMA, AMINA. "Strengthening civil society: participatory action research in a militarised state." In Development, NGOs, and Civil Society, edited by Deborah Eadeand. London: Oxfam UK, 2000.
- MANDERSON, LENORE. "Applying medical anthropology in the control of infectious disease." Tropical Medicine & International Health 3, no. 12 (1998): 1020-1027.
- MANDERSON, LENORE, MILICA MARKOVIC, and MARGARET KELAHER. "Bodies Transported: Health and Identity Among Involuntary Immigrant Women." In Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 127-150. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.

- MANDERSON, LENORE, and LINDA WHITEFORD. "Health, Globalization, and the Fallacy of the Level Playing Field." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford, (Ed.) and Lenore Manderson, (Ed.), 1-22. Boulder, CO.: Lynne Rienner Publishers, 2000.
- MANE, PURNIMA, and PETER AGGLETON. "Gender and HIV/AIDS: What Do Men Have to Do with It?" *Current Sociology* 49, no. 6 (2001): 23-37.
- MANJI, FIROZE. "Collaboration with the South: agents of aid or solidarity?" In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 75-79. London: Oxfam UK, 2000.
- MANJUNATH, J. V., D. M. THAPPA, and T. J. JAISANKAR. "Sexually transmitted diseases and sexual lifestyles of long-distance truck drivers: a clinico-epidemiologic study in south India. ." *International Journal of STD and AIDS* 13, no. 9 (2002): 612-617.
- MANN, JONATHAN, and DANIEL TARANTOLA. *Aids in the world II*. New York: Oxford University Press, 1996.
- MANOHARAN, S. J., and S. J. MILLS. "Dynamics and determinants of risk behaviors on India's national highways . Abstract no. TuOrC1229 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MARCK, JEFF "Long-distance truck driver sexual cultures and attempts to reduce HIV risk behaviours amongst them: a review of the African." In *Resistances to Behavioural Change to Reduce HIV/AIDS Infection*, 1999.
- MARCK, JEFF. "Long-distance truck drivers' sexual cultures and attempts to reduce HIV risk behaviour amongst them: a review of the African and Asian literature." In *Resistances to Behavioural Change to Reduce HIV/AIDS Infection in Predominantly Heterosexual Epidemics in Third World Countries* edited by John Caldwell, Pat Caldwell, John Anarfi, Kofi Awusabo-Asare, James Ntozi, I.O. Orubuloye, Jeff Marck, Wendy Cosford, Rachel Colombo and Elaine Hollings, 91-100. Canberra, ACT, Australia: Health Transition Centre, National Centre for Epidemiology and Population Health, Australian National University, 1999.
- MARCUS, GEORGE E. "THE ANTHROPOLOGIST AS WITNESS IN CONTEMPORARY REGIMES OF INTERVENTION." *Cultural Politics* 1, no. 1 (2005): 31-49.
- . "Beyond Malinowski and After Writing Culture: On the Future of Cultural Anthropology and the Predicament of Ethnography. Plenary address to the Annual Conference of the Australian Anthropological Society held at La Trobe University, Victoria, 19 September 2001." *The Australian Journal of Anthropology* 13, no. 2 (2002): 191-199.
- . "Ethnography in/of the World Systems: The Emergence of Multi-Sited Ethnography." *Annual Review of Anthropology* 24, no. 1 (1995): 95-117.

- . "Ethnography Two Decades After Writing Culture: From the Experimental to the Baroque." *Anthropological Quarterly* 80, no. 4 (2007): 1127-1145.
- . "General Comments." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 423-428.
- . "LAW IN THE DEVELOPMENT OF DYNASTIC FAMILIES AMONG AMERICAN BUSINESS ELITES: THE DOMESTICATION OF CAPITAL AND THE CAPITALIZATION OF FAMILY." *Law & Society Review* 14, no. 4 (1980): 859-903.
- . "The Passion of Anthropology in the U.S., Circa 2004." *Anthropological Quarterly* 78, no. 3 (2005): 673-695.
- MARCUS, GEORGE E., and DICK CUSHMAN. "ETHNOGRAPHERS AS TEXTS." *Annual Review of Anthropology* 11 (1982): 25-69.
- MARCUS, GEORGE E., and MICHAEL G. POWELL. "From Conspiracy Theories in the Incipient New World Order of the 1990s to Regimes of Transparency Now." *Anthropological Quarterly* 76, no. 2 (2003): 323-334.
- MARCUS, TESSA. "Is there an HIV/AIDS demonstration effect?--findings from a longitudinal study of long distance truck drivers." *Society in Transition* 32, no. 1 (2001): 110-119.
- MARKOWITZ, FRAN. "Talking about culture: Globalization, human rights and anthropology." *Anthropological Theory* 4, no. 3 (2004): 329-352.
- MARKOWITZ, LISA. "Finding the field: Notes on the ethnography of NGOs." *Human Organization* 60, no. 1 (2001): 40-46.
- . "NGOs, Local Government, and Agrarian Civil Society: A Case of Evolving Collaboration from Southern Peru." *Culture & Agriculture* 23, no. 1 (2001): 8-18.
- MARQUES, EDUARDO CESAR. "REDES SOCIAIS E INSTITUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO E DA SUA PERMEABILIDADE." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 14, no. 41 (1999): 45-67.
- MARQUES, EDUARDO CÉSAR, and RENATA MIRANDOLA BICHIR. "CLIVAGENS IDEOLÓGICAS E EMPRESAS PRIVADAS NOS INVESTIMENTOS PÚBLICOS URBANOS – SÃO PAULO 1978-1998." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 17, no. 50 (2002): 71-87.
- MARSDEN, MAGNUS. "Muslim village intellectuals: The life of the mind in northern Pakistan." *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 10-15.
- MARSHALL, CATHERINE. "Elites, Bureaucrats, Ostriches, and Pussycats: Managing Research in Policy Settings." *Anthropology and Education Quarterly* 15, no. 3 (1984): 235-251.

- MARSHALL, PATRICIA A. "Ethical challenges in study design and informed consent for health research in resource-poor settings." In Special Topics in Social, Economic and Behavioural (SEB) Research report series; No. 5, edited by Johannes Sommerfeld. Geneva: World Health Organization, 2007.
- MARSHALL, PATRICIA LOOMIS, MERRILL SINGER, MICHAEL C. CLATTS, and NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE. DIVISION OF EPIDEMIOLOGY AND PREVENTION RESEARCH. Integrating cultural, observational, and epidemiological approaches in the prevention of drug abuse and HIV/AIDS, NIH publication ;. Bethesda, MD (6001 Executive Blvd., Bethesda 20892): U.S. Dept. of Health and Human Services, National Institutes of Health, National Institute on Drug Abuse, Division of Epidemiology and Prevention Research, 1999.
- MARSHALL, PATRICIA LOOMIS, MERRILL SINGER, MICHAEL C. CLATTS, NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE. DIVISION OF EPIDEMIOLOGY AND PREVENTION RESEARCH., and NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH (U.S.). Integrating cultural, observational, and epidemiological approaches in the prevention of drug abuse and HIV/AIDS, DHHS publication ;. Bethesda, MD: U.S. Dept. of Health and Human Services, National Institute on Drug Abuse, Division of Epidemiology and Prevention Research, 1999.
- MARSTON, CICELY, and ELEANOR KING. "Factors that shape young people's sexual behaviour: a systematic review." *Lancet* 368 (2006): 1581-1586.
- MARTIN, EMILY. "The Ethnography of Natural Selection in the 1990s." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 383-397.
- MARTINGO, C., V. PEREIRA, S. MONTE, D. VAZ, P. NOSSA, F. AVILLES, and A. MELIÇO-SILVESTRE. "Don't cross the line – a long distance truck drivers'campaign. Abstract no. D11945 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- MARTINI, M., N. LOSI, M. HAOUR-KNIPE, and C. SALA. "HIV/AIDS prevention and care among mobile populations in South Eastern Europe. Funded by Directorate General for Development Cooperation of the Italian Ministry of Foreign Affairs (DGCS) . Abstract no. MoPeG4279 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MASANJALA, WINFORD. "The poverty-HIV/AIDS nexus in Africa: A livelihood approach." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1032-1041.
- MASSEY, DOREEN. "Geographies of responsibility." *Geografiska Annaler Series B: Human Geography* 86, no. 1 (2004): 5-18.
- . "A Global Sense of Place." In *Space, Place and Gender*, edited by Doreen Massey, 185-190. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

- . "Landscape as a provocation: reflections on moving mountains." *Journal of Material Culture* 11, no. 1-2 (2006): 33-48.
- MATHEW, M. LEENA. "Breaking the silence. Abstract no. F11806 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MATHIASON, JOHN R. "Who controls the machine, III: accountability in the results-based revolution." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 61-73.
- MATIDA, ÁLVARO HIDEYOSHI, and LUIZ ANTÔNIO BASTOS CAMACHO. "Pesquisa avaliativa e epidemiologia: movimentos e síntese no processo de avaliação de programas de saúde." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): 37-47.
- MATO, DANIEL. "Transnational Networking and the Social Production of Representations of Identities by Indigenous Peoples' Organizations of Latin America." *International Sociology* 15, no. 2 (2000): 343-360.
- MATSHALAGA, NEDDY. "Gender Issues in STIs/HIV/AIDS Prevention and Control: The Case of Four Private Sector Organisations in Zimbabwe." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 3, no. 2 (1999): 87-96.
- MATTHEW, P., and B. WATSON. "Trucking against AIDS: a unique and sustainable response to HIV/AIDS by the South African road freight industry." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- MAYOCK, P. "'Scripting' risk: Young people and the construction of drug journeys." *Drugs: Education, Prevention and Policy* 12, no. 5 (2005): 349-368.
- MAYS, NICHOLAS, and CATHERINE POPE. "Qualitative research in health care: Assessing quality in qualitative research." *BMJ* 320 (2000): 50-52.
- MBAYA, E. N., J. KOKOLOMAMI, and P. MUKEKWA. "Commercial sex work and HIV/AIDS among street children in the city of Matadi, DR Congo. Abstract no. CDD0243." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- MBUGUA, NJERI. "Factors inhibiting educated mothers in Kenya from giving meaningful sex-education to their daughters." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1067-1089.
- MBURA, J. S., H. N. MGAYA, and H. K. HEGGENHOUGEN. "The use of oral herbal medicine by women attending antenatal clinics in urban and rural Tanga District in Tanzania." *East Afr Med J* 62, no. 8 (1985): 540-550.
- MCCALVIN, N., N. DINAT, S. PEBERDY, and M. LURIE. "Experience & knowledge of HIV/AIDS among migrant and non-migrant domestic

workers in South Africa. Abstract no. TUPE0655 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

MCCLELLAND, R. S., J. M. BAETEN, R. L. ASHLEY MORROW, L. COREY, L. LAVREYS, J. P. RAKWAR, K. MANDALIYA, J. J. BWAYO, K. K. HOLMES, and J. K. KREISS. "SEROCONVERSION FOR HUMAN HERPESVIRUS TYPE 8 AMONG KENYAN TRUCK DRIVERS." Paper presented at the The 2nd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment, Paris 2003.

MCCOMBIE, S. C. "Self-treatment for malaria: the evidence and methodological issues." *Health Policy and Planning* 17, no. 4 (2002): 333-344.

MCCOMBIE, SUAN C., and JOHN K. ANARFI. "The influences of sex of interviewer on the results of an AIDS survey in Ghana." *Human Organization* 61, no. 1 (2002): 51-57.

MCDONALD, MARYON. "EU policy and destiny: A challenge for anthropology." *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 3-4.

MCFARLAND, WILLI, and CARLOS F. CACERES. "HIV surveillance among men who have sex with men." *AIDS* 15, no. Supplement 3 (2001): S23-S32.

MCFATE, MONTGOMERY. "Anthropology and Counterinsurgency: The Strange Story of their Curious Relationship." *Military Review*: 24-.

MCKINLEY, TERRY, and DEGOL HAILU. "The Macroeconomic Debate on Scaling up HIV/AIDS Financing." *Policy Research Brief - International Poverty Center - United Nations Development Programme (UNDP)* 1 (2006): 1-4.

MCLAUGHLIN, PAUL, and THOMAS DIETZ. "Structure, agency and environment: Toward an integrated perspective on vulnerability." *Global Environmental Change In Press, Corrected Proof* (2007).

MCQUEEN, DAVID V., and LAURIE M. ANDERSON. "What Counts as Evidence: Issues & Debates." In *Evaluation in Health Promotion: Principles & Perspective*, edited by I. Rootman. Geneva: WHO Regional Publications 2001.

MEDANG, R., and J. M. TAPSOBA. "Impact of mobile services to the access of CT services. Abstract no. CDB093 " Paper presented at the 4th IAS Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention, Sydney, Australia 2007.

MEDEIROS, MARIA GORETTI FONSECA DE, JÚNIOR ARISTIDES BARBOSA, and PAULO TADEU JUNQUEIRA AGUIAR. "Caminhoneiros e o conhecimento sobre os meios de transmissão do HIV." *Boletim Epidemiológico - AIDS - Abril a Junho de 2001* (2001), http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/bol_abril/artigo3.htm.

- MEDEIROS, MARIA GORETTI PEREIRA FONSECA, ALESSANDRO RICARDO CARUSO DA CUNHA, GERSON FERNANDO MENDES PEREIRA, WALKÍRIA GENTIL ALMEIDA, ANA ROBERTA PATI PASCOM, and JÚNIOR ARISTIDES BARBOSA. Pesquisa entre Conscritos do Exército Brasileiro. Retratos do comportamento de risco do jovem brasileiro à infecção pelo HIV. 1996 - 2002, Série Estudos Pesquisas e Avaliação nº 2. Brasília, D.F.: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids, 2006.
- MEDLEY, A., K. O'REILLY, G. SCHMID, and M. D. SWEAT. "Systematic review of the efficacy of peer education in reducing HIV sexual risk behavior in developing countries. Abstract no. ThPeD7661 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- MELCHIOR, REGINA, MARIA INES BATTISTELLA NEMES, CÁRITAS RELVA BASSO, ELEN ROSE LODEIRO CASTANHEIRA, MARIA TERESA SOARES DE BRITTO E ALVES, CÁSSIA MARIA BUCHALLA, and ANGELA APARECIDA DONINI. "Avaliação da estrutura organizacional da assistência ambulatorial em HIV/Aids no Brasil." Revista de Saúde Pública 40 (2006): 143-151.
- MEMON, M. A., A. K. GHOURI, and S. A. SHAH. "Epidemiology of HIV infection in Sindh, Pakistan . Abstract no. WePeC6115 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MENDEZ, JENNIFER BICKHAM. "Organizing a Space of their Own? Global/Local Processes in a Nicaraguan Women's Organization." Journal of Developing Societies 18, no. 2-3 (2002): 196-227.
- MENEGHEL, STELA N., ROSANGELA BARBIANI, CAMILA BRENER, GEOVANA TEIXEIRA, HELENITA STTEFEN, LUCIANO BAIRROS DA SILVA, MARIZA DALLA ROSA, ROSEMERI BALLE, SARITA G. R. BRITO, and SILVIA RAMÃO. "Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero." Ciência & Saúde Coletiva 10 (2005): 111-118.
- MENEGHEL, STELA NAZARETH, MARCIA CAMARGO, LÚCIA R. FASOLO, DIOGA ANA MATTIELLO, RENATA C. R. DA SILVA, TERESA CRISTINA BRUEL SANTOS, ANA LÚCIA DAGORD, ADRIANA RECK, LUCIANA ZANETTI, MÁRCIA SOTTILI, and MARIA ANGELA TEIXEIRA. "Mulheres cuidando de mulheres: um estudo sobre a Casa de Apoio Viva Maria, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil." Cadernos de Saúde Pública 16 (2000): 747-757.
- MENEZES, L. J., K. R. D'SOUZA, K. M. D'SOUZA, C. SOMBOONWIT, S. AMIN, and J. T. SINNOTT. "A socio-historical construction of the AIDS epidemic in India." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

- MERCHÁN-HAMANN, EDGAR. "Os ensinamentos da educação para a saúde na prevenção de HIV-Aids: subsídios teóricos para a construção de uma práxis integral." *Cadernos de Saúde Pública* 15, no. Suplemento 2 (1999): S85-S92.
- MESQUITA, FÁBIO, DENISE DONEDA, DENISE GANDOLFI, MARIA INÊS BATTISTELLA NEMES, TARCÍSIO ANDRADE, REGINA BUENO, and DANIELA PICONEZ E TRIGUEIROS. "Brazilian Response to the Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome Epidemic among Injection Drug Users." *Clinical Infectious Diseases* 37, no. Supplement 5 (2003): S382-S385.
- MEYER, DAGMAR E. ESTERMANN, DÉBORA FALLEIROS DE MELLO, MARINA MARCOS VALADÃO, and JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES. ""Você aprende. A gente ensina?" Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade." *Cadernos de Saúde Pública* 22, no. 6 (2006): 1335-1342.
- MEYER, JULIENNE. "Qualitative research in health care: Using qualitative methods in health related action research." *BMJ* 320 (2000): 178-181.
- MICOLLIER, E. "Sexualites et vulnerabilite au VIH en Chine, un regard anthropologique." *Sexologies* 15, no. 3 (2006): 191-201.
- MILLER, MAUREEN. "The dynamics of substance use and sex networks in HIV transmission." *Journal of Urban Health* 80, no. Supplement 3 (2003).
- MILLS, MARGARET A. "Response to David B. Edwards's "Afghanistan, Ethnography, and the New World Order": On the Involuntary Redrawing of Our Subject Matter." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 361-364.
- MILLS, MARY BETH. "Engendering discourses of displacement. Contesting mobility and marginality in rural Thailand." *Ethnography* 6, no. 3 (2005): 385-419.
- MILLS, S., T. SAIDEL, R. MAGNANI, and T. BROWN. "Surveillance and modelling of HIV, STI, and risk behaviours in concentrated HIV epidemics." *Sexually Transmitted Infections* 80, no. Supplement 2 (2004): 57-62.
- MILTON KEYNES PRIMARY CARE TRUST. "10 questions to help you make sense of qualitative research." In *Critical Appraisal Skills Programme (CASP) - making sense of evidence*, 2002.
- MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. *Políticas sociais para jovens no Rio de Janeiro: cadastro e análise de casos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.
- MINAYO, MARIA CECÍLIA DE S., EDINILSA R. DE SOUZA, SIMONE G. DE ASSIS, OTÁVIO CRUZ NETO, SUELY F. DESLANDES, and COSME M. F. P. DA SILVA. "Avaliação dos Centros de Orientação e Apoio

Sorológico/CTA/Coas da Região Nordeste do Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 15 (1999): 355-367.

MINHAS, M. R., and K. HAIDER. "Frequency of risk factors for acquiring HIV/AIDS among hostellers of professional institutes in Pakistan. Abstract no. MoPe11.10C26." Paper presented at the The 3rd IAS Conference on HIV Pathogenesis and Treatment Rio de Janeiro, Brasil 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. "Caminhoneiro: Atenção com a Saúde."

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. "Rio Grande do Sul: Rodovias Estaduais e Federais." Ministério dos Transportes.

MINTZ, SIDNEY W. "The Localization of Anthropological Practice: From area studies to transnationalism." *Critique of Anthropology* 18, no. 2 (1998): 117-133.

———. "Sows' Ears and Silver Linings." *Current Anthropology* 41, no. 2 (2000): 169-177.

MOATTI, JEAN-PAUL, and YVES SOUTEYRAND. "Editorial: HIV/AIDS social and behavioural research: past advances and thoughts about the future." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1519-1532.

MOHAMED, A., and J. C. B. PACCA. "CAP Study on Truck Drivers in Maputo/Mozambique: prevention roadblocks in a group passing through high-prevalence zones. Abstract no. D11169 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

MOHAMMED, M. U. B. "HIV prevention programme for prisoners in India : A successful experience. Abstract no. D11224 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

MOLYNEUX, MAXINE. "Ethnography and Global Processes." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 273-282.

MONAGHAN, LEE F. "Opportunity, Pleasure, and Risk: An Ethnography of Urban Male Heterosexualities." *Journal of Contemporary Ethnography* 31, no. 4 (2002): 440-477.

MONTECINOS, VERÓNICA. "Feministas e tecnocratas na democratização da América Latina." *Revista Estudos Feministas* 11, no. 2 (2003): 351-380.

MONTIJO, JOSÉ LUIS, and MARKUS GOTTSBACHER. "UN ENFOQUE CULTURAL DE LA PREVENCIÓN Y LA ATENCIÓN DEL VIH/SIDA EN MÉXICO Y CENTROAMÉRICA. Un enfoque cultural de la prevención y la atención del VIH/SIDA. Proyecto conjunto UNESCO/ONUSIDA. Taller llevado a cabo en Antigua, Guatemala, Mayo de 2004. ." In *Estudios e Informes – Serie Especial, No. 21. , 111*. Mexico City: División de Políticas Culturales y Diálogo Intercultural, UNESCO, 2004.

- MONTPETIT, E., C. ROTHMAYR, and F. VARONE. "Institutional vulnerability to social constructions: Federalism, target populations, and policy designs for assisted reproductive technology in six democracies." *Comparative Political Studies* 38, no. 2 (2005): 119-142.
- MOONEY, ANNABELLE, and SRIKANT SARANGI. "An ecological framing of HIV preventive intervention: a case study of non-government organizational work in the developing world." *Health (London)* 9, no. 3 (2005): 275-296.
- MOORE, AMI R., and JOSEPH OPPONG. "Sexual risk behavior among people living with HIV/AIDS in Togo." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1057-1066.
- MOORE, SALLY FALK. "The International Production of Authoritative Knowledge: The Case of Drought-Stricken West Africa." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 161-189.
- MORAES, CLAUDIA LEITE, MARIA HELENA HASSELMANN, and MICHAEL E. REICHENHEIM. "Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais." *Cadernos de Saúde Pública* 18 (2002): 163-176.
- MORAN, DOMINIQUE. "HIV/AIDS, governance and development: the public administration factor." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 7-18.
- . "Symposium on HIV/AIDS and governance guest editor's preface." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 5-6.
- MORANKAR, S. N. "Where ails communication for HIV infected persons. Abstract no. ThPeD7649 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- MOREL, CARLOS M. "Neglected diseases: under-funded research and inadequate health interventions. Can we change this reality?" *EUROPEAN MOLECULAR BIOLOGY ORGANIZATION (EMBO) Reports* 4, no. special issue (2003): S35-S38.
- MORGAN, DAVID L. "Paradigms Lost and Pragmatism Regained: Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 48-76.
- MORGAN, LYNN M. "Community participation in health: perpetual allure, persistent challenge." *Health Policy Plan.* 16, no. 3 (2001): 221-230.
- MORISKY, DONALD E., CHRYSTENE NGUYEN, ALFONSO ANG, and TEODORA V. TIGLAO. "HIV/AIDS Prevention Among the Male Population: Results of a Peer Education Program for Taxicab and Tricycle Drivers in the Philippines." *Health Education and Behavior* 32, no. 1 (2005): 57-68.

- MOSOKO, JEMBIJA J., ISAAC B. MACAULEY, ANNE-CECILE B. ZOUNGKANYI, ASSUMPTA BELLA, and SINATA KOULLA-SHIRO. "Human Immunodeficiency Virus Infection and Associated Factors among Specific Population Subgroups in Cameroon." *AIDS Behav* (2007).
- MOSSE, DAVID. "Anti-social anthropology? Objectivity, objection, and the ethnography of public policy and professional communities." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 12 (2006): 935-956.
- . "Is Good Policy Unimplementable? Reflections on the Ethnography of Aid Policy and Practice." *Development and Change* 35, no. 4 (2004): 639-671.
- MOTA, ANA CAROLINA YOSHIDA HIRANO DE ANDRADE. "Accountability no Brasil: Os cidadãos e seus meios institucionais de controle dos representantes." Universidade de São Paulo, 2006.
- MOTT, LUIZ. "Teoria Antropológica e Sexualidade Humana." 1-23.
- MOTTA, GILBERTO PINTO DA. "O ENSINO A DISTÂNCIA: POTENCIALIDADES E IMPACTOS NO TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE CARGAS BRASILEIRO." Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- MOURA, ESCOLÁSTICA REJANE FERREIRA, FRANCISCO HOLANDA JR, and MARIA SOCORRO PEREIRA RODRIGUES. "Avaliação da assistência pré-natal oferecida em uma microrregião de saúde do Ceará, Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): 1791-1799.
- MOURA, ESCOLÁSTICA REJANE FERREIRA, and RAIMUNDA MAGALHÃES DA SILVA. "Competência profissional e assistência em anticoncepção." *Revista de Saúde Pública* 39 (2005): 795-801.
- MOZIALO, L. NVENDO. "Involvement of people living with HIV. Abstract no. D10989 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- MUKHOPADHYAY, CAROL. "The Scientific Gender Gap Should Be Understood Comparatively." *Anthropology News* (2005): 4-5.
- MUÑOZ SÁNCHEZ, ALBA IDALY, and MARIA RITA BERTOLOZZI. "Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva?" *Ciência & Saúde Coletiva* 12 (2007): 319-324.
- MURARD, NUMA. "Mating welfare and workfare. Scenes of a public policy in a French province." *Ethnography* 3, no. 3 (2002): 299-315.
- MURMIS, MIGUEL. "Sociology, political science and anthropology: institutionalization, professionalization and internationalization in Argentina." *Social Science Information* 44, no. 2-3 (2005): 227-282.

- MURPHY, ELAINE M., MARGARET E. GREENE, ALEXANDRA MIHAILOVIC, and PETER OLUPOT-OLUPOT. "Was the "ABC" Approach (Abstinence, Being Faithful, Using Condoms) Responsible for Uganda's Decline in HIV?" *PLoS Med* 3, no. 9 (2006): e379 1443-1447.
- MUSOLF, GIL RICHARD. "Social structure, human agency, and social policy." *The International Journal of Sociology and Social Policy* 23, no. 6-7 (2003): 1-12.
- MUSSO, JULIET ANN, ALICIA KITSUSE, and TERRY L. COOPER. "Faith organizations and neighbourhood councils in Los Angeles." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 83-94.
- MUTMAN, MAHMUT. "Writing culture: Postmodernism and ethnography." *Anthropological Theory* 6, no. 2 (2006): 153-178.
- MWENESI, HALIMA ABDULLAH. "Social science research in malaria prevention, management and control in the last two decades: An overview." *Acta Tropica* 95 (2005): 292-297.
- MYCHAJLYSZYN, NATALIE, and TIMOTHY M. SHAW. *Twisting arms and flexing muscles : humanitarian intervention and peacebuilding in perspective*. Aldershot, Hants, England ; Burlington, VT, USA: Ashgate, 2005.
- NAGAHAMA, ELIZABETH ERIKO ISHIDA, and SILVIA MARIA SANTIAGO. "O cuidado pré-natal em hospital universitário: uma avaliação de processo." *Cadernos de Saúde Pública* 22 (2006): 173-179.
- NAMPUII, M., B. THOMPSON, and V. EDWARD. "Raising STI/HIV/AIDS awareness among mobile populations and sex workers in Northwestern India. Abstract no. TuPeC4819 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- NAPOLITANO, DORA A., and CAROLINE O. H. JONES. "Who needs 'pukka anthropologists'? A study of the perceptions of the use of anthropology in tropical public health research." *Tropical Medicine & International Health* 11, no. 8 (2006): 1264-1275.
- NASCIMENTO, ANA MARIA GUEDES DO, CONSTANÇA SIMÕES BARBOSA, and BENEDITO MEDRADO. "Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempos de AIDS." *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* 5 (2005): 77-86.
- NASCIMENTO, EVANIA. "Desenvolvimento de pesquisa-ação com caminhoneiros de estrada: trabalhando na problematização as questões voltadas à sexualidade, DST/aids e drogas." Doctoral, Universidade de São Paulo, 2003.
- NASCIMENTO, E., S. M. V. BUENO, and E. C. LOPES. "Projeto Caminhoneiros Conscientizando para a Prevenção da Aids." DST -

Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 13, no. 6 (2001): 4-7.

NASCIMENTO, EVANIA, EURIPEDES COSTA NASCIMENTO, and SANDRA V. BUENO. "Concurso de frases: interpretando os significados das questões relacionadas à AIDS entre caminhoneiros de estrada. [Concourse of slogans: interpretation of meanings of questions related to AIDS among truck drivers] " DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis 15, no. 1 (2003): 40-46.

NASCIMENTO, EURÍPEDES COSTA DO, EVANIA NASCIMENTO, and JOSÉ DE PAULA SILVA. "Uso de álcool e anfetaminas entre caminhoneiros de estrada." Revista de Saúde Pública 41 (2007): 290-293.

NASH, JUNE. "Transnational Civil Society." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 437-447. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.

NATANA, S. "Peer Education Strategy for Attitudinal Change Among Truck Drivers." Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.

———. "Peer Education Strategy for Attitudinal Change Among Truck Drivers. Abstract no. C10930 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.

NATHAN, V. "Using community mobilization to empower a marginalized community to safe sex." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

NATIONAL CENTRE FOR STD AND LEPROSY CONTROL "Prevalence Survey of ST Infections among female sex Workers and Truck Drivers in China 1999-2000. ." Ministry of Health, People's Republic of China / WHO Press, 2001.

NEEDLE, RICHARD H., ROBERT T. TROTTER, II, MERRILL SINGER, CHRISTOPHER BATES, BRYAN PAGE, DAVID METZGER, and LOUIS MARCELIN. "Rapid assessment of the HIV/AIDS crisis in racial and ethnic minority communities: an approach for timely community interventions." *American Journal of Public Health* 93, no. 6 (2003): 970-979.

NEGASH, T., and A. TESFAZION. "Head of epidemiology & monitoring of HIV/AIDS/STI & TB in NATCod, MOH M.D, Msc in epidemiology. Abstract no. CDC0265 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

NEIBURG, FEDERICO. "Espaços nacionais de circulação internacional de idéias." *MANA* 8, no. 1 (2002): 165-179.

NELSON, CARO MÉNDEZ. "Vínculos y efectos de la globalización en la organización social, económica y en la prevalencia de malaria en la

Región Costera de Livingston, Guatemala." *Cadernos de Saúde Publica* 23, no. Suplemento 1 (2007): S65-S73.

NELSON, LISE, and JONI SEAGER. *A companion to feminist geography, Blackwell companions to geography* ; Malden, MA: Blackwell Pub., 2005.

NELSON, NANCY L. "Ideologies of Aid, Practices of Power: Lessons for Medicaid Managed Care." *Medical Anthropology Quarterly* 19, no. 1 (2005): 103-122.

NELSON, PAUL, and ELLEN DORSEY. "New Rights Advocacy in a Global Public Domain." *European Journal of International Relations* 13, no. 2 (2007): 187-216.

NEMES, MARIA INÊS BAPTISTELLA. "Avaliação em saúde: questões para os programas de DST/AIDS no Brasil." In *Coleção ABIA, Série Fundamentos da Avaliação*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2000.

NEMES, MARIA INES BAPTISTELLA, ELEN ROSE LODEIRO CASTANHEIRA, REGINA MELCHIOR, MARIA TERESA SEABRA SOARES DE BRITTO E ALVES, and CÂRITAS RELVA BASSO. "Avaliação da qualidade da assistência no programa de AIDS: questões para a investigação em serviços de saúde no Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 20 (2004): S310-S321.

NEPAL, B., G. MASKEY, L. B. ACHARYA, P. J. PELTO, J. L. ROSS, M. SHRESTHA, S. DEVKOTA, and A. TAMANG. "Access to health services, care seeking behavior and reasons for non-treatment among transport workers with symptoms of sexually transmitted infections in six towns of Nepal. Abstract no. TuPeD5106 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

NESSA, K., N. ISLAM, R. ALAM, T. GOLAM, A. ALAM, and O. BEGUM. "Towards delivering of quality STD management services to "hard to reach areas" " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.

NESSA, K., N. ISLAM, R. ALAM, T. GOLAM, A. ALAM, and O. BEGUM. "Towards delivering of quality STD management services to "hard to reach areas". Abstract no. MoPeF3893." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

NEUPANE, M. R., and M. R. CHAUDHARY. "Importance of common cross border strategy for HIV/AIDS/STIs prevention . Abstract no. WePeE6473 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

NEVES, EDNALVA MACIEL. "Alquimia moderna: cultura e racionalidade do risco entre epidemiologistas." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

- NIANG, C. I., and H. BOIRO. "Roundtable: "You Can Also Cut My Finger!": Social Construction of Male Circumcision in West Africa, A Case Study of." *Reproductive Health Matters* 15, no. 29 (2007): 22-32.
- NIAZI, W., and R. GORDON. "Stop Afghan AIDS (SAA). Abstract no. THPE0254 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- NIBA, MERCY BI, and J. MARYANN GREEN. "Major Factors Influencing HIV/AIDS Project Evaluation." *Evaluation Review* 29, no. 4 (2005): 313-330.
- NICHOLLS, LILLY. "Birds of a feather? UNDP and ActionAid implementation of Sustainable Human Development." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand. London: Oxfam UK, 2000.
- NIEHAUS, ISAK, and GUNVOR JONSSON. "Dr. Wouter Basson, Americans, and Wild Beasts: Men's Conspiracy Theories of HIV/AIDS in the South African Lowveld." *Medical Anthropology* 24, no. 2 (2005): 179 - 208.
- NORDYKE, ROBERT J., and JOHN W. PEABODY. "Market reforms and public incentives: finding a balance in the Republic of Macedonia." *Social Science & Medicine* 54 (2002): 939-953.
- NOVAES, H. M. D., and SERVICES WORLD BANK DEVELOPMENT RESEARCH GROUP. PUBLIC. *The Potential Demand for an HIV/AIDS Vaccine in Brazil: World Bank, Development Research Group, Public Services*, 2002.
- NOVAES, REGINA. "Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas." *Revista Sociologia Especial - Ciência e Vida* 1, no. 2 (2007).
- NUNN, AMY S., ELIZE M. FONSECA, FRANCISCO I. BASTOS, SOFIA GRUSKIN, and JOSHUA A. SALOMON. "Evolution of Antiretroviral Drug Costs in Brazil in the Context of Free and Universal Access to AIDS Treatment." *PLOS Med* 4, no. 11 (2007): 1804-1817.
- NUTI, PAUL J. "Close Encounters of the UN Kind." *Anthropology News* 46, no. 4 (2005): 30-30.
- . "Close Encounters of the UN Kind." *Anthropology News* 46, no. 4 (2005): 30-30.
- NYAMURYEKUNG'E, K., U. LAUKAMM-JOSTEN, B. VUYLSTEKE, C. MBUYA, C. HAMELMANN, A. OUTWATER, R. STEEN, D. OCHENG, A. MSAUKA, and G. DALLABETTA. "STD services for women at truck stop in Tanzania: evaluation of acceptable approaches." *East African Medical Journal* 74, no. 6 (1997): 343-347.
- NYAMWAYA, D. O. "Anthropology and HIV/AIDS prevention in Kenya. New ways of cooperation." *AIDS Soc* 4, no. 4 (1993): 4-8.

- O'LEARY, ANN. *Beyond Condoms: Alternative Approaches to HIV Prevention*. New York: KLUWER ACADEMIC PUBLISHERS, 2002.
- O'NEIL, JOHN, TREENA ORCHARD, R.C. SWARANKAR, JAMES F. BLANCHARD, KAVERI GURAV, and STEPHEN MOSES. "Dhandha, dharma and disease: traditional sex work and HIV/AIDS in rural India." *Social Science & Medicine* 59 (2004): 851-860.
- OBERMEYER, CARLA MAKHLOUF. "Refraining Research on Sexual Behavior and HIV." *Studies in Family Planning* 36, no. 1 (2005): 1-12.
- OCHIENO, I. N. "HIV/AIDS peer education for men in the informal sector in Western Kenya. Abstract no. C10990." Paper presented at the The XV International AIDS Conference Bangkok, Thailand 2004.
- ODE, O. D. E. "Community based service approach In HIV/AIDS prevention . Abstract no. D11157 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- ODUWOLE, M., O. A. JEMINUSI, O. I. ADEROGBA, and O. B. OKUBOYEJO. "Influence of Long Distance Truck Drivers (LDTD's) HIV/AIDS Knowledge and Attitude on the use of Condoms. Abstract no. ThPeD7686." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- OJIAMBO-OCHIENG, R. "Scaling up HIV/AIDS workplace interventions by transport workers: the experience of the international transport workers federation in Africa. Abstract no. THPE0923 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- OKIE, SUSAN. "Fighting HIV -- Lessons from Brazil." *The New England Journal of Medicine* 354, no. 19 (2006): 1977-1981.
- OKIGBO, CHARLES, CAROL A. OKIGBO, WILLIAM B. HALL JR, and DHYANA ZIEGLER. "The HIV/AIDS Epidemic in African American Communities: Lessons from UNAIDS and Africa." *Journal of Black Studies* 32, no. 6 (2002): 615-653.
- OKONOFUA, F. E., P. COPLAN, S. COLLINS, F. ORONSAYE, D. OGUNSAKIN, J. T. OGONOR, J. A. KAUFMAN, and K. HEGGENHOUGEN. "Impact of an intervention to improve treatment-seeking behavior and prevent sexually transmitted diseases among Nigerian youths." *Int J Infect Dis* 7, no. 1 (2003): 61-73.
- OKONOFUA, F. E., J. I. OGONOR, F. I. OMORODION, M. T. TEMIN, P. A. COPLAN, J. A. KAUFMAN, and H. K. HEGGENHOUGEN. "Assessment of health services for treatment of sexually transmitted infections among Nigerian adolescents." *Sex Transm Dis* 26, no. 3 (1999): 184-190.
- OKORO, O. D., B. AMUSA, U. PIUS, J. SHOBANDE, A. AINA, and M. JOEL. "Community mobilisation: an entry point for youth friendly VCT services

in mainland, Lagos. Abstract no. ThPeE8106 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

OLESEN, THOMAS. "'In the Court of Public Opinion': Transnational Problem Construction in the HIV/AIDS Medicine Access Campaign, 1998–2001." *International Sociology* 21, no. 1 (2006): 5-30.

OLIFFE, JOHN, and JOAN L. BOTTORFF. "Innovative practice : Ethnography and men's health research." *The Journal of men's health and gender* 3, no. 1 (2006): 104-108.

OLIFFE, JOHN, and LAWRENCE MROZ. "Men interviewing men about health and illness: ten lessons learned." *The Journal of Men's Health & Gender* 2, no. 2 (2005): 257-260.

OLIFFE, JOHN L., and JOAN L. BOTTORFF. "Further Than the Eye Can See? Photo Elicitation and Research With Men." *Qual Health Res* 17, no. 6 (2007): 850-858.

OLIFFE, JOHN L. , SUKI GREWAL, JOAN L. BOTTORFF, HAIDA LUKE, and HARSHBIR TOOR. "Elderly South Asian Canadian Immigrant Men: Confirming and Disrupting Dominant Discourses About Masculinity and Men's Health." *Family & Community Health. Immigrant/Migrant Health Issues* 30, no. 3 (2007): 224-236.

OLIFFE, JOHN L., MICHAEL HALPIN, JOAN L. BOTTORFF, T. GREGORY HISLOP, MICHAEL MCKENZIE, and LAWRENCE MROZ. "How Prostate Cancer Support Groups Do and Do Not Survive: British Columbian Perspectives." *American Journal of Men's Health* 20, no. 10 (2007).

OLIVA, MABEL LÓPEZ. "Violencia familiar en la Ciudad de Buenos Aires: Un estudio sobre la dinámica de relación entre organizaciones no gubernamentales, poder judicial y otros servicios estatales frente a las denuncias judiciales." *Cuadernos de CLASPO- Argentina* 5 (2006): 1-53.

OLIVEIRA, DANIELA BARBOSA DE, and PAULO EDUARDO GOMES BENTO. "O caminhoneiro, a estrada e o trabalho." In *Saúde e Segurança no Trabalho: Novos Olhares e Saberes*, edited by Celso Amorim Salim, 235-250. Belo Horizonte: Fundacentro/Universidade Federal de São João Del Rei, 2003.

OLIVEIRA, ELEONORA MENICUCCI DE, ROSANA MACHIN BARBOSA, ALEXANDRE ANÍBAL VALVERDE M. DE MOURA, KAREN VON KOSSEL, KARINA MORELLI, LUCIANE FRANCISCA FERNANDES BOTELHO, and MARISTELA STOIANOV. "Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo." *Revista de Saúde Pública* 39 (2005): 376-382.

OLIVEIRA, MARIA AUXILIADORA, ÂNGELA FERNANDES SOARES DO COUTO ESHER, ELIZABETH MOREIRA DOS SANTOS, MARLY APARECIDA ELIAS COSENDEY, VERA LUCIA LUIZA, and JORGE A. Z. BERMUDEZ. "Avaliação da assistência farmacêutica às pessoas

vivendo com HIV/AIDS no Município do Rio de Janeiro." Cadernos de Saúde Pública 18 (2002): 1429-1439.

OLIVEIRA, MARIA INÊS COUTO DE, and LUIZ ANTONIO BASTOS CAMACHO. "Impacto das unidades básicas de saúde na duração do aleitamento materno exclusivo." Revista Brasileira de Epidemiologia 5 (2002): 41-51.

O'MALLEY, MICHAEL S., JO ANNE EARP, SARAH T. HAWLEY, MICHAEL J. SCHELL, HOLLY F. MATHEWS, and JIM MITCHEL. "The association of race/ethnicity, socioeconomic status, and physician recommendation for mammography: who gets the message about breast cancer screening?" American Journal of Public Health 91, no. 1 (2001): 49-54.

ONANA-EKEMBENE, J.-A., M. C. BEAUCHAMP, and A. DILLOW. "An adult education approach to HIV/AIDS prevention: reaching mobile groups in Cameroon. Abstract no. CDC1725 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

ONANA-EKEMBENE, J.-A., A. DILLOW, and M. C. BEAUCHAMP. "The impact of HIV/AIDS programming for truck drivers in Cameroon from 1997 to 2004." Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

O'NEILL, JOHN. Plato's cave : television and its discontents. Rev. ed, Hampton Press communication series. Critical bodies. Cresskill, N.J.: Hampton Press, 2002.

ORTNER, SHERRY B. "Fieldwork in the Postcommunity." Anthropology & Humanism 22, no. 1 (1997): 61-80.

OSTROWER, ISABEL MILANEZ. "'Fazendo do limão uma limonada': moralidades, estratégias e emoções entre vendedores ambulantes nos ônibus do Rio de Janeiro." UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2007.

OTANI, MARCIA M., NANJI A. SALLES, ANGELA M. E. BARRETO, CLAUDIA C. BARRETO, DALTON F. CHAMONE, and ESTER C. SABINO. "Evaluation of the concomitant use of two different EIA tests for HIV screening in blood banks." Revista Panamericana de Salud Pública 13 (2003): 172-175.

OUELLET, LAWRENCE J. Pedal to the Metal: The work lives of truckers. Edited by Paula Rayman and Carmen Sirianni, Labor and Social Change. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

OUMA, N. M., B. ANAYO, and R. OJIAMBO-OCHIENG. "HIV/AIDS prevention and care for transport workers in Uganda . Abstract no. ThPeF8071 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- OUTRAM, S. M., and G. T. H. ELLISON. "Anthropological insights into the use of race/ethnicity to explore genetic contributions to disparities in health." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 83-102.
- OWEN, JOHN M. "Focusing Evaluative Inquiry: Evaluation Forms and Approaches." In *Program Evaluation: Forms and Approaches*, edited by John M. Owen, 39-62: The Guilford Press, 2007.
- PAICHELER, GENEVIÈVE. "General population and HIV prevention: from risk to action." *Cadernos de Saúde Pública* 15, no. Suplemento 2 (1999): S93-S105.
- PAIVA, VERA. "Analysing sexual experiences through "scenes": a framework for the evaluation of sexuality education." *Sex Education* 5, no. 4 (2005): 345 - 358.
- PAIVA, V., J. R. AYRES, C. M. BUCHALLA, and N. HEARST. "Building partnerships to respond to HIV/AIDS: non-governmental organizations and universities." *AIDS* 16, no. Suppl 3 (2002): S76-S82.
- PAIVA, VERA, LIGIA RIVERO PUPO, and RENATO BARBOZA. "O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil." *Revista de Saúde Pública* 40 (2006): 109-119.
- PAIVA, V., L. R. PUPO, and R. BARBOZA. "The right to prevention and the challenges of reducing vulnerability to HIV in Brazil." *Revista de Saúde Pública* 40 (2006): 109-119.
- PAJO, ERIND. *International Migration, Social Demotion, and Imagined Advancement. An Ethnography of Socioglobal Mobility*. New York: Springer Science+Business Media, 2008.
- PALONSKY, STUART B. "Hempies and Squeaks, Truckers and Cruisers—A Participant Observer Study in a City High School." *Educational Administration Quarterly* 11, no. 2 (1975): 86-103.
- PANCHAUD, CHRISTINE, VANESSA WOOG, SUSHEELA SINGH, JACQUELINE E. DARROCH, and AKINRINOLA BANKOLE. "Issues in Measuring HIV Prevalence: The Case of Nigeria." *African Journal of Reproductive Health / La Revue Africaine de la Sante Reproductive* 6, no. 3 (2002): 11-29.
- PANDA, B. "Prevalence of Sexually Transmitted Infections and HIV among long distance truckers of Eastern India. Poster Exhibition. Abstract No. WePeC6178." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.
- PANDEY, R., and V. P. PANDEY. "Common sexual practices of Indian women in HIV /AIDS era-study from Central India . Abstract no. C10743 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- PANDYA, S., and E. NORONHA. "A baseline understanding of MSM commercial sex activity at Mumbai truck terminals. Abstract no. WePpC2070 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- PAREDES, J. ANTHONY. "The influences of government policies and academic theories on the practice of applied anthropology in the United States: Some personal observations." *Human Organization* 56, no. 4 (1997): 484.
- PARKER, B. A., S. LAVER, L. ZONDEISA, and P. MOSES. "Risky business: sexual behavior among a high-risk population in Malawi. Abstract no. D12730 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- PARKER, MELISSA. "CORE GROUPS AND THE TRANSMISSION OF HIV: LEARNING FROM MALE SEX WORKERS." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 117-131.
- PARKER, MELISSA, and IAN HARPER. "The Anthropology of Public Health." *Journal of Biosocial Science* 38, no. 1 (2006): 1-5.
- PARKER, RICHARD. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Translated by Rytá Vinagre. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- . "Administering the Epidemic: HIV/AIDS Policy, Models of Development, and International Health." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 39-56. Boulder, CO (USA): Lynne Rienner Publishers, 2000.
- . *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston: Beacon, 1991.
- . "The global HIV/AIDS pandemic, structural inequalities, and the politics of international health." *American Journal of Public Health* 92, no. 3 (2002): 343-346.
- . "HIV/Aids: avaliação democrática e a construção coletiva do conhecimento." *Revista de Saúde Pública* 36 (2002): 2-3.
- . *Na Contramão da AIDS: Sexualidade, intervenção, política*. 1 ed. Rio de Janeiro ; São Paulo: ABIA ; Editora 34, 2000.
- PARKER, RICHARD, (ORG.). *Políticas, instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ; ABIA, 1997.
- PARKER, RICHARD. "Prefácio." In *RESPOSTAS AOS DESAFIOS DA AIDS NO BRASIL: LIMITES E POSSIBILIDADES*, edited by Mary Garcia Castro and Lorena Bernadete Da Silva, 608. Brasília, DF: UNESCO / Ministério da Saúde, 2005.

- . "SEXUALITY, CULTURE, AND POWER IN HIV/AIDS RESEARCH." *Annual Review of Anthropology* 30, no. 1 (2001): 163-179.
- PARKER, RICHARD, and PETER AGGLETON. "HIV and AIDS-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action." *Social Science & Medicine* 57, no. 1 (2003): 13-24.
- PARKER, RICHARD, (ORG.), and REGINA MARIA BARBOSA, (ORG.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996.
- PARKER, RICHARD, and KENNETH ROCHEL DE CAMARGO, JR. "Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos." *Cad Saude Publica* 16, no. Suplemento 1 (2000): S89-S102.
- PARKER, RICHARD, (ORG.), and SONIA CORRÊA, (ORG.). *Sexualidade e Política na América Latina, Textos apresentados no Seminário Sexualidade e Política na América Latina, realizado no Rio de Janeiro, em Julho de 2001*. Rio de Janeiro: ABIA, 2003.
- PARKER, RICHARD, and ANKE A. EHRHARDT. "Through an Ethnographic Lens: Ethnographic Methods, Comparative Analysis, and HIV/AIDS Research." *AIDS and Behavior* 5, no. 2 (2001): 105-114.
- PARKER, RICHARD , (ORG.), JANE GALVÃO, (ORG.), and MARCELO SECRON BESSA, (ORG.). *Saúde, desenvolvimento e política: respostas frente à AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro; São Paulo: ABIA; Editora 34, 1999.
- PARKER, RICHARD, JANE GALVÃO, MARIA CRISTINA PIMENTA, and VERIANO TERTO, JR. "Aprimorando o Debate: respostas sociais frente à AIDS." Paper presented at the Seminário Conquistas e Desafios na Assistência ao HIV/AIDS, Rio de Janeiro 2002.
- PARKER, RICHARD G. "Bodies and Pleasures: On the Construction of Erotic Meanings in Contemporary Brazil." *Anthropology & Humanism Quarterly* 14, no. 2 (1989): 58-64.
- PARKER, R. G., D. EASTON, and C. H. KLEIN. "Structural barriers and facilitators in HIV prevention: a review of international research." *AIDS* 14, no. Suppl 1 (2000): S22-S32.
- PARVEZ, I. "Effective intervention with Trucker's Project for prevention of HIV/AIDS in North East India - a success story. Abstract no. F12476." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- PARVEZ, I. . "Effective intevention with Trucker's Project for prevention of HIV/AIDS in North East India - a success story " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.

- PASSADOR, L. H., L. GUIRÃO, JÚNIOR, T. C. PINTO, C. A. BARREIROS, and E. FEITOSA. "Pe no Breque--prevention of STD/HIV among truck drivers in the city of Sao Paulo--Brazil. Abstract no. 43255." Paper presented at the The XII International AIDS Conference, Geneva, Switzerland, June 28 - July 3 1998.
- PASSARELLI, CARLOS ANDRÉ, (ORG.), RICHARD PARKER, (ORG.), CRISTINA PIMENTA, (ORG.), and VERIANO TERTO, JR. (ORG.). AIDS e desenvolvimento: interfaces e políticas públicas. Rio de Janeiro: ABIA, 2003.
- PATEL, P., and B. SOLANKI. "Truck drivers: a bridging population - knowledge and practices which make them vulnerable to HIV transmission." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- PAUL, BIMAL KANTI. "AIDS in Asia." *Geographical Review* 84, no. 4 (1994): 367-379.
- PAULOS, JOHN ALLEN. *A mathematician reads the newspaper*. New York: BasicBooks, 1995.
- PEARCE, JENNY. "Development, NGOs, and civil society: the debate and its future." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 15-43. London: Oxfam UK, 2000.
- PEARCE, LISA. "Combining Qualitative and Quantitative Methods: Introduction and Overview." 1-4. Michigan: University of Michigan, 2007.
- PEARSON, ROBERT W., and LAWRENCE W. SHERMAN. "The Achievements, Frustrations, and Promise of the Social Sciences." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 600 (2005): 6-13.
- PECHANSKY, FLAVIO, DIEGO GARCIA BASSANI, LISIA VON DIEMEN, FÉLIX KESSLER, CARL G. LEUKEFELD, HILARY L. SURRETT, JAMES A. INCIARDI, and STEVEN S. MARTIN. "Using thought mapping and structured stories to decrease HIV risk behaviors among cocaine injectors and crack smokers in the South of Brazil." *Revista Brasileira de Psiquiatria* 29 (2007): 233-240.
- PECHANSKY, FLAVIO, CLAUDIA MACIEL SZOBOT, and SANDRA SCIVOLETTO. "Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos." *Revista Brasileira de Psiquiatria* 26 (2004): 14-17.
- PECHENY, M. "La investigación sobre sida y HSH en América Latina y el Caribe: políticas públicas y derechos humanos." Miami: XXII Congreso de LASA, 2000.

- PECHENY, MARIO. "Sociability, secrets and identities: Key issues in sexual politics in Latin America." In Seminar of ILAS, University of Columbia. New York, 2004.
- PELS, DICK. "Privileged Nomads: On the Strangeness of Intellectuals and the Intellectuality of Strangers." *Theory Culture Society* 16, no. 1 (1999): 63-86.
- PELTO, PERTTI J. "Building social sciences and health research: A decade of technical assistance in South Asia." *Human Organization* 61, no. 3 (2002): 189-195.
- PÉREZ Y GONZÁLEZ, MARÍA. *Puerto Ricans in the United States*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2000.
- PERIM, EDUARDO BRÁS, and AFONSO DINIS COSTA PASSOS. "Hepatite B em gestantes atendidas pelo Programa do Pré-Natal da Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, Brasil: prevalência da infecção e cuidados prestados aos recém-nascidos." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 8 (2005): 272-281.
- PERREAULT, THOMAS. "Developing Identities: Indigenous Mobilization, Rural Livelihoods, and Resource Access in Ecuadorian Amazonia." *Cultural Geographies* 8, no. 4 (2001): 381-413.
- PERRIN, L., L. KAISER, and S. YERLY. "Travel and the spread of HIV-1 genetic variants." *The Lancet Infectious Diseases* 3, no. 1 (2003): 22-27.
- PETERSEN, DANA M. "The Potential of Social Capital Measures in the Evaluation of Comprehensive Community-Based Health Initiatives." *American Journal of Evaluation* 23, no. 1 (2002): 55-64.
- PETTIGREW, ANDREW M., EWAN FERLIE, and LORNA MCKEE. *Shaping strategic change : making change in large organizations : the case of the National Health Service*. London ; Newbury Park: Sage Publications, 1992.
- PFEIFFER, JAMES. "Civil Society, NGOs and the Holy Spirit in Mozambique." *Human Organization* 63, no. 3 (2004): 359-372.
- . "International NGOs and primary health care in Mozambique: the need for a new model of collaboration." *Social Science & Medicine* 56 (2003): 725-738.
- . "International NGOs in the Mozambique Health Sector: The "Velvet Glove" of Privatization." In *Unhealthy Health Policy: A Critical Anthropological Examination*, edited by Arachu Castro and Merrill Singer, 43-62. Walnut Creek (MA): Altamira Press, 2004.
- PFEIFFER, LUCI, and EDILA PIZZATO SALVAGNI. "Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência." *Jornal de Pediatria* 81 (2005): s197-s204.

- PHAM, D. T. "Experience from applying a behavior changing communication model for HIV/STI prevention towards mobile population in Haiphong - Vietnam. Abstract no. ThPeG8381." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- PHAM, N. B. "Approaches to control the spread of HIV/AIDS in southeast Asia region Lessons Learned from a regional HIV/AIDS project targeted in international border areas. Abstract no. MoPeF3942 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- PHILIPSON, TOMAS J., and RICHARD A. POSNER. Private choices and public health : the AIDS epidemic in an economic perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.
- PHILLIPS, PETER, and PROJECT CENSORED (U.S.). Censored 2006 : the top 25 censored stories. New York: Seven Stories Press, 2005.
- PHIMPHACHANH, C., S. INSISIENGMAY, T. SAIDEL, P. PHETVIXAY, N. THUY, P. SIRIVONG, S. HERSEY, R. MENZIES, and J. GALLWEY. "Early days? HIV and STI prevalence in vulnerable populations in the Lao P.D.R. Abstract no. ThPeC7590 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- PIERRET, JANINE. "Everyday life with AIDS/HIV: surveys in the social sciences." *Social Science & Medicine* 50, no. 11 (2000): 1589-1598.
- PILLSBURY, BARBARA. "Nongovernmental Organizations and Local Development . Michael M. Cernea." *American Anthropologist* 93, no. 1 (1991): 211-212.
- PINA-CABRAL, JOÃO DE. "'Anthropology" challenged: notes for a debate." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 12 (2006): 663-673.
- PINKERTON, STEVEN D., and DAVID R. HOLTGRAVE. "Assessing the Cost-effectiveness of Alternative Approaches to HIV Prevention." In *Beyond Condoms: Alternative Approaches to HIV Prevention*, edited by Ann O'leary, 139-171. New York: KLUWER ACADEMIC PUBLISHERS, 2002.
- PINOTTI, JOSÉ ARISTODEMO, MARIA LÚCIA VIEIRA ALVES ANDREOTTI TOJAL, ANTÔNIO CARLOS TOSHIHIRO NISIDA, and MARIANNE PINOTTI. "Comprehensive Health Care for Women in a Public Hospital in Sao Paulo, Brazil." *Reproductive Health Matters* 9, no. 18 (2001): 69-78.
- PINTO, CELI REGINA JARDIM. "As ONGs e a Política no Brasil: Presença de Novos Atores." *DADOS - Revista de Ciências Sociais* 49, no. 3 (2006): 651-670.
- PINTO, DIANA DE SOUZA, CLAUDIO GRUBER MANN, MILTON WAINBERG, PAULO MATTOS, and SUELY BROXADO DE OLIVEIRA. "Sexualidade e vulnerabilidade ao HIV em saúde mental: um estudo de base etnográfica de instituições psiquiátricas." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. 9 (2007).

- PISANI, ELIZABETH. "AIDS into the 21st Century: Some Critical Considerations." *Reproductive Health Matters* 8, no. 15 (2000): 63-76.
- PODHISITA, C., M. J. WAWER, A. PRAMUALRATANA, U. KANUNGSUKKASEM, and R. MCNAMARA. "Multiple sexual partners and condom use among long-distance truck drivers in Thailand." *AIDS Education and Prevention: official publication of the International Society for AIDS Education* 8, no. 6 (1996): 490-498.
- POKU, NANA. *Regionalization and security in Southern Africa, International political economy series*. New York: Palgrave, 2001.
- POKU, NANA, and ALAN WHITESIDE. "25 years of living with HIV/AIDS: challenge and prospects." *International Affairs* 80, no. 2 (2006).
- . *The political economy of AIDS in Africa, Global health*. Aldershot, Hants, England ; Burlington, VT: Ashgate, 2004.
- POLAINE-BROWN, L. H. "Baseline behavioural survey of long distance truck drivers, sex workers and community members in 3 provinces of Mozambique; Nampula, Tete and Zambezia. Abstract no. TuPeD5222 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- POLLAK, MICHAEL. "Memória e Identidade Social." *Estudos Históricos* 5, no. 10 (1992): 200-212.
- POLLETTA, FRANCESCA, and JAMES M. JASPER. "Collective Identity and Social Movements." *Annual Review of Sociology* 27 (2001): 283-305.
- PONTIERI, MARIA JOSÉ, MARIA LÚCIA FERRARI CAVALCANTI, and YARO R. GANDRA. "Avaliação do aproveitamento escolar de pré-escolares do Programa Centro de Educação e Alimentação do Pré-Escolar." *Revista de Saúde Pública* 15 (1981): 148-158.
- POPE, CATHERINE, SUE ZIEBLAND, and NICHOLAS MAYS. "Qualitative research in health care: Analysing qualitative data." *BMJ* 320 (2000): 114-116.
- PORTER, GINA. "NGOs and poverty reduction in a globalizing world: perspectives from Ghana." *Progress in Development Studies* 3, no. 2 (2003): 131-145.
- PORTER, JOHN, JESSICA OGDEN, and PAUL PRONYK. "Infectious disease policy: towards the production of health." *Health Policy and Planning* 14, no. 4 (1999): 322-328.
- PORTER, JOHN D. H. "EPIDEMIOLOGICAL REFLECTIONS OF THE CONTRIBUTION OF ANTHROPOLOGY TO PUBLIC HEALTH POLICY AND PRACTICE." *Journal of Biosocial Science* 38 (2006): 133-144.

- PORTO, MADGE, CECILIA MCCALLUM, RUSSELL PARRY SCOTT, and HELOÍSA M. MENDONÇA DE MORAIS. "A saúde da mulher em situação de violência: representações e decisões de gestores/as municipais do Sistema Único de Saúde." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): S243-S252.
- PORTO, MARCELO FIRPO DE SOUZA. "VULNERABILIDADE E SITUAÇÕES DE RISCO EM GRUPOS POPULACIONAIS EXPOSTOS A RISCOS OCUPACIONAIS E AMBIENTAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO. GT População e Meio Ambiente. Poster com Apresentação Oral. ." In *International Union for Scientific Study of Population* Salvador, BA: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2001.
- PORTO, MAURO PEREIRA. "Lutando contra a AIDS entre meninas adolescentes: os efeitos da Campanha de Carnaval de 2003 do Ministério da Saúde do Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 21 (2005): 1234-1243.
- POSSAS, CRISTINA. *Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em DST, HIV e AIDS no Brasil*. Brasília, DF: MINISTÉRIO DE SAÚDE, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids, Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, 2005.
- POUNDSTONE, K. E., S. A. STRATHDEE, and D. D. CELENTANO. "The Social Epidemiology of Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome." *Epidemiol Rev* 26, no. 1 (2004): 22-35.
- PRENDERGAST, JOHN. *Crisis response : humanitarian band-aids in Sudan and Somalia*. London ; Chicago, Ill.: Pluto Press : with Center of Concern, 1997.
- PRESS, IRWIN. "The quality movement in U.S. health care: Implications for anthropology." *Human Organization* 56, no. 1 (1997): 1-8.
- PRICE, DAVID. "Lessons from Second World War anthropology: Peripheral, persuasive and ignored contributions." *Anthropology Today* 18, no. 3 (2002): 14-20.
- PRICE, DAVID H. "Subtle Means and Enticing Carrots: The Impact of Funding on American Cold War Anthropology." *Critique of Anthropology* 23, no. 4 (2003): 373-401.
- PRICE, NEIL. "The performance of social marketing in reaching the poor and vulnerable in AIDS control programmes." *Health Policy Plan*. 16, no. 3 (2001): 231-239.
- PRICE, NEIL, and KIRSTAN HAWKINS. "Researching sexual and reproductive behaviour: a peer ethnographic approach." *Social Science & Medicine* 55, no. 8 (2002): 1325-1336.
- PRITCHETT, JACK. "Nigerian Truck Art." *African Arts* 12, no. 2 (1979): 27-31.

- PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS. "85ª Reunião Ordinária da CNAIDS. 22 de Maio de 2007. Brasília – DF (Hotel Saint Paul. Setor Hoteleiro Sul. Quadra 02, Bloco "H".) Coordenação: Drª Mariângela Simão, Diretora do PN-DST/Aids." edited by Cnaids: Ministério da Saúde, Brasil, 2007.
- . "Articulação com a Sociedade Civil e Direitos Humanos - SCDH." edited by Secretaria De Políticas De Saúde Cn-Dst E Aids Scdh: Ministério da Saúde, 2001.
- . "Boletim Epidemiológico - AIDS e DST." 52. Brasília, DF: Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, 2004.
- . "Boletim Epidemiológico DST/AIDS, ano III, número 1, 01 à 26a semanas epidemiológicas, janeiro a junho de 2006." In Boletim Epidemiológico DST/AIDS, edited by Secretaria De Vigilância Em Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Brasil, 2006.
- . "Campanhas de massa e ações de impacto." edited by Educação E Comunicação (Iec) Subcomponente Informação: Ministério da Saúde, 2001.
- . "Campanhas de massa e ações de impacto. ." edited by Programa Nacional De Dst Unidade De Prevenção, Hiv E Aids, Ministério Da Saúde. : Ministério da Saúde, Brasil, 2004.
- . "Concorrência Descentralizada do Rio Grande do Sul, Outubro de 2000. ." <http://www.aids.gov.br/c-geral/ong/riograndedosul.htm>.
- . "Descentralização." Ministério da Saúde, Brasil, <http://www.aids.gov.br/final/parcerias/descentraliza.asp>.
- . "Distribuição dos Projetos de ONG apoiados - 1993-1998/Junho." Brasília, DF: Ministério da Saúde, Brasil, 1998.
- . "Instruções para a Aplicação de Recursos Destinados ao Financiamento de Projetos Aprovados pelo Programa Nacional de DST/AIDS. Aplica-se na execução dos subprojetos firmados pelos instrumentos jurídicos: - Contratos de Financiamento de Atividades – UNESCO; - Termos de Cooperação – UNODC; e - Outros." edited by Programa Nacional De Dst E Aids Unidade Central De Projetos - Ucp, Secretaria De Vigilância Em Saúde: Ministério da Saúde, 2004.
- . "Lona pro caminhão - Camisinha pro caminhoneiro." Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.
- . "Missão do Programa Nacional, Política de Incentivo." Ministério da Saúde, <http://www.AIDS.gov.br/data/Pages/LUMIS7A1D4F9DITEMIDDC40E14B314B4E44BB040EA6B6B9841CPTBRIE.htm>.
- . "Perfil da AIDS no Brasil." 17. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

- . "Política de Reconhecimento e Apoio às Organizações da Sociedade Civil que Atuam Contra a AIDS." edited by Secretaria De Políticas De Saúde Cn-Dst E Aids / Scdh: Ministério da Saúde, Brasil 2001.
- . "Proposta de sítios-sentinela para estudo de soroprevalência do HIV na população indígena."
- . "Questionário para avaliação de programas de prevenção das DST/aids."
- . "Resposta Brasileira. 2005/2007. Relatório de Progresso do País." In Metas e Compromissos assumidos pelos Estados-Membros na Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas em HIV/Aids. UNGASS – HIV/Aids. , 208. Brasília, DF: Ministério da Saúde do Brasil, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids, 2008.
- . "Sustentabilidade: aids e sociedade civil em debate." In Série Parcerias e Mobilização Social nº 5, edited by Cristina Câmara, 122. Brasília, DF: MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2004.
- PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, ARISTIDES BARBOSA, JR., and JACQUELINE ROCHA CÔRTEZ. Metas e Compromissos assumidos pelos Estados-Membros na Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas em HIV/Aids. UNGASS – HIV/Aids. Resposta Brasileira 2001/2005. Brasília, DF: Ministério da Saúde do Brasil; Secretaria de Vigilância em Saúde; Programa Brasileiro de DST e Aids, 2006.
- PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, PAULO ROBERTO TEIXEIRA, and MIRIAM VENTURA SILVA. "Legislação sobre DST e AIDS no Brasil." edited by Programa Nacional De Dst Hiv E Aids, 1153: Ministério da Saúde, Brasil, 2003.
- PROGRAMA NACIONAL DE DST HIV E AIDS, and UNAIDS. "Intensificando a prevenção ao HIV. Documentação Referencial. Políticas de Prevenção ao HIV/AIDS. UNAIDS." 38. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.
- PUENTE, MANUEL DE LA. "Census 2000 Testing, Experimentation, and Evaluation. Program Topic Report No. 15, TR-15, Census 2000 Ethnic Studies." U. S. Census Bureau, Washington, DC, 2004.
- PULERWITZ, JULIE, GARY BARKER, MÁRCIO SEGUNDO, and MARCOS NASCIMENTO. "Promoting More Gender-equitable Norms and Behaviors Among Young Men as an HIV/AIDS Prevention Strategy." In Horizons Final Report, 49. Washington, DC: Population Council, 2006.
- PULERWITZ, J., S. LIPPMAN, M. S. SETÚBAL, M. CHINAGLIA, C. TAKAEOGURA, J. VAN DAM, and J. DÍAZ. "Measuring "compounded" HIV/AIDS stigma among truckers in Brazil. Oral Abstract session: Abstract no. WeOrD1254." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.

- PULERWITZ, J., A. P. MICHAELIS, S. A. LIPPMAN, M. CHINAGLIA, IACUTE, and J. AZ. "HIV-related stigma, service utilization, and status disclosure among truck drivers crossing the Southern borders in Brazil." *AIDS Care* 99999, no. 1 (2008): 1 - 7.
- PUNTENNEY, P. J. "Informing environmental policy making." *Futures* 27, no. 6 (1995): 675.
- PUPO, L. R., V. C. COSTA, M. BERSANI, D. GONÇALVES, and S. CARAVIERI. "STD/AIDS prevention among load transportation workers: strategies and challenges to implement an institutional prevention program with truck drivers " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference 2002.
- PUPO, L. R., V. C. COSTA, M. BERSANI, D. GONÇALVES, and S. CARAVIERI. "STD/AIDS prevention among load transportation workers: strategies and challenges to implement an institutional prevention program with truck drivers . Poster Exhibition: Abstract no. TuPeG5707." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- PUTZEL, JAMES. "The politics of action on AIDS: a case study of Uganda." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 19-30.
- QI, Y., T. MANCHESTER, D. DIAO, J. YANG, and H. XIA. "Innovative interventions with clients of low income sex workers through film parlors in Yunnan province of China." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- QU, S., X. SUN, X. ZHENG, and J. SHEN. "National sentinel surveillance of HIV infection in China from 1995 to 2001 . Abstract no. WePeC6072 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- QUAH, STELLA R. "Four sociologies, multiple roles." *The British Journal of Sociology* 56, no. 3 (2005): 395-400.
- QUINN, THOMAS C. "Population Migration and the Spread of Types 1 and 2 Human Immunodeficiency Viruses." *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 91, no. 7 (1994): 2407-2414.
- RABINOW, PAUL. "Discourse and power: On the limits of ethnographic texts." *Dialectical Anthropology* 10, no. 1-2 (1985): 1-13.
- RABOTNIKOF, NORA. "La caracterización de la sociedad civil: Perspectiva de los bancos multilaterales de desarrollo." *NUEVA SOCIEDAD* 171 (2001): 27-46.
- RACHELLE, M. S. DJANGONE, D. R. TAMBASHE, O. BASILE, and M. R. AMOUZOU AGBESSI. "AIDS Prevention along Migratory Routes in West Africa: Effects of the "Roulez Protege" Campaign among Truckers in

- Burkina Faso and Togo . Abstract no. MoPeD3567." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. "O método comparativo em Antropologia Social." In *Desvendando Máscaras Sociais*, edited by A. Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- RAFAEL, VICENTE L. "Of Mimicry and Marginality: Comments on Anna Tsing's "From the Margins"." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 298-301.
- RAGSDALE, KATHLEEN, WAYNE DIFRANCEISCO, and STEVEN D. PINKERTON. "Where the boys are: Sexual expectations and behaviour among young women on holiday." *Culture, Health & Sexuality* 8, no. 2 (2006): 85 - 98.
- RAHMAN, A., and P. RASHEED. "Targeted marketing to increase access of condom by the HRBP for HIV prevention – experience of social marketing company (SMC), Bangladesh. Abstract no. CDC2028 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- RAHMAN, SABEEL. "Development, Democracy and the NGO Sector: Theory and Evidence from Bangladesh." *Journal of Developing Societies* 22, no. 4 (2006): 451-473.
- RAJENDRAN, R., and B. DEVASIA. "Demographic and clinical profile of 328 HIV seropositives of Kerala, South India: A preliminary report . Abstract no. TuPeC4676 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- RAMALINGAM, V. "HIV/AIDS in India, new trends and Indian Red Cross society response. Abstract no. ThPeD7913 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- RAMIAH, ILAVENIL, and MICHAEL R. REICH. "Building effective public–private partnerships: Experiences and lessons from the African Comprehensive HIV/AIDS Partnerships (ACHAP)." *Social Science & Medicine* 63 (2006): 397-408.
- RAMÍREZ, RAFAEL LUIS. "Nosotros los Boricuas." In *Ediciones de las Mujeres*, edited by Teresa Valdés and Jose Olavarría. Santiago, Chile: Isis Internacional / FLACSO Chile / Ediciones de las Mujeres, N. 24, Junio, 1997.
- RAMJEE, G., and E. GOUWS. "Prevalence of HIV among truck drivers visiting sex workers in KwaZulu-Natal, South Africa." *Sexually transmitted diseases* 29, no. 1 (2002): 44-49.
- RAMOS, HOWARD, JAMES RON, and OSKAR N. T. THOMS. "Shaping the Northern Media's Human Rights Coverage, 1986--2000." *Journal of Peace Research* 44, no. 4 (2007): 385-406.

- RAMOS, SÍLVIA. "O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a AIDS, a saúde da mulher e a saúde mental." *Ciência e Saúde Coletiva* 9, no. 4 (2004): 1067-1078.
- RANDERIA, SHALINI. "Glocalization of Law: Environmental Justice, World Bank, NGOs and the Cunning State in India." *Current Sociology* 51, no. 3-4 (2003): 305-328.
- . "The State of Globalization: Legal Plurality, Overlapping Sovereignities and Ambiguous Alliances between Civil Society and the Cunning State in India." *Theory Culture Society* 24, no. 1 (2007): 1-33.
- RAO, K. S., R. D. PILLI, A. S. RAO, and P. S. CHALAM. "Sexual lifestyle of long distance lorry drivers in India: questionnaire survey." *BMJ* 318, no. 7177 (1999): 162-163.
- RATIS, CRISTIANE DE ALBUQUERQUE SILVA, and MALAQUIAS BATISTA FILHO. "Aspectos estruturais e processuais da vigilância do crescimento de menores de cinco anos em serviços públicos de saúde do Estado de Pernambuco." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 7 (2004): 44-53.
- RATLIFF, E. A. "Women as 'sex workers,' men as 'boyfriends': Shifting identities in Philippine go-go bars and their significance in STD/AIDS control." *Anthropology and Medicine* 6, no. 1 (1999): 79-101.
- RAU, B. "The politics of civil society in confronting HIV/AIDS." *International Affairs* 82, no. 2 (2006): 285-295.
- RAYNAUT, C. "Interdisciplinaridade e promoção da saúde: o papel da antropologia. Algumas idéias simples a partir de experiências africanas e brasileiras." *Rev. bras. epidemiol* 5, no. 1 (2002).
- REDCLIFT, MICHAEL R. "SUSTAINABLE DEVELOPMENT (1987-2005) – AN OXYMORON COMES OF AGE." *Horizontes Antropológicos* 12, no. 25 (2006): 65-84.
- . "Sustainable development (1987-2005): an oxymoron comes of age." *Horizontes Antropológicos* 12 (2006): 65-84.
- REDFIELD, PETER. "Doctors, Borders, and Life in Crisis." *Cultural Anthropology* 20, no. 3 (2005): 328-361.
- REED, MICHAEL C. "Practicing Anthropologist, Evaluator, Father?" *National Association for the Practice of Anthropology Bulletin* 20, no. 1 (2001): 8-11.
- REEDZU, J. "HIV and truck drivers. Abstract no. D12864 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- REGINA, S., U. IRUDAYSAMY, and S. VIJAYALAKSHMI. "HIV prevention intervention programs in blue metal workers, Chennai. Abstract no.

C10670 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.

REICHENHEIM, MICHAEL EDUARDO, and CLAUDIA LEITE MORAES. "Adaptação transcultural do instrumento Parent-Child Conflict Tactics Scales (CTSPC) utilizado para identificar a violência contra a criança." *Cadernos de Saúde Pública* 19 (2003): 1701-1712.

———. "Psychometric properties of the Portuguese version of the Conflict Tactics Scales: Parent-child Version (CTSPC) used to identify child abuse." *Cadernos de Saúde Pública* 22 (2006): 503-515.

REICHENHEIM, MICHAEL E., CLAUDIA LEITE MORAES, and MARIA HELENA HASSELMANN. "Equivalência semântica da versão em português do instrumento Abuse Assessment Screen para rastrear a violência contra a mulher grávida." *Revista de Saúde Pública* 34 (2000): 610-616.

REMY, GÉRARD. "Mobilité des personnes et diffusion du sida en Afrique de l'Ouest." *Espace géographique* 31, no. 3 (2002): 253-263.

RENGER, RALPH, and ALLISON TITCOMB. "A Three-Step Approach to Teaching Logic Models." *American Journal of Evaluation* 23, no. 4 (2002): 493-503.

RENNER, DEBBY A. "Cross-country Truck Drivers: A Vulnerable Population." *Nursing Outlook* 46, no. 4 (1998): 164-168.

REONARD, LORI, IBRAHIMA NDIAYE, ASHA KAPADIA, GEOFF EISEN, OUSMANE DIOP, SOULEYMANE MBOUP, and PHYLLIS KANKI. "HIV PREVENTION AMONG MALE CLIENTS OF FEMALE SEX WORKERS IN KAOLACK, SENEGAL: RESULTS OF A PEER EDUCATION PROGRAM." *AIDS Education & Prevention* 12, no. 1 (2000): 21-37.

REYNOLDS, PAMELA, OLGA NIEUWENHUYS, and KARL HANSON. "Refractions of Children's Rights in Development Practice: A view from anthropology - Introduction." *Childhood* 13, no. 3 (2006): 291-302.

RHODES, LORNA A. "Changing the Subject: Conversation in Supermax." *Cultural Anthropology* 20, no. 3 (2005): 388-411.

RHODES, R. A. W. "Everyday Life in a Ministry: Public Administration as Anthropology." *The American Review of Public Administration* 35, no. 1 (2005): 3-25.

RHODES, T., M. SINGER, P. BOURGOIS, S. R. FRIEDMAN, and S. A. STRATHDEE. "The social structural production of HIV risk among injecting drug users." *Social Science & Medicine* 61, no. 5 (2005): 1026-1044.

RIBEIRO, GUSTAVO LINS. "Da Prefeitura ao Banco Mundial. Para uma metodologia da ação política com relação aos grandes projetos." In

Desenvolvimento e Direitos Humanos: A responsabilidade do antropólogo, edited by Antonio A. Arantes, Guillermo R. Ruben and Guita G. Debert, 103-107. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

———. "Planet Bank: Ethnic Diversity in the World Bank. Planeta Banco: Diversidad Étnica en el Banco Mundial." In *Estudios Latinoamericanos sobre Cultura y Transformaciones Sociales en Tiempos de Globalización*, edited by Daniel Mato. Buenos Aires: CLACSO-UNESCO, 2001.

RIBEIRO, JUCÉLIA SANTOS BISPO. ""Brincar de osadia": sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares." *Cadernos de Saúde Pública* 19, no. Sup 2 (2003): S345-S353.

RICHARDSON, D. "The social construction of immunity: HIV risk perception and prevention among lesbians and bisexual women." *Culture, Health and Sexuality* 2, no. 1 (2000): 33-49.

RICHENS, JOHN, JOHN IMRIE, and HELEN WEISS. "Human Immunodeficiency Virus Risk: Is It Possible to Dissuade People from Having Unsafe Sex?" *Journal of the Royal Statistical Society. Series A (Statistics in Society)* 166, no. 2 (2003): 207-215.

RICHEY, LISA ANN. "From the Policies to the Clinics: The Reproductive Health Paradox in Post-Adjustment Health Care." *World Development* 32, no. 6 (2004): 923-940.

RICO, ELIZABETH MELO. *Avaliação de Políticas Sociais: Uma Questão em Debate*. São Paulo: Cortez / Instituto de Estudos Especiais (IEE), 1998.

RIECKEN, HENRY W. "The Federal Government and Social Science Policy." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 394, no. 1 (1971): 100-113.

RITTER, T. TODD "Commercial Sex Workers and Truck Drivers: Background for a Core Transmitter Intervention." 33. Kampala, Uganda: DISH II Project, 2000.

RIZVI, N. R. "Silent Fears. Abstract no. D12365 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailândia 2004.

ROBBINS, JOEL. ""When Do You Think the World Will End?": Globalization, Apocalypticism, and the Moral Perils of Fieldwork in "Last New Guinea"." *Anthropology & Humanism* 22, no. 1 (1997): 6-30.

ROBERTO, J. GONZALEZ. "From Indigenismo to Zapatismo: Theory and Practice in Mexican Anthropology." *Human Organization* 63, no. 2 (2004): 141.

ROBERTSON, DOUGLAS, JAMES SMYTH, and IAN MCINTOSH. "Neighbourhood identity. People, time and place." Place Published: Joseph Rowntree Foundation; Stirling University, 2008.

- ROCK, MELANIE. "Death, Taxes, Public Opinion, and the Midas Touch of Mary Tyler Moore: Accounting for Promises by Politicians to Help Avert and Control Diabetes." *Medical Anthropology Quarterly* 17, no. 2 (2003): 200-232.
- RODRIGUES, ANTÔNIO LUIZ, JR., and EUCLIDES AYRES DE CASTILHO. "A epidemia de AIDS no Brasil, 1991-2000: descrição espaço-temporal." *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 37, no. 4 (2004).
- RODRÍGUEZ, CARLOS MAGIS, LUIZ FERNANDO MARQUES, and GRACIELA TOUZÉ. "HIV and injection drug use in Latin America." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): S34-S41.
- ROMERO-DAZA, NANCY. "Sexual Networking and AIDS in Sub-Saharan Africa: Behavioral Research and the Social Context . I. O. Orubuloye U. C. Caldwell P. Caldwell G. Santow." *American Anthropologist* 97, no. 3 (1995): 628-629.
- ROOT, ROBIN. "'Mixing" as an Ethnoetiology of HIV/AIDS in Malaysia's Multinational Factories." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 3 (2006): 321-344.
- ROOTMAN, I. *Evaluation in Health Promotion: Principles and Perspectives*. Vol. No. 92, WHO Regional Publications, European Series. Geneva: WHO Regional Office Europe, 2001.
- ROSA, IVANI. "Trilhando caminhos e perseguindo sonhos: Histórias e memórias de caminhoneiros." Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- ROSALDO, RENATO. "Cultural Citizenship and Educational Democracy." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 402-411.
- ROSA-RIBEIRO, FERNANDO. "Racism, Mimesis and Anthropology in Brazil." *Critique of Anthropology* 20, no. 3 (2000).
- ROSEN, LAURA, ORLY MANOR, DAN ENGELHARD, and DAVID ZUCKER. "In defense of the randomized controlled trial for health promotion research." *American Journal of Public Health* 96, no. 7 (2006): 1181-1186.
- ROSENBLATT, ELIHU. *Criminal injustice : confronting the prison crisis*. Boston, MA: South End Press, 1996.
- ROSENBLATT, PAUL C. "Independents Declared Michael H. Agar Independents Declared 1986 Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press." *Anthropology of Work Review* 7, no. 3 (1986): 38-39.
- ROSENTHAL, MARJORIE S. "A piece of my mind: Cultural Competency." *Journal of the American Medical Association (JAMA)* 296, no. 1 (2006): 23-24.

- ROSE-REDWOOD, REUBEN S. "Governmentality, Geography, and the Geo-Coded World." *Progress in Human Geography* 30, no. 4 (2006): 469-486.
- ROUDOMETOF, VICTOR. "Transnationalism, Cosmopolitanism and Glocalization." *Current Sociology* 53, no. 1 (2005): 113-135.
- ROUSE, ROGER. "POWER IN POPULAR CULTURE: TRANSFORMATION, DISCRIMINATION AND THE POLITICS OF FLEXIBLE ACCUMULATION." In *TRANSFORMATIONS. Comparative study of social transformations. WORKING PAPER SERIES*, 16. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1992.
- ROUSE, ROGER CHRISTOPHER. "Mexican migration to the United States: family relations in the development of a transnational migrant circuit." Stanford University, 1989.
- ROYSTER, DEIRDRE A. "What Happens to Potential Discouraged? Masculinity Norms and the Contrasting Institutional and Labor Market Experiences of Less Affluent Black and White Men." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 609 (2007): 153-180.
- ROZEMBERG, BRANI. "O saber local e os dilemas relacionados à validação e aplicabilidade do conhecimento científico em áreas rurais." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. Suplemento 1 (2007): S97-S105.
- RUA, MARIA DAS GRAÇAS, and MIRIAM ABRAMOVAY. "Avaliação das Ações de Prevenção às DST/Aids e Uso Indevido de Drogas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio em Capitais Brasileiras." Brasília: UNESCO / Brasil Telecom / Fundação Kellogg / Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.
- RUGER, JENNIFER PRAH. "The Changing Role of the World Bank in Global Health." *American Journal of Public Health* 95, no. 1 (2005): 60-70.
- RUGGIE, JOHN GERARD. "Reconstituting the Global Public Domain - Issues, Actors, and Practices." *European Journal of International Relations* 10, no. 4 (2004): 499-531.
- RUSSELL, STEVEN. "Illuminating cases: understanding the economic burden of illness through case study household research." *Health Policy and Planning Advance Access* (2005): 1-13.
- RUTHERFORD, BLAIR. "Civil (Dis) Obedience and Social Development in the New Policy Agenda: Research Priorities for Analysing the Role of Civil Society Organizations in Social Policy Reform, with particular attention to Sub-Saharan Africa and Latin America." In *Working Series Paper*. Ottawa, ON, Canada: The International Development Research Center (IDRC), 1997.
- RUXRUNGTHAM, KIAT, TIM BROWN, and PRAPHAN PHANUPHAK. "HIV/AIDS in Asia." *Lancet* 364 (2004): 69-82.

- RUZANY, MARIA HELENA, CARLA LOURENÇO TAVARES ANDRADE, MARIA ANGELA PIRES ESTEVES, MARIA DE FÁTIMA PINA, and CÉLIA LANDMAN SZWARCOWALD. "Avaliação das condições de atendimento do Programa de Saúde do Adolescente no Município do Rio de Janeiro." *Cadernos de Saúde Pública* 18 (2002): 639-649.
- RYLKO-BAUER, BARBARA, and PAUL FARMER. "Managed Care or Managed Inequality? A Call for Critiques of Market-Based Medicine." *Medical Anthropology Quarterly* 16, no. 4 (2002): 476-502.
- SABAPATHY, V. "Sustaining project "PATH" for the long distance truck drivers . Abstract no. MoPeF3873." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- SAFREN, S., A. K. SRI KRISHNAN, E. HENDRIKSEN, S. JOHNSON, S. RAMINANI, N. KUMARASAMY, J. HOBSEN, S. SOLOMON, and K. MAYER. "Sexual behaviors of individuals with HIV living in South India: a qualitative study." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SAHLINS, MARSHALL. "O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I)." *Mana* 3 (1997): 41-73.
- . "O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II)." *Mana* 3 (1997): 103-150.
- . "The Stranger King, or Elementary Forms of the Political Life. Workshop paper: Brazil." 1-36, 2006.
- . "Two or Three Things that I Know about Culture." *The Journal of the Royal Anthropological Institute* 5, no. 3 (1999): 399-421.
- . "What is Anthropological Enlightenment? Some Lessons of the Twentieth Century." *Annual Review of Anthropology* 28 (1999): i-xxiii.
- SAID, EDWARD W. *Culture and Imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.
- . "Reflexions on Exile." In *Out There: Marginalization and Contemporary Culture*, edited by Russel Ferguson, 357-366. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- . *Representations of the Intellectual*. London: Vintage, 1994.
- . "Representing the Colonized: Anthropology's Interlocutors." *Critical Inquiry* 15, no. 2 (1989): 205-225.
- . "Traveling Theory." In *The World, the Text, and the Critic*, edited by Edward W. Said, 226-247. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

- SAID, EDWARD W. . "Traveling Theory Reconsidered " In *Reflections on Exile and Other Essays*, edited by Edward W. Said, 436-452. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.
- SAIDUR, R. "Behavior change communication among high-risk groups in Khulna, Bangladesh. Abstract no. WePeE6723 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- SAITO, M. I. "Sex education in school: preventing unwanted pregnancy in adolescents." *International journal of gynaecology and obstetrics: the official organ of the International Federation of Gynaecology and Obstetrics* 63 (1998): S157-S160.
- SAKER, LANCE, KELLEY LEE, BARBARA CANNITO, ANNA GILMORE, and DIARMID CAMPBELL-LENDRUM. "Globalization and infectious diseases: a review of the linkages." In *Special Topics in Social, Economic and Behavioural (SEB) Research report series; No. 3*, edited by Johannes Sommerfeld, 67. Geneva: World Health Organization, 2004.
- SALOMON, JOSHUA A., DANIEL R. HOGAN, JOHN STOVER, KAREN A. STANECKI, NEFF WALKER, PETER D. GHYS, and BERNHARD SCHWARTLÄNDER. "Integrating HIV prevention and treatment: from slogans to impact." *PLoS medicine* 2, no. 1 (2005): e16.
- SALOMON, MARTA. "Após veto, governo quer novo critério para as ONGs." *Folha de São Paulo Online*, domingo, 7 de janeiro de 2007 2007.
- SAMICO, ISABELLA, ZULMIRA MARIA DE ARAÚJO HARTZ, ERONILDO FELISBERTO, and EDUARDO FREESE DE CARVALHO. "Atenção à saúde da criança: uma análise do grau de implantação e da satisfação de profissionais e usuários em dois municípios do estado de Pernambuco, Brasil." *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* 5 (2005): 229-240.
- SANDELOWSKI, MARGARETE. "Focus on Qualitative Methods - Sample size in qualitative research." *Research in Nursing & Health* 18 (1995): 179-183.
- . "Focus on Research Methods - Combining Qualitative and Quantitative Sampling, Data Collection, and Analysis Techniques in Mixed-Method Studies." *Research in Nursing & Health* 23 (2000): 246-255.
- SANJEK, ROGER. "Going Public: Responsibilities and Strategies in the Aftermath of Ethnography." *63* 4 (2004): 444-456.
- SANKAR, ADREA, and MARK LUBORSKY. "Developing a community-based definition of needs for persons living with chro..." *Human Organization* 62, no. 2 (2003): 153-165.
- SANTISO, CARLOS. "Another lost decade? The future of reform in Latin America." *Public Administration and Development* 23, no. 4 (2003): 297-305.

- SANTOS, ELIZABETH MOREIRA DOS. "PLANO NACIONAL DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO." 27. Brasília, DF: PROGRAMA NACIONAL DE DST E AIDS; ASSESSORIA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO, 2005.
- SANTOS, INÁ S., ROBERTO CARLOS BARONI, IVANETE MINOTTO, and ANA GUERDA KLUMB. "Critérios de escolha de postos de saúde para acompanhamento pré-natal em Pelotas, RS." *Revista de Saúde Pública* 34 (2000): 603-609.
- SANTOS, LUCIANO ELOI. "AIDS na Estrada, Carga Pesada. O "Olhar" dos Caminhoneiros Frente à DST/AIDS." Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- SANTOS, R. V., and M. C. MAIO. "Antropologia, raça e os dilemas das identidades na era da genômica." *Hist. cienc. saude-Manguinhos* 12, no. 2 (2005).
- SARGENT, CAROLYN FISHEL. "Reproductive Strategies and Islamic Discourse: Malian Migrants Negotiate Everyday Life in Paris, France." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 1 (2006): 31-49.
- SARGENT, CAROLYN FISHEL, and CAROLINE BRETTELL. *Gender and health : an international perspective*. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall, 1996.
- SARGENT, CAROLYN FISHEL, and THOMAS M. JOHNSON. *Handbook of medical anthropology : contemporary theory and method*. Rev. ed. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1996.
- . *Medical anthropology : contemporary theory and method*. Rev. ed. Westport, Conn.: Praeger, 1996.
- SASI GROUP, UNIVERSITY OF SHEFFIELD, and MARK NEWMAN, UNIVERSITY OF MICHIGAN. "HIV Prevalence." 2006.
- . "Total Population." 2006.
- SATRIANO, C. "Pobreza, Políticas Públicas y Políticas Sociales."
- SAVAGE, JAN. "Ethnographic Evidence: The value of applied ethnography in healthcare." *Journal of Research in Nursing (JRN)* 11, no. 5 (2006): 383-393.
- . "Ethnography and health care." *BMJ* 321 (2000): 1400-1402.
- SAVITZ, DAVID A., CHARLES POOLE, and WILLIAM C. MILLER. "Reassessing the role of epidemiology in public health." *American Journal of Industrial Medicine* 89, no. 8 (1999): 1158-1161.

- SAWADOGO, N., and K. ABDOUL. "HIV/AIDS and STD's prevention on the trunk roads in Burkina-Faso. Abstract no. D12903 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- SCARON, and ALENKA VAB. "CONSUMING WESTERN IMAGE OF WELL-BEING - SHOPPING TOURISM IN SOCIALIST SLOVENIA." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 63 - 79.
- SCHALL, VIRGÍNIA T., SIMONE MONTEIRO, SANDRA M. REBELLO, and MAYSA TORRES. "Evaluation of the ZIG-ZAIDS game: an entertaining educational tool for HIV/Aids prevention." *Cadernos de Saúde Pública* 15 (1999): S107-S119.
- SCHAVELZON, SALVADOR. "Política na gestão e gestão sem política. Uma etnografia sobre pensamento estatal, forma e conflito na implementação de uma política de moradia na cidade de Buenos Aires." Universidade Federal do Rio de Janeiro 2006.
- SCHERBINSKAYA, A. M., Y. KRUGLOV, L. ANDRUSHCHAK, O. N. BALAKIREVA, and V. A. MARCINOVSKAYA. "Implementation of the 2nd generation of surveillance on HIV/AIDS in Ukraine. Abstract no. MoPeC3614 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- SCHILLER, NINA GLICK. "Transnationality." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 448-467. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- . "What's Wrong with This Picture? The Hegemonic Construction of Culture in AIDS Research in the United States." *Medical Anthropology Quarterly* 6, no. 3 (1992): 237-254.
- . "What's Wrong with This Picture? The Hegemonic Construction of Culture in AIDS Research in the United States." *Medical Anthropology Quarterly* 6, no. 3 (1992): 237-254.
- SCHILLER, NINA GLICK, STEPHEN CRYSTAL, and DENVER LEWELLEN. "Risky business: The cultural construction of AIDS risk groups." *Social Science & Medicine* 38, no. 10 (1994): 1337-1346.
- SCHLECKER, MARKUS, and ERIC HIRSCH. "Incomplete knowledge: ethnography and the crisis of context in studies of media, science and technology." *History of the Human Sciences* 14, no. 1 (2001): 69-87.
- SCHNEIDER, H., L. GILSON, J. OGDEN, L. LUSH, and G. WALT. "Health systems and the implementation of disease programmes: Case studies from South Africa." *Global Public Health* 1, no. 1 (2006): 49-64.
- SCHNEIDER, JENS. "DISCURSOS SIMBÓLICOS E SÍMBOLOS DISCURSIVOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ETNOGRAFIA DA IDENTIDADE NACIONAL." *MANA* 10, no. 1 (2004): 97-129.

- SCHNEIDER, JOSEPH. "Reflexive/Diffractive Ethnography." *Cultural Studies <=> Critical Methodologies* 2, no. 4 (2002): 460-482.
- SCHNEIDER, JANE, and PETER SCHNEIDER. "Civil Society Versus Organized Crime: Local and Global Perspectives." *Critique of Anthropology* 21, no. 4 (2001): 427-446.
- SCHNEIDER, MARY J. GRINSTEAD. "Independents Declared: The Dilemmas of Independent Trucking . Michael H. Agar." *American Anthropologist* 89, no. 3 (1987): 735-736.
- SCHNEIDER, REBECCA. "Nomadmedia: On Critical Art Ensemble." *TDR* (1988-) 44, no. 4 (2000): 120-131.
- SCHOEPP, BROOKE GRUNDFEST. "AIDS." In *A Companion to the Anthropology of Politics*, edited by David Nugent and Joan Vincent, 37-54. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2007.
- SCHOUWSTRA, MARIJE, and MICHAEL ELLMAN. "A New Explanatory Model For Policy Analysis And Evaluation." In *Timbergen Institute Discussion Paper*, 35. Amsterdam, The Netherlands: Universiteit van Amsterdam; Tinbergen Institute, 2006.
- SCHRAIBER, LILIA BLIMA, ANA FLÁVIA P. L. D'OLIVEIRA, MÁRCIA THEREZA COUTO, HELOISA HANADA, LIGIA B. KISS, JULIA G. DURAND, MARIA INÊS PUCCIA, and MARTA CAMPAGNONI ANDRADE. "Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo." *Revista de Saúde Pública* 41 (2007): 359-367.
- SCHRAIBER, LILIA BLIMA, ANA FLÁVIA P. L. D'OLIVEIRA, IVAN FRANÇA-JUNIOR, SIMONE DINIZ, ANA PAULA PORTELLA, ANA BERNARDA LUDERMIR, OTÁVIO VALENÇA, and MÁRCIA THEREZA COUTO. "Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil." *Revista de Saúde Pública* 41 (2007): 797-807.
- SCHRAIBER, LILIA BLIMA, ANA FLÁVIA P. L. D'OLIVEIRA, IVAN FRANÇA-JUNIOR, and ADRIANA A. PINHO. "Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde." *Revista de Saúde Pública* 36 (2002): 470-477.
- SCHUELTER-TREVISOL, FABIANA, and MARCOS VINICIUS DA SILVA. "HIV frequency among female sex workers in Imbituba, Santa Catarina, Brazil " *Brazilian Journal of Infectious Diseases* 9, no. 6 (2005): 500-505.
- SCHULLER, MARK. "Seeing Like a "Failed" NGO: Globalization's Impacts on State and Civil Society in Haiti." *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* 30, no. 1 (2007): 67-89.
- . "Sex, Lies and International Aid: A Tale of Two Scandals." *Anthropology News* 48, no. 6 (2007): 44-44.

———. "Sex, Lies and International Aid: A Tale of Two Scandals." *Anthropology News* 48, no. 6 (2007): 44-44.

SCHWARTLÄDER, BERNHARD, ROEL COUTINHO, and LUIZ LOURES. "The HIV/AIDS epidemic in the Latin America and Caribbean Region." *AIDS* 16, no. Supplement 3 (2002): 1-2.

SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS. "APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO (GTMA/RS)." Secretaria Estadual de Saúde, Departamento de Ações em Saúde, Seção de Controle de DST HIV e AIDS, <http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=1254>.

———. "Concorrência de Projetos Comunitários de OSC-2001. Projetos de Concorrência Descentralizada. Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2001.

———. "Edital de Seleção de Projetos Comunitários, de ONG e de Outras Entidades da Sociedade Civil que Trabalham na Prevenção e Assistência às DST/HIV/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2000.

———. "Edital: Seleção de Projetos Comunitários, de ONG e de Outras Entidades da Sociedade Civil que Trabalham na Prevenção e Assistência às DST/HIV/AIDS no Estado do Rio Grande do Sul." Porto Alegre, RS: Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), Departamento de Ações em Saúde (DAS), 2001.

SEÇÃO DE CONTROLE DE DST HIV E AIDS RS, and REGINA LOUREIRO. "AVALIAÇÃO DA EPIDEMIA DE AIDS NO RIO GRANDE DO SUL – até dezembro de 2005 –." 2006.

———. "DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – Casos atendidos nos serviços de referência e de dispensação de medicação –

NOTIFICADOS À SEÇÃO DE CONTROLE DE DST/AIDS DA SES/RS." 2006.

———. "Tabelas da AIDS." 2006.

SEELEY, J. A., and E. H. ALLISON. "HIV/AIDS in fishing communities: Challenges to delivering antiretroviral therapy to vulnerable groups." *AIDS Care - Psychological and Socio-Medical Aspects of AIDS/HIV* 17, no. 6 (2005): 688-697.

SEFFNER, FERNANDO. "O conceito de vulnerabilidade: uma ferramenta útil em seu consultório." (1998).

SEGURADO, ALUISIO COTRIM, SHIRLEI DUARTE MIRANDA, and MARIA-DO-ROSARIO DIAS OLIVEIRA LATORRE. "Evaluation of the Care of

- Women Living with HIV/AIDS in Sao Paulo, Brazil." AIDS PATIENT CARE and STDs 17, no. 2 (2003): 85-93.
- SEIDMAN, GAY W. "'Strategic' Challenges to Gender Inequality the South African Gender Commission." Ethnography 2, no. 2 (2001): 219-241.
- SEMEKONAWO, I. Y., A. K. MENSAH, T. KARSA, Y. SEMEKONAWO, A. LOSSOU, S. ALEDJI, and A. SABRE. "Targeted interventions towards girls porters at grand marché de Lomé. Abstract no. D12907 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- SEN, S. "High risk behaviours affects their innocent families . Abstract no. F12115 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- SENA, MARCELO FONSECA MONTEIRO DE. "AS CONDIÇÕES E CAUSAS DOS ACIDENTES DE TRABALHO DOS CAMINHONEIROS." Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- SENSUS PESQUISA E CONSULTORIA. "Relatório: O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E AS ASPIRAÇÕES DOS CAMINHONEIROS NO PAÍS." 17. Belo Horizonte, MG: Confederação Nacional de Transporte (CNT); SEST/SENAT, 1999.
- SERRUYA, SUZANNE JACOB, JOSÉ GUILHERME CECATTI, and TANIA DI GIACOMO DO LAGO. "O Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento do Ministério da Saúde no Brasil: resultados iniciais." Cadernos de Saúde Pública 20 (2004): 1281-1289.
- SESSIONS, GLENN. "Avaliação em HIV/AIDS: Uma Perspectiva Internacional." In Coleção ABIA, Fundamentos de Avaliação. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2000.
- SETALA, S. A. K., and A. I. OLOTU. "Sexual behavior and knowledge of HIV/AIDS among commercial drivers in Dar es salaam Tanzania . Abstract no. C10795 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- SETEL, PHILIP. "AIDS as a paradox of manhood and development in Kilimanjaro, Tanzania." Social Science & Medicine 43, no. 8 (1996): 1169-1178.
- SHARMA, N., T. SELLERS, N. BANDYOPADHYAY, O. OBYERODHYAMBO, L. SHAM-RAJ, and S. MURTHY. "Key populations perform Magnet Theatre for HIV risk reduction in the Indian AIDS initiative (Avahan). Abstract no. CDC0899 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SHARMA, V., and K. RICHTER. "How evidence based decision making led to increased HIV/AIDS preventive behavior: the Operation Lighthouse experience. Abstract no. CDC0928 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

- SHEDLIN, MICHELE G., ERNEST DRUCKER, CARLOS U. DECENA, SUSIE HOFFMAN, GAURI BHATTACHARYA, SHARLENE BECKFORD, and RICARDO BARRERAS. "Immigration and HIV/AIDS in the New York Metropolitan Area." *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine* 83, no. 1 (2006): 43-58.
- SHEFER, TAMARA, ANNA STREBEL, T. WILSON, N. SHABALALA, L. SIMBAYI, K. RATELE, C. POTGIETER, and M. ANDIPATIN. "The Social Construction of Sexually Transmitted Infections (STIs) in South African Communities." *Qual Health Res* 12, no. 10 (2002): 1373-1390.
- SHEIKH, KABIR, JOHN PORTER, KARINA KIELMANN, and SHEELA RANGAN. "Public-private partnerships for equity of access to care for tuberculosis and HIV/AIDS: lessons from Pune, India." *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene* 100 (2006): 312-320.
- SHEM, C. A., and S. R. COLLENS. "Baseline socio-cultural research for preventive HIV/AIDS health education programming in the Somali-speaking Horn of Africa. Abstract no. MoPeD3933 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- SHERMAN, LAWRENCE W., and HEATHER STRANG. "Experimental Ethnography: The Marriage of Qualitative and Quantitative Research." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 595 (2004): 204-222.
- SHIH, M., C. BONAM, D. SANCHEZ, and C. PECK. "The Social Construction of Race: Biracial Identity and Vulnerability to Stereotypes." *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology* 13, no. 2 (2007): 125-133.
- SHORE, CRIS. "Whither European Citizenship? Eros and Civilization Revisited." *European Journal of Social Theory* 7, no. 1 (2004): 27-44.
- SHTARKSHALL, R., and V. SOSKOLNE. *Migrant Populations and HIV, UNAIDS Best Practice – Key Material: UNESCO; UNAIDS, 2000.*
- SHTARKSHALL, RONNY A., and VARDA SOSKOLNE. "Migrant Populations and HIV/AIDS. The development and implementation of programmes: theory, methodology and practice." In *UNAIDS Best Practice Key Material, 74.* Geneva: UNESCO; UNAIDS, 2000.
- SIGONA, NANDO. "How Can a `Nomad' be a `Refugee'? Kosovo Roma and Labelling Policy in Italy." *Sociology* 37, no. 1 (2003): 69-79.
- SILENZIO, VINCENT M. B. "Anthropological assessment for culturally appropriate interventions targeting men who have sex with men." *American Journal of Public Health* 93, no. 6 (2003): 867-871.
- SILVA, CRISTIANE GONÇALVES MEIRELES DA. "O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados." *Revista de Saúde Pública* 36, no. Suplemento 4 (2002): 40-49.

- SILVA, OVANDIR ALVES, JULIA M. D. GREVE, MAURÍCIO YONAMINE, and VILMA LEYTON. "Drug Use by Truck Drivers in Brazil." *Drugs: Education, Prevention & Policy* 10, no. 2 (2003): 135-139.
- SIMONELLI, JEANNE. "Agua Fría." *Anthropology & Humanism* 28, no. 2 (2003): 188-203.
- SIMPSON, ANTHONY. "Learning Sex and Gender in Zambia: Masculinities and HIV/AIDS Risk." *Sexualities* 10, no. 2 (2007): 173-188.
- SIMTE, T., N. A. SODHI, and S. GROVER. "Holistic care and support with ART treatment and managemnt: the New Delhi experience. Abstract no. CDB0983." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SINGER, MERRILL. "Critical Medical Anthropology." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.
- . *The face of social suffering : the life history of a street drug addict*. Long Grove, Ill.: Waveland Press, 2006.
- . *The political economy of AIDS, Critical approaches in the health social sciences series*. Amityville, N.Y.: Baywood Pub., 1998.
- . *Something dangerous : emergent and changing illicit drug use and community health*. Long Grove, Ill.: Waveland Press, 2006.
- . "Tobacco Use in Medical Anthropological Perspective." In *Encyclopedia of Medical Anthropology - Health and Illness in the World's Cultures*. Volume I: Topics. Volume II: Cultures, edited by Carol R. Ember, Melvin Ember and Human Relations Area Files at Yale University. New York: Kluwer Academic / Plenum Publishers, 2004.
- SINGER, MERILL. "What is the "Drug User Community"?: Implications for Public Health." *Human Organization* 65, no. 1 (2006): 72-80.
- SINGER, MERRILL, and HANS A. BAER. *Critical medical anthropology, Critical approaches in the health social sciences series*. Amityville, N.Y.: Baywood Pub. Co., 1995.
- SINGER, MERRILL, and SCOTT CLAIR. "Syndemics and Public Health: Reconceptualizing Disease in Bio-Social Context." *Medical Anthropology Quarterly* 17, no. 4 (2003): 423-441.
- SINGER, MERRILL, ELSA HUERTAS, and GLENN SCOTT. "Am I My Brother's Keeper?: A case study of the responsibilities of research." *Human Organization* 59, no. 4 (2000): 389-400.

- SINGER, MERRILL, GREG MIRHEJ, CLAUDIA SANTELICES, ERICA HASTINGS, JUHEM NAVARRO, and JIM VIVIAN. "Tomorrow is Already Here, Or Is It? Steps in Preventing a Local Methamphetamine Outbreak." *Human Organization* 65, no. 2 (2006): 203-217.
- SINGER, MERRILL, TOM STOPKA, SUSAN SHAW, CLAUDIA SANTELICES, DAVID BUCHANAN, WEI TENG, KAVEH KHOOSHNOOD, and ROBERT HEIMER. "Lessons from the Field: From Research to Application in the Fight Against AIDS among Injection Drug Users in Three New England Cities." *Human Organization* 64, no. 2 (2005): 179-191.
- SINGH, G.B., D.S. DHALIWAL, A.S. SEKHON, K. KAUR, S. SINGH, and P. KAUR. "Seroprevalence of HIV among truck drivers." *Indian Journal of Community Medicine* 24, no. 4 (1999): 153-157.
- SINGH, J., and R. SAINI. "Advocacy meeting with transport company owners as a tool for better STD/HIV prevention services. Poster Exhibition: Abstract no. TuPeG5569." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.
- . "Perceptual barriers to condom use amongst truckers in northern India. Abstract no. MoPeD3968 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- SINGH, JEROME AMIR, MICHELLE GOVENDER, and EDWARD J. MILLS. "Do human rights matter to health?" *Lancet* 370 (2007): 521-527.
- SINGH, K., R. R. SINGH, W. H. ALDERFER, J. YOURKAVITCH, and K. ROMANO. "Healthy highways: reducing HIV/AIDS risk for truck drivers. Poster Exhibition: Abstract no. TuPeF5451." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.
- SINGH, Y. N., and A. N. MALAVIYA. "Long distance truck drivers in India: HIV infection and their possible role in disseminating HIV into rural areas." *International Journal of STD and AIDS* 5, no. 2 (1994): 137-138.
- SIPAN, C. L., M. F. HOVELL, E. J. BLUMBERG, S. L. HINRICHSEN, and C. R. DUBEUX. "Regional training in AIDS prevention for health and behavioural science leaders in North-Eastern Brazil." *AIDS Care* 8, no. 1 (1996): 71 - 84.
- SIPHAN, L., S. SOUNDARA, K. SOUPHAKDY, and V. VANIDA. "Cool down the hot spot: project for control of AIDS and STD at the Lao-Thai border area, Champasak province, Lao PDR." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SIVAN, A. "The role of State Level Peer Educators Association in bringing out behaviour change among truckers of the project, Prevention Along The Highway in Tamil Nadu, India. Abstract no. TuPeF5346 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

- SIVARAM, SUDHA, SETHULAKSHMI JOHNSON, MARGARET E. BENTLEY, A. K. SRIKRISHNAN, CARL A. LATKIN, VIVIAN F. GO, SUNITI SOLOMON, and DAVID D. CELENTANO. "Exploring "Wine Shops" as a Venue for HIV Prevention Interventions in Urban India." *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine* 84, no. 4 (2007): 563-576.
- SMALLMAN-RAYNOR, M. R., and A. D. CLIFF. "Civil War and the Spread of AIDS in Central Africa." *Epidemiology and Infection* 107, no. 1 (1991): 69-80.
- SMITH, ANTHONY M. A. "Public health futures: Inclusion, evolution or revolution?" *Australian and New Zealand Journal of Public Health* 20, no. 6 (1996): 664.
- SMITH, DENNIS, NORBERT ELIAS, and MICHEL FOUCAULT. "'The Civilizing Process" and "The History of Sexuality": Comparing Norbert Elias and Michael Foucault." *Theory and Society* 28, no. 1 (1999): 79-100.
- SMITH, MALINDA. *Beyond the 'African tragedy' : discourses on development and the global economy*. Aldershot, England ; Burlington, VT: Ashgate Pub., 2006.
- SMITH, MOHGA KAMAL. "Gender, Poverty, and Intergenerational Vulnerability to HIV/AIDS." *Gender and Development* 10, no. 3 (2002): 63-70.
- SMITH-NONINI, SANDY. "Health 'Anti-Reform' In El Salvador: Community Health NGOs And The State In The Neoliberal Era." *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* 21, no. 1 (1998): 99-113.
- SOARES, DIEGO. "O "Sonho de Rose": políticas de saúde pública em assentamentos rurais." *Saúde e Sociedade* 15, no. 3 (2006): 57-73.
- SOCIAL & SCIENTIFIC SYSTEMS INC. UNDER THE SYNERGY PROJECT. "Country Profile. HIV/AIDS. Guinea." 4. Washington, DC: U.S. Agency for International Development (USAID), Bureau for Global Health, 2002.
- . "Health Profile: West Africa. HIV/AIDS." 9. Accra, Ghana: U.S. Agency for International Development (USAID); USAID West African Regional Program, 2005.
- SODHI, S., D. TU, C. KIK, and C. K. MAMBUYI. "Decreasing HIV transmission through effective STD control in Bukavu, Democratic Republic of Congo – Program implementation in the context of chronic war and a failing healthcare system. Abstract no. MoPeF3954 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.
- SOLOMON, ANDREW J., JOHN T. DOUCETTE, ELIZABETH GARLAND, and THOMAS MCGINN. "Healthcare and the long haul: Long distance truck drivers - a medically underserved population." *American Journal of Industrial Medicine* 46, no. 5 (2004): 463-471.

- SONI, M. R. "Lack of information about VCTC and rights or legal issues concerning HIV/AIDS patients are factors of the increasing number of HIV/AIDS cases in India. Abstract no. C11070 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- SÖNMEZ, SEVIL. "TRUCKERS AND COMMUNITY HEALTH PROJECT: The National Institutes of Health Funds Emory University's Medical School to Study the Sexual Health of Long-Haul Truckers " Mobility and Population Health Office, Department of Family and Preventive Medicine, Emory University School of Medicine, http://www.fpm.emory.edu/prev_med/Truckers/research.htm.
- SÖNMEZ, SEVIL, and YORGHOS APOSTOLOPOULOS. "THE GEOGRAPHY OF DISEASE RISK IN AMERICAN INNER-CITY TRUCKSTOPS." In THE 5TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON URBAN HEALTH (ICUH). AMSTERDAM, THE NETHERLANDS: International Society on Urban Health (ISUH), 2006.
- SONMEZ, S., Y. APOSTOLOPOULOS, J. KRONENFELD, and S. YANG. "Risk networks of truckers and STIs in North America: drawing parallels with sub-Saharan and Indian cases " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.
- . "Risk networks of truckers and STIs in North America: drawing parallels with sub-Saharan and Indian cases. Abstract no. CDD0137." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- SORENSEN, WILLIAM, PETER B. ANDERSON, RICHARD SPEAKER, SAUL MENACHO, and JOSE ENRIQUE VILCHES. "Heterosexual STI/HIV Risk Assessment Among Bolivian Truck Drivers Using Mixed Methodology." *International Electronic Journal of Health Education* 10 (2007): 9-18.
- SORENSEN, W., P. B. ANDERSON, R. SPEAKER, and J. E. VILCHES. "Assessment of condom use among Bolivian truck drivers through the lens of social cognitive theory." *Health Promotion International* 22, no. 1 (2007): 37.
- SORENSEN, W. C. "USING MIXED METHODOLOGY TO ASSESS HIGH RISK SEXUAL BEHAVIOR AND ADULT STAGE AMONG BOLIVIAN TRUCK DRIVERS." Tulane University, 2003.
- SORJ, BERNARDO. "Sociedades Civis e Relações Norte-Sul: ONGs e Dependência." 62. Rio de Janeiro: centro edelstein de pesquisas sociais, 2005.
- SOSKOLNE, VARDA, and RONNY A. SHTARKSHALL. "Migration and HIV prevention programmes: linking structural factors, culture, and individual behaviour--an Israeli experience." *Social Science & Medicine* 55, no. 8 (2002): 1297-1307.

- SOUVANNAVONG, P. N. "Engaging infrastructure developers in the prevention of HIV. Abstract no. CDE0431 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SOUZA, CELINA. "'ESTADO DO CAMPO" DA PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL " Revista Brasileira de Ciências Sociais 18, no. 51 (2003): 15-20.
- SOUZA, C. "Políticas públicas: uma revisão da literatura."
- SOUZA, DILENO DUSTAN LUCAS DE. "Organizações Não Governamentais: Um estudo de caso da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE)." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- SOUZA, JOSÉ CARLOS. "Sleep, habits, quality of life and accidents in truck drivers of Brazil and Portugal." *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 62 (2004): 1113-1114.
- . "SLEEP, HABITS, QUALITY OF LIFE AND ACCIDENTS IN TRUCK DRIVERS OF BRAZIL AND PORTUGAL. (ABSTRACT)*. POST DOCTORAL THESIS. LISBON, PORTUGAL, 2004. ." *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 62, no. 4 (2004): 1113-1118.
- SOUZA, J. C., T. PAIVA, and R. REIMÃO. "Sleep habits, sleepiness and accidents among truck drivers." *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* 63 (2005): 925-930.
- SOUZA, JOSÉ CARLOS ROSA PIRES DE. "SONO, HÁBITOS, QUALIDADE DE VIDA E ACIDENTES EM CAMIONISTAS DO BRASIL E DE PORTUGAL." Universidade de Lisboa, 2004.
- SOWELL, THOMAS. *Is reality optional? : and other essays*, Hoover Institution Press publication ; Stanford, Calif.: Hoover Institution Press, 1993.
- SPELMAN, ELIZABETH V. *Fruits of sorrow : framing our attention to suffering*. Boston, Mass.: Beacon Press, 1997.
- SPENCER, C. P., H. K. HEGGENHOUGEN, and V. NAVARATNAM. "Traditional therapies and the treatment of drug dependence in Southeast Asia." *Am J Chin Med* 8, no. 3 (1980): 230-238.
- SPENCER, LIZ, JANE RITCHIE, JANE LEWIS, and LUCY DILLON. "Quality in Qualitative Evaluation: A framework for assessing research evidence. A Quality Framework." edited by Cabinet Office Government Chief Social Researcher's Office, 20: Cabinet Office, 2003.
- SPIEGEL, PAUL, ANDREA MILLER, and MARIAN SCHILPEROORD. "Strategies to support the HIV-related needs of refugees and host populations." In *UNAIDS Best Practice Collection*, 42. Geneva: UNAIDS ; UNHCR, 2005.

- SPINELLI, MARIA ANGÉLICA DOS SANTOS, and ANA MARIA CANESQUI. "Descentralização do Programa de Alimentação Escolar em Cuiabá: 1993-1996." *Revista de Nutrição* 17 (2004): 151-165.
- SPINK, PETER. "Avaliação Democrática: Propostas práticas." In *Coleção ABIA, Fundamentos de Avaliação*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), 2001.
- SREY, M., A. DODDS, and V. LY. "The STAR Project: comprehensive HIV/AIDS responses along Cambodia's Highways. Abstract no. D11613 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- SRIVASTAVA, T. N. S. "Experience of S.T.D., H.I.V./ AIDS Intervention amongst mobile population consisting of truckers, helpers & others " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- STACK, CAROL B. "Beyond What Are Given as Givens: Ethnography and Critical Policy Studies." *Ethos* 25, no. 2 (1997): 191-207.
- START, DANIEL, and INGIE HOVLAND. "Tools for Policy Impact: A Handbook for Researchers." In *Research and Policy in Development Programme*, 83. London: Overseas Development Institute, 2004.
- STEAKLEY, J. D., MICHEL FOUCAULT, and SPIEGEL. "Spiegel Interview with Michel Foucault on "Paris-Berlin"." *New German Critique* 16 (1979): 155-156.
- STEBBINS, KENYON R. "CLEARING THE AIR: CHALLENGES TO INTRODUCING SMOKING RESTRICTIONS IN WEST VIRGINIA." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1393-1401.
- STEEL, JENNIFER, CLAES HERLITZ, JESSE MATTHEWS, WENDY SNYDER, KATHRYN MAZZAFERRO, ANDY BAUM, and TÖRES THEORELL. "Pre-migration Trauma and HIV-risk Behavior." *Transcultural Psychiatry* 40, no. 1 (2003): 91-108.
- STEPHEN, LYNN. "Cultural citizenship and labor rights for Oregon farmworkers: The case of Pineros y Campesinos Unidos del Noroeste (PCUN)." *Human Organization* 62, no. 1 (2003): 27-38.
- STERNBERG, PETER, and JOHN HUBLEY. "Evaluating men's involvement as a strategy in sexual and reproductive health promotion." *Health Promot. Int.* 19, no. 3 (2004): 389-396.
- STIRRAT, R. L., and HEIKO HENKEL. "The Development Gift: The Problem of Reciprocity in the NGO World." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 554, no. 1 (1997): 66-80.
- STOLLER, PAUL. "Crossroads: Tracing African paths on New York City streets." *Ethnography* 3, no. 1 (2002): 35-62.

- STONINGTON, SCOTT, and PINIT RATANAKUL. "Is There a Global Bioethics? End-of-Life in Thailand and the Case for Local Difference." *PLoS Med* 3, no. 10 (2006): e439 1679-1682.
- STRATFORD, D., T. V. ELLERBROCK, J. K. AKINS, and H. L. HALL. "Highway cowboys, old hands, and Christian truckers: risk behavior for human immunodeficiency virus infection among long-haul truckers in Florida." *Social Science & Medicine* 50, no. 5 (2000): 737-749.
- STRATFORD, DALE, TEDD V. ELLERBROCK, and SANDRA CHAMBLEE. "Social organization of sexual-economic networks and the persistence of HIV in rural area in the USA." *Culture, Health & Sexuality* 9, no. 2 (2007): 121-135.
- STRATHERN, MARYLIN. "A community of critics? Thoughts on new knowledge." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 12 (2006): 191-209.
- . "Missing men." *American Ethnologist* 32, no. 1 (2005): 28-29.
- STRATHERN, MARYLIN, M. R. CRICK, RICHARD FARDON, ELVIN HATCH, I. C. JARVIE, RIX PINXTEN, PAUL RABINOW, ELIZABETH TONKIN, STEPHEN A. TYLER, and GEORGE E. MARCUS. "Out of Context: The Persuasive Fictions of Anthropology [and Comments and Reply]." *Current Anthropology* 28, no. 3 (1987): 251-281.
- STUBBS, PAUL. "Globalisation, membory and welfare regimes in transition: towards an anthropology of transnational policy transfers." *International Journal of Social Welfare* 11 (2002): 321-330.
- . "International Non-State Actors and Social Development Policy." *Global Social Policy* 3, no. 3 (2003): 319-348.
- STULL, DONALD D., and FELIX MOOS. "A BRIEF OVERVIEW OF THE ROLE OF ANTHROPOLOGY IN PUBLIC POLICY." *Policy Studies Review* 1, no. 1 (1981): 19-27.
- SUBRAMANIAM, MANGALA. "Gender & HIV/AIDS in India: Implications for Future Research." *Conference Papers - American Sociological Association*.
- SUBRAMANIYAN, V. "Myths and Misconception among Truck Drivers A challenge for HIV/AIDS Prevention . Abstract no. TuPeE5341 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Tailandia 2004.
- SUGAR, J. A., A. KLEINMAN, and K. HEGGENHOUGEN. "Development's 'downside': social and psychological pathology in countries undergoing social change." *Health Transit Rev* 1, no. 2 (1991): 211-220.

- SUNDBERG, JUANITA. "Conservation encounters: transculturation in the 'contact zones' of empire." *Cultural Geographies* 13, no. 2 (2006): 239-265.
- SUNDONG, SAMUEL NATONAAH. "Vulnerability, Poverty and HIV/AIDS in Bawku East Municipality of Northern Ghana." Norwegian University of Science and Technology, Faculty of Social Sciences and Technology Management, 2005.
- SUNMOLA, A. M. "Sexual practices, barriers to condom use and its consistent use among long distance truck drivers in Nigeria." *AIDS Care* 17, no. 2 (2005): 208-221.
- SUNMOLA, ADEGBENGA M., DADA ADEBAYO, MAKINDE OLAPEGBA, and ADEREMI ALARAPE. "The experience of condom use and other sexual risk practices among male brewery employees who recently migrated in Nigeria." *Health Education Journal* 65, no. 3 (2006): 288-301.
- SUSSER, I. S., and R. B. LEE. "Flirting with disaster: will "cash, cars, and cell-phones" overpower the Ju/"hoansi resistance to HIV/AIDS? Abstract no. WePeD6327 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- SWAMY, G. A. "JPSDP's Female Out-Reach-Workers Implementing Truckers Intervention Project (TIP) in the Male Dominating Area " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- SWARNKAR, B. K., R. SHAH, and D. AGNEEHOTRI. "Strengthening prevention of STI/HIV/AIDS among truckers in Indore, India. Abstract no. CDC1733 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- SWEAT, M. , and J. A. DENISON. "Reducing HIV incidence in developing countries with structural and environmental interventions." *AIDS* 9, no. Suppl. A (1995): S251-S257.
- SZWARCWALD, CELIA L., FRANCISCO I. BASTOS, NEIDE GRAVATO, REGINA LACERDA, PEDRO N. CHEQUER, and EUCLIDES A. DE CASTILHO. "The relationship of illicit drug use to HIV-infection among commercial sex workers in the city of Santos, Sao Paulo, Brazil." *International Journal of Drug Policy* 9, no. 6 (1998): 427-436.
- SZWARCWALD, CÉLIA LANDMANN, MARCELO FELGA DE CARVALHO, ARISTIDES BARBOSA, JÚNIOR, DRAURIO BARREIRA, FRANCISCO ALMEIDA BRAGA SPERANZA, and EUCLIDES AYRES DE CASTILHO. "Temporal trends of HIV related risk behavior among Brazilian Military Conscripts, 1997-2002." *Clinics* 60, no. 5 (2005): 367-374.
- SZWARCWALD, CÉLIA LANDMANN, and PAULO ROBERTO BORGES DE SOUZA, JR. "Estimativa de prevalência de HIV na população brasileira de 15 a 49 anos, 2004." edited by *Boletim Epidemiológico: Programa Nacional de DST e AIDS*, 2006.

- TABB, WILLIAM K. *Unequal partners : a primer on globalization*. New York: New Press : Distributed by W.W. Norton, 2002.
- TADDEI, RENZO ROMANO. "Of clouds and streams, prophets and profits: the political semiotics of climate and water in the Brazilian Northeast." Columbia University, 2005.
- TALLIS, VICCI. "GÉNERO y VIH/SIDA: Informe General." In *Canasta Básica*, edited by Emma Bell, 69: BRIDGE - Development Gender.
- TAMBASHE, B. OLEKO, ILENE S. SPEIZER, AGBESSI AMOUZOU, and A. M. RACHELLE DJANGONE. "EVALUATION OF THE PSAMAO 'ROULEZ PROTÉGÉ' MASS MEDIA CAMPAIGN IN BURKINA FASO." *AIDS Education & Prevention* 15, no. 1 (2003): 33.
- TAMBIAH, STANLEY JEYARAJA. "The process of secularization in three Ceylonese peasant communities--[microform] /--by Stanley Jeyaraj Tambiah." 1954.
- TANZANIA FORUM GROUP ON TRANSPORT, DAR ES SALAAM. "Mitigating the Impact of HIV/AIDS in Transport Sector Activities: A Synthesis of Literature." 35. Pretoria, South Africa: CSIR: Transportek, 2004.
- TAPPER, RICHARD. "Who are the Kuchi? Nomad self-identities in Afghanistan." *Journal of the Royal Anthropological Institute* 14, no. 1 (2008): 97-116.
- TARANTOLA, DANIEL. "Expanding the global response to HIV/AIDS through focused action. Reducing risk and vulnerability: definitions, rational and pathways." In *UNAIDS Best Practice Collection Key Material*, 17. Geneva: UNAIDS, 1998.
- TARIQ, A. H. "HIV/AIDS & STI's awareness among long distance truck drivers in Pakistan. Abstract no. E11499 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- TARIQ, A. H. DR. "HIV/AIDS education and prevention among high risk behavioral group (Long Route Truck Drivers). Abstract no. E12611 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- TASHAKKORI, ABBAS, and JOHN W. CRESWELL. "The New Era of Mixed Methods." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 3-7.
- TAWFIK, LINDA, and SUSAN COTTS WATKINS. "Sex in Geneva, sex in Lilongwe, and sex in Balaka." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 1090-1101.
- TAYELE, P.M., M.-J. TUSEY, L. TSHIABUAT, and F. KANE. "HIV-AIDS in a post-conflict setting. Mbankana, Democratic Republic of the Congo. Abstract no. CDC0874 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

- TAYLOR, IAN. *Nepad : towards Africa's development or another false start?* Boulder, Colo.: Lynne Rienner Publishers, 2005.
- TAYLOR, JULIE J. "Assisting or compromising intervention? The concept of 'culture' in biomedical and social research on HIV/AIDS." *Social Science & Medicine* 64 (2007): 965-975.
- TEDDLIE, CHARLES, and FEN YU. "Mixed Methods Sampling: A Typology With Examples." *Journal of Mixed Methods Research* 1, no. 1 (2007): 77-100.
- TEIXEIRA, ANA CLAUDIA. "The Action of Non-Governmental Organizations: Between the State and Civil Society." In *In Civil Society and Governance Project*. IDS. Sussex, UK: IDS, 2000.
- TEIXEIRA, ANA CLAUDIA, CARLA ALMEIDA SILVA, and EVELINA DAGNINO. "The Brazilian Report on Civil Society. ." In *In Civil Society and Governance Project*. IDS Sussex, UK: IDS, 2000.
- TEIXEIRA, ANA CLÁUDIA CHAVES. "Civil Society and Governance: Draft Country Reports." In *2nd International Conference in Cape Town*. Cape Town, South Africa: Civil Society and Governance, Institute of Development Studies, Sussex UK, 2000.
- . "Civil Society and Governance: Draft Country Reports for the 2nd International Conference in Cape Town. Civil Society and Governance." Sussex, UK: Institute of Development Studies (IDS)
- TEIXEIRA, C. C. "SÉRIE ANTROPOLOGIA."
- TEIXEIRA, PAULO ROBERTO. "Políticas públicas em AIDS." In *Políticas, instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil*, edited by Richard Parker, 43-68. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- ABIA, 1997.
- TEIXEIRA, PAULO R., MARCO ANTÔNIO VITÓRIA, and JHONEY BARCAROLO. "Antiretroviral treatment in resource-poor settings: the Brazilian experience." *AIDS* 18, no. Supplement 3 (2004): S5-S7.
- TELLES, P. R., H. LIMA, S. WESTMAN, and R. NEEDLE. "Improving interventions to vulnerable populations using RARE methodologies in six Brazilian cities. CD Only: Abstract no. E12082." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- TEP, N. V., M. D. OUK, and V. T. UNG. "Mobile populations and their vulnerability to HIV/AIDS transmission " Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- THABLATH, D., B. PARNELL, and M. TOOLE. "Multisectoral involvement in district level governance and Behaviour Change Communication for truck

drivers. Abstract no. TuPeC4864 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.

THAMMALANGSY, S., V. RASBOUTH, V. PHOSALATH, and K. GARY. "Enhancing cross border cooperation in Kayson, Savanakheth to reduce HIV vulnerability of migrants and mobile populations." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

THANH, THUY NGUYEN THI, GILLES POUWEROL, and ELIZABETH SULLIVAN. "What can data on Sexually Transmitted Infections (STI) from Western Pacific countries tell us about the HIV Epidemic in the region? Abstract no. LbPeC9037 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona 2002.

THAPPA, D. M., J. V. MANJUNATH, and K. KARTIKEYAN. "Truck drivers-at increased risk of HIV infection amongst STD clinic attendees." Indian Journal of Dermatology, Venereology and Leprology 68 (2002): 312.

THAYER, MILLIE. "Transnational Feminism: Reading Joan Scott in the Brazilian Sertao." Ethnography 2, no. 2 (2001): 243-271.

THE PLOS MEDICINE EDITORS, SCOTT STONINGTON, and SETH M. HOLMES. "Social Medicine in the Twenty-First Century." PLoS Med 3, no. 10 (2006): e445 1661-1662.

THE WORLD BANK, HUMAN DEVELOPMENT SECTOR MANAGEMENT UNIT. "Implementation Completion Report (CPL-43920) On a Loan in the Amount of US\$165.0 Million to the Federative Republic of Brazil for a Second AIDS and STD Control Project ". Brasília, DF: Brazil Country Management Unit, Latin America and the Caribbean Region Human Development 2004.

THE WORLD BANK. "Loan Agreement (Third AIDS and STD Control Project) between Federative Republic of Brazil and International Bank for Reconstruction and Development." Washington, DC: International Bank for Reconstruction and Development (IBRD), 2003.

THE WORLD BANK, SECTOR AND THEMATIC EVALUATION GROUP. "Project Performance Assessment Report. Brazil. First and Second AIDS and STD Control Projects (Loan 3659-BR and 4392-BR)." Washington, DC: Operations Evaluation Department, 2004.

THE WORLD BANK. "Relatório do Projeto Brasil-BR: Projeto de Controle de AIDS e DST III." Washington, DC, 2003.

THINH, T., T. T. HOANG, L. T. GIANG, and D. J. COLBY. "Behavioral Survey among grade 12 students in Ho Chi Minh City, Vietnam, in 2001. Abstract no. TuPeC4790." Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.

- THOMAS, FELICITY. "Global rights, local realities: Negotiating gender equality and sexual rights in the Caprivi Region, Namibia." *Culture, Health & Sexuality* 9, no. 6 (2007): 599-614.
- THOMAS, JEANNIE B. "Pickup Trucks, Horses, Women, and Foreplay: The Fluidity of Folklore." *Western Folklore* 54, no. 3 (1995): 213-228.
- THOMPSON, JOHN. "Participatory Approaches in Government Bureaucracies: Facilitating the Process of Institutional Change." *World Development* 23, no. 9 (1995): 1521-1554.
- TILLY, CHARLES. "Anthropology confronts inequality." *Anthropological Theory* 1, no. 3 (2001): 299-306.
- TOLEDO, O. T. K. OLIVA. "An effective behavior change module for mobile populations in Central America. Abstract no. TuPeF5315." Paper presented at the The XIV International AIDS Conference Barcelona 2002.
- TOMIC, PATRICIA, and RICARDO TRUMPER. "Powerful drivers and meek passengers: on the buses in Santiago." *Race and Class* 47, no. 1 (2005): 49-63.
- TOMMASINO, HUMBERTO, and GUILLERMO FOLADORI. "Globalized Virus Infections: The Case of Foot-and-Mouth Disease in Uruguay." *Latin American Perspectives* 31, no. 139 No. 6 (2004): 96-106.
- TORRES, JAIME R., and JULIO CASTRO. "The health and economic impact of dengue in Latin America." *Cadernos de Saúde Pública* 23, no. Suplemento 1 (2007): S23-S31.
- TORRY, WILLIAM I. "Culture and individual responsibility: Touchstones of the culture defense." *Human Organization* 59, no. 1 (2000): 58-71.
- TOSTES, ANDREIA COSTA. "Avaliação da Sustentabilidade de uma Organização Não-Governamental em suas Dimensões Sociopolítica, Técnico-Gerencial, Financeira e de Controle Governamental e Social." Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- TOURIGNY, SYLVIE C. "Some New Dying Trick: African American Youths "Choosing" HIV/AIDS." *Qualitative Health Research* 8, no. 2 (1998): 149-167.
- TRAD, LENY ALVES BOMFIM, ANA CECÍLIA DE SOUZA BASTOS, EDYARA DE MORAIS SANTANA, and MÔNICA OLIVEIRA NUNES. "Estudo etnográfico da satisfação do usuário do Programa de Saúde da Família (PSF) na Bahia." *Ciência & Saúde Coletiva* 7, no. 3 (2002): 581-589.
- TREITLER, INGA, and DOUGLAS MIDGETT. "It's about Water: Anthropological Perspectives on Water and Policy." *Human Organization* 66, no. 2 (2007): 140-149.

- TROSTLE, JAMES, MARIO BRONFMAN, and ANA LANGER. "How do researchers influence decision-makers? Case studies of Mexican policies." *Health Policy and Planning* 14, no. 2 (1999): 103-114.
- TROTTER, ROBERT T., II, RICHARD H. NEEDLE, ERIC GOOSBY, CHRISTOPHER BATES, and MERRILL SINGER. "A Methodological Model for Rapid Assessment, Response, and Evaluation: The RARE Program in Public Health." *Field Methods* 13, no. 2 (2001): 137-159.
- TSING, ANNA LOWENHAUPT. "From the Margins." *Cultural Anthropology* 9, no. 3 (1994): 279-297.
- TUCKER, J. D., G. E. HENDERSON, T. F. WANG, Y. Y. HUANG, W. PARISH, S. M. PAN, X. S. CHEN, and M. S. COHEN. "Surplus men, sex work, and the spread of HIV in China." *AIDS* 19, no. 6 (2005): 539-547.
- TURNER, TERRY. "Anthropology as Reality Show and as Co-production: Internal Relations between Theory and Activism." *Critique of Anthropology* 26, no. 1 (2006): 15-25.
- UBAIDULLAH, M. "Social Vaccine for HIV Prevention: A Study on Truck Drivers in South India." *Social Work in Health Care* 39, no. 3/4 (2004): 399-414.
- UNAIDS. "Brazil Country Situation Analysis." Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, http://www.unaids.org/en/Regions_Countries/Countries/brazil.asp.
- . "Population Mobility and AIDS. UNAIDS Technical Update." In *UNAIDS Best Practice Collection*, 16. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2001.
- . "PROGRAMME COORDINATING BOARD. Second ad hoc thematic meeting. New Delhi, 9-11 December 1998. Provisional agenda item 5. Migration and HIV/AIDS." 27. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 1998.
- . "UNAIDS practical guidelines for intensifying HIV prevention: Towards universal access." 66. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS [UNAIDS], 2007.
- . "UNAIDS Questions and Answers I: Facts about the AIDS epidemic and its impact." 9. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2007.
- . "UNAIDS Questions and Answers II: Selected issues: prevention, care and funding." 9. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2006.
- . "UNAIDS Questions and Answers III: UNAIDS and Initiatives." 9. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2006.

- . "UNAIDS' Terminology Guidelines." 20. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2007.
- . "UNAIDS' Terminology Guidelines." 20. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2008.
- . "Words are not neutral against HIV." UNAIDS, http://www.unaids.org/en/KnowledgeCentre/Resources/FeatureStories/archive/2007/20070103_featurestory_Words.asp.
- UNAIDS, and IOM. "Migration and AIDS." *International Migration* 36, no. 4 (1998): 445-468.
- UNAIDS, and WHO. "Burkina Faso Epidemiological Fact Sheets, 2000 update." Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS, 2000.
- UNAIDS/WHO. "AIDS epidemic update : December 2007." 60. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS) and World Health Organization (WHO), 2007.
- . "Epidemiological Fact Sheets on HIV/AIDS and Sexually Transmitted Infections, Niger. ." Geneva: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS & World Health Organization, 2002.
- . "Focus: AIDS and Mobile Populations. Report on the global HIV/AIDS epidemic." 114-119: Joint United Nations Programme on HIV / AIDS & World Health Organization, 2002.
- UNESCO. "A Cultural approach to HIV/AIDS prevention and care: HIV/AIDS stigma and discrimination: an anthropological approach." <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001307/130756e.pdf>
- . *Culture, HIV and AIDS: an annotated bibliography 2006*, 2006.
- UNGASS. "Monitoring the Declaration of Commitment on HIV/AIDS - UNGASS - Brazil, 2005." 32, 2005.
- UNICEF, and MARCO SEGONE. *Bridging the gap: The role of monitoring and evaluation in evidence-based policy making*, Evaluation Working Papers.
- UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. "The Necessity of Responding to HIV Vulnerability Resulting from Development Related Population Movement." UNDP, 2005.
- UNIVERSITY OF NAIROBI. POPULATION STUDIES AND RESEARCH INSTITUTE., and PAN AFRICAN ASSOCIATION OF ANTHROPOLOGISTS. *Population, health, and development in Africa : anthropological perspectives*. Nairobi, Kenya: Population Studies and Research Institute, University of Nairobi, 2001.
- UPLEKAR, MUKUND W. "Private Health Care." *Social Science & Medicine* 51 (2000): 897-904.

- URETSKY, E. "Mobile men with money: spreading vulnerability to HIV through contemporary cultures of male sexuality and masculinity in urban China." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- UYSINGCO, P. S., and R. P. DE LEON. "Multi-sectoral approach in HIV prevention for filipino truckers. Poster Exhibition. Abstract no. TuPeD4936 " Paper presented at the The XIV International AIDS Conference, Barcelona, Spain 2002.
- VAILLANCOURT, DENISE, and WILLIAM HURLBUT. "PROJECT PERFORMANCE ASSESSMENT REPORT - BRAZIL - FIRST AND SECOND AIDS AND STD CONTROL PROJECTS (LOANS 3659-BR AND 4392-BR)." 76. Washington, DC: The World Bank, Sector and Thematic Evaluation Group, Operations Evaluation Department, 2004.
- VAILLY, JOËLLE. "Genetic screening as a technique of government: The case of neonatal screening for cystic fibrosis in France." *Social Science & Medicine* 63 (2006): 3092-3101.
- VAITSMAN, J. "Cultura de organizações públicas de saúde—Notas sobre a construção de um objeto." *Cadernos de Saúde Pública* 16, no. 3 (2000): 847-850.
- VALWAY, S., S. JENISON, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening in long distance truck drivers, New Mexico, USA." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- VALWAY, S. , S. JENISON, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening in long distance truck drivers, New Mexico, USA. Abstract No. CDC0185." Paper presented at the XVI International AIDS Conference, Toronto 2006.
- VALWAY, S., S. JENISON, N. KELLER, J. VEGA-HERNANDEZ, and D. HUBBARD-MCCREE. "Sex workers at truck stops: HIV and sexually transmitted infection (STI) risk assessment and screening, New Mexico, USA. Abstract no. TUPE0304 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- VAN CAMPENHOUDT, L. "Operationalizing theories for further research." In *Sexual Interaction and HIV Risk. New Conceptual Perspectives in European Research*, edited by L. Van Campenhoudt, M. Cohen, G. Guizzardi and D. Hausser, 181-187. London: Taylor & Francis, 1997.
- VAN WILLIGEN, J. *Applied Anthropology: An Introduction*: Bergin & Garvey, 2002.

- VARGAS-CETINA, GABRIELA. "Anthropology and Cooperatives: From the Community Paradigm to the Ephemeral Association in Chiapas, Mexico." *Critique of Anthropology* 25, no. 3 (2005): 229-251.
- VASCONCELOS, ANA LUCIA RIBEIRO DE, and EDGAR MERCHÁN HAMANN. "Por que o Brasil ainda registra elevados coeficientes de transmissão vertical do HIV? Uma avaliação da qualidade da assistência prestada a gestantes / parturientes infectadas pelo HIV e seus recém-nascidos." *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* 5 (2005): 483-492.
- VAUGHAN, DIANE. "On the relevance of ethnography for the production of public sociology and policy." *The British Journal of Sociology* 56, no. 3 (2005): 411-416.
- VELTHUIS, OLAV. "Inside a world of spin: Four days at the World Trade Organization." *Ethnography* 7, no. 1 (2006): 125-150.
- VENTURA, MIRIAM. *Direitos Reprodutivos no Brasil*. São Paulo, SP: M. Ventura ; Fundação MacArthur, 2002.
- VERMELHO, LETÍCIA LEGAY, and MARIA HELENA P. DE MELLO JORGE. "Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência)." *Revista de Saúde Pública* 30 (1996): 319-331.
- VICHITTAVONG, K., B. PARNELL, and M. TOOLE. "Community Resilience to HIV and its impacts along National Road 8 in Lao PDR. Abstract no. MoPeE4275 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.
- VÍCTORA, CERES, and DANIELA RIVA KNAUTH. "Trajetórias e vulnerabilidade masculina." *Revista Antropológica* 6 (1999): 23-28.
- VÍCTORA, CERES, DANIELA RIVA KNAUTH, and MARIA DE NAZARETH AGRA HASSEN. *Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- VICTORA, C.G., L. HUICHO, J.J. AMARAL, J. ARMSTRONG-SHELLENBERG, F. MANZI, E. MASON, and R. SCHERPBIER. "Are health interventions implemented where they are most needed? District uptake of the Integrated Management of Childhood Illness strategy in Brazil, Peru and the United Republic of Tanzania." *Bulletin of the World Health Organization* 84, no. 10 (2006): 792-801.
- VIGOYA, MARA VIVEROS. "Políticas de sexualidad juvenil y diferencias étnico-raciales en Colombia: reflexiones a partir de un estudio de caso." *Revista Estudos Feministas* 14, no. 1 (2006): 149-168.
- VIJ, T., V. SINGH, A. BHALLA, P. CHANDRASEKARAN, and G. DALLABETTA. "A network approach to HIV prevention programming with long distance truckers (LDTs) in India: experience of transport

corporation of India foundation (TCIF) " Paper presented at the XVI International AIDS Conference 2006.

———. "A network approach to HIV prevention programming with long distance truckers (LDTs) in India: experience of transport corporation of India foundation (TCIF). Abstract no. THPE0498 " Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.

VILLARINHO, L., I. BEZERRA, and R. LACERDA. "Caminhoneiros de rota curta e sua vulnerabilidade ao HIV, Santos, SP." *Rev. Saúde Pública* 36, no. Suplemento 4 (2002): S61-S67.

VILLELA, WILZA, and JOSÉ CARLOS VELOSO. "Monitoring and evaluating actions implemented to confront AIDS in Brazil: civil society's participation." *Revista de Saúde Pública* 40, no. Suplemento (2006): 83-93.

VILLELA, WILZA VIEIRA. "Das interfaces entre os níveis governamentais e a sociedade civil." In *Saúde, Desenvolvimento e Política: Respostas frente à AIDS no Brasil*, edited by Richard Parker, J. Galvao and Marcelo S. Bessa, 177-224. Rio de Janeiro

São Paulo: ABIA

Editora 34, 1999.

VINCKE, JOHN, and RALPH BOLTON. "Beyond the sexual monad: Combining complementary cognitions to explain and predict unsafe sex among gay men." *Human Organization* 56, no. 1 (1997): 38.

VINCKE, JOHN, RALPH BOLTON, and M. MILLER. "Younger versus older gay men: risks, pleasures and dangers of anal sex." *AIDS Care* 9, no. 2 (1997): 217-226.

VIRNO, PAOLO. *GRAMÁTICA DE LA MULTITUD: Para un Análisis de las Formas de Vida Contemporáneas*. Translated by Eduardo Sadier. Buenos Aires, 2002.

———. *A Grammar of the Multitude: For an Analysis of Contemporary Forms of Life* Translated by Isabella Bertolotti, James Cascaito and Andrea Casson, SEMIOTEXT(E) FOREIGN AGENTS SERIES. Cambridge, MA: The MIT Press, 2004.

VISSERS, DEBBY C. J., COLEMAN KISHAMAWE, MARK URASSA, RAPHAEL ISINGO, GABRIEL MWALUKO, HÉLÈNE VOETEN, BASIA ZABA, DIK HABBEMA, and SAKE VLAS. "Mobility and HIV risk in Tanzanian couples: "When the cat's away, the mice will play"." 4. Rotterdam, The Netherlands: Dept. of Public Health, Erasmus University Medical Center, 2005.

VIVEIROS-DE-CASTRO, EDUARDO. "O campo na selva, visto da praia." *Estudos Históricos* 5, no. 10 (1992): 170-190.

- VYAS, B. "Knowledge, attitude, belief, and practice regarding HIV/AIDS among truck drivers coming from various states to Jamnagar." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- WACQUANT, LOÏC. "Following Pierre Bourdieu into the field." *Ethnography* 5, no. 4 (2004): 387-414.
- WALBY, KEVIN. "On the Social Relations of Research: A Critical Assessment of Institutional Ethnography." *Qualitative Inquiry* 13, no. 7 (2007): 1008-1030.
- WALDEN, VIVIEN MARGARET, KONDWANI MWANGULUBE, and PAUL MAKHUMULA-NKHOMA. "Measuring the impact of a behaviour change intervention for commercial sex workers and their potential clients in Malawi." *Health Educ. Res.* 14, no. 4 (1999): 545-554.
- WALT, GILL, ENRICO PAVIGNANI, LUCY GILSON, and KENT BUSE. "Health sector development: from aid coordination to resource management." *Health Policy and Planning* 14, no. 3 (1999): 207-218.
- . "Managing external resources in the health sector: are there lessons for SWAps?" *Health Policy and Planning* 14, no. 3 (1999): 273-284.
- WALT, G., M. PERERA, and K. HEGGENHOUGEN. "Are large-scale volunteer community health worker programmes feasible? The case of Sri Lanka." *Soc Sci Med* 29, no. 5 (1989): 599-608.
- WANG, BO, XIAOMING LI, BONITA STANTON, XIAOYI FANG, DANHUA LIN, and RONG MAO. "HIV-Related Risk Behaviors and History of Sexually Transmitted Diseases Among Male Migrants Who Patronize Commercial Sex in China." *Sexually Transmitted Diseases* 34, no. 1 (2007): 1-8.
- WANJOHI, K., G. EMUKULE, M. AMOLLO, J. AKUNO, A. WARURU, and E. MARUM. "Increasing access to VCT in rural areas through mobile services." Paper presented at the AIDS 2006 - XVI International AIDS Conference, Toronto, Canada 2006.
- WARIN, PHILIPPE. "The role of nonprofit associations in combating social exclusion in France." *Public Administration and Development* 22, no. 1 (2002): 73-82.
- WATERSTON, ALISSE. "ANTHROPOLOGICAL RESEARCH AND THE POLITICS OF HIV PREVENTION: TOWARDS A CRITIQUE OF POLICY AND PRIORITIES IN THE AGE OF AIDS." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1381-1391.
- WATTS, MICHAEL. "Development Ethnographies." *Ethnography* 2, no. 2 (2001): 283-300.
- WAX, MURRAY, and FELIX MOOS. "Commentary - Anthropology: Vital or Irrelevant." *Human Organization* 63, no. 2 (2004): 246-247.

- WAYLAND, CORAL. "Gendering Local Knowledge: Medicinal Plant Use and Primary Health Care in the Amazon." *Medical Anthropology Quarterly* 15, no. 2 (2001): 171-188.
- WEBER, FLORENCE. "Settings, Interactions and Things: A Plea for Multi-Integrative Ethnography." *Ethnography* 2, no. 4 (2001): 475-499.
- WEBER, LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ, ANA PAULA VIEZZER, and OLIVIA JUSTEN BRANDENBURG. "O uso de palmadas e surras como prática educativa." *Estudos de Psicologia (Natal)* 9 (2004): 227-237.
- WEDEL, JANINE R., and GREGORY FELDMAN. "Why an anthropology of public policy?" *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 1-2.
- WEDEL, JANINE R., CRIS SHORE, GREGORY FELDMAN, and STACY LATHROP. "Toward an Anthropology of Public Policy." *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* 600 (2005).
- WEGELIN-SCHURINGA, MADELEEN, and GEORGES TIENDREBÉOGO. *Técnicas e Práticas para dar Respostas Localmente Apropriadas ao HIV/AIDS. Parte 1: Técnicas*. Translated by Maria Lucia G. Borba. Amsterdam, Holanda: Instituto Real Tropical (KIT) / Departamento de Desenvolvimento e Prática; Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), 2004.
- WERBNER, PNINA. "Islamophobia: Incitement to religious hatred - legislating for a new fear?" *Anthropology Today* 21, no. 1 (2005): 5-9.
- WERMUTH, LAURIE ANN. *Global inequality and human needs : health and illness in an increasingly unequal world*. Boston, MA: Allyn and Bacon, 2003.
- WESSELY, ANNA. "TRAVELLING PEOPLE, TRAVELLING OBJECTS." *Cultural Studies* 16, no. 1 (2002): 3 - 15.
- WESTERHAUS, MICHAEL, and ARACHU CASTRO. "How Do Intellectual Property Law and International Trade Agreements Affect Access to Antiretroviral Therapy?" *PLoS Med* 3, no. 8 (2006): e332 1230-1236.
- WESTMAN, S., W. BRADY, D. GANDOLFI, P. TELLES, and H. LIMA. "The role of NGO's in the national AIDS control program's applied research and evaluation agenda. Abstract no. E10983." Paper presented at the The XV International AIDS Conference Bangkok, Tailandia 2004.
- WHAITES, ALAN. "Let's get civil society straight: NGOs, the state, and political theory." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand, 124-141. London: Oxfam UK, 2000.
- WHITE, SARAH C. "Depoliticising development: the uses and abuses of participation." In *Development, NGOs, and Civil Society*, edited by Deborah Eadeand. London: Oxfam UK, 2000.

- WHITEFORD, LINDA. "Clouds in the crystal ball: imagining the future while reimagining the past - a president's reflections." *Human Organization* 63, no. 4 (2004): 400-410.
- . "Local identity, globalization and health in Cuba and the Dominican Republic." In *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 57-78. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.
- WHITEFORD, LINDA, (ED.), and LENORE MANDERSON, (ED.). *Global Health Policy, Local Realities: The Fallacy of the Level Playing Field*. Edited by Timothy J. Finan, *Directions in Applied Anthropology: Adaptations and Innovations*. Boulder, CO.: Lynne Rienner Publishers, 2000.
- WHITEFORD, LINDA M., and JUDI VITUCCI. "PREGNANCY AND ADDICTION: TRANSLATING RESEARCH INTO PRACTICE." *Social Science & Medicine* 44, no. 9 (1997): 1371-1380.
- WHITEFORD, LINDA M., and SCOTT WHITEFORD. *Globalization, water, & health : resource management in times of scarcity*. 1st ed, School of American Research advanced seminar series. Santa Fe
Oxford: School of American Research Press ;
James Currey, 2005.
- WHITESIDE, A. "How the transport sector drives HIV/AIDS—and how HIV/AIDS drives transport." *AIDS Analysis Africa* 8, no. 2 (1998).
- WHITESIDE, ALAN. "Poverty and HIV/AIDS in Africa." *Third World Quarterly* 23, no. 2 (2002): 313-332.
- WHITTAKER, ANDREA, and CATHY BANWELL. "Positioning policy: The epistemology of social capital and its application in applied rural research in Australia." *Human Organization* 61, no. 3 (2002): 252-261.
- WILES, PAUL. "Policy and Sociology." *The British Journal of Sociology* 55, no. 1 (2004): 31-34.
- WILLIAMS, BRIAN G., and ELEANOR GOUWS. "The Epidemiology of Human Immunodeficiency Virus in South Africa." *Philosophical Transactions: Biological Sciences* 356, no. 1411 (2001): 1077-1086.
- WILLIAMS, COLIN C. "De-linking Enterprise Culture from Capitalism and its Public Policy Implications." *Public Policy and Administration* 22, no. 4 (2007): 461-474.
- WILLIAMS, DYLAN C. "World Health: A lethal dose of US politics. An ATol Investigation." *Asia Times Online* 2006.
- WILLIAMSON, ANN. "Predictors of Psychostimulant Use by Long-Distance Truck Drivers." *Am. J. Epidemiol.* 166, no. 11 (2007): 1320-1326.

- WILNER, DOROTHY. "For Whom the Bell Tolls: Anthropologists Advising on Public Policy." *American Anthropologist*, New Series 82, no. 1 (1980): 79-94.
- WILSON, RUTH P. "The role of anthropologists as short-term consultants." *Human Organization* 57, no. 2 (1998): 245-252.
- WINCH, PETER J., JENNIFER A. WAGMAN, REBECCA A. MALOUIN, and GARRETT L. MEHL. *QUALITATIVE RESEARCH FOR IMPROVED HEALTH PROGRAMS: A Guide to Manuals for Qualitative and Participatory Research on Child Health, Nutrition, and Reproductive Health*: John Hopkins University, School of Hygiene and Public Health, Department of International Health, 2000.
- WISHART, D., A. TAYLOR, and L. SHULTZ. "The construction and production of youth 'at risk'." *Journal of Education Policy* 21, no. 3 (2006): 291-304.
- WITT, REGINA RIGATTO, MARIA APARECIDA GIRARDI, HELENA MALERBA, and KAREN PATRÍCIA MACEDO FENGLER. "The CIPESC-Brazil Project: characterization of nursing in Porto Alegre." *Revista Gaúcha de Enfermagem* 23, no. 1 (2002): 103-113.
- WOLFFERS, IVAN, IRENE FERNANDEZ, SHARUNA VERGHIS, and MARTIJN VINK. "Sexual behaviour and vulnerability of migrant workers for HIV infection." *Culture, Health & Sexuality* 4, no. 4 (2002): 459 - 473.
- WOLFORD, WENDY. "The Difference Ethnography Can Make: Understanding Social Mobilization and Development in the Brazilian Northeast." *Qual Sociol* 29 (2006): 335-352.
- WONG, GRACE Y., and RICARDO GODOY. "Consumption and Vulnerability Among Foragers and Horticulturalists in the Rainforest of Honduras." *World Development* 31, no. 8 (2003): 1405-1419.
- WONG, WILLIAM C. W., SIUMI MARIA TAM, and PHIL W. S. LEUNG. "Cross-Border Truck Drivers in Hong Kong: Their Psychological Health, Sexual Dysfunctions and Sexual Risk Behaviors." *Journal of Travel Medicine* 14, no. 1 (2007): 20-30.
- WOOD, WILLIAM B. "AIDS North and South: diffusion patterns of a global epidemic and a research agenda for geographers." *Professional Geographer* 40, no. 3 (1988): 266-279.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) , REGIONAL OFFICE FOR SOUTH EAST ASIA. *Regional Strategy for the Prevention and Control of Sexually Transmitted Infections 2007–2015 - Breaking the chain of transmission*. New Delhi, India: World Health Organization (WHO), 2007.
- WORTHMAN, CAROL M., and BRANDON KOHRT. "Receding horizons of health: biocultural approaches to public health paradoxes." *Social Science & Medicine* 61 (2005): 861-878.

- WRIGHT, KAI. "AIDS in Blackface: 25 years of an epidemic." 1-80. Los Angeles, CA: Black AIDS Institute, 2006.
- WU, Z. Y., M. J. ROTHERAM, R. DETELS, G. J. LIANG, J. H. GUAN, L. LI, Y. S. YAN, and NIMH COLLABORATIVE HIV PREVENTION TRIAL GROUP. "Selecting populations at risk for STD/HIV intervention. Abstract no. C10188 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- WYNN, L. L. , and JAMES TRUSSELL. "The Social Life of Emergency Contraception in the United States: Disciplining Pharmaceutical Use, Disciplining Sexuality, and Constructing Zygotic Bodies." *Medical Anthropology Quarterly* 20, no. 3 (2006): 297-320.
- XAVIER, K. "Maintaining Low Prevalence Status- Kerala Experience. Abstract no. E11914 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok 2004.
- XAVIER, ROGÉRIO PEREIRA. "Corpos Disponíveis: Análise Foucaultiana do Discurso do Sanitarismo, da Genética e da Eugenia." Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006.
- YANG, X., V. DERLEGA, and H. LUO. "Temporary migrants and HIV risks in China." Paper presented at the The XV International AIDS Conference 2004.
- YEBOAH, IAN E. A. "HIV/AIDS and the construction of Sub-Saharan Africa: Heuristic lessons from the social sciences for policy." *Social Science & Medicine* 64, no. 5 (2007): 1128-1150.
- YONAMINE, MAURÍCIO. "A saliva como espécime biológico para monitorar o uso de álcool, anfetamina, metanfetamina, cocaína e maconha por motoristas profissionais." Universidade de São Paulo, 2004.
- YOUNG, APRIL M. W. "Disparities in health among men: toward a global perspective." *The Journal of Men's Health & Gender* 4, no. 3 (2007): 222-225.
- YOUNG, REBECCA M., and ILAN H. MEYER. "The Trouble With "MSM" and "WSW": Erasure of the Sexual-Minority Person in Public Health Discourse." *American Journal of Public Health* 95, no. 7 (2005): 1144-1149.
- ZALUAR, ALBA, and MARIA CRISTINA LEAL. "Violência extra e intramuros." *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 16 (2001): 145-164.
- ZAMBERLIN, NINA. "Las organizaciones de la sociedad civil en el campo de la salud sexual y reproductiva. Estudio de caso: el Centro de Promoción del Joven." *Cuadernos de CLASPO- Argentina* 10 (2006): 1-35.
- ZAROWSKY, CHRISTINA. "Poverty, Pity, and the Erasure of Power: Somali Refugee Dependency." In *Global Health Policy, Local Realities: The*

Fallacy of the Level Playing Field, edited by Linda Whiteford and Lenore Manderson, 177-204. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2000.

ZAVELLA, PATRICIA, and XÓCHITL CASTAÑEDA. "SEXUALITY AND RISKS: GENDERED DISCOURSES ABOUT VIRGINITY AND DISEASE AMONG YOUNG WOMEN OF MEXICAN ORIGIN." *Latino Studies* 3 (2005): 226-245.

ZEKENG, L., M. FEZEU, L. TSAGUE, B. BASSIROU, A. ATEBA, A. NJOM NLEND, A. DILLOW, and E. GNAORE. "Use of highly indebted poor countries initiative (HIPC) funding for Cameroon's HIV/AIDS program. Abstract no. TuPeE5322 " Paper presented at the The XV International AIDS Conference, Bangkok, Thailand 2004.

ZEWDIE, DEBREWOK, and SILVIA HOLSCHNEIDER. "Expanding our prevention options: the role of the international community in providing an enabling environment for microbicides." *AIDS* 15, no. Supplement 1 (2001): S5-S6.

ZHANG, HEATHER XIAOQUAN, and CATHERINE LOCKE. "Interpreting reproductive rights: institutional responses to the agenda in the 1990s." *Public Administration and Development* 24, no. 1 (2004): 41-50.

ZHOURI, ANDREA. "Global-Local Amazon Politics: Conflicting Paradigms in the Rainforest Campaign." *Theory Culture Society* 21, no. 2 (2004): 69-89.

ZILBERMAN, MONICA L., and SHEILA B. BLUME. "Domestic violence, alcohol and substance abuse." *Revista Brasileira de Psiquiatria* 27 (2005): s51-s55.

ZIMMERER, KARL. "Commentary: Social Science Intellectuals, Sustainable Development and the Political Economies of Bolivia." *Journal of Latin American Anthropology* 5, no. 2 (2000): 179-189.